This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

R 45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

TERCEIRO ANNO

TOMO DECIMO

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSSA DO OUVIDOR, 31

1897

325041

MARTINS PENNA

SUMMARIO. — I. Vida e obras de Penna. — II. Comedias publicadas e seu espirito. — III. Penna e a sociedade brazileira. — IV. Vista geral sobre o pessimismo nacional. — V. Penna e a familia brazileira. — Conclusão.

I

Uma das banalidades mais impertinentes da critica brazileira, infelizmente em grande parte exacta, é a da não existencia entre nós duma verdadeira literatura dramatica. Não é isso, porém, de admirar, si nos lembramos de que tal é o facto igualmente entre povos illustres, ricamente dotados em outros ramos das creações espirituaes, e desherdados por aquella face. Si exceptuarmos a Grecia antiga, e a Hespanha, a França, e Inglaterra modernas, nenhum outro povo póde-se gabar de possuir um theatro original, a não ser a India e a China, cuja vida intellectual, porém, tem andado sempre fóra do circulo em que se ha movido o pensamento das gentes do occidente. Não é só isto; não possuimos creações scenicas, que possam aspirar as honras de constituir um grupo distincto entre os do genero; mas essa é a verdade tambem noutras espheras do espirito. Temos nós, podemos dizer, que possuimos uma literatura philosophica, uma literatura historica, uma literatura scientifica? E si bem aprofundarmos as coisas, havemos de convir que não somos melhor aquinhoados em musica e pintura, não falando já em architectura e estatuaria, que nos fallecem quasi de todo, e, porque não dizer a verdade inteira? nosso romance

um anno de idade e de mãi aos dez, o avô e depois um tio maternos, que foram seus tutores, o destinaram á vida commercial, e, neste intuito, feitas as primeiras letras, o matricularam, em março de 1832, na aula do commercio, cujo curso completou em fins de 1835. Frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Bellas Artes, onde tomou conhecimentos geraes de architectura, pintura e estatuaria. Simultaneamente estudava a musica, que chegou a cultivar com talento, tendo boa voz de tenor. Desembaraçado da aula de commercio e do curso da Academia de Bellas Artes, livre da tutella do tio, não pensou mais em abraçar a carreira mercantil, que lhe era antipathica, e atirou-se ao estudo da literatura e das linguas ingleza, franceza e italiana que chegou a manejar com maestria.

Mas era pobre e não houve outro remedio sinão abraçar a carreira dos empregos publicos, *refugium dolorosum* dos homens de letras no Brazil. Em setembro de 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, cargo que desempenhou até abril de 1843, data em que foi removido para lugar identico na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, onde se conservou até outubro de 1847, quando seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe á legação brazileira em Londres. Neste ultimo posto conservou-se até fins de 1848.

Sentindo-se, então, gravemente enfermo de tuberculose pulmonar, partiu para Lisboa com destino ao Brazil, alvo que não chegou a attingir, pois falleceu na capital portugueza aos 7 de dezembro daquelle anno.

O mallogrado dramaturgo escreveu as seguintes obras:

O Juiz de Paz da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de outubro de 1838, em beneficio da actriz Estella Sezefreda;

A Familia e a Festa da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de setembro de 1840, em beneficio da mesma actriz Estella Sezefreda;

O Judas em Sabbado de Alleluia, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares;

Os Irmãos das Almas, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 19 de novembro de 1844, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Dois ou o Inglez Machinista, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias;

O Dilettante, tragi-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha de Vechy;

Os Namorados ou A Noite de S. João, comedia em um acto, representada pela primeira vez, a 13 de março de 1845, em beneficio do actor Germano Francisco de Oliveira;

Os Tres Medicos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

O Cigano, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva;

O Noviço, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Agosto de 1845;

Witiza ou o Nero de Hespanha, drama em verso, em cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro. a 21 de setembro de 1845;

Bolyngbrock & C. ou as Casadas solteiras, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares;

O Caixeiro da Taverna, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, no mesmo dia 18 de novembro de 1845, em beneficio do referido Manoel Soares;

Quem casa quer casa, proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de dezembro de 1845, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Meirinhos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 27 de janeiro de 1846;

Os Ciumes de um pedestre, comedia em um acto, annunciada para ser representada no theatro de S. Pedro, a 29 de janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias, sendo substituida, á ultima hora, por outra comedia de differente escriptor.

As Desgraças de uma criancinha, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de maio de 1846;

não é melhor que o nosso theatro. Não possuimos obras de romancistas que, em seu genero, sejam superiores ao *Demonio familiar* e *Mãi*, de Alencar, á *Mathilde* e *Calabar*, de Agrario, á *Torre em concurso*, de Macedo, ao *Antonio José* de Magalhães, ás *Doutoras* de França Junior, ao *Noviço* e *Judas em sabbado de Alleluia*, de Penna. Quasi outro tanto se poderia affirmar da *Historia de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães, de *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, das *Coisas da moda*, de Joaquim Serra. Acontece com o nosso theatro, podemos garantir, o que se dá com todas as creações de nossa intelligencia, não escapando até a propria poesia. Quando nos interrogam de repente sobre nossos dramatistas e comediographos, em nosso quasi incuravel pessimismo, quasi incuravel por ser espontaneo e organico, respondemos immediatamente que nada possuimos. Mas, si fitarmos attentamente o céu do pensamento nacional, havemos de notar que, pouco a pouco, se irão erguendo acima do horizonte as estrellas, que nelle brilham, e acabaremos por nos convencer de que ellas não são tão pallidas e apagadiças, como levianamente haviamos de prompto affirmado. Não temos dramaturgos; é o brado geral; mas possuimos obras de scena, como as que ficaram acima citadas; não temos romancistas; mas possuimos livros, como *Guarany*, *Iracema*, *Senhora*, *Tronco do Ipé*, *Memorias de um sargento de milicias*, *Um estudo de temperamento*, *Quincas Borba*, *Lourenço*, *Praga*, *Casa de pensão*... Não temos poetas, mas possuimos hymnos como *O gigante de pedra*, *Sextilhas de Frei Antão*, *Evocações*, *Gloria Moribunda*, *O Navio negreiro*, *O beija-flor*, *Ouvir estrellas*, *As bombas*, *A matilha*, *O Chaletzinho*, *Cantico do Calvario*, *Ponte de lianas*, *Saudade Branca*... Bem claro se mostra não ser a nossa pobreza tão grande, tão lastimavel, como o nosso desdem por nós mesmos nos faz exagerar em momentos de desalento.

E, note-se bem, não vimos, nestas paginas, tomar de assalto uma posição de confiante e imponderado optimismo, que nem anda em nossos habitos, nem tem justificativa nos factos. O que pretendemos, é fugir, dessas affirmações banaes dum pessimismo falso ou de um optimismo barato. Queremos ficar no terreno seguro da critica, que não é o lobrego e escorregadio do scepticismo, nem o empedrado e safaro do dogmatismo infantil. A verdade é que o Brazil, na região pura e desinteressada, do sentir e do pensar, na

sciencia e na arte, si não é um ricaço, como a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Italia, não é mais um mendigo trapilho, como uma horda de africanos, ou uma tribu de pelles-vermelhas. Não estamos de cócoras, andamos já de pé e devemos ir caminho do futuro sem desfallecimentos e covardias. A terra de Bonifacio de Andrada, de Conceição Velloso, de Bartholomeu de Gusmão, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de José Mauricio, de Baptista Caetano, de Gonçalves Dias, de Alencar, não tem justos motivos para velar o rosto e refugir envergonhada. Na grande arena em que os povos modernos, nomeadamente os da America, houverem de brandir as armas do pensamento, ella não apparecerá de todo desapercebida para a luta.

Longe os desanimos; ha lugar tambem para o enthusiasmo, e já é tempo de ver a nossa geração, a mais pessimista que o Brazil tem possuido, que é preciso acabar com tantas pragas, com tantos esconjuros, com o tão systematico denegrir de tudo que é brazileiro, só porque é brazileiro... Não somos um desses grandes povos historicos abridores de caminho á humanidade; mas podemos e devemos ser um povo progressivo, honrado e sensato. A fé num alto e nobre destino é coisa encantadora na vida das nações. Façamos della a musa de nossa historia e avancemos.

Neste espirito, que é o de nossos trabalhos a datar da *Historia da Literatura Brazileira*, é que pretendemos dizer da obra e do genio de Luiz Carlos Martins Penna, o illustre mestre da comedia brazileira. Antes de tudo, o homem na sua biographia. A vida de Martins Penna é hoje bem conhecida, depois da minuciosa noticia que lhe consagrou o Sr. Luiz Francisco da Veiga e se acha impressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em os ns. de 25, 26 e 27 de novembro de 1877. Esta parte de nosso trabalho será apenas o resumo do interessante, cuidado e sincero escripto do autor do *Primeiro Reinado*.

Martins Penna nasceu no Rio de Janeiro aos 5 de novembro de 1815, tendo por progenitores o juiz do bairro de Santa Rita, João Martins Penna, mineiro, e D. Francisca de Paula Julieta Penna, fluminense. Foram seus avós paternos o brigadeiro portuguez Francisco Martins Penna e a mineira D. Claudia Maria de Sant'Anna, e maternos o tenente portuguez José Antonio da Costa Guimarães e a fluminense D. Maria Bernarda do Nascimento. Orphão de pai com

um anno de idade e de mãi aos dez, o avô e depois um tio maternos, que foram seus tutores, o destinaram á vida commercial, e, neste intuito, feitas as primeiras letras, o matricularam, em março de 1832, na aula do commercio, cujo curso completou em fins de 1835. Frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Bellas Artes, onde tomou conhecimentos geraes de architectura, pintura e estatuaria. Simultaneamente estudava a musica, que chegou a cultivar com talento, tendo boa voz de tenor. Desembaraçado da aula de commercio e do curso da Academia de Bellas Artes, livre da tutella do tio, não pensou mais em abraçar a carreira mercantil, que lhe era antipathica, e atirou-se ao estudo da literatura e das linguas ingleza, franceza e italiana que chegou a manejar com maestria.

Mas era pobre e não houve outro remedio sinão abraçar a carreira dos empregos publicos, *refugium dolorosum* dos homens de letras no Brazil. Em setembro de 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, cargo que desempenhou até abril de 1843, data em que foi removido para lugar identico na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, onde se conservou até outubro de 1847, quando seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe á legação brazileira em Londres. Neste ultimo posto conservou-se até fins de 1848.

Sentindo-se, então, gravemente enfermo de tuberculose pulmonar, partiu para Lisboa com destino ao Brazil, alvo que não chegou a attingir, pois falleceu na capital portugueza aos 7 de dezembro daquelle anno.

O mallogrado dramaturgo escreveu as seguintes obras:

O Juiz de Paz da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de outubro de 1838, em beneficio da actriz Estella Sezefreda;

A Familia e a Festa da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de setembro de 1840, em beneficio da mesma actriz Estella Sezefreda;

O Judas em Sabbado de Alleluia, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares;

Os Irmãos das Almas, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 19 de novembro de 1844, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Dois ou o Inglez Machinista, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias;

O Dilettante, tragi-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha de Vechy;

Os Namorados ou A Noite de S. João, comedia em um acto, representada pela primeira vez, a 13 de março de 1845, em beneficio do actor Germano Francisco de Oliveira;

Os Tres Medicos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

O Cigano, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva;

O Noviço, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Agosto de 1845;

Witiza ou o Nero de Hespanha, drama em verso, em cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro. a 21 de setembro de 1845;

Bolyngbrock & C. ou as Casadas solteiras, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares;

O Caixeiro da Taverna, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, no mesmo dia 18 de novembro de 1845, em beneficio do referido Manoel Soares;

Quem casa quer casa, proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de dezembro de 1845, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Meirinhos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 27 de janeiro de 1846;

Os Ciumes de um pedestre, comedia em um acto, annunciada para ser representada no theatro de S. Pedro, a 29 de janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias, sendo substituida, á ultima hora, por outra comedia de differente escriptor.

As Desgraças de uma criancinha, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de maio de 1846;

O Terrivel capitão do mato, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 5 de julho de 1846;

O Segredo d'Estado, drama em um acto representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 29 de julho de 1846, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

A Barriga de meu tio, comedia burlesca em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de dezembro de 1846, em beneficio do actor Manoel Soares;

D. Leonor Telles, drama em cinco actos e seis quadros;

Itaminda ou o Guerreiro de Tupan, drama indigena em tres actos;

D. João de Lyra, drama em tres actos;

Fernando ou o Santo Accusador, drama em 4 actos;

Um Sertanejo, comedia em um acto;

O Jogo de prendas, comedia em um acto;

O Usurario, comedia em tres actos;

Folhetins, no *Jornal do Commercio*, durante o anno de 1846 até março de 1847;

Semana Lyrica, no mesmo *Jornal do Commercio*, desde 3 do referido mez de março até 14 de setembro daquelle anno.

Duguay Trouin, romance historico.

A lista não é pequena; quasi tantas obras quantos annos de idade; pois o moço fluminense tinha apenas trinta e tres annos, quando desappareceu dentre os vivos.

Taes são as informações fundamentaes que se deixam apanhar na memoria biographica, lida pelo Sr. Luiz Francisco da Veiga no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em sessão de 23 de novembro de 1877, publicada na *Revista* do mesmo Instituto e no *Jornal do Commercio*, como já dissemos.

As apreciações que as datas principaes da vida do autor do *Noviço* são aptas a despertar á critica — apresental-as-emos adiante.

II

A parte principal da obra de Martins Penna é incontestavelmente a theatral; nesta ultima, sem a menor sombra de duvida, as comedias tomam a dianteira. Entretanto, apenas nove producções

do talentoso escriptor, felizmente do genero em que elle primava, existem publicadas. Tudo mais a não serem os folhetins e chronicas insertos no *Jornal do Commercio*, continúa inedito e ha fortes indicios de se haver perdido a mór porção de taes escriptos. As comedias impressas, e que apparecem agora juntas na presente edição,[1] são as seguintes, na ordem chronologica: *O Juiz de Paz na Roça, A Familia e a Festa da Roça, O Judas em Sabbado de Alleluia, Os Irmãos das Almas, Os Dous ou o Inglez Machinista, O Dillettante, O Noviço, O Caixeiro da Taverna, Quem casa quer casa.*

O caracter geral de todas estas composições scenicas é o da classica comedia de costumes, como nos foi transmittida por Menandro, Plauto e Terencio, passando por Gil Vicente e Antonio José. A alta comedia de caracter, como foi creada por Molière e continuada por Beaumarchais, Penna não chegou a cultival-a, pelo menos no que delle conhecemos.

Os que não ignoram a evolução deste genero dramatico, que os historiadores da literatura grega dividem em velha comedia, comedia média e nova comedia, representada a primeira phase por Chionidés, Magnés, Cratinos, Aristophanes e Phrynichos; a segunda por Anthiphanes, Anaxandride, Eubulo e Alexis; a terceira por Philemon, Menandro, Diphilo, Apollodoro e Posidippo, sabem que só no seu ultimo periodo é que essas creações scenicas despiram o velho estylo de satyra grosseira mesclada de lyrismo e começaram de tentar a reproducção mais ou menos realista, dos costumes sociaes. Nessa derradeira attitude é que passaram á literatura romana e mais tarde ás literaturas classicas do Renascimento, chegando assim aos modernos tempos.

Molière lhes fez dar um passo para adiante, inaugurando a representação dos caracteres fundamentaes e typicos das paixões humanas. D'ahi a sua galeria incomparavel de especimens comicos, como Harpagon, Scapin, Mascarille, Tartuffo, Sganarello e outros, só comparaveis á imponente galeria tragica de Shakespeare. As letras luso-brazileiras não se elevaram nunca a essa altura.

O grande Gil Vicente e o notavel nacional Antonio José, que viveu na metropole, e cujo merito não deve ser exagerado, não passaram

---

[1] A casa H. Garnier desta cidade vai dar uma edição das comedias de Martins Penna, á qual este estudo servirá de prefacio.

da comedia de costumes, descambando muitas vezes para a farça, pelo emprego da conhecida e pesada chalaça portugueza. Tal o espirito com que chegou ella a Martins Penna, o maior representante do genero no Brazil, e o verdadeiro creador delle entre nós; pois que Gil Vicente nunca foi conhecido de nossas gentes, não era brazileiro, nem este paiz no tempo em que floresceu o genio portuguez possuia um povo e menos ainda uma literatura, e, pelo que diz respeito ao autor das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, comquanto tivesse vivido em época em que começava a formar-se um e a lançarem-se os primeiros germens da outra, educou-se, viveu e morreu na metropole e teve de ficar na historia na posição incerta de um Gonçalves Crespo, por exemplo, que, com a maior boa vontade, hesitamos em chamar um dos nossos.

E' preciso destacar o caracter do escriptor através de sua obra e o espirito da sociedade através da obra e do homem. A primeira observação a fazer é que a habilidade do nosso comediographo está a mais nas situações em que collocava os personagens do que no entrecho da acção, que era sempre simples. Alguns exemplos.

O *Juiz de Paz da Roça* é a pintura critica das coisas judiciarias de nossas povoações do interior pelos annos de 1840, e ainda hoje é de uma veracidade irrecusavel. Manoel João, pequeno lavrador, morava na roça, proximo ao Rio de Janeiro, a Côrte, como lhe chamavam, com sua mulher Maria Rosa e sua filha Anninha. A rapariga, num dia em que o pai demorou-se demasiado no trabalho do campo, recebeu em casa o namorado José, sujeito pernostico e vadio, que, tendo herdado do pai um bananal, vendeu-o, allegando á namorada que, logo que apurasse o dinheiro, se casaria com ella; mas de facto largara-se para a Côrte, e *mettera o páu nos cobres*, segundo a giria corrente. A despeito disto, concertou com Anninha a fuga desta de casa, no dia seguinte pela manhan, para irem juntos á freguezia, onde o vigario os deveria unir em matrimonio. E' que, sendo no tempo da celebre revolução dos *Farrapos* do Rio Grande do Sul, e estando forte o recrutamento, o gajo estava com medo de ser pegado.

Effectivamente, ao sair da casa de Manoel João, foi elle recrutado. O pai de Anninha, ao chegar da roça, pediu a *janta* e estava a servir-se della, quando lhe bateram á porta. Teve apenas tempo de esconder os pratos na gaveta e lamber os dedos, pois foi logo

entrando por casa a dentro o escrivão do juiz de paz, que o vinha intimar para levar um *recruta* á cidade. O matuto relutou em ir mas ameaçado de prisão, não teve outro remedio, sinão fardar-se e seguir. A figura de Manoel João, mettido em calças de ganga azul, jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com baioneta, e um grande páu na mão, é impagavel, porém exactissima. Lembramo-nos de ter visto typos identicos pelo Brazil em fóra. A scena em que se despede da filha e da mulher é do mais completo realismo.

Chegado á casa do juiz de paz, entrega-lhe este o preso, *o recruta*, que é justamente o namorado da filha, — o José, o vadiaço do lugar. Manoel João, que ignorava o namoro e planos da rapariga, pediu ao juiz de paz para adiar a viagem para o dia seguinte, por ser já tarde, e, como lhe observasse aquelle que não tinha onde guardar o preso essa noite, respondeu que esta não fosse a duvida, que elle se encarregaria disso, e levou o José para a propria casa, trancando-o num quarto, cuja chave deixou sobre uma mesa. Anninha, á noite, abriu o quarto e fugiu com o José, indo ambos casar-se á igreja proxima. Descoberta a fuga, houve um reboliço dos diabos em casa do caipira, que só se acalmou com a chegada dos dois namorados, casados de fresco. Largaram-se, então, todos para a casa do juiz, sendo o José dispensado do recrutamento á vista de seu novo estado.

Nesta comedia as scenas mais engraçadas são as que se passam na audiencia do juiz de paz, que tem de despachar requerimentos cheios de sandices, elle bastante esperto para se fazer presentear á larga pelas partes, e bastante ridiculo para... *derogar a Constituição!*

Este typo de juiz ficou mais ou menos classico entre nós e é um dos melhores da comedia brazileira. O enredo não podia ser mais simples.

A *Familia e a Festa da Roça* é no mesmo estylo; continúa a critica dos costumes das populações ruraes, penetrando mais intimamente na vida da familia rustica.

Domingos João, agricultor algum tanto abastado, espirito positivo mas grosseiro e praguento, com o habito de dizer sempre no final de suas falas — *entende o Sr.?*, vive na fazenda com sua mulher Joanna da Conceição, e seus filhos Quiteria e Ignacinho. Este é o typo do rapaz roceiro, trabalhador, rude e atoleimado; Quiteria da herdeira matuta, cheia de certas pretenções, dengosa e exagerada nas modas

da comedia de costumes, descambando muitas vezes para a farça, pelo emprego da conhecida e pesada chalaça portugueza. Tal o espirito com que chegou ella a Martins Penna, o maior representante do genero no Brazil, e o verdadeiro creador delle entre nós; pois que Gil Vicente nunca foi conhecido de nossas gentes, não era brazileiro, nem este paiz no tempo em que floresceu o genio portuguez possuia um povo e menos ainda uma literatura, e, pelo que diz respeito ao autor das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, comquanto tivesse vivido em época em que começava a formar-se um e a lançarem-se os primeiros germens da outra, educou-se, viveu e morreu na metropole e teve de ficar na historia na posição incerta de um Gonçalves Crespo, por exemplo, que, com a maior boa vontade, hesitamos em chamar um dos nossos.

E' preciso destacar o caracter do escriptor através de sua obra e o espirito da sociedade através da obra e do homem. A primeira observação a fazer é que a habilidade do nosso comediographo está a mais nas situações em que collocava os personagens do que no entrecho da acção, que era sempre simples. Alguns exemplos.

O *Juiz de Paz da Roça* é a pintura critica das coisas judiciarias de nossas povoações do interior pelos annos de 1840, e ainda hoje é de uma veracidade irrecusavel. Manoel João, pequeno lavrador, morava na roça, proximo ao Rio de Janeiro, a Côrte, como lhe chamavam, com sua mulher Maria Rosa e sua filha Anninha. A rapariga, num dia em que o pai demorou-se demasiado no trabalho do campo, recebeu em casa o namorado José, sujeito pernostico e vadio, que, tendo herdado do pai um bananal, vendeu-o, allegando á namorada que, logo que apurasse o dinheiro, se casaria com ella; mas de facto largara-se para a Côrte, e *mettera o páu nos cobres*, segundo a giria corrente. A despeito disto, concertou com Anninha a fuga desta de casa, no dia seguinte pela manhan, para irem juntos á freguezia, onde o vigario os deveria unir em matrimonio. E' que, sendo no tempo da celebre revolução dos *Farrapos* do Rio Grande do Sul, e estando forte o recrutamento, o gajo estava com medo de ser pegado.

Effectivamente, ao sair da casa de Manoel João, foi elle recrutado. O pai de Anninha, ao chegar da roça, pediu a *janta* e estava a servir-se della, quando lhe bateram á porta. T
de esconder os pratos na gaveta e lamber os

O sapateiro José Pimenta tinha duas filhas, Chiquinha, trabalhadeira e sisuda, e Maricota, uma namoradeira de mil diabos. Emquanto uma estava á costura, a outra não largava a janella, a vêr e cumprimentar uma duzia de sujeitos que lhe faziam a côrte.

Nada lhe rendendo o officio de sapateiro, Pimenta metteu-se na guarda nacional, onde foi feito cabo de esquadra, e, de accôrdo com o capitão Ambrosio, um dos mais ousados namoradores da filha, vivia de fintas aos guardas. Succedeu que, num dia de sabbado de alleluia, Faustino, empregado publico, e tambem guarda nacional, e um dos mais assiduos namorados de Maricota, estava em casa della, a fazer-lhe seus protestos amorosos, quando bateu á porta o capitão Ambrosio. Faustino, não tendo onde esconder-se, e, não querendo encontrar-se com o capitão, que o andava a perseguir por ciumes, disfarçou-se com a roupa de um judas, que estava na sala, ali deixado pelos meninos e moleques da casa. Nesta posição e trajos, ouviu toda a conversação do capitão com Maricota e soube do plano que tinham concertado os dois, ella de fugir, depois de furtar certa quantia que o pai estava juntando, e elle de recebel-a em casa e viver com ella. Depois ouviu mais o Faustino a palestra entre o capitão e Pimenta sobre os meios a empregarem para extorquir dinheiro aos guardas nacionaes, e, finalmente, o grave conluio entre o mesmo Pimenta e Antonio Domingos, velho, negociante larapio, para passar aquelle um masso de notas falsas, que o matreiro portuguez acabava de receber do Porto. E já não era a primeira vez que Pimenta entrava em tal negociata, de que tirava certa porcentagem. E' claro que esta combinação se fazia entre os dois a sós, pois a Maricota, desde a scena anterior, tinha-se retirado, e o capitão tambem já havia saido. Este, porém, pouco depois voltava e só a muito custo lhe abriu a porta o Pimenta, que suppunha ser a policia, do que chegou a convencer-se; pois, quando o capitão bateu á porta, e o Pimenta, assustado, dizia: « *não vá ser a policia Sr. Antonio Domingos!...* » o Faustino, disfarçando a voz, no momento em que os dois espiavam pela fechadura, e perguntavam para fóra: « *quem é?* », respondeu: *Em nome da policia, abram!...* » A situação é a mais comica possivel: o capitão de fóra furioso a bater e os dois dentro aterrados. Afinal, abrem a porta e dão esfarrapadas desculpas ao Ambrosio, que fica de pulga na orelha.

Entretanto, estavam reunidos os tres, quando tocam os sinos á *Alleluia* e toda a familia de Pimenta, meninos e moleques invadem

pela ignorancia, especialmente depois que passou alguns dias na villa de S. João de Itaborahy, onde tomou os sestros da elegancia esquerda do *high-life* das pequenas povoações atrazadas. O pai quer casal-a com um tal Antonio do Pau d'Alho, só porque este tabareu, feio e desfructavel, é possuidor de um sitio com seis escravos e passa por muito trabalhador. Joanna da Conceição desapprova o enlace; mas não se atreve a oppôr-se francamente, por temor ao despotismo marital de Domingos João. Havia, porém, no lugar um capitão-mór, que tinha um filho na *Côrte* a estudar medicina, o Juca, e este, indo passar as férias, frequenta a casa de Domingos João e namora a Quiteria, que, apezar de certos desengonços atabalhoados, é moça bonita. O estudante combina com a namorada que, ao lhe falar o pai em casar com Antonio do Pau d'Alho, finja-se doente, caia de ataque, resista aos remedios e benzeduras da Angelica, curandeira do lugar, e só volte a si quando elle, futuro medico, em ultimo recurso, fôr chamado e lhe der a beber agua com assucar, deixando o resto por sua conta.

Realmente, a comedia, que tem começado por varias scenas engraçadas entre Domingos João, a mulher, o filho, a filha, o Juca, o Antonio do Pau d'Alho, chegado da Côrte, onde esteve destacado uns tempos como guarda nacional, chega ás scenas typicas do ataque da Quiteria, da intervenção de Angelica, que benze a moça de *flato, quebranto, olhado, espinhela caida*... Nada conseguindo, diz que suspeita ser o *diabo que entrou no corpo da moça*. Redobra, com tal declaração, a barulhada em casa, e mandam chamar o Juca. Este faz com facilidade voltar a si a Quiteria, e declara, porém, ser o seu mal muito grave, a ponto de correr sua vida perigo si não fôr casada com pessoa entendida em medicina. Insinùa-se com habilidade e faz-se substituir ao Antonio do Pau d'Alho. Segue-se um passeio ao arraial, onde vão assistir á festa do Espirito Santo, em que ha leilão, dança de foliões e outros quadros burlescos, proprios de taes brinquedos populares.

Mais um caso.

O *Judas em Sabbado de Alleluia* é uma das mais celebres comedias de Penna e certamente uma das melhores. E' a critica dos costumes do Rio de Janeiro, a *côrte imperial*, onde se passa a acção em 1844. Ainda aqui não se desmente nossa affirmação. A *vis comica* está mais nas situações burlescas em que se deixam pegar as figuras creadas pelo autor do que na traça complicada de actos engenhosos.

O sapateiro José Pimenta tinha duas filhas, Chiquinha, trabalhadeira e sisuda, e Maricota, uma namoradeira de mil diabos. Emquanto uma estava á costura, a outra não largava a janella, a vêr e cumprimentar uma duzia de sujeitos que lhe faziam a côrte.

Nada lhe rendendo o officio de sapateiro, Pimenta metteu-se na guarda nacional, onde foi feito cabo de esquadra, e, de accôrdo com o capitão Ambrosio, um dos mais ousados namoradores da filha, vivia de fintas aos guardas. Succedeu que, num dia de sabbado de alleluia, Faustino, empregado publico, e tambem guarda nacional, e um dos mais assiduos namorados de Maricota, estava em casa della, a fazer-lhe seus protestos amorosos, quando bateu á porta o capitão Ambrosio. Faustino, não tendo onde esconder-se, e, não querendo encontrar-se com o capitão, que o andava a perseguir por ciumes, disfarçou-se com a roupa de um judas, que estava na sala, ali deixado pelos meninos e moleques da casa. Nesta posição e trajos, ouviu toda a conversação do capitão com Maricota e soube do plano que tinham concertado os dois, ella de fugir, depois de furtar certa quantia que o pai estava juntando, e elle de recebel-a em casa e viver com ella. Depois ouviu mais o Faustino a palestra entre o capitão e Pimenta sobre os meios a empregarem para extorquir dinheiro aos guardas nacionaes, e, finalmente, o grave conluio entre o mesmo Pimenta e Antonio Domingos, velho, negociante larapio, para passar aquelle um masso de notas falsas, que o matreiro portuguez acabava de receber do Porto. E já não era a primeira vez que Pimenta entrava em tal negociata, de que tirava certa porcentagem. E' claro que esta combinação se fazia entre os dois a sós, pois a Maricota, desde a scena anterior, tinha-se retirado, e o capitão tambem já havia saido. Este, porém, pouco depois voltava e só a muito custo lhe abriu a porta o Pimenta, que suppunha ser a policia, do que chegou a convencer-se; pois, quando o capitão bateu á porta, e o Pimenta, assustado, dizia: « *não vá ser a policia Sr. Antonio Domingos!...* » o Faustino, disfarçando a voz, no momento em que os dois espiavam pela fechadura, e perguntavam para fóra: « *quem é?* », respondeu: *Em nome da policia, abram!...* » A situação é a mais comica possivel: o capitão de fóra furioso a bater e os dois dentro aterrados. Afinal ,abrem a porta e dão esfarrapadas desculpas ao Ambrosio, que fica de pulga na orelha.

Entretanto, estavam reunidos os tres, quando tocam os sinos á *Alleluia* e toda a familia de Pimenta, meninos e moleques invadem

Penna estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente. Si aceitarmos a definição de Aristoteles que — o comico é tudo que está fóra de seu tempo e de seu lugar, sinão envolve perigo, porque, si o envolve, passa então a ser tragico, — ninguem melhor do que o comediographo fluminense o comprehendeu, porque ninguem melhor do que elle arranjou em scena tantas situações desse genero. Quasi não existe pagina de suas composições onde se nos não depare alguma e ás mais das vezes de fazer rir as pedras.

Bem desempenhadas por actores de *verve* e talento, são de provocar a gargalhada de principio a fim, especialmente a espectadores brazileiros; porque a côr local, o sainete nacional predomina em todas ellas.

O escriptor photographa o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espontaneidade, essa facilidade, quasi inconsciente e organica, é o maior elogio de seu talento. Si se perdessem todas as leis, escriptos, memoria da historia brazileira dos primeiros cincoenta annos deste seculo XIX, que está a findar, e nos ficassem sómente as comedias de Penna, era possivel reconstruir por ellas a physionomia moral de toda essa época.

Nellas não existem a poesia da natureza, o vago, o sonho, as fugas para o ideial, que os proprios comicos gregos não se dedignavam de mesclar ás suas buffonerias. Nada, porém, excede ao estudo do autor do *Judas em Sabbado de Alleluia* em suas relações com a sociedade brazileira.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

III

Euzebio Lillo harmonioso poeta chileno, disse com razão das flores:

Luego tambien teneis en esta vida
El llanto y el placer, preciosas flores,
Esa esperanza que el corazón anida,
Ese fuego que aciendem los amôres.

Com effeito, ha corollas prazenteiras que parecem sorrir; outras ha que parecem banhadas em pranto. Em um calix de cinco sépalos quaes os cinco dedos da mão, descansam cinco pétalas artisticamente dispostas, quaes dois corações unidos pelos laços da amizade. Dir-se-ia que esses cinco dedos — sépalos em fórma de calix, offertam um brinde de nectar e essencias num accôrdo de côres escolhidas, aos corações que palpitam entre os enlevos de mutua affeição. Tal é a imagem da flôr que no nosso phonetico idioma tem o nome de «amor-perfeito» e na lingua expressiva de Racine se chama — *Pensée.* [1]

Não se sabe o certo onde viu a luz do dia esse formoso arabesco dos prados floridos. Quantos não iriam colhel-o, á custa de sacrificios inauditos, si soubessem exactamente onde nasceu o *amor-perfeito?* Seriam milhões de argonautas á caça de velocino tão raro no ultimo

---

Veja a *Revista* de 1 de fevereiro e 1 de março.

[1] Viola tricolor. (Violariaceas).

REVISTA

BRAZILEIRA

Occorrem-me instinctivamente á penna as memoraveis palavras que o immortal prégador fluminense, frei Francisco de Mont'Alverne, esse que

Pela escada do pulpito moderno
Subiu outr'ora festival mancebo
E Bossuet desceu... [1]

proferiu, em um arroubo de eloquencia, no exordio do panegyrico de S. Pedro de Alcantara, joia final do opulento escrinio. Eil-as: « Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pezares, não ouvindo mais os écos repetirem as estrophes dos seus cantos nas quebradas de suas montanhas pittorescas, não escutando a voz do deserto, que levava ao longe a melodia de seus hymnos, penduravam seus alaudes nos salgueiros, que bordavam o rio da escravidão. »

Vem ao caso saudarmos ainda neste despretencioso estudo outras arvores respeitaveis pelas suas tradições historicas, pela sua espantosa durabilidade ao longo de milhares de annos, numa virilidade inexgotavel, que chega a affrontar as leis da vida e excitar a contemplação extatica através das brumas de um passado que não parece ser mais deste mundo.

O baobab, [2] contemporaneo das primeiras épocas da esphera terrestre, é uma mole vegetal brotada das humidas areias da costa occidental da Africa, especialmente o Senegal. E' uma das mais monstruosas arvores do mundo. O seu tronco de uma molleza que contrasta com a sua estatura de gigante, póde attingir as dimensões de 20 a 30 metros de grossura. Existem baobabs, que têm visto pesar sobre a folhagem ampla e digitada do seu cimo muito mais de seis mil annos! Exemplo: aquelle que Adanson observou no Cabo Verde.

Entre nós, ali para os lados de Villa Isabel, si me não engano, vivia um bello specimen desta arvore tradicional. Quem ali o plantou não se sabe. Oxalá a mão ceifadora dos mestres de obras,

---

[1] Machado de Assis, *Chrysalidas*.

[2] *Adansonia digitata*, familia das Bombaceas, separada das Malvaceas, das quaes differe principalmente pelo seu fructo polposo, (pão de macaco, nome vulgar).

não haja reduzido já a estilhaços esse raro representante dos desertos africanos, em cujos galhos os negros fetichistas atavam com veneração os seus milagrosos amuletos.

Objecto de acurada sylvicultura são os platanos, carvalhos, pinheiros e cedros, cujas madeiras se prestam ao mais valioso lavôr nas construcções civis e navaes, e cujos restos fosseis attestam a sua remota ascendencia.

O platano do Oriente [1] é indigena não sómente da Asia, como tambem da Grecia e da Italia Meridional. E' á sua dilatada sombra que, segundo informa Plinio, repousa eternamente o famoso Diomedes, um dos heróes da Iliada, que teve a crueldade de ferir a deusa Venus, com a circumstancia aggravante de ter commettido tão nefando crime a favor das trevas da noite.

Os troncos dos platanos adquirem crescimento extraordinario. E' tambem Plinio quem nos conta que havia na Asia menor um platano enorme, em cujo bôjo se excavara uma gruta com 27 metros de circumferencia, onde o governador da culta Lycia offerecera um lauto banquete a dezoito amigos.

Da mesma fórma que os nossos indios fazem pirogas com os grossos troncos das nossas arvores, assim os habitantes do monte Atlas construiam com um pedaço inteiriço de platano embarcações com lotação para muitas pessoas.

Sabe-se que o celebre historiador Sallustio, cuja luxuria era proverbial, mandou edificar no monte Quirinal um palacio magnifico, que varios imperadores romanos escolheram depois para sua residencia. Este palacio era circumdado de esplendidos jardins, com alamedas ornadas de magestosos platanos.

Na familia das cupuliferas vamos nós encontrar o symbolo da força e da grandeza, o robusto carvalho, [2] que a inexaurivel imaginação dos gregos consagrou a Jove todo poderoso. Elle é natural da Europa Meridional, porém certas especies importantes do genero *quercos* parecem originarias da America do Norte. Talvez a essas

---

[1] *Platanus orientalis*. — Familia das Platanaceas, classe das Amentaceas.

[2] Genero *quercus*. Ha numerosas especies, entre as quaes o *quercus robur* é a mais notavel pela sua duração e a mais propria para construcções e obras de arte.

especies[1] referiu-se J. J. Rousseau na sua tragedia — *La découverte du nouveau monde*, quando o Grão-Sacerdote das Americas exclama:

> « *C'est ici le séjour de nos dieux formidables,*
> *Ils rendent en ces lieux leurs arrêts redoutables.* »

.....á imitação dos Druidas, ministros da religião entre os Celtas e Gaulezes, cujo cabildo se congregava sob as cómas dos carvalhos seculares, afim de celebrarem os seus mysterios e immolarem victimas humanas sobre os enormes dolmens em honra do deus Teutates.

Emulo do platano patriarcal, de que mais acima falámos, ergue-se solemne no pateo de um velho castello em Saintes (França), um curioso carvalho que tem de altura 20 metros e 9 de diametro. No tronco deste desmarcado vegetal abriu-se um vasto salão, onde podem caber 20 convivas muito á vontade. Os paramentos desta singular morada são sanefas de acinzentados lichens, descorados cogumelos e musgos de tons verdoengos. Calculou-se, feito o exame de um dos portaes desta casa viva, sagrada pela idade, que ha mais de 2000 annos existe esse adoravel ancião da natureza vegetal.

Não ha ninguem que não tenha ouvido falar nos cedros do Libano, esses filhos predilectos da Turquia da Asia,[2] « que occultam nos céus a fronte audaz », na expressão de Racine. Serviram os cedros, tão antigos são elles, para construir o templo de Salomão, cujo sitio tantos sabios archeologos ainda agora procuram debalde.

Tão duro é o lenho do cedro, quanto embebido de aroma. Os Hebreos queimavam-n'o á maneira de incenso e de myrrha; e ainda lá estão de pé, firmes e inabalaveis, derramando a sua penumbra gloriosa sobre o declive das montanhas, e atopetando as nuvens com as suas frondes legendarias, os mesmos... os mesmos cedros colendos que serviram de abrigo outr'ora aos piedosos cenobitas do Libano.

Indaguemos agora onde viu o primo raio de sol o utilitario pinheiro, universal materia da arte das construcções. Consagrado a Cybele, a Pan e a Sylvano, deidades campestres, desde as primeiras

---

[1] *Quercus alba*, *Q. macrocarpa*, etc.

[2] *Cedrus Libani*. Familia das Abietineas.

datas da creação surgiram, formando densas e amplas florestas, que se alongam para o lado Norte do Hemispherio Boreal.

No Estado do Paraná, possuimos uma conifera, pertencente ao genero *Araucaria*, commummente chamada pinheiro do Brazil, que é natural do nosso paiz e póde bem rivalizar quanto ao seu alto porte e usos industriaes com os pinheiros exoticos. Figurou na exposição internacional de Vienna d'Austria um caule da nossa araucaria, que provocou pelas suas dimensões em grossura e altura a admiração dos visitantes.

O pinheiro manso,[1] é outro reforçado athleta dos bosques. Tem a fórma de grandiosas pyramides, monumentos sempre verdes que guarnecem as cumiadas das serras e communicam pitoresco aspecto aos amenos panoramas da Normandia. O celebrado cavallo de Troia, *timeo Danaos et dona ferentes*, foi construido com o resistente alburno desta arvore: *Sectaque intexunt abiete costas*, disse o poeta.

A Hollanda disputou aos mares as suas baixas terras, ameaçadas de desapparecerem levadas no dôrso das ondas enfurecidas graças aos impenetraveis diques feitos com o lenho incorruptivel do pinheiro manso.

Ainda mais elevados do que estes e mais denodados porque affrontam as regiões das proprias gelerias, são os lariços.[2] Ahi como que governam o fundir das massas descommunaes de neve que tem de rolar mais tarde pela crista das penedias a prumo até os valles tranquillos aonde espalham nas povoações subjacentes a desolação e a ruina.

Temos tratado das arvores, das flôres que são o prefacio dos amores; falemos agora dos frutos, que são o seu epilogo, e para usar da expressão de J. J. Rousseau, constituem o summario da Natureza,

O pomo das Hesperides já occupou incidentemente a nossa attenção. Muitos outros, tantos e tantos lindos e deliciosos estão reclamando que se lhes pergunte a patria e a historia.

A figueira[3] dá frutos que são verdadeira ambrosía. Em épocas que já vão tão longe que parece jámais existiram, vegetava esta planta ao Sul e ao Occidente da Europa; porém, foi da Asia Menor que veiu

---

[1] *Abies pectinata.*

[2] *Larix europæa.*

[3] *Ficus carica*, familia das Moréas (parte do grupo das Urticeas).

primitivamente. O genero *ficus* encerra numerosas especies. Umas são cipós muito compridos, que se enroscam nas arvores seculares das matas virgens da America, estrangulam-nas imprimindo-lhes vergões indeleveis e difficultando-lhes a circulação da seiva vivificadora; outras são arvores corpulentas, que emittem raizes adventicias a partir dos mais altos galhos, raizes que se enterram no sólo, simulando outros tantos troncos que fazem corpo commum com o verdadeiro caule. Um bom exemplar destes tinhamos nessa copada figueira da estação de S. Christovão. A conveniencia do traçado da 3ª linha da Estrada de Ferro Central acaba de mutilar barbaramente esse garboso especimen. *Cedat natura progressu*, como outr'ora em Roma cedêram a toga as armas.

Estas arvores têm por patria a India, onde os naturaes consagram-lhes a maior veneração; debaixo dellas celebram os seus sacrificios, do mesmo modo que os Druidas ao abrigo dos carvalhos. E' curioso que o mesmo costume se encontre nos povos do velho e do novo continente. O susurro do vento através da folhagem, as abobadas cerradas dos cimos das arvores interceptando a claridade do sol, e as vagas sombras que passeiam mysticas ao bolir dos ramos, tudo isto convida a alma á oração, ao extasis, á contemplação das grandezas desconhecidas da fé religiosa.

Passemos a scenas mais apraziveis. A rosada roman, de que os antigos poetas lyricos tanto abusaram, comparando com ella as faces e os labios das suas Marilias e Marcias, é o fruto da *punica granatum*, familia das Myrtaceas. [1] Diz Engler que a romeira cresce naturalmente no Afghanistão, no Belutchistão, no Noroeste da India, talvez no Sudoeste da Europa, pois que nos terrenos terciarios deste ultimo continente têm-se achado restos fosseis deste vegetal. Daquellas regiões passou a romeira para o Egypto e a Palestina. No tempo das tres guerras punicas (de 264 a 146 antes de Christo), os Romanos levaram a graciosa planta de Carthago para a Italia. D'ahi lhe veiu o nome *Punica* para designar o genero e o termo trivial roman, que lhe coube na lingua portugueza. Durante as guerras punicas, não só a romeira, mas muitas outras arvores frutiferas foram-se propagando pelos paizes estrangeiros, pois no IV seculo da sua existencia era

---

[1] Hoje certos botanicos admittem-na como pertencente á familia especial das *Granataceas*.

Carthago uma potencia de primeira ordem pelo seu commercio e pela sua industria agricola; os seus ferteis campos estavam cobertos de olivaes, laranjaes, cereaes e toda a sorte de plantações uteis.

Hoje é no mundo inteiro acclimatada a romeira, cujo bello fruto acidulo e refrescante é com razão estimado tanto pela sua fórma extravagante e seu vivo colorido, como pelo seu agradavel sabôr. Agora que já vimos como

Abre a roman, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes,
.....contemplemos
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras que o nome têm de amores;
O pomo que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio.

As cerejeiras,[1] pertencentes ao grupo das Rosifloreas (Endl.), onde se aninham tão formosas flores que, no dizer de Cariot, « só o pincel de St. Jean poderia represental-as com a graça e a frescura que receberam das mãos de Deus » parece que expontaneamente só crescem na Transcaucasia.

A especie *Cerasus avium* é natural do Turkestão, da Persia, do Caucaso e da Peninsula Balkanica. O nome *Cerasus*, (em portuguez *cereja*), vem de Cerasonte, cidade do Ponto, na Asia Menor, donde Lucullo, general romano celebre pelo seu luxo, levou as primeiras cerejeiras para a sua terra.

A amoreira,[2] cujas folhas recortadas nutrem

Ce ver laborieux qui s'entoure en silence
Des fragiles réseaux filés pour l'opulence

tem por patria a China, a India, a Persia, onde a seda foi fabricada muito tempo antes da vinda de Christo. No tempo das Cruzadas, a Sicilia e a Italia aprenderam de dois monges o cultivo desta arvore; e no reinado de Carlos VII, o Victorioso, o plantio da amoreira

---

[1] *Prunus cerasus Cerasus vulgaris.*—Familia das Amygdalaceas, que são Rosaceas de um só carpello livre.

[2] *Morus alba, Morus nigra.*

tomou grande incremento e concederam-se privilegios ás manufacturas de sedas de Lyon e Tours, ainda hoje afamadas pelos seus finissimos productos. Luiz XIV e Colbert animaram muito esta industria.

Entre nós, têm-se feito varios ensaios de sericultura, taes como os do Jardim Botanico desta capital por Carlos Glasl em 1873 e em Itaguahy por Mangeon e Nicoláo Moreira em 1875. Infelizmente similhantes ensaios não lograram o desejado intento.

Em seguida, escrevamos algumas palavras sobre *o pomo que da patria Persia veiu*, o pecegueiro, [1] que é actualmente cultivado em toda a parte, offerecendo os seus frutos avelludados e tintos de um verde-roseo delicado, de cuja pennugem emana o mais subtil aroma. Esta planta primorosa é originaria da China, donde foi transportada para a Persia, que serviu para denominar o genero.

O que dizem os versos camoneanos é mesmo verdade. No seu paiz natal os pecegos são venenosos, em virtude de conterem larga dóse de acido prussico; uma vez fixados em sólo estrangeiro tornam-se innocentes e saborosos. Aos vegetaes não é applicavel aquella sentença do poeta:

Cœlum non animum mutant qui trans mare currunt.

O damasqueiro, [2] da mesma familia do pecegueiro e com elle bastante parecido, é indigena, (segundo Engler) do Turkestão, da Songoria, do Norte da China, da Dauria, da Mongolia, e encarapita-se mesmo sobre os nove mil metros de altitude do Hymalaia.

Tambem á mesma familia pertencem as ameixeiras, cujos frutos frescos ou passados são tão apreciaveis. A ameixeira cultivada, [3] é natural do Caucaso, do Talysch e do Elbrous. A sua cultura era já conhecida dos romanos no tempo de Catão. —Quanto á ameixeira selvagem, [4] é com certeza espontanea nas regiões caucasianas e na Asia Menor, talvez tambem na Europa e no Norte da Africa.

---

[1] *Persica vulgaris. Amygdalus persica.*

[2] *Armenica vulgaris,* Amygdaleas.

[3] *Prunus domestica.*

[4] *Prunus spinosa.*

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

III

Euzebio Lillo harmonioso poeta chileno, disse com razão das flores:

Luego tambien teneis en esta vida
El llanto y el placer, preciosas flores,
Esa esperanza que el corazón anida,
Ese fuego que aciendem los amôres.

Com effeito, ha corollas prazenteiras que parecem sorrir; outras ha que parecem banhadas em pranto. Em um calix de cinco sépalos quaes os cinco dedos da mão, descansam cinco pétalas artisticamente dispostas, quaes dois corações unidos pelos laços da amizade. Dir-se-ia que esses cinco dedos — sépalos em fórma de calix, offertam um brinde de nectar e essencias num accôrdo de côres escolhidas, aos corações que palpitam entre os enlevos de mutua affeição. Tal é a imagem da flôr que no nosso phonetico idioma tem o nome de «amor-perfeito» e na lingua expressiva de Racine se chama — *Pensée.* [1]

Não se sabe o certo onde viu a luz do dia esse formoso arabesco dos prados floridos. Quantos não iriam colhel-o, á custa de sacrificios inauditos, si soubessem exactamente onde nasceu o *amor-perfeito*? Seriam milhões de argonautas á caça de velocino tão raro no ultimo

[1] Veja a *Revista* de 1 de fevereiro e 1 de março.
Viola tricolor. (Violariaceas).

campos onde crescem desordenadamente as mais exquisitas arvores, carregadas dos mais excentricos e deliciosos frutos!

Bem rázão teve Fr. Francisco de S. Carlos em collocar no paraiso os nossos frutos para ter occasião de descrevel-os com tão bella simplicidade. «O maior merito que para nós tem o poema — Assumpção da Virgem, pondera o conego Fernandes Pinheiro, nosso saudoso mestre de literatura, é o de ser um poema eminentemente nacional; um desses poucos monumentos que nos legou a geração passada para a formação da nossa literatura.»

Descreveu igualmente com as tintas magistraes da sua fantasia os frutos faceiros do Brazil, Araujo Porto-Alegre, o vigoroso cantor do *Colombo*, «pintor brazileiro tão distincto com a palavra como com a palheta», na expressão de Castilho.

Detenhamo-nos um momento, respiremos um pouco e demos depois um passeio pelos patrios vergeis, onde os colibris pousam de flôr em flôr e as borboletas andam á cata dos ninhos do seu amor. Antes, porém, desejo ajustar mais algumas flôres ao ramalhete que formei no principio deste capitulo.

Um sabio botanico, de nôme Magnol, foi quem descobriu na Carolina (Estados-Unidos) esse lindo vegetal, a *Magnolia grandiflora*, cuja estatura póde subir até 30 metros, e cujos ramos sustentam grandes e bellas flores olentes, que todos nós conhecemos. Além desta especie existem outras, originarias do Mexico, do Japão, etc. Ao lado do nosso Museu Nacional, em S. Christovão, ha uma Magnoliacea gigantea, já respeitavel pela sua altura e antiguidade.

Reunamos á magnolia aquella flor predilecta da dama, que Alexandre Dumas Filho fez protogonista de um dos seus mais tocantes romances: a camelia, assim chamada por causa do padre Camelli, jezuita italiano, que a levou do Japão para a Italia.

A camelia [1] conta hoje muitos centenares de variedades, dotadas das mais varias côres. Opiniam certos botanicos que muitas camelliaceas são naturaes das duas Americas, nas regiões temperadas. Uma especie provém das ilhas Canarias. O certo é que

[1] Camellia Japonica, familia das Camelliaceas.

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

III

Euzebio Lillo harmonioso poeta chileno, disse com razão das flores:

Luego tambien teneis en esta vida
El llanto y el placer, preciosas flores,
Esa esperanza que el corazón anida,
Ese fuego que acicendem los amôres.

Com effeito, ha corollas prazenteiras que parecem sorrir; outras ha que parecem banhadas em pranto. Em um calix de cinco sépalos quaes os cinco dedos da mão, descansam cinco pétalas artisticamente dispostas, quaes dois corações unidos pelos laços da amizade. Dir-se-ia que esses cinco dedos — sépalos em fórma de calix, offertam um brinde de nectar e essencias num accôrdo de côres escolhidas, aos corações que palpitam entre os enlevos de mutua affeição. Tal é a imagem da flôr que no nosso phonetico idioma tem o nome de «amor-perfeito» e na lingua expressiva de Racine se chama — *Pensée.* [1]

Não se sabe o certo onde viu a luz do dia esse formoso arabesco dos prados floridos. Quantos não iriam colhel-o, á custa de sacrificios inauditos, si soubessem exactamente onde nasceu o *amor-perfeito*? Seriam milhões de argonautas á caça de velocino tão raro no ultimo

---

Veja a *Revista* de 1 de fevereiro e 1 de março.

[1] Viola tricolor. (Violariaceas).

da comedia de costumes, descambando muitas vezes para a farça, pelo emprego da conhecida e pesada chalaça portugueza. Tal o espirito com que chegou ella a Martins Penna, o maior representante do genero no Brazil, e o verdadeiro creador delle entre nós; pois que Gil Vicente nunca foi conhecido de nossas gentes, não era brazileiro, nem este paiz no tempo em que floresceu o genio portuguez possuia um povo e menos ainda uma literatura, e, pelo que diz respeito ao autor das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, comquanto tivesse vivido em época em que começava a formar-se um e a lançarem-se os primeiros germens da outra, educou-se, viveu e morreu na metropole e teve de ficar na historia na posição incerta de um Gonçalves Crespo, por exemplo, que, com a maior boa vontade, hesitamos em chamar um dos nossos.

E' preciso destacar o caracter do escriptor através de sua obra e o espirito da sociedade através da obra e do homem. A primeira observação a fazer é que a habilidade do nosso comediographo está a mais nas situações em que collocava os personagens do que no entrecho da acção, que era sempre simples. Alguns exemplos.

O *Juiz de Paz da Roça* é a pintura critica das coisas judiciarias de nossas povoações do interior pelos annos de 1840, e ainda hoje é de uma veracidade irrecusavel. Manoel João, pequeno lavrador, morava na roça, proximo ao Rio de Janeiro, a Côrte, como lhe chamavam, com sua mulher Maria Rosa e sua filha Anninha. A rapariga, num dia em que o pai demorou-se demasiado no trabalho do campo, recebeu em casa o namorado José, sujeito pernostico e vadio, que, tendo herdado do pai um bananal, vendeu-o, allegando á namorada que, logo que apurasse o dinheiro, se casaria com ella; mas de facto largára-se para a Côrte, e *mettera o páu nos cobres*, segundo a giria corrente. A despeito disto, concertou com Anninha a fuga desta de casa, no dia seguinte pela manhan, para irem juntos á freguezia, onde o vigario os deveria unir em matrimonio. E' que, sendo no tempo da celebre revolução dos *Farrapos* do Rio Grande do Sul, e estando forte o recrutamento, o gajo estava com medo de ser pegado.

Effectivamente, ao sair da casa de Manoel João, foi elle recrutado. O pai de Anninha, ao chegar da roça, pediu a *janta* e estava a servir-se della, quando lhe bateram á porta. Teve apenas tempo de esconder os pratos na gaveta e lamber os dedos, pois foi logo

entrando por casa a dentro o escrivão do juiz de paz, que o vinha intimar para levar um *recruta* á cidade. O matuto relutou em ir mas ameaçado de prisão, não teve outro remedio, sinão fardar-se e seguir. A figura de Manoel João, mettido em calças de ganga azul, jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com baioneta, e um grande páu na mão, é impagavel, porém exactissima. Lembramo-nos de ter visto typos identicos pelo Brazil em fóra. A scena em que se despede da filha e da mulher é do mais completo realismo.

Chegado á casa do juiz de paz, entrega-lhe este o preso, *o recruta*, que é justamente o namorado da filha, — o José, o vadiaço do lugar. Manoel João, que ignorava o namoro e planos da rapariga, pediu ao juiz de paz para adiar a viagem para o dia seguinte, por ser já tarde, e, como lhe observasse aquelle que não tinha onde guardar o preso essa noite, respondeu que esta não fosse a duvida, que elle se encarregaria disso, e levou o José para a propria casa, trancando-o num quarto, cuja chave deixou sobre uma mesa. Anninha, á noite, abriu o quarto e fugiu com o José, indo ambos casar-se á igreja proxima. Descoberta a fuga, houve um reboliço dos diabos em casa do caipira, que só se acalmou com a chegada dos dois namorados, casados de fresco. Largaram-se, então, todos para a casa do juiz, sendo o José dispensado do recrutamento á vista de seu novo estado.

Nesta comedia as scenas mais engraçadas são as que se passam na audiencia do juiz de paz, que tem de despachar requerimentos cheios de sandices, elle bastante esperto para se fazer presentear á larga pelas partes, e bastante ridiculo para... *derogar a Constituição!*

Este typo de juiz ficou mais ou menos classico entre nós e é um dos melhores da comedia brazileira. O enredo não podia ser mais simples.

A *Familia e a Festa da Roça* é no mesmo estylo; continúa a critica dos costumes das populações ruraes, penetrando mais intimamente na vida da familia rustica.

Domingos João, agricultor algum tanto abastado, espirito positivo mas grosseiro e praguento, com o habito de dizer sempre no final de suas falas — *entende o Sr.?*, vive na fazenda com sua mulher Joanna da Conceição, e seus filhos Quiteria e Ignacinho. Este é o typo do rapaz roceiro, trabalhador, rude e atoleimado; Quiteria da herdeira matuta, cheia de certas pretenções, dengosa e exagerada nas modas

pela ignorancia, especialmente depois que passou alguns dias na villa de S. João de Itaborahy, onde tomou os sestros da elegancia esquerda do *high-life* das pequenas povoações atrazadas. O pai quer casal-a com um tal Antonio do Pau d'Alho, só porque este tabareu, feio e desfructavel, é possuidor de um sitio com seis escravos e passa por muito trabalhador. Joanna da Conceição desapprova o enlace; mas não se atreve a oppôr-se francamente, por temor ao despotismo marital de Domingos João. Havia, porém, no lugar um capitão-mór, que tinha um filho na *Côrte* a estudar medicina, o Juca, e este, indo passar as férias, frequenta a casa de Domingos João e namora a Quiteria, que, apezar de certos desengonços atabalhoados, é moça bonita. O estudante combina com a namorada que, ao lhe falar o pai em casar com Antonio do Pau d'Alho, finja-se doente, caia de ataque, resista aos remedios e benzeduras da Angelica, curandeira do lugar, e só volte a si quando elle, futuro medico, em ultimo recurso, fôr chamado e lhe der a beber agua com assucar, deixando o resto por sua conta.

Realmente, a comedia, que tem começado por varias scenas engraçadas entre Domingos João, a mulher, o filho, a filha, o Juca, o Antonio do Pau d'Alho, chegado da Côrte, onde esteve destacado uns tempos como guarda nacional, chega ás scenas typicas do ataque da Quiteria, da intervenção de Angelica, que benze a moça de *flato, quebranto, olhado, espinhela caida*... Nada conseguindo, diz que suspeita ser o *diabo que entrou no corpo da moça*. Redobra, com tal declaração, a barulhada em casa, e mandam chamar o Juca. Este faz com facilidade voltar a si a Quiteria, e declara, porém, ser o seu mal muito grave, a ponto de correr sua vida perigo si não fôr casada com pessoa entendida em medicina. Insinùa-se com habilidade e faz-se substituir ao Antonio do Pau d'Alho. Segue-se um passeio ao arraial, onde vão assistir á festa do Espirito Santo, em que ha leilão, dança de foliões e outros quadros burlescos, proprios de taes brinquedos populares.

Mais um caso.

O *Judas em Sabbado de Alleluia* é uma das mais celebres comedias de Penna e certamente uma das melhores. E' a critica dos costumes do Rio de Janeiro, a *côrte imperial*, onde se passa a acção em 1844. Ainda aqui não se desmente nossa affirmação. A *vis comica* está mais nas situações burlescas em que se deixam pegar as figuras creadas pelo autor do que na traça complicada de actos engenhosos.

O sapateiro José Pimenta tinha duas filhas, Chiquinha, trabalhadeira e sisuda, e Maricota, uma namoradeira de mil diabos. Emquanto uma estava á costura, a outra não largava a janella, a vêr e cumprimentar uma duzia de sujeitos que lhe faziam a côrte.

Nada lhe rendendo o officio de sapateiro, Pimenta metteu-se na guarda nacional, onde foi feito cabo de esquadra, e, de accôrdo com o capitão Ambrosio, um dos mais ousados namoradores da filha, vivia de fintas aos guardas. Succedeu que, num dia de sabbado de alleluia, Faustino, empregado publico, e tambem guarda nacional, e um dos mais assiduos namorados de Maricota, estava em casa della, a fazer-lhe seus protestos amorosos, quando bateu á porta o capitão Ambrosio. Faustino, não tendo onde esconder-se, e, não querendo encontrar-se com o capitão, que o andava a perseguir por ciumes, disfarçou-se com a roupa de um judas, que estava na sala, ali deixado pelos meninos e moleques da casa. Nesta posição e trajos, ouviu toda a conversação do capitão com Maricota e soube do plano que tinham concertado os dois, ella de fugir, depois de furtar certa quantia que o pai estava juntando, e elle de recebel-a em casa e viver com ella. Depois ouviu mais o Faustino a palestra entre o capitão e Pimenta sobre os meios a empregarem para extorquir dinheiro aos guardas nacionaes, e, finalmente, o grave conluio entre o mesmo Pimenta e Antonio Domingos, velho, negociante larapio, para passar aquelle um masso de notas falsas, que o matreiro portuguez acabava de receber do Porto. E já não era a primeira vez que Pimenta entrava em tal negociata, de que tirava certa porcentagem. E' claro que esta combinação se fazia entre os dois a sós, pois a Maricota, desde a scena anterior, tinha-se retirado, e o capitão tambem já havia saido. Este, porém, pouco depois voltava e só a muito custo lhe abriu a porta o Pimenta, que suppunha ser a policia, do que chegou a convencer-se; pois, quando o capitão bateu á porta, e o Pimenta, assustado, dizia: « *não vá ser a policia Sr. Antonio Domingos!...* » o Faustino, disfarçando a voz, no momento em que os dois espiavam pela fechadura, e perguntavam para fóra: « *quem é?* », respondeu: *Em nome da policia, abram!...* » A situação é a mais comica possivel: o capitão de fóra furioso a bater e os dois dentro aterrados. Afinal, abrem a porta e dão esfarrapadas desculpas ao Ambrosio, que fica de pulga na orelha.

Entretanto, estavam reunidos os tres, quando tocam os sinos á *Alleluia* e toda a familia de Pimenta, meninos e moleques invadem

a sala e dirigem-se ao *Judas*, para o arrastarem pelas ruas a fóra, mettendo-lhe o cacete. O Faustino, vendo os meninos e moleques perto de si, deita a correr pela sala. Geral é o espanto. Os pequenos gritam e fogem de Faustino, que dá varias voltas pela sala, levando de atropello os presentes, até ganhar a rua. Pensam todos que é o *diabo* em carne e osso. Os meninos e moleques, chorando, escondem-se debaixo das mesas e cadeiras. Antonio Domingos e Pimenta, abraçados, rolam pelo chão. Maricota cai desmaiada, e o capitão Ambrosio trepa-se numa commoda. Acossado na rua pela vaia publica, Faustino não tem outro remedio, sinão ganhar de novo a casa do Pimenta, onde ainda encontra todos no primitivo assombro. Descobre-se e debica-os a valer, vingando-se de um por um, menos da Chiquinha, que pede em casamento.

Seria facil resumir, dest'arte, cada uma das nove comedias do espirituoso fluminense e documentar amplamente nosso primeiro asserto, que não se desmente, nem até em o *Noviço*, a mais avultada dellas.

Mas, afinal, qual é o genero de espirito do autor? qual o alcance geral de sua obra? como elle pensou e sentiu? que juizo fez dos homens e das coisas? Que lição nos deixou? Eis a questão fundamental que á critica incumbe descobrir e formular, sob pena de não ser mais que um passatempo ocioso e esteril.

Martins Penna não era um temperamento philosophico. Sua visão dos homens e da sociedade não manifesta preoccupações theoricas do pensamento. Nenhuma sombra sobre o eterno problema das coisas vem pousar em sua obra.

O estylo tambem não accusa jamais outra tendencia, além de uma alma galhofeira e intelligente, apta a observar o ridiculo dos homens; mas sem tirar d'ahi uma consequencia qualquer. Ri pelo gosto de rir, não como o moralista que busca doutrinar, ou o pessimista que procura castigar, ou como o misanthropo que delicia-se em fazer soffrer. E' o espirito comico em uma sociedade ainda nova; cheia de vicios, é certo, porém, não ainda de todo corrompida. A superficie está affectada; mas as molas centraes do organismo estão intactas. Não era tambem um poeta, um lyrico; a imaginação nunca desferia nelle o vôo para as altas regiões ethereas das douradas scismas, dos devaneios immarcessiveis. Era um observador, já o dissemos; porém, a penetração de sua analise nunca foi além da epiderme social.

O vasto e escuro mundo subterraneo das paixões terriveis, que Eschylo e Sophocles não chegaram a vêr, em cuja porta pararam Euripedes e Aristophanes, em cujo atrio ficaram Calderon e Lope de Vega ao lado de Cervantes, e em cujo interior penetraram afoitamente Shakespeare e Molière, essa pavorosa região nosso dramatista nem siquer teve della o presentimento. Por isso o espirito nunca foi nelle a parodia reflexa da melancolia, como o humor e a ironia dos grandes soffredores. O espirito nelle não passou nunca da pilheria das situações equivocas, da graça dos ditos mais ou menos pesados, do trocadilho mais ou menos picaresco.

A gente que nos dá a conhecer, a sociedade em que nos introduz, essa multidão, onde avultam juizes da roça, vadios dos lugarejos, pequenos e grandes lavradores, roceiras namoradas, capitães-móres, estudantes, irmãos das almas, meirinhos, caixeiros traficantes, moças namoradeiras ou sonsas, empregados publicos, guardas nacionaes, noviços, frades, compadres mexeriqueiros, mulheres casadas namoradeiras, sogras desaforadas, traficantes de negros-novos, moedeiros falsos, melomaniacos, mocinhas atrevidas da pequena burguezia, viuvas gaiteiras, todo esse tumultuario mundo é marcado por uma só nota: uma mediocridade completa. Não ha uma figura saliente, notavel, poderosa em bem ou em mal.

Tudo insignificantemente mediano. Não existem os heróes da virtude, nem os potentes scelerados do crime. Nenhuma paixão ali estúa ou delira. Os dois maiores apaixonados de todo o theatro de Penna são o Antonio Affonso pela musica no *Dilettante* e Ambrosio pela fortuna de Florencia no *Noviço*; mas o primeiro é um caracter de desfructavel pouco desenvolvido pelo autor, e o segundo é um velhaco de pequena traça parcamente desenhado.

Não é isto censurar a Martins Penna, é conhecel-o justificando-o. O moço fluminense não era um espirito caustico e desabusado, um bohemio pouco sério, como Gregorio de Mattos, por exemplo. Era um pacato e sóbrio empregado publico dos primeiros annos do segundo reinado, filho, pois, duma sociedade pouco complicada numa cidade, então de quarta ordem, verdadeiramente colonial ainda; não tinha, não podia ter as demasias do outro, velho andarilho impenitente, que haurira o veneno da vida dissoluta de Lisboa e Coimbra no seculo XVII.

Penna estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente. Si aceitarmos a definição de Aristoteles que — o comico é tudo que está fóra de seu tempo e de seu lugar, sinão envolve perigo, porque, si o envolve, passa então a ser tragico, — ninguem melhor do que o comediographo fluminense o comprehendeu, porque ninguem melhor do que elle arranjou em scena tantas situações desse genero. Quasi não existe pagina de suas composições onde se nos não depare alguma e ás mais das vezes de fazer rir as pedras.

Bem desempenhadas por actores de *verve* e talento, são de provocar a gargalhada de principio a fim, especialmente a espectadores brazileiros; porque a côr local, o sainete nacional predomina em todas ellas.

O escriptor photographa o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espontaneidade, essa facilidade, quasi inconsciente e organica, é o maior elogio de seu talento. Si se perdessem todas as leis, escriptos, memoria da historia brazileira dos primeiros cincoenta annos deste seculo XIX, que está a findar, e nos ficassem sómente as comedias de Penna, era possivel reconstruir por ellas a physionomia moral de toda essa época.

Nellas não existem a poesia da natureza, o vago, o sonho, as fugas para o ideial, que os proprios comicos gregos não se dedignavam de mesclar ás suas buffonerias. Nada, porém, excede ao estudo do autor do *Judas em Sabbado de Alleluia* em suas relações com a sociedade brazileira.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

III

Euzebio Lillo harmonioso poeta chileno, disse com razão das flores:

Luego tambien teneis en esta vida
El llanto y el placer, preciosas flores,
Esa esperanza que el corazón anida,
Ese fuego que aciendem los amôres.

Com effeito, ha corollas prazenteiras que parecem sorrir; outras ha que parecem banhadas em pranto. Em um calix de cinco sépalos quaes os cinco dedos da mão, descansam cinco pétalas artisticamente dispostas, quaes dois corações unidos pelos laços da amizade. Dir-se-ia que esses cinco dedos — sépalos em fórma de calix, offertam um brinde de nectar e essencias num accôrdo de côres escolhidas, aos corações que palpitam entre os enlevos de mutua affeição. Tal é a imagem da flôr que no nosso phonetico idioma tem o nome de «amor-perfeito» e na lingua expressiva de Racine se chama — *Pensée.* [1]

Não se sabe o certo onde viu a luz do dia esse formoso arabesco dos prados floridos. Quantos não iriam colhel-o, á custa de sacrificios inauditos, si soubessem exactamente onde nasceu o *amor-perfeito?* Seriam milhões de argonautas á caça de velocino tão raro no ultimo

---

Veja a *Revista* de 1 de fevereiro e 1 de março.

[1] Viola tricolor. (Violariaceas).

rodar deste seculo agonisante. Provavelmente é a sua patria a mesma da violeta dos jardins; a qual talvez se fosse modificando aos poucos, através milhares de annos, ao abrigo do solideu das suas proprias folhas e impulsionada diversamente pelas forças vivas armazenadas no seu embryão, até converter-se no typo fixo que a constitue agora especie differente. Porquanto, coisa curiosa, presta-se esta flôr de uma maneira admiravel a continuas modificações, o que parece uma allusão maliciosa ao seu nome vulgar. Villemin, distincto professor da Faculdade de Medicina de Nancy, chamou, ha cerca de dois annos, a attenção dos praticos para algumas modificações espontaneas do amor-perfeito, susceptiveis de serem fixadas pela selecção, amplificadas pela cultura; de sorte a se produzirem typos inteiramente distinctos daquelles que constituem hoje o deleite dos horticultores. A' vista desta malleabilidade na variação, não é destituida de fundamento a hypothese, que mais acima aventurei, de ter esta voluvel flôr derivado gradativamente da especie *viola odorata*, a violeta dos jardins.

A flôr apreciada que acabámos de descrever, as saudades e os suspiros, dão entrelaçadas uma grinalda singularmente sentimental para pintar ao vivo as paixões mais profundas do coração humano.

A saudade dos jardins, a saudade rôxa [1], é uma das mais lindas flôres annuaes que guarnecem os canteiros, á parte a rijeza do seu caule erecto. Ella é a mais gentil de todas as scabiosas. O illustre botanico que mais de uma vez temos citado, Germain de St. Pierre, dá ás scabiosas o titulo de cidadãos rusticos da Europa e da Asia.

Os suspiros que os ha de varias côres (com licença dos nephelibatas), rubros, brancos, rôxos e rajados, estão filiados á familia das *Amarantaceas*, vocabulo que vem do grego e significa — *flôres que nunca murcham*. Parecem originarios do meio dia da Europa. Que flôr mais propria do que esta para eternizar as maguas da saudade, *o delicioso pungir de acerbo espinho*, os pezares de separação dos entes queridos que partem para as regiões do incognoscivel?! As palhetas numerosas do seu periantho formam como que pergaminhos duros, em que se gravam as dôres amargas daquelles que ficam. Por isso, os antigos consagravam os amarantos aos finados e os bardos nunca se esqueceram de celebrar esta flôr nas suas paginas commoventes.

---

[1] Scabiosa atropurpurea. (Dipsaceas.)

Emquanto as flôres melancolicas se espargem sobre as lages tumulares, em homenagem aos que foram buscar mansão mais seria do que esta vida de enganos, as alamedas do campo santo são bordadas de arvores funerarias, que projectam no solo a sua sombra fatidica, desenhando fórmas inquietas ao embate do vento que plange através das suas ramadas. São principalmente os teixos, os cyprestes e os salgueiros.

O teixo [1] é indigena do continente europeu. Na França, na Italia, no norte da Europa, elle ergue pujante a sua negra copa, como que convidando os mortos a irem repousar ao seu abrigo. A sua densa folhagem presta-se a todas as fórmas que lhe queira dar o jardineiro. «*On peut tailler dans son noir et épais feuillage*, (diz Cariot), *comme le statuaire dans un bloc de marbre.*» Os romanos, nos dias de luto, adornavam a fronte com as folhas desta arvore. Attingem os teixos muitas vezes a alturas consideraveis e notavel grossura, e os ha que são verdadeiros Mathusalem do mundo vegetal. O teixo de Foringall, na Escossia, conta cerca de 3000 annos.

Arvore muito procurada para ornato dos cemiterios é o cypreste pyramidal. [2] Formando longas fileiras, como sentinelas perfiladas das sepulturas, dir-se-ia pontos de exclamação intercalados entre os tumulos, reticencias interminaveis da morte.

Suppoz-se até certo tempo que elle era só originario do Levante e das ilhas do Archipelago; Chypre, Rhodes, Creta, etc. Informa-nos porém Engler, que tem sido tambem encontrado em estado espontaneo na Persia, na Silicia, no Libano. O paganismo dedicara esta arvore a Plutão e conta-se a respeito della uma dessas puerilidades ridiculas, que a imaginação extravagante dos hellenos inventava para enriquecer os seus catechismos religiosos. O bello Cyparis, desgostoso por causa de ter perdido a sua corsa, que tinha matado por engano, supplicou aos deuses que fizessem immortal a sua dor. Os deuses ficaram tão commovidos que mudaram logo o moço em cypreste, que desde então tornou-se o emblema da magua.

Ha uma outra especie de cyprestes, de ramos horizontaes, que é provavel seja proveniente do Egypto e do Levante, de onde passou

---

[1] *Taxus baccatus*; Coniferas.

[2] *Cupressus fastigiata*; Coniferas. (Cupressineas).

depois para a Grecia. Este cypreste é ainda mais alto que o precedente e dura seculos. Com o seu lenho faziam-se os esquifes destinados a guardar as mumias do Egypto. Dá uma madeira tão duradoura, que em Roma veem-se ainda hoje portas de cypreste que têm girado sobre seus gonzos ha mais de mil e cem annos.

Digamos de passagem que é da mesma familia dos cyprestes uma arvore notabilissima por ser a maior especie vegetal do mundo. E' a *Sequoia sempervivens*, natural da California. O seu tronco chega a ter vinte metros de diametro ; a sua altura vai além de cem metros, quasi a altura da cathedral de Strasburgo, e o dobro da altura do nosso Morro do Castello ! A idade destes colossos, calculada pelas camadas concentricas do lenho, é pelo menos de 3000 annos !

Outra arvore muito de genero para symbolizar a dôr daquelles que ficam a chorar os que partem é o salgueiro [1] Delle escreveu Musset na sua tocante elegia — *Lucie*, a seguinte bella estrophe :

« *Mes chers amis, quand je mourrai,*
Plantez un saule au cimetière ;
J'aime son feuillage épleuré,
La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
Á la terre où je dormirai. »

Esta descripção simples e commovente é, além de natural, tambem naturalista e dá-nos, em rapidos traços, uma idéa da vaporosa poesia que se desprende do todo expressivo deste vegetal, envolto nos longos ramos flexiveis e nervosos a se curvarem sobre o sepulcro, como si estivesse de joelhos a orar : estremecendo á passagem da mais leve brisa como sobresaltado de dôr, e produzindo um ciciar das folhas longo e suave como si fosse um suspiro. A patria do salgueiro é a Asia, são as margens do Euphrates ; elle assistiu á grandeza e á decadencia de Babylonia e chorou sobre as suas desgraças. Os desterrados Israelitas, suspendiam as suas lyras nos ramos dos salgueiros e sentados á sua sombra, entregavam-se ás amargas saudades pela querida Sião.

---

1 *Salix babylonica*. (Salicineas).

Occorrem-me instinctivamente á penna as memoraveis palavras que o immortal prégador fluminense, frei Francisco de Mont'Alverne, esse que

Pela escada do pulpito moderno
Subiu outr'ora festival mancebo
E Bossuet desceu... [1]

proferiu, em um arroubo de eloquencia, no exordio do panegyrico de S. Pedro de Alcantara, joia final do opulento escrinio. Eil-as: « Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pezares, não ouvindo mais os écos repetirem as estrophes dos seus cantos nas quebradas de suas montanhas pittorescas, não escutando a voz do deserto, que levava ao longe a melodia de seus hymnos, penduravam seus alaudes nos salgueiros, que bordavam o rio da escravidão. »

Vem ao caso saudarmos ainda neste despretencioso estudo outras arvores respeitaveis pelas suas tradições historicas, pela sua espantosa durabilidade ao longo de milhares de annos, numa virilidade inexgotavel, que chega a affrontar as leis da vida e excitar a contemplação extatica através das brumas de um passado que não parece ser mais deste mundo.

O baobab, [2] contemporaneo das primeiras épocas da esphera terrestre, é uma mole vegetal brotada das humidas areias da costa occidental da Africa, especialmente o Senegal. E' uma das mais monstruosas arvores do mundo. O seu tronco de uma molleza que contrasta com a sua estatura de gigante, póde attingir as dimensões de 20 a 30 metros de grossura. Existem baobabs, que têm visto pesar sobre a folhagem ampla e digitada do seu cimo muito mais de seis mil annos! Exemplo: aquelle que Adanson observou no Cabo Verde.

Entre nós, ali para os lados de Villa Isabel, si me não engano, vivia um bello specimen desta arvore tradicional. Quem ali o plantou não se sabe. Oxalá a mão ceifadora dos mestres de obras,

---

[1] Machado de Assis, *Chrysalidas*.

[2] *Adansonia digitata*, familia das Bombaceas, separada das Malvaceas, das quaes differe principalmente pelo seu fructo polposo, (pão de macaco, nome vulgar).

não haja reduzido já a estilhaços esse raro representante dos desertos africanos, em cujos galhos os negros fetichistas atavam com veneração os seus milagrosos amuletos.

Objecto de acurada sylvicultura são os platanos, carvalhos, pinheiros e cedros, cujas madeiras se prestam ao mais valioso lavôr nas construcções civis e navaes, e cujos restos fosseis attestam a sua remota ascendencia.

O platano do Oriente [1] é indigena não sómente da Asia, como tambem da Grecia e da Italia Meridional. E' á sua dilatada sombra que, segundo informa Plinio, repousa eternamente o famoso Diomedes, um dos heróes da Iliada, que teve a crueldade de ferir a deusa Venus, com a circumstancia aggravante de ter commettido tão nefando crime a favor das trevas da noite.

Os troncos dos platanos adquirem crescimento extraordinario. E' tambem Plinio quem nos conta que havia na Asia menor um platano enorme, em cujo bôjo se excavara uma gruta com 27 metros de circumferencia, onde o governador da culta Lycia offerecera um lauto banquete a dezoito amigos.

Da mesma fórma que os nossos indios fazem pirogas com os grossos troncos das nossas arvores, assim os habitantes do monte Atlas construiam com um pedaço inteiriço de platano embarcações com lotação para muitas pessoas.

Sabe-se que o celebre historiador Sallustio, cuja luxuria era proverbial, mandou edificar no monte Quirinal um palacio magnifico, que varios imperadores romanos escolheram depois para sua residencia. Este palacio era circumdado de esplendidos jardins, com alamedas ornadas de magestosos platanos.

Na familia das cupuliferas vamos nós encontrar o symbolo da força e da grandeza, o robusto carvalho, [2] que a inexaurivel imaginação dos gregos consagrou a Jove todo poderoso. Elle é natural da Europa Meridional, porém certas especies importantes do genero *quercos* parecem originarias da America do Norte. Talvez a essas

---

[1] *Platanus orientalis*. — Familia das Platanaceas, classe das Amentaceas.

[2] Genero *quercus*. Ha numerosas especies, entre as quaes o *quercus robur* é a mais notavel pela sua duração e a mais propria para construcções e obras de arte.

especies[1] referiu-se J. J. Rousseau na sua tragedia — *La découverte du nouveau monde*, quando o Grão-Sacerdote das Americas exclama:

> « *C'est ici le séjour de nos dieux formidables,*
> *Ils rendent en ces lieux leurs arrêts redoutables.* »

.....á imitação dos Druidas, ministros da religião entre os Celtas e Gaulezes, cujo cabildo se congregava sob as cómas dos carvalhos seculares, afim de celebrarem os seus mysterios e immolarem victimas humanas sobre os enormes dolmens em honra do deus Teutates.

Emulo do platano patriarcal, de que mais acima falámos, ergue-se solemne no pateo de um velho castello em Saintes (França), um curioso carvalho que tem de altura 20 metros e 9 de diametro. No tronco deste desmarcado vegetal abriu-se um vasto salão, onde podem caber 20 convivas muito á vontade. Os paramentos desta singular morada são sanefas de acinzentados lichens, descorados cogumelos e musgos de tons verdoengos. Calculou-se, feito o exame de um dos portaes desta casa viva, sagrada pela idade, que ha mais de 2000 annos existe esse adoravel ancião da natureza vegetal.

Não ha ninguem que não tenha ouvido falar nos cedros do Libano, esses filhos predilectos da Turquia da Asia,[2] « que occultam nos céus a fronte audaz », na expressão de Racine. Serviram os cedros, tão antigos são elles, para construir o templo de Salomão, cujo sitio tantos sabios archeologos ainda agora procuram debalde.

Tão duro é o lenho do cedro, quanto embebido de aroma. Os Hebreos queimavam-n'o á maneira de incenso e de myrrha; e ainda lá estão de pé, firmes e inabalaveis, derramando a sua penumbra gloriosa sobre o declive das montanhas, e atopetando as nuvens com as suas frondes legendarias, os mesmos... os mesmos cedros colendos que serviram de abrigo outr'ora aos piedosos cenobitas do Libano.

Indaguemos agora onde viu o primo raio de sol o utilitario pinheiro, universal materia da arte das construcções. Consagrado a Cybele, a Pan e a Sylvano, deidades campestres, desde as primeiras

---

[1] *Quercus alba*, *Q. macrocarpa*, etc.

[2] *Cedrus Libani*. Familia das Abietineas.

datas da creação surgiram, formando densas e amplas florestas, que se alongam para o lado Norte do Hemispherio Boreal.

No Estado do Paraná, possuimos uma conifera, pertencente ao genero *Araucaria*, commummente chamada pinheiro do Brazil, que é natural do nosso paiz e póde bem rivalizar quanto ao seu alto porte e usos industriaes com os pinheiros exoticos. Figurou na exposição internacional de Vienna d'Austria um caule da nossa araucaria, que provocou pelas suas dimensões em grossura e altura a admiração dos visitantes.

O pinheiro manso,[1] é outro reforçado athleta dos bosques. Tem a fórma de grandiosas pyramides, monumentos sempre verdes que guarnecem as cumiadas das serras e communicam pitoresco aspecto aos amenos panoramas da Normandia. O celebrado cavallo de Troia, *timeo Danaos et dona ferentes*, foi construido com o resistente alburno desta arvore: *Sectaque intexunt abiete costas*, disse o poeta.

A Hollanda disputou aos mares as suas baixas terras, ameaçadas de desapparecerem levadas no dôrso das ondas enfurecidas graças aos impenetraveis diques feitos com o lenho incorruptivel do pinheiro manso.

Ainda mais elevados do que estes e mais denodados porque affrontam as regiões das proprias gelerias, são os lariços.[2] Ahi como que governam o fundir das massas descommunaes de neve que tem de rolar mais tarde pela crista das penedias a prumo até os valles tranquillos aonde espalham nas povoações subjacentes a desolação e a ruina.

Temos tratado das arvores, das flôres que são o prefacio dos amores; falemos agora dos frutos, que são o seu epilogo, e para usar da expressão de J. J. Rousseau, constituem o summario da Natureza,

O pomo das Hesperides já occupou incidentemente a nossa attenção. Muitos outros, tantos e tantos lindos e deliciosos estão reclamando que se lhes pergunte a patria e a historia.

A figueira[3] dá frutos que são verdadeira ambrosia. Em épocas que já vão tão longe que parece jámais existiram, vegetava esta planta ao Sul e ao Occidente da Europa; porém, foi da Asia Menor que veiu

---

[1] *Abies pectinata.*

[2] *Larix europæa.*

[3] *Ficus carica*, familia das Moréas (parte do grupo das Urticeas).

primitivamente. O genero *ficus* encerra numerosas especies. Umas são cipós muito compridos, que se enroscam nas arvores seculares das matas virgens da America, estrangulam-nas imprimindo-lhes vergões indeleveis e difficultando-lhes a circulação da seiva vivificadora; outras são arvores corpulentas, que emittem raizes adventicias a partir dos mais altos galhos, raizes que se enterram no sólo, simulando outros tantos troncos que fazem corpo commum com o verdadeiro caule. Um bom exemplar destes tinhamos nessa copada figueira da estação de S. Christovão. A conveniencia do traçado da 3ª linha da Estrada de Ferro Central acaba de mutilar barbaramente esse garboso specimen. *Cedat natura progressu*, como outr'ora em Roma cedêram a toga as armas.

Estas arvores têm por patria a India, onde os naturaes consagram-lhes a maior veneração; debaixo dellas celebram os seus sacrificios, do mesmo modo que os Druidas ao abrigo dos carvalhos. E' curioso que o mesmo costume se encontre nos povos do velho e do novo continente. O susurro do vento através da folhagem, as abobadas cerradas dos cimos das arvores interceptando a claridade do sol, e as vagas sombras que passeiam mysticas ao bolir dos ramos, tudo isto convida a alma á oração, ao extasis, á contemplação das grandezas desconhecidas da fé religiosa.

Passemos a scenas mais apraziveis. A rosada roman, de que os antigos poetas lyricos tanto abusaram, comparando com ella as faces e os labios das suas Marilias e Marcias, é o fruto da *punica granatum*, familia das Myrtaceas.[1] Diz Engler que a romeira cresce naturalmente no Afghanistão, no Belutchistão, no Noroeste da India, talvez no Sudoeste da Europa, pois que nos terrenos terciarios deste ultimo continente têm-se achado restos fosseis deste vegetal. Daquellas regiões passou a romeira para o Egypto e a Palestina. No tempo das tres guerras punicas (de 264 a 146 antes de Christo), os Romanos levaram a graciosa planta de Carthago para a Italia. D'ahi lhe veiu o nome *Punica* para designar o genero e o termo trivial roman, que lhe coube na lingua portugueza. Durante as guerras punicas, não só a romeira, mas muitas outras arvores frutiferas foram-se propagando pelos paizes estrangeiros, pois no IV seculo da sua existencia era

---

[1] Hoje certos botanicos admittem-na como pertencente á familia especial das *Granataceas*.

Carthago uma potencia de primeira ordem pelo seu commercio e pela sua industria agricola; os seus ferteis campos estavam cobertos de olivaes, laranjaes, cereaes e toda a sorte de plantações uteis.

Hoje é no mundo inteiro acclimatada a romeira, cujo bello fruto acidulo e refrescante é com razão estimado tanto pela sua fórma extravagante e seu vivo colorido, como pelo seu agradavel sabôr. Agora que já vimos como

Abre a roman, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes,
.....contemplemos
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras que o nome têm de amores;
O pomo que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio.

As cerejeiras,[1] pertencentes ao grupo das Rosifloreas (Endl.), onde se aninham tão formosas flores que, no dizer de Cariot, « só o pincel de St. Jean poderia represental-as com a graça e a frescura que receberam das mãos de Deus » parece que expontaneamente só crescem na Transcaucasia.

A especie *Cerasus avium* é natural do Turkestão, da Persia, do Caucaso e da Peninsula Balkanica. O nome *Cerasus*, (em portuguez *cereja*), vem de Cerasonte, cidade do Ponto, na Asia Menor, donde Lucullo, general romano celebre pelo seu luxo, levou as primeiras cerejeiras para a sua terra.

A amoreira,[2] cujas folhas recortadas nutrem

Ce ver laborieux qui s'entoure en silence
Des fragiles réseaux filés pour l'opulence

tem por patria a China, a India, a Persia, onde a seda foi fabricada muito tempo antes da vinda de Christo. No tempo das Cruzadas, a Sicilia e a Italia aprenderam de dois monges o cultivo desta arvore; e no reinado de Carlos VII, o Victorioso, o plantio da amoreira

---

[1] *Prunus cerasus Cerasus vulgaris.*—Familia das Amygdalaceas, que são Rosaceas de um só carpello livre.

[2] *Morus alba, Morus nigra.*

tomou grande incremento e concederam-se privilegios ás manufacturas de sedas de Lyon e Tours, ainda hoje afamadas pelos seus finissimos productos. Luiz XIV e Colbert animaram muito esta industria.

Entre nós, tém-se feito varios ensaios de sericultura, taes como os do Jardim Botanico desta capital por Carlos Glasl em 1873 e em Itaguahy por Mangeon e Nicoláo Moreira em 1875. Infelizmente similhantes ensaios não lograram o desejado intento.

Em seguida, escrevamos algumas palavras sobre *o pomo que da patria Persia veiu*, o pecegueiro, [1] que é actualmente cultivado em toda a parte, offerecendo os seus frutos avelludados e tintos de um verde-roseo delicado, de cuja pennugem emana o mais subtil aroma. Esta planta primorosa é originaria da China, donde foi transportada para a Persia, que serviu para denominar o genero.

O que dizem os versos camoneanos é mesmo verdade. No seu paiz natal os pecegos são venenosos, em virtude de conterem larga dóse de acido prussico; uma vez fixados em sólo estrangeiro tornam-se innocentes e saborosos. Aos vegetaes não é applicavel aquella sentença do poeta:

Cœlum non animum mutant qui trans mare currunt.

O damasqueiro, [2] da mesma familia do pecegueiro e com elle bastante parecido, é indigena, (segundo Engler) do Turkestão, da Songoria, do Norte da China, da Dauria, da Mongolia, e encarapita-se mesmo sobre os nove mil metros de altitude do Hymalaia.

Tambem á mesma familia pertencem as ameixeiras, cujos frutos frescos ou passados são tão apreciaveis. A ameixeira cultivada, [3] é natural do Caucaso, do Talysch e do Elbrous. A sua cultura era já conhecida dos romanos no tempo de Catão. —Quanto á ameixeira selvagem, [4] é com certeza espontanea nas regiões caucasianas e na Asia Menor, talvez tambem na Europa e no Norte da Africa.

---

[1] *Persica vulgaris. Amygdalus persica.*

[2] *Armenica vulgaris*, Amygdáleas.

[3] *Prunus domestica.*

[4] *Prunus spinosa.*

Na estimada familia das Pomaceas vamos nós achar um dos mais gostosos frutos, a pera. A pereira, [1] é cultivada desde a mais alta antiguidade. Ella é um mimo dos vergeis. O velho Laertes, pai de Ulysses, e o joven Cyro dedicavam-lhe extremosos carinhos nos seus sumptuosos pomares. Por meio do enxerto, que é para os vegetaes o mesmo que o cruzamento é para os animaes, os frutos desta arvore adquirem valor inapreciavel e conhecem-se hoje variedades sem conta de pereiras cultivadas.

A falar em pera, occorre-me logo a idéa de maçan, tambem da familia das Pomaceas. [2] Parece que todas as innumeras variedades de pera e de maçan, devidas á admiravel paciencia dos fruticultores, são provenientes das duas unicas especies citadas nas notas *infra*. Visto que os generos *Malus* e *Pirus* são muito proximos um do outro, a ponto que Linneu os considerava como constituindo um só genero, a unica differença existindo na base dos frutos; bem provavel é que a pera e a maçan sejam compatriotas, porém não affins; pois não se conseguiu ainda o enxerto da macieira sobre a pereira e *vice-versa*.

Entretanto, o marmeleiro [3] enxerta-se perfeitamente em uma ou outra destas arvores. O marmeleiro não é originario da Europa como affirmam muitos botanicos, mas sim da Transcaucasia, Armenia, Asia Menor, Persia, talvez tambem da peninsula do Balkan. Segundo Engler e Duchartre, não vai mais longe pelo lado do Oeste.

Outro fruto muito conhecido é a groselha [4] Parece que os antigos não conheciam este fruto. Suppõe-se que a groselheira tenha vindo do hemispherio boreal, sobretudo da Siberia. Conhecem-se muitas especies que são proprias da America.

Sem termos a descabida pretenção de completos, temos, entretanto, percorrido o estudo historico das principaes arvores que são peças obrigatorias dos pomares da Europa. Porém, quanto differem esses pomares, geometricamente alinhados, dos nossos ferteis

---

[1] *Pirus communis*.

[2] *Malus communis*. Todas as Pomaceas são Rosaceas de ovario adherente.

[3] *Cydonia vulgaris*. Pomaceas.

[4] *Ribes rubrum*. Familia das Grossulariaceas, donde vem o vocabulo groselha. Em latim *grossulus* significa pequeno figo.

campos onde crescem desordenadamente as mais exquisitas arvores, carregadas dos mais excentricos e deliciosos frutos!

Bem rázão teve Fr. Francisco de S. Carlos em collocar no paraiso os nossos frutos para ter occasião de descrevel-os com tão bella simplicidade. «O maior merito que para nós tem o poema — Assumpção da Virgem, pondera o conego Fernandes Pinheiro, nosso saudoso mestre de literatura, é o de ser um poema eminentemente nacional; um desses poucos monumentos que nos legou a geração passada para a formação da nossa literatura.»

Descreveu igualmente com as tintas magistraes da sua fantasia os frutos faceiros do Brazil, Araujo Porto-Alegre, o vigoroso cantor do *Colombo*, «pintor brazileiro tão distincto com a palavra como com a palheta», na expressão de Castilho.

Detenhamo-nos um momento, respiremos um pouco e demos depois um passeio pelos patrios vergeis, onde os colibris pousam de flôr em flôr e as borboletas andam á cata dos ninhos do seu amor. Antes, porém, desejo ajustar mais algumas flôres ao ramalhete que formei no principio deste capitulo.

Um sabio botanico, de nóme Magnol, foi quem descobriu na Carolina (Estados-Unidos) esse lindo vegetal, a *Magnolia grandiflora*, cuja estatura póde subir até 30 metros, e cujos ramos sustentam grandes e bellas flores olentes, que todos nós conhecemos. Além desta especie existem outras, originarias do Mexico, do Japão, etc. Ao lado do nosso Museu Nacional, em S. Christovão, ha uma Magnoliacea gigantea, já respeitavel pela sua altura e antiguidade.

Reunamos á magnolia aquella flor predilecta da dama, que Alexandre Dumas Filho fez protogonista de um dos seus mais tocantes romances: a camelia, assim chamada por causa do padre Camelli, jezuita italiano, que a levou do Japão para a Italia.

A camelia [1] conta hoje muitos centenares de variedades, dotadas das mais varias côres. Opiniam certos botanicos que muitas camelliaceas são naturaes das duas Americas, nas regiões temperadas. Uma especie provém das ilhas Canarias. O certo é que

---

[1] Camellia Japonica, familia das Camelliaceas.

nos climas frescos do Brazil ellas dão-se muito bem; a prova são os esplendidos especimens de camellias que brilham nos jardins de S. Paulo e de Petropolis. E' pena que flôr tão bella não tenha aroma.

Mais uma terceira flôr, a fuchsia, para dar remate ao nosso ramalhete. A fuchsia[1] é natural do Chile, Antilhas e outros pontos da America. Pertence a uma familia, em que figuram flores notaveis pela sua graça e belleza; taes como os odoriferos epilobios e œnotherios. A fuchsia tem qualidades estimaveis: arbusto elegante magnifica folhagem, flores mimosas de cores harmonicas, cultura facil, floração duravel.

Conhecida ha mais de 70 annos, foi Lee, jardineiro de Londres, quem a vulgarizou. Estava um dos seus amigos visitando o seu jardim, quando disse:

— Tudo está muito bonito, mas não é para comparar com o que vi hoje em Wapping.

— O que viu lá de extraordinario? perguntou Lee.

— Uma maravilha, respondeu o visitante; uma planta excepcional, como jamais encontrei. As suas flores pendem na ponta dos seus ramos flexiveis; ellas têm uma côr de um bello carmezim e o seu calix é matizado de purpura e ouro.

— Vou já a Wapping; exclamou Lee. E assim o fez.

Na casa indicada viu a nova planta em uma das janellas. Entrou A dona da casa era uma pobre mulher de um marinheiro.

— Quer me vender esta planta? interpellou Lee.

— Oh! Nunca! retorquiu a mulher; foi meu marido que trouxe das Indias Orientaes. Elle já tornou a embarcar e eu prometti de lhe guardar esta flôr.

O jardineiro, tirando do bolso todo o dinheiro que tinha, insistio:

— Olhe. Aqui estão 8 guinéos.

— Já é dinheiro! observou a mulher meio convencida.

— Quer?

— Aceito.

E Lee levou comsigo a valiosa planta, promettendo á mulher do marinheiro fazer-lhe presente das primeiras mudas.

---

[1] Familia das Oenagrarias.

Cultivou-a e o primeiro exemplar que obteve vendeu por bom preço a uma dama da alta sociedade londrina. D'ahi em diante todos quizeram possuir a formosa flôr. Lee não teve mãos a medir para as encommendas e ganhou centenas de guinéos, por 8 que tinha empregado em tão feliz acquisição.

Habent sua fata flores. Foi assim que a seductora fuchsia passou da humilde janella da cabana de um marinheiro para os jardins e terraços das moradas luxuosas.

Dr. Domingos Freire

(*Continúa*)

UM ROMANCE SYMBOLISTA

A PROPOSITO DA «GIOVANNINA»
DO SR. AFFONSO CELSO

Para julgar com a isenção compativel com o nosso espirito as novas correntes literarias, e principalmente a sua repercussão entre nós, precisamos por igual fugir a qualquer fórma de preconceito, ás prevenções rotineiras, a que um pedante chamaria misoneismo, como ao enthusiasmo leviano que frisa o snobismo. Nas nossas contendas estheticas, o que mais surpreende o observador desapaixonado é como são esquecidas as mais patentes, as mais concludentes lições da historia literaria. A simples recordação do que tem sempre succedido, quando surge uma nova fórma de pensamento ou um novo molde de expressão, pareceria dever bastar para tornar-nos mais cautelosos e menos seguros em sentenciar a legitimidade ou illegitimidade das novidades que apparecem no dominio da esthetica. Não acontece, todavia, assim : e contra as multiplicadas lições da historia, mesmo contemporanea, o que quer dizer da propria experiencia, filauciosamente continuamos a decidir entre estheticas oppostas, como si dispuzessemos do futuro, como si fossemos nós, empenhados na questão com os nossos preconceitos de escolas e interesses de parcerias, quem houvesse de sanccionar as fórmas e formulas com que, em dado momento, o homem entende, para servir-me da expressão de Taine, definir-se a si mesmo. A' derrota dos que em nome do Classicismo condemnaram o Romantismo, dos que por amor do Romantismo refugaram o Naturalismo, dos que sob a influencia deste e do Realismo declararam falsa e illegitima a reacção que na poesia se chamou Parnasianismo e que no theatro e

no romance não adoptou precisamente a esthetica dos Flaubert e dos Zola, devia, entretanto, ter-nos feito mais modestos e menos presumpçosos em arvorar os nossos gostos, as nossas predilecções intellectuaes, os nossos prejuizos de escola, de grupo, de roda, em criterio dos nossos julgamentos literarios.

Não ha certamente maior puerilidade que esta nossa preoccupação de escolas literarias, que no fim de contas nos levaria a estabelecer um padrão unico para a obra d'arte, contra o qual protestam, não só o bom senso, mas a mesma historia do espirito humano. Os que em nome do Classicismo, do Romantismo ou do Naturalismo, não quizessem admirar as obras verdadeiramente bellas que cada uma das escolas contrarias produziu, desconheceriam, como diria Renan, a liberdade da inspiração, o direito do espirito de soprar onde quer, que é legitima toda a maneira de realizar o bello e que o genio tem sempre o jus de crear. Sem embargo, porém, de todas estas razões, as escolas existem, e não é possivel desconhecel-as ou negal-as. Como nada existe sem um motivo de ser, a existencia das escolas deve ser natural e explicavel.

Si a literatura é o meio pelo qual o homem se define, a pintura e a expressão de uma época, claro é que esse modo, essa pintura, essa fórma de expressão hão de mudar e variar conforme as variações e mudanças dos homens, das sociedades, dos tempos. E como ás variações de fundo correspondem variações de fórma, e ás modificações de pensamento, modificações de linguagem, cada época e pois cada sociedade e portanto cada homem, emprega uma fórma particular em definir-se. E' essa variação fatal e necessaria do homem e da definição que elle de si dá, das épocas e da pintura que de si fazem, que produz e legitima as escolas, não, segundo ingenuamente acreditam os seus corypheus, como a fórma por excellencia da representação do bello ou da realização desse ideal—tanto mais infixavel numa fórmula quanto é tão variavel como a propria humanidade—que é o sonho, a aspiração e o desespero de toda fórma d'arte, mas como uma simples e nova ou renovada fórma de expressão.

Ser social, ser humana é, porém, a condição suprema da arte, e não só não é concebivel, mas possivel, sinão assim. Uma arte si pudessemos admittir a hypothese—que apenas exprimisse o individuo, sem nenhuma influencia ou reacção social, uma tal arte seria talvez a negação da propria arte. Poderia acaso possuir eminentes

qualidades de fórma — admittindo, o que nos parece impossivel, a independencia da fórma do fundo — taes qualidades, porém, por assim dizer superficiaes e exteriores, apenas lograriam dar á obra d'arte a vida ephemera e van de uma dessas imprevistas combinações de nuvens e de côres com que o sol no poente fórma no céu quadros extraordinarios e surpreendentes. Ao mais individual, ao mais pessoal dos artistas, ao mais natural como ao mais intencionalmente despreoccupado dos interesses sociaes, não é dado não ser, embora em minimo grau, o homem da sua raça, do seu meio, do seu tempo. A' intelligencia humana é impossivel conceber e realizar alguma coisa sinão conforme aos modelos que a vida nos offerece. A arte pela arte, pois, é scientifica e estheticamente uma impossibilidade, e os seus sectarios mais convencidos, e justamente os mais notaveis, ou antes os unicos notaveis, a despeito das suas opiniões e mau grado a sua vontade, trabalham ao envez das suas theorias e intenções, não pela arte pura — coisa inconcebivel — mas pela vida e com a vida. E', portanto, desarrazoada a eterna contenda das escolas, quando não é apenas a affirmação de uma nova maneira de comprehender a vida e a arte que a exprime, em relação com a época e a sociedade do artista e pretende, em nome de um ideal dado como unico, estabelecer para a arte um canon exclusivo. As escolas são productos naturaes da evolução do espirito humano. Como taes, quasi não cabe á critica indagar do seu valor esthetico ou estabelecer preferencias entre ellas. Compete-lhe apenas, como de tudo que é um phenomeno natural, comprehendel-as e explical-as, nas suas causas, na sua genesis, nas suas tendencias, nas suas intenções, nos seus effeitos. As pretenções descabidas que por via de regra manifestam, são aberrações proprias ás convicções fortes que trazem, augmentadas pelo enthusiasmo da luta contra aquellas que declaram caducas e que vêm substituir. O valor das obras é de facto independente das escolas. Fóra destas ha como que um padrão superior da realização do bello, que liga e distingue através do espaço e do tempo as producções eminentes do espirito humano no dominio da arte e das letras. «A obra bella, diz Renan, é a que representa, em traços definidos e individuaes a eterna e infinita belleza da natureza humana.»

A mais recente, a mais em evidencia e tambem a mais illustre dessas maneiras especiaes de comprehender a vida e de exprimil-a

sob uma fórma artistica, é o symbolismo. Que é o symbolismo? Difficilimo é dizel-o com precisão. Elle proprio ainda não conseguiu definir-se, nem por uma fórmula, nem por um conjunto de obras de cuja unidade podessemos tirar uma esthetica ou uma rhetorica. Um critico official da escola, o Sr. Remy de Gourmont, é o primeiro a confessal-o e procura escapar á difficuldade por longos circumloquios.

« Que quer dizer *symbolismo?* » pergunta elle. E responde: « Si nos atemos ao sentido stricto e etymologico quasi nada; si vamos além, póde significar individualismo em literatura, liberdade da arte, abandono das fórmulas ensinadas, tendencias para o novo, extraordinario e mesmo extravagante; póde tambem significar: idealismo, desprezo da anecdota social, antinaturalismo, tendencia a não tomar da vida sinão a particularidade caracteristica, a não prestar attenção sinão ao acto pelo qual um homem se distingue de outro, a não querer realizar sinão resultados, o essencial; em summa para os poetas, o symbolismo parece ligado ao verso livre, isto é, desenfaxaido e cujo corpo joven póde mexer-se á vontade, solto do embaraço dos cueiros e dos pensos. » [1] E mais adiante: « Em summa o symbolismo é, mesmo excessiva, mesmo intempestiva, mesmo pretenciosa, a expressão do individualismo na arte. »

Não sei si estas explicações e definições dão ao leitor uma idéa sufficientemente clara do symbolismo. A falta de concisão e precisão, têm ao menos a vantagem da vastidão. Com effeito, em sua largueza abrangem muito; por isso quando neste estudo falar de symbolismo e symbolistas, comprehenderei debaixo desta denominação nephelibatas, esthetas, mysticos, decadistas e quantos caibam no que se convenciona chamar largamente « as novas correntes literarias. » Porque, de facto, desde que como appellido de escola literaria ou artistica, a palavra symbolismo não significa apenas a « arte de personificar uma idéa, em um ser humano, em uma paizagem, em uma narração », mas abrange as manifestações mais dissimilhantes da arte do dia, comtanto que se proclamem independentes, podemos sob a sua bandeira arregimentar todos aquelles escriptores ou artistas. Qualquer que seja, porém a

---

[1] *Les Nouveaux Venus. Qu'est-ce que le symbolisme*, na *Revue des Revues*, 15 de janeiro de 96.

definição do symbolismo, o que me parece um dos seus signaes distinctivos é ser uma reacção contra o realismo e o naturalismo. Reacção consciente e como quer que seja systematica em uns, e inconsciente em outros; em ambos os casos, porém, producto natural da evolução espiritual deste momento historico.

O movimento idealista, que succede á reacção positivista — e cumpre tomar aqui este termo no seu mais largo significado — é incontestavel. Literaria e artisticamente o symbolismo é a sua fórmula, o que de si só basta para assentar-lhe a legitimidade. Esse movimento idealista póde ser ephemero, e, em certas das suas manifestações, como o mysticismo religioso, o néo-christianismo, o occultismo e suas varias fórmas morbidas, creio que o será, mas nem por isso deixará de ser um dos élos da cadeia da evolução progressiva da nossa especie. Haverá significado um impulso a mais a favor della, e a fórmula esthetica correlativa, merece pois a nossa attenção e o nosso apreço.

O individualismo é tambem um dos seus signaes, não sómente esse individualismo que o Sr. Brunetière erradamente confunde com o egoismo, e que increpa como um crime social aos escriptores das novas escolas, mas um individualismo impregnado até a medulla, nos seus mais eminentes representantes ao menos, das mais altas e mais generosas aspirações sociaes.

Entre as differentes fontes donde decorre o symbolismo, contam-se o movimento pre-raphaelista inglez, a propaganda ruskiniana e o wagnerismo. Si o primeiro é principalmente artistico, o que caracteriza e distingue e ennobrece a obra do grande John Ruskin, seguramente uma das mais bellas do seculo, é o profundo sentimento social que a anima. Igual sentimento, casado, como o de Ruskin, ao mais alto idealismo é, tambem, segundo o Sr. Houston Chamberlain, no conceito da propria critica alleman o mais competente dos wagneristas, o caracter fundamental da obra do mestre de Beyrouth. E Wagner é, como se sabe, um daquelles que os symbolistas proclamam « *signore duca e maestro* », traduzindo, explicando e commentando-lhe as obras. Por seus, reconhecem elles tambem a Ibsen e Bjœrsen e, a certos respeitos, a Tolstoi e outros escriptores eminentemente socialistas, isto é, preoccupados da questão social, alguns mesmo socialistas revolucionarios, pregadores do individualismo anarchista. Nos cenaculos em que se faz e prega,

em França, a arte nova encontram-se os Jean Grave, os Octave Mirbeau, os Sebastião Faure, os Feneon, os theoricos desta ultima doutrina. E si todos os novos não são precisamente socialistas, no sentido em que usei esta palavra, a todos preoccupa, mais que ao puro naturalismo e ao parnasianismo, a dôr humana e todos são influenciados pelo movimento idealista, que é uma resultante do movimento de idéas e do conflicto de factos da segunda metade do nosso seculo. Mysticos ou naturalistas,—que os ha de uma feição especial, classica, como Pierre Louys, o autor de *Aphrodite* e, a certos aspectos, Gabriel D'Annunzio — catholicos ou neo-christãos ou atheus, meros esthetas ou revolucionarios tambem, são todos mais ou menos filhos desse movimento e o representam cada um a seu modo, no dominio das artes e das letras. E' mesmo este facto, poder-se-ia dizer, a prova mais evidente, si de prova carecesse, da existencia da reacção idealista.

Nas novas correntes literarias, porém, é sem duvida o symbolismo, tomado no seu sentido vulgar, o facto caracteristico. « O symbolo poetico, segundo a excellente definição do Sr. Brunetière, é uma ficção concreta, figurada, plastica, mobil e colorida, si é possivel assim dizer, animada de vida propria, pessoal, independente, capaz, si preciso fôr, de bastar-se a si mesma, de organizar-se e desenvolver-se, mas uma ficção em « correspondencia » completa com um sentimento ou uma idéa a que serve de envolucro. » Justamente é esta intenção, este processo de arte que é facil descobrir, e tem sido frequentemente mostrado, não só na obra toda de Wagner, mas em obras de Tolstoi, de Ibsen e de Bjœrsen e dos seus imitadores e discipulos, assim como em D'Annunzio e os novos italianos. E' ella que domina a obra poetica de Henri de Regnier, toda a obra do belga Maeterlinck, cujos dramas são todos verdadeiras allegorias, e mais perto de nós a de Eugenio de Castro.

A's pretenções do symbolismo assim concebido já se oppoz que toda a poesia viveu sempre dos symbolos e que toda ella é symbolica, como ao naturalismo, segundo nota um critico, se havia objectado que a imitação da natureza foi sempre o fim de toda a arte. Isso não tira que o symbolismo seja, como foi o naturalismo, uma coisa nova, porque de facto novo não é o que nunca existiu, mas o que foi refeito sob novo aspecto, por nova fórma, com um

novo fim. E é o caso do symbolismo que, como toda nova doutrina d'arte, tem a sua fórmula esthetica, a sua rhetorica, e seu ideal.

Qual será a sorte do symbolismo, não sei dizer. Que é um facto natural, como uma reacção contra os exageros do naturalismo e o esgotamento do parnasianismo: que corresponde a um movimento social, de que procura reproduzir as diversas correntes e aspirações, julgo ter mostrado. Como todas as escolas, esta tem sido victima, não só das aberrações inherentes a qualquer movimento espiritual no seu periodo de apostolado, como dos mediocres que, apenas percebendo della a parte externa e artificial, — os titulos arrevezados, o abuso das maiusculas, as preoccupações pueris de typographia, as ridiculas transformações e disfarces dos proprios nomes, a intemperança de metros e fórmas metricas em antagonismo completo com a prosodia e o genio da lingua—reduzem a um neo-gongorismo uma forte e vasta corrente literaria que visava porventura trazer para a arte, com o individualismo, uma maior liberdade de manifestação do artista, com as preoccupações sociaes, um maior sentimento da solidariedade humana e com o idealismo, um novo esforço em favor do progresso indefinido da nossa especie.

JOSÉ VERISSIMO

(*Continúa*)

A SOCIEDADE NOS ESTADOS UNIDOS

E' vulgar dizer-se que nos Estados Unidos o dinheiro tudo prima e em tudo apparece, e de facto assim é, mesmo pela razão muito simples de que o dinheiro aqui existe em maior quantidade e sobretudo em maior proporção do que em qualquer outra parte do mundo. Apezar dos esforços, da *vontade* de fugir ao contacto materializador da fortuna, que alguns espiritos podem revelar, a fortuna surge a cada momento como a base da vida mundana, a razão de ser de elevação politica, o motivo, thema e objecto de todo o desenvolvimento nacional. O espirito refugia-se, é verdade, nas locubrações meramente intellectuaes de que são theatro as livrarias e as universidades: porque até nos gabinetes dos inventores elle põe-se ao serviço da riqueza, cujo naturalismo se descobre constantemente e offusca o idealismo das doces e desinteressadas paixões literarias.

Porque toda a agitação da passada e memoravel campanha presidencial? Pela dissidencia entre o mono e o bi-metalismo, os partidarios do dinheiro caro e os do dinheiro barato, os defensores dos monopolios e syndicatos e os que são ou dizem-se representantes das ambições, sinão cobiças das massas operarias. Porque a divisão entre republicanos e democratas? Por causa da tarifa, que os primeiros querem de protecção ás industrias nacionaes e os segundos como simples meio de obviar as despezas do governo — Porque é Fulano senador ou Sicrano diplomata? Porque Fulano ganhou alguns milhões nas minas ou em uma empreza de caminhos de ferro, ou como advogado de *trustes* e *corporations* e teve a vaidade de querer figurar na politica; porque Sicrano embolsou outros tantos milhões

editando um jornal de noticias de sensação e declamações partidarias, que pôz habilmente e com felicidade ao serviço de um dado candidato á Presidencia — Beltrano dá um baile esplendido na sua galeria forrada de gobelinos trazidos de um altaneiro castello francez, no meio de massiços de orchideas e de rosas que valem dois dollars cada uma? Quem é Beltrano? Um inventor do genio, ou um audaz pioneiro do Oeste, ou um lançador de cabos submarinos, sempre um *self made man* enricado pelo seu trabalho e, não esqueçamos, pela sua intelligencia.

Bourget insistiu, a meu ver com grande acerto, na somma enorme de talento de que precisa dispôr o creador de uma dessas fortunas colossaes que são a fabula do mundo e o orgulho dos Estados Unidos. Custa pelo menos tanto valor mental edificar a fortuna de Jay Gould como escrever a *Comedia humana* ou a *Historia Romana*, trabalhar como Balzac ou como Mommsen. A nós, comtudo gente de outra raça posto que do mesmo continente, e bem assim aos europeus, sobretudo latinos sorri e enleva certamente mais o espectaculo de florescencia literaria que o de expansão industrial e commercial. Peccamos nisto contra o bom senso, mas não ha duvida de que mostramos mais gosto e mais refinamento. Na luta pela vida nos valerá de pouco o requinte: todavia é origem de gozos incomparaveis, de um beatitude espiritual que nada póde pagar e a que nada é comparavel.

A sociedade americana, com ser realista, não é rude. Tomada em geral, exhala um perfume de honestidade, de singeleza e de capacidade que devemos invejar. Tomada no sentido restricto de boa roda, de circulo mundano, apresenta especimens variados e interessantes, sempre dignos de nota. Affirma-se que a sociedade mais distincta, das mais nobres maneiras dos Estados Unidos era a do Sul, *ante-bellum*, como costumam aqui referir-se ao periodo que precedeu a guerra de Secessão. Mrs. Beecher Stowe e outros autores familiarizaram-nos com aquelles plantadores desperdiçados e com aquellas senhoras dengosas, em quem a energia da raça parecia ter diminuido, afundando-se num desdobramento de sociabilidade. Essa sociedade empobreceu e dispersou-se, e foi substituida por outra, de gente que para alcançar fortuna e posição, fiava-se mais no proprio braço do que no braço do escravo. A nova sociedade podia ser menos cultivada, menos requintada, mas tambem ser mais forte e mais creadora

Ella forneceu aos Estados Unidos a feição geral que hoje o domina de uma plutocracia fundada muito mais na recompensa do esforço individual do que no méro acaso, em que o trabalhador tem autonomia e consciencia, e espera melhorar de condição, tendo diante de si o exemplo do seu patrão, ou antes do seu camarada de hontem; de uma collectividade com robustez porque tem fe, fé em Deus e fé em si proprio.

A convivencia social é um traço generalizado em todos os Estados-Unidos, porém em parte alguma exerce-se ella mais systematicamente e com mais preoccupação do bom gosto do que em Washington, cidade que atrai as elegancias e as fortunas dos estados para fazel-as brilhar perante o mundo official e o mundo diplomatico. Póde por isso dizer-se que Washington encerra a sociedade mais selecta do paiz: ainda que não sociedade no sentido europeu, limitada, exclusiva, *triée sur le volet* ou que se suppõe tal, porque *a sociedade* da capital americana compõe-se sem exagero de toda a sua população branca. Nas noites de recepção na Casa Branca sete ou oito mil pessoas, de ambos os sexos, desfilam diante do Presidente da Republica e esposa, da esposa do Vice-Presidente e das *ladies of the cabinet* ou esposas dos secretarios do Presidente. E' o aperto de mão elevado á maxima potencia. Nas recepções semanaes dos membros do gabinete, dos senadores federaes e dos ministros estrangeiros comparecem os conhecidos e os não conhecidos, acotovellando-se, imprensando-se sem piedade. Para escapar ao supplicio, por si e por seus amigos, é preciso que geralmente as senhoras escondam o dia em que costumam receber suas visitas, revelando-o apenas aos intimos. De certo que nem todas as festas assumem tal aspecto. Os jantares, os saraus, todas aquellas para os quaes se torna preciso convite especial, fogem por sua natureza a similhante ampliação democratica. Nem creio que em lugar algum dos Estados-Unidos, nem mesmo em Nova York, seja tão evidente como em Washington a influencia dos costumes europeus.

E' uma historia curiosa, essa do fluxo e refluxo da influencia moral, européa sobre a America do Norte, americana sobre a Europa Occidental. Nos fins do seculo XVIII e principio do actual a influencia dos Estados Unidos foi inquestionavel. Os toscos sapatões e as meias de lan de Franklin contrastando com as sedas e velludos de Versalhes fizeram quasi tanto para a revolução como as

apostrophes de Mirabeau. Sobreveiu a agitação européa determinada pelos acontecimentos de 1789. Foi o tempo dos enthusiasmos jacobinos de Monroe, embaixador em Pariz, a que Washington applicou uma ducha fria, negociando o tratado Jay com a mesma Inglaterra com que Monroe, presidente, se entenderia, para repellir da America as tentativas de intervenção absolutista e recolonizadora. Após o periodo absorvente de Napoleão, quando ao ruido das batalhas succedeu o florescer das instituições parlamentares no occidente europeu, encontramos de novo a influencia americana em acção, inspirando no seu apogéo a obra classica de Tocqueville (1835) e em seu declinio o conhecido trabalho de Laboulaye (1855-66). Como acontece com a sombra dos que caminham do equador para os polos, as sombras da democracia entraram a alongar-se á medida que dos rubros enthusiasmos os espiritos foram passando para as frias decepções. A infallivel concepção dos regimens populares, os proprios progressos industriaes e scientificos da Europa, os ciumes da ascendencia crescente da Republica anglo-saxonia no Novo Mundo reduziram a muito menores proporções a prévia admiração fanatica pelos Estados Unidos, que por seu turno entraram a beber no velho continente o amor da antiguidade, a paixão pela tradição, traços muito finamente observados por Paulo Bourget entre as classes cultas da America.

Não poderei fixar em que grau, mas estou convencido de que esse respeito pelo passado contribuiu em boa parte para o desenvolvimento da philantropia, não por certo a das doações magnificas — que para estimular basta a noticia dos soffrimentos physicos—, mas a das dedicações heroicas por motivos conscientes e razoaveis, que não são, como os de outr'ora, superiores ás idéas humanas e cabem dentro das exigencias da natureza. Este genero de philantropia, que é a verdadeira caridade christan sem mysticismos pouco em harmonia com a época, é hoje geralmente muito menos commum: comtudo Th. Bentzon fornece-nos admiraveis exemplos della nos seus estudos de mulheres americanas, mais uma vez demonstrando que os Estados Unidos não são *exclusivamente* o paiz do dinheiro, no qual todos falam, mas o paiz de um esperançoso desabrochar da especie, fortalecido por um alicerce—que o rejuvenescimento catholico americano procura incessantemente firmar e que já se esboça — entre a riqueza e a virtude, entre o capital e o trabalho; o terreno fertilizado pela

actividade, que se traduz em ouro, e donde brotam algumas flôres inapreciaveis de civilização.

A mulher tem sido um grande factor, o mais importante talvez, desta transição, desta educação moral. Sobra-lhes para isto o tempo, que aos homens escasseia na caça ardua da fortuna. Em qualquer reunião americana, sobretudo de dia, predominam em numero as senhoras, que os maridos e pais estimam ver brilhar e distrairem-se, mesmo quando elles estão occupados nas suas tarefas, longe de acorrental-as, como o commum dos maridos e pais brazileiros, aos seus prejuizos e aborrecimentos. No seu romance *Agareno* em via de publicação nesta *Revista* o Sr. Coelho Netto estuda com a justeza de observação e delicadeza de execução que lhe são peculiares, esta nossa pecha nacional, que tanto difficulta o intercurso social.

Verdade é tambem que não possuimos vida de sociedade. A abolição da escravatura difficultando extremamente o serviço domestico e acarretando o empobrecimento de numerosas familias de tratamento, a par da crescente carestia da vida, e a mudança da fórma de governo trazendo o desassocego e pondo em choque a intolerancia das opiniões, acabaram de todo com a convivencia mundana que os costumes patrios já não animavam muito, e que as reuniões nas confeitarias da rua do Ouvidor de ha longo tempo andavam minando.

Nos Estados Unidos igualmente o serviço domestico é difficil, além de carissimo; os serviçaes americanos distinguem-se pela insolencia, os estrangeiros pela exigencia. D'ahi o enorme augmento dos hoteis. Quer em casas proprias, porém, quer em hoteis, os americanos visitam-se, convivem, trocam impressões e idéas, habituam-se a considerar as questões com mais clareza e as opiniões com mais tolerancia. Tolerancia, amenidade de trato, cordialidade de relações, intelligencia de visão espiritual, *cultura*, eis o que em ultima analyse produz a sociabilidade, segundo o provam os Estados Unidos.

As festas officiaes podem ser modestas, *a vida de côrte* não existir, a sociedade ser demasiado aberta ou as preoccupações de riqueza nella eclipsarem o puro intellectualismo — aquelle effeito salutar denuncia-se claramente, faz o seu caminho, eleva o nivel de civilização do povo, dá-lhe fóros de nação não só forte como pensante.

OLIVEIRA LIMA

OS NOSSOS ACADEMICOS

Já que a nossa literatura de ficção está condemnada a não traduzir sinão excepcionalmente a vida nacional, vista sempre através do exotismo das nossas leituras, alarguemos ao menos o campo de nossas investigações para além das fronteiras de Paris, chamada ironicamente *cidade-facho* em uma revista [1] cujo director, o Sr. Valentim Magalhães, (e parece-me que a frase é mesmo sua) é o mais submisso escravo da capital franceza, que lhe imprimiu no espirito desde a sua eclosão o gosto por essa garridice espiritual que fragmenta a intelligencia em raios divergentes, rebeldes á concentração sobre um sério e unico objectivo de Arte. Revelou-se o Sr. Valentim Magalhães na faculdade de direito de S. Paulo ao tempo em que florescia ali uma brilhante geração de talentos, como Raymundo Corrêa, Assis Brazil, Silva Jardim, Lucio de Mendonça, etc., entre os quaes se distinguia pela sua vivacidade risonha e combatividade irrequieta, a esfusiar na imprensa e na tribuna academicas.

Desde então trabalha o Sr. Valentim sem tregua, mas tambem sem methodo, produzindo obras e escrevendo artigos e chronicas, para uma infinidade de jornaes, a começar pela *Gazeta de Noticias*, cuja redacção, em carta collectiva, solicitou a sua collaboração quando aqui chegou de S. Paulo com a sua carta de bacharel em direito. Estreando com os opusculos *Idéas de moço* e *General Osorio*, escriptos de colloboração com Silva Jardim, publicou em seguida um volume de versos — *Cantos e Lucias* (1879) e o poemeto *Colombo*

Veja a *Revista* de 15 de março.

[1] *A Semana*.

e Nenê, (1880) editado pela *Gazeta do Noticias*. Como novellista surgiu nos *Quadros e Contos* em 1882 e como polemista bateu-se com o Sr. Sylvio Roméro escrevendo as *Notas á margem* dos *Ultimos harpejos* e a chronica quinzenal *Notas á margem*, da qual sairam 7 fasciculos em 1888. Neste mesmo anno publicou um volume de chronicas e fantasias, *Horas Alegres*, e no anno seguinte um trabalho de critica *Escriptores e Escriptos*. De collaboração com o Sr. Filinto de Almeida traduziu *El Gran Galeoto* de Echegaray (1884), com o Sr. H. de Magalhães escreveu a *Vida de seu Juca*, parodia á *Morte de D. João* e com o Sr. Alfredo de Souza *Ignacia do Couto*, parodia á tragedia *Ignez de Castro* (1889). Em 1895 e 1896 publicou as miscellaneas literarias *Philosophia de Algibeira* e *Bric-à-brac*.

Esta simples enumeração, á qual escapa uma profusão enorme de trabalhos esparsos em jornaes e revistas, fala muito eloquentemente em pról da extraordinaria actividade do Sr. Valentim Magalhães, que ainda tem tempo para ser professor, advogado, director de companhias, etc. Um dos melhores empregos da sua actividade literaria foi a fundação da *Semana*, a bella revista que manteve galhardamente durante largo espaço e em que collaboraram os melhores rapazes de letras, marcando uma phase de bom e copioso trabalho intellectual. Tempo depois, de novo encetou o Sr. Valentim a publicação da *Semana* para de novo deixal-a desapparecer em 1895, tendo tido, como da primeira vez, o concurso das melhores pennas brazileiras e servindo de campo de estréa a muitos talentos noveis. Para julgamento de sua individualidade deve-se computar estes esforços em prol das letras nacionaes, que já lhe devem todo o trabalho e todo o talento despendidos nas obras acima citadas, algumas das quaes, devo confessal-o, pertencem ao numero dos *peccados literarios* que poucos escriptores deixam de commetter e que na obra do Sr. Valentim são infelizmente bastante numerosos. Grande parte dos seus trabalhos poderia ter a epigraphe de um de seus livros — *Bric-à-brac*. Esta obra, a *Philosophia da Algibeira*, as *Horas Alegres*, suas parodias e muitos outros escriptos são producto desse dilettantismo incoercivel que quasi o inutilizou para os trabalhos de folego e lhe tem attraido as censuras da critica, inclusive as dos seus mais intimos amigos. A essas accusações sómente offerecem resistencia apreciavel os *Quadros e Contos*, *Vinte Contos* e *Escriptores e Escriptos*. O seu ultimo livro *Flor de Sangue*, o primeiro romance que produz, não

o consagra romancista, ao contrario do que confiadamente se esperava do seu talento tão descuidosamente desperdiçado em centenas de paginas que não lhe sobreviverão um dia. Era dever seu responder aos reparos dos amigos e aos doestos dos desaffectos com um livro solidamente architectado, sériamente meditado e conscienciosamente escripto; mas, ao envez disto, saiu-nos elle com um romance escripto sobre o joelho e como tal inçado de defeitos graves quer de fundo quer de fórma. Em *Flor de Sangue* se revelam a cada instante os descuidos fataes em uma obra que, segundo confessa o proprio autor em seu prefacio, foi composta dia a dia, á proporção que ia sendo impressa, sendo necessario dar epigraphes aos capitulos (e que epigraphes!) para orientar-se no desenvolvimento da acção. Mas a despeito desses processos de composição, cujos resultados podem ser apreciados como *tour de force* mas nunca constituirão uma obra d'arte; a despeito da irreflexão com que foi elaborada, dando lugar áquella singular e imprevista errata, contém a *Flor de Sangue* paginas elegantemente traçadas, scenas bem observadas e typos bem estudados, de envolta com as incoherencias, as velharias, as impropriedades e os gallicismos que lhe infestam a fórma e o fundo, despojando-a do lugar de honra que poderia occupar em nossas letras. [1]

Ao pé deste escriptor que não se libertou do dilettantismo, apezar do avultado numero de suas obras, apresento um dilettante que se affirmou escriptor apenas com duas obras. Falo do Sr. Garcia Redondo, que em meio das suas lides profissionaes, como engenheiro distincto que é, tem consagrado ás letras uma pequena porção do seu tempo, e com tanto aproveitamento o fez que a Academia o

---

[1] Do Sr. V. M. publicou a *Revista*, em 15 de dezembro de 1896, *Prefacio a um livro de versos*. Os Srs. Machado de Assis, Visconde de Taunay e Affonso Celso, de quem se occupou o nosso collaborador no seu precedente artigo sobre os « nossos academicos » tem na *Revista* o primeiro *Uma noite*, conto (fasc. de 15 de dezembro de 1895), *Henriqueta Renan* (1 de outubro de 1896) e *Não consultes medico* (15 de dezembro de 1896); o segundo *Um literato argentino, D. Garcia Merou* (1 de março e 1 de abril); *O padre José Mauricio* (15 de novembro e 15 de dezembro de 1895, 15 de janeiro, 15 de fevereiro, 15 de março e 15 de outubro de 1896 e 1 de janeiro de 1897); *Um soneto celebre* (15 de dezembro de 1896) e *Memorias do Segundo Reinado* (1 de março de 1897) e o Sr. Affonso Celso *Giorannina* (1 e 15 de abril, 1 e 15 de maio, 1 e 15 de junho e 1 e 15 julho de 1896) e *Oito Annos de Parlamento*, em publicação. (15 de janeiro, 1 e 15 de fevereiro).

chamou para occupar uma de suas cadeiras. Nascido em 7 de janeiro de 1854, seguiu em 1862 para Portugal e fez o curso de humadidades em Coimbra, ao lado de Gonçalves Crespo, João Penha, Guerra Junqueiro, Silva Ramos, Macedo Papança e outros vultos daquella pujante geração academica.

Voltando ao Brazil, matriculou-se em nossa Escola Polytechnica concluindo o curso de engenharia em 1876. Collaborou activamente na imprensa diaria desta capital e na de S. Paulo e tem publicado grande cópia de opusculos sobre engenharia, agricultura, sciencias naturaes, etc. As duas obras que o consagraram escriptor são os *Arminhos*, delicada collecção de contos, e as *Caricias*, um punhado de notas intimas em que a sua vida affectiva perpassa suavemente esboçada em paginas deliciosas como os afagos que lhe dão o nome. Muitas novellas artisticamente elaboradas tem publicado esparsamente na *Semana*, *Gazeta de Noticias*, etc., que certo enfeixará em novos volumes, successores condignos das *Caricias*.[1]

Inferior em quantidade é a lista bibliographica do Sr. Domicio da Gama, autor de uma unica obra—os *Contos á meia tinta*. A sua pouca fecundidade está felizmente na razão inversa do valor dos seus trabalhos, como se verifica dos *Contos á meia tinta*, onde a finura da observação e a elegancia da frase traem um pulso firme de escriptor feito, de estylista senhor da sua arte. Ha muito que segue a vida errante de correspondente de jornaes e accidentalmente diplomata, fazendo-se lembrar de quando em quando por formosos artigos, dos quaes tem esta *Revista* estampado alguns sobre a vida americana, bellas artes, etc.[2]

Tem biographia muito similhante este outro academico diplomata, o Sr. Salvador de Mendonça, autor tambem de uma unica obra original, o romance *Maraba*, publicado ha muitos annos. Com o Sr. José Carlos Rodrigues trabalhou em Nova York no *Novo Mundo*, bella revista illustrada em portuguez, fundada por este illustre jornalista. Para muitos orgãos da nossa imprensa escreveu assiduamente o Sr. Salvador de Mendonça, a quem se deve excellentes traducções,

---

[1] Garcia Redondo tem na *Revista* de 1 de novembro de 1896 um artigo *A Flor da Resurreição* e na de 1 de janeiro uma nota *Um Pretenso Plagio*.

[2] Veja na *Revista* de 1 de outubro de 1895 *Uma Nota da America* e na de 15 do mesmo mez *A Exposição de Bellas Artes*.

coma seja a da famosa *Mlle. de Maupin* de Gauthier, para a qual escreveu alentado e scintillante prefacio. Traduziu tambem *La retraite de Laguna* do Sr. Escragnolle Taunay, popularizando assim essa obra magistral, que por ser escripta em francez celebrizou-se na Europa antes de ser conhecida em nosso paiz. Longe da patria ha muitos annos, segregado dos companheiros de lutas literarias e todo entregue aos pesados encargos de representante diplomatico do Brazil perante o governo dos Estados Unidos, o Sr. Salvador de Mendonça teve que relegar a literatura para o segundo plano da sua actividade intellectual, consagrando-lhe apenas os parcos momentos que as funcções do seu cargo lhe deixavam livres.

A mais intransigente vocação literaria tem que ceder ás contingencias do nosso meio, convencendo-se mais cedo ou mais tarde, conforme a resistencia de animo de cada um, de que ainda vem longe o dia em que entre as demais profissões figure a profissão literaria. Emquanto não chega esse dia longinquo, toda a nossa literatura será trabalhada em *horas vagas*, isto é, quando o cansaço de outros labores já nos tem derreado o corpo e estragado a sensibilidade nervosa. Alguns abnegados ha que affrontam todos os obstaculos e, como por milagre, conseguem viver do que produz sua penna, muito embora abastardando-a ás vezes na elaboração de trabalhos de pura fancaria. Ninguem mais isento desta pecha do que o Sr. Coelho Netto, que, com raros e breves desvios, tem vivido sómente para as letras. Esta inquebrantavel dedicação tem produzido resultados verdadeiramente assombrosos, pois os livros do Sr. Coelho Netto se succedem com uma rapidez de mutações de magica.

Tendo ao serviço da sua actividade quasi inverosimil uma portentosa imaginação, elle conta, ainda em pleno verdor dos annos, um numero de obras superior ao espolio de muitos dos nossos mais antigos e mais fecundos escriptores. Dá-se na individualidade literaria do Sr. Coelho Netto um conflicto perenne entre o fantasista e o observador, conflicto em que aquelle leva sempre a palma sobre este. A fantasia é com effeito a força dominante do seu talento; sobre as suas figuras e paizagens de desenho o mais real elle espalha prodigamente o colorido fantastico do seu estylo vehemente até a emphase e caprichoso até o bysantinismo. Em *Balladilhas*, *Rhapsodias*, *Rei fantasma*, *Fructo prohibido*, *Miragem* e *Inverno em Flôr*, a fantasia predomina soberanamente; em *Capital Federal*, *Bilhetes Postaes*, *Sertão* e

Agareno (começado a publicar nesta *Revista* e não concluido ainda) a observação predomina, mas sempre enfeitada com as galas esvoaçantes da fantasia. Quando elle imagina simplesmente torna-se mystico, e pantheista quando observa, pois os seus personagens ou são figuras biblicas movendo-se a suggestões divinas ou são joguetes da Natureza arrastados na fatalidade das coisas. E' como fantasista que o Sr. Coelho Netto tem produzido o que ha de melhor em sua obra, trechos e novellas de finissimo lavor artistico, de concepção galante ou meiga, a desafiar a inventiva magica de Catulle Mendés.

Recolhendo-se de suas excursões de exotista apaixonado, excursões tão longinquas que o levam frequentemente ao Eden, de onde nos traz novas ás vezes bem picantes de Adão e de Eva, o Sr. Coelho Netto embrenhou-se ultimamente pelo nosso sertão e de lá trouxe o livro a que deu o nome commum dessa região. *Praga, O enterro' Tapera, Firmo, o vaqueiro, Céga* e *Os velhos* taes são as novellas que constituem este volume, todas ellas traduzindo assumpto de vida campestre, mas com uma tal mescla de fantasia que a gente é obrigado a dizer do seu *sertanejismo* o que Heine, porventura injustamente, disse do lyrismo de Hugo: —*forcé et faux*.

O titulo *Sertão* requereria, a meu ver, mais justeza de traços e mais *côr local* nas tintas, que não póde possuir quem só tem da natureza remotas lembranças de infancia, com as quaes pretende fazer obra do fundo discreto do seu gabinete. [1]

Verdadeiros quadros de vida rural dá-nos, por exemplo, o Sr. Inglez de Souza no *Missionario* e nos *Contos Amazonicos*. Nesses trabalhos do seu illustre confrade encontrará o Sr. Coelho Netto scenas palpitantes de verdade, de uma singeleza forte e dominadora pela sua flagrante sinceridade. Não narra nem descreve assim quem quer, mas sómente os que de perto vêem e observam as figuras e os scenarios, para poder, como o Sr. Inglez de Souza, dar á acção da novella a verosimilhança perfeita, a inilludivel naturalidade, o que não implica a authenticidade absoluta, pois que a missão da Arte não é dar-nos reproducções photographicas, sinão uma representação sabia e subtil

---

[1] Veja na *Revista* do Sr. Coelho Netto *A Tapera* (fasciculos de 15 de fevereiro, 15 de março, 1 de abril, 1 e 15 de maio de 1895); *Cancioneiro* (15 de fevereiro de 1896); e o romance *Agareno*, em via de publicação (1 de junho, 1 e 15 de julho, 15 de outubro, 1 de novembro e 1 de dezembro de 1896 e 15 de janeiro e 1 de fevereiro de 1897).

das coisas, comtanto que nos desperte a emoção da verdade, o *frisson du vrai*.

Esta emoção acompanha agradavelmente a leitura das producções do Sr. Inglez de Souza, as quaes, além do valor intrinseco do fundo, têm qualidades de fórma que denotam no autor a posse de um estylo simples mas terso, facil, seguro e, sobretudo individual, seu.

A conquista de um estylo proprio tem para o escriptor uma importancia decisiva, pois descortina-lhe uma directriz em cujo transcurso não desperdiça esforços, como acontece a alguns literatos que se exhaurem a doudejar através de um labyrintho de estylos sem conseguirem jámais attingir a integração de uma individualidade distincta.

Essa indecisão prejudicial limita-se ás vezes ao periodo imitativo que atravessam quasi todos os escriptores noveis, após o qual a personalidade se revela seguindo as impulsões do proprio temperamento. Estimo que esteja neste caso o Sr. Pedro Rabello que em sua collecção de contos — *Alma alheia* pagou o seu tributo á imitação, deixando-se influenciar sensivelmente por alguns dos nossos escriptores de nota, como o Sr. Machado de Assis, o Sr. Coelho Netto, etc., quando no livro de versos com que estreou — *Opera lyrica*, já havia dado mostras de inspiração espontanea e propria. Nos seus contos, cujo titulo coincide com o alheiamento da propria alma, actuaram a tal ponto as suas faculdades mnemonicas que a suggestão extranha instante, quer na adjectivação, quer no amanho da frase, quer na se trai a cada contextura inteira da peça.

Esgotada aqui a lista dos escriptores de ficção da Academia, passo a bosquejar a silhuêta dos seus poetas, começando pelo Sr. Olavo Bilac, a mais brilhante organização literaria da actual geração brazileira. E' um poeta de raça, com uma inspiração fogosa e larga, ao serviço de um temperamento eminentemente artistico. Lyrico por excellencia, é o sensualismo a sua nota predominante. Estreou com um livro de versos — *Poesias*, revelando-se poeta de primeiro plano, quer pela belleza forte das suas concepções, quer pela correcção primorosa da sua metrica. Parnasiano requintado, o seu verso pompeia todo o scintillante filigranado que distingue essa escola, sem faltar-lhe porém jámais uma intenção sentimental ou philosophica que faça fundo ao seu luxuoso revestimento. Ha nas *Poesias* composições de perfeição inexcedivel, de uma concepção delicadissima e de um primoroso acabamento metrico.

Quando lancei acima a proposição de que o Sr. Olavo Bilac é a mais brilhante organização literaria da nossa actual geração, não o uncarei sómente o poeta, que outros temos de valor igual, mas tambem como o delicado prosador das *Chronicas e novellas* e todas suas scintillantes fantasias e folhetins que espalha ás mancheias pela imprensa diaria e na *Bruxa*, que redige quasi inteira.

Um humorismo da melhor especie, pois que nunca despe as louçanias da frase, possue o Sr. Bilac em alta dose, e delle estão cheias as suas chistosas chronicas e versalhada faceta. Nestes ultimos tempos o chronista ligeiro e o versejador humoristico têm predominado grandemente no Sr. Bilac sobre o poeta, a julgar do que registra a publicidade; e pelo que é logico inferir de tão prodiga dispersão de talento, a musa do Sr. Bilac não lhe tem merecido os ferverosos desvellos de outr'ora... Mas bem póde ser que seja sómente apparente esse abandono e que o nosso bello artista do verso esteja a burilar caladamente novos primores com que pretende brindar a poesia nacional.

Ha entre os Srs. Bilac, Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira um certo *ar de familia* bem pronunciado, muito embora a diversidade do temperamento lhes imprima feições relativamente distinctas quanto ás fórmas da inspiração. A similhança é mais de natureza esthetica e se faz sentir na quasi uniformidade de processos metricos que se nota entre os tres, cada qual mais esmerado na cinzelura do verso.

O Sr. Raymundo Corrêa se distingue, porém, por uma mais aguda intensidade de estylo que perturba o equilibrio da fórma com o fundo, deixando este em plano inferior. A sua inspiração tem um calor mais de morbidez que de pujança vital e gosta de torcer-se nervosamente dentro da estrophe rendilhada em caprichosos arabescos. Não tem grandes assomos, mas tem subtilezas de concepção surpreendentes e bellezas lyricas de primeira ordem. Aos *Primeiros sonhos*, com que promissoramente estreou, seguiram-se as *Symphonias* e *Versos e versões*, livros em que sua inspiração, já no pleno dominio da fórma impeccavel, vibra mais livre, mais desapertadamente do que nas *Alleluias*, onde é mais febril, porém, menos amplo, por tolhel-a a estructura complicada do verso. Neste livro o poeta requinta-se na metrica e no vocabulario, onde se encontra grande profusão desses termos que os diccionarios assignalam com a abreviatura — *poet*. As ultimas producções avulsas do Sr. Raymundo Corrêa

apresentam modificações sensiveis na sua *maneira* poetica, denotando uma transição mal definida ainda, mas que se caracteriza por uma como dolencia nebulosa que faz lembrar de alguma fórma as composições decadistas, como o *Plenilunio* publicado nesta *Revista*. Dar-se-á o caso que o eminente parnasiano se tenha deixado influenciar pelo mysticismo doentio do *pauvre Lelian?* [1]

O Sr. Alberto de Oliveira, é, como os dois poetas precedentes, um esmerado cultor da fórma, um consummado lapidario da estrophe. Quanto ao fundo, differe delles por uma certa impassibilidade em que se adivinha a predilecção por Leconte de Lisle. Não fosse elle um tropical, e o bardo olympico nos *Poèmes antiques* teria um discipulo acabado entre os poetas brazileiros. Ainda assim, uma grandeza serena preside a muitas das suas composições bordadas sobre a antiguidade pagan ou inspirados na simples contemplação das coisas inanimadas. A effusão lyrica das *Meridionaes*, tumidas ainda de ardores adolescentes, susta-se ás vezes para dar lugar á fria modelação de uma peça em que não entra o sentimento, mas apenas uma larga emoção de artista, revelando-se nisto o sereno burilador dos *Sonetos e poemas*, com a sua galeria de figuras e quadros hellenicos e as suas personificações de coisas inanimadas. Nos *Versos e rimas* o poeta ganhou em sentimento o que perdeu em serenidade, vibrando a nota lyrica mais amiudadamente ao longo do livro, porém, sem ter a vehemencia meio erotica, commum á quasi totalidade dos nossos poetas, e servindo frequentemente de pretexto ás discreteações em que põe em jogo uma adjectivação um tanto inflada e não raro superflua que lhe empresta um como sabor de classicismo modificado felizmente pela brilhante modernidade da fórma. Diga-se, para precisar o tom geral da sua obra, que a musa do Sr. Alberto de Oliveira é uma diva de modos severos e gestos solemnes, velando os seus ardores sob uma gravidade discreta e nobre. [2]

Bem differente é ella da musa do Sr. Luiz Murat, — uma rapariga arroubada, inquieta e conseguintemente pouco correcta. Com

---

[1] O Sr. R. C. tem na *Revista*: *Flor de Lotus*, conto (15 de setembro de 1895); as poesias *Os Ciganos* (1 de novembro de 1895); *Tres Estancias* (15 de maio de 1896) e *Plenilunio* (1 de outubro de 1896).

[2] O Sr. Alberto de Oliveira publicou na *Revista* *Trechos de um Poema* (15 de julho de 1895).

o mesmo titulo de *Ondas* e numerados com os algarismos romanos I e II, possue este poeta duas collecções de versos, entre cujas publicações medeiou largo espaço de tempo.

Um pebliscito literario designou-lhe ha algum tempo o primeiro lugar entre os nossos vates contemporaneos. Não tomei parte nesse suffragio, mas si houvesse tomado não haveria dado o meu voto ao Sr. Luiz Murat, assim como não subscreveria as opiniões que o Sr. Olavo Bilac emittiu a respeito delle no *Album*. Nem pela imaginação, nem pela originalidade, nem pela correcção metrica se distingue este poeta a ponto de merecer similhante consagração. Penso mesmo que separando-se em suas composições o joio do trigo, aquelle sobrepujaria este. A par de inspirações infelizes, de intensas explosões de sentimento, encontra a gente graves impropriedades de expressão, concepções impenetraveis, imagens completamente falhas e ingenuidades de principiante.

As suas poesias são feitas em grande parte por juxtaposição de estrophes sem successão logica, sem solidariedade esthetica, como se obedecessem a impulsos espaçados e varios. A cada fagulha de inspiração succede um longo hiato de sombra através da qual é impossivel acompanhar o desdobramento da idéa. Esta falta de homogeneidade de sentido leva a attenção do leitor aos tombos paginas em fóra e acaba por imprimir-lhe uma sensação de fadiga e mal estar. As apostrophes vehementes do lyrismo do Sr. Murat não conseguem disfarçar-lhe o fundo de pieguice, de onde emergem ensopadas da lacrimação romantica e despojadas de emoção sincera. As melhores composições das *Ondas* representam fatalmente uma ou mais jaças que lhes turvam a limpidez esthetica. E' que o formoso talento do poeta não tem ao seu serviço um instrumento afinado pelo diapasão da Arte : — sim o Sr. L. Murat é o menos artista dos nossos bons poetas.

O actual culto da fórma, derivado do refinamento de gosto a que nos levou a escola parnasiana, exige que á belleza da idéa corresponda um condigno revestimento estylistico, e é do conjunto harmonico desses dois requisitos que surge a verdadeira obra d'arte. A grande desproporção num ou noutro sentido redunda em prejuizo do valor artistico da obra — inesthesia ou artificio. Mas para um e outro lado do ponto de convergencia dos dois elementos se admitte por tolerancia um avanço ou recuo que não exceda os limites traçados

pelo senso critico e de que apenas resultem nuanças indicadoras do requisito predominante, mesmo porque ao perfeito equilibrio da fórma com o fundo só chegam artistas excepcionaes como Heredia e pouquissimos outros.

No Sr. Lucio de Mendonça, a idéa predomina sobre a forma, o pensador sobrepuja o artista, mas em proporção muito pequena para que de modo algum se lhe possa applicar o qualificativo de inesthetico. Temperamento de combatente forrado de um sentimental discreto, nota-se em sua obra um entrelaçamento curioso de violencia e meiguice. Figura saliente de uma galharda geração academica de S. Paulo, o Sr. Lucio de Mendonça surgiu simultaneamente como jornalista reaccionario e como poeta, sendo que nesta qualidade elle se fez tambem porta-voz dos enthusiasmos republicanos daquelle tempo. Justificam as minhas proposições a seu respeito os seus tres primeiros livros de versos *Nevoas matutinas*, *Alvoradas* e *Vergastas*, vibrando unicamente neste ultimo a nota revolucionaria. Seguiram-se dois livros de prosa — o romance *O marido da adultera*, em que não revelou grandes aptidões para o genero, e *Esboços e perfis*, contos de feitio um tanto arbitrario mas excellentes em grande parte. Ultimamente publicou as *Canções do outono*, bella messe de composições lyricas, por entre a qual casquinha aqui e ali chistosamente uma piada humoristica. E' copiosissimo o seu trabalho avulso de critica, de propaganda, de narrativa e biographia. Magistrado e literato, elle pertence ao Supremo Tribunal Federal e á Academia Brazileira de Letras: — não poderia subir mais na escala das posições da sua dupla carreira. E, diga-se sem lisonja, ninguem tem subido mais merecidamente do que o Sr. Lucio de Mendonça.[1]

De estatura igual á deste poeta, mas de feitio moral diverso, é o Sr. Rodrigo Octavio. Começou a versejar em 1884 e em 1886 reunia suas producções em um volume — *Pampanos*, a que succedeu no anno seguinte um outro — *Poemas e idylios*, que firmaram a reputação do poeta como lyrista ardente e correcto. Em 1889 publicou um pequeno volume de prosa — *Aristo*, novella de concepção lendaria e estylo floreado traindo em sua amorphia metrica o fremito do

[1] Do Sr. Lucio de Mendonça ha na *Revista* o conto *Fio Reatado* (1 de maio de 1895) e os estudos *Do Recurso Extraordinario* (1 de setembro de 1896) e *Funcção do Supremo Tribunal* (1 de novembro de 1896).

verso: — « *même quand il marche, on sent qu'il a des ailes* ». Em 1893 revelou-se escriptor politico com as *Festas nacionaes*, em que, com intuitos de diffundir a educação civica, commenta os acontecimentos e commemorações que a nossa Constituição consagra com feriados. Como jurista é grande a quantidade de seus trabalhos, entre os quaes lembram-nos *Acções de divisão e demarcação de terras particulares* (1893), *Os successos de Abril* (1893), *Do dominio da União e dos Estados* (1897), devendo-se acrescentar-lhes uma traducção e commentario do *Direito Federal*, prelecções de D. Juan M. Estrada. As ultimas producções literarias do Sr. Rodrigo Octavio são o drama em verso *Sonhos funestos* e a novella *Bodas de Sangue*. Concepção original e grandiosa, os *Sonhos funestos* contêm scenas de grande intensidade, habilmente distribuidas e tratadas com grande vigor de frase. Nada deixa a desejar a correcção metrica. Numa terra em que a arte dramatica tivesse entrada nos theatros, mesmo entradas *de favor*, teria com certeza o drama do Sr. Rodrigo Octavio sido representado com grande exito. Nas *Bodas de Sangue* conta-nos o autor um tragico episodio sertanejo, descripto com traços firmes de verdadeiro novellista, conseguindo despertar no leitor uma impressão forte e duradoura, através dos lances impressionantes do enredo em que figuram personagens perfeitamente *vividos*.[1]

O Sr. Magalhães de Azeredo é, como o Sr. Rodrigo Octavio, poeta e *conteur* e com tanta igualdade de merecimento que o seu nome andou viajando acima e abaixo na minha lista antes que eu podesse designar-lhe uma collocação conscienciosa. Mas afinal, a despeito de ser em prosa o seu unico livro, inclui-o entre os cultores das musas por preferir seus versos á sua prosa.

Sem tirar de sua lyra notas de muito aguda inspiração, este poeta consegue deliciar a gente pela evidente sinceridade e pela espontanea suavidade do seu verso. Os seus contos da *Alma primitiva* (titulo da principal peça do livro) são todos bem feitos e bem observados, de concepção simples e estylo sobrio e elegante.

---

[1] A *Revista* tem publicado do Sr. Rodrigo Octavio, *Sonhos Funestos*, drama em verso (15 de janeiro, 1 de fevereiro e 1 de março); *Bodas de Sangue*, novella (1 e 15 de outubro e 1 de novembro de 1895); *Raul Pompeia* (15 de janeiro de 1896, e *Homens e Coisas do Paraguay* (1 e 15 de maio de 1896).

Como fórma (porque a idéa é evidentemente uma suggestão do *Frei Genebro* de Eça de Queiroz) a sua mais encantadora composição é *O natal de frei Guido*, um verdadeiro mimo de estylo. Mas, repito, prefiro-o como poeta a derramar na estrophe a alma sinceramente commovida, golpeada de maguas ou palpitante de ventura.[2]

O Sr. Guimarães Passos não tem, a meu ver, tão profunda expressão de verdade na maior parte dos seus versos, trabalhando, em compensação, mais artisticamente o verso do que o Sr. Magalhães de Azeredo. Os seus *Versos de um simples* têm direito a um logar entre as nossas boas collecções de versos. A sua poesia *No dia dos mortos*, em quadras septisyllabas, é uma composição de grande belleza, contendo imagens de primoroso lavor. Maneja com grande habilidade o soneto e desta fórma poetica tem specimens encantadores. A sua inspiração é essencialmente lyrica, desse lyrismo callido que referve capitosamente em toda a poetica brazileira quando se occupa de casos de amor.

Não sei si por não ser brazileiro de origem ou por motivos ingenitos da sua organização, o Sr. Filinto de Almeida destôa desse diapasão de sensualismo, deliciando-nos na sua *Lyrica* com assomos de paixões mais castas e mais discretas. Quando os nossos poetas se referem ás mulheres, tem-se em geral a impressão de que o objectivo dos seus arroubos, o alvo dos seus desejos está personificado em creaturas pertencentes a uma classe que não é positivamente a das vestaes. As leis moraes em vigor, certo não dão lugar á fruição de uns tantos gozos que elles dizem gozar, e por isto presume-se sempre que a vehemencia das suas apostrophes amorosas é consequente da irresponsabilidade moral dos entes a que se dirigem.

Na *Lyrica* do Sr. Filinto a linguagem é toda idyllica e as suas aspirações physicas não vão além do amplexo innocente e do beijo casto, contendo-se assim dentro dos limites de um meio platonismo sem consequencias. Artista consciencioso do verso, imaginoso e

---

[2] Do Sr. Magalhães de Azeredo ha na *Revista* o conto *Uma Escrava* (1 e 15 de fevereiro de 1895); *A Chamma*, poesia (1 de janeiro de 1896); *O Espirito Americano* (1 de fevereiro de 1896); as poesias *Ao Mar* (1 de junho de 1896) e *In Excelcis* (15 de novembro de 1896) e o conto *O Natal de Frei Guido* (15 de fevereiro).

fluente, este poeta tem ainda a virtude de escrever a lingua com uma correcção que não raro chega a ser classica, como na formosa *Ode a Machado de Assis*. Na imprensa desta capital e mais ainda na de São Paulo trabalhou assiduamente no jornalismo como critico e articulista. A *Semana* deve-lhe excellentes paginas, notadamente as brilhantes chronicas de *Filindal*.

ANTONIO SALLES

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

99. — **Minha Irman Henriqueta,** por Ernesto Renan, traduzida por Virgilio de Lemos - Bahia, 1896, in-16, 12 pp. in III — 110 pp.

Os leitores da *Revista*, certo, não esqueceram as bellas paginas que, no fasciculo de 1 de outubro de 96, á Henriqueta Renan consagrou o nosso eminente collaborador, Sr. Machado de Assis. Têm porventura ainda viva na memoria a figura distinctissima e rara dessa mulher excepcional, que a um grande coração amoroso e terno, al iava o mais claro bom senso, a mais forte intelligencia, aqui evocada pelo mestre de *Braz Cubas* e de *Quincas Borba*.

Para conhecer, porém, em toda a verdade o perigrina formosura moral dessa mulher, que ficará em o nosso seculo como um dos mais dignos exemplares do seu sexo, é preciso ler o livro incomparavel que lhe consagrou o irmão, o glorioso autor da *Historia das Origens do Christianismo* e de tantas outras obras admiraveis. Em nenhuma poz elle tanta emoção, tanta delicadeza de pensamento, tanto sentimento das nuanças, tanta belleza de linguagem. Henriqueta que já lhe inspirára, no genero, uma das mais bellas paginas de todas as linguas, a dedicatoria da *Vida de Jesus*, era bem digna dessa homenagem, como nenhuma outra mulher, a não ser as amadas immortaes que se chamaram Leonor, ou Beatriz ou Natercia recebeu tão grande, tão bella e tão merecida.

Desse livro verdadeiramente unico, que de primeiro impresso em reduzido numero de exemplares destinados aos intimos do autor, em 1862, só em 1895 foi publicado, fez o anno passado uma traducção o Sr. Virgilio de Lemos, escriptor e jornalista bahiano. Renan, apezar da sua simplicidade e atticismo, ou mesmo por isso, não é escriptor facil de traduzir, e o seu pensamento, que sem jámais ser obscuro, reveste-se de tantos matizes, nem sempre é facil de interpretar. A traducção do Sr. V. de L., porém, é má, cheia de fraqueza e incorreições que muito a prejudicam, e que revelam no traductor insufficiente conhecimento da lingua franceza e pouca familiaridade com o pensamento do grande escriptor. Renan escreve: «*Ce n'était pas précisément le protestantisme même le plus large, qui lui plaisait*»; o Sr. V. de L. traduz: «Não era precisamente o protestantismo o que mais lhe prazia, porém alguma coisa mais vasta e comprehensiva». Renan: *Oui, nous dit-elle, à ma dernière heure, j'aurai la consolation de me dire que j'ai fait le plus de bien possible...*»; o Sr. V. de L.: «Sim, na hora extrema será para mim um grande consolo, se alguem me disser que eu fiz o maior bem possivel...». Renan: «*Elle ne signait jamais de son nom et il était impossible qu'avec sa grande modéstie*

elle avoit en un tel genre à conquérir autre chose que l'estime d'un petit nombre»; o Sr. V. de L., alterando completamente o sentido: «Não subscrevia seus artigos, em virtude de sua grande modestia, pelo que sómente um pequeno numero a considerava devidamente»; Renan: *Elle avait fait pour ce travail des recherches très étendues, et elle y avait porté une critique bien rare dans les ouvrages destinés aux enfants»*; o Sr. V. de L.: «para a confecção deste trabalho entregou-se a vastissimas indagações e desdobrou um grande poder de criterio em trabalhos que destinava a crianças».

Eu pudera multiplicar estas citações comparativas, que aliás bastam, parece-me, para mostrar que a traducção do Sr. V. de L. não póde infelizmente ser qualificada de boa. Demais é desigual, sendo ora estreitamente literal, ora quasi paraphrastica e liberrima, como nos exemplos citados. E é pena, não só porque o Sr. V. de L. teve uma excellente idéa vulgarizando o formosissimo opusculo de Renan, como o fez em um volume que é materialmente digno delle. Realmente o trabalho de typographia e encadernação das «Officinas dos Dois Mundos», da Bahia, merece menção especial e justamente elogiosa.—J. V.

100.—**Boletim n. 4 da Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas Geraes**, vol. II, Rio de Janeiro, 1896.

Desta utilissima publicação acaba de apparecer mais um numero contendo varios artigos, escriptos pelo chefe daquella commissão, provando assim a multiplicidade de estudos a que se entrega o incansavel engenheiro. Começa o trabalho por um consciencioso estudo da meteorologia da cidade de S. João d'El-Rei, em Minas, e baséa-se nas observações de dois ánnos. Embora curto este tempo para julgar-se de um clima, o A. habilmente procura tirar as conclusões possiveis, especialmente no intuito de chamar a attenção dos poderes competentes sobre a deficiencia do serviço hygienico que affecta a salubridade do lugar, apezar do clima que o A. considera bom. Nas tabellas e exposições graphicas dos elementos o A. não adopta a regra geral da divisão do anno meteorologico que deve começar em dezembro.

Segue-se um interessante estudo sobre «A geada e os vegetaes.» Ahi o A. descreve um phenomeno de geadas interessante que apparecem em S. João d'El-Rei e que — si bem comprehendemos a exposição — parecem antes verdadeiras formações de neve, visto o A. admittir que o ponto de orvalho ali se possa dar bastante abaixo do ponto de congelação, o que deve produzir a formação dos conhecidos crystaes caracteristicos da neve que, por uma leve elevação da temperatura, perdem a fórma crystalina para tomar a de pequenos grãos unidos como na «rede» que o A. tem observado sobre certas folhas. E' isto perfeitamente possivel; porém, nós preferimos attribuir o phenomeno a uma pequena interrupção na formação da geada, produzindo-se, por assim dizer, duas geadas com intervallos minimos, como em S. Paulo por varias vezes observamos.

Relativamente á theoria do A. sobre as geadas nos valles, estranhamos não encontrar mencionado o phenomeno da substituição das camadas inferiores quentes da atmosphera pelas superiores mais frias que em virtude da sua maior densidade descem e dão origem a duas correntes notaveis, uma pelos lados do valle, ascendente e relativamente quente, outra quasi vertical, descendente e fria, que se derrama pelo valle e augmenta a perda do calor pelo solo. No momento do equilibrio dão lugar a condensação e a precipitação dos vapores aquosos, explicando assim o facto de os morros serem mais quentes que o fundo do valle. O phenomeno do «up-bank-thaw» tem nisto a sua origem; pertence, porém, a climas mais rigorosos

que o nosso no qual uma degelação naquella escala não tem lugar. A explicação do A. sobre a acção e effeito da geada nos vegetaes está de pleno accordo com as theorias modernas e constitue uma excellente divulgação.

As observações meteorologicas dirigidas por aquelle engenheiro têm tanto mais valor quanto é certo estarem feitas de uniformidade com as da commissão de S. Paulo e permittem a comparação e aproveitamento futuro dos dois serviços, com grande vantagem para a meteorologia geral brazileira. Oxalá que mais alguns estados seguissem logo este magnifico exemplo.

A ultima parte da interessante publicação é um « Subsidio ao estudo da Geographia Botanica do estado de Minas Geraes. » Cingindo-se a observações que abrangem uma area limitada, afim de serem mais completas, o A. adoptou o mais vantajoso dos systemas que permitte a posterior união dos trabalhos parciaes para a formação de um todo geral e completo. Começa pelo estudo da distribuição geographica do *Pinheiro* « *Araucaria brasiliana* A. *Rich* » e diz, depois de varias observações interessantes, que:

« os pinheiros procuram para vegetar os lugares humidos das terras que resultam da decomposição de rochas eruptivas basicas ou de gneiss e cuja altitude varia entre 1050 e 1200 metros. »

Segundo notou o A. que, como elle mesmo diz: « não é geral e sim relativo á zona que indica », deve certamente ser assim ali, fornecendo o seu trabalho uma bella contribuição para a biologia do pinheiro.

E' muito vantajoso este genero de trabalhos, principalmente para a comparação com o que se dá em outros lugares onde os factores geologicos, climatologicos e topographicos são diversos, como, p. ex., ao sul de São Paulo e talvez mais no Parana, onde o pinheiro parece adaptar-se a outras condições, segundo o que observamos algumas vezes. Estudos como o do A. do Boletim são contribuições valiosissimas para a definitiva fixação das condições que determinam a distribuição de certos vegetaes sobre uma certa área, muitas vezes em condições apparentemente heterogeneas. Outra observação importante sobre a localização exclusiva do mesmo vegetal na vertente oéste da serra Mantiqueira para o valle do Rio das Mortes, mas que o A. ainda não explica, é mais uma prova da grande utilidade da continuação destes interessantes estudos para a solução e comprehensão destes e outros phenomenos, alias frequentes nesta rica flora.

Conclue o trabalho outro estudo sobre a arvore denominada *Candeia* — *Vanillosmopsis erythropappa* (Schultz Bipontinus), que fixa a sua habitação e distribuição naquelle territorio. Resulta deste estudo que ha varias arvores com o nome popular acima; pois em S. Paulo denomina-se *Candeia* uma outra arvore — « *Piptocarpha Lundiana* Baker », cujo lenho contem uma resina de cheiro desagradavel. E', portanto, tambem uma contribuição para a synonimia popular da flora que o A. fornece, sendo de desejar que tão uteis estudos não só continuem mas que fiquem ampliados e que em breve a illustrada commissão possa crear uma secção puramente botanica que se dedique exclusivamente a estes tão uteis estudos da magnifica flora mineira. — ALBERTO LÖFGREN.

101. — **Iconographia** (estudos) por R. Villa-Lobos, da Bibliotheca Nacional. Rio Janeiro, 1897. *in*-40, 35 pg.

Têm entre nós as estampas poucos cultores ou simplesmente amadores. A pintura, cujos productos servem para aformosear a casa ou para simplesmente — e é o caso mais commum — satisfazer a vaidade de pretensos entendedores — acha alguns amadores, ainda que raros. Da mesma maneira a esculptura, na forma do marmore, do gesso ou do bronze artisticos.

As estampas, as gravuras e as varias fórmas de arte graphica reunidas sob a denominação erudita de iconographia estão absolutamente fóra dos nossos gostos, e raríssimo será no Brazil o colleccionador dellas. E no emtanto talvez houvesse aqui curiosas descobertas a fazer nesse campo sinão em productos dos grandes mestres, que não devem existir por aqui, ao menos no que respeita a coisas nossas, retratos, vistas, scenas, quadros brazileiros, sinão feitas por brazileiros e no Brazil. Sabemos que para um verdadeiro amador não é esse o aspecto preferido e estimavel da iconographia; sinão os trabalhos dos Dürer, dos Salvador Rosa, dos Van-Dyck, e mesmo dos menores, até os contemporaneos, mas é em todo caso um aspecto, mesmo nesta fórma modesta, interessante e util.

Por gosto e profissão é o Sr. V. L. um dos raros amadores de iconographia. Chefe da secção de estampas da Bibliotheca Nacional — secção cuja opulencia pouquissimos conhecem — o Sr. V. L. dá nestes interessantes estudos, de que os leitores da *Revista* tiveram as primicias — noticias de alguns exemplares notaveis e raros que dos grandes mestres Salvador Rosa, Boldrini, Van-Dyck, possue aquelle estabelecimento. Estes estudos são procedidos de dois outros mais geraes sobre a «heliogravura e a gravura» e a «iconographia no Brazil.» O primeiro é uma exposição clara e breve daquelles processos de estamparia, este uma noticia do nada que é em o nosso paiz a iconographia. Aproveita o A. a occasião para informar-nos da secção que dignamente dirige na Bibliotheca e a cuja riqueza já alludi.

Informa-nos o Sr. V. L. que em 1895 existiam nessa secção 100027 estampas alem de 22,782 medalhas e moedas. E quasi não ha um verdadeiro mestre que não esteja representado nesta collecção, talvez sem rival na America. E, todavia, pondera o Sr. V. L.: «artistas ha que, vivendo no Rio de Janeiro dezenas de annos, nunca dispuzeram siquer de alguns momentos para admirar as obras de arte que enriquecem a secção de iconographia da Bibliotheca Nacional, que, cummulativamente com as gravuras, guarda desenhos originaes, aquarellas, pinturas a oleo, photographias, sem falar na copiosa collecção numismatica, ultimamente augmentada com a que se achava no Museu Nacional, e mais ainda o seu valioso Archivo musical» — J. V.

---

* Do Dominio da União dos Estados segundo a Constituição Federal pelo Dr. Rodrigo Octavio, Rio de Janeiro, 1897, in 8.°, XIV — 108-2 pp.

Pequena Grammatica Franceza por Emilio Allain, 2.ª edição, consideravelmente augmentada, F. Briguiet & C.ª, editores, Rio de Janeiro, in — 12, III — 273 pp.

A grammatica do Sr. Allain é pela sua clareza e concisão um dos melhores entre os compendios similares em lingua portugueza. Cremos que a sua adopção nos nossos cursos de lingua franceza, provará a sua utilidade, agora principalmente que o A. nesta segunda edição a corrigiu e melhorou acrescentando-lhe uma série de exercicios.

* Innocencia pelo Visconde de Taunay, 3.ª edição, Laemmert & C.ª, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in 8.°, 414 pp.

* Literatura Brazileira Movimento de 1893, por A. Araripe Junior, Rio de Janeiro, 1896, in 16.°, IV — 254 pp.

O Plantio da Amoreira no Ceará como inicio da sua riqueza industrial e bem assim como causa modificadora do clima, S. Paulo, 1897.

E' mais um dos muitos trabalhos com que o operoso Dr. Domingos Jaguaribe, concorre para o estudo e esclarecimento de questões praticas de interesse nacional.

NEVOAS DO PASSADO

Não faltei aos velhos habitos, indo hontem á tarde ao gabinete de meu marido subtrail-o a leitura, e absorver-me no discreto conforto daquelle retiro. O meu lugar de contemplação é em frente á mesa de trabalho. Do outro lado elle apoiava com magestade a cabeça ao busto de uma Juno maravilhosa. Esta aproximação orgulhava-me e ás minhas pupillas amantes, sem ciumes, Paulo semelhava um deus antigo. Apascentei meus olhos, de todo immersos, na suave profundeza dos seus. Nossas posturas eram oppostas, mas nossas almas se reclinaram uma para outra, e, susurrando fomos entretecendo como em fios de brando e macio cabello de mulher, doce e infinda conversação. A noite de inverno, a noite longa, vinha rapidamente avançando, estendendo-nos em silencio seus braços, cheios de ternura mysteriosa. Uma volupia casta, subtil...

Passos miudos e velozes sacudiram-nos deste vaporoso adormecimento. Invadiu o aposento a figura gentil de Gloria, em desordem. Trazia as faces vivas e acesas, tremia o seu narizinho branco; os cabellos em debandada e pela testa um suor gelado. Caiu-me nos braços vibrando, abafada: — « Mamãi! » Estreitei-a, afflicta e estupefacta, e, olhando-a sem ver, recolhi seu corpo, anciosa, muda, morta. Meu marido achegou-se a nós. Tomou-me uma das mãos, beijou a criança — « Soceguem ».

A esta palavra, dita varonilmente, vieram-me as lagrimas, como uma reacção de alento. Gloria enterrou mais a cabeça no meu collo. A sua criada chegara ao gabinete. A commoção, agitando-a tambem, lhe desafivelou a loquacidade. Explicou a agonia da criança, reconstituindo com largos gestos e grandes vozes, quasi numa algazarra, a

scena torturante, o episodio da rua. Passeiavam ambas, quando uns estrangeiros mendigos acercaram-se dellas pedindo esmola. Algumas mulheres do bando solicitaram com mãos descarnadas as joias da menina. Uma mais ousada lhe osculou o rosto, emquanto forçava a pulseira. O filho arrancou o laço de fita, correndo pela calçada numa gargalhada de triumpho. Emilia defendera Gloria repellindo o grupo com o chapeu de sol, mas á sua energia tonta correspondia uma vozeria desbragada. Si não fosse a intervenção de dois senhores, que passavam descuidados, a luta não se terminaria logo. Mal puderam escapar, partiram desvairadas para a casa, no meio de uma furia de imprecações barbaras.

Finda a narração, segurei Gloria pela cabeça; beijei soffregamente os seus amortecidos olhos de somnambula. Meu marido, para diminuir nella o natural e invencivel horror aos pobres, tentou colorir o acontecimento sorrindo daquelles sustos. A criança encarou-nos indecisa. O medo lhe dava o justo sentimento do real, e tornava as nossas palavras vans.

Procurei distrail-a e desviar para coisas alegres e diversas a sua attenção. Já aos cinco annos uma precoce e morbida fantasia era-lhe doença d'alma. A invenção faltava-me; as idéas fugiam-me. Como um recurso de infeliz salvação, lancei a vista para um album de quadros e costumes populares europeus. Abri ao accaso e deparei com a photographia de um casal de famintos. Gloria estremeceu. Virei num relance a pagina. Ironia fulminante perseguia-me. Outro espectaculo lugubre, um instantaneo representando uma luta de mineiros ebrios em um antro. Rancorosa, larguei o album, opprimida de angustias. Olhei para toda parte. Os objectos exteriores não me inspiravam. Fiquei abatida. Desalentada, como uma moribunda, lancei-me ao argumento que nunca me traíu. Beijos, que foram então arquejantes!

A grande calma do crepusculo aquietava, como num remanso, as nossas perturbações.

Paulo recobrara a sua attitude de leitor silencioso. Desviando um do outro o olhar revelador, hypnotizavamo-nos em scismas fundas. Só a menina de vez em quando tremia segurando-me. A mim não sobrava regaço para occultal-a e abrigal-a mais. Deligenciei envolvel-a com os braços, com a cabeça pendida sobre a sua, com o dorso voltado sobre o seu. — « Tenho medo, mamãi! » Depois um

soluço hysterico, outro, mais outro. Succedeu uma modorra que se interrompia pelo crispar de suas garrasinhas aferradas aos meus pulsos.

Quiz adormecel-a inutilmente. Os seus sentidos saíam do pesadelo numa dolorida expressão de custo e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou-me com um sorriso leve, melancolico, todo elle traduzindo uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizivel tristeza das almas rudes, primitivas ou infantis. Moveu os labios como quem ia falar, e eu esperava em subita transformação de allivio a sua voz — «Ah! nós tambem fomos como elles, hein! mamãi.» — murmurou brandamente. — Não percebi toda a estensão do seu pensamento, mas o pouco que comprehendi fez-me terror. Paulo deixou cair o livro, e enfiou olhos agudos em nós. — «Sim mamãi, ha muito tempo, longe, noutra terra. Nós andavamos na rua toda hora, dormiamos na rua, você me carregava quando eu não podia mais, papai me dava tanto...» A sua phisionomia transfigurava-se com esta recordação, e em extase, voltada para a janella parecia buscar dias passados. Nós gelavamos.

— «Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me beliscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida.» — «Gloria, disse meu marido, que tolices são essas, não fales nisso.» — A menina moveu para elle o rosto. Quedou-se um momento calada, obedecendo á intimação. Dei um grande suspiro. Mas d'ahi a pouco como que irresistivelmente: — «Ah! que frio fazia lá! Aqui não se treme, não cai neve. Porque, mamãi?... Você se lembra daquelle chapéu que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atraz de nós, não foi, mamãi? Mas nós nos escondemos naquella casa escura e eu fiquei com o chapéu bonito...» — «Gloria, Gloria!» tive forças de exclamar.

Paulo levantou-se convulso. Tomou-a ao collo e mostrou-lhe uma estampa, que tirou precipitadamente do armario. — «Que bonito!» — Não se conteve a criança — «Me dá, papai?» — «Dou si não disseres mais tolices.» Ella pagou-lhe com um beijo. Voltaria á realidade o seu espirito, adelgaçadas as nevoas que o tolhiam? Meu marido deixou-a no chão com a gravura. A criança, porém, pouco se demorou em admiral-a. Voltou a mim e viu-me chorando. — «Mamãi, não chora. Você tem tanto dinheiro!...

Você não apanha... Não é, papai?...» — Fazia-se escuro. O criado tardava em acender o lustre. No completo repouso da casa, á sombra das grandes arvores do jardim que abafavam os ultimos clarões da luz, a figura e as palavras de Gloria, como a imagem e a voz de um passado horrivel, que resurgia em meio da felicidade, tinham ares de monstros. E eu notava, despeitada, que Paulo gozava um absurdo e requintado prazer intellectual naquellas tenebrosas visões da criança... Que ainda me restava conhecer?

— «Você não era assim, mamãi como agora, boa para mim. Eu não tinha boneca, não tinha criada nem caminha! Andava suja. Não era? E você não tinha vestido bonito, não tinha moeda, não tinha anel. Ahn!... Tinha uma pulseira, que o moço lhe deu... Papai ficou zangado, você apanhou, mamãi... »

Caí sobre o sofá como morta. Creio divisei um fio de lagrima no rosto de meu marido.

— « O moço dormiu lá, quando papai foi preso pelos soldados. Me dava dinheiro, dizia que eu era filha delle, mas eu queria era meu pai... Papai voltou... você disse que elle era tonto... aquella mulher contou tudo... — »

Levantando os braços num immenso esforço de quem suspende algemas, esbocei no espaço gestos inuteis para tapar aquella bocca maldita e innocente.

— « Mamãi tambem mordeu na rua a mão da menina para tirar o anel. Eu vi. Pensa que eu não vi? Agora a gente não tira mais de ninguem. Papai é que tira na cidade para dar para nós passeiarmos no carro. Eu vou mandar dizer a John, lá na chacara, que amanhan cedo quero andar no tilbure de papai. Você vai passeiar de carro? Então eu vou com você... — »

Meu marido, mudo companheiro de supplicio, parecia querer communicar-me alguma observação.

— « Papai, ca dê o homem que você quiz matar com aquella faca?...»

De repente voltou-se para mim... « Amanhan vou com o vestido côr de rosa? Levo a boneca grande, a Dulce, sim? »

Erecto, murmurando umas desculpas, o criado penetrou no gabinete para acender o gaz.

— « Emilia, Emilia, amanhan... » partiu Gloria gritando em direcção ao seu quarto.

Abracei-me a Paulo como a um rochedo. Agarrados um ao outro, fulminados pela mesma sensação olhavamos correr a criança. A nossa caridade amorosa colhia frutos amargos. Ha dois annos, num grande desespero de infecundidade, abrimos o coração áquella filha de uns mendigos hespanhoes. E agora de suas cellulas obscuras e implacaveis surgia diante de nós, como um castigo, uma existencia de outros, um passado alheio.

FLAVIA DO AMARAL

OS SEMEADORES DA PESTE

I

As recentes devastações determinadas pela peste bubonica em algumas cidades das Indias Inglezas e nomeadamente em Bombaim, constituiram aquelle terrivel morbo, objecto primordial das cogitações e providencias dos governos de todos os paizes.

Procuram elles accordar no meio efficaz de conseguir a defeza sanitaria dos portos e cidades que mais provavelmente podem vir a franquear a entrada do temido flagello oriental.

Os que assim procedem estão pois muito longe de subscrever a opinião corrente em certa escola sociologica que não reputa nociva á economia dos povos a visita em certas épocas de molestias epidemicas. Allegam os defensores de uma tal opinião que as perdas causadas pelo citado flagello são rapidamente compensadas pelo augmento habitual, apoz taes eventos da cifra da natalidade. Acobertam-se ainda tão optimistas autores com a conhecida lei darwiniana do *struggle for life*. Essas violentas depurações retemperam, dizem elles, a vida collectiva dos povos: são enxurradas que purificam as cidades, e os choques que d'ahi resultam são outros tantos incitamentos do progresso e da civilização.

Afigura-se-nos errado pensar de modo tão categorico e formal. A lição dos factos nos demonstra que não é a parte menos vigorosa, a menos actualmente util da população, os velhos, os fracos, os cacheticos que as epidemias arrebatam commumente. Quem ignora, que as hecatombes causadas pela epidemias, de preferencia

se dão em individuos de constituição robusta, cujo organismo attingiu seu pleno desenvolvimento. Poder-se-á porventura encontrar compensação a taes perdas em uma natalidade, mesmo excepcionalmente elevada, sobrevindo após uma epidemia que tenha consumido os elementos mais vigorosos e immediatamente uteis, para substituil-os por gerações apenas nascentes e cujo valor não póde ser de antemão computado?

Veja-se o que entre nós acontece em relação á febre amarella. Esta molestia, cuja visita epidemica na quadra estival é mais ou menos certa, arrebata de preferencia os fortes, os temperamentos sanguineos, as constituições sadias, momentaneamente desequilibradas.

São os homens na quadra da virilidade (dos 25 aos 45 annos) que fornecem maior contingente ao typho icteroide: destes escapam mais facilmente os lymphaticos, os anemicos, os depauperados organicamente, cuja reacção ao *ictus* morbido é apenas sensivel. A' luz da moderna hygiene social uma vez já computamos em artigo publicado nesta *Revista* (n. de 15 de abril de 1895) os gastos enormes, que determinou só nesta Capital a febre amarella, desde o seu apparecimento (1849), pela perda de vidas de que tem sido causadora.

Felizmente a theoria dos que elevam as epidemias á altura de valioso elemento de progresso e engrandecimento social e economico, não tem encontrado apoio pratico da parte dos que governam os povos civilizados. Assim é desde seculos atraz, nos tempos em que soffriam as maiores torturas os chamados *semeadores da peste*, de que fala o grande Littré em um de seus excellentes livros sobre questões medicas.

Perante a moderna epidemiologia estudaremos os factos passados naquellas épocas remotas e adduzindo commentarios de Littré, lembraremos os ensinamentos que sobre o contagio da peste, occurrencias de data recente tem produzido.

II

No XVI seculo era corrente ser possivel semear a peste, isto é, propagal-a por meio de certos preparados e misturas *sui generis*; a existencia de individuos dedicados a esse mister era facto

incontestado. Eram os *semeadores da peste*. Não se tratava de simples especulação; os tribunaes da época acolheram esta especie de accusação e lavraram contra os falsos ou verdadeiros culpados, sentenças condemnando-os a crueis supplicios, como era uso então.

Será possivel semear a peste? Terá fundamento scientifico a opinião aceita naquella época? Antes de encetar o exame desta dupla questão convém recordar os factos que a suscitam. Entre outros refiramos em resumo o que em primeiro lugar cita Littré com abundancia de detalhe, extraido de velhas chronicas do seculo XVI.

Corria o anno de 1530 e nesse tempo a peste dizimava a população de Genebra, onde fôra estabelecido um hospital destinado exclusivamente aos pestiferos. Era uma casa de isolamento modelo, para aquelles tempos, dispondo do pessoal necessario, enfermeiros de ambos os sexos, padres ou capellães e medicos, todos mui larga e generosamente remunerados.

Acontece que estando a peste em seu declinio, entra para o hospital um supposto doente de nome Michel Caddo, que era um joven farçante de grande marca, um prodigo conhecido e apontado por todos; recolhera-se ao hospital tão sómente por se lhe terem esgotado os recursos para viver. Mancommunado com algumas enfermeiras e o padre capellão do hospital de nome Foussigny, Michel Caddo, no intuito de prolongar a epidemia da peste e aterrorizar a população com a mortandade produzida pela molestia preparava e ministrava aos doentes uma tisana qualquer, a que addicionava o pús secco e pulverisado dos bubões de doentes fallecidos da molestia.

Do mesmo pó serviam-se Caddo e seus cumplices para espalhar a peste pela cidade, distribuinndo pelas ruas bellos lenços e lindas ligas, contendo pús secco dos bubões da peste. Pela calada da noite lá iam os chamados *semeadores da peste* collocando suas armadilhas pestilentas nos lugares frequentados pela gente mais rica, cujas casas infectavam untando os ferrolhos das portas com o tal preparado. Descoberto um dia em flagrante foi preso o famoso Michel Caddo. Confessado o crime e conhecidos os cumplices foram estes tambem aprisionados e sujeitos á tortura. A natureza desta é digna de ser conhecida. Aqui tem o leitor como nol-a relata Littré, copiando o velho chronista do seculo XVI: « ..... *ces prisonniers vesquirent jusques après pasque, que l'on les fist morir, mais non pas*

tous a ung coup ni a ung jour. On les mena sus ung chariot tout autour de la ville, liez a une colomne, nudz jusques à la ceinture. Et avoit le borreau au dessus du chariot du feu tout prest, où il eschauffoit ses tenailles; puis quand elles estoient toutes rouges, leur en donnoit a chascun carrefour une pinsade, que leur levoit la pièce de la chair. Et après furent menez au Molard, où, sus ung eschaufaud, ilz eurent les testes trenchées, puis furent mis en quartiers et les quartiers avec les testes portez et attachez en divers lieux..... » [1]

Não foi sómente em Genebra que dominava a crença nos *semeadores da peste*, tendo por isso havido execuções capitaes. De *Rocha Flavinio* transcreve Littré os seguintes factos que traduzimos:

« Todo aquelle que de qualquer modo ou artificio semear a peste será punido com a pena capital; por isso tendo sido descobertos alguns semeadores de peste no Albigeois e em Quercy, no anno de 1559, foram condemnados a morte: na mesma época em Toulouse certos infectadores publicos, por decisão da côrte judicjaria, foram condemnados a serem todos queimados vivos e a fogo lento...

« No anno de 1563 apresentaram-se ao rei alguns italianos compromettendo-se a fazer morrer de peste todos os huguenotes. Algum tempo depois sobrevindo a peste em Montpellier, Nimes, Aiguesmortes e outras cidades huguenotes, foram aquelles italianos incriminados de terem sido os *semeadores da peste*...

« Em 1581 tendo os parisienses notado que a peste incrementava-se na cidade pela malvadez de certa gente, que a semeiava por meio de certas podridões, emplastros e outras infecções, obtiveram licença do rei para matar sem fórma de processo todos quantos fossem encontrados commettendo taes actos, para terror e exemplo publico. »

II

Conhecidos esses factos, pergunta o grande philosopho, será possivel semear a peste? Certamente que sim, transportando em uma casa sau um pestifero, ou então objectos, vestimentas e pannos que a elle tenham servido. Uma tal pratica, repetida em muitas casas, infectal-as-ia na mór parte. Era assim que procediam os semeadores

[1] V. Littré, *Médecine et médecins*, pag. 497 (1875).

da peste, segundo se deprehende dos textos citados? Absolutamente não. O que empregavam os semeadores era a materia do bubão ou carbunculo pestilencial, interna e externamente, conforme consta das accusações. No primeiro caso depois de retirarem o pús ou materia do carbunculo do pestifero reduziam-o a pó e de mistura com outras drogas davam a beber aos doentes de peste, cuja morte intentavam apressar.

Ora, sabe-se positivamente que, si a introducção das materias putridas quer por inoculação subcutanea, quer por injecção intravenosa, produz gravissimos effeitos, é pelo contrario inoffensiva feita pelas vias digestivas. No segundo caso, com as mesmas substancias extraídas dos bubões polvilhavam lenços, ligas e deixavam-as cair ao chão das ruas; ou então untavam os ferrolhos das portas, finalmente enchiam, com tal pó, funis de papel e distribuiam-os pela cidade. Desgraçado, dizia a gente daquella época, do que apanhasse o lenço ou a liga, que tocasse no ferrolho da porta, ou que desdobrasse o papel infectado. Logo promptamente atacava-o a peste.

Sem que preciso seja lembrar que a peste, mesmo nos casos de verdadeiro contagio, não se communica com uma tal infallibilidade e rapidez, affirma Littré, que não é pela materia carbunculosa que se faz a transmissão pestifera. E' a atmosphera que circumda o doente; são os pannos e roupas do mesmo que transmittem o morbo pestilencial.

Leon Collin, o insigne epidemiologista francez, parece reduzir ainda mais o modo de transmissão da peste, quando assim escreve na Encyclopedia de hygiene, de J. Rochard.[1] «A peste bubonica é principalmente transmissivel não pelo contacto dos pestiferos ou de seus cadaveres, não pelas mercadorias e bagagens, mas como as affecções typhicas, pela atmosphera dos domicilios dos atacados da peste.»

E' bem conhecida a frase de Rigaud, victima da peste em 1835 no Cairo, á F. de Lesseps, que o visitava: «Venha ver-me vinte vezes por dia, si quizer; mas não fique mais de cinco minutos em meu quarto.»

Convem salientar a vitalidade de que frue o germen da peste. Um local que tenha contido pestiferos durante largo tempo é

---

[1] *Encyclopédie d'Hygiène*, 2° vol., pag. 23 (1890).

perigoso. Prus, citado ainda por Collin, refere a historia de um convento proximo de Jerusalém que servira de refugio a muitos christãos atacados da peste.

Algum tempo depois de terem estes saido, os religiosos donos do convento enclausuraram-se nelle, como em rigorosa quarentena, acreditando preservar-se da peste pelo isolamento. Morreram 22 de 63 que eram.

Vem de molde aqui citar a opinião de Napoleão sobre o assumpto. Lembramo-nos ter algures visto uma bella lithographia representando o grande Napoleão em Jaffa, no meio de seus soldados atacados de peste.

O Dr. Warden, medico do *Northumberland*, que transportou aquelle Imperador, quando mandado para o exilio em Santa Helena, publicou em 1816 num livrinho, em cujas paginas vem descripto o systema usado por Napoleão naquella conjunctura e o seu pensar sobre o contagio da peste.[1]

O vencedor de Austerlitz não acreditava no contagio directo da peste. Para elle a molestia communicava-se unicamente pelas vias aéreas. Quando no Egypto, contava elle ao Dr. Warden, sendo o seu exercito dizimado pela peste, visitava constantemente os hospitaes, tocava no corpo dos soldados doentes, para animar os enfermeiros medrosos e provar-lhes não haver perigo, pois a peste se transmitte unicamente pelas vias aéreas. Accrescentou que fazia suas visitas sempre depois das refeições e ingerindo préviamente varios copos de vinho (*after drinking several glasses of wine*).

A titulo de curiosidade historica tão sómente, citamos este facto, porque nem longiquamente pretendemos encontrar autoridade medica na opinião do exilado de Santa Helena.

A contaminação pestilencial pelo meio aereo, póde ser provada com factos originados de crendices, de que se achavam possuidos mesmo homens de certo valor intellectual. Boccacio e diversos outros contemporaneos da peste negra, nomeadamente Chauliac, consideravam esta molestia transmissivel pelo olhar dos doentes. Em consequencia desta convicção, os visitantes prudentes pediam aos pestiferos que fechassem os olhos á sua aproximação.

---

[1] V. *British Medical Journal*, 13 de fevereiro de 1897.

E' evidente que o perigo todo estava simplesmente na atmosphera que circumdava os doentes.[1]

Não se faz hoje mais mister, para explicar a contaminação da peste pela via aérea, recorrer á *combinações indeterminadas de causas cosmicas e de influencias moraes e politicas*, allegadas por Fuster, ou ás influencias divinas ou demoniacas, como ainda no começo do seculo passado era crença quasi geral.

A epidemiologia de nossos tempos, ha muito que retirou ao céu e ao inferno o valor pathogenico que lhes foi por tanto tempo emprestado.

A sciencia moderna assignalou já de modo effectivo o lugar que a *peste bubonica* deve occupar no quadro nosologico. «E' uma molestia febril aguda, de natureza fatalmente intensa, caracterizada pela inflammação das glandulas lymphaticas, assignalada por perturbações cerebraes e vasculares notaveis e pela presença de um bacillo especifico.» James Cantlie, que assim define a peste bubonica, propõe que se a denomine mais correctamente *polyadenite maligna*.[2] Kitasato, o sabio experimentador japonez, hoje universalmente conhecido, foi o primeiro que assignalou o bacillo da peste, durante a epidemia de Hong-kong em 1891. Na mesma época o discipulo predilecto de Roux, o illustre medico suisso Jersin, trabalhando no Instituto Pasteur de Saigon e sem a menor troca de idéas com Kitasato, chegou a resultados identicos, confirmativos da descoberta já apresentada em 14 de junho de 1894, por este ultimo investigador.

As observações colhidas recentemente nos lugares atacados pela peste, justificam plenamente a opinião dos que affirmam ser a vehiculação atmospherica a preferida pela peste bubonica. « *Plague is infectious chiefly by the dust arising the cleansing of dwelling houses which plague patients have occupied*, escreveu Cantlie, autoridade incontestada no assumpto. O contagio da peste póde tambem dar-se pelo contacto prolongado e intimo com um pestifero, como no caso, conforme exemplifica Cantlie, de uma criada ou ama cuidando de uma criança doente da citada molestia (*os in the case of a nurse carryng a child ill of the disease*). A peste bubonica não se dissemina, como

---

[1] V. *Encyclopédie d'Hygiène*, vol. I, pag. 640.
[2] V. *British Medical Journal* 9 de janeiro de 1897.

alguns se afiguram talvez, com grande rapidez. Os factos pelo contrario, parecem indicar-lhe marcha assaz vagarosa. Tem levado mezes e até annos para transpor algumas milhas. De Londres levou a peste nove mezes para chegar a Soho e mais recentemente gastou dez mezes para ir de Hong-kong a Macáo, distante da primeira apenas 30 milhas inglezas, não tendo ainda ficado bem averiguado si esta contaminação se fez pela via maritima (Hong-kong) ou pela terrestre (Cantão). De ambas se aproveita o bacillo da peste. Para disseminação desta não é condição primordial a infecção prévia do solo, como affirmou Daremberg em um recente artigo publicado no *Journal des Debats* e aqui transcripto no *Jornal do Commercio*. Os medicos e observadores inglezes, que melhores occasiões têm tido de conhecer a molestia, nos ensinam o que acima vai dito.

Escrevem elles que a contaminação pestilencial se tem verificado pelo contagio humano (*human beings*), pelos animaes, pelas vestes e pelos alimentos. De todos esses modos de transmissão tem sido salientado pelos modernos estudos o processo da infecção em animaes.

Parece que novos e originaes *semeadores da peste* até pouco tempo desprezados, tem sido agora postos em evidencia. Referimo-nos principalmente aos ratos, que é de todos os animaes conhecidos o que mais similarmente ao homem se apresenta contagiado da peste e póde transmittil-a, embora ainda não bem averiguado esteja o processo de um tal contagio. Os ratos são igualmente transmissores da peste ás serpentes, chacaes, porcos e cães que os ingerirem, notando-se entretanto que o gato, natural inimigo do rato, está ausente da lista, ou porque instinctivamente evite toca nos ratos doentes ou mortos da peste, ou por uma immunidade natural, o que fez lembrar já a alguem que seria conveniente experimentar o serum do gato, como curativo e prophylatico da peste (!)

III

A semeação da peste como a entendeiam os antigos, foi portanto um falso crime. Na gravidade de um crime imaginario não ha limites, sinão os traçados pela propria imaginação. D'ahi os supplicios crueis, o fogo, o fogo lento, as tenazes vermelhas, usadas largamente. Pobre humanidade !

Provado não ter sido possivel semear a peste, terão existido com effeito os falados semeadores, assim como houve tambem feiticeiros, apezar da não existencia da feitiçaria? Terão na verdade existido miseraveis que tenham feito tentativas, illusorias certamente, mas reaes, de propagar a peste?

« Não me fio, responde Littré, na tortura que arranca da victima o falso como o que é verdadeiro. Ainda menos confio nos rumores populares. Quem hoje acreditaria no clamor da multidão, diante das autoridades impassiveis, que em 1832 em Pariz, culpava os medicos de envenenarem os doentes aos primeiros symptomas do cholera?[1]

E' portanto muito possivel enganar-se quem der credito ás accusações populares e aos arestos dos tribunaes contra os semeadores de peste, cuja existencia entretanto parece incontestavel. Foram todavia autores de um crime imaginario e victimas de erros fataes dos nossos antepassados. Não é o homem culpado, escreve Littré, de que a natureza desencandeie de repente contra elle formidaveis flagellos, que precipitam victimas aos milhares nos cemiterios, enlutando e despovoando cidades e campos. Não é tambem culpa do homem si atordoado por similhantes apparições, coagido a organizar ás pressas um systema de defeza, a tomar um partido e agir, elle engana-se muito e muitas vezes. A mesma desgraça porém que o faz illudir-se contribue para que taes erros produzam contra choques funestos e demorados. No caso vertente, por exemplo, suscitaram esses erros falsos julgamentos, accenderam fogueiras, mantiveram as rubras tenazes do carrasco. O que fazer entretanto?

Indignarmo-nos contra os erros fataes do passado? *Fataes*, dissemos, e esta palavra indica a natureza de uma tal indignação. Deve ella converter-se no firme proposito de estudarmos, segundo os bons methodos as nossas pestes corporaes e moraes. Graças aos nossos avós, estamos providos do mais aperfeiçoado instrumental scientifico e claramente vemos o que cumpre procurar. Tiremos pois de factos positivos doutrinas positivas e sobre um tal fundamento estabeleçamos um systema de conducta com prudencia e

---

[1] Na Russia ainda em nossos tempos, aconteceu matar o populacho medicos innocentes, accusando-os de disseminarem o cholera e de envenenarem os doentes que morriam subitamente, mas do proprio mal epid nós, em uma recente epidemia de cholera, em certa cidade d Parahyba, entre a gente rustica e ignorante correu crença ana

humanidade: com prudencia, porque o nosso saber amanhan será engrandecido; com humanidade, porque é preciso que não devam os nossos descendentes, por sua vez, indignar-se contra nossos erros fataes! »

As palavras de Littré foram um conselho e uma prophecia. A sciencia medica em relação a peste bubonica tem procurado seguir o conselho do grande philosopho e pelo muito que hoje positivamente conquistou neste particular, realizou as suas propheticas palavras.

DR. CARLOS SEIDL

UM ROMANCE SYMBOLISTA

A «GIOVANNINA» DO SR. AFFONSO CELSO

II

Fez-se já sentir entre nós a influencia da nova escola—si escola é possivel chamar-lhe.

No Brazil, porém, o symbolismo é um facto de imitação intencional e, em muitos casos, desintelligente. Absolutamente não corresponde a um movimento de reacção mystica ou sensualista, individualista ou socialista, anarchista, nihilista e até classica como na Europa; um movimento em summa que é já a resultante de um lado da revolta contra a organização social, provada incapaz de satisfazer ás legitimas aspirações e necessidades do individuo, de outro do esgotamento do naturalismo e do parnasianismo.

Entregaram-se a elle, sem quasi o conhecerem nos seus motivos e nas suas obras, alguns espiritos em sua maioria impotentes, sem originalidade nem vigor, alguns talvez com talento, mas sem intelligencia, quasi todos sem nenhuma instrucção ou cultura literaria. Não conhecendo alguns siquer o francez, a sua iniciação se fez através dos nephelibatas portuguezes, que são de facto os mestres do symbolismo brazileiro. Até hoje não tinha elle produzido nada de mencionavel. Um movimento esthetico, como elle pretende ser,

---

Veja a *Revista* de 1 de abril.

sómente se affirma por obras que quando não se façam estimar e admirar, forcem ao menos a consideração. Por ora não produzira sinão versos soltos, artigos e fantasias esparsas, tão vasios de fundo quão extravagantes de fórma, em ephemeros periodicos de titulos charlatanescos. Dois factos principaes resaltam da sua obra publicada, o primeiro e mais curioso é a ignorancia em que parece estão do movimento esthetico de que se fizeram aqui coripheus, o segundo é que delle apenas apanharam, sobretudo na poesia, as exterioridades faceis da fórma, sem penetrar quer a essencia do que chamarei, á falta de melhor termo, a esthetica symbolista, quer a substancia da sua maneira de expressão.

O estudo das poucas e desvaliosas producções dos que, com o appellido de « novos » se pretendem representantes entre nós das novas correntes literarias, sobejamente o prova. O Sr. B. Lopes, que parece por elles proprios o melhormente reputado dos seus poetas, não é, como já tive occasião de mostrar,[1] um symbolista, mas apenas um poeta de curto folego, que poetando ha dezeseis annos pelo menos jámais achou o seu caminho, imitando alternadamente os lyricos brazileiros do segundo periodo romantico, depois os parnasianos e sobretudo Gonçalves Crespo, de quem fez verdadeiros *pastiches* e por ultimo o Guerra Junqueiro dos *Simples* e os nephelibatas portuguezes. Si o symbolismo é, como quer o Sr. Brunetière, a reintegração da idéa na poesia, o Sr. B. Lopes não póde absolutamente pretender ao titulo de symbolista, pois não ha descobrir na sua vislumbre de idéa. E' tudo o que o parnasianismo decadente, de envolta com affectada simplicidade posta em moda pelo Sr. Junqueiro e confrades, tem de mais vasio della. Não póde tambem, e pela mesma razão pretender esse titulo o Sr. Cruz e Souza. O seu livro de verso *Broqueis*, é apenas de um parnasiano que leu Verlaine, sem possuir deste, em grau algum, nem a facilidade de idealização poetica, nem a sinceridade da emoção artistica, nem a sciencia innata da lingua, nem a plasticidade das fórmas metricas. Não ha nessa reunião de poemas, na maioria sonetos, nada, sinão talvez a intenção gorada, que a faça classificar na poesia symbolista. São uma imitação falha de Beaudelaire, modificado pelo poeta das *Fêtes galantes*. E a falta de

[1] Veja *Revista* de 1 de novembro de 95.

emoção real é acaso o traço caracteristico desses versos, tal que surpreende. O livro de prosa do mesmo escriptor, *Missal* tem ainda menos valor que os *Broqueis*. E' um amontoado de palavras, que dir-se-iam tiradas do acaso, como papelinhos de sortes, e collocadas umas após outras na ordem em que vão saindo, com raro desdem da lingua, da grammatica e superabundante uso de maiusculas. Uma ingenua presumpção, nenhum pudor em elogiar-se e sobretudo nenhuma comprehensão, ou siquer intuição, do movimento artistico que pretende seguir, completam a impressão que deixa este livro em que as palavras servem para não dizer nada. O mallogrado Sr. Adolpho Caminha, a quem sobrava talento, mas a quem escaceava em grau não commum o senso critico, tinha-se feito ou fôra feito ultimamente o chefe dos «novos». Por uma singular aberração, que é a mais eloquente prova de quanto acerto asseverando que os nossos «novos» não comprehendem o movimento que dizem seguir, o Sr. Adolpho Caminha, foi toda a vida um naturalista, isto é, pertenceu a escola contra a qual, como ninguem ignora sinão elles, principalmente se fez aquelle movimento. O seu ultimo livro *Bom Creoulo*, publicado quando já os nossos symbolistas, decadistas, nephelibatas, mysticos e quejandos, agrupavam-se em torno delle, é feito consoante os moldes de mais puro zolismo. Este facto sómente basta para mostrar o desconcerto que vai entre elles, a incoherencia das suas idéas, o indeciso e o inconsistente da sua esthetica.

A razão deste phenomeno um psychologo facilmente a acharia na falta de sinceridade que distingue o nosso symbolismo. Entre nós, com effeito, esse movimento, si não é demais chamar assim a manifestações sem alcance e sem obras, não corresponde a um estado d'alma, que por sua vez seja effeito de um estado social. E' um mero producto de imitação. Ignorando, como já disse e creio haver provado, as proprias origens e razões que porventura o legitimam, os seus fundamentos estheticos e sociaes, permaneceu aqui, mais que em parte alguma, apenas uma fórma esteril e manca de snobismo, sem haver produzido nada que de longe siquer se possa comparar a obra em prosa e verso dos «novos» portuguezes: Eugenio de Castro, Alberto de Oliveira, Antonio Nobre, rebaixando assim, o que deve magoar os «patriotas» literarios, o nosso bril lyrismo, a essa poesia pobre e pallida que é a sua.

O symbolismo, como todo movimento esthetico, liga-se ao passado. E' a Ronsard e a outros membros da «pleiade», que se fazem remontar os symbolistas francezes; como o movimento esthetico inglez fez-se pelo preraphaelismo, isto é, pela admiração e estudo dos predecessores de Raphael, os ingenuos primitivos, Fra Angelico, Boticelli e outros. O nosso, porém, se não liga a coisa alguma, sem ter por isso o merito da originalidade — si a originalidade fosse possivel — pois copia e imita desageitadamente os francezes e portuguezes. Estes foram buscar nos velhos modelos do periodo ingenuo da sua literatura, inspirações de fórmas e idéas e no estudo da metrica dos poetas dos cancioneiros e dos lyricos quinhentistas, de Sá de Miranda, de Camões, de Quita e de outros menores, acharam elementos para remodelar e renovar a fórma poetica que os naturalistas e parnasianos haviam, sem embargo da rara perfeição que lhe deram, tornado monotona. Por igual na prosa dos primitivos, como Bernardim Ribeiro, e de algumas obras de Garrett, nalgumas das suas paginas mais simples, mais ingenuas, mais limpidas, hauriu o symbolismo portuguez a essencia com que Eugenio de Castro escreveu essa admiravel *Belkiss* e Alberto de Oliveira *Palavras loucas*. Entre nós, nada disso. Os nossos «novos», ignorando por completo a nossa historia literaria, sem nenhum sentimento da tradição esthetica nacional, não puderam ir ás fontes onde, sem quebra desta, retemperar e remodelar as nossas fórmas artisticas, enriquecendo o nosso patrimonio literario de novas idéas e concepções. Os nephelibatas puros achariam, talvez, não muito longe, sinão mestres com quem aprender, pelo menos antecessores que lhes legitimassem a prosapia, os Srs. Joaquim de Souzandrade, em cujos livros *Gueza Errante* e *Harpas Selvagens* não faltam trechos com todos os caracteristicos da escola e o Sr. Luiz Delphino, que é acaso o mestre do orientalismo de pacotilha e do frasear pomposo e vasio daquelles poetas.

Mas não foi só nos que se arreiam com a alcunha de «novos», e disso fazem praça, que influiram as novas correntes literarias. O seu influxo, prova da sua legitimidade, aqui, como em outros paizes, estendeu-se em geral a toda a literatura, ou, pelo menos, a toda a poesia, pois propriamente o symbolismo é antes uma reacção poetica. A nossa poesia, como a nossa ficção em prosa, em mais de um escriptor, se resente delle. A mais perfeita e cabal manifestação

do mysticismo nos nossos jovens poetas, que vivem fóra daquelle cenaculo, é o Sr. Affonso de Guimarães. Este é realmente um poeta e si, como aconteceu em Portugal com Eugenio de Castro, elle se desembaraçar dos exageros e extravagancias fataes em todo movimento de reacção como é o symbolismo, a poesia brazileira poderá ter nelle um digno cultor. E' evidente no Sr. Raymundo Corrêa, como nos Srs. Guimarães Passos e Mucio Teixeira, a influencia do symbolismo; della vêm cheios os ultimos versos daquelle e a ella se póde attribuir tambem o seu formoso conto *Flor de Lotus*, nesta *Revista* publicado. [1] No estylo intencionalmente mystico do Sr. Coelho Netto, em certas das suas creações em que esta tendencia se casa com os elementos realistas do seu temperamento, é tambem facil descobril-a. Ella acaba de se fazer sentir no Sr. Affonso Celso e a sua manifestação é *Giovannina*.

III

Não sei, entretanto, si no Sr. Affonso Celso esta manifestação do symbolismo não será antes um facto de vontade reflectida que o resultado da influencia natural e por assim dizer inconsciente de novas fórmulas estheticas. Aquella hypothese parece-me, entretanto, a mais provavel, e a declaração posta em nota ao seu livro de que elle era «timido ensaio symbolista» é de molde a comproval-a. Sem se haver podido crear, como o Sr. Machado de Assis e o Sr. Taunay, na *Innocencia*, uma maneira sua e original, que resentindo-se de varias influencias em grau que não destroe a individualidade do artista, conservasse intacta a sua personalidade, o Sr. Affonso Celso, tem fluctuado entre a literatura pessoal sentimentalista (*Notas e Ficções*, *Lupe*, *Minha Filha*) e o naturalismo numa fórma temperada (*O Invejado*). Qual a razão deste facto, num homem de verdadeiro talento como o Sr. Affonso Celso? E', a meu vêr, que o temperamento do Sr. Affonso Celso não é, em rigor, literario. O autor da *Giovannina* é sem duvida um poeta e as *Rimas de Outr'ora* o

[1] Fasciculo de 15 de outubro de 1895. Veja-se do mesmo poeta *Plenilunio*, na *Revista* de 1 de outubro de 1896.

comprovam; mas o poeta não precisa de temperamento literario, sendo a poesia uma fórma natural de expressão em certos individuos. A arte mesma, no seu verdadeiro sentido, lhes é desnecessaria; quando muito lhes póde servir para realçar e fazer valer os dotes naturaes. Nenhuma arte poetica fez jamais um poeta. Com o estro poetico o que ha principalmente no Sr. Affonso Celso é o temperamento politico que estua em toda a sua obra e domina toda ella. A literatura propriamente foi para elle um *pis aller*, um derivativo forçado de energias intellectuaes que, pago o tributo á inspiração poetica, tinham tomado outra direcção, da qual só circumstancias mais fortes que a sua inclinação e a sua vontade o fizeram sair. D'ahi a desigualdade da sua obra literaria, na qual frequentemente o artista cede o passo ou melhor a palavra ao politico, com o seu estylo e as suas paixões.[1] Este defeito, que aliás dá a sua obra um sabor picante de actualidade, lhe prejudica, não ha negar o valor literario. A *Giovannina* affigura-se-me uma variação mais da intelligencia curiosa e activa do Sr. Affonso Celso, no dominio da literatura. É verdadeiramente a obra de um diletante e de um curioso, que experimenta a sua capacidade em uma fórma nova da arte, não a de um devoto convencido della. E a prova do que deixo dito acima é a nota final, a que já me referi, que lhe poz o autor. Escrevendo uma pura obra d'arte, como um puro artista — e nisto não vai em mim contradição com a rejeição da theoria da arte pela arte — o Sr. Affonso Celso, estou eu, não lhe poria aquella nota, não viria declarar-nos que si conjecturasse que as relações do Brazil com a Italia fossem estremecidas, não a haveria acaso escripto, nem duvidar da opportunidade da sua publicação, nem fazer protestos de patriota ou expor a sua opinião sobre a immigração e os seus beneficios. A sua obra, tão generosamente inspirada, a escreveria e publicaria sem preoccupações de momento e mesmo sem o fim pratico, vulgar, de «propagar pelos meios seggestivos da arte», a convicção de que «a prosperidade e a gloria do Brazil dependem da fusão dos bons elementos indigenas com outros bons elementos vindos de fóra, preponderando os primeiros, porém sendo indispensaveis os segundos».

---

[1] Veja especialmente em *Lupe* a descripção do Brazil sob o imperio, no *Invejado* o quadro do «13 de maio». Os exemplos, aliás, podiam ser multiplicados, mesmo em *Minha Filha* os ha.

O assumpto é mais para uma memoria de economia politica, que para uma obra d'arte. E só o facto deste objectivo declarado, poria *Giovannina* fóra do symbolismo, si o não fizessem a propria concepção e realização desse «romance dialogado» como o appellida uma epigraphe explicativa do editor.

Qualquer que seja, com effeito, a definição que do symbolismo aceitemos, a do Sr. F. Brunetière ou a do Sr. Remy de Gourmont atrás citadas ou a do Sr. Faguet que « o symbolismo consiste em sob o involucro material descobrir o conteudo idéal », ao contrario da allegoria que « parte de uma idéa abstracta que reveste depois laboriosamente de uma fórma concreta », em nenhuma dellas cabe verdadeiramente a nova creação do Sr. Affonso Celso. *Giovannina* é confessadamente um romance de these e, si quizerem, uma allegoria, pois que ha nelle uma idéa abstracta — a vantagem da fusão das raças no Brazil — exposta sob a fórma de uma historia romanesca. O symbolo é uma especie ou uma fórma de allegoria, mas uma allegoria sem intenção didactica ou logica, como conceitua um critico, e póde ser verificado nas obras que melhormente representam a escola. A intenção didactica é não só evidente em *Giovannina* mas declarada pelo seu autor. Nem creio que o Sr. Affonso Celso se ache na disposição de espirito necessaria para escrever com successo uma obra verdadeiramente symbolista. Já mostrei os varios factores, sociaes e estheticos, dessa nova corrente literaria, que é uma reacção na ordem das idéas e da sua maneira de expressão. Como pensador, o Sr. Affonso Celso não se acha, penso eu, no estado de espirito que suppõem as tendencias da nova esthetica e, si me não engano completamente, o individualismo mesmo radical, não é dogma da sua philosophia; e como escriptor, como artista, a sua fórma, apezar do evidente esforço em contrario, permaneceu neste livro a mesma de suas outras producções — sem a plasticidade voluptuosa, o vago, o indefinido harmonioso a querer imitar os effeitos da musica, a simplicidade rebuscada, mas impressionadora afinal de um Mœterlinck, sensual, imprecisa e sobretudo buscando novidade numa construcção especial da frase, as vezes preciosa e atormentada até a obscuridade como em Mallarmé, outras vezes ingenua, affectadamente simples como em Eugenio de Castro, mas que evidentemente não é a prosa dos não symbolistas, nem o seu estylo.

Pela sua propria definição e pelo seu genio, o symbolismo sai da realidade e para que ella o não embarace remonta a lugares e tempos indecisos que lhe favoreçam a realização. Elle se julga incompativel com a trivialidade da vida tal qual a vivemos e vemos viver. De accordo com seu mestre Wagner é por assim dizer fóra do espaço e do tempo que põe as suas ficções.[1] Por haver querido libertar-se deste jugo de escola, e talhar em plena realidade viva e presente uma obra symbolista, só haveria que louvar o Sr. Affonso Celso, si a sua tentativa, já de si gloriosa, não contrariasse a propria esthetica da escola, forçando-o a attender ao caso particular e si no realizal-o, o fizesse de um modo superior, o que não lhe era, por esta mesma razão, possivel.

O romance do Sr. Affonso Celso, é eminentemente um romance realista, no melhor e mais justo sentido da palavra. E' um facto da nossa vida, rodeado de outros factos e episodios todos realissimos e alguns cruamente realistas. Si exceptuarmos certas fórmas de expressão que no dialogo de um romance francamente naturalista poderiamos acoimar de «impropriedades», e exterioridades de fórma, como o arranjo do dialogo e a descripção dos scenarios á maneira de Moeterlinck, em longas exposições ou descripções, precedendo, interrompendo ou finalizando as scenas, este livro é, não duvido affirmal-o, um dos melhores productos do nosso naturalismo.

Em uma pobre habitação da Alta Italia, vivia lutando com a dureza da vida um familia italiana que ao começar este livro resolve emigrar para o Brazil. O segundo quadro mostra-nos o navio em

---

[1] O «libreto» da opera *Messidor*, que acaba de ser representada em Paris musica do Sr. Bruneau, um dos jovens mestres da nova escola franceza, é apezar de escripto pelo chefe do naturalismo, Zola, symbolista, o que prova que a influencia dessa esthetica penetra os seus mais rudes adversarios, mas a acção desse drama passa-se em lugar e época indefinidos. Ignoro si a critica alguma vez mostrou o que havia de «symbolismo», tomada esta palavra no seu sentido commum, na obra e no genio do mestre do *Germinal*. Que o seu genio é eminentemente o de um poeta e epico, mostrou-o ha bons dez ou doze annos o Sr. Julio Lamaitre. Aquella feição, porém, não seria difficil descobril-a nelle, e mais frisantemente em *Lourdes* e mais ainda em *Roma*. Tudo aliás nelle como nos epicos, é uma «representação», e o anthropomorphismo é, por assim dizer, um recurso da sua rhetorica. O drama *Messidor* é symbolista — mas symbolista com um fim pratico como a *Giovannina*, o que o afasta do symbolismo da escola, porém, ao contrario de *Giovannina*, não se passa em plena realidade.

viagem e a chegada. No terceiro vamos encontrar aquella familia, da qual Grovannina é a filha, realmente encantadora e meiga, já numa fazenda de S. Paulo, em pleno trabalho de colheita do café, e o dialogo diz as doçuras da sua vida acolá contrastando com a amargura da que tinham na patria. O filho da fazendeira, João Carlos, gosta de Giovannina, e apparece ali no cafezal a dizer-lhe galanteios. Os pais, percebendo-o, retiram-se da fazenda e vêm para o Rio, onde morrem de febre amarella, deixando Giovannina e o irmão Luigi em pleno abandono. Ella, que amava João Carlos, vendo-se ao desamparo e exposta ás tentativas lubricas de um vendelhão, resolve voltar para o interior, e lembra-se na sua desgraça que João Carlos ao despedir-se della lhe dissera que, além do mais que poderia ella encontrar em toda a parte, na fazenda delle encontraria «um pouco de sincero affecto». E volta e encontra João Carlos só, que lhe tinha morrido a mãi, e, depois de uma luta de sentimentos entre os dois, habilmente pintada e naturalmente conduzida pelo romancista, casam-se, sendo o ultimo quadro, o peior, o unico ruim do livro, o das bodas, de um naturalismo a lembrar, menos a graça, scenas parecidas das caricaturas naturalistas de Camillo Castello Branco. Tal é, rapidamente resumido, o romance do Sr. Affonso Celso.

Evidentemente ha nos oito quadros de *Giovannina*, principalmente no segundo, a viagem dos emigrantes e a chegada ao Rio de Janeiro, impressões da poetica symbolista. Mas a realidade, o particular, dominam e vencem as intenções do escriptor. Esse segundo quadro é bellissimo, rico de côr, de luz, de emoção. Os personagens vivem realmente nelle, mas de uma vida demasiado «natural», si posso dizer assim, para o symbolismo. As suas falas, porém, são ou por demais singulares para um livro naturalista ou por demais chans e triviaes, segundo o criterio da nova escola. E' que as duas tendencias lutam no espirito do autor, vencendo sempre o seu temperamento realista e o seu espirito pratico. De um e outro ha neste mesmo quadro um exemplo frisante: a exposição da vida e vantagens do immigrante no Brazil, do seu regimen de trabalho e dos seus ganhos provaveis, qual o faria uma *Guia do Immigrante*.

De um naturalismo que chega á trivialidade propria dos exageros da escola é o quarto quadro da morte dos pais de Giovannina num cortiço do Rio de Janeiro; mas a observação, embora banal e

facil, é ahi segura e os personagens desenhados com intensa verdade. O mesmo se poderia dizer, e já ficou dito do ultimo quadro, o das bodas, mas esse destoando por completo do tom geral da obra, é um defeito imperdoavel nella e si o Sr. Affonso Celso nos désse uma nova edição do seu livro, eu tomaria a liberdade de aconselhar-lhe que modificasse esse quadro, que é verdadeiramente um pedaço vivo da nossa vida, mas que discorda da esthetica do seu livro. O quinto quadro tem apenas com o drama que resume uma relação remota. Da familia de Giovannina um irmão, Gualtiero, um anarchista, não quizera acompanhal-a, empenhado na sua propaganda. Assistimos neste quadro a um espectaculo num theatro italiano, e no meio de dialogos que o escriptor com rara arte nos faz ouvir em varios pontos daquella sala de espectaculo, onde se encontra a fina flôr da sociedade com seus multiplos e variados matizes, rebenta uma bomba que mais tarde se descobre fôra lançada por Gualtiero, que a pagou com a vida. Este quadro é de um bello arranjo, de um grande movimento que não lhe destroe a unidade impressionadora. O Sr. Affonso Celso expondo no primeiro as opiniões anarchistas de Gualtiero e neste pondo na bocca delle e dos seus companheiros as invectivas do anarchismo contra a organização social, escapou com bom gosto e intelligencia á facil e para um espirito mediocre tentadora vantagem de anathematizal-os, ou desfigural-os desfavoravelmente. Não menos bello é o quadro terceiro, em plena lavoura de café, cortados os dialogos por alguns desses versos tão languidamente amorosos da nossa poesia popular. De todo este livro mais que tudo, destaca-se a figura de Giovannina, que ficará em o nosso romance digna companheira e rival das mais bellas idealizações femininas de José de Alencar.

Em resumo, o Sr. Affonso Celso não escreveu, como quiz, um romance symbolista, e não poderia escrevel-o por se não achar na disposição espiritual necessaria para fazel-o. Mas fez melhor, dando á nossa literatura, tão cançada de banalidades e imitações, uma obra que se destaca na vulgaridade geral, uma obra de idéa, que, defeituosa embora, é uma obra pessoal, cheia de movimento e de vida, que tem, emfim, a rara qualidade de não ser banal.

José Verissimo

A' GRECIA

Abra-se a tumba ha seculos fechada
Pela manopla ferrea do Islamita,
Nas cinzas a alma dos heróes se agita;
Soam na Héllade toques de alvorada;
O' Grecia resuscita!

Toma a égide e a panoplia de Minerva,
E os raios do teu Jupiter empunha;
Investe a raça barbara e proterva!
Do que has soffrido o mundo é testemunha!

Tornem os dias imperecedores
De Athenas elegante e Sparta rude;
Colha outra vez a tua juventude,
Com os louros da arte e da destreza, os louros
Da civica virtude!

O sol dos fortes no levante assoma,
Chamando-te á palestra dos athletas;
E no teu nobre e classico idioma
Vibram os cantos dos antigos poetas!

Não recordes idyllios voluptuosos,
Desses que, á sombra do olival no monte,
Ainda conta ao narciso e ao trevo a fonte,
Que os aprendeu, em dias ociosos,
Do velho Anacreonte.

Recorda os carmes de Tyrteu e Homero,
Achilles, Rheso, Ajax, Heitor desperta;
E, de Eschylo acabando o drama austero,
O acorrentado Prometheu liberta!

Lembra-te Byron, que a belleza pura,
A lyra de ouro e o estro peregrino
De Apollo herdara, por favor divino,
— E que por ti, em épica aventura,
Foi tentar o Destino?

Sem o gozo supremo da victoria,
Elle caiu em face do inimigo:
Mas neste albor da tua nova Historia,
Seu grande espirito estará comtigo!

Quando no mundo oppressos e oppressores
Raivosamente lutam peito a peito,
Não has de defender, no acerbo pleito,
Quem firma, padecendo santas dóres,
O imperio do Direito?

Deixarás tu que do deserto a areia
Sem fruto absorva, ha quasi dois mil annos,
O sangue derramado na Judéa
Pelo maior dos martyres humanos?

Soffrerás que a christãos seu jugo imponha
O Musulmano, embriagado de ira?
Que com impuro alfange abata e fira
Irmãos da nossa Fé, para vergonha
Do seculo que expira?

Não vês que o odio fatal raizes lança
Nos corações que ulcera o vilipendio?
Não vês que ao proprio céu pedem vingança
Saques, torturas, exterminio ou incendio?

—

Vai! Soccorre os teus filhos de Candia!
Soccorre-os! Fartos de uma iniqua sorte,
Elles exclamam, com voz altiva e forte:
Basta de assolamento e tyrannia!
Ou liberdade, ou morte!

Não querem resignar-se ao dolo e á affronta,
Quaes vis eunucos que em senil marasmo
Dormem, e que a odalisca rindo aponta
Do Gran-Senhor ao imperial sarcasmo!

—

Canhões reboam — estremece a terra.
Contra quem os navios vêm armados?
Contra o Sultão e seus crueis soldados?
Não; contra ti. E os que te fazem guerra
São netos de Cruzados!

Alça o pendão nos mastros da flotilha,
Desafia as esquadras frente a frente,
E com teu acto generoso humilha
A inepta covardia do Occidente!

—

Quantas nações te ameaçam, só por medo
Da sua mesma universal cobiça!...
Vem tu, com o gladio de Alexandre, á liça,
E as malhas romperás do torpe enredo
Em nome da justiça!

Impelle avante o teu heroico Povo!
Embora frema a Europa e o Turco brade,
Tu vencerás emfim, tu que és de novo,
O' Grecia, a mestra e a mãe da humanidade!

Roma, 3 de março de 1897.

MAGALHÃES DE AZEREDO

AS FLORES E SEUS HOSPEDES

No 38° fasciculo da *Revista* o eminente professor Sr. Dr. Domingos Freire fecha uma brilhante serie de estudos sobre a vida dos insectos com a narração de um facto, por elle observado, relativo ás visitas de pequenos insectos da familia dos Hymenopteros ás flôres de uma trepadeira do genero Convulvulus (*C. tricolor*), vulgo « Bons dias ». Observou que aquelles insectos penetrando no tubo da corolla, cobriam-se do pollen das antheras e o espargiam em seguida sobre o stygma do carpello, concorrendo assim para a fecundação da flôr.

Ha muito que os botanicos deram a devida importancia ás relações intimas que se nota entre flôres e insectos, e formaram nestes ultimos tempos com estes factos um dos mais interessantes capitulos da physiologia vegetal. Sendo estes phenomenos geralmente ignorados pelos numerosos amadores das flôres, parece-nos admissivel expol-os succintamente, tentando reunir e fazer conhecer os importantes trabalhos que modernos autores, como M. I. Schleiden, I. Roemer, Ant. Kerner, von Marilaun e outros accumularam sobre este valioso thema.

A sciencia afigura-se não raras vezes ao leigo como uma coisa sempre abstracta e de difficil entendimento; para elle o botanico, por exemplo, apresenta-se-lhe como um homem grave, occupado exclusivamente a colher plantas, encerral-as no seu herbario e classifical-as de nomes feios e barbaros, por si só capazes de apagar o mais modesto idealismo.

Entretanto, os factos de que vamos tratar nada têm de fastidiosos, são pelo contrario cheios de vida e proprios para despertar o

interesse. O que intimida e produz effeito repulsivo é a parte systematica da sciencia, as inevitaveis classificações e nomenclaturas, pelo seu lado realmente arido. Mas estas são apenas instrumentos, ferramentas nas mãos dos obreiros do edificio. Os resultados obtidos são accessiveis á todos, aproveitam a todos e devem ser adquiridos por todos os espiritos cultos, porque revelam as leis geraes da natureza, a cuja influencia temos de submetter-nos como partes integrantes, e a cujo dominio obedecem as concepções variadas do espirito humano e as suas multiplices manifestações.

Descrevendo a real vida da flôr, a missão que a natureza lhe confiou em relação á communidade de cellulas, que se chama uma planta, e os differentes meios de que se serve para cumpril-a, cremos dar satisfação a muitos amigos das flôres, augmentando e esclarecendo o interesse que votam aos seus favoritos, tornando maior os seus gozos e mais attractivo o seu culto.

Antes, porém, de nos occuparmos mais detalhadamente com as gentis filhas de Flora, convém apresentar ao leitor a grave figura de S. Ex. o Sr. reitor Christiano Conrado Sprengel, superior do gymnasio da cidade de Spandau, perto de Berlim, nascido em 1750 e fallecido em 1816.

Embora possa parecer pouco aceitavel ligar a poesia das flôres, superabundantes de côres vivas e perfumes delicados, com a figura severa e rigida de um velho pedagogo prussiano, embutida de idéas metaphysicas, todavia é forçoso dizer que este homem lançou a pedra fundamental da physiologia das flôres, e por meio de paciente e intelligente observação chegou a descobrir o importante papel que fazem os insectos na fecundação das plantas, cujo mecanismo maravilhoso não se conhecia antes delle.

Sprengel publicou em 1793 o resultado das suas observações sob o titulo um pouco bombastico, como era uso naquelles tempos, de: « O segredo da natureza desvendado na construcção e fertilização das flores. » Esta instructiva obra adiantou-se do seu tempo, e as notaveis observações nella contidas, ficaram, ou não comprehendidas, ou mal apreciadas. Os leigos na materia fizeram escarneo do pobre reitor, chamando-o de « homem sylvestre », por causa das suas constantes e interminaveis excursões nas florestas; os profissionaes pouca ou nenhuma importancia lhe davam, devido ás suas excessivas concepções teleologicas que dominavam o livro, e que o levaram a

encarregar os insectos quasi que exclusivamente da total jardineria da natureza. Não obstante, a competente autoridade julgou o livro perigoso para os principios sagrados e estabelecidos, as novidades trazidas á luz como ousadas e subversivas e em todo caso incompativeis com a posição official occupada pelo autor, e a consequencia immediata foi a aposentadoria do delinquente. Profundamente magoado com a injustiça da medida, Sprengel retirou-se á vida privada, tornou-se misanthropo e falleceu em 1816 sem ter publicado ulteriores trabalhos.

O seu biographo pinta-o como um amigo enthusiasta da natureza e ao mesmo tempo crente fervoroso. Era um observador escrupuloso e de grande exactidão, um fanatico da verdade. Subordinava tudo a esta e para defendel-a tornava-se aspero e intolerante. Utilizava todas as vagas, que lhe deixava o magisterio, para correr e vaguear nas florestas e campos, onde colhia as suas preciosas observações, que, aproveitadas mais tarde e illustradas pela sciencia moderna, serviram de base a uma das mais bellas conquistas do espirito investigador do homem: as leis da selecção e da adaptação que regem o mundo organico. Verdade é que ninguem mais se lembrou de Sprengel e do seu livro, que caiu em completo esquecimento. Mais de trinta annos passaram-se até que o grande Darwin arrancou-o do desmerecido olvido, e hoje o mundo scientifico admira-se como fosse possivel que aquella limpida fonte da verdade pudesse por tanto tempo ficar enterrada debaixo do entulho das velharias bibliographicas.

Darwin não se contentou em verificar, com a sua habitual habilidade de paciente investigador, a exactidão das observações de Sprengel; mas, ampliando-as, serviu-se dellas como alicerce para construir a sua monumental obra: « Physiologia da flôr ». Outros naturalistas, como Lubbock, Axell, Hildebrandt, Delpino, Wolff, Anton Kerner e sobretudo H. Müller, desenvolveram e multiplicaram os factos descobertos por Sprengel, dando-lhes a sua verdadeira significação e valor, e engastando-os como pedras fundamentaes no edificio da moderna concepção do mundo organico. Vê, pois, o leitor que não foi sem razão que lhe apresentamos o já esquecido reitor prussiano.

A priori podem parecer de somenos importancia minuciosidades e detalhes infimos como a construcção da flôr e as relações que existem entre ella e os insectos, e mal se comprehende como tantos

grandes naturalistas se entregaram ao seu acurado estudo. Mas quando tivermos provado que destas relações originaram-se em grande parte as variedades e especies das plantas; que a sua existencia acha-se intimamente ligada á dos insectos que as frequentam, e que uns e outros têm-se adaptado reciprocamente no correr das épocas geologicas a bem da sua conservação e propagação; que sem ellas a vegetação do nosso planeta, ou não existiria, ou teria feição inteiramente diversa, então a apparente estreiteza do assumpto desapparece e o seu immenso valor biologico será facilmente admittido.

A este respeito o notabilissimo botanico A. Kerner exprime-se do seguinte modo: «Póde-se affirmar sem receio de errar, que as cuidadosas investigações sobre os factos que regulam as visitas das flores pelos insectos e outros animaes, fizeram dar largos passos á solução dos problemas que dominam as sciencias naturaes modernas, aproximando-as do seu alvo, e é de esperar que a sua continuação contribuirá a levantar o véu que ainda encobre tantos enigmas.»

Para melhor elucidar os factos que vamos descrever é indispensavel traçar um ligeiro esboço da morphologia da flor.

Na doutrina da sua estructura e composição a flor é considerada como um simples botão foliaceo ou renovo, composto de folhas differenciadas para o processo da reproducção da planta e da conservação da especie, e sendo a planta considerada uma colonia de cellulas, a diversidade de trabalho a executar por cada unidade conforme o principio da divisão do trabalho que governa na natureza, determina para cada planta a metamorphose das suas folhas.

A flor perfeita compõe-se do calix, da corolla, dos estames e do carpello; calix e corolla servem de protecção aos estames e carpellos, orgãos essenciaes da flor. Os estames são formados pelo filete e a anthera que produz o pollen.

O primeiro representa o peciolo da folha, o segundo o limbo transformado em reservatorio a dois compartimentos nos quaes gera-se o pollen. Na folha que se metamorphosea em carpello, o peciolo transformou-se em estylo e o limbo em estigma. O ponto onde o botão foliaceo, transformado em flor, surgiu da hastea formou o ovario que encerra as sementes ou ovulos vegetaes.

Para que estes não pereçam e tornem-se aptos é mister que o estygma receba o pollen das antheras

deste, apanhados pelo estygma humido, intumecem e fazem penetrar por meio de um tubo o seu conteúdo, formado de protoplasma, dentro do estylo até encontrar no ovario a cellula germinativa da semente, com a qual une-se, dando lugar a formação do fruto, origem de um novo individuo. Convem dizer que a disposição dos orgãos da reproducção é muito variavel. Grande parte de plantas reunem na sua flor os estames e carpellos: são denominadas flores hermaphroditas; outras possuem um só dos orgãos, ou estame ou carpello, sendo as unisexuaes. Muitas vezes a mesma planta produz flores de ambos os typos: plantas monoicas; são dioicas quando possuem uma só das mencionadas fórmas.

Depois desta indispensavel excursão na morphologia da flor devemos considerar os phenomenos vitaes da mesma que constituem a sua physiologia? Relembramos em primeiro lugar que a sua fecundação depende absolutamente do prévio espargimento do pollen dos estames sobre o estygma do carpello. Nas flores hermaphroditas que encerram ambos os orgãos, este processo é dos mais simples. Numa flor de morangueiro, por exemplo, os estames acham-se dispostos em redor do carpello e são mais compridos do que este, de modo que o seu pollen, destacando-se das antheras, cai forçosamente sobre o estygma, obedecendo a lei da gravidade. Na flor da arruda e outras, onde os estames acham-se mais ou menos afastados do carpello, elles adquirem no momento opportuno uma certa irritabilidade que os faz inclinarem-se successivamente sobre o estygma para confiarem-lhe o seu pollen. Visto a grande preponderancia do typo hermaphrodita sobre os outros, estes factos eram tidos como regra geral no processo da fecundação, e para as excepções constituidas pelas flores monoicas e dioicas, ou unisexuaes, admittia-se a intervenção dos ventos que effectivamente se dá nestes casos com efficacia.

Foi, como vimos, Sprengel o primeiro a observar e assignalar a intervenção dos insectos e o seu importante papel na fecundação das plantas. Mas embora elle observasse com toda exactidão os factos que presenciava e se aproximasse muito da sua verdadeira significação, todavia os seus principios teleologicos não o deixaram

ver a sua connexão nem derivar as consequencias reaes do que observava. Para elle as flores fabricavam o seu mel unicamente para alimentar os insectos, e o fim da corolla era abrigar da chuva este alimento. As disposições que muitas flores apresentam como meio de *forçar* os insectos a cobrirem-se do seu pollen, elle as considerava como «intenções caprichosas do creador». Deste modo as flores constituiam-se em simples fornecedores de viveres para os insectos.

Foi necessario que Darwin interviesse para tirar das observações de Sprengel as consequencias que ellas comportavam. Com a sua enorme paciencia e indefectivel clareza, Darwin provou experimentalmente que o papel das flores não consiste em fornecer mel e pollen como rancho aos insectos, que similhante supposto desinteresse não existe na natureza, onde pelo contrario reina o mais feroz egoismo; mas que são justamente as flores que tiram o maior proveito das relações estabelecidas entre ellas e os insectos, dando isso lugar a sua adaptação ás visitas destes.

Para melhor comprehensão desta adaptação, muitas vezes maravilhosa, é mister fixar bem uma das consequencias que Darwin deduziu por meio de innumeras e cuidadosas experiencias e observações, e que vem a ser, que a rigorosa fecundação *directa*, isto é, a que procede dos orgãos da mesma planta, é *nociva*, e que ao inverso, a fecundação *indirecta*, isto é, o cruzamento com outros individuos da mesma especie, embora em periodos espaçados, é uma condição ineluctavel para a conservação da especie. Todos os agricultores e criadores conhecem este facto que tem o valor de uma lei natural, mas não tinha sido aproveitado scientificamente antes de Darwin.

A fecundação indirecta ou o cruzamento é muito mais favoravel á planta do que a directa, e com a intervenção da lei da selecção, é certo que grande parte das flores a favorecem, adaptando a disposição dos seus orgãos a este desideratum. Facil é notar-se na natureza a tendencia geral para favorecer a primeira e para obviar a segunda. Isto vai ao ponto de, quando cai num estygma o pollen de um outro individuo conjuntamente com o da propria planta, o primeiro toma a preponderancia sobre o segundo no brotamento dos tubos plasmaticos para o ovario. O pollen directo fica então inutilizado e torna-se nocivo como si fosse venenoso.

Muitissimo variados são os meios applicados pela natureza para obstar a fecundação directa. Em primeiro lugar a já mencionada disposição monoica e dioica. Si, por exemplo, num galho de um arbusto monoico, a flor feminina que possue o carpello, é situada em lugar mais alto do que a masculina com os estames, é claro que a fecundação directa da primeira pelo simples effeito da lei da gravidade torna-se impossivel, e que a fecundação indirecta pelo vento ou pelos insectos tem de produzir-se. O mesmo dá-se com as plantas dioicas onde cada individuo traz uma só especie ou typo de flores, masculinas ou femininas. Neste caso, sendo as vezes consideravel a distancia que separa os diversos individuos, nem a acção do vento seria sufficiente para produzir a fecundação, e esta fica a cargo dos insectos que vagam entre as plantas, transportando o seu pollen.

As plantas cuja fecundação depende do vento são denominadas *anemophilas* e constituem cerca da decima parte de todas as phanerogamas. E' caracteristico dellas que suas flores são de pouca apparencia, faltando-lhes as côres vivas e sobretudo o mel e as partes que o distillam. Em compensação distinguem-se pela sua grande mobilidade, posição exposta nas pontas dos galhos, precedendo a sua florescencia o desenvolvimento das folhas; a leveza do seu pollen de notavel seccura favorece a sua trasladação e o grande volume dos estygmas a sua adhesão. A adaptação a acção do vento é perfeita.

Entomophilas chamam-se as plantas cuja fecundação opera-se pela intervenção dos insectos. As suas flores são na maior parte hermaphroditas, produzem mel e são providas de corollas grandes e vivamente coloridas, impondo-se assim aos sentidos dos insectos. Que a intervenção destes na fecundação não tem por fim a directa, mas sim a indirecta ou o cruzamento, provam-no os numerosos obstaculos que a flor antepõe a primeira. Entre elles sobresai a chamada *Dichogamia*, muito diffundida no reino vegetal.

Consiste ella na maturação desigual dos estames e dos carpellos de uma mesma flor. Uma flor de campanula servirá de exemplo.

Examinando-a logo depois de desabrochar deparamos com os seus cinco estames já abertos e murchos, desguarnecidos de pollen; portanto a maturação do pollen teve lugar na flor ainda fechada e precedeu a do carpello. Verifica-se que o pollen ficou collocado por baixo do estygma nos raminhos cabelludos do estylo. Uma vez aberta

a flor, os insectos a frequentam, procuram o mel depositado no fundo da flor, e roçando o estylo, saem cobertos do pollen ahi collocado e que adhere aos seus corpos na sua passagem forçada entre a corolla e o carpello.

Sómente agora amadurece o estygma, os raminhos separam-se e o carpello torna-se apto a receber o pollen que algum insecto lhe traz duma flor mais nova. Evita assim a fecundação pelo seu proprio pollen e consegue o cruzamento como de uma outra flor. Este processo é muito frequente; menos o é o opposto onde a maturação do carpello precede a dos estames. Mas sempre o cruzamento é o seu fim.

Um outro obstaculo a fecundação directa consiste na *heterostylia*, ou desigualdade no comprimento dos estames mais curtos, em relação ao do carpello mais comprido. Os dois orgãos amadurecem e funccionam ao mesmo tempo, mas a mencionada desigualdade difficulta a fecundação directa e facilita o cruzamento por intermedio dos insectos.

Facil seria multiplicar os exemplos para demonstrar a tendencia geral nas plantas para forçar o cruzamento e tornar a fecundação directa mais difficil, até a impossibilidade absoluta, no interesse da conservação e propagação da especie. Este interesse porém é tão poderoso que a planta, no caso de insuccesso no cruzamento anhelado, recorre como «pis aller» a autogamia ou fecundação directa para não perder o fim da sua existencia: a reproducção. Assim, na campanula citada, os raminhos do seu carpello, chegado o tempo da maturação deste, recurvam-se de modo a tocar com o estygma ao estylo, onde tempo antes os estames haviam deposto o pollen. Si houve cruzamento anterior com pollen estranho por intervenção de um insecto, esta prevalece e o recurvamento descripto fica sem effeito. Si porém, por falta de insectos, o cruzamento não se deu, o estygma aproveita o pollen da propria flor, a fecundação directa effectua-se, e o fim superior fica attingido. Mas repetimos, a tendencia geral é para o cruzamento como sendo mais efficaz para a conservação da especie.

Emquanto nas plantas monoicas e dioicas o vento serve, com poucas excepções de vehiculo ao pollen, a quasi totalidade das flores hermaphroditas acha-se subordinada neste sentido ao auxilio dos insectos e souberam adaptar-se á visita dos mesmos. No nosso

paiz o papel de carregador inconsciente do pollen tambem é exercido por pequenos passaros da familia dos sahis, e sobre tudo pelos beijaflores que caçam os pequenos insectos escondidos no calix das flores. Até a lesma póde nos seus passeios pachorrentos contribuir para a fecundação indirecta. São porém excepções e na generalidade são os insectos os interventores, merecendo a qualificação de «hospedes das flores».

Entre estes são principalmente as coleopteros, as grandes e pequenas moscas, as borboletas diurnas e nocturnas, e sobretudo as abelhas que se incumbem da importante missão de propagar o cruzamento entre as plantas. E conforme o modo de apresentação do mel do pollen usado por cada especie de flôr, umas com grande generosidade e com mesa aberta, outras com difficuldades e ecletismo o numero dos hospedes é maior ou menor. As flôres francamente hospitaleiras são na maior parte de côr branca ou amarella; nas flores mais avarentas do seu mel onde este acha-se mais ou menos escondido, fica a frequencia limitada ás especies providas de trombas, como por exemplo as borboletas. Estas flores são geralmente de côres variadas, como encarnada, azul, purpurea ou violacea.

Um estudo comparativo da estructura destas flores com a dos insectos, seus frequentadores, traz a convicção de que as primeiras adaptaram-se maravilhosamente a estes. Esta adaptação, naturalmente, não se produziu por saltos nem por actos da consciencia da flor, mas pouco a pouco durante os milhões de annos que o mundo organico consumiu para chegar ao seu estado actual, assegurando ás plantas adaptadas a superioridade sobre outras, que por isso desappareceram no meio da eterna luta pela vida.

Os insectos melivoros influenciaram assim a fórma, a côr, o aroma e a proporção do mel das flores, e em summa crearam a actual *flora* dando-lhe o seu aspecto presente. Crearam sem outra intervenção a sua grande diversidade que hoje faz o nosso encanto.

Os zoologos affirmam que muitas fórmas do corpo dos insectos acham-se de accôrdo com a estructura das flores por elles frequentadas; os botanicos por seu lado chegaram á convicção que muitas particularidades da flor são accomodadas ás fórmas e o modo de viver dos seus visitantes Houve, e provavelmente ainda ha adaptação reciproca. Além disso reina um grande parallelismo entre as

flores e os seus hospedes, relativo ao tamanho, variedade de côres e outras funcções vitaes. Basta lembrar que a eclosão de muitos insectos coincide com a de certas flores que lhes servem de pasto, e que as flores diurnas e nocturnas tem cada uma a sua fauna correspondente.

Provadas ás estreitas relações que o cuidado da sua conservação estabelece entre a planta e o insecto, não será demasiado considerar como verdadeiros engodos os meios de que se serve a planta para provocar a visita dos seus hospedes, da qual depende a sua existencia.

As brilhantes côres de que se revestem tantas flores, os seus delicados perfumes não têm por fim o mero gozo do homem como o affirmam os poetas, e com grande novidade a antiga concepção teleologica do mundo. A prosaica mas pura verdade é que ellas existem para os insectos e pelos insectos. A flor não cogita da gentil moça que a admira; a sua aspiração é uma feia mosca ou estupido bezouro. A natureza é unicamente regida pela inexoravel lei da causalidade e da utilidade, e não conhece amabilidades para com o seu chamado — rei. A côr viva da flor e a sua dimensão, destacando-se geralmente do fundo escuro da folhagem, operam á distancia e chamam a attenção dos insectos que, guiados por ellas ficam dispensados de afadigosa procura. Quando uma flor é de tamanho insignificante que não lhe permitte attrair a attenção, a planta as reune em cachos, espigas ou umbellas para assim produzir o effeito da flor de maiores dimensões.

E não raras vezes neste caso as maiores da reunião acham-se collocadas na ponta ou lugar de maior saliencia do apparelho e são estereis, sem orgãos de reproducção, reduzindo-se o seu papel a uma especie de taboleta de taverna que avisa os sedentos insectos que mais em baixo acharão o que procuram.

Não menos attractivos, do que as côres, são para os seus alados hospedes os oleos ethereos que partem da flor sob fórma de arômas, e espalham-se a grandes distancias, principalmente á tarde e á noite. São indicios certos que a respectiva flor distilla mel, e parecem exercer sobre os insectos uma especie de embriaguez. Convidado por estes meios o insecto conveniente (porque nem todos o são), na sua chegada a uma destas flores acha logo certas facilidades por parte della, para a operação que tem em vista, como seja alguma das

petalas de fórma particular que permitte um pouso commodo antes de penetrar na corolla. Além disso não raras vezes o caminho que conduz ao nectario acha-se indicado e marcado por linhas curvas ou rectas, e de côres salientes ou de maior intensidade. Nas flores nocturnas, frequentadas principalmente pelas mariposas, estas particularidades são geralmente compensadas pela desusada dimensão da corolla, pela côr quasi sempre branca ou amarella, melhor visivel de noite, e sobretudo pelo seu perfume penetrante; um bello exemplo fornece a flor do *Cereus nycticalus* (rainha da noite).

Uma vez obtida a desejada visita, torna-se necessario aproveital-a e forçar o visitante a prestar o serviço indispensavel, unico motivo destas relações: o transporte do pollen para effectuar o cruzamento. Os recursos de que a flor dispõe para este fim são de grande variedade, muito engenhosos, ás vezes de mecanismo complicado. Com a sua descripção se poderia encher volumes.

Para dar uma idéa delles citaremos alguns. A flor da salva por exemplo, tem sómente dois estames, cada um com sua anthera. Metade de cada anthera produz pollen e a outra transformou-se em uma chapa redonda, presa entre si por um ligamento curvo. Estes atravancam á entrada do tubo que encerra o mel e constituem com os filetes uma especie de apparelho simulando uma alavanca de braços desiguaes. O insecto, um zangão por exemplo, chegando á flor, levanta com a cabeça o par de chapas que lhe embaraçam o caminho para o mel. Neste instante joga o mencionado mecanismo das antheras fazendo estes bater nas costas do zangão, salpicando-as de seu pollen. Retirando-se em seguida o insecto, assim maltratado, leva a sua carga inconscientemente para alguma outra flor de salva, mais antiga, e cujo carpello esteja funccionando, pois que a salva é dichogama, seus carpellos e estames não madurecem no mesmo tempo.

As orchideas (parasitas), consideradas como as plantas classicas da physiologia das flores, desde as admiraveis investigações de Darwin, têm com poucas excepções um unico estame em cada flor. A sua anthera produz pollen com abundancia e acha-se collocada por cima do carpello circumdado por uma especie de abobada, formada pelas petalas superiores da corolla.

O seu pollen, por meio de filamentos viscosos, agrega-se em pastas (pollinias); cada uma destas termina por um caulesinho

elastico e alargado na sua ponta em um pequeno distico glutinoso.

Quando o insecto introduz a cabeça na abobada, vai de encontro aos dois discos que se lhe adherem. Retirando-se acha-se munido de dois chifres com as pollinias nas suas pontas inclinadas para a frente, e frequentando em seguida segunda flôr, ellas tomam contacto com o carpello desta, depositando nella as pollinias para fecundal-a.

São geralmente grandes moscas que procuram as orchideas, que raras vezes distillam mel, mas offerecem em compensação no seu calix uma massa tenra e succosa muito apreciada pelos insectos. E' sabido que as flores das orchideas conservam-se por largo tempo sem murcharem. Este facto relaciona-se com o numero dos estames. Quanto maior o seu numero em uma flôr, mais depressa esta fenece, o que sempre tem lugar logo após a fecundação do carpello. Para a orchidea, com um unico estame, a fecundação é mais lenta do que numa rosa que tem 20 e mais estames.

Si este processo de pregar chifres tem incontestavelmente alguma coisa de comico, tambem não faltam outros com ares de tragedia. Um destes é empregado pela familia aristolachia, trepadeiras muito frequentes nos nossos jardins e vulgarmente chamadas «flor de chita». As suas grandes flores são de uma fórma exquisita. O seu ovario supporta um involucro composto de tres partes, uma inferior em fórma de panella, uma mediana mais estreita tubular, e uma superior que se abre em larga embocadura afunilada e asymetrica, ornada de lindos desenhos claros sobre fundo escuro, côr de chocolate. No fundo da panella existem orgãos da reproducção constando de um carpello de seis braços, e abaixo deste, bem unidos a elle, as antheras que não se abrem emquanto o carpello não fôr fecundado, o que constitue a dichogamia.

A parte mediana tubular é guarnecida interiormente de cabellos rijos inclinados na direcção da panella e articulados de modo a poderem mover-se lateralmente e facilitar a passagem para o interior, mas impedindo pela sua posição a passagem para o exterior. Isto permitte ás pequenas moscas, atraidas pelo odor, na verdade pouco agradavel ao nosso olfacto, a penetrar, rastejando através do tunel, até a panella. Pouco a pouco reune-se na pequena prisão uma sociedade trefega e em grande movimento durante algumas horas

ou dias mesmo á procura da saida depois de satisfeita a sua gula. Mas a direcção dos cabellos do tunel oppõe-se a isso, á moda dos arames pontudos de certas ratoeiras. Neste reboliço os prisioneiros roçam necessariamente no estygma, á espera da fecundação, desfazendo-se sobre elle do pollen que trouxeram, preso nos seus corpos, de anteriores visitas a flores cujas antheras estavam abertas. Feita a operação, as extremidades do carpello curvam-se para cima, e sómente agora abrem-se as antheras desta flor salpicando por sua vez com o seu pollen os dorsos dos insectos presos. Emquanto isto se passava, na panella os cabellos do tunel murcharam e dão agora passagem livre aos presos. Estes apressam-se em aproveitar-se da opportunidade; voltam á liberdade para mais tarde, depois de vencido o susto que levaram, depor o seu carregamento de pollen numa outra flor da mesma especie e com as mesmas peripecias. Livre de seus hospedes e dispensando ulteriores visitas, a flor agora fecundada e obtido o desejado cruzamento, enrola a embocadura, retira a taboleta do estabelecimento e procede a seu fechamento, murchando.

Bastam estes poucos exemplos que com facilidade podiam ser centuplicados, para dar uma idéa da adaptação maravilhosa das flores aos seus visitantes e da diversidade dos processos existentes nellas para conseguirem a adhesão e o transporte do seu pollen no intuito do cruzamento favoravel e necessario á conservação da planta.

O numero dos insectos hospedes é consideravel; ha certas flores para as quaes verificou-se até 118 diversas especies de visitantes. Todos os insectos são cubiçosos do mel das flores, mas entre tantos candidatos que accodem ao festim nem todos são approvados pelas flores. Muitos não possuem as aptidões requeridas para a missão que constitue o motivo das relações entre elles e as flores. Por isso a flor adapta-se exclusivamente ás especies que lhe podem ser uteis e defende-se contra os intrujões inuteis e nocivos, que consumiriam o mal offerecido sem prestar o serviço esperado e equivalente.

Taes hospedes nocivos são sobretudo todos os pequenos rasteiros, como sejam: formigas, lagartas, pulgões, lesmas e similhantes; todos incapazes de abordar a flor pela via aerea, arrastando-se lentamente pela terrestre ao longo da caule. Mas a flor não fica indefesa contra estes assaltantes inopportunos. Assim um dos meios

que certas plantas oppõem á gulodice iinutil para ella da formiga é distillar mel, não sómente no seu nectaro, mas tambem no peciolo das suas folhas na época da florescencia. A formiga na sua ascensão pelo caule encontra em primeiro lugar estes depositos de mel, sempre abundantes, e desvia-se da flor. Além disso, constante movimento de subida e descida das formigas afasta os outros rasteiros.

Outro meio de protecção consiste nos pequenos depositos d'agua de chuva ou de orvalho que se formam no intersticio das folhas de muitas plantas, cujos peciolos unem-se para este fim. Para os insectos rasteiros estes poços tornam-se obstaculos invenciveis. Outras plantas sabem proteger-se por meio de anneis glutinosos dispostos no caule, ou glandulas e cabellos do mesmo caracter, espalhados nas folhas, no calix, os quaes prendem os pequenes rasteiros obstam a sua ascensão á flor.

Eis em traços largos o que o velho Sprengel observou e descobriu ha mais de seculo, e o que a sciencia moderna confirmou, esclareceu e completou por meio de pacientes e intelligentes investigações. Sprengel, quando no titulo do seu memoravel livro pretendeu ter « desvendado » o segredo da Natureza, deu o primeiro impulso para a observação e conhecimentos destes notaveis factos, mas, similhante ao insecto que, carregando o pollen, produz inconscientemente o cruzamento na fecundação, elle tambem, quando accumulou os materiaes para o edificio, o fez sem comprehender as consequencias. Sómente pela intervenção de Darwin e dos seus successores o conjuncto destes factos tomou afórma precisa para constituir uma força nova que projecta viva luz sobre a grande lei da evolução pela adaptação, pedra angular da sciencia moderna. Esta lei é o unico guia seguro na apreciação e estudo dos seres vivos, e só ella dá o seu real valor ás diversas disciplinas scientificas. E' ella que faz que a physiologia das plantas seja superior a botanica, a anatomia comparada superior a zoologia e a historia superior a estatistica, segundo a frase de Schleiden.

Da adaptação reciproca das flores e dos insectos é hoje um facto incontestado registrado pela sciencia, e constitue um importante capitulo da historia evolutiva dos vegetaes. Num breve esboço, como o presente tivemos necessariamente de omitir grande numero de observações que todos demonstram o grande valor biologico do assumpto.

O nosso empenho foi mostrar ao leitor a convivencia e dependencia reciproca das flores e seus hospedes sob um aspecto novo, geralmente ignorado pelos numerosos amadores das primeiras, e levar-lhes a convicção que as fórmas e indicios aparentemente os mais insignificantes nos seres organicos têm sempre seu valor; que cada ruga, cada traço, cada cabello da corolla de uma flor acha-se em certa relação com a organização dos seus visitantes, e que o mais infimo detalhe tem a sua razão de ser, sendo esta sempre a utilidade representada pela necessidade da conservação,

Tudo tem o seu lugar certo e conveniente na natureza, tudo move-se conforme as suas leis, fornecendo o trabalho requerido em prol, tanto da totalidade como do individuo. Esta comprehensão do cosmos sujeito a lei de ferro de causalidade, vê na natureza um todo harmonioso movido por forças internas que actuam segundo leis inviolaveis, e a admiravel concordancia entre as flores e os seus hospedes que acabámos de descrever, é um effeito destas leis.

Uma coisa é admirar a flor pela sua belleza intrinseca composta da sua fórma agradavel á vista, da sua côr brilhante ou amena, do seu aroma delicado, e outra coisa é considerul-a puramente no seu verdadeiro papel de reproductora e conservadora da especie. Si a sciencia adopta forçosamente o segundo ponto de vista desconhecendo o primeiro, nem por isso a impressão que ella dá a nossa alma será menos elevada, pois ambos proclamam a sublimidade da natureza. E como já o dissemos quer nos parecer que, iniciando o amador das flores nos segredos da vida das suas favoritas, augmentamos-lhe a expansão da sua paixão esclarecendo-a, e tornamos o seu objecto ainda mais attractivo.

Em todo o caso foi isso o nosso desejo, e constitue a unica justificação do nosso tentamen.

C. Euler

MARTINS PENNA

II

(*Continuação*)

Nada por exemplo, que, de perto ou longe, lembre este hymno matinal do côro das *Nuvens* em Aristophanes, quando ellas elevam-se e saudam o universo, que se lhes vai descortinando:

« Nuvens eternas, levantemo-nos aos ares e mostremos a todas as vistas nossas doces e vaporosas ondulações. Do seio do velho Oceano, nosso pai, do meio das vagas ruidosas, subamos aos cimos altissimos, que as florestas sombream. D'ali veremos a terra sagrada que alimenta os frutos, os rios divinos de ondas marulhosas, o mar que muge surdamente. O sol, phanal sempre acceso no fundo do ether, brilha com todos os seus raios. Separemo-nos desses vapores humidos que nos envolvem, e, revelando nossas fórmas immortaes, contemplemos com um olhar infinito a superficie inteira da terra. »

Não ha no autor fluminense a poesia de Aristophanes nem as maximas moraes de Menandro; existe, em compensação, o intenso realismo dos observadores modernos.

Vejam esta scena do *Juiz de Paz da Roça*: Manoel João acaba de receber a intimação para ir levar o recruta á cidade; vai fardar-se enfadado, toma a calça de ganga azul, a jaqueta de chita, os tamancos, a barretina, o cinturão com baioneta e um grande

---

Veja a *Revista* de 1 de abril.

Por equivoco deixou de sair completa esta parte no fasciculo de 1 do corrente. O ultimo periodo do capitulo publicado deve ser substituido pelo do começo deste artigo.

páu na mão, e vem mostrar-se todo gamenho á mulher e á filha, e antes de partir, despedir-se dellas:

« *Manoel João.* — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhan (*Dá-lhe um abraço*).

Anninha. — Abença meu pai.

M. J. — Adeus, menina.

A. — Como meu pai vai á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometteu.

M. J. — Pois sim.

Maria Rosa. — De caminho compre carne.

M. J. — Sim. Adeus minha gente, adeus.

M. R. e *A.* — Adeus. (*Acompanham-no até a porta*).

M. J. — (*A' porta*). Não se esqueça de mexer a farinha e dar de comer ás gallinhas.

M. R. — Não (*Sai Manoel João*). Menina, ajuda-me a levar estes pratos para dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

A. — Vamos, minha mãi... (*Andando*) Tomara que meu pai não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem*) »

E' photographado do natural; scenas destas contam-se ás duzias em Martins Penna.

E esta qualidade ficará mais nitidamente expressa no estudo do autor do *Judas em Sabbado de alleluia* em suas relações com a sociedade brasileira.

III

A lição que as comedias de Penna nos dão da sociedade brazileira não é muito lisonjeira para esta.

Muitos dos vicios, sinão todos, que é moda hoje aos *laudatores temporis acti* assacar aos contemporaneos, já então nos deprimiam em larga escala.

O nosso comediographo é a documentação viva dos primeiros cincoenta annos deste seculo no Brazil. Neste sentido leva decidida vantagem a todos os escriptores de seu tempo, nomeadamente aos autores dramaticos. Estes, entre nós, se podem dividir em tres grupos, que correspondem a tres phases diversas do theatro e da vida nacional. O primeiro é o dos espiritos enthusiastas que pretenderam no decennio de 1838 a 1848 crear neste paiz a literatura da scena. O mais notavel delles foi incontestavelmente o illustre autor dos *Irmãos das Almas*, com seus dramas e comedias, especialmente

com estas ultimas. Domingos de Magalhães foi o segundo em importancia, seguindo-se Gonçalves Dias, que deu ao theatro tres ou quatro dramas e Araujo Porto-Alegre, que escreveu algumas comedias. Igual a todos estes foi certamente L. A. Burgain, francez de origem e brazileiro na acção e nos feitos. A esta phase pertenceu Norberto e Silva que produziu tragedias, dramas e comedias, tudo de valor muito negativo. O segundo grupo formou-se daquelles moços generosos, pleiade de homens de talento que de 1856 a 1863 ou 64 procuraram reerguer o theatro no Brazil, levantando-o do abatimento em que tinha caido. Manoel de Macedo que, aliás, vinha da época antecedente, Agrario de Menezes, este na Bahia, José de Alencar, Pinheiro Guimarães, Achilles Varejão, Castro Lopes, Constantino Gomes de Souza, Augusto de Castro foram entre elles os mais notaveis. A terceira e ultima phalange é a dos trabalhadores contemporaness, a datar dos annos proximos a 1870 até aos nossos dias. Que o saibamos, os mais illustres então têm sido França Junior, já hoje morto e que vinha do periodo anterior, e os dois irmãos Arthur e Aluizio Azevedo. Outros ha agora ahi que se têm mettido a escrever para o theatro; mas são tão inferiormente nullos, que ficaria para sempre maculada a penna de escriptor serio que delles se occupasse.

Martins Penna, tendo nascido em 1815, teve sete annos de vida no regimen colonial, o que importa dizer que na imaginação infantil, ainda que um tanto apagadas, deviam-lhe ter ficado algumas scenas do tempo do rei velho, que foi amigo do Brazil; tinha dezeseis annos, quando se deu o movimento de 7 de abril, que arredou do paiz o primeiro imperador e iniciou a Regencia, o que quer significar que formou-se-lhe a intelligencia nesse agitado periodo em que os Andradas, Pedro I, Cayrú, Clemente Pereira, Januario, Ledo, Villela Barbosa foram as primeiras figuras, e os caprichos da Domitilla constituiram o escandalo do dia, ao lado dos soffrimentos da primeira imperatriz; tinha vinte e cinco annos, quando se operou a revolução parlamentar da maioridade, o que equivale a affirmar que acompanhou de perto os acontecimentos da phase tormentosa da Regencia, que teve por protogonistas Feijó, Evaristo, Vergueiro, Olinda, Bernardo de Vasconcellos, com o terrivel cortejo das setembrizadas, abriladas, sabinadas em côro com *Cabanos*, *Balaios*, *Farrapos* e outras galhardias do genero, que sombrearam sinistramente os

annaes do tempo. Veiu a fallecer em 1848, o que vale explicar que assistiu ao periodo de lutas do segundo reinado em plena maturidade de intelligencia. E é por isso que a vida burgueza particularmente dos vinte annos, que vão de 1828 a 1848, acha-se esteriotypada em seu theatro com uma intensidade que nenhum outro lhe poderia dar. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre não tinham espirito observador, e malbarataram o melhor do tempo em que o poderiam formar, divagando na Europa, exactamente por aquelles annos da Regencia, que foram de crise séria nos modernos destinos do Brazil. Penna aqui se deixou ficar, e só foi ali, por assim dizer, para morrer. Sua intelligencia formou-se, acrysolou-se cá dentro, sem ter tempo de dissolver-se nesse cosmopolitismo incongruente e enfermiço, que corrompe quasi sempre o espirito dos brazileiros. que vão esquecer no velho mundo o pouco que sabiam de sua terra.

Perderia seu tempo quem quizesse conhecer a sociedade brazileira pelo theatro de Magalhães, Dias, Porto-Alegre e Norberto e Silva. *Olgiato, Leonor de Mendonça, Clytemnestra* são obras estrangeiras pelo assumpto e pelo estylo. E' preciso chegar a Macedo, a Agrario, a Alencar, a França Junior para se encontrar de novo o filão que tinha sido descoberto pelo autor do *Noviço*.

Temos indizivel desprazer em nunca haver lido ou visto representar as suas perdidas composições theatraes. Mina prodigiosa de documentações do viver brazileiro devem ser ellas e fazemos aqui um voto para que se não inutilize esse thesouro. As nove que conhecemos parece que foram escriptas hontem; pois fundamentalmente os vicios nacionaes são ainda os mesmos na distancia de mais de cincoenta annos. Vejamos alguns.

O sestro brazileiro contra o estrangeirismo, ogerisa, que é a base do moderno *jacobinismo*, já então existia. Eis o que se lê na scena IV do *Caixeiro da taverna*:

« *Francisco*. — Ora, dize-me, que póde fazer um pobre funileiro *do paiz*, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas *francezes*?... Meu caro, si não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

Manoel.— Se vocês trabalhassem tão bem como elles !...

Francisco.— E' um engano !... é uma mania !... e todos vão com ella... *é obra estrangeira e basta !*... Não se vê por esta cidade sinão *alfaiates francezes, dentistas americanos, machinistas inglezes, medicos allemães,*

relojoeiros suissos, cabellereiros francezes, estrangeiros de todas as cinco partes do mundo... E resistam os artistas do paiz, si são capazes, a esta corrente !... »

A linguagem hoje não é outra; e já vêem os estrangeiros e reaccionarios de todos os feitios e côres que não andam acertados quando consideram-na uma invenção do nacionalismo hodierno.

O elogio banal e inconsciente ao *bon vieux temps* em detrimento do presente, porque é sempre mais facil declamar encomios ao passado do que estudar um presente que se não conhece, tambem lá se acha. Veja-se a mesma scena da citada comedia.

« *Francisco.* — Adeus, Manoel.

Manoel. — Como estás, Chico ?

F. — Vamos remando contra a maré !

M. — Chico, tu és bem feliz !

F. — Eu ? Estás enganado... no mundo não se póde ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

M. — Trabalha, e terás.

F. — Trabalha !... Sou, como bem sabes, official de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um official de funileiro... Olha, Manoel, minha avó dizia *que no tempo dos vice-reis, e mesmo no tempo del-rei, qualquer que tivesse um officio, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... Agora o caso é outro...* ».

Naquella época (1845) a moda era gabar o tempo de D. João VI *o rei velho*, como dantes o elogiado era o dos vice-reis, e agora é divinizar os saudosos tempos da monarchia... E sempre assim foi o mundo, e o nosso Brazil não havia de o desmentir. Mas não fica ahi; só esse *Caixeiro da Taverna* dá para documentar varios costumes do tempo, que ainda hoje vigoram impenitentes. Cá está o velho habito de certo commercio que altera e falsifica os generos, por causa dos impostos, *os malditos direitos cada vez mais subidos...*

Leia-se a scena III :

« *Manoel.* — Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao trapiche da Ordem ?

Antonio. — Já, sim, senhor.

Manoel. — Pois recolha-a, e logo á noite tempere-a com quatro barris d'agua.

Antonio. — Sim, senhor.

M. — *Os direitos cada vez estão mais subidos*, e como não podemos encurtar as medidas augmentamos o liquido... Em que estado estão aquellas pipas de vinho de Lisboa ?...

A. — Ambas pelo meio.

M. — Pois acabe de as encher com agua fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de páo campeche para lhe dar côr e tom ; e

quando o vender, diga aos freguezes que é vinho superior da companhia do Alto Douro.

A. — Sim, senhor.

M. — Não se esqueça de pendurar á porta este letreiro. (*Tira de sobre a carteira um rotulo com letras grandes que digam* — UNICO DEPOSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO). O publico deixa-se levar por estas imposturas... Póde ir... (*Antonio sai com o rotulo* —).»

Este Manoel é o typo acabado do vendelhão reinol ambicioso e velhaco. E' um dos melhores do theatro de Penna.

Como quer que seja, estas coisas não são de hoje : eram correntes no primeiro decennio do reinado de D. Pedro II. Tambem nesse tempo, manda a verdade que se diga, o taverneiro afinal de contas era bom amigo da gente brazileira, uma parte da qual, já nessa época, nem sempre timbrava em ser muito correcta e pontual em suas contas.

Eis aqui a scena I da comedia citada :

« *Manoel.* — (*Continuando a sommar*). E 1 são 10, e 9 são 19, e 7—26, somma tudo 268$320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa á viuva Pereira por generos comprados em sua taverna durante cinco mezes... Este é bom pagador... dinheiro seguro. (*Pegando em outra conta* O major José Felix deve á viuva Pereira, etc., 129$800... contem com este... dinheiro perdido... é isto ! querem todos comer a boa manteiga, o queijo fresca, o gordo paio... é só mandar um bilhetinho .. Sr. Manoel, mande-me isto... Sr. Manoel, mande-me aquillo : mas quando chega a occasião de pagar as contas, é que são ellas... este não paga, aquelle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... é um inferno !... Ora, deste pobre major tenho eu pena : mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que têm : mas, bem pensado, a venda de minha ama não é monte-pio militar... a nação que pague... »

Nada mais vulgar hoje do que o impertinente queixume da carestia dos principaes generos de primeira necessidade, phenomeno economico devido á libertação dos escravos, ao augmento da população, á transformação social do trabalho e outras causas secundarias de mais ou menos positiva elucidação. Os reaccionarios fingem ignorar os motivos geradores do facto e incriminando a actualidade por elle, sem se lembrarem que foi esse sempre um dos alimentos mais fecundos da maledicencia nacional.

Já em 1842, época das revoltas de Minas e S. Paulo, em principios do segundo reinado, escrevia Martins Penna nos *Dois ou o Inglez machinista*, scena I :

« *Clemencia.*—Muito custa viver-se no Rio de Janeiro, é tudo *tão caro !*
Negreiro.—Mas o que quer a senhora em summa? *Os direitos são tão*

sobrecarregados... Veja só os generos de primeira necessidade quanto pagam? O vinho, por exemplo, cincoenta por cento!

Clemencia.—Boto as mãos na cabeça todas as vezes que recebo contas do armazem ou da loja de fazendas.

Negreiro.—Porém, as mais puxadinhas são as das francezas em summa.

Clemencia.— Nisso não se fala! Na ultima que recebi vinham dois vestidos que já havia pago e um que não tinha mandado fazer, e tal quantidade de linhas, cadarços e colchetes que fazia horror.

Negreiro.—E pagou?

Clemencia.— Assim era eu tola. Depois de muitas questões veiu-me o caixeiro dizer que tinha sido engano de nome.

Negreiro.—Queria vêr se pegavam as bichas.»

Esta Clemencia era uma ricaça, cujo marido havia feito viagem ao Rio Grande do Sul, e lá sido feito prisioneiro pelos *rebeldes* havia já mais de dois annos, e não appareciam noticias delle. D. Clemencia, suppondo-se viuva, tratava cá de namoricar o inglez Gainer. O Negreiro era um refinado velhaco, portuguez, traficante no contrabando de escravos da Costa, e pretendente á mão da Mariquinha, filha de Clemencia e herdeira rica. São dois typos bem desenhados pelo dramaturgo fluminense.

E não são elles os unicos que no theatro do moço escriptor pragujam contra a carestia. O assumpto volta por vezes á scena, e, por exemplo, em Domingos João, da *Familia e a Festa na Roça*, complica-se elle com um singular *misoneismo* e uma especial mania de tudo criticar, ainda hoje muito do gosto de nossos fazendeiros. E' na scena I desta ultima comedia:

« *Domingos João.*—Muito mal vamos nós neste anno! As enchentes têm apodrecido as cannas: o café tem morrido no pé e seccado; o arroz, nisso não falemos! está tudo alagado, entende o senhor? Não bastava, para afflicção de um pobre fazendeiro, as enchentes, sêccas e o mais, era tambem preciso que soffresse a falta de pagamentos de seus foreiros. Os diabos os levem, junto com as suas choradeiras. Não pagam o fôro dois, tres annos, e no fim das contas safam-se com um filhinho, que é mesmo uma lesma, e a senhora que seja madrinha! Não se dá maior desafôro! Minha comadre p'ra cá, minha comadre p'ra lá, seu afilhado p'ra aqui, seu afilhado p'ra acolá, e com estas e outras choramingadeiras, entremeadas com um ovo ou uma banana, que trazem de presente, pagam-nos, e faça Deus bom tempo. Isto não vai bem, entende o senhor? Pretendo amanhan botar café para baixo; porém o diabo das estradas estão mesmo como a cara de quem as fez. Na verdade ha gente muito tola! Si agora temos estradas más, sendo ellas de terra, quanto mais sendo ellas de vapor! Ora, não se dá maior asneira: estrada de vapor! e dizem que tambem ha carros! Os homens perderam o juizo. Por isso é que ha tantas rusgas. (*Levanta-se*). Meio dia não tarda, e é tempo de chamar a gente do eito, pois os sóes d'agora são o diabo! Mais vale trabalhar pouco e

são, que nada e doente... Bom! Veremos o que se fez hoje... Já me vai faltando gente. E' preciso ir um destes dias á cidade, p'ra vêr si posso comprar alguns meias-caras. *O máo é estarem elles tão caros...* »

Este curioso especimen de praguejador de tudo e de todos, do tempo, do sol, da chuva, do frio, do calor, das estradas, dos foreiros, dos preços, das invenções, é vulgarissimo entre nós desde remotos tempos. Quando é inculto fala no estylo de Domingos João; quando tem certa instrucção é muitas vezes jornalista e nós lhe sabemos o nome, ou antes os nomes, porque elle é legião. E muita gente boa a pensar que isso era invenção de hoje! Valha-nos a leitura de Martins Penna.

A verdadeira sabedoria politica ensina que os males humanos são em grande escala irremediaveis; são a consequencia da existencia mesma da sociedade. São de todos os tempos e de todos os lugares; o que muda nelles é apenas a fórma. Todas as doutrinas, todos os systemas que, denegrindo por um lado, promettem por outro o Eden sobre a terra, são fallaciosos e mentidos como as panacéas universaes.

Felizes as nações que minoram o peso da carga, bem como felizes são os individuos que conseguem aligeirar a intensidade do soffrimento. Os reaccionarios promettem agora aquillo que não poderam cumprir durante setenta annos, quando tinham as molas da machina nas mãos.

Fôra bom que se lembrassem que já Domingos João no tempo delles se queixava do papel moeda, do cambio e... da republica.

O velho fazendeiro despacha o filho Ignacinho para a cidade a vender café e prorompe nestas cogitações (*Scena IV*), falando com a mulher:

« *Domingos João.*—Desta vez serei mais feliz na minha venda, que da outra. Tomára eu que Ignacinho não trouxesse de lá *dinheiro de papel. Não ha nada de que eu tenha mais raiva.* Está um homem trabalhando; vem um aguaceiro e está tudo perdido. E eu, senhora, *que nunca pude entender esta historia de cambio...* Uma hora é 5 por cento, outra hora 10, agora *o papel vale mais, logo vale menos; emfim, é uma coisa que elles lá sabem...*

Quiteria. — (*Muito esperitada*) Eu sei: meu pai.

Domingos João. — Tu!... Então o que é?

Quiteria.—Quando eu estive em S. João de Itaborahy, ouvi dizer que o *papel moeda era o mesmo que republica!...*

Domingos João.—Cala a bocca, tola!...

Ora, eis ahi: quem dil-o-ia? ha muita gente boa ainda hoje que raciocina exactamente como a Quiteria! Esta Quiteria não é uma

individualidade, é um symbolo, é a encarnação da papalvice nacional. A da comedia correu o risco de casar com o bicharôco, Antonio do Páu d'alho, salvando-se á custa das espertezas do Juca, o estudante vadiote, filho dum capitão-mór. A outra sabe Deus quem a corrigirá, que Páu d'Alho ahi será capaz de ensinar.

Como se está a vêr, parece que o dramatista brazileiro está vivo entre nós e escreveu hoje as suas comedias. Para se tornar mais completa a illusão, acontece que produziu-as no tempo da revolução, a famosa revolução dos nove annos no Rio Grande do Sul. As referencias a este facto apparecem em muitas dellas, e é como se estivesse a falar naquella ultima em que foi morrer o inditoso Saldanha da Gama e em que foi heróe o potente Gumersindo Saraiva. No *Juiz de Paz na Roça*, scena V, lemos:

« *Escrivão.*— Venho da parte do Sr. juiz de paz intimal-o para levar um recruta á cidade.

Manoel João.— Oh! homem, não ha mais ninguem que sirva para isto?

Escrivão.— Todos se recusam do mesmo modo e o serviço no emtanto ha de se fazer.

Manoel João.— Sim, os pobres é que o pagam.

Escrivão.— Meu amigo, isto é falta de patriotismo. Vós bem sabeis *que é preciso mandar gente para o Rio Grande, quando não perdemos esta provincia.*

Manoel João.— E que me importa eu com isso? Quem as armou que as desarme.

Escrivão.— *Mas, meu amigo, os rebeldes têm feito por lá horrores.*

Manoel João.— E que quer o senhor que se lhe faça! Ora, é boa! »

Nos *Dois ou o Inglez machinista*, ha ainda a referencia aos terriveis rebeldes, o que se repete com insistencia na *Familia e a Festa na Roça*, scena X. Antonio do Páu d'Alho, tendo chegado da côrte, está a narrar as maravilhas que por lá vira, e entre outras, conta a do homem que, no theatro, cortava a cabeça de qualquer e a tornava a pôr no lugar, sem o menor perigo, Domingos está com toda a familia a ouvil-o, e neste ponto o dialogo é o seguinte:

« *Domingos João.*— Isto é um milagre! *porque não mandam este homem para o Rio Grande, para dar vida aos soldados que lá morrerem, para nao se recrutar tanto?*

Antonio.— Não sei; porque são coisas em que não me metto. *Si quizessem mandar esta qualidade de gente para o Rio Grande*, havia muito que mandar. Por exemplo, ha tambem lá um outro que tem força como um boi, e que levanta um varão de ferro que pesa quarenta arrobas, assim como eu levanto esta espingarda. (*pega na espingarda e levanta-a acima da cabeça*). Não acha que este tambem estava bom?

Domingos João.— Muito bom, e melhor ainda para pegar no cabo de um machado.

Joanna.— Ha coisas na cidade que espantam.

Quiteria.— E ha muitas modas novas?

Antonio.— Modas! não faltarão emquanto houverem lojas de francezas e tolos,

Domingos João.—Tem razão, tem razão, isto é uma ladroeira.

Joanna.— Muitas festas por lá, não é assim?

Antonio.— Muitas,

Domingos João.— Ora, diga-me, Sr. Antonio, como vão os meias-caras?

Antonio.— Iiiiii!... que bulha! que bulha!

Domingos João — Então porque?

Antonio.— Umm!

Domingos João.— *E como vai o Rio Grande?*

Antonio.— Muito bem; porque já está bloqueado por mar e por terra.

Domingos João.— Bloqueado! não entendo.

Antonio.— A falar-lhe a verdade, tambem eu não entendo: porém, como dizem que bem, tambem o digo. Elles lá se entendem. »

Mais adiante veremos quem são esses *meias-caras* de que fala tantas vezes o satyrico escriptor.

Seria possivel multiplicar as citações referentes a outros defeitos hontem, como hoje, muito espalhados na sociedade brazileira. E' moda, por exemplo, dizer presentemente que em quasi toda a estensão do Brasil anda o mais das vezes perturbada a ordem, que se reproduzem os assassinatos por toda a parte. Pois, ousamos affirmar que os dias de agora não são verdadeiramente aziagos em comparação aos famosos tempos do primeiro imperante, da regencia e dos primeiros annos do reinado do segundo imperador. Neste particular conhecemos ha annos, dois velhos, um em Sergipe e outro em Pernambuco, intelligentes, sérios e dignos do maior credito, que nos contaram historias authenticas de assassinios, passados naquellas duas provincias naquelles tão gabados tempos; verdadeiramente horrorosos pelo numero e pela ferocidade. O primeiro que era um velho musico de muito talento e famoso em Sergipe, tinha cerca de oitenta annos quando em 1874 o encontramos. Conhecia bem toda a sua provincia, Alagôas e sertões da Bahia. Era uma chronica viva. O segundo, senhor de engenho na comarca da Victoria, em Pernambuco, já muito avançado tambem em idade era bastante instruido e conhecia a fundo a chronica das familias de toda a sua provincia e Parahyba do Norte. Sentimos devéras hoje não ter tomado por escripto o que ouvimos desses dois anciãos. A parte relativa ás lutas por questões de terras, casos de honra, ladroeiras, demandas,

rivalidades politicas, o que tudo naquelle periodo dava quasi sempre lugar a barbaros homicidios, encheria livros. E o mesmo acontecia no Rio Grande do Norte, no Ceará, no Piauhy, no Maranhão.

Lembremo-nos sómente dos *Bemtevis*, *Cabanos* e *Balaios* e de suas temerosas façanhas.

Pois bem, em Penna ha um éco desses factos. E' em o *Noviço*, scena X do primeiro acto, quando Rosa, a primeira mulher do velhaco Ambrosio, o qual planejava metter no convento os filhos de Florencia, a segunda mulher, chega do norte a procura do perfido bigamo, e vai á casa delle, onde encontra-se com o noviço Carlos:

«*Rosa.*— Dá licença?...

Carlos.—Entre...

Rosa.—*(Entrando).* Uma serva de V. Rvma.

Carlos.—Com quem tenho a honra de falar?

Rosa.—Eu, Rvmo. senhor, sou uma pobre mulher... Ai! estou muito cançada.

Carlos.—Pois sente-se, senhora. *(A' parte.)* Quem será?

Rosa.—*(Sentando-se.)* Eu chamo-me Rosa; ha uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte.*

Carlos.—Deixou aquillo por lá tranquillo?

Rosa.—Muito tranquillo, Rvmo.: houve apenas no mez passado vinte e cinco mortes.

Carlos.—*S. Braz!* vinte e cinco *mortes e chama a isso tranquillidade?*

Rosa.—Si V. Rvma. *soubesse o que por lá vai, não se admiraria;* mas, meu senhor, isto são coisas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, *que ninguem se importa com isso.*—V. Rvma. é cá de casa?...»

Tal era então a tranquillidade em quasi todo o Brazil, abalado de norte a sul por violentas convulsões de grosseiro partidarismo. *Facta loquuntur.* Inutil é querer escondel-os. O depoimento de Penna é confirmado pelas chronicas e pelo jornalismo do tempo. Aquelle — *ninguem se importa com isso,*—escapo a ingenuidade da pobre sertaneja infeliz, dói como uma chicotada na politiquice das velhas éras, que, ai de nós! é ainda a desalmada politiquice de nossos dias...

Muita gente tem ainda ahi a mania de se querer titular nas academias, e tudo pretender, o que não priva que outros se esbofem contra esse sestro, a que attribuem muitos de nossos males. Ao talentoso comediographo não escapou essa molestia.

Lê-se na scena IV do *Caixeiro da Taverna:*

«*Francisco.*— Meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou!

Manoel.— Como assim?!

Francisco.— Em lugar de ensinar-me o seu officio, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... bem podia estar deputado.

Manoel.—Ah! ah! ah! Deste modo podemos ser tudo...

Francisco.—Manoel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao facto da nossa Constituição... ella diz: a lei é igual para todos... *isto quer dizer que todos podem ser tudo.*

Manoel.—Ah! entendes assim?

Francisco.—No talento é que está a differença... o homem de talento póde ser tudo quanto quizer... e tu bem sabes que eu tenho talento... ainda ninguem póde fazer, como eu, uma seringa que esguiche agua mais longe.

Manoel.—Ora, Chico! *Sorrindo*).

Francisco.—Olha, Manoel, não sei o que te diga... ás vezes custa mais a fazer uma seringa de esguicho do que certas leis...»

Quem não terá quasi diariamente ouvido este palavreado por ahi além? Fundamentalmente verdadeiro, si realmente se tratasse de talento irrecusavel e sério, não passa elle de uma das fórmas da leviandade geral. Quasi todo o mundo entre nós tem-se na conta de um genio *méconnu;* cada um se queixa da maldita sociedade que o não deixa alar a gosto.

O mais incriminado é o pobre governo, que não toma a si o encaminhar os genios e aproveitar os talentos. Elle deve dar o sol e a chuva e deve até dirigir a carreira de toda a gente. Isto nos faz lembrar que até essa mania não escapou á observação de Martins Penna.

Até o gaiato e endiabrado Carlos do *Noviço* soffria della. Aqui está o que elle diz na scena VII do 1º acto:

«*Carlos.*—O tempo acostumar!... eis ahi porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates! Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico... aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico... Ora ainda isso vá. Este outro só tem geito para caiador ou borrador, nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isto não se faz; seja thesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra... Esse outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento, no emtanto vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a panca o pingue ordenado da nação.

Emilia.—Tens muita razão, assim é...

Carlos.—Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brazil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... o que acontece?—Em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do homem pensante machina estupida... e assim se gasta uma vida!... *E' preciso, é já tempo que alguem olhe para isso... e alguem que possa...*

Emilia.—Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

Carlos.—A contradicção em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro; acolá um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desbocado e insolente é, etc., etc... *Tudo está fóra dos seus eixos...*

Emilia.—Mas que queres tu que se faça?

Carlos.—Que não se constranja ninguem; *que se estudem os homens, e que haja uma bem entendida protecção*; e que sobretudo se *despreze o patronato*, que assenta o jumento nos bancos das academias, e amarra o homem de talento á mangedoura...»

Trecho, em verdade, instructivo como manifestação da mania romantica de censurar os governos, por não protegerem os talentos, mania essa que recrudesce agora encampada por um socialismo bastardo, que vive tambem de chimeras e objurgatorias. Carlos, em sua ingenuidade *esconjurava o patronato* e, ao mesmo tempo, *reclamava uma bem entendida protecção*. Mas quem não terá diariamente ouvido essas lamurias, que não são de hoje, e já no tempo do Imperador molestavam os ouvidos de Sua Magestade?

O *patronato*, o *empenho*, são, por certo, forças sociaes, que têm exercido ampla funcção; mas a sociedade, até hoje, não tem passado da organização do abuso em larguissima escala e é quasi impossivel emendal-a por essa face, que, ao menos, serve para quebrar-lhe a monotonia. Demais, o empenho muitas vezes é bem applicado, põe-se ao serviço do merito, o que, de fórma alguma importa de nossa parte a defeza da injustiça. Como quer que seja, porém, não é de agora essa lazeira social. Penna a conheceu e estigmatizou em mais de um ponto de suas comedias. Nos *Dois ou o Inglez machinista*, scena I, temos este bello sorites:

« *Clemencia.*—A proposito já lhe mostrei o moleque que recebi hontem da Casa de Correcção?

Negreiro.—Pois recebeu um?

Clemencia.—Recebi, sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador falou ao marido, este pediu a um deputado, não sei si da maioria ou da opposição, o deputado ao ministro e fui servida.

Negreiro.—Não está má a ladainha.

Clemencia.—Não sei cá disso; o caso é que elle está em casa.»

A *ladainha*, na frase de Negreiro, é um sorites ainda mais completo que o celebre *sorites de Nabuco* contra o systema parlamentar, dizem; contra o Imperador é que foi elle na mente do famoso homem de Estado.

A verdade é, porém, que nem aquelle systema, nem o monarcha tinham a culpa de uma tendencia, de um vicio, si quizerem, que anda no sangue da gente, de um vicio, que é brazileiro, ou antes, que é humano. Só um fantastico idealismo politico, um optimismo vago e chimerico é que póde ter illusões a este respeito. Sejamos, pois, mais complacentes em nosso despejado censurar de tudo e de todos e façamos justiça a nossos costumes de hoje ou de hontem.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.—Photographia sem objectiva. As arvores e as trovoadas. A temperatura do espaço. Influencia da lua. Aspecto do céu no mez de maio.

A arte photographica está, hoje em dia, tão vulgarizada, que rara é a pessoa que não possua algum apparelho, sinão dos grandes que consistem numa camara escura assentando em uma tripode, pelo menos algum dos numerosos typos, mais portateis, que se seguram a mão, como por exemplo, os *detective, kodak,* ou *photojumelle.*

Supponhamos agora que, numa viagem de exploração, em lugares falhos de recursos, e devido á qualquer circumstancia, venha a faltar a objectiva. Será o photographo privado de fazer uso de seu apparelho? Nem por isso. E vamos indicar um processo preconizado por F. Dillaye e Colson, processo dos mais simples e ao alcance de qualquer, que permitte aproveitar a camara escura e as placas, sem necessitar o emprego da objectiva.

Bastará substituir esta por uma folha de metal, de pequena espessura em que se tenha praticado, com uma agulha, um furo de alguns decimillimetros de diametro. Servirá perfeitamente uma tampa de lata para *conservas*, e, como agulha, de preferencia as de marca ingleza.

E' bem conhecido o phenomeno consistindo na formação das imagens pelos raios luminosos que, atravessando uma abertura de pequenas dimensões, penetram numa camara obscura. Para maior nitidez das imagens é essencial que a abertura esteja perfeitamente circular, e para consegull-o é indispensavel que na occasião de perfurar a folha de metal, a agulha lhe esteja rigorosamente perpendicular.

Gozam das seguintes propriedades as imagens assim formadas:

1.° São nitidas, dentro de extensos limites da distancia da abertura á placa e ao objecto photographado.

2.° O campo attinge e até excede a 90 graus.

3.º Não ha deformação nas imagens, cuja posição é definida com precisão geometrica.

Concebe-se que, devido á deficiencia da luz, não seja possivel *focalizar* com rigor, utilizando, para esse fim, o vidro fosco. Evita-se, porém, este inconveniente, recorrendo a uma tabella préviamente calculada em que se encontra a distancia á qual se deve collocar a placa sensibilizada da abertura, conhecendo o formato assim como o numero da agulha empregada.

Como exemplo, diremos que si o formato for de 18—24 centimetros (um dos mais usados), a agulha deverá ser de numero 8, e a distancia entre a abertura e a placa de 255 millimetros; nestas condições tem-se certeza da nitidez das imagens obtidas.

E', porém, necessario *centrar* a placa sobre a paisagem ou objecto que se pretende photographar. Para conseguil-o, substitue-se momentaneamente a pequena abertura por outra de 1 a 2 millimetros de diametro, que fornece imagens bastante illuminadas, embora um tanto confusas, e que permitte *centrar* convenientemente a placa.

O emprego do furo de agulha substituindo a objectiva, permitte a execução de quaesquer trabalhos photographicos, paizagens, monumentos, levantamentos topographicos e até de vistas stereoscopicas.

***

E' sabido que, por occasião das trovoadas, o raio fulmina certas essencias florestaes, de preferencia a outras, e que esta selecção tem sua explicação, não exclusivamente na altura das arvores, mas sobretudo na sua maior ou menor conductibilidade electrica.

Assim, por exemplo, o *carvalho* é mais frequentemente fulminado do que o *faia*.

Segundo as experiencias do Sr. Vockert, seria isto devido ao facto de serem pubescentes as folhas do ultimo, e lisas as do primeiro, donde resultaria a producção de uma tensão electrica muito differente para ambas as especies, menor para a *faia* e maior para o *carvalho*; em virtude de uma propriedade mui conhecida em electricidade: «o poder das pontas.» Esta explicação recebeu aliás uma confirmação experimental: uma folha de *faia* posta em communicação com um conductor electrico, diminuiu a tensão deste em menos tempo do que fez uma folha de *carvalho*, collocada nas mesmas condições.

***

A temperatura do espaço intrastellar é assumpto que tem provocado com frequencia as cogitações dos physicos, sem, porém, chegar-se a resultados bastante concordantes entre si. Para tão sómente citar os valores

extremos, diremos que estes oscillam entre —60° e —142° centigrados. A vista de tamanha discordancia, é caso de perguntar si a verdade está dentro ou fóra desses limites.

Seja como fôr, é digno de ser assignalado um recente estudo do bem conhecido physico Ch. Ed. Guillaume em que trata com grande predilecção do assumpto.

Por considerações que não cabem nos estreitos limites desta *Revista*, o Dr. Guillaume chega a seguinte conclusão, que define os termos do problema:

« *A temperatura de um ponto do espaço é a que tomaria uma esphera negra perfeitamente conductora e collocada nesse ponto.* »

Começa o autor por calcular qual a temperatura do espaço em differentes pontos do nosso systema planetario, pontos que escolhe situados a distancias respectivamente iguaes ás dos planetas Mercurio, Venus, etc.

Eis os resultados assim obtidos:

Orbita de	Temperaturas
Mercurio	+ 156° C.
Venus	— 94
Terra	+ 65
Marte	+ 32
(planetoides)	— 9
Jupiter	— 49
Saturno	— 80
Urano	— 102
Neptuno	— 132

E' bem entendido que estas temperaturas representam as do espaço, num ponto qualquer da orbita de um desses planetas, e não as temperaturas destes, embora ficassem um tempo infinito nas mesmas condições, por causa da natureza de sua superficie, da falta de conductibilidade e principalmente de sua atmosphera, cuja acção electiva sobre as diversas radiações intervem ahi de modo poderoso, e que não se póde avaliar.

Considera então o autor um ponto muito além dos limites do systema solar, em que sómente se terá de levar em conta a radiação das estrellas, cuja energia, quasi impossivel de se avaliar, procura determinar embora de modo grosseiro, e eis como:

Segundo o Cap. Abney, a intensidade luminosa de toda a abobada estrellada, é igual a $^1/_{22}$ da luz da lua cheia, cujo brilho póde ser admittido como sendo 600000 vezes inferior ao do sol. Dahi resulta que a relação entre a intensidade luminosa de todas as estrellas e a do sol é como 1:13200000.

Pela lei de Stefan, em virtude da qual a energia da radiação é proporcional á quarta potencia da temperatura absoluta, chega-se finalmente, para o valor da temperatura do espaço a 5°,6 *absolutos* ou — 267°,3 centigrados.

Embora, como reconhece o Dr. Guillaume, este resultado só tenha o caracter de uma avaliação grosseira, entendemos que era digna de ser conhecida como mais uma tentativa para solução de um problema de grande alcance scientifico e philosophico.

∴

Qual a influencia que a lua exerce sobre o tempo, e em que consiste ella? E' pergunta á qual até hoje, apezar de numerosas controversias, ninguem poude dar resposta segura, baseada em dados de observação. Bem sabemos que é opinião muito vulgarizada e aceita que do nosso satellite dependem directamente as mudanças que se manifestam no estado do tempo. E, como sempre, em assumptos que, por sua natureza despertam grande interesse no espirito do publico, abundam os ditados e proverbios, os quaes, na falta de leis mathematicas, servem, para muitos, de regra mais ou menos infallivel para a previsão do tempo.

Pesquizas scientificas têm sido feitas, porém sem conduzir a resultados bem definidos. Ultimamente, um dos meteorologistas que mais se tem occupado com as questões concernentes á influencia da lua sobre os diversos elementos climatologicos, o Sr. Garrigou Lagrange chegou a um resultado bastante seguro: qual é a acção da lua sobre a variação diurna da pressão barometrica, ou, em outros termos, a relação entre esta e o angulo horario da lua.

As conclusões a que chegou o Sr. Garrigou são as seguintes:

1.ª A acção da lua sobre a nossa atmosphera é notavel e manifesta-se nos movimentos diurnos, por ondas cuja amplitude attinge a 1,mm20 (de mercurio) na latitude de 10 graus; mas cuja phase é completamente invertida conforme a lua estiver ao norte ou ao sul do equador. D'ahi segue que se esta acção não fôra verificada já ha mais tempo, isto é devido unicamente ao facto de não se ter feito a distincção entre estas duas oscillações, e assim ter-se superposto movimentos de sentido contrario, cujo resultado devia assim tornar-se extremamente pequena e passar despercebido.

2.ª A acção da lua póde ser tratada pelas leis da gravitação universal e a theoria e a observação mostram que existem não só oscillações diurnas ou semi-diurnas, mas tambem outras de longo periodo como sejam oscillações mensaes, annuaes ou seculares, que resultam das revoluções combinadas do perigêo e do nôdo do nosso satellite.

∴

Estas serão as principaes constellações visiveis no dia 15 de maio, cerca das 8 $^1/_2$ horas da noite, no Rio de Janeiro, e com alguma alteração, quanto á sua posição em relação ao horizonte, em todo o Brazil:

Quadrante S. E. Scorpião. Lobo. Triangulo Austral. Centauro. Cruzeiro (no meridiano).

Quadrante S. W. Argos. Cão maior. Pintor. Dourado.

Quadrante N. W. Leão. Gemeos (já no horizonte). Ursa maior (no meridiano).

Quadrante N. E. Boieiro. Virgem. Serpente. Ophiuco.

As estrellas de 1ª grandeza são:

Antares do Scorpião. *Canopus* do Navio. *Sirius* do Cão maior. *Pollux* dos Gemeos.

Procyão do Cão menor.

Regulus do Leão. *Arcturus* do Boieiro. *Spica* da Virgem. Alpha e bêta do Centauro e alpha do Cruzeiro.

Os planetas:

Mercurio, a principio deita-se pouco depois do Sol; no dia 20 acha-se em conjuncção inferior com este, e em seguida apparece ao oriente antes.

Venus começa a apparecer como estrella matutina.

Marte visivel sómente depois do anoitecer do lado do N. W.

Jupiter, continúa visivel durante a maior parte da noite.

Saturno, visivel toda a noite; e em opposição no dia 17.

Urano, em opposição com o Sol a 17.

Neptuno. Sobre o horizonte durante o dia, em más condições de visibilidade.

L. Cruls

BIBLIOGRAPHIA

102 — **Grammatica Portugueza** por Hemeterio José dos Santos. Livraria Classica de Alves & C., 1897

O processo de filiação historica introduzido no ensino da grammatica elementar da lingua portugueza para ser ministrado a alumnos que ignoram inteiramente os rudimentos da lingua latina, sempre nos pareceu um contrasenso. Que idéa, por exemplo, póde ter uma criança, que desconhece por completo a quantidade das vogaes latinas, da verdadeira significação deste principio fundamental na constituição das linguas romanicas: a queda da vogal breve?

Foi penetrado destas idéas que o professor Hemeterio José dos Santos coordenou uma grammatica portugueza, na qual, dando de mão a theorias glottologicas, e observando apenas, a lingua viva, tal como a falaram e escreveram os melhores escriptores de todos os tempos, poude deduzir um certo numero de principios, que, segundo a excellente expressão dos grammaticos antigos, ensinem a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza. Com effeito, um dos merecimentos deste trabalho é o consideravel numero de exemplos que confirmam as regras, sendo toda a grammatica intermeada de longos excerptos de autores classicos, de maneira a tornar possivel ao professor dirigir o espirito do alumno para que elle proprio deduza do trecho as regras, sem parecer que se rende ao despotismo grammatical. Por outra parte, o autor mostra bem comprehender, ao contrario ds muitos outros, que não são os grammaticos que fazem a lingua, mas sim o povo que a fala, e depois delle os escriptores que tratam de fixal-a nas creações sentimentaes e intellectuaes, dando-lhe encanto e grandeza. O A. explica no prefacio que o seu compendio é um protesto contra os methodos geralmente empregados. Ainda bem. Inteiramente de accordo com o Sr. H. dos Santos, emquanto ao methodo a seguir no ensino do portuguez, e reconhecendo que o seu trabalho representa um bom esforço nessa direcção, sentimo-nos mais á vontade para fazer alguns reparos que a leitura do seu livro nos suggeriu.

Em primeiro lugar, dar a definição de grammatica no fim do livro, rematando com ella as regras de bem falar e escrever parece-nos que é levar muito longe a inversão. Em qualquer sciencia, disciplina, doutrinação ou coisa semelhante, o que importa saber antes de mais nada é o seu objecto. Não vai nisto simples veneração pela rotina: é uma necessidade do nosso espirito que nos leva a inquirir, ao encetarmos qualquer estudo, aonde é que

elle nos conduz. Cremos que nenhum damno adviria á integridade do methodo de iniciar a grammatica pela definição, seguindo-se a divisão nas diversas partes, conforme o uso consagrado, que o autor desprezou, não se referindo a ellas absolutamente.

As definições, em geral, são claras. No entretanto, escaparam algumas que bem careciam de ser elucidadas. Está neste caso a definição de collectivo: «Os collectivos dizem-se geraes: quando occupam o mais alto lugar em uma serie, e parciaes si enunciam fracções determinadas ou indeterminadas». Quem sabe o que é o collectivo geral e o parcial póde com algum esforço penetrar no que o A. pretende significar por *mais alto lugar numa serie e por fracções determinadas ou indeterminadas*, mas é sempre muito difficil fazer comprehender a uma criança o valor de uma expressão de cujo rigor o proprio mestre não está convencido.

Com referencia aos pronomes pessoaes, a distincção entre as variações organicas e inorganicas, muito interessante numa grammatica philologica, parece-nos ultrapassar o plano que o autor se propuzera.

Tambem se não comprehendem muito bem estes dizeres: «Por funcção e por origem todo o verbo é a reunião pura e simples sob um mesmo accento de um adjectivo e da palavra que qualifica». Esta observação nada perderia em vir desenvolvida com exemplos simples que esclarecessem o pensamento do autor.

A definição de verbo subjectivo ou intransitivo «o que não passa a acção a outro sujeito diverso» e de verbo objectivo ou transitivo «o que passa a acção a outro sujeito diverso», tem o inconveniente de empregar a expressão sujeito num sentido differente do já consagrado pela grammatica, o que só póde trazer confusão.

Não criticaremos a definição de thema. De sobejo sabemos nós, como é variavel o criterio, de mestre para mestre, na fixação deste elemento vocabular. Mas, quando o autor nos ensina que «o thema póde ser precedido ou seguido de syllabas modificadoras que se chamam affixos,» não podemos deixar de considerar que affixos não são syllabas: as syllabas são elementos phonicos, os affixos são elementos significantes ou morphicos.

Na parte concernente á conjugação, o futuro perfeito não se acha bem caracterizado, o que ainda mais se confirma com o exemplo: «Quando aprenderes a lêr, já eu parti para Minas». Primeiramente a relacionação dos tempos, como se encontra neste exemplo é incorrecta: a correspondencia temporal deve ser: *quando aprenderes a lêr, já eu terei partido para Minas*:—além de que dest'arte ficará exemplificado o futuro perfeito na affirmação *terei partido*, o que se não dá no exemplo da grammatica. *Terei partido*, sim, é que é futuro perfeito por designar uma acção inteiramente feita, *perfeita*, quando se der a outra de aprenderes a lêr.

Estes pequenos senões, inevitaveis em trabalhos desta natureza não desvaliam a obrinha elaborada com acurado empenho; pelo que não duvidamos recommendal-a aos que aprendem ou ensinam a grammatica elementar da lingua portugueza. — Silva Ramos.

DIAS DA ROCHA

(SAUDADES E EVOCAÇÕES)

S. Paulo do meu tempo — 83 a 87 — já não era mais a antiga cidade das ruidosas tradições academicas. O progresso, com todas as exigencias e detalhes da civilização, havia insensivelmente invadido a velha capital jesuitica e eliminado das ruas e bairros os aspectos e perspectivas tão caras ao espirito e á saudade de tantas gerações estudiosas. Afugentado esse caracter peculiar de cidade universitaria, o estudante perdeu a supremacia indiscutivel de que gosava e de onde lhe vinha esse direito de viver como lhe aprouvesse á fantasia bohemia ou á desenvoltura devassa.

No meio das classes burguezas, cujo desenvolvimento sempre crescente avassalava e enchia todas as expansões da vida paulistana, os academicos deixaram de constituir a nota principal e dominante que desde tantos annos lhe assegurava a posição conquistada de senhores da terra. Perdidos no tumultuar quotidiano da vida de uma grande cidade industrial e commerciante, dispersaram-se e retrairam-se para os raros pontos em que ainda se manifestava, original e brilhante, o velho espirito tradicional dos passados tempos. A vida academica com todas as suas expansões alegres e estrepitosas recolheu-se, com recato, para o interior das *republicas;* não ousava mais affrontar, ao céu descoberto, as calçadas da cidade e as persianas dos palacetes.

Isso era bom para o tempo simples das rotulas mysteriosas, por cujas estreitas grades mal passavam os dedos finos das namoradas antigas.

Era agora, portas a dentro, na intimidade confiante de companheiros de um mesmo claustro, que o espirito folgazão e ardente da mocidade se abria e que desertava dos gestos e maneiras daquelles moços alegres e despreoccupados a grave compostura, que se viam obrigados a tomar, de pacatos habitantes de uma cidade civilizada. O mais, tudo que transpirasse das quatro paredes da sala de jantar das grandes *republicas*, já causava escandalo lá fóra e muitas vezes do caso se occupavam as folhas. Bom tempo era aquelle em que tudo se permittia ao estudante; para as rapasiadas e peraltices, por mais extravagantes que fossem, tinham de antemão garantida immunidade a mais completa.

Agora já não era mais assim, e tudo o que não afinasse com a vida normal da cidade fazia escandalo, incidia na austera censura publica. Quando muito, no meu tempo, a troça transpunha as portas das nossas casas alta noite, ao luar enevoado pela garôa classica e quando a população pacata dormia tranquillamente o somno burguez das classes trabalhadoras. E assim mesmo era fóra dos centros povoados que se permittia uma expansão mais ruidosa ao genio alegre e brincalhão. O *Marco da meia legua*, no Braz, a *Ponte Grande*, na Luz, eram quasi sempre o theatro escolhido para essas derradeiras manifestações da bohemia collectiva. E essas mesmo já não tinham o antigo sabor das grandes aventuras historicas, cujos écos alegres ainda haviam chegado aos nossos ouvidos invejosos. Nas brincadeiras do meu tempo apenas se chegava, nas noites de mais atrevida ousadia, ao furto de um cabrito que dormisse no campo sobre alguma pedra, ou ao assalto cuidadoso aos fundos dos quintaes que não tivessem muros muito altos. Então, nas noites que se seguiam a essas proesas mais assignaladas, havia a formidavel ceia, fartamente regada á clara e ardente canninha do O', e onde era figura principal, quando não unica, o pobre animal que na noite anterior havia caido victima dos nossos instinctos de rapina.

Si, porém, esses folguedos em commum iam se tornando raros e aos poucos desapparecendo, o typo individual do bohemio incorrigivel e impenitente ainda era á farta encontrado perambulando pelas ruas sinuosas da cidade. Com alguns convivi que eram figuras da mais completa originalidade, e é sempre com saudosa melancolia que evoco, nas horas contemplativas em que estendo o olhar pelo passado em fóra, as vivas reminiscencias que ainda guardo desses

antigos companheiros, alegres uns, tristes outros, e alguns dos quaes traziam sempre os nomes populares envolvidos nas malhas de uma intriga mysteriosa ou nos episodios de alguma aventura inexplicavel.

Por singular acaso, ou mesmo por selecção fatal do destino, têm quasi todos esses originaes amigos desertado do mundo na flor dos annos, na exuberancia do talento e quando, apparelhados para a luta social, lançavam na estrada poenta a desdobrada capa hespanhola do notivago e o largo sombreiro desabado do bohemio.

*

Um desses, e dos que mais funda e grata recordação deixaram no meu espirito de adolescente, foi Joaquim Dias da Rocha.

Quando eu, completada a primeira parte dos meus estudos superiores, matriculei-me na velha Academia paulista, procurei por natural inclinação do espirito, aproximar-me daquelles collegas que tinham a fama de poetas e cujo contacto eu ingenuamente julgava capaz de transfundir-me na alma esse fogo sagrado da poesia em que vivia abrazada minha ardente imaginação de deseseis annos.

Na solidão inviolavel do meu despido quarto de estudante, eu fazia versos, não fazia mesmo outra coisa nem tinha outra preoccupação que não fossem as rimas dos meus sonetos. Timido e não confiante na boa qualidade do meu estro, escondia no fundo da gaveta o velho caderno em que esboçava as minhas pallidas tentativas, e guardava cuidadosamente comigo o segredo de minhas pertinazes locubrações.

Era Dias da Rocha o mais notavel poeta da Academia por esse tempo. Si o nome de outros, sobretudo os de Wenceslau de Queiroz e Vicente de Carvalho, appareciam com mais assiduidade na imprensa, as producções que o primeiro entregava á estampa tinham sempre um cunho de maestria e superioridade que lhe davam indiscutivelmente a palma. Não eram versos indecisos de principiante nos quaes se encontrassem a par das bellezas naturaes da poesia os descuidos e inadvertencias da inexperiencia; eram versos acabados com cuidado, labor consciente de poeta feito, seguro de sua penna e do seu estro.

Tomo, ao acaso, de um pequeno jornal academico do tempo, de escassa e limitada circulação, um soneto de Dias da Rocha; são versos inspirados na leitura de uma suggestiva novella de Th. Gautier; o poeta os chamou *Narração do spirita*:

No meu rosto convulso e macilento
Não descobriste o lyrico e profundo
Amor, que foi-me em lagrimas fecundo,
Fecundo em dôr, em magua, em soffrimento.

Então, nas ferreas grades de um convento
Amortalhei-me — disse adeus ao mundo,
E morri: o sepulcro, ermo no fundo,
De eterna paz cobriu-me o isolamento.

Mas não creias que tudo acaba e finda
Na campa: eu, que te amava, amo-te ainda,
Por todo o sempre hei de buscar-te assim.

Incansavel te sigo e te acompanho,
E ás vezes, como num prazer estranho,
Lateja um coração dentro de mim...

Comecei a sentir desde logo pelo moço paranaense a mais viva admiração. O acaso fez com que elle, então segundo annista, viesse, pelo meio do anno, morar na casa de pensão em que eu, simples calouro, me havia aboletado, no largo da Memoria, para as bandas da Consolação, o *quartier latin* da velha capital. Entre nós se estabeleceu desde logo a mais cordial intimidade, encontrando-nos em pouco tempo, inseparaveis amigos.

Foi Dias da Rocha quem, de uma vez que entrou alta noite de umas estravagancias bohemias, surprehendeu-me o recondito segredo o de então por diante entre nós não houve mais mysterios. Foi o meu mestre e muito lhe devo; os conselhos que me deu foram para mim da mais proveitosa lição e graças a elle foi que tive o supremo gozo de vêr, pela primeira vez, versos meus publicados na grande imprensa: appareceram na *Provincia de S. Paulo*, o velho jornal de Rangel Pestana, pelo anno de 1883.

* * *

Dias da Rocha não era um trabalhador. Espirito eminentemente melancolico e contemplativo, o poeta não tinha habitos regulares de

trabalho, nem methodo normal de existencia. Bohemio, descuidado de si, com a vida sempre mal arranjada, preparou e deu alimento á tuberculose minaz que o levou ao tumulo em 1895, aos 33 annos. Fui seu companheiro de casa algum tempo e nunca o vi trabalhar com regularidade ou assiduamente dedicar-se a estudos de qualquer natureza.

A não ser nos ultimos tempos do anno em que se dedicava ás materias sobre que tinha de prestar exame, com esforço em que um talento peregrino suppria com proveito os mezes inutilmente passados, o meu mallogrado amigo repartia todo o seu tempo entre as longas e mudas meditações a fio comprido no pobre leito de estudante e os dilatados passeios pelas ruas da cidade, nos quaes tambem raramente conversava.

Era ahi, nessas longas meditações, que compunha os seus magnificos versos; quasi sempre quando os lançava no papel já os tinha perfeitos e acabados na imaginação e os escrevia de um jacto. Não compunha muito e mesmo, do pouco que escreveu, muito se extraviou graças ao habitual descuido do seu viver incerto. Não collecionava as producções, deixando-as em folhas avulsas na pasta ou mettendo-as num fundo gavetão em que, desordenadamente, guardava livros e papeis; só a instante pedido dos collegas dava alguma poesia para ser publicada nos orgãos academicos.

Nunca publicou em volume as poesias que escreveu, nem mesmo as deixou em ordem, constando-me que, nos ultimos tempos, inutilisava as que ia encontrando; e de tal sorte que apoz o prematuro passamento do poeta, seu illustre pai tem, com grande difficuldade procurado recolher e reunir tudo quanto na vida accidentada compoz o filho estremecido.

A principio quiz elle abraçar a carreira das armas e matriculou-se na Escola Militar onde permaneceu algum tempo. Cedo porém, verificou que havia errado a vocação. Seu espirito rebelde e independente não se afazia ás exigencias inevitaveis da disciplina militar e o joven soldado passou-se com armas e bagagens para as vetustas arcadas do convento franciscano de S. Paulo. Para ahi já levou elle obra de valia. Além de muitas producções esparsas, bem apreciaveis, tinha Dias da Rocha publicado magnificas traducções da *Parisina* (Typ. do *Cruzeiro*, 1880) e da *Noiva de Abydos* (Typ. Nacional, 1881). Os dois notaveis poemas de Byron, verteu-os

elle para nossa lingua em versos soltos, escriptos com muita correcção metrica e algumas passagens compostas com grande belleza de fórma.

Esse tempo da Escola Militar parece ter sido o mais fecundo de sua vida; de então por diante sua produtividade literaria diminuiu, tendo sido mesmo, em alguns annos, de uma pobresa verdadeiramente lamentavel. Entretanto, elle era um poeta de raça. Tudo o que saía de sua lyra afinada trazia o cunho caracteristico, a feição peculiar de obra de um verdadeiro poeta. Seus versos não eram meros produtos do esforço, feitos simplesmente com a só preoccupação de os fazer. Sentia-se bem que eram o produto instinctivo de uma inspiração natural, correspondiam a um estado espontaneo do seu espirito.

Constou por occasião de sua morte que os ultimos annos da vida os dedicára elle com afinco ao estudo, tendo deixado ineditos varios trabalhos literarios e historicos. Não sei até onde vai a veracidade dessa informação. Sei que em fins de 1889, indo eu como juiz municipal para a Parahyba do Sul, terra onde o nosso poeta habitava desde muitos annos, encontrei-o exercendo as funcções de promotor publico e com elle convivi por largos mezes. Em todo esse tempo si elle cuidava de literatura de modo algum o demonstrava, pois eu jámais consegui noticias de novas producções do seu engenho. Isso, entretanto, nada poderia significar porque uma das qualidades predominantes no caracter do meu saudoso companheiro era a excessiva modestia, a despreoccupação absoluta da popularidade.

E' bem possivel pois, que por esse tempo elle se dedicasse com esforço a trabalhos literarios e os guardasse com mão avára privando assim os contemporaneos do prazer ineffavel de os ler e admirar.

Não tinha Dias da Rocha uma grande originalidade. Deixava-se mesmo impressionar pelos livros que, uns após outros, foram sendo os companheiros favoritos de suas vigilias, a ponto de manifestar visivelmente, na fórma dos seus versos, a influencia successiva dos poetas cujas obras lhe constituiam então leitura predilecta. Tinha, porém, esmerada correcção na maneira de escrever e o raro dote de transmittir ao leitor a emoção que o dominava no momento de compor seus versos. Pena é que a extensão de sua obra

não correspondesse absolutamente á intensidade invejavel do seu talento.

Poeta lyrico Dias da Rocha por vezes feria tambem a nota alegre e mordaz. Isso, porém, quasi sempre por instantes solicitações dos companheiros e amigos. Não dava em geral publicidade a essas producções ligeiras que entretanto corriam, pelas *republicas*, de bocca em bocca, e quasi todas se perderam porque o poeta dellas não guardava cópias.

Tenho entre os meus papeis velhos alguns desses trabalhos de Dias da Rocha. Entre elles avulta uma pequena carta que aos poetas de S. Paulo dirigiu em resposta a uma saudação que lhe foi enviada por occasião do seu anniversario.

Foi o caso em 1886. Achavam-se comigo sentados em volta de uma mesa de botequim, por uma friissima noite de garôa, alguns dos mais apreciados poetas da Paulicéa de então: o Horacio de Carvalho, o Emiliano Pernetta, o Alfredo Duarte, o Silva Braga e o Eduardo Chaves, nomes que depois se dispersaram por diversos rumos e cada um tem sua historia. Alguem lembrou que nesse dia, 18 de agosto, fazia annos o Dias da Rocha, então ausente na Parahyba do Sul onde passava a maior parte do tempo. Resolvemos logo mandar-lhe uma saudação rimada, que ali mesmo foi feita, de improviso, cada um escrevendo um verso e correndo o papel em torno da mesa até que a poesia ficasse de todo concluida. Os versos, uma enthusiastica exortação ao poeta ausente, foram publicados no dia seguinte no *Diario Popular* e, francamente, não sairam a obra que se podia exigir do consorcio de tantos engenhos de eleição.

A resposta não se fez esperar e como veiu a mim endereçada conservo ainda o original desses bellos versos que são ineditos e muito dignos serem registrados. A carta, datada de Entre Rios, 31 de agosto, resa assim :

Parabens ? quando envelheço !...
Quasi lagrimas derramo,
Por ver que nada mereço
Dos que mais amo.

Ferida de extraordinarias
Maguas, minh'alma isso nota...
Vocês deitam luminarias
Se eu bato a bota !...

A carta cá está que ajunta
Outro a esse golpe de que usa :
Veiu lembrar-me a *defunta*,
— A minha musa.

Se a vissem vocês !... Contrista
Contar-lh'o... Vagabundava
Atraz do *Paula Baptista*,
Que a requestava.

Exorto-a debalde. Chega
Dia de maior trabalho
Foge-me a dita burrega
Para o *Ramalho !*

Rasparam-se os dois maldictos
E, para encurtar historias,
Não valem cartas de edictos,
Nem precatorias.

Pois, *vira Dios* ! até passo
Melhor ! Não sei porque figa
Actualmente só faço
Crear barriga.

Não leio os versos doirados
Que vocês firmam nas folhas !
Vê-se que os meus são tirados
A saca-rolhas.

Eu mesmo, para expedil-os
Não julgo o ouvido bastante ;
Levei horas a medil-os
Com um barbante...

Tenho ainda outra poesia desse mesmo genero e que por ser igualmente inedita não me furto ao desejo de a confiar aos leitores; é um soneto, onde bem se sente a influencia de João Penha, do *Vinho e Fel*, mas feito com muita graça e levesa, apenas se lhe podendo notar a inobservancia das regras relativas á disposição das rimas. O poeta o chamou *Desapontamento*.

Uma vez eu lhe disse : — « Attende, escuta
Uns versos que compuz, formosa estrella,
Longe de ti, na angustiosa luta
Que tem o nome de saudade »... E ella,

No divan recostando mollemente
A fronte pela qual meu ser palpita,
Cerrando a meio a palpebra dormente
Mandou-me um beijo e murmurou:— Recita!

Então abri meu livro, e delirante
Soltei um threno de amargura envolto
Canção amarga de tristeza austéra.

E quando, num assomo coruscante,
Parei, por ver o effeito que tivera,
Minha Laura dormia a somno solto.

***

Esta leve chronica de reminiscencias não poderia ser encerrada sem recordar dois nomes que foram de companheiros inseparaveis de Dias da Rocha, em S. Paulo, e cujas vidas se desenrolaram tão intimamente ligadas a do nosso poeta que não poderiam ser olvidadas aqui.

São esses nomes os de Erico da Costa e Silva Braga, dois desconhecidos, duas grandes almas, entretanto, servidas por organismos de singular compleição, constituidos de modo radicalmente diverso.

Eram dois originaes e dois bohemios; formavam entre si e o inolvidavel companheiro de todos os momentos, contraste o mais flagrante, divergencia de genio a mais accentuada. Ambos, sem familia e sós no mundo, tinham para os unir a fraternidade cega do infortunio; precederam no tumulo o companheiro mais illustre e por certo no cemiterio desta cidade e no da Consolação, em que os dois corpos, longe um do outro, foram dados á terra, já se perdeu de todo a simples cruz que a principio deveria ter assignalado o sitio do seu derradeiro repouso e muito poucos serão certamente aquelles em cuja lembrança tenha ainda um lugar, pequeno embora, a saudade dessas duas creaturas, boas e sem ventura.

Silva Braga, o Braguinha como lhe chamavamos familiarmente, foi o que primeiro morreu; era uma creaturinha pequena e feia, tendo o rosto completamente picado de variola; da conjuncção dessas circumstancias lhe vinha a mais profunda magua do seu espirito. Não era certamente um philosopho, nem via o mundo de um modo superior, através de um temperamento de eleição. Espirito simples, ingenuo e credulo, sem disciplina e sem cultura, não tendo a invencivel rebeldia aos livros permittido que elle ultrapassasse o inicio dos estudos preparatorios, vivia normalmente alegre e despreoccupado.

Poeta e incansavel autor de sonetos e poesias, tudo o que compunha satisfazia de todo o seu espirito modesto e pouco exigente. Tinha sempre de cór a ultima producção, que recitava logo aos amigos e conhecidos que ia encontrando, e deixava, na recitação, transluzir na physionomia expansiva e sympatica a intima satisfação de pai feliz. Entretanto, a vida do poeta, que nunca saiu de S. Paulo, onde nascera, corria cada vez menos risonha, surgindo-lhe a cada passo no caminho as maiores difficuldades e dissabores. Silva Braga, porém, com resignação evangelica, tudo supportava pacientemente, alimentando sempre na alma primitiva a esperança, cada vez mais longinqua, de que lhe haviam de chegar finalmente tempos de melhor estrella.

Era um excellente amigo, bom e meigo, dedicado e generoso. Pobre poeta! Não conheci jámais desventurada creatura que de melhor grado se conformasse com as injustas brutalidades do fado adverso.

Erico da Costa era typo de estofa completamente distincta. Mais idoso que todos nós, havia sido militar no Rio Grande do Sul, sua terra. Creio que chegou a sargento. A fama da vida bohemia e facil de S. Paulo o attraia de um modo irresistivel e na velha cidade brumosa, estabeleceu elle, um bello dia, os seus penates. Tinha então por companheiro o Fontoura Xavier, hoje respeitavel funccionario e illustre escriptor, e que era, por esse tempo, a mais acabada figura de bohemio que conheceram as noites paulistanas.

Erico era um original typo de homem, folgazão e sympatico; tinha uma intelligencia viva e prompta, uma palavra brilhante, uma graça imprevista e mordaz, uma memoria felicissima e farta de citações e anecdotas. Tudo isso fazia delle um companheiro inestimavel, um palestrador interessantissimo.

De nada se occupava, porém. Sua vida era um completo mysterio. Durante os muitos annos que habitou S. Paulo, teve por alguns mezes um pequeno emprego na estação da estrada de ferro ingleza e toda a gente pasmava de submetter-se elle, por tanto tempo, á normalidade da vida do funccionario.

Um bello dia, porém, deixou de comparecer ao escriptorio em que trabalhava. Valia muito mais que o ordenado que recebia no fim do mez a meia hora de somno que todas as manhans a impertinencia britannica do ponto lhe tirava.

Tornou á vida de completa desoccupação e nella teve o incorrigivel bohemio longas temporadas de bem negros dias.

Nada, porém, conseguia abater o seu espirito brilhante onde a satyra ferina se entremeiava ás expansões ruidosas da extraordidaria facundia.

Entre esses dois bohemios, de genio tão radicalmente opposto, e o melancolico traductor da *Parisina* se estabeleceu a mais intima convivencia. Foram companheiros de casa, eram inseparaveis companheiros de todos os momentos. Raramente se encontrava um delles sem um dos outros, e Dias da Rocha era typo que nada se parecia com os dois amigos cujo singular perfil rapidamente esbocei linhas atraz.

O poeta era sobrio de gestos e palavras. Da certeza do mal, sem remedio, que, momento a momento, lhe encurtava os dias, nascia-lhe uma profunda tristeza, apenas interrompida por intervallos rapidos de expansão moderada. Cedo, porém, sem affectação ou proposito, lhe voltava ao rosto descorado e magro, a physionomia concentrada de um meditativo.

Sem ambições e fundamente sceptico, não lhe forneciam as disposições intimas do espirito o estimulo necessario para o aproveitamento das inspirações do seu grande engenho. Quantas vezes, nos momentos intimos das confidencias literarias em que se revelavam confiadamente as inclinações do espirito ou as linhas vagas de trabalhos futuros, apenas entrevistos na meia tinta indecisa das concepções em esboço, não deixava elle transluzir, através da sobria eloquencia do seu dizer correcto, perspectivas brilhantes de fantazias e sonhos, todo um mundo ideal, cheio de mysticismo e de maguas que lhe enchia o espirito e parecia prestes a tomar fórma e surgir, cantante e harmonioso, na contextura artistica de estrophes...

Assim, porém, não acontecia as mais das vezes. Todo aquelle turbilhão fecundo de sonho e fantazia elle prodigamente deixava que se diluisse e desfizesse sem que de coisa alguma se aproveitasse o seu engenho privilegiado.

Muito pouco deixou por onde os posteros possam aferir da fortaleza do seu talento, da intensidade do seu estro. O que do seu espirito nos ficou, entretanto, basta para assignalar sua passagem e guardar o seu lugar. Os que o conheceram intimamente e tiveram a ventura de privar com elle poderão dizer, e eu não conheço de quem o mesmo se possa dizer com mais inteira verdade:

— Foi um poeta.

RODRIGO OCTAVIO

OS NOSSOS ACADEMICOS

A este poeta que tão facilmente se abrazileirou, assimilando a maneira poetica do nosso paiz a ponto de ter, como poeta brazileiro, entrado para a Academia de Letras, posso oppôr um vate patricio, o Sr. Silva Ramos, que em sua longa permanencia em Portugal e ao contacto de uma famosa geração coimbran em que se contavam Junqueiro, Papança, Cesario Verde, Seguier e outros, luzitanisou, além de sua pronuncia, o seu estro, como verifico em todas as producções suas que conheço. Filho do estimado clinico Dr. João da Silva Ramos, nasceu este poeta no Recife a 6 de março de 1853. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1874. Em 1871 estreou com um volume de versos — *Adejos* e no anno de sua formatura traduziu uma comedia de Millaud — *Peché veniel*, representada com exito em Coimbra.

Tudo o que tem escripto desde então anda espalhado por jornaes e revistas, a desafiar um editor de bom gosto. Conheço-lhe felizmente um numero de composições avulsas sufficientes para avaliar o seu merecimento literario. Disse que Silva Ramos luzitanisou o seu estro, e com effeito toda a sua obra tem o sainete do estylo portuguez, que tanto differe do nosso, quer na prosa quer no verso.

Em *Desencontro*, *Nós*, *Os tristes*, *Na floresta* sente-se que a lingua é genuinamente aquella em que escreveram Garrett e Quental. Tomando essas quatro composições como especimens da poetica de Silva Ramos, reconhece-se nelle um poeta nimiamente correcto, cheio de

---

Veja a *Revista* de 15 de março e 1 de abril.

profunda e simples affectividade, com uns vivos toques camoneanos a matizar-lhe de quando em vez a contextura moderna do verso. Tem escripto apreciações biographicas sobre alguns escriptores, como Camillo Castello Branco, João de Deus, Jayme de Seguier, Macedo Papança, etc., collaborou na grande edição portugueza das fabulas de Lafontaine, e escreveu excellentes chronicas para *A Semana* sob o pseudonymo de *Julio Valmor*. A Academia de Letras veiu agora arrancal-o ao retraimento a que se condemnara, preoccupado sómente com os misteres do seu cargo de professor.[1]

Teixeira de Mello é um outro poeta trazido pela Academia á arena da literatura militante. Figura saliente da geração romantica, emulo e contemporaneo de Casimiro de Abreu, datam de 1858 as suas *Sombras e sonhos*, livro que Sylvio Roméro considera superior ás *Primaveras* daquelle poeta e a que se seguiram os *Myosotis*. Não vejo entre os dois poetas pontos de contacto que permittam um julgamento comparativo: — feminilmente choroso um e virilmente lyrico o outro, ambos têm o mesmo direito á estima da critica porque traduziram com sinceridade as proprias emoções e os sentimentos de sua época. Casimiro de Abreu morreu cedo para a vida e Teixeira de Mello para a poesia, que abandonou pelos estudos historicos, publicando entre outros trabalhos as *Ephemerides nacionaes* e uma *Memoria* sobre a questão das Missões. Em 1883-84 fundou com Valle Cabral a *Gazeta Literaria*, revista em que collaboraram as nossas melhores pennas. Como director da Bibliotheca Nacional, tem presidido com proficiencia e zelo a elaboração dos *Annaes* daquelle notavel estabelecimento a que consagra toda a sua actividade. Retirado da scena literaria, verificou-se mais uma vez a veracidade do rifão que friza o ingrato esquecimento popular affirmando que — quem não é visto não é lembrado.

Esquecimento mais injusto ainda, por pesar sobre um poeta mais recente e mais fecundo, é o que se vai fazendo em torno do Sr. Luiz Guimarães Junior, a quem, em compensação, destinou a Academia uma de suas cadeiras. A longa ausencia da patria e a mudez presente do seu estro, que os soffrimentos physicos não lhe permittem vibrar, têm atirado para o olvido o adorado poeta dos *Sonetos e Rimas*. No

---

[1] O Sr. Silva Ramos publicou na *Revista*, além de boas notas criticas, *João de Deus* (1 de março de 1896) e *A Poesia lyrica brazileira* (15 de março de 1897).

inicio de sua carreira foi folhetinista e novellista, escrevendo umas burlescas e chistosas *Historias para gente alegre*, os folhetins e fantazias *Curvas e Zigs-zags* e *Filagranas*. Tem, entre outros trabalhos de critica, os estudos *Carlos Gomes*, *A Nova legião* e *Pedro Americo*. Dos seus livros de versos conheço os *Nocturnos*, *Corymbos*, os quaes mostram as gradações porque passou seu talento até chegar aos *Sonetos e Rimas*, livro cujo successo ainda está presente á memoria de todos. Fórma impeccavel, lyrismo de uma ineffavel doçura, delicadeza e graça, taes são os requisitos desses versos que além da consagração da critica tiveram uma pouco vulgar aceitação do publico, tendo entrado em grande parte para o repertorio dos recitadores de salão.

Consagração igual mereceram em seu tempo os *Enlevos* do Sr. Franklin Doria, que com Casimiro de Abreu e Teixeira de Mello, seus contemporaneos, constituiu uma formosa triade de lyristas da escola romantica. Amigo intimo de Junqueira Freire, escreveu em 1868 para as *Contradicções poeticas* um longo prefacio estudando criteriosamente a individualidade do notavel vate bahiano. Em 1874 publicava o Sr. barão de Loreto (Franklin Doria) uma traducção da *Evangelina* de Longfellow, trabalho que teve no paiz e no estrangeiro acolhimento muito lisongeiro. Como homem publico, foi brilhante a sua carreira sob o antigo regimen. Nascido a 12 de julho de 1836, na Ilha dos Frades (Bahia), bacharelou-se em 1859 na Faculdade de direito do Recife; iniciando a sua carreira como promotor da capital da Bahia em 1860, foi despachado juiz de direito em 1867. Transferindo-se em 1868 para o Rio de Janeiro, aqui exerceu a advocacia até 1877. Foi deputado á Assembléa Provincial da Bahia nas legislaturas de 1862-63 e 1864-65 e deputado geral pelo Piauhy nas duas legislaturas que occuparam o periodo de 1877-85, sendo que neste occupou a cadeira de presidente da Camara Geral. Presidiu as provincias do Piauhy (1864-66), do Maranhão (1867) e de Pernambuco (1880-81). Em maio deste ultimo anno fez parte do gabinete Saraiva como ministro effectivo da guerra e interino dos estrangeiros, e em 1889 foi ministro do imperio do ultimo gabinete da monarchia. Em 1878 fez concurso e foi nomeado lente de rhetorica, poetica e literatura nacional do antigo Collegio de D. Pedro II. Condecorado successivamente com os graus de official e commendador da Ordem da Rosa, distinguido com a carta do Conselho, foi pela Princeza Regente agraciado com o titulo de barão de Loreto em

1888. E' estensa a lista dos seus trabalhos parlamentares e forenses, contando-se entre estes ultimos a defesa que apresentou ao Supremo Tribunal de Justiça na celebre causa Pontes Visgueiro. Tem igualmente escripto trabalhos historicos e biographicos, como sejam o estudo sobre a Independencia do Brazil, sobre o visconde de Pedra Branca e condessa de Barral. [1]

Com estas notas sobre o Sr. barão de Loreto esgoto a lista dos porta-lyras da Academia, e, para seguir a ordem enunciada no começo deste artigo, vou enfrentar os seus criticos, os Srs. Sylvio Roméro, José Verissimo e Araripe Junior. Bem se vê que esta escolha recaiu sobre as nossas melhores capacidades no genero.

O Sr. Sylvio Roméro é dos tres a figura mais alterosa, pela estensão e complexidade da sua obra, grandiosa como documento scientifico e benemerita em sua significação nacionalista. E' ella mais formal contraste ás palavras do proprio autor quando affirma que os obreiros intellectuaes do nosso paiz « produzem pouco e cansam depressa. »

Nasceu o Sr. Sylvio Roméro na villa do Lagarto, Sergipe, a 21 de abril de 1851, estudando ali as primeiras letras; em 1858 veiu para esta capital, concluindo o curso de humanidades em 1867. D'aqui seguiu para o Recife; matriculando-se na faculdade de direito em 1869, formou-se em 1873. Era 3º annista de direito quando estreou-se nas letras, tentando logo a critica com apreciações sobre os *Harpejos poeticos* de Santa-Helena Magno, sobre as *Phalenas* de Machado de Assis e sobre as *Espumas fluctuantes* de Castro Alves. Nos annos de 1875 e 1876 fez inutilmente dois concursos para a cadeira de philosophia do Collegio das Artes do Recife, sendo neste ultimo anno nomeado juiz municipal da comarca de Paraty, onde permaneceu até 1879. Foi então que veiu fixar residencia nesta capital. Entrando em concurso para a cadeira de philosophia do então Collegio de D. Pedro II, hoje Gymnasio Nacional, foi nomeado para essa cadeira em 1880. Nas ultimas eleições o seu Estado natal distinguiu-o com um diploma de deputado á Camara Federal, compensando finalmente os desinteressados serviços que presta á causa da Republica desde os bancos da Academia.

---

[1] Na *Revista* de 1 e 15 de novembro e 15 de dezembro) publicou o Sr. barão de Loreto, o estudo *O Visconde de Pedra Branca.*

Aqui terminam os dados sobre a sua vida pratica, e passando a encarar o homem de letras, sinto a penna estacar ante a impossibilidade material de registrar em tão curto espaço a grande quantidade de seus trabalhos de modo que a enumeração não apresente uma feição maciça de catalogo. Mas como isto é inevitavel, eis, em ordem chronologica, a lista das suas producções, para citar somente as publicadas em volume:

Ethnographia brazileira, estudo sobre a memoria do Dr. Couto Magalhães, 1875; *Contos fluminenses*, 1878; *Philosophia no Brazil*, 1878; *Apontamentos para a historia brazileira no seculo XIX*, 1880; *O naturalismo na literatura*, 1882; *Introducção á historia da literatura brazileira*, 1882; *Ensaio de critica parlamentar*, 1883; *Ultimos harpejos*, versos, 1883; *Contos populares do Brazil*, 1883; *Estudos de literatura contemporanea*, 1885; *Contos populares do Brazil*, 1885; *Uma esperteza*, 1887; *Historia da literatura brazileira*, 1888; *Ensaio sobre a poesia popular*, 1888; *A philosophia e o ensino secundario*, 1889; *A historia do Brazil ensinada pela biographia dos seus heroes*, 1890; *Ethnologia brazileira*, apreciações sobre estudos de Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Th. Braga e Ladislão Netto, 1891; *Luiz Murat*, estudo, 1891; *Doutrina contra doutrina*, o evolucionismo e o positivismo na Republica Brazileira; *Ensaios de philosophia do direito*, 1895. Reunisse o autor a incalculavel quantidade de artigos criticos e doutrinarios que tem publicado em numerosas revistas e folhas diarias, e um sem numero de volumes viria augmentar a sua opulentissima bagagem.

Como se vê dos titulos acima, a ethnographia, a historia, a philosophia, o direito, a politica, a critica, a polemica literaria e a poesia são departamentos do vastissimo dominio arroteado pela sua penna athletica. Parece-me, porém, que especialmente como ethnographista, como critico literario e como polemista é que mais se distingue o Sr. Sylvio Roméro. Os seus estudos sobre as raças indigenas, seus costumes e seu folk-lore são obra feita com amor, com proficiencia e entranhado zelo. A elle se deve o que melhor tem a nossa terra em conhecimentos sobre a sua população aborigene.

Como critico literario a sua obra é ainda mais consideravel e importante. Entre as producções deste genero acima citadas, merece menção especial a *Historia da literatura brazileira*, dois volumes in-4°, prefazendo 1500 paginas aproximadamente, nas quaes desfilam,

devidamente apreciadas, todas as figuras da nossa literatura desde as suas primeiras manifestações até 1877. Este trabalho do Sr. Sylvio Roméro representa o esforço mais ingente que possa registrar a historia do pensamento nacional, pois que não é uma extensa collecção de nomes, datas e titulos de obras, mas um conjuncto de estudos analyticos de cada vulto, intercalados de largas vistas syntheticas sobre a origem, a evolução e a desapparição dos diversos movimentos literarios que se têm successivamente operado em nosso paiz em sua correlação com os movimentos sociaes correspondentes. Certo não ha unanimidade de vistas na aceitação de muitas de sua proposições, quer no tocante a idéas geraes, quer no que entende com individualidades; neste particular, sobretudo, são impugnados muitos dos seus conceitos, em cuja emissão o critico cedeu lugar ao polemista, falhando a este fatalmente a estricta imparcialidade que se exige daquelle.

E nesta alternação se reconhece facilmente o assomo incoercivel do temperamento do escriptor, que é por condições ingenitas um polemista, temivel pela sua natural vehemencia e pelo acerado das varias armas que tão habilmente maneja. Sente-se que elle está á vontade no campo da polemica, que a contradicta lhe é tarefa grata, em que faz garbo de irreverencia e de sobranceria. Em toda a sua obra de critica em geral a sua combatividade se ostenta com o mesmo afan de controversia e a mesma acuidade de frase; a penna que escreveu em 1878 a *Philosophia no Brazil* não perdeu em energia o que ganhou em pericia para escrever em 1895 *Doutrina contra doutrina*, obra cujos senões se tornam imperceptiveis no brilhantissimo conjunto das suas proposições expendidas com maxima energia de frase e com uma segurança de estylo que nem sempre se encontra nos trabalhos do autor. Feita de convicções ardentes e baseadas em estudos sérios, falta apenas á sua obra a larga serenidade que deve presidir ao recto julgamento do fruto da intelligencia alheia.

No tribunal da critica costuma o Sr. Sylvio Roméro occupar, frequentemente, ora a cadeira de accusador, ora a de advogado: — a de juiz é que elle raramente occupa. [1]

---

[1] Do Sr. Sylvio Roméro tem a *Revista* publicado *Historia do Direito nacional* (1895 e 1 de outubro de 1896) e *Martins Penna*, estudo sobre este autor dramatico nacional. (Fasc. de 1 e 15 de abril).

O Sr. José Verissimo, porém, se conserva impassivel nesta, quer se apresente a julgamento um amigo, quer um desaffecto. A sua franqueza, sempre igual para todos, tem sido interpretada como severidade systematica por aquelles que pelo seu excessivo melindre são levados a enxergar pessimismo preconcebido onde só ha probidade e independencia.

Nem póde haver prevenções mesquinhas no espirito de um homem cuja vida é uma affirmação constante de amor ás coisas patrias, sobretudo as que se relacionam com o nosso desenvolvimento intellectual. Natural do Pará, intentava formar-se em engenharia, mas uma grave molestia impediu-o de continuar os seus estudos na Escola Polytechnica voltando em 1876 á terra natal, em cuja imprensa se alistou como redactor do *Liberal do Pará*, exercendo ao mesmo tempo o cargo de official da secretaria do governo até 1883. Em 1879 fundara a *Gazeta do Norte*, que pouco durou. Por motivos de molestia fez em 1880 uma viagem á Europa, tomando parte no Congresso Literario Internacional de Lisboa, ao qual apresentou uma memoria sobre a nossa literatura, que teve de defender de accusações injustas. Voltando ao Pará, trabalhou na redacção do *Diario do Grão Pará* de 1880-1884. Entrementes, fundara em 1883 a *Revista Amazonica*, que teve vida ephemera. O problema da educação nacional cedo tornou-se uma preoccupação séria do seu espirito, preoccupação que concretizou em actos promovendo a fundação da Sociedade Paraense Promotora da Instrucção e fundando em 1884 o Collegio Americano, ao qual adaptou todos os progressos da pedagogia moderna, inclusive a parte relativa á educação physica. Em 1889 foi a Pariz e ali assistiu ao decimo Congresso Antropologico ao qual apresentou uma memoria sobre o *homem de Marajó e a antiga civilização amazonica*. Nessa mesma occasião recebeu do presidente da antiga provincia do Pará a incumbencia de estudar a instrucção publica na Exposição Universal de Pariz, tarefa de que se desempenhou gratuitamente. Transportando-se para esta capital em 1891, foi no anno seguinte nomeado director do Gymnasio Nacional.

O educacionista, o ethologo e o critico estão intimamente ligados na individualidade do Sr. José Verissimo, como se vê de suas obras, que passo rapidamente a analysar, todas ellas consagradas ao estudo da vida nacional em seus multiplos aspectos sociaes e intellectuaes. Pondo de parte a sua producção avulsa, cito como

seu trabalho primeiro as *Scenas da vida amazonica* (1886), repositorio de contos e especulações e divulgações sobre a ethologia daquella região. Em seguida vem o 1.º volume dos *Estudos Brazileiros* (1889), contendo treze apreciações de generalidades literarias, assumptos nacionalistas, individualidades, questões politicas, etc., com um prefacio energico sobre a vida politica e intellectual do nosso paiz. Em 1890 apresentou ao governo do Pará um trabalho sobre a instrucção publica, trabalho que não é um simples relatorio, mas uma exposição em que, a par de dados e demonstrações peculiares a uma peça desse genero, se encontram cogitações e theorias que lhe dão a feição de um verdadeiro tratado. Sobre o mesmo thema desenvolvido em seus aspectos mais geraes, deu á luz em 1891 um outro livro — *Educação nacional.*

Em 1894 publicou o 2.º volume dos *Estudos Brazileiros* contendo nova serie de investigações criticas sobre problemas da vida nacional, livros, episodios e individualidades. No anno seguinte publicou *A Pesca na Amazonia*, interessantissimo trabalho destinado á collecção de monographias que alguns homens de letras pretendiam ir editando seguidamente até a celebração do 4.º centenario da descoberta do Brazil afim de formarem em seu conjunto um contingente do programma dessa commemoração. Reunindo uma somma de esforços incalculaveis, vencendo obstaculos que talvez ninguem ousasse affrontar, reatou a publicação da *Revista Brazileira*, que numa crescente prosperidade mantém desde janeiro de 1895, fazendo-a pela excellencia da sua collaboração e pela pontualidade da sua publicação conquistar a confiança e a sympathia publicas. Quer em artigos especiaes, quer na secção bibliographica da Revista se encontram trabalhos do Sr. José Verissimo, que não limita sua actividade ao afanoso mister de dirigil-a. Ao criterio do seu solido bom senso e á competencia que lhe dá uma séria e variada cultura intellectual, allia este escriptor duas notaveis virtudes : — estylo puro, vigoroso e elegante e um perfeito conhecimento de technica literaria que lhe permitte apreciar com criterio artistico qualquer producção até nos seus mais subtis detalhes de composição.[1]

---

[1] Alem de numerosas notas bibliographicas tem o Sr. José Verissimo dado na *Revista*: *A Pedagogia* (1 de junho de 1895); *A Revolução Chilena e a questão da America latina* (15 de junho de 1895); *A questão do Casamento* (15 de outubro de 1895); *O Positivismo no Brazil* (1 de dezembro de 1895); e *Um Romance Symbolista* (1 e 15 de abril de 1896).

O Sr. Araripe Junior é um critico de envergadura igualmente possante, mas cujos processos divergem sensivelmente dos dois precedentes pela applicação um tanto systematica de methodos causaes ou deductivos a todos os seus estudos, que adquirem por isto um tom transcendental e, si me deixassem passar a frase, metaphysico. A critica conquistou-o cedo, pois de trabalhos de imaginação tem apenas dois livros de mocidade, os romances *Joanna*, a *Marabá* e *Ninho do beija-flor*, publicados ainda no Ceará, de onde é filho e onde iniciou sua carreira juridica. Renegando a ficção, para a qual, deve-se confessar, não tinha aptidões notaveis, enveredou em boa hora pela critica e sua primeira producção de folego foi esse admiravel estudo sobre José de Alencar, com que firmou sua reputação. Num estylo incisivo embora ainda um tanto turgido e arroubado, o Sr. Araripe Junior traça com rara maestria o perfil do grande romancista, dando uma impressão forte e exacta da sua individualidade. O seu estudo sobre *Dircéu*, comquanto mais perfunctorio e rapido, projecta uma luz nova sobre o vulto de Gonzaga, tão deformado pelos adornos da tradição episodica. Vem depois *Gregorio de Mattos*, que não satisfaz plenamente em sua parte documental, mas revela um ingente trabalho de especulação subjectiva sobre a personalidade do famoso satyrista bahiano e a sua acção sobre um meio que tão negativa receptividade offerecia ás surpreendentes vibrações do seu espirito superior e bizarro. A personalidade de D. Martin Garcia Mérou mereceu da penna do Sr. Araripe Junior um formoso estudo em que além de apreciações sobre a obra deste eminente literato se encontram interessantes pesquizas sobre a vida intellectual da Republica Argentina. A sua ultima publicação em volume é a analyse do movimento literario de 1893, publicada primitivamente na *Semana*. Neste trabalho mais que em todos os precedentes é patente o optimismo do autor, que, através de um prisma de sympathia indulgente mas nunca trivialmente encomiastica, enxerga de preferencia as virtudes do trabalho alheio desprezando seus defeitos como elementos de apreciação. Entre os seus trabalhos avulsos destacam-se algumas chronicas da *Semana*, um esboço de Machado de Assis, *A esthetica de Poë*, *Funcção normal do terror* e outros que não me lembram. Todo este bello cabedal de producções literarias tem sido accumulado nos

lazeres que lhe deixam o seu cargo de director geral de uma das secções do ministerio do interior. [1]

Talvez não seja rigorosamente justificavel a distincção entre criticos e publicistas, porque no fundo as funcções destes são identicas ás daquelles. Entendi todavia classificar como criticos os tres escriptores citados por ultimo, que estudam de preferencia as questões literarias, e como publicistas os que se occupam principalmente de questões sociaes e politicas. Taes são, entre os membros da Academia os Srs. Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Urbano Duarte e Oliveira Lima.

Bem se póde avaliar quantas difficuldades me assediam quando penso em levar a cabo a tarefa de emquadrar no estreitissimo espaço destas notas a figura de um escriptor como o Sr. Ruy Barbosa, cuja obra daria a uma penna amestrada e provecta assumpto para muitas centenas de paginas. Tão alto se tem elle elevado no consenso unanime do paiz, tão grande e justa reputação gosa no estrangeiro, que é uma trivial verdade affirmar aqui a supremacia de sua mentalidade em nosso mundo pensante. Por outro lado, o papel transcendente que tem tido nos destinos da nossa patria, como homem de estado e jurisconsulto, vem integrar a portentosa individualidade do pensador com o prestigio da popularidade politica, a mais sinão a unica viavel no meio nacional. Sob este ponto de vista declino de estudar o tribuno da abolição, o parlamentar eximio, o agitador de 1889, o ministro do governo provisorio e o paladino das questões juridicas que se prendem a todas as peripecias da politica republicana.

Limito-me a enumerar suas obras e a dizer sobre o conjunto dos seus aspectos literarios. Ainda sob a monarchia, publicou em volume os pareceres que deu como deputado sobre a instrucção primaria, secundaria, superior e profissional; publicou igualmente pareceres sobre a emancipacão dos escravos. Traduziu de Calkins as *Lições de coisas*, si é que traducção se póde chamar a transplantação para a nossa lingua de obra que o seu talento refez sabiamente para pol-a de accordo com o meio a que se destinava

[1] Com o titulo *Esthetica de Poë* tem o Sr. Araripe Junior em via de publicação na *Revista* (fasc. de 1895 e de 15 de fevereiro de 1896) um trabalho critico e *Machado de Assis* (fasciculo de 1 de janeiro de 95).

adaptando com um trabalho ingente a sua terminologia ao portuguez, falho de tantos correspondentes dos vocabulos inglezes. Para a traducção que fez do *Papa e o Concilio*, de *Janus*, escreveu um prefacio tres vezes maior que a obra, exibindo uma cópia immensa de opiniões individuaes sobre o assumpto. Das suas numerosas conferencias, tem duas, literarias ambas, reunidas em volume — uma realizada no decennario de Castro Alves e outra no centenario do Marquez do Pombal. A edição que fez a casa Laemmert do *Gulliver*, traz como prefacio um notavel estudo do Sr. Ruy Barbosa sobre Swift.

Formam tambem outros tantos volumes os seus trabalhos juridicos e politicos, a saber: *O estado de sitio*, *Actos inconstitucionaes*, *Amnistia inversa*, *O jury* e grande cópia de opusculos sobre questões forenses, petições, arrasados, etc.

A sua ultima publicação são as *Cartas de Inglaterra*, estampadas primitivamente no *Jornal do Commercio*. Na contemplação da obra do Sr. Ruy Barbosa tem-se a impressão grandiosa que sóem despertar os monumentos; o pensador e o artista fundem-se admiravelmente para dar as suas producções a imponencia do todo e a delicadeza do detalhe que se encontram nas altissimas torres rendilhadas da architectura gothica. A sua penna é um instrumento magico em que se reunem todos os instrumentos destinados a traduzir desde as mais profundas ás mais fugitivas manifestações do pensamento humano. Por isto é intellectualmente o Sr. Ruy Barbosa um incontestado, um mestre que não conhece a rebeldia dos discolos.

ANTONIO SALLES

(*Continúa*)

OS RAIOS X EM MEDICINA

Depois do assombro que despertou a grandiosa descoberta de Roentgen, começou-se logo a indagar que partido se poderia retirar, para a pratica, do novo phenomeno. E podemos affirmar, sem receio de contestação, que um dos ramos de conhecimento humanos mais favorecido, foi a sciencia medica.

Por toda a parte emprehenderam-se experiencias, collecionaram-se factos, introduziram-se melhoramentos, afim de que o novo processo photographico fornecesse o maximo de beneficio em auxilio das sciencias medicas e suas connexas. Hoje, póde-se dizer, constitue em propedeutica um meio poderoso de exame, quiçá o mais importante.

As incomparaveis vantagens que decorrem da radiographia, ou emprego dos raios X em medicina, como meio de exame do corpo humano em estado de saude ou de molestia, um joven confrade, o Sr. Dr. Adolpho Lindenberg, que acaba de deixar os bancos de nossa Faculdade de Medicina, soube pôr em relevo em um excellente trabalho que lhe serviu de these inaugural. Ahi acha-se exposto com toda clareza e de um modo bastante completo o estado actual da sciencia acerca do assumpto. A nota de distincção que soube arrancar da mesa examinadora de theses, é uma das melhores recommendações que poderiamos fazer a este trabalho.

Como, porém, entre nós, regra geral, as theses não são lidas sinão por um grupo muito limitado de pessoas, procuraremos dar ao grande publico, que avidamente lê as paginas desta *Revista*, um transumpto da questão, habilitando-o dest'arte a por si julgar do

progresso que, em tão curto prazo, fez a radiographia, no campo dos conhecimentos medicos.

O primeiro ponto a resolver é o seguinte: Como se comportam os tecidos e orgãos humanos em presença dos raios X?

A experiencia, já de nosso paiz, já estrangeira, firmou que os tecidos são desigualmente permeaveis. Pelos radiogrammas entre nós realizados pelo Sr. Dr. Pereira das Neves, no Laboratorio de Physica Medica de nossa Faculdade, em presença do illustre cathedratico Sr. Dr. Martins Teixeira, radiogrammas que se encontram na these de que nos estamos occupando, apparece, á toda a evidencia que o pulmão é o orgão mais permeavel, ao passo que o osso deve ser considerado o mais opaco. Occupam posição intermediaria: a pelle branca, a preta, o intestino, o cerebro, o figado, o coração, o tendão, o coalho sanguineo e o rim.

Em relação ao estado pathologico, parece ter sido Léo o primeiro que dirigiu experiencias nesse sentido. Tomando calculos biliares, renaes e da bexiga, reconheceu que os primeiros, formados ordinariamente de cholesterina são permeaveis aos raios X, emquanto que os ultimos, que podem ter concreções de oxalatos e phosphatos de calcio, acido urico e cystina, são opacos.

A razão deste facto, que á primeira vista parecia escapar, sobretudo quando se considerava que substancias organicas e mineraes comportavam-se de modo paradoxal, Kayser encontrou na densidade desses corpos que, nos de cholesterina, orçavam entre 0,825 e 1,041, emquanto que os de acido urico eram de 1,350 e 1,564 e os de cystina 1,420 e 1,910.

Está tambem demonstrado que os tecidos neoplasticos, os que concorrem para a formação dos tumores ou os de nova formação, como demonstrou Strauss, são muito mais opacos do que os tecidos normaes.

Mas, d'entre os processos pathologicos, aquelle que tem uma influencia mais decidida sobre a passagem dos raios X, é o processo da calcificação. Em qualquer ponto que se localize o deposito calcareo arterias, ganglios lymphaticos, nucleos de cicatrização calcarea da tuberculose, etc., a radiographia, com uma precisão maravilhosa, desvenda aos olhos do investigador essas concreções.

O obstaculo que, a principio, a espessura do corpo parecia oppor á penetração dos raios X, desappareceu completamente com o

emprego dos tubos denominados *focus*. Com os tubos de Richter e Max Levy radiographam-se todas as partes do corpo; não ha tecido impermeavel, desde o craneo até á bacia. Igualmente o tempo de exposição diminue consideravelmente, sendo mesmo possivel obter radiogrammas instantaneos.

Seria ainda pouco pratica a descoberta de Roentgen applicada á medicina, si houvesse necessidade de obter radiogrammas todas as vezes que si quizesse praticar um exame rapido; demandaria tempo e conhecimentos praticos de photographia ou o auxilio de um photographo, para chegar-se á mais insignificante indicação.

Ora, Max Levy remediou a este inconveniente, inventando o seu radioscopio ou anteparo fluorescente, apparelho que nos dá immediatamente signaes importantes para o diagnostico. Com esse simples apparelho podemos determinar com nitidez o tamanho e posição dos orgãos, o movimento de expansibilidade e retracção dos pulmões, as excursões do diaphragma concomitantes com os movimentos respiratorios, as palpitações cardiacas, os limites dos diversos orgãos, etc.

Conhecida a maneira pela qual se comportam diante dos raios X os varios tecidos do organismo e alguns processos morbidos, começou-se desde logo a tirar grande vantagem da radiographia na cirurgia dos corpos estranhos. Seu papel neste particular é puramente diagnostico. Rowland e Wagget propõem, entretanto, que se utilize a radioscopia em certas intervenções delicadas, com o fim de illuminar o campo operatorio.

Um dos primeiros factos assignalados pelo eminente professor Roentgen, é a maior ou menor resistencia dos metaes á penetração dos raios X, de accordo com a densidade desses corpos. Confrontando a grande permeabilidade dos tecidos com a opacidade dos metaes, surgiu naturalmente a idéa da utilização desta circumstancia na pesquiza dos corpos metallicos encravados ou percorrendo os tecidos.

O enthusiasmo que se accendeu entre os cirurgiões de todos os paizes só ficou um tanto entibiado, quando Bergmann, o notavel cirurgião allemão, apreciando devidamente o valor da radiographia, concitava, todavia, seus discipulos a não obrarem precipitadamente, mas reparassem sempre com cuidado, antes da intervenção operatoria, si se tratava de um corpo estranho enkystado (no qual caso a operação, sobre ser inutil, era perigosa para o paciente), ou de um

corpo estranho livre, unico caso em que a indicção de uma intervenção á mão armada é permittida.

Na intervenção cirurgica por existencia de corpos estranhos, póde-se dar o facto, já algumas vezes verificado, de não se encontrar o corpo procurado, lá mesmo onde todos os indicios faziam crer que existisse. Ora a radiographia e a radioscopia são de um notavel auxilio no sentido de precisar com segurança a existencia ou não existencia desse corpo estranho no lugar indicado.

Como illustração do caso vertente, cita-se o facto seguinte: « Uma mulher accusa dôres lancinantes na mão, justamente no ponto em que, havia mezes, penetrara uma agulha. A exploração manual, por mais minuciosa que fôsse, nenhuma indicação forneceu que auterizasse o juizo clinico na confirmação da presença do corpo estranho. Procedendo-se ao exame radiographico, notou-se que o osso correspondente á séde da sensação dolorosa estava accommettido de periostite, não sendo a agulha ahi encontrada, mas a grande distancia, no terço inferior do ante-braço, onde a doente não accusava symptoma de especie alguma. Evidentemente o processo inflammatorio havia sido determinado pela passagem da agulha no periosteo ora affectado. »

Na cirurgia de guerra, experiencias realizadas na Allemanha por Schjerning e Krauzfelder fizeram vêr com a maior nitidez a posição de balas, estilhaços, etc. Estes autores descobriram balas no pé e na perna. Le Dentu entre a 2ª e a 3ª vertebra cervical, William Turner no thorax.

O diagnostico dos corpos estranhos no interior do craneo é um dos commettimentos mais estupendos da sciencia moderna. Schjerning e Krauzfelder, experimentando em cadaveres, conseguiram, servindo-se de uma bobina de 15 centimetros, descobrir projectís no interior da cabeça, determinando a respectiva posição, fazendo radiographias no sentido longitudinal e transversal.

Brissaud e Loude referem á Academia de Sciencias de Pariz o seguinte: « Um individuo accusa ter sido ferido, em agosto de 1895, por tiro de revólver, na região média da bossa frontal esquerda. A bala devia ter 7 millimetros de diametro. Nenhuma tentativa foi feita para descobril-a. O individuo apresenta uma paralysia espasmodica do lado esquerdo, sem participação dos nervos facial superior, motor ocular commum e mastigador. A contractura é de média intensidade,

apezar da exageração dos reflexos e do clonus do pé. Nunca o espasmo traduziu-se por convulsões jacksonnianas.

Apezar da imagem radiographica não possuir nitidez perfeita, por ter sido o doente accommettido de um ligeiro clonus espontaneo da cabeça, devido á contracção prolongada dos musculos cervicaes, distinguia-se claramente a projecção do craneo, a bossa frontal, os seios frontaes, os maxillares, o rochedo, o osso malar, a apophyse zygomatica, a orbita, etc.

O projectil estava situado na região posterior da 2ª circumvolução temporal, provavelmente acima da tenda do cerebello. Esta localização era precisamente aquella em que terminava o trajecto previsto da bala, si se determinasse o respectivo trajecto pela série de pontos em que necessariamente foram seccionadas as fibras nervosas.

Para que a localização tivesse rigor absoluto seriam precisas, além de uma prova no plano longitudinal, outra no plano frontal, mas o doente já fatigado por uma pose de 1 3.4 de horas não poude ser submettido a um segundo ensaio.»

A determinação da existencia de agulhas nos tecidos tem fornecido um sem numero de communicações. Dentre muitos outros, destacaremos o caso de Williams que se póde resumir nestes termos: — Uma mulher queixa-se de dôres violentas no pé; o caso é capitulado pelos clinicos que a examinam de gotta, e a doente medicada neste sentido, sem que entretanto, accuse melhoras. Consultado o Dr. Williams, lembra-se este de submetter a parte a uma prova radiographica, encontrando uma agulha situada obliquamente sobre a articulação metatarso-phalangeana do 5º dedo do pé, donde é extraida. Os soffrimentos da paciente cessaram immediatamente.

Hewetson é o primeiro a applicar o exame radiographico ao orgão da visão, descobrindo um estilhaço no seu interior. A projecção dos raios fez-se no sentido obliquo á orbita. Pela enucleação ficou verificada a exactidão da localização radiographica.

Um caso celebre não só por ser uma das primeiras applicações da radiographia á cirurgia, como tambem pelo brilhante exito da intervenção é o do Dr. Williamson: — Trata-se de um marinheiro que entrou para o hospital, apresentando paralysia dos membros superiores e inferiores. O exame minucioso apenas permittiu descobrir uma ferida insignificante na região dorso-lombar junto á

columna vertebral; a cicatrização fez-se no fim de 48 horas. Desse dia em diante proseguiu a paralysia durante mezes sempre na mesma. Com a descoberta genial de Roentgen, teve o Dr. Williamson a feliz idéa de rediographar a parte do tronco em que dera-se o traumatismo. O radiogramma obtido accusou a presença de um fragmento de lamina de faca entre as vertebras. Baseando-se nestas indicações praticou o habil cirurgião uma incisão adequada ao caso, conseguindo extrair o corpo extranho do lugar em que se havia enkystado. O successo foi immediato; o doente restabeleceu-se logo.

Finalmente, com o auxilio deste poderoso meio de investigação, tem-se conseguido descobrir a presença de moedas no esophago ou intestinos, de estilhaços de vidros, etc.

São ainda de valor inestimavel e, portanto, dignos de toda a animação os resultados colhidos no que se relaciona exclusivamente com a cirurgia do esqueleto osseo. Já vimos como se comporta o osso perante os raios X; é o tecido mais opaco do corpo humano. Quando examinamos um radiogramma da mão ou de um membro qualquer verificamos que os ossos apresentam-se como uma sombra continua, nitidamente delimitada, mais intensa no corpo do osso do que em suas extremidades. Qualquer solução de continuidade, portanto, que venha a se dar no osso será claramente indicada no radiogramma, donde se vê o partido que d'ahi póde resultar para o diagnostico não só das fracturas, sinão tambem das luxações.

Não é ocioso repetir aqui que em cirurgia, não obstante os rapidos progressos que ella tem feito, ha casos em que a pericia do cirurgião esbarra-se contra factos que parecem de somenos valor. O diagnostico entre fracturas, luxações e entorses é muitas vezes um sério problema. Ora, aqui a radiographia é o unico meio capaz de resolver a questão. Em um caso citado por Page de traumatismo do dedo annular esquerdo, os raios X confirmaram o diagnostico de luxação, quando havia 15 dias, ainda não se tinha decidido sobre se havia fractura ou luxação. Poland refere um facto similhante observado no index.

Lesões inflammatorias têm sido diagnosticadas com o auxilio da radiographia. Lannelongue e Oudin foram os primeiros a se utilizarem dos raios de Roentgen nos ossos acommettidos de lesões inflammatorias. Todos conhecem a theoria de Lannelongue, que faz

depender a osteomyelite de uma inflammação das partes centraes do osso e não do periosteo, como até então se queria. A radiographia confirmou o modo de pensar do cirurgião francez.

Na tuberculose ossea e em outros tumores, bem como nas exostoses os raios X têm sido de um efficaz auxilio aos cirurgiões. Tem-se tambem estendido o uso da radiographia ao diagnostico das lesões articulares inflammatorias ou neoplasicas, ás deformações do esqueleto, ás aberrações e disformidades.

A clinica medica procurou tambem no genial invento de Roentgen auxilio ás difficuldades do diagnostico. Já vimos como Leo e Kaiser observaram a maneira pela qual os raios X atravessavam os calculos. Nausser aproveitou-se destes elementos para o diagnostico dos calculos renaes e biliares; outros radiographaram os calculos vesicaes. Algumas observações foram positivamente boas. O cirurgião Adams, guiando-se pelos dados radiographicos, fez a intervenção operatoria, em um caso de calculo renal, extraindo um calculo nas condições exactamente indicadas na imagem radiographica.

Nas arterio-scleroses ou incrustações calcareas têm sido muito animadores os resultados até hoje obtidos. Em dois radiogrammas de Hoppe-Seyler, as arterias affectadas desenharam-se sob a fórma de fitas escuras. O primeiro exame foi feito em uma perna: as arterias tibiaes projectaram uma sombra escura, sinuosa, mais ou menos intensa, de accôrdo com o maior ou menor deposito calcareo. No segundo caso, a parte escolhida foi a mão: ao longo do 5º osso do metacarpo delineava-se uma sombra muito escura, correspondente a um ramo da arteria cubital em adiantado estado de esclerose.

O professor Grunmack, de Berlim, radiographou a arteria coronaria sclerosada com o mais bello successo.

Os pontos de calcificação da tuberculose, como o endurecimento das arterias, já têm sido radiographados. As deformações produzidas pelo rheumatismo e pela gotta, as malformações decurrentes do rachitismo, as alterações pathologicas determinadas pela acromegalia, molestia em que se nota um exagero de crescimento das extremidades (pés, mãos, nariz, esterno, etc.) e as perturbações de nutrição da syryngo-myelia têm sido patenteadas aos olhos do clinico no individuo vivo, quasi com a mesma nitidez com que o fazia a dissecação necroscopica.

A anatomia e a physiologia, sciencias fundamentaes da medicina, receberam tambem certo influxo da radiographia. A propria medicina legal, assim como a hygiene, recorreram já aos serviços prestados pelos raios de Roentgen. Ramvez teve occasião de apreciar as vantagens da radiographia nas falsificações de substancias alimentares vegetaes por corpos mineraes, distinguindo-se estas daquellas por sua relativa opacidade.

Indicadas as vantagens da radiographia, assignalamos aqui, para terminar, os precalços de seu emprego.

Diversos observadores chamaram a attenção para uma modificação particular que se realiza para o lado da pelle que muito se assemelha ao erythema solar, cuja origem se attribue á acção da luz ultra-violeta do espectro. Lecercle observou augmento de eliminação de phosphatos pelas urinas. Tem-se assignalado verdadeiras dermatites, e observações recentissimas chamam particularmente a attenção para alguns factos de nevralgias dolorosissimas, que resistiram aos tratamentos habituaes da nevralgia e se tornaram por muito tempo o martyrio dos radiographados.

Não sirva, porém, de afflicção para os enfermos estas alterações morbidas a que me referi. Foram ellas quasi sempre a consequencia de uma longa exposição, como se fazia nos primeiros tempos da radiographia. Com os aperfeiçoamentos introduzidos na pratica do raio X por Max, Levy e Richter, o temor de uma consequencia desagradavel diminue muito de valor.

A radiographia continúa a ser o meio supremo para levantar duvidas na sciencia do diagnostico.

Dr. Marcio Nery

MARTINS PENNA

III

(*Continuação*)

Uma das maculas nacionaes que mais vivamente apparecem nas comedias de nosso compatriota é, sem duvida, a da escravidão.

Não ha nenhuma de suas obras conhecidas em que directa ou indirectamente ella não appareça; não ha nenhuma em que não exista alguma referencia á nefanda instituição por palavras que seja. Os termos *preto*, *negro*, *escravo*, *moleque*, *mucama*, *meia-cara* lá estarão, ao menos, para dar testemunho do facto. E, o que mais é, o trafico africano estava prohibido com força, os cruzeiros inglezes andavam a vigiar os pontos de desembarque do perfido contrabando, e elle ia sempre por diante, a despeito dos esforços dos dois governos.

Tanto é verdade que muitas vezes os vicios sociaes estão mais nos povos do que nas instituições que os regem. A coisa estava nos costumes. Anda-se ahi, ás vezes, a dizer que em nossos dias tem-se ainda a petulancia de captivar gente no alto Amazonas, que ali existe um novo trafico de escravos. Talvez seja verdade; mas eis o que escrevia Martins Penna, como coisa succedida em 1842, na scena I dos *Dois ou o Inglez machinista*:

« *Felicio.—(Que tem tomado o Jornal!)* Oh! Nova presa! *(para Negreiro)* A quem pertence o brigue *Veloz Espadarte* aprisionado hontem junto da Raza pelo cruzeiro inglez?

Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril.

Negreiro.—A um pobre diabo que está quasi maluco... Mas é bem feito para não ser tolo. Quem é em summa quem neste tempo manda entrar um navio com similhante carregamento sem tomar as necessarias precauções. Aos meus não ha de acontecer tal.

Felicio.—*(Levantando-se e á parte).* Que descaramento!

Clemencia.—Não fale, que lhe póde cair o raio em casa.

Negreiro.—Qual! Verdade seja que as reformas do codigo foram o diabo.»

Descarados desta laia abundavam então e, foram elles, portuguezes a mór parte das vezes, que encheram o paiz de muitas centenas de milhares de Africanos reduzidos á escravidão neste seculo, depois que nossos governos tinham completamente abolido o trafico. Desnortearam, dest'arte, cada vez mais a vida economica brazileira, e são os substitutos delles actualmente os mais encarniçados em deturpar tudo, a pragnejar contra o *cambio*, *a bancarota*, *a carestia* e outros *ora pro nobis* da ladainha do dia.

O tal Negreiro, pretendente ao dote (pois já naquelles tempos havia os pescadores de dotes) da Mariquinha, filha da Clemencia, não houve traça que não empregasse para levar avante seus intentos.

Saiu-lhe o plano ás avessas, a despeito da protecção da irrequieta Clemencia, porque o Felicio, primo de Mariquinha, e o apparecimento de Alberto, que não tinha morrido no Rio Grande, burlaram-lhe as pretenções. No fim da peça, que foi para elle uma serie de contra-tempos, brada: «*Em summa fiquei mamado e sem dote...*» Não houve traça, dissemos nós, que esse traficante, que, quando falava, tinha sempre um indefectivel *em summa*, não empregasse para cair em graça da rica moçoila. Uma vez chegou a mandar-lhe de presente num cesto coberto de baeta encarnada, um meia-cara de sete annos, como se fosse um perú, um capado, ou um cacho de bananas da terra. Chamava-se *meia-cara* o preto africano introduzido furtivamente no Brazil pelo contrabando negreiro.

Davam-se de presente nos dias de annos, e, quando ainda meninos, iam em cestos ou taboleiros, cobertos com alvas toalhas, para surpreza e recreio das yayás dengosas.

Negreiro mandou o delle coberto de baeta encarnada, por ser um tratante sem gosto. Era esse um dos mais ridiculos traços de nossos costumes, ainda nos primeiros annos do segundo reinado.

Não escapou a Penna, que o consigna na scena IX dos *Dois ou o Inglez machinista*. E' muito interessante; vale a pena lêl-a:

« *Negreiro.* — (*Entrando com um preto, de cesto a cabeça*). Um seu criado.

Clemencia. — Oh! pois voltou? O que traz com este preto?

Negreiro. — Um presente para a Sra. D. Mariquinha.

Clemencia. — Vejamos o que é.

Negreiro. — Arreia, pai! (*Ajuda o preto a descançar o cesto no chão. Clemencia e Mariquinha chegam para junto do cesto*).

Clemencia. — Descubra. (*Negreiro descobre o cesto e delle levanta-se um moleque de sete para oito annos, de tanga azul e carapuça encarnada, o qual fica em pé dentro do cesto.*)

Clemencia. — Oh! gentes!

Mariquinha. — Oh!

Felicio. — Um meia-cara!

Negreiro. — Então? (*Para o moleque*) Quenda! quenda! (*Puxa-o para fóra*).

Clemencia. — Como é bonitinho!

Negreiro. — Boa peça! (*Para o moleque*) Guzo, sai! (*O moleque sacode os braços*).

Clemencia. — Como é engraçadinho!

Negreiro. — (*Para Mariquinha*). Ha de ser seu pagem.

Mariquinha. — Não preciso de pagens.

Clemencia. — Então, menina! (*Para Negreiro*). E' muito criança.

Negreiro. — Muito.

Clemencia. — (*Para o moleque*) Mostra os dentes. (*O moleque conserva-se com a bocca fechada*).

Negreiro. — Ainda não sabe lingua de branco. (*Para o moleque*) Zimbo cará tumú son. (*O moleque mostra os dentes*).

Clemencia. — Principia a mudar, terá sete para oito annos.

Negreiro. — E' dos desembarcados hontem em Botafogo.

Clemencia. — Ah! dá licença que o leve para dentro?

Negreiro. — Pois não! (*Para o moleque*) Quenda!

Clemencia. — (*Tomando o moleque pela mão*) Quenda! quenda! (*Saem Clemencia, Mariquinha e o moleque*). »

Então? Como era isto edificante! O contrabando e a escravidão eram como coisas normaes que não escandalizavam as melhores familias. Não queremos fazer a apologia do tempo presente: nem desejamos denegrir o passado; um tempo vale o outro, um é o desdobramento do outro. Já andamos um pouco scepticos diante das prophecias syracusanas de todas as fórmas e estylos. Gabar o passado em detrimento do presente, ou o presente systematicamente em desfavor do passado, assenta bem na bocca dos ignorantes ou dos declamadores; não desejamos um posto nessa companhia.

Mas sustentamos que a leitura de Penna é apta a desfazer muitas illusões. Achamos até que suas comedias deveriam voltar á scena para ensinamento do povo e para correcção de certas pretenções e veleidades.

Uma das pragas de nosso meio economico é o veso de fabricar moeda falsa; e esta lepra não é de agora; é, ao envez, bem antiga. Os velhos annaes da criminalidade nacional estão cheios de muitos casos do genero. Não era possivel que a um analysta da clarividencia do autor dos *Irmãos das almas* não se deparasse esse abuso de certos velhacos. Não lhe escapou. No *Judas em Sabbado de Alleluia* temos uma scena caracteristica do facto. E' toda scena XI, cujo começo citaremos:

« *Antonio Domingos.* — Um seu criado. Dá licença?

Pimenta. — Ah! é o Sr. Antonio Domingos! Seja bem apparecido; como vai isso?

Antonio. — A seu dispôr.

Pimenta. — Dê cá o seu chapeu. (*Toma o chapeu e o põe sobre a mesa.*) Então o que ordena?

Antonio. — (*Com mysterio*) Trata-se do negocio.

Pimenta. — Ah! espere (*Vai fechar a porta do fundo, espiando primeiro si alguem os poderá ouvir*). E' preciso cautela. (*Cerra a porta que dá para o interior.*)

Antonio. — Toda cautela é pouca. (*Vendo o Judas*). Aquillo é um Judas?

Pimenta. — E' dos pequenos. Então?

Antonio. — Chegou nova remessa do Porto. Os socios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dois contos (*Tira da algibeira dois maços de papeis*) um em cada maço; é dos azues. Desta vez vieram mais bem feitos. (*Mostra uma nota de 5$000 que tira do bolço do collete*) veja; está perfeitissima.

Pimenta. — (*Examinando-a*). Assim é.

Antonio. — Mandei aos socios fabricantes o relatorio do exame que fizeram na Caixa da Amortização —sobre as da penultima remessa, e elles emendaram a mão. Aposto que ninguem as differençará das verdadeiras.

Pimenta. — Quando chegaram?

Antonio. — Hontem, em o navio que chegou do Porto.

Pimenta. — E como vieram?

Antonio. — Dentro de um barril de paios.

Pimenta. — O lucro que deixa não é mau; mas arrisca-se a pelle...

Antonio. — Que receia?

Pimenta. — Que receio? Si nos dão na malhada, adeus minhas encommendas! Tenho filhos...

Antonio — Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou 2:500$, e nada lhe aconteceu.

Pimenta. — Bem perto estivemos de ser descobertos; houve denuncia, e o thesouro substituiu os azues pelos brancos.

Antonio. — Dos bilhetes aos falsificadores vai longe; aquelles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando falam, e acautelam-se. Demais, quem nada arrisca, nada tem. Deus ha de ser comnosco.

Pimenta. — Si não fôr o chefe de policia!...

Antonio. — Este é que póde botar tudo a perder; mas peior é o medo. Vá guardal-os. (*Pimenta vai guardar os maços de bilhetes em uma das gavetas da commoda, e a fecha á chave*).

Antonio. — (*Emquanto Pimenta guarda os bilhetes*). Cincoenta contos da primeira remessa, cem da segunda, e cincoenta desta, fazem duzentos contos; quando muito vinte de despeza, e ahi temos cento e oitenta contos de lucro. Não conheço negocio melhor. (*Para Pimenta*) Não os vá trocar sempre na mesma casa; ora aqui ora ali. Tem cinco por cento dos que passar».

Talvez seja por estas e outras scenas desse realismo verdadeiro e cruel que Martins Penna foi sendo esquecido e suas comedias arredadas quasi completamente do tablado. Certa classe de poderosos não poderia vêr com bons olhos aquellas coisas á luz da ribalta. Era preciso esconder tantas indiscreções e não dar occasião do publico rir de tantas melgueiras de gente de gravata lavada. Cremos que nos não enganamos nesta suspeita.

Outra causa que deve ter muito contribuido para isso é a constante referencia a *escravos, moleques, mucamas*, o apparecimento de *pretos* ou *cafusos* em scena: porque num paiz onde a maioria da população é de gente de côr, de mestiços de todas as gradações, essas coisas não agradam, não podem agradar e nós, a despeito de todas as nossas pretenções liberalizantes, temos em larga escala, innegavelmente, a pretenção e o gosto da *branquidade*. Aqui só se dá por mestiço quem de todo não o póde negar; todos os mais, logo que possam desfarçar, dão-se por brancos de boa linhagem. Ora, um escriptor de theatro que tem a audacia de botar em scena *um moleque dentro dum cesto*, está irremediavelmente condemnado ao esquecimento. Tal a razão tambem porque ninguem mais vê representar a obra prima de Alencar — *O Demonio Familiar*.

Continuemos a desfiar as mazellas assignaladas por Penna em a sociedade de seu tempo, que, não cançamos de repetir, são as mesmas de hoje.

As ladroagens e vinganças por exemplo, em coisas de patriotadas, em agrupamentos e instituições com fumaças de ardor guerreiro, já era coisa de vulgar noticia. Eis um traço dos arranjos

feitos, sob pretexto de serviços na guarda nacional; é da scena VIII do *Judas em Sabbado de Alleluia*:

Pimenta. — A suas ordens Sr. capitão.

Capitão. — O guarda Faustino foi preso?

Pimenta. — Não senhor. Desde quinta-feira que andam dois guardas atraz de elle, mas não foi possivel encontral-o. Mandei-os que o fossem esperar á porta da repartição, e tambem lá não appareceu hoje. Creio que teve aviso.

Capitão. — E pois só fazer diligencia para se prender esse guarda, que está muito remisso. Tenho ordens muito apertadas do commandante superior. Dirá aos guardas encarregados de o prender que o levem para os provisorios. Ha de lá estar um mez. Isto assim não póde continuar. Não ha gente para o serviço com esses maus exemplos. A impunidade desorganiza a guarda nacional. Assim que elle sair dos provisorios, avisem-no logo para o serviço, e se faltar, provisorio no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de ensinar. *A parte.* Mariola!.. quer ser meu rival!

Pimenta — Sim, sr. capitão.

Capitão — Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas, diligencias, atrapalhos. Enbeda-se a esse respeito com o sargento.

Pimenta — De ve estar, sr. capitão.

Capitão — Precisamos de gente prompta.

Pimenta — Assim é, sr. capitão. Os que não pagam para a musica, devem sempre estar promptos. Alguns são muito remissos.

Capitão — Ameaçe-os com o serviço.

Pimenta — Já o tenho feito. Digo-lhes que si não pagarem promptamente o sr. capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mez, e dois ou tres que não pagaram desde o principio do anno.

Capitão — Avise a esses, que recebem ordem para os chamar de novo. Ha falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

Pimenta — Assim é, sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que si a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a musica.

Capitão — *Assustado.* Dizem isso? Pois já sabem?

Pimenta — Que saibam, não creio; mas desconfiam.

Capitão — E o diabo! E preciso cautela. Vamos á casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

Pimenta — Sim, Sr. capitão. (*Sahem.*)

Ora, eis ahi: ninguem dirá que essas coisas, copiadas ao vivo, sejam aleives que o comediographo assacasse á sociedade de seu tempo. A desorganização de todos os serviços publicos, nomeadamente de todas as instituições populares no Brazil é ha muito proverbial. Alguma coisa como na Turquia, na Russia e na Hespanha, os paizes da Europa onde ella é mais intensa. As grandes depredações da fazenda publica com o serviço de fornecimentos de viveres aos famintos nas calamitosas quadras das seccas do Ceará e até com

os fornecimentos de nossas tropas em campanha, como na guerra de Rosas e do Paraguay, constituiram sempre grandes escandalos que a administração publica, não poude ou não soube refrear.

Não é a legislação que é manca; a gente é que notavelmente viciada d'alto a baixo, e, sabe Deus, quanto nos custa a isto escrever, tratando do povo a que temos honra em pertencer, que amamos, que foi sempre o objecto de nossos desvelos. Mas é preciso dizel-o, para que nos corrijamos; porque, no meio de todos os nossos defeitos, possuimos algumas virtudes, que podem servir de base para a nossa regeneração. As origens de nossa população, não muito escorreitas quer nos seus elementos indigenas e africanos, quer nos europeus, perturbadas ainda mais pelo despotismo ganancioso dos funccionarios coloniaes e pela putrefacção secular da escravidão, deixaram-nos no sangue germens maleficos que a pureza magnanima dum homem, como D. Pedro II, e a energia de dictadores, como Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, foram inermes para debellar. Todas as instituições em que a generosidade sonhadora dos romanticos de 1822 e 1831 e 34 chamou as massas populares a collaborarem, todas, todas ellas em menos de cincoenta annos estavam carunchosas e inanidas. Obras peregrinas, filhas da intelligencia e dos soffrimentos doutros povos, da actividade e das lagrimas doutras raças, vieram estiolar-se deste lado do Atlantico, nestas plagas rudes d'America. Que é feito do *self governement*, das liberalidades do municipalismo, cujos germens prendiam raizes no solo adusto do regimen colonial? Que é feito do provincialismo autonomo que os reformadores de 34 tanto encomiaram? Que é feito do jury, em que o povo era chamado ao grandioso officio de julgar os seus pares? Que é feito desse systema parlamentar que faz livres e prosperas a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Italia e em que tanto confiaram os homens de 22, de 31, de 40?

Tudo se abastardou ao sopro irreverente do caracter nacional, habil em censurar e derruir, mas sem a minima plasticidade fecundante e creadora no terreno politico. E' essa incapacidade organica, trefega e bulhenta, que tem já resequido e esterilizado o presidencialismo, que fomos tomar d'emprestimo aos norte-americanos.

Muitas outras maculas sociaes poderiamos esmiuçar nas comedias do talentoso fluminense, como, por exemplo, o mau habito que tem ahi muita gente de fingir beatices para viver á custa dos santos,

das irmandades e confrarias. Lá está nos *Irmãos das Almas* essa mazela. A mania das grandes e fantasticas emprezas, que estrangeiros gananciosos e petulantes agitam de vez em quando no paiz, para pilhar o dinheiro aos descuidados, tambem não foi despercebida a Penna, que a encarnou em Gainer, o *Inglez machinista*. Limitamo-nos a consignal-as rapidamente; temos pressa de passar a outras considerações.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

MARINHA

Sopra o terral. A noite é calma. Faz luar.
Intercadente,
Sôa na praia mollemente
A voz do mar.

As coisas dormem; dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruido
Perturba o encanto recolhido
Do luar pleno.

Ampla mudez. A lua immensa pelo céu
Sem nuvens, vaga
E cobre o mar, vaga por vaga,
De um branco véu.

Longe, á mercê da branda aragem, vai passando
Tarda falúa;
Nas velas pandas bate a lua,
De quando em quando.

A bordo alguem cantando está doces canções,
Das quaes o vento
Traz para terra o molle accento
E esparsos sons.

Esparsos, doces sons, aos quaes o rumor d'agua,
Já confundido,
Traz estribilho indefinido
De triste magua.

Algum marujo á pôpa assim, do coração
As vagas queixas
Contando vai nessas endeixas
A' viração.

Mas a falúa já se afasta, lenta e lenta,
Nem mais se alcança
A voz do nauta, calma, mansa,
E somnolenta.

De novo só se escuta aqui do mar a voz,
Ora em cadencia,
Ora na subita violencia
De onda feroz.

E em meio da mudez de tudo quanto dorme,
Resfolegando
O mar parece um monstro enorme
Ao céu ladrando.

E toda a noite assim sem tregua a voz do mar,
Sôa na praia,
E ora se alteia ora desmaia,
Sob o luar.

Emquanto no alto, só, no claro azul, fluctua,
Indifferente
A' terra, ao mar, á humana gente,
A tudo, a lua.

MARIO DE ALENCAR

ARTISTAS DOUTRO TEMPO

GOTTSCHALK

Em 1492, na grande viagem descobridora de mundos, entre mar e céu, avistou Colombo longinquo ponto, a crescer, a aproximar-se, emergindo das ondas, a medida que a próa da caravella rasgava o oceano em dois pannos de espuma. Era uma ilha frondejante, cheia de berços de verdura, fantastica, quasi de sonho, digna de Moghrabi Suffrah, o magico do conto de Aladin. Em terra firme pullulavam homens de côr amarella, olhos negros e pequenos, dentes brancos e bem dispostos, cabellos escorridos e luzidios, corpo limpo de pellos, estatura mean, physionomia altiva e melancolica. Eram os caraibas. Trezentos e tres annos depois não havia mais caraibas, exterminados pelos europeus. Trucidaram os pobres selvagens, tomaram as flexas venenosas, encheram-lhes os pulsos de algemas, raptaram-lhes as virgens, atiraram-lhes em rosto o ultimo dos insultos: sois escravos. O Asra morre quando ama; o caraiba escravizado pereceu de dôr e de vergonha.

Povoou-se a ilha encantada. Primavera eterna; atmosphera humida e asphyxiante. A vegetação crescia por milagre: folhas novas substituiam logo as velhas; as arvores a todo o tempo tinham flôr e fruto. Varias vezes no mesmo anno as figueiras davam figos e a vide cobria-se de cachos. Colibris levavam o adejo das côres ao seio das roseiras immensas; o ar, de tão cheiroso, era só jasmins. Nas florestas susurrava á brisa o leve bambual; os cannaviaes, como um exercito de lanças torcidas, desciam pelas encostas até

aos rios, limpidos e mansos no verão, barrentos e alagadiços na estação das aguas. Grandes valles, frescos, ensombrados, banhavam-se ao crepusculo, á hora de saudades, no capitoso aroma das tardes do tropico. Oh! formosa S. Domingos! Mas quanto sangue não têm bebido essa e outras terras romanticas e coloniaes onde vagueia soluçante a sombra de Virginia[1] orvalhada de lagrimas como as rosas se molham de sereno! Terriveis e crueis foram sempre as revoltas de captivos em S. Domingos. De vez em quando farto do azorrague, dos senhores brutaes, do feitor sem entranhas, o gado humano deixava o eito e ia juntar-se aos quilombos das matas impenetraveis. Sangui-sedentos, desvairados por appetites baixos de saque e vingança, lutavam os negros com os brancos, que bem caro pagavam os horrores da escravidão. Ruinas e depredações era a divisa do sinistro exercito dos pretos; chuços, sabres, machadinhas, tudo lhes servia de armamento.

Dessas revoltas em S. Domingos nenhuma foi mais horrorosa que a de 1791,[2] época na qual a mãi-patria se estorcia em medonhas convulsões intestinas e externas a repercutirem na longinqua ilha. Dessalines, Toussaint-Louverture, Rigaud, Pétion, Christophe, Biassou adquiriram nos morticinios de S. Domingos tristissima celebridade. Governava então a ilha o conde Antonio de Bruslé,[3] coronel de cavallaria no reinado de Luiz XV, que procurou desbaratar os pretos oppondo-lhes tropas indigenas. Pelejou denodado á frente dellas, mas nada poude fazer, visto o numero dos inimigos. Depois de perder a mulher e a mór parte dos filhos,

---

[1] Uma opinião curiosa sobre a obra prima de Bernardin de Saint Pierre. É de Berlioz. Na ultima pagina dum volume de *Paulo e Virginia* pertencente ao illustre autor da *Damnação de Fausto*, achou-se esta nota «*En somme, livre sublime, déchirant, délicieux, mais qui rendrait athée, si on ne l'était pas*». Imbert, *Nouveaux Profils de Musiciens*, pag. 232.

[2] As peripecias dessa revolta são o thema do primeiro romance de Victor Hugo, Bug Jargal, escripto por aposta em quinze dias. O autor contava 16 annos. Victor Hugo, *prefacio de Bug Jargal*.

[3] Flandres é o berço da familia de Bruslé. No seculo XVI um de seus ramos veiu fixar-se em Saint-Valéry-sur-Somme na Picardia, subdividindo-se em varios outros. Os Bruslé alliaram-se ás casas de Montaigne, Ponthieu, Montmignon, Forceville, Arras e outras. Armas: — D'azur à un phénix d'or, au vol éployé, posé sur un bucher du même. L'écu timbré d'un casque de chevalier orné de lambrequins. Borel d'Hauterive, *Annuaire de la Noblesse Française*, tomo 8, pags. 191 - 193.

Antonio Bruslé internou-se pelos bosques onde sem treguas o perseguiram os proprios escravos. Escapou por um fio, graças á protecção duma mulata velha, feiticeira andrajosa e repugnante como a sybilla de Panzout.[1] A' noite, quando todos dormiam no acampamento rebelde, á luz mortiça das fogueiras, o conde Antonio esgueirou-se na sombra e desappareceu. Seu filho, Camillo de Bruslé, e a mulher deste lançaram-se a nado; mas presentidos foram alvos de cerrado chuveiro de balas, podendo emfim chegar a uma goleta ingleza que bordejava na costa com destino a Nova Orleans.

No exilio, sempre tão cheio de isolamento e desconforto, a alegria do conde Camillo era a filha, a querida Aimée, inconsolavel, chorosa, alongando olhos de saudade para a terra ausente. No lar do foragido penetrou um amigo, Eduardo Gottschalk, joven doutor em sciencias, que percorria a America, completando a educação universitaria de Cambridge.[2]

Gottschalk, terminado o curso da velha universidade ingleza, buscava aprender viajando, pois si o inglez moço sabe pouco ao deixar a escola, conserva intactos o gosto e a faculdade de aprender.[3] Isso está, aliás, na indole do povo inglez. Partir sempre do interior para o exterior na vida e na arte que é ainda a vida, constitue conselho bem britannico e de alcance incalculavel.[4] Ruskin ensina o segredo de ser alguem em materia de sciencia e arte: confiar-se á natureza e trabalhar.[5] Taes eram os intuitos do *globe-trotter* Eduardo Gottschalk. Admittido em casa do conde Bruslé achou-se logo em melindrosa situação. O lar do exilado[6] era estreito, mas doce aos corações. Veiu o amor. A intimidade perigosa dos serões familiares tornou a fagulha incendio. Maria Aimée de Bruslé recebeu Eduardo

---

[1] La vieille estoyt mal en poinct, mal vestue, mal noourrye, edentee, chassieuse, courbassee, roupieuse, langoureuse et faisoyt ung polaige de choulx verdz. *Pantagruel, Livro III, Cap. XVII*, Edição Ledentu, 1835.

[2] As universidades inglezas são instituições nacionaes quasi tão velhas quanto os Lords e as Communas: participam da constituição britannica e em relação á estructura social não poderiam ser deslocadas sem comprometter a solidez do conjunto. Max Leclerc, *L'Education des classes Moyennes et dirigeantes en Angleterre*, pag. 257.

[3] Max Leclerc, *Les professions et la Societé en Angleterre*, pag. 219.

[4] Taine, *Notes sur l'Angleterre*, pag. 363.

[5] *Moderns painters*, tomo I.

[6] *Oh! n'exilons personne, oh! l'Exil est impie!* Victor Hugo, *Chants du Crépuscule*.

Gottschalk por legitimo esposo. Foram esses os pais de Luiz Moreau Gottschalk, o insigne artista objecto deste estudo, nascido a 8 de maio de 1829 na cidade de Nova Orleans, America do Norte.

Escoou-se a infancia de Gottschalk á margem do lago Pontchartrain, em Pass Christian, lugar habitado por indios, restos de velhas tribus. Constituição fraca e delicada, natureza terna e melancolica, exaltou-se desde cedo a imaginação de Gottschalk em meio das mysteriosas harmonias da floresta. Aos sete annos Gottschalk dava o seu primeiro concerto em beneficio dos pobres, aos dez improvisava estudos cheios do mais delicado sentimento melodico.[1] Em 1841, bem moço, partiu Gottschalk para a França onde recebeu lições de Carlos Hallé e Camillo Stamaty. Quatro annos depois, no salão Pleyel, ao findar um concerto em mi-menor, Gottschalk sentia-se estreitado pelos braços de Chopin. Como esquecer taes parabens!

Gottschalk percorreu a Suissa, voltando a Pariz onde realizou mais de 75 concertos. A convite da rainha Izabel, visitou a Hespanha, recebendo de Pariz a Madrid principesco acolhimento. Em Valladolid soffreu, porém, Gottschalk profundo desgosto e quasi viu concluida auspiciosa e brilhante carreira. Certa noite, depois do concerto, aproximou-se de Gottschalk um desconhecido, estudante de medicina dizem, e apertou-lhe a mão direita com tal força e geito que lhe quebrou tres phalanges do dedo minimo. Attribuiu-se o caso a vis suggestões de poderosissimo ciume... Quando, amor, nos agarras, bem podemos dizer — adeus, prudencia.

Afinal, após longo e doloroso tratamento, restabeleceu-se Gottschalk, regressando á America. A familia recebeu com flôres e abraços a volta do filho prodigo, prodigo de gloria e renome. Só a velha condessa de Bruslé, avó materna de Gottschalk, desapprovou similhante proceder. Um Bruslé pianista! Tambem mais tarde, na sala Pleyel, dizia Gottschalk a rir: «a unica pessoa que me não conhece, nem de nome, na minha terra, e para quem precisarei de recommendação, é minha avó.»

Gottschalk vivia como verdadeiro judeu errante, ora nos Estados Unidos, ora na Havana onde se exibiu ao lado de Adelina Patti, desconhecida ainda. Dois annos, 1857 e 1858, passou-os Gottschalk no mais original dos exilios voluntarios, na Guadelupe, junto á cratera

---

[1] Léon Escudier, *Mes souvenirs*.

de extincto vulcão, servido por um negro velho. D'ahi veiu arrancal-o o emprezario Strakosk, que com Gottschalk emprehendeu em 1862 uma *tournée*, trabalho de Hercules, percorrendo todos os estados da União, mais de 30.000 leguas de caminho de ferro, realizando 1.000 concertos, dando no dia do anniversario de Washington um concerto ás onze da manhan em Nova-York, outro ás duas da tarde em Nova-Ark, outro ás cinco em Albany, outro ás oito em Troya, quatro concertos num dia em area de 46 leguas, viagem bem americana, verdadeira façanha de Barnum.

Isso emquanto nos Estados Unidos se ateiava medonha guerra civil, a guerra de Seccessão. [1] E não raros quantos perigos, quantos episodios mais ou menos estramboticos. Assim Gottschalk ponderava a Strakosk a conveniencia de adiar o concerto em Harrisburg, pois, « gente em vespera de bombardeio não está disposta a ouvir concertos ». [2] Strakosk teimou, insistiu, mas ao chegar o comboio Harrisburg teve ordem de parar no meio da ponte do Susquehanna e que mau quarto de hora se passou suspenso sobre o rio profundo! Depois de ter visto na linha ferrea os seus planos, [3] conseguiu Gottschalk penetrar em Harrisburgh, sob a imminencia dum assalto dos Confederados. O povo premia-se nas ruas e praças; desfilavam canhões e artilheiros; jornalistas de nariz para o ar farejavam *sensation news;* anciedade geral, atmosphera de curiosidade e medo. *Décidément le concert est dans l'eau*, murmurava Strakosk confuso.

Gottschalk julgou-se no paraizo ao ver-se de novo na estação da estrada de ferro, ensurdecedora babel onde bufavam mais de trinta locomotivas indo e vindo, desnorteadas, arquejantes, especie de rebanho de monstros anti-diluvianos fugindo a um cataclysma geodesico. [4] De volta a Nova-York, Gottschalk escripturou-se para a California, percorrendo depois as republicas da America Central, do Pacifico e do Prata, até chegar ao Brazil. Desembarcando no Rio de Janeiro, Gottschalk sentiu-se inspirado por nossa natureza, joia

---

[1] Muito mal fez á humanidade a nefanda escravidão. Um dos seus maiores peccados é a guerra de Seccessão (1861-1865) 11.100:000$ aproximadamente, ao cambio actual, foi o custo financeiro dessa ingloria pugna.

[2] Gottschalk, *Souvenirs d'un Pianiste*.

[3] Eram mais mastodontes que pianos. Tinham saido da casa Chickering & C., de Boston. Mediam tres pés de largura na cauda e dez no comprimento, comprehendendo 7 1/2 oitavas.

[4] Gottschalk, *Souvenirs de voyage d'un pianiste*.

a que não achou preço. «Aqui tudo canta», murmurou diante da esplendida bahia, das ilhas tão frescas de arvoredos. Era a 5 de maio de 1869. [1]

Gottschalk estreou no Rio de Janeiro na intimidade, tocando primeiro em casa de Furtado Coelho, [2] gloria do theatro brazileiro, depois na de Henrique Fleiuss, [3] o creador da *Semana Illustrada*, e na do Dr. Severiano Martins. [4] No *Lyrico Fluminense*, antigo *Provisorio*, [5] apresentou-se Gottschalk ao publico que o recebeu com inequivocas provas de apreço e admiração [6] (3 junho 1869). Depois dos dois primeiros concertos quem não quiz ouvir Gottschalk? O recinto do *Lyrico*, era pequeno para conter o publico. Este affluia a deliciar-se com as harmonias que os dedos de Gottschalk percorrendo o niveo teclado arrancavam das cordas que riam, gemiam, soluçavam e choravam a sabor do artista. Tanto o fazia com primor!

Como alhures, achou Gottschalk entre nós hospitalidade carinhosa, e não de menos quilates. Um exemplo, a visita de

---

[1] Chegou Gottschalk ao Rio a bordo do vapor inglez *Kepler*, comm. J. Marr, com 5 dias de viagem de Montevidéo.

[2] Furtado Coelho dirigia nesse tempo o Gymnasio Dramatico e a companhia da qual eram artistas Arêas, Guilherme de Aguiar, Amoedo, Ismenia dos Santos, Francisca Monclar. Pouco tempo depois Furtado Coelho inaugurava o S. Luiz quasi com os mesmos collegas e uma estreiante, a actriz Appolonia. Furtado residia á rua Sete de Setembro n. 148, sobrado.

[3] Fleiuss morava no largo de S. Francisco.

Henrique Fleiuss, filho legitimo do professor Dr. Henrique Fleiuss, director geral da Instrucção Publica da Prussia, e de D. Catharina Von Drach, irmã do commandante Max Otto Frederico Von Drach, morto em Eylau, nasceu em Colonha a 28 de agosto de 1824. Em 1860 encetou Henrique Fleiuss a publicação da *Semana Illustrada*, jornal de illustração e caricaturas que tão popular se tornou entre nós. Henrique desenhava, Carlos Linde imprimia; a redacção da *Semana* cabia a Felix Martins, Victorino de Barros, Bruno Seabra, Augusto de Castro, Ernesto Cybrão, Machado de Assis e outros.

A *Semana Illustrada* durou 16 annos. Henrique Fleiuss falleceu a 15 de novembro de 1882. Foi um trabalhador intelligente, um artista distincto e um homem do mais alto valor moral.

[4] Dr. Severiano Rodrigues Martins, estimado clinico do tempo, residia no Campo da Acclamação, 18.

[5] O Theatro Lyrico Fluminense, ou como era mais conhecido o Provisorio, funccionava sob a direcção dos emprezarios João Baptista Vianna Drummond e Manoel Gomes de Carvalho, 1.º barão do Rio Negro.

[6] Vendiam-se os bilhetes dos concertos Gottschalk nas casas de musica Préalle (rua do Theatro, 17), Bevilacqua (Ourives, 53), Filipone (Ouvidor, 10). Custavam 5$.

Gottschalk ao Collegio Episcopal de S. Pedro de Alcantara [1] onde o receberam entre duas alas de alumnos, ao som da musica collegial. Gottschalk mostrou-se commovido, elle cumulado de todas as honras e distincções. Em Valladolid o conde Piero o tinha feito até passar em revista o famoso regimento de Farnesio! Ao jantar do collegio, refeição festiva, ergueu-se um menino e saudou Gottschalk. «Como o sol que continúa a sua carreira para alumiar outros paizes», disse, «assim ides, em breve, deixar o Brazil para levardes a outras terras a irradiação de vossa gloria». E o destino, ingenuo admirador?

Moço, celebre, sympathico, insinuante, Gottschalk agradava ás mulheres e deixava-se facilmente admirar por ellas. E, segundo Antonio Vieira, difficil é o convivio com as filhas de Eva. «Com mulheres não sabe o homem como haver-se; si as não ama, têm-no por nescio: si as ama, por leviano; si as deixa, por cobarde; si as segue, por perdido; si as serve, não o estimam: si as não serve, o aborrecem; si as quer, não o querem; si as não quer, o perseguem: si as frequenta, é mais que louco; si as não frequenta, é menos que homem». Gottschalk adoptava em materia de paixão a philosophia da variedade. A duqueza de Medina-Celi negou entrevistas a Carlos V por não ter duas almas, caso em que perderia uma por amor do rei. Houve muito no Rio de Janeiro quem botasse fóra a unica por Gottschalk, inconstante a valer. Os corações andavam ora em vago anceio de esperança, ora no escuro da dôr. [2] Dentre as conquistas faceis de Gottschalk uma houve publica e curiosa: a da Reine, figura obrigada da bohemia da época nas estrepolias do Alcazar, nas ceias de horas mortas, belleza estranha, um pouco desbotada, bulhenta e com inclinações bacchicas, muito procurada nos bailes mascarados como par galhofeiro, estrella da pandega emfim. Gottschalk gostou da Reine e deu talvez alguns momentos felizes a essa peccadora insaciada e insaciavel, senhora da amarga experiencia dos homens, avidos de amores corredios.

---

[1] Collegio situado no Rio Comprido e conhecido pelo collegio dos padres Paiva, casa de ensino da maior nomeada. Dirigido pelos padres Antonio, Joaquim e José Mendes de Paiva, estes ultimos hoje residentes em Petropolis, preparou este estabelecimento de ensino innumeros discipulos, que sobremaneira o honraram nas mais elevadas posições, sem esquecer dentre elles o marechal Floriano Peixoto.

[2] *Dès que les femmes sont à nous, nous ne sommes plus à elles.* (Montaigne).

Realizados no *Lyrico* os seus tres primeiros concertos, Gottschalk deu os dois ultimos no *Gymnasio*, occupado o antigo Provisorio pela Ristori, com o auxilio de Achilles Arnaud, Bernardo Wagner, Ricardo Ferreira de Carvalho, do violinista Elena e do flautista Callado. Subito molestia de gravissimo caracter acommetteu o artista, salvo pela inexcedivel dedicação do Dr. Severiano Martins, que aconselhou uma viagem a Gottschalk.

Com a ausencia deste coincidiu a chegada de Adelaide Ristori. O pianista viu-se forçado a descançar porquanto o *Lyrico* se achava alugado á companhia dramatica italiana. Os outros theatros eram pequenos, traziam inconvenientes praticamente reconhecidos nos concertos do *Gymnasio*, que da melhor vontade e com distincto cavalheirismo fôra offerecido por Furtado Coelho.

Nesse interim Gottschalk visitou S. Paulo onde a mocidade academica o recebeu como amigo. « Emquanto o ouviamos, parecia ser um livro que nos liam, um livro de Musset, misturado de Byron, de Heine e de Lamartine, com linhas á margem por Hoffmann e Edgar Poe. [1] Desoccupado o *Lyrico* regressou Gottschalk para reencetar a série de concertos tocando já nos pianos de Chickering, afinados *com amore* pelo seu afinador particular Tobias Spilborg. Tal era o exito das musicas de Gottschalk que a casa Narciso, Arthur Napoleão & C. resolveu imprimir então as obras ineditas do grande pianista, *Impromptu*, *Dernier Amore*, *La Gallina*, *Tremolo*, *Pensée Poétique*, *Pasquinade* e outras.

Cada vez mais cresciam as sympathias por Gottschalk. « Na convivencia particular era elle o caracter mais affectuoso, mais sympathico e attraente que é possivel encontrar. O brilhantismo da sua palavra nas palestras intimas, a graça espirituosa de sua conversação, a doçura de seu trato, a meiguice suggestiva dos seus olhares e dos seus sorrisos encantavam ou antes dominavam os felizes a quem era dada a fortuna de entrarem na sua intimidade. Ao mesmo tempo que discursava num banquete, com a tranquilla autoridade de orador fecundo e correcto, contava, com fino espirito, com verdadeiro sal attico, as anecdotas mais *grivoises*, entremeadas de calemburgos em duas linguas, que elle chamava calemburgos internacionaes. Não satisfeito de falar perfeitamente

[1] F. de Menezes, artigo no *Ypiranga*.

cinco linguas chegou a apurar-se de tal fórma na pronuncia portugueza, que, pouco tempo antes de fallecer, falava o portuguez tão correctamente como as outras linguas que lhe eram familiares.

A brandura e a meiguice de seu caracter conservavam-lhe no animo a frescura juvenil e risonha de uma criança! Para aquelles que o conheciam de perto era verdadeiramente phenomenal e assombrosa a pujança mascula de tão extraordinario talento numa creatura assim meiga e carinhosa.[1] Palavras valiosas de quem muito tratou com Gottschalk na vida theatral e intima.

Gottschalk tornara-se o idolo do publico fluminense ao qual começou a offerecer surprezas como o primeiro concerto com 31 pianistas e duas grandes orchestras, que executaram primorosamente a marcha do *Tannhauser* e o côro do *Fausto*. Instrumentára Gottschalk as duas peças em dezoito horas e sem a partitura original, prodigio pequeno para quem em criança puzera em 12/8 a *Arte Poetica* de Boileau. Continuaram os concertos monstros sempre frequentadissimos a ponto de dum extremo a outro da platéa não se encontrar espaço para uma pessoa de pé ou sentada. A orchestra obedecia a Gottschalk como um só instrumento. Aliás Gottschalk a disciplinava dia e noite, attento ás menores delicadezas de interpretação, zangado quando os musicos lhe não comprehendiam os acenos da batuta. Num ensaio chegou a ficar possesso porque a orchestra não dava a tempo um determinado accorde muito forte, mas secco e instantaneo. *Vous êtes un tas d'imbeciles*, exclamou no auge do desespero e da colera. Melindraram-se os musicos com a dureza da apostrophe, levantaram-se sem dizer nada e foram saindo de mansinho. Gottschalk ficou só no palco, nervoso, descontente, animo triturado. Começou a tocar; sob os seus dedos o piano cantou entrelaçando a doçura e a melancolia, a caricia e o sonho, accórdes tão bellos, inspiração de tal quilate, que os retirantes quedaram immoveis nos corredores. O piano soava sempre ora vibrante, ora meigo, em esmorecidos ecos, alegre a intermittencias fugidias, nostalgico a espaços.

Os musicos voltaram pé ante pé, sentaram-se, prepararam os instrumentos e de repente proromperam em palmas e bravos sem fim. Gottschalk surpreso voltou a cabeça e deu com a orchestra

[1] Carta inedita de Furtado Coelho a Escragnolle Doria.

de pé, tomada de enthusiasmo. Commovido, lagrimas nos olhos, a tremer, balbuciou : *Pardonnez-moi, mes enfants, ce que j'ai dit tout-à-l'heure. Allons recommencer?* [1]

Um mez de cuidadosos ensaios consumiu o festival mais que monstro de 650 musicos, ensaios durante os quaes a Reine não sahia de perto do piano de Gottschalk. Foi um acontecimento esse festival. Estensa mó de povo encheu as immediações do theatro assistindo á chegada de centenas e centenas de espectadores attrahidos pela grandeza e novidade da festa. Na platéa a melhor sociedade do Rio de Janeiro; nos camarotes senhoras e moças, fórmas setinosas, sedas roçagantes que tinham posto a tinir as costureiras da moda, Comaitá, Guion, Guirou, Guimarães e a Ottiker, costureira das Princezas. Desde manhan quanta canseira, quanto repellão nas mucamas, que de beliscões nas negrinhas retintas antes de chegar a moça a merecer o olhar do vate:

« Meu desejo? era ser a luva branca
« Que essa tua gentil mãosinha aperta »

Os cabellos rebeldes uns, macios outros, tinham passado pelas mãos do Gilet e do Carlos Binet e serviam de alvo a binoculos curiosos que tacitamente applaudiam ou reprovavam os brilhantes das freguezas dos Farani, Boulte, Moitinho, Habbema, Vicente de Souza e Resse. Bastava a ponta da aza dum leque para desnortear os vidros indiscretos. Mas o binoculo voltava-se para a scena onde na archibancada luziam os uniformes de todas as bandas militares dos corpos da guarnição da Côrte. Subido o panno ecoava uma salva de palmas e dentro em pouco se ouviam na sala as notas da *Marcha Triumphal*, dedicada ao Imperador, sobre motivos do Hymno Nacional, [2] sempre grato a quem estremece o Brazil.

---

[1] Informação de Furtado Coelho.

[2] A musica do nosso Hymno Nacional é devida a Francisco Manoel da Silva, fundador do Conservatorio de Musica (1795-1865). Outro hymno patriotico é o da Independencia cuja letra tem autoria ainda em prova, attribuindo-a uns a D. Pedro I, outros a Evaristo da Veiga, como se lê numa memoria do Dr. Luiz Francisco da Veiga, (*Revista do Instituto Historico*, tomo XL) As musicas do Hymno da Independencia são de D. Pedro I e de Marcos Portugal.

« Já podeis da patria filhos
Vêr contente a mãi gentil:
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brazil.

Que applausos no fim da marcha! As luvas brancas rebentavam-se por todas as costuras emquanto o *maestro* Achilles Arnaud entregava a Gottschalk uma linda corôa com folhas de prata e bagos dourados. No dia immediato não se tratava de outra coisa na rua do Ouvidor, nas salas de visita, entre amigas, trocados os beijos do estylo. [1]

Na noite seguinte ao concerto, 26 de novembro, entrou Gottschalk no salão da Philarmonica, da qual era socio honorario. Sentia-se doente, fatigado, dizia, mas abriu o piano e como que esqueceu as dôres physicas. Tocou o *Tremolo* e depois a *Morta:* deixou a meio o trecho, murmurando: não sei que acho hoje nesta melodia; parece-me triste de mais. Retirou-se bastante incommodado da Philarmonica,passou mal, febril, irrequieto. Annunciára o segundo concerto de 650 musicos e, embora se lhe objectasse ser loucura o proposito de dirigil-o, não conseguiram desvial-o do intento. Abriram-se as portas do Theatro Lyrico; a companhia do Gymnasio deu principio ao festival representando a comedia *Bolsa e Cachimbo*. Como na antevespera, a numerosissima orchestra encheu o palco sob as vistas dos espectadores anciosos. Só faltava Gottschalk. Esse não devia apparecer. O publico surpreso pedia-o em altos brados, disposto a victorial-o. Gottschalk, rodeado de amigos, fôra acommettido duma syncope com perda de pulso. Houve quem disso informasse o publico evacuou-se rapida, silenciosa e respeitosamente o theatro onde só

Brava gente brazileira!
Longe vá temor servil,
Ou ficar a patria livre
Ou morrer pelo Brazil.

Não se dispensavam essas estrophes nas festas de Sete de Setembro, presididas pelo alferes Gambôa, no largo do Rocio, ao redor da estatua de Pedro I. A Republica adoptou como nacional o antigo hymno de Francisco Manoel. No famoso concurso dos hymnos obteve o primeiro lugar o da Proclamação da Republica, letra de Medeiros e Albuquerque, musica de Leopoldo Miguez, distinguindo-se tambem muito naquelle certamen musical Francisco Braga, hoje pensionista do Estado na Europa.

[1] As romanas só podiam beber vinho doce, furtando-se assim a acções deshonestas. A interdicção acabou por cair em desuso, mas ficou o costume de beijar as mulheres na bocca para saber se tinham ás occultas sorvido vinho fermentado. Maridos, parentes e até primos beijavam nos labios as mulheres de sua familia. Por fim as romanas passaram, talvez por maldade, aos osculos reciprocos quando se encontravam. (Dezobry, *Rome au Siècle d'Auguste*, vol. III, pag. 18).

ficou o artista semi-morto, succedendo-se as syncopes de modo que só á uma hora da manhan poude ser levado para casa.

Vinte dias depois, a 18 de dezembro de 1869, ás 4 da madrugada, no alto da serra da Tijuca, num quarto do hotel Bennett, «dominando a capital do imperio de Santa Cruz, dominando toda a extensão do Guanabara, quasi em plena floresta, o espirito de Luiz Moreau Gottschalk disse adeus ao mundo!» [1] Agradeceu ao Dr. Severiano a sua fraterna dedicação, traçou sobre elle tres cruzes, beijou-lhe a mão e expirou sem agonia. Tijuca, doce e melancolico recanto da immensa terra brazileira, cheio da simples magestade do Bello, como eras digna de velar Gottschalk morto, tu que merecerias abrigar «o somno esquecido e calmo dos grandes deuses mortos, os divinos dialogos ardentes que os poetas puzeram na boca dos seus amantes immortaes!» [2]

Coube ao Dr. Severiano a penosa missão de passar o attestado do seu amigo, minuto de provança e forçada coragem. [3] A' noite transportaram o cadaver para a Philarmonica, onde foi embalsamado pelo Dr. Costa Ferraz, auxiliado por varios medicos e estudantes de medicina, Drs. João Emilio Neves Gonzaga e Carlos Frederico dos

---

[1] Ernesto Cybrão, *Semana Illustrada*, tomo X, supplemento ao n. 473.

[2] Na Tijuca tem exhalado o ultimo alento insignes artistas e pensadores. Augusto Maria Taunay, discipulo de Moitte, grande premio de Roma em esculptura em 1792, autor das figuras monumentaes do arco do Carroussel em Pariz, dos baixos relevos e da espiral da columna Vendôme em Pariz, falleceu na Cascatinha da Tijuca em 1824. Depois de lêr um pouco, encostou a cabeça sobre os braços na attitude de adormecer. Chamaram-no para almoçar, não respondeu. Estava morto.

Na raiz da serra da Tijuca, no Hotel Moreau, ás 10 horas e 45 minutos da noite de 22 de novembro de 1884, cerrou os olhos á luz da vida o Dr. Luiz Couty, lente da Escola Polytechnica, discipulo de Vulpian, ex-*agrégé* da Faculdade de Medicina de Pariz, medico e pensador da maior esphera. O nome de Luiz Couty seria universal si a morte não viesse deter-lhe os vôos geniaes aos 30 annos de idade. Nascera a 13 de janeiro de 1854, em Nantiat, perto de Limoges, França. O Brazil deve a Luiz Couty assignalados serviços. O seu livro *Le Brésil en 1884* importa na melhor das naturalizações. O Dr. Couty repousa no cemiterio de S. João Baptista, carneiro n. 832; a concessão perpetua de seu tumulo e a pedra de marmore que o cobre foram adquiridas por subscripção publica iniciada pela *Gazeta de Noticias*.

[3] Eis a certidão de obito de Gottschalk, existente no archivo da Santa Casa da Misericordia, em papel já amarellejado:

Attesto que o Sr. Luiz Moreaud (sic) Gottschalk, americano, solteiro, de 40 annos de idade, estando a tratar-se na Tijuca, Hotel Bennett, falleceu de

Santos Xavier, José Basileu Neves Gonzaga, Diogo Alvares Fortuna, Joaquim José Marques e Thomaz Medina de Oliveira Junior. Rodolpho Bernardelli, com assistencia de Chaves Pinheiro, professor de esculptura da Academia das Bellas Artes, tirou a mascara de Gottschalk para o futuro busto do artista. Na sala da Philarmonica, diante do esquife de Gottschalk, ouviu-se a *Morta* executada a grande orchestra. O saimento funebre, ás cinco horas da tarde de 21 de dezembro, foi imponentissima e commovedora cerimonia. Mais de quinhentas pessoas a pé, descobertas, de tochas accesas acompanharam o caixão até ao largo da Lapa onde o esperava o coche funebre. O Rio de Janeiro trajou luto; as ruas estavam atopetadas de povo; nas janellas lobrigava-se um formigueiro humano. Todos choravam. Ao dobrar o prestito a esquina da rua do Conde (hoje Visconde do Rio Branco) para a do Lavradio um velho apanhou a fita de fumo que se desprendera do braço dum socio da Philarmonica. — Isto é seu? perguntou o velho a alguem que passava. — Não, senhor. — Então guardo-o como recordação deste acontecimento. Tarde já se chegou á rua do Berquó (hoje General Polydoro) as portas da risonha necropole de S. João Baptista da Lagôa. Ao fechar-se o ataude, na capellinha do cemiterio, pronunciaram sentidos discursos Achilles Varejão e Cardoso de Menezes. [1]

A Philarmonica Fluminense, sob a presidencia do Sr. Domingos Moitinho, deliberou honrar a memoria do seu socio honorario, celebrando para isso solemnes exequias em S. Francisco de Paula no

---

uma pleuro pneumonia abcedada intercurrente; sua enfermidade durou 21 dias e seu cadaver póde ser sepultado.

Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1869.
Dr. Severiano Rodrigues Martins.

Sepulte-se.

João Carlos Gouvêa, inspector do 22 Quarteirão da Freguezia de Jacarepaguá, em 18 de Dezembro de 1869.

Declaro que o corpo está na rua da Constituição n. 41.
Victor Préalle.

Por ordem do Provedor ficou depositado a requerimento de Préalle.
O Administrador de S. João Baptista,
Guilherme Augusto de Freitas.

[1] Dia 21, n. 651. Luiz Moreau Gottschalk, americano, 40 annos, solteiro, pleuro pneumonia abcedada intercurrente. Falleceu no Hotel Bennett na Tijuca. Foi depositado na capella do cemiterio. *10º Livro de assentamentos de obitos do Cemiterio de S. João Baptista, pagina 177 verso.*

30º dia do passamento de Gottschalk. Em meio do templo ergueu-se um catafalco em cuja parte anterior se destacava, coberto por um véu negro, o busto de Gottschalk, trabalho de Chaves Pinheiro. Durante a cerimonia executaram o *Requiem* de Mozart e o *Libera-me*, composição do director da orchestra da Philarmonica, Ayres, arranjo dos themas das mais celebres musicas de Gottschalk. Exequias mais de populares que de admiradores e ás quaes concorreram pessoas de todas as condições sociaes, trajando espontaneo e pesado luto. A morte de Gottschalk tomou no Rio de Janeiro proporções de tristeza nacional, pois elle não era um estrangeiro, mas um amigo querido de muitos, um homem estimado de quantos o conheciam, um artista admirado de todos. [1] E que a terra te seja tão leve quão pesada é a dôr que nos opprime, diziam compungidas as letras patrias. [2]

Alguns mezes permaneceu o cadaver de Gottschalk no cemiterio de S. João Baptista (no mansoléo da familia Roxo) até ser reclamado pela familia delle, removendo-se-o então de novo para os salões da Philarmonica onde esteve exposto. Em uma barca fluminense, generosamente cedida pela empreza Fleiuss, foi transportado o corpo de Gottschalk para bordo do *Merrimak* [3]. Transformada em camara ardente, a barca tinha no centro a eça sobre a qual descansava

---

[1] *Jornal do Commercio*, 18 de dezembro de 1869.

[2] França Junior, *Jornal da Tarde*.

[3] Pertencia á U. S. Brasil M. S. Schip, agencia rua Direita 41, agente J. M. Carrère.

Concertos de Gottschalk no Rio de Janeiro:

1º	concerto —	Lyrico	Fluminense	(Provisorio) 3 de junho de 1869.
2º	»	»	»	9 de junho.
3º	»	»	»	15 de junho.
4º	»	Gymnasio	Dramatico	18 de junho.
5º	»	»	»	21 de junho.
6º	»	Lyrico	Fluminense	21 de setembro.
7º	»	»	»	28 de setembro.
8º	»	»	»	29 de setembro.
9º	»	»	»	5 de outubro.
10º	»	»	»	7 de outubro.
11º	»	»	»	10 de outubro.
12º	»	»	»	15 de novembro.
13º	»	»	»	24 de novembro.
14º	»	»	»	26 de novembro.

Goltschalk falleceu com 40 annos, 7 mezes e 10 dias.

Esteve no Brazil 7 mezes e 13 dias.

o feretro. Quando largou da cidade o Dr. Pinto Junior[1] proferiu breves e sentidas palavras, ultimo adeus da população fluminense. Horas depois, á entrada da barra, pairavam longe, tenues, os novellos de fumaça do *Merrimak* em demanda do mar alto, embalando Gottschalk sobre as ondas harmoniosas, flebeis e fugidias como as vozes intimas que a todo o artista segredam em vão a vida inteira: esperança, esperança, esperança.

ESCRAGNOLLE DORIA

---

[1] Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior (1817-1879), poeta e orador de grande nota no seu tempo. Como tal se celebrizou no processo do senador José Bento assassinado em Minas (1844).

ARIAS E CANÇÕES

DO POEMA «DONA MYSTICA»

ARIA DO LUAR

IV

O luar, sonora barcarola,
Aroma de argental caçoula,
Azul, azul em fóra, rola...

Cauda de Virgem lacrimosa,
Sobre montanhas negras pousa,
Da luz na quietação radiosa.

Como lençóes claros de neve,
Que o sol filtrando em luz esteve,
E' transparente, é branco, é leve.

Eurythmia celestial das côres,
Parece feito dos menores
E mais transcendentes odores.

Por essas noites, brancas telas,
Cheias de esperanças de estrellas,
O luar é o sonho das donzellas.

Tem kabbalisticos poderes,
Como os olhares das mulheres:
Melancoliza e ennerva os seres.

Afunda na agua o alvo cabello,
E brilha logo, algente e bello,
Em cada lago um setestrello.

Canto de amor, psalmos de prece,
Gemidos, tudo anda por esse
Olhar que Deus á terra desce.

Pela sua aza, no ar revolta,
Ao coração do amante volta
A Alma da amada aos beijos solta.

Rola, sonora barcarola,
Aroma de argental caçoula,
O luar, azul em fóra, rola.

V

E's como a luz da primavera,
Sempre a mesma...
Eu sou uma vela de cera
Da quaresma.

E's como o luar de neve e lirio,
A' beira-mar, beijando um porto...
Tu és o cirio,
Eu sou o morto.

Eu sou o olhar ebrio de somno,
De quem nem sabe porque existe...
E's como o sol clareando um throno:
Nunca sejas um sol de outomno,
Sempre triste!

E's um altar cheio de velas,
Eu sou a eça das esperanças...
— Resa por ellas,
Pobres crianças...

E's como a luz da primavera,
Sempre a mesma...
Eu sou uma vela de cera
Da quaresma.

VI

Quando por mim passaste
Pela primeira vez,
Como eu sorrisse, tu coraste.
O sol estava abrazador,
E eu disse então: « Talvez, talvez
Fosse o calor.»

—

Quando por mim passaste
Pela segunda vez,
Como que pallida ficaste.
Nascia a lua, de vagar,
E eu disse então: « Talvez, talvez
Fosse o luar.»

VII

Quando eu a vi por acaso,
Parece que Deus sorriu...
O sol morria no occaso,
E um astro do céu caiu.

Penderam lirios nas hastes,
Quando ella passou por mim...
Ai, pombos, como arrulhastes
No pombal do meu jardim!

Quando eu a vi sepultada
Parece que Deus chorou...
E logo no céu, maguada,
Mais uma estrella brilhou.

Murcharam lirios nas hastes,
Quando a cobriram de cal...
Ai, mochos, como chorastes
Nas torres da cathedral!

VIII

Ellas eram tres. A primeira tinha
Uma coroa de Rainha.

Olhos tão soberbos, labios tão vermelhos..
Passei por ella dobrando os joelhos.

A segunda tinha... Que pallor de tez!
Virgem, por certo, Anjo, talvez...

Olhos cor do céu, labios cor da aurora...
— Sê tu bemdicta, Nossa Senhora!

A terceira tinha sobre a cabelleira
Uma coroa de larangeira.

—« Minha pobre noiva!» Sob um véu de luar
Fomos seguindo para o altar.

A madrinha della foi a Rainha,
Nossa Senhora foi a minha.

IX

As onze mil virgens do céu,
Quando morreu a minha amada,
Vieram de lá, todas de véu,
Acompanhadas de uma Fada.

Olhavam todas para mim,
Os olhos como setestrellos.
Apanhei flores no jardim
Para enfeitar os seus cabellos.

Vinte e dois mil olhos olhei,
E illuminado tive o rosto.
Vinte e dois mil labios beijei,
Polpas de sol, frutos de agosto.

Em pranto, pois, todas de véu,
Acompanhadas de uma Fada,
As onze mil virgens do céu
Vieram buscar a minha amada.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

BIBLIOGRAPHIA

103.— **Do dominio da União e dos Estados**, segundo a Constituição Federal, por R. Octavio. XIV-108, pp. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1896.

Na sessão de 3 de novembro de 1892, resolveu o Instituto dos Advogados Brazileiros instituir um premio denominado Silva Lisboa para quem no prazo de seis mezes apresentasse uma monographia sobre o assumpto juridico previamente estabelecido. A these escolhida foi a indicada no titulo do livro que analizamos e o seu autor, unico candidato, teve a fortuna de ver os seus esforços coroados do mais brilhante exito, recebendo em sessão solemne de 7 de setembro de 1894 a honrosa medalha de ouro. E' a sua monographia tal qual foi escripta, de março a maio de 1893, que o Dr. R. O. offerece hoje ao publico em uma boa edição da Imprensa Nacional.

Approvado por uma commissão composta do que ha de mais notavel nas nossas letras juridicas, consagrado pelas elogiosas frases do provecto e pranteado mestre que então presidia o Instituto, o Conselheiro Manoel Portella, o trabalho do Dr. R. O. não precisa de outra recommendação quando por si não bastasse o nome do seu autor cuja brilhante reputação no mundo da literatura e do direito já está feito. Como livro destinado aos azares da grande publicidade, o volume não escaparia por certo ás censuras dos criticos severos, si não si attendesse a que o autor, por um louvavel requinte de probidade literaria, nada alterou do seu primitivo trabalho, escripto ás pressas em seis mezes nas horas vagas dos espinhosos e absorventes deveres profissionaes, para um concurso em que modestamente se chama de *concurrente numero zero*, talvez querendo para frasear o velho brocardo: *testis unus, testis nullus.*

Em principio somos contrarios a essas theses dadas a premio, ultimas reliquias da superstição escolastico-academica, usadas nos velhos institutos do velho mundo e que obrigam os cultores desse antigo genero de *sport*, a um constrangido esforço de gymnastica intellectual em que o espirito, preso ás raias traçadas pelo programma, limitado por curto espaço de tempo, suggestionado pela idéa fixa de obter o premio, difficilmente póde produzir trabalho igual ao que seria feito com o vagar e a despreoccupação de uma obra espontanea. A literatura de todos os tempos está cheia de allusões ferinas a taes *questiones subtillissimæ* e para não lembrar sinão o velho Rabelais, basta citar a que foi proposta em um concilio

celebre: *utrum chimera in vacuo bombinans possit comedere secundas intentiones*. Tratando-se de assumptos juridicos ainda mais descabido se torna a propositura de taes questões e no tocante á these posta a premio pelo Instituto dos Advogados não deixa de causar certo pasmo como foi que a benemerita associação poude achar possivel escrever-se no espaço de seis mezes um trabalho completo sobre materia tão difficil e complicada, que joga com quasi todos os ramos de direito, constitucional, internacional, civil, criminal, administrativo e até canonico, exige o conhecimento da legislação federal, estadoal, municipal, nas suas mais insignificantes minudencias, suppõe a pesquisa conscienciosa e acurada de precedentes, decisões e praxes, que grande numero das vezes não estão incorporados á legislação e acham-se esparsos no desorganizado cáos que sempre caracterizou e cada vez mais caracteriza a nossa jurisprudencia administrativa. Escrever coisa aproveitavel sobre tal assumpto em tão difficeis condições (os entendidos dirão si exageramos) é um verdadeiro *tour de force* e diga-se a verdade, o Dr. R. O. conseguio fazel-o.

Assim considerada a monographia póde-se dizer que desafia a critica, pois é difficil fazer melhor ou tão bom em tão pouco tempo, e com tanta consciencia e methodo.

Abre o livro um capitulo preliminar sobre a noção do Estado, em que o A. faz uma boa synthese da theoria moderna sobre a formação e agremiação dos estados, e entra em apreciações philosophicas tanto mais apreciaveis quanto raras em trabalhos dessa natureza publicados no Brazil, onde em geral os juristas mesmo os de valor como que se envergonham de prender a sua concepção do direito escripto a principios de ordem especulativa.

Para um trabalho escripto quasi a vapor é admiravel o methodo com que o A. dispõe a materia que é muitissimo complexa e a minuciosidade com que procurou colligir as fontes. Esta razão entretanto explica como entraram para o livro notas tomadas a esmo na extenuante faina de reunir material e que nelle figuram sem grande interesse para o assumpto. E' assim que si o A. tivesse escripto com mais lazer certamente teria cortado do capitulo sobre logradouros publicos a pagina sobre o Yellowstone Park dos Estados Unidos (p. 43), do capitulo sobre as minas a historia da descoberta dos diamantes no Brazil (p. 74), etc., etc.

Igualmente a estreiteza do tempo e a impossibilidade talvez de recorrer a mais copioso numero de fontes, impediu o Dr. R. O. de dar o devido desenvolvimento a um certo numero de questões, aliás das mais obscuras e controvertidas do nosso direito, obrigando-o a sustentar theses debatidissimas quasi sómente sob sua categorica affirmativa, sem ter tempo de deduzir os fundamentos juridicos da sua convicção. São desse genero a questão dos bens que constituiam o dote das ex-princezas (pag. 60); o dominio das minas sob a legislação anterior á Constituição de 1891 (pag. 71); e direito dos Estados federaes aos bens vacantes no respectivo territorio (pag. 88); o regimen dos bens das corporações de mão morta, em que o autor cita englobadamente, e sem distinguil-as, a legislação relativa as ordens monasticas e a referente ás demais corporações como confrarias e irmandades (pag. 101).

O estylo é correcto, castigado e quando o assumpto permitte, trai pela vivacidade e colorido o brilhante poeta dos *Pampanos*. Entretanto quando se trata de definições e classificações, que passam do circulo rigoroso do direito positivo, resente-se da falta daquella precisão quasi geometrica que fazia Stendhal recommendar a leitura do Codigo Napoleão a quem quizesse escrever com precisão e clareza. Basta-nos citar como exemplo a seguinte frase: «Resta ainda uma distincção importante entre o dominio publico ou privado, que o estado exerce como pessoa juridica, segundo a prescripção do direito peculiar, e o dominio que dimana

efficientemente da soberania, somma de direitos ás vezes imponderaveis, como que emphyteuse suprema que se manifesta, ás vezes pelo exercicio effectivo de uma attribuição de excepção e que os publicistas chamam dominio eminente » (pag. 14).

Em uma revista juridica poder-se-ia talvez notar uma ou outra doutrina que não parece muito orthodoxa, rectificar as referencias a este ou aquelle texto de lei, apontar algum assumpto que passasse despercebido ao autor. Em uma publicação porém, como a *Revista Brazileira* taes criticas passariam, com toda a razão, por impertinentes caturrices de um official do mesmo officio.

Taes senões, que aliás nada tiram ao merecimento do trabalho, só provam quanto elle tem de apreciavel, pois devem, sem excepção, ser lançados á conta das condições especiaes em que foi escripto o livro que ainda assim constitue um precioso repertorio de dados para o estudo das questões que se prendem ao seu assumpto, e mais do que tudo uma excellente prova de que o Dr. R. O. está perfeitamente no caso de escrever um solido e valioso tratado de maior folego. Tendo como tem, tanta competencia e perseverança no trabalho, e tamanha cópia de materiaes, é de esperar que em breve o faça, si é que já não poz mãos á obra. Será para o A. mais um brilhante triumpho e para a jurisprudencia patria mais um importante subsidio. — SOUZA BANDEIRA.

104.—**Literatura Brazileira. Movimento de 1893. O Crepusculo dos Povos,** por T. A. Araripe Junior, Rio de Janeiro, 1896, in-16, 251 pp.

Quando ainda em via de publicação na *Semana* os artigos que constituem este novo livro do notavel critico, tive eu occasião de notar que « toda a sua boa vontade, toda a sua excessiva benevolencia, todo o seu talento, não chegaram para dar-nos sinão uma impressão de vasio, contraria justamente aos seus intuitos.» Relendo-os agora após tres annos, mais se confirma o meu conceito e mais admiro o Sr. A. J., que sem cair na banalidade — mesmo quando avança juizos que ninguem lhe aceitará — com tão pobres elementos fez um livro interessante.

O anno de 93 é com effeito pauperrimo sob o ponto de vista literario; o que não admira porque foi um anno não só de aguda agitação politica, mas de revolução. Taes periodos são sempre estereis literariamente, espiritualmente poderia eu dizer. E' facto sobre o qual a historia literaria de todos os povos não deixa duvida, e o mais frisante exemplo delle é o quasi sinão total desapparecimento da literatura durante a Revolução franceza. A escassa producção dessa época é insignificante no fundo e na fórma. Por uma necessidade do seu metaphysicismo critico o Sr. A. J. procura ligar os factos politicos dos ultimos tempos, o advento da Republica e a revolta de setembro, ao movimento literario. Ora, com a melhor vontade, não ha descobrir propriamente « movimento » ha apenas continuação, e devemos dar-nos por muito felizes que a época revolucionaria, que ainda não acabamos de atravessar, não a tenha de todo interrompido. Os generos literarios mais proprios a essas épocas, os estudos sociaes e politicos, quer sob a fórma de historia, quer de exposição doutrinaria ou de questões praticas, esses mesmos são entre nós pouco florescentes. Além de outras causas, o jornalismo diario substituio-se ao livro como agente dessas manifestações de opinião. Mas o Sr. A. J. com o seu optimismo systematico, fez obra de todo pau. Tres annos, porém, mal passados sobre a fórma primitiva do seu trabalho bastarão, espero, para

tel-o convencido da completa insignificancia da maior parte dos livros e até folhetos a que fez a honra de dar um lugar na sua resenha critica. C. Castello Branco—eu peço ao nativismo do Sr. A. J. que me perdôe a citação — escreveu com verdade e graça que «todo homem tem uma porção de inepcia que ha de sair em prosa e verso, em palavras ou obras, como o carnegão de um furunculo.» Não estejamos a dar importancia que não tem, a conta de auxiliar o desenvolvimento das letras, a toda essa inepcia em ruptura de postema. A critica é tão incapaz de favorecer uma literatura com a benevolencia, quanto é incapaz de a prejudicar com o vituperio. As literaturas só as fazem as obras excellentes. A nossa já tem uma duzia dessas. Ellas servem para mostrar que somos capazes de as fazer, e portanto devem servir á critica como termos de comparação, como pontos de referencia. Tudo o que estiver abaixo daquelle estalão não deve contar para ella. Só assim, penso eu, poderá ella desempenhar-se no nosso meio da sua funcção modesta, mas util.

O Sr. A. J. tem por todas as producções, não certamente a mesma estima ou o mesmo apreço, que lh'o não consentem nem a sua solida educação literaria, nem o seu bom gosto, nem as suas capacidades criticas, mas a mesma condescendencia como que paternal e bonscheirona, e, si me não engano, no fundo sceptica. E como um livro é principalmente para elle um pretexto para expôr idéas e fazer paradoxos, aproveita-o mesmo ruim, e sobre pessima talagarça borda fantasias por vezes admiraveis. Disto neste volume ha mais de um exemplo. Eu estou certo que alguns dos mofinos autores considerados nelle, terão surprezas com as coisas que o illustre critico lhes descobriu nos livros.

O Sr. A. J., todavia, fez bem em escrever este livro, que vale por si mesmo, independentemente da maxima parte daquelles de quem se occupa, algumas vezes com benevolencia tão excessiva que chega a parecer ironica. Resenhas como essa, principalmente realçadas por theorias tão brilhantemente expostas, são utilissimas e é de lastimar que o Sr. A. J. não as faça annualmente. Outro acharia porventura a tarefa difficil, porque de facto «jámais se viu fertilidade mais esteril», para dizer como o autor das celebradas *Exequias de la lengua Castellana*. Mas o Sr. A. J. mostrou que sabe fazer brotar agua dos rochedos. Não foram, porém, dois ou tres o dos livros por elle analizados no *Movimento de 1893*, este seu seria o unico que esse periodo houvesse produzido credor de menção, e honrosa. —J. V.

O CATHOLICISMO NOS ESTADOS-UNIDOS

Ninguem ignora que os Estados Unidos representam, dentro da relatividade da tolerancia humana, o mais completo dominio da liberdade de consciencia, o unico scenario que até hoje foi possivel offerecer a um Congresso das Religiões como aquelle da exposição de Chicago, no qual fraternizaram ou antes acotovellaram-se sem retaliações nem animosidade o catholicismo, o buddhismo, o mahometanismo e as menos importantes seitas religiosas. Nem sempre porém a consciencia aqui goza da mesma liberdade, e nem é esta tão radical, tão absoluta, que haja conseguido supprimir ahi as desconfianças e os preconceitos.

Os puritanos, por exemplo, não vieram de modo algum estabelecer na America a franquia de cultos, apenas a do seu proprio culto, fundar uma commodidade *on their own model*. Praticavam elles pelo contrario uma tolerancia escassa, desembaraçando-se por vezes cruelmente das seitas e agitadores que pretendiam perturbar a sua theocracia voluntaria e crescente e pregar a emancipação do espirito religioso. Rhode Island e não Massachussets, séde aliás do puritanismo e da democracia, é que foi o berço americano da liberdade religiosa, a qual, devo repetir, sendo presentemente latissima, não o é tanto que os catholicos tenham deixado de ser objecto de uma evidente suspeição entre os protestantes.

Os Estados Unidos, com oito a dez milhões de catholicos, ainda não contaram um presidente catholico, e a imprensa referio—a razão verdadeira póde ter sido outra, mas basta que a mencionada seja plausivel—que o sr. Mac-Kenne, o actual *Attorney-General* ou Secretario da justiça, vio-se obrigado a emigrar do departamento do

interior, o qual primitivamente andava-lhe destinado nas combinações ministeriaes do presidente eleito, pelo facto de seguir a religião catholica romana e gozar, naquella pasta, de certa influencia sobre o exercicio dos cultos e de certos direitos sobre a instrucção, especialmente dos indios. O velho odio dos reformistas britannicos contra os papistas subsiste sempre, numa herança instinctiva dos sentimentos da antiga metropole.

O passado todavia interessa-nos pouco neste momento. A realidade é que actualmente prosperam nos Estados Unidos dezenas de religiões, e mais que todas floresce a catholica. O catholicismo americano é sem sombra de duvida o catholicismo do futuro. Não que hajam sido abalados os dogmas ou alterados os artigos de fé: mas aqui é o ponto onde a doutrina romana, dezoito vezes secular e essencialmente progressiva na sua immutabilidade, apresenta-se neste momento menos eivada de reaccionarismo, mais liberal, mais evangelica, numa palavra, mais *christan*. Felizmente para elle, o clero desta parte do Novo Mundo podia pôr em pratica a letra e o espirito das admiraveis encyclicas de Leão XIII, sem ter quasi a lutar com os obstaculos da tradição, da educação, do fanatismo, do obscurantismo, da politica domestica e da internacional, que na Europa e sobretudo na séde mesmo do Papado comprimem e suffocam as louvaveis intenções do Pontifice, e de que Emilio Zola nos offereceu ha pouco sob a fórma de um romance meio melodramatico, meio psychologico, uma pintura sugestiva e com apparencias de verdadeira.

Uma das forças do catholicismo americano tem justamente consistido na sympathia pelos progressos do espirito humano que nem sempre, ou por outra que o clero protestante tem revelado em menor escala. O sr. André White refere na sua recentissima obra — *Warfare of Science with Theology* — a campanha movida pelos ministros reformistas, por boa parte pelo menos, contra as doutrinas scientificas ensinadas na Universidade de Cornell, que elle installou em Ithaca com fundos fornecidos por um argentario de Nova-York. A sciencia, entretanto, recebe honroso cultivo na Universidade Catholica de Washington, o mais importante dos estabelecimentos de instrucção que possue a religião romana nos Estados Unidos, importante não sómente pela arrogancia dos seus edificios escolares, como pela sua significação pedagogica. A Universidade é exclusivamente

destinada aos graduados dos collegios, ou faculdades superiores, á instrucção profissional e ás pesquizas scientificas, abraçando padres e leigos, catholicos e acatholicos, brancos e negros, e formando mestres, engenheiros e homens de sciencia. A expressão *catholica* toma-se pois aqui na sua legitima accepção de universalista.

A Universidade abrange quatro grandes divisões: theologia, philosophia, sciencias sociaes e technologia. Subdivide-se a primeira em quatro secções—sciencias biblicas, dogmaticas, moraes e historicas. Na primeira secção estudam-se as linguas semiticas, taes como hebreu, syriaco e arabe, a archeologia biblica, a exegese, numa palavra tudo quanto se reporta ás Sagradas Escripturas. A segunda secção constitue o campo da theologia propriamente dita, com a refutação do materialismo e do agnosticismo. Na terceira compreendem-se a ethica, a psychologia e o direito ecclesiastico, o qual liga-se intimamente com a moral theologica. Da quarta, são objecto a historia da Igreja e suas instituições e a literatura christan.

A Faculdade de philosophia encerra seis secções — philosophia propriamente dita, letras, mathematicas, physica, chimica, e biologia. Na primeira estabelecem-se as relações das generalizações scientificas com os principios metaphysicos sobre a base da physiopsychologia, e estudam-se a logica, a ethica, a theodicéa, a historia da philosophia e a philosophia da religião. A segunda representa a secção puramente philologica, reunindo o 'sãoskrito, o persa, o grego, o egypcio, as linguas semiticas e o inglez, sob o ponto de vista glottologico, grammatical, literario, metrico, e juntando-lhes as partes historica, artistica, archeologica, epigraphica, numismatica e ceramica. No curso de literatura ingleza, regido por dois professores, são assumpto de especial estudo os grandes poetas e prosadores da lingua, Chaucer, Shakspeare, Dryden, Pope, os modernos, até os jornalistas de nomeada.

Aproveita-se o ensejo para fazer literatura comparada, examinando, por exemplo, a literatura franceza até Malherbe e sua connexão com a literatura ingleza, a literatura italiana e sua influencia sobre a literatura ingleza até á morte de Milton, o romantismo de Goethe e seu especial influxo. Destrinça-se o elemento celtico na literatura anglo-saxonia. Observa-se em separado o drama e o romance. Lança-se e põe-se em pratica a theoria da critica.

Examinam-se a technica do estylo inglez e a theoria da versificação ingleza.

A secção de mathematicas inclue naturalmente a geometria, a algebra, o calculo differencial e integral, e mais a astronomia. Apparelhos para observações astronomicas, experiencias physicas e preparações chimicas existem no observatorio, nos museus e laboratorios, permittindo, ao lado do theorico, o estudo pratico. Aquelle é facilitado pelas bibliothecas especiaes, que cada dia augmentam de importancia, collecções de photographias, etc.

A secção de chimica comprehende chimica inorganica, organica e legal, crystalographia, mineralogia, historia da chimica. A secção de biologia é que está por emquanto limitada a um curso de botanica, aliás muito desenvolvido, incluindo até a botanica medica e economica, isto é, o estudo das plantas empregadas na medicina, das venenosas, das que possuem valor commercial e das que são damninhas á agricultura.

A Faculdade de sciencias sociaes subdivide-se em tres secções — sociologia, economia e sciencia politica e direito. Os programmas são muito estensos e excellentemente elaborados, de uma extrema clareza e de um espirito largo. Sinto não poder reproduzil-os na integra porque tomariam muitas paginas da *Revista*, que não é especial de educação.

O Instituto de Technólogia abrange quatro secções — mathematicas applicadas, engenharia civil, electrica e mechanica.

O annuario de 1896-97 faz menção de 110 estudantes, dos quaes 55 de theologia, 22 de philosophia, 21 de direito, 2 de economia, 1 de sociologia, 1 de sciencia politica e 8 de cursos technicos. O corpo docente conta 22 professores, 5 instructores, 2 conferentes (*lecturer*) e 3 aggregados ou repetidores (*fellows*). A Universidade, da qual é chanceller o cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, confere graus de bacharel, *master* e doutor.

A historia deste estabelecimento é a historia de todas as fundações de ensino ou de caridade americanas: deriva da simples iniciativa particular. Miss Caldwell com um donativo de 300 mil dollars lançou as bases da Faculdade de Theologia, e o reverendo Mac Mahon com outro donativo de 400 mil dollars as da Faculdade de Philosophia e Sciencias Sociaes. Para sustentar a acção desses dois grandes bemfeitores da instrucção e erguer o nivel da instituição,

teve a Universidade a fortuna de encontrar a inexcedivel actividade e preclara intelligencia de monsenhor Keane, seu primeiro reitor, a quem acaba de succeder o reverendo Canaby, por longos annos cura de Worcester, no Massachussetts, presidente de uma *Summer School* e director de um jornal de educação, pessoa de todo familiar com os assumptos pedagogicos e que fez-me o favor de ser meu guia na demorada visita que fiz á Universidade. Monsenhor Keane foi com effeito um administrador incomparavel, levantando, com o senso pratico que tanto distingue os americanos, os varios edificios do estabelecimento em magnificos terrenos num suburbio ao norte de Washington, donde a vista estende-se desafogada por campos e matas que o inverno despe e torna tristes sem desmanchar-lhes a belleza, e distribuindo as varias cadeiras por homens de reconhecida capacidade, alguns delles, como o professor Nyvernat, de linguas semiticas e o professor Greeve, de botanica, gozando de grande reputação nas suas especialidades scientificas.

Muitos dos professores são leigos, mas entre o clero americano abundam, como é corrente, os talentos e as aptidões. Todos os que acompanham as modulações do pensamento contemporaneo e têm tentado aprofundar as tão visiveis tendencias idealistas da nossa geração, conhecem os nomes dos illustres prelados cardeal Gibbons, monsenhor Ireland, arcebispo de S. Paulo, e monsenhor Keane, a quem Leão XIII chamou ha pouco para Roma, confiando-lhe um cargo importante na *Propaganda Fide*, após enchel-o de honrarias. São nomes esses de sacerdotes que não mais combatem com a coiraça e a espada, como o nosso D. Marcos Teixeira, mas que combatem constantemente com a palavra e com o livro, ensinando a moral christan e definindo o papel da Igreja catholica na evolução moderna, por ella perfilhada. Não querem impôr-se, porém querem convencer. Suas lições saem do coração, não partem de autoridade. Têm a indulgencia das de um pai, a serenidade das de um pastor, a elevação das de um pensador interessado nos problemas do seu seculo.

A Universidade de Washington tornou-se a um tempo o centro para que convergem e donde recebem impulsão os esforços para a disseminação na grande terra americana da revelação divina e da investigação scientifica, termos que se não excluem, abstracções que não brigam, segundo explica o cardeal Gibbons, porque o Deus da revelação é o Deus da sciencia. « A religião e a sciencia são irmans,

como Maria e Martha: ambas servem o Senhor. A sciencia, como Martha, occupa-se com assumptos exteriores e transitorios; a religião, como Maria, senta-se aos pés do Senhor. »

A Universidade de Washington completa essa systematica e poderosa construcção pedagogica e corôa a obra das tres mil e tantas escolas parochiaes e dos 650 collegios e academias do catholicismo americano. Entretanto data apenas de 1884 o donativo de Miss Caldwell, de 1889 a abertura do estabelecimento e de 1895 a inauguração da Faculdade de Philosophia e Sciencias Sociaes. Este paiz, que não póde attrair pela seducção do passado, perturba-nos pela velocidade do presente. Cada dia marca um adiantamento, cada hora uma melhoria alcançada pela actividade, a qual encontra em volta de si estimulo e recompensa.

Esta Universidade, de que tenho estado tratando, por exemplo, visa muito mais do que o conferir titulos e desenvolver as intelligencias, a produzir especialistas nos varios ramos dos conhecimentos, permittindo aos alumnos aprofundar sua instrucção num dado dominio intellectual sem com isso estreitar o seu horizonte mental ou limitar o seu espirito, antes adquirindo uma cultura geral, a um tempo relacionando as varias sciencias com a philosophia, que as apoia e dá-lhe destino, e offerecendo a essa uma base scientifica sobre a qual firma-se para não degenerar numa méra divagação palavrosa. O methodo dos estudos explica o caracter da Universidade. Os alumnos podem escolher, com poucas restricções, o curso que preferem e dentro delle combinar as cadeiras que melhor correspondam ás suas inclinações intellectuaes. O trabalho é em parte feito nas aulas e mais ainda por cada alumno, verificando-se o resultado nas dissertações, debates e outros processos que emprestam ás universidades do paiz um ar de academia, no sentido classico da palavra. A tradição de individualismo, que jaz no fundo do caracter nacional, põe-se aqui uma vez mais em evidencia. O alumno deve especialmente illustrar-se, ganhar amor ao estudo, *fare da se*. O que a Universidade pretende facilitar é a *original research*, a pesquiza original, dando pasto ao gosto do novo, do inedito, do não visto, do adiantado, que requer a idiosyncrasia americana. « Espera-se que o estudante não sómente aprenderá o que já foi descoberto ou verificado pelo trabalho dos outros, mas tambem, e principalmente, contribuirá por sua parte, pelo seu trabalho pessoal, para o progresso da sciencia.

Deve preparar-se solidamente para escolher um problema e buscar-lhe a solução mediante a sua propria observação, reflexão, experiencia e exame critico. »

A independencia é o alicerce de educação americana, como a sujeição o é da educação latina. O terceiro Concilio plenario de Baltimore estabeleceu as seguintes regras, que tanto dizem na sua singeleza: « A disciplina que tem de presidir á vida no seminario deverá ser entendida de fórma a não mostrar excessivo rigor, tão pouco caindo em pernicioso relaxamento. A vigilancia dos superiores deverá ser temperada e moderada no exercer-se, de modo a não embaraçar-se com excessivos detalhes, nem acorrentar os espiritos da mocidade, impedindo a expansão normal das suas energias. »

Commentando-as, ensinou o cardeal Gibbons, num artigo recente da *North American Review*, intitulado *Dever do mestre para com o discipulo*, algumas maximas de educação na verdade primorosas. A vigilancia, aconselha elle, deve exercer-se livre de espirito de espionagem e desconfiança, que faz hypocritas e provoca a violação clandestina das leis. Os estudantes suspeitados e fiscalizados tomam um prazer morbido em comer do fruto prohibido. Todos os homens de espirito justo concordarão em que é muito preferivel que a mocidade seja religiosamente impressionada pelo sentimento da presença de Deus, que uma consciencia esclarecida a dirige, e que os seus educadores appellem para a sua rectidão moral e a sua honra em vez de ferir o sentimento do medo. Tal confiança generosa na honra do estudante tem por fito o desenvolvimento de um typo mais levantado e mais nobre da humanidade, além de preparar os mancebos para os conflictos do mundo, no qual elles não encontrarão mais preceptores para admoestal-os, tendo de fazer da consciencia a sua principal e frequentemente o seu unico guia. Monsenhor Gibbons recommenda com empenho o exemplo alliado á doutrina, e, num espirito contrario ao nivelamento jesuitico, tanto o ensinamento como o castigo de accordo com a indole do discipulo. O mestre que, segundo elle, visar e modelar o caracter de todos os seus discipulos de accordo com um ideal uniforme, tentará o impossivel porque tentará aquillo que está em contradicção com as leis da natureza e do proprio Deus, porquanto em todas as obras do Creador depara-se-nos encantadora variedade.

A observação scientifica serve ahi — estamos vendo — á doutrina moral, que, quer applicada á pedagogia, quer ás questões

sociaes, constitue a feição mais valiosa do catholicismo americano, sendo, aliás, em larga escala uma questão de raça e de meio. Aquellas maximas de educação traduzem perfeitamente a concepção anglo-saxonia da vida e sua fervente convicção nos altos destinos que lhe estão preparados. Tambem nesta terra sem passado e sem historia, sem aristocracia dominante e sem religião do Estado, mas de uma moral geralmente san e de um robusto sentimento democratico, a velha crença catholica estava destinada a, conservando-se na essencia a mesma, envigorar-se entre o povo e envigorar-lhe a alma, a ganhar mais fieis, sem arremedos de cruzadas, pela simples persuasão dos espiritos, pela alliança intima com o seculo e pelo amplo contacto com os obreiros e com os pobres.

A fusão da theologia e da sciencia experimental, da fé e da razão, póde dar resultados perigosos para a primeira, salvando-se ella apenas pela sophistica: não trato aqui de fazer similhantes dissertações philosophicas e aponto ao leitor curioso um interessante dialogo do padre Lantaigne e do professor Bergeret no ultimo romance de Anatole France (*L'Orme du mail*), recheado de toda aquella deliciosa ironia e doce indulgencia que o novo academico parece ter bebido em Renan. O que não póde dar sinão resultados beneficos é a disseminação dos principios da caridade christan, do amor do proximo, é a compreensão intelligente e sadia dos meios de dirigir a mocidade, de amenizar as relações entre operarios e patrões, de secundar a realização desse plano que as universidades americanas se propuzeram — modelar a alma nacional e constituir a expressão mais alta e mais genuina das suas tendencias; pelas palavras de Coubertin (*L'Amérique Universitaire*), [1] erguer o nivel intellectual mantendo a base do caracter formado pelo trabalho, pelo esforço, pela iniciativa e orientar a evolução do paiz.

Si a uniformidade do *espirito novo* tem deixado de prevalecer nos Estados Unidos, isto é, si entre o alto clero catholico alguns entendem que o afastamento moral de Roma se vai tornando demasiado, o fermento da desunião foi trazido de fóra e é representado pelo que chamam *foreign party*, o partido estrangeiro, dos delegados papaes e dos padres irlandezes, como monsenhor Corrigan, hoje arcebispo de Nova-York.

---

[1] *Cosmopolis* de março de 1897.

A destituição de monsenhor Keane, reitor da Universidade catholica de Washington, apezar de mascarada com outras dignidades e publicas demonstrações de apreço, foi até agora o mais significativo symptoma de rivalidade entre o partido estrangeiro e o partido nacional e a prova evidente de que o Papado, com toda a doçura diplomatica do seu actual representante, não cede uma pollegada da sua absoluta supremacia, não só sobre a consciencia dos seus fieis como sobre a vontade dos seus ministros.

Verdade é que a infiltração do *espirito tradicional* para combater as possiveis demasias do *espirito novo*, sobretudo marcada pelo estabelecimento de uma delegação papal na America do Norte, foi de reconhecida vantagem para manter a unidade da doutrina e mais ainda a unidade da disciplina, impedindo, por exemplo, os exageros de severidade e intransigencia de opinião de um clero que a ausencia de lutas tem acostumado pouco ás transacções, na questão das escolas publicas leigas, cuja perfeita legitimidade o enviado da Santa Sé estabeleceu em nome da orthodoxia catholica. Roma tambem contribuiu poderosamente com a sua autoridade soberana e o seu caracter internacional para encaminhar a igreja americana numa vereda em que ella tem revelado entre as suas excellencias, em comparação com o protestantismo, o saber, na abstenção systematica do facciosismo e até do partidarismo politico. Auxiliando sempre a obra da unificação da patria, buscando fundir no corpo nacional as colonias estrangeiras, e para este fim não se esquecendo até de recommendar o uso da lingua ingleza nas praticas religiosas, Roma tem habilmente posto o seu natural cosmopolitismo ao serviço da preoccupação particular que domina o povo americano. Por seu lado, o catholicismo americano abstem-se, como religião, de irritantes discussões temporaes, apenas esposando, num sentido geral, os principios de ordem que não excluem a liberdade, e de conservação, que não excluem o progresso. Desta fórma a igreja paira, na frase do cardeal Satolli, por largos annos delegado papal nos Estados Unidos, num plano superior, que deve pertencer-lhe: olha sómente para o bem commum, aspira ao reinado da verdade, da justiça e da paz.

OLIVEIRA LIMA

LITERATURA APRESSADA

A «FLOR DE SANGUE» DO SR. VALENTIM MAGALHÃES

Depois do mal que quasi unanimemente se escreveu deste livro me poderia eu porventura dispensar de dizer delle, para repetir o que ha sido dito em tons diversos, mas com um raro accordo. A *Flor de Sangue*, porém, não é um simples romance do qual, conforme o nosso temperamento, gosto e educação literaria, possamos julgar bem ou mal. Elle constitue, a meu ver, um caso literario digno de estudo, menos por si mesmo, como pelo phenomeno geral de que é symptoma.

Sinto, em toda a sinceridade o digo, que o Sr. Valentim Magalhães, sacrificando a feio vicio literario do tempo, se tenha posto pessoalmente em evidencia no escusadissimo prefacio que poz ao seu livro, contando-nos porque o fez e como o fez. Este facto me parece curiosissimo neste romance: o seu autor confessa, primeiro, que o escreveu para dar «a obra de folego» o «trabalho serio», que, acredita elle, lhe exigem desde muito criticos e leitores; segundo, que o escreveu ás pressas, não já, porque o incitassem os ardores de artista em trabalho de gestação, na febre de crear e produzir, mas porque um editor offereceu-lhe «direitos autoraes que lhe pareceram satisfactorios, razoaveis», e elle «tinha delles urgencia».

Atirou-se — transcrevo o prefacio mudando apenas a pessoa verbal—ao trabalho; no dia primeiro de janeiro de 96 escreveu o primeiro capitulo, no dia 2 o segundo, no dia 5 o terceiro, no dia 6 o quarto, numa sequencia de trabalho que só encontra igual no do

Padre Eterno, segundo o Primeiro Capitulo do Genesis. E com a mesma abundancia do pseudo Moysés, nos continúa o Sr. Valentim Magalhães a recontar, com todos os pormenores, como foi escripto o romance «de uma assentada», dia a dia, sem revisão, nem ordem, pois que o começou pelo quinto capitulo—em pleno enredo portanto. O livro pois, do Sr. Magalhães, previne-nos lealmente elle, é um livro feito ás pressas. E quando nos informa que entre desfazer o negocio com o primeiro editor e refazel-o com outro, «esfriou-se-lhe o ardor, e parou», temos talvez o direito de concluir que não foi a um estimulo de arte que obedeceu escrevendo *Flor de Sangue*...

Além dos autores de romances-folhetim, a historia literaria conhece um grande escriptor, ou pelo menos um grande creador, que escreveu forçado pelas «urgencias» a que allude o Sr. Valentim Magalhães; mas Balzac, que a elle, como sabe o leitor, me refiro, verdadeiramente jamais trabalhou ás pressas. Dava ininterruptamente ao trabalho doze horas por dia e, corrigia e recorrigia por tal maneira as suas obras, que os manuscriptos era preciso que os editores lh'os arrancassem quasi a força ou com ameaça de processo, e a correcção das provas, que em França paga-se a parte, lhe absorvia de antemão o lucro possivel. E foi principalmente este amor da perfeição, signal certo do verdadeiro artista—que fez viver em luta perpetua com a miseria o mais prodigioso trabalhador literario de todos os tempos.

Não tem, pois, desculpa o Sr. Valentim Magalhães, querendo justificar as imperfeições do seu livro recontando-nos como o fez. Com um nome nas letras brazileiras, adquirido em vinte annos de um trabalho cuja variedade complacentemente enumera, critico de mais a mais, essa confissão, sobre ser de mau gosto, não satisfaz aos leitores benemeritos da estima de um homem de letras.

O Sr. Valentim Magalhães, que viajou, conhece esses artistas de rua que nas grandes capitaes européas, diante de duas duzias de basbaques, com giz de tres ou quatro cores, pintam num abrir e fechar de olhos, na superficie lisa de uma calçada, um retrato, uma scena ou uma paizagem, a troco de alguns vintens colhidos na assistencia. Essa obra póde dar a illusão de um quadro e podemos mesmo admirar a habilidade do artista de esquina, attendendo aos meios com que a fez, e muito tambem ao tempo que ha de durar. Puzesse-a elle numa téla e a levasse a um museu ou a um

conhecedor, que ninguem lh'a quereria — pois, de facto, na arte essa coisa não conta.

Por mais que me praza aliás attribuir o insuccesso da *Flor de Sangue*, aos motivos com que previamente o procura explicar e desculpar o Sr. V. Magalhães, crendo que elle era, e é, com trabalho e tempo, capaz de escrever não um romance, mas « o romance » que coroará a sua carreira de poeta e contista, não acho desculpa para a precipitação com que escreveu esta obra totalmente gorada. Neste livro não ha nenhuma das qualidades de observação facil, mas verdadeira, de graça, de humor, de vivacidade, de emoção, superficial mas expontanea, de naturalidade, de vernaculidade desaffectada, de estylo, reveladas em mais de um dos seus contos e em muitas das suas paginas ligeiras. E' o romance de um collegial, com pruridos literarios, não a obra de um escriptor do renome do Sr. Valentim Magalhães. Idéas verdadeiramente pueris, infantis abundam nelle.

Quando o romance começa Fernando Gomes e a mulher preparam-se para receber a bordo Paulino que regressa da Europa. Paulino, estudante pobre, no terceiro anno de medicina trava conhecimento com Fernando Gomes, que se fizera por affeição ao rapaz uma especie de seu tutor officioso. Dando-lhe casa e protecção, ajudou-o a formar-se, editou-lhe o primeiro livro e arranjou-lhe após a formatura uma commissão scientifica do governo para que elle pudesse passeiar á Europa. Este Paulino era, explica-nos o romancista, « o que os francezes chamam *un homme à femmes.* » A sua psychologia é summaria: temperamento callido e nervoso, constituição forte, adorava todas as mulheres capazes de dizer-lhe aos sentidos alguma coisa nova, inimigo irreconciliavel do casamento, por igual hostil á *collage*, como na sua lingua franco-portugueza diz o Sr. V. Magalhães, mudava de amantes como de gravatas. E' este homem, é este amigo que o casal Fernando Gomes vai receber, installa num pavilhão da propria chacara onde mora e obriga a ser seu hospede e comensal perpetuo. E o que não faz um filho, um irmão, que tenha sufficientes meios de vida, em relação ao pai ou irmão, viver no fim de contas ás sopas de um terceiro, por mais amigos que reciprocamente sejam, aceita Paulino de um estranho e acommoda-se áquella existencia de parasita, no fundo indigna. Esta falsa situação em que para desenvolvimento do seu romance, colloca

os tres principaes personagens delle, já de si revela no romancista carencia de imaginação e infantilidade de meios. Não só esta situação é forçada, sinão de todo falsa, como concorre para diminuir os effeitos que do drama que se vai passar pretendia talvez o autor tirar. Poder-se-á dizer que esta situação ainda mais obrigava Paulino, e que a sua traição é tanto mais odiosa quanto maior era a confiança, verdadeiramente céga, de Fernando Gomes. Sim, si este mundo fosse a imagem da «Moral em acção», e si não houvesse uma logica dos temperamentos, dos caracteres e das situações, que bem póde corresponder á fatalidade antiga. Longe de acrescer a indignidade do seu procedimento — e o romancista tem manifestamente a intenção de nol-a mostrar — essa situação a diminue, sendo quasi impossivel que esse voluptuoso carnal, esse libertino que era Paulino, resistisse a Corina, que foi de facto o seductor.

Vai pois o casal receber Paulino, e desembarcado este vão todos, (havia mais umas tres pessoas, amigas ou parentes) almoçar uma feijoada encommendada no *Hotel do Globo*. E' das idéas que chamei pueris. Fernando e a mulher pertenciam á alta roda fluminense, cujos individuos se distinguem pelo desprezo dos costumes e gostos nacionaes. Não se lembrariam, portanto, de festejar a chegada de um amigo — com um almoço de feijoada no restaurante da moda. Neste almoço, porém, se passa uma scena que deve dar uma exquisita idéa da sociedade fluminense.

Não a conheço sufficientemente para dizer si numa roda de damas e cavalheiros della a conversação, como acontece naquelle almoço, possa versar sobre os amores faceis de um homem solteiro da roda, recem-chegado do estrangeiro, de quem se inquire de qual mulher gostou mais, si da hespanhola, da franceza ou da italiana. Desse almoço sai Corina já, si não enamorada, desejosa de Paulino. Porque a mulher de Fernando Gomes era puramente uma histerica erotica, sinão uma nymphomana, mulher que se faz abortar duas vezes aos primeiros partos. Com mais uns dias de convivencia tinha ella resolvido a conquista do joven e formoso medico, que seja dito em honra de sua memoria, resistiu-lhe quanto era humanamente possivel. Uma viagem de negocios do marido deixa Paulino a sós com ella, Corina finge-se uma noite doente, manda chamal-o como medico e ali se lhe entrega. A scena, aliás, é uma das poucas bem feitas do livro. Todo o episodio do adulterio dura tres ou quatro

semanas, um capitulo com a epigraphe « o despertar », um despertar alegre e satisfeito ao principio e que, á aproximação do regresso do marido, se vai tornando, para Paulino ao menos, sinão para Corina que é uma inconsciente, desassocegado. Porque é realmente—e nisto ha logica — a volta de Fernando que chama Paulino á realidade da situação e desperta nelle, não sentimento propriamente, mas o que se poderia chamar o medo do gatuno ao proprietario. Segundo a fórmula classica, elle propõe a Corina fugirem ; ella, classicamente tambem, recusa, por não sacrificar a sua posição social. Elle então resolve escapar-se elle só, mas a ultima noite da partida passa-a ainda com Corina.

Paulino resolvera matar-se e, o romancista, com a precisão de quem transcreve um tratado de psychologia, pergunta : « Quando o resolveu ? em que momento se lhe formou no cerebro essa idéa ? quando se transformou ella em volição, e esta em intenção deliberada ? » Toda a psychologia deste caso é a que estamos fartos de encontrar na vasta literatura do adulterio de que já andamos gafos. Com a recusa de Corina em acompanhal-o, Paulino percebeu que ella « não o amava, que se entregara como se entregaria a outro qualquer nas suas condições, como se havia de entregar depois delle a outros mais... » e que « elle Paulino, era um homem deshonrado, um infame vulgar, que por lascivia grosseira, seduz e goza a mulher do amigo, aproveitando bem a sua ausencia ; e, por ultimo, *que devia matar-se* ». A banalidade da situação é manifesta.

Tenho para mim que tal homem se não mataria. E' certo que o Sr. Valentim Magalhães começa descrevendo Paulino, no capitulo II, como um homem distincto pela « rara, perfeita delicadeza de sentimentos e a direitura (*sic*) de caracter, que se sentiam, que se *viam* quasi sob a varonilidade culta e na seriedade, na quasi austeridade, que respirava a sua physionomia energica e serena. » Diz delle, num estylo que o leitor julgará, que « fôra sempre um rapaz sério, isto é, criterioso, ponderado, pacato, durante todo o tirocinio academico. » Como, porém, o Sr. Valentim Magalhães escreveu apressadamente, capitulo a capitulo, sem quasi relel-os nem corrigil-os, Paulino mudou completamente depois do capitulo II, que digo eu ? no mesmo capitulo, por que duas paginas adiante daquelle retrato de burguez pacato forrado com os sentimentos de um cavalheiro e a rectidão de caracter de um magistrado, nos apparece outro,

« *homme à femmes* », temperamento callido, amante de todas as mulheres, odiando o casamento, por julgar o homem essencialmente polygamo, razão pela qual não gostava tambem do concubinato, tendo é certo idéas contra os seductores das casadas, mas não as praticando. E por todo o livro, sem embargo de velleidades em contrario, Paulino apparece, qual elle mesmo se retrata no trecho que transcrevi do capitulo tetricamente intitulado «para a a morte»: um voluptuoso vulgar que si, por exemplo, Fernando Gomes tivesse morrido durante a viagem ao Rio da Prata, não haveria sentido o minimo arrependimento da sua falta. Sei que não ha caracter sem contradições, mas a arte exige que na propria contradição haja logica, como, apezar das apparencias superficiaes contrarias, ha na vida. E é das que ella custa a admittir, que um homem que resolveu matar-se, julgando-se deshonrado por haver feito sua amante da mulher do seu melhor amigo, vá ainda dormir com ella a ultima noite, depois dessa resolução tomada.

Paulino segue para S. Paulo, onde se mata. Aqui devia terminar, e acaba de facto, o que o romance planejado pelo Sr. V. Magalhães teria de literario, de psychologico. O que interessaria aos espiritos que num romance não procuram sómente uma distracção trivial, findou com o suicidio de Paulino: o conflicto de temperamentos e caracteres, de deveres e appetites, postos em contacto numa sociedade sem costumes nem moralidade. O assumpto, o adulterio do «amigo intimo» com a mulher do «melhor amigo», é aliás trivialissimo, menos talvez na vida real, que no romance. Para tratal-o exige-se já agora um raro talento, capaz de rejuvenescer por qualidades excepcionaes de penetração psychologica, de imaginação creadora e de excellencias de estylo, o estafadissimo thema. Nenhuma destas qualidades se deixa lobrigar em *Flor de Sangue*. A psychologia é elementar e frequentemente falsa; a creação propria ao autor é nenhuma e do estylo, com excepção de algum raro trecho, não receio dizer que estas paginas são das peiores talvez que o Sr. Valentim Magalhães jámais escreveu.

Nelle a pressa traiu completamente o escriptor; e lemol-o desconhecendo-o. E' verdadeiramente um estylo de reportagem, de noticiario, quasi sem nenhuma qualidade literaria. A construcção é mais franceza que portugueza, e os mais excusados termos francezes formigam como numa traducção portugueza de romance

francez. Além desse grave defeito — tanto mais grave que como critico o Sr. V. Magalhães cata os gallicismos nos outros, ha ainda impropriedades, expressões mal usadas, anachronismos, abuso de certos termos e uma confusão, não no dialogo mas no texto da narrativa, da prosa literaria do escriptor com a linguagem corriqueira da palestra commum. Não houve tempo para polir a frase, procurar a expressão mais adequada e o termo mais proprio, escolher, emfim, entre as cem maneiras de dizer uma coisa, a unica boa — o que constitue todo o segredo do estylo, como não houvera de escolher o assumpto, estudal-o em si e na maneira de tratal-o. Este romance saiu certamente contra a vontade do autor, mas em virtude das condições em que foi realizado, um romance-folhetim. O proprio titulo *Flor de Sangue* pertence ao genero, e os titulos dos capitulos « A obra do Ciume », « A Morte e o Amor », « Para a Morte », « Flor de Lodo » e que taes são-lhe por igual peculiares. Os mestres do genero, os Ponson, os Montepin e os Richebourg não refusariam este começo da segunda parte: « São decorridos quatro annos. Nesse curto periodo, instante imperceptivel na vastidão infinita do tempo, quantos acontecimentos, quantas mudanças, quantas alterações nos homens! »

Desde a chegada de Paulino a S. Paulo entra-se em pleno melodrama, com todas as *ficelles* do genero illustrado por aquelles mestres. Nem falta o infallivel sonho, esse sonho que só os heróes de romance têm e de que se lembram como de uma gazetilha da vespera. E' verdade que o sonho não é propriamente apanagio desses romances e que alguns « psychologos » abusaram tambem de tal recurso. Em *Flor de Sangue* elle como que liga as duas indoles do romance. Igualmente não falta nesta parte a espelunca, com a classica megéra, uma espelunca réles aonde se não compreende muito se vá metter Paulino, mesmo por comprazer com um amigo e muito menos que esse homem, que por uma reacção de senso moral resolveu matar-se, aceite ainda dormir com uma dessas creaturas que alugam as suas noites. Como um heróe de D'Ennery, depois de deixal-a intacta, dôa-lhe generosamente elle os dez contos de réis ganhos na roleta daquella casa, alcouce e batota ao mesmo tempo. Esta scena é mais uma das infantilidades do livro.

Morto Paulino, começa tambem o infortunio economico, a *débacle* como lhe chama o Sr. V. Magalhães, para Fernando Gomes que dá em jogador de profissão. A mulher segue o caminho que o amante previra. Aceita um barão, seu velho adorador, e o trai com uma especie de *souteneur* — a lingua é sempre a do autor. — Esta situação dá uma scena que não ficaria mal num fim de acto; a apresentação de Corina pelo barão como sua ex-amante á franceza, que por despeito e ciume della, tomára. Não faltam tambem nesta parte a carta, a velhissima carta anonyma, revelando a Fernando a nova traição da mulher, que elle apanha em flagrante e cujo cumplice mata. E depois temos ainda, como num romance de rodapé, a descrição da prisão, com a dos criminosos de alcunhas pitorescas e sua giria tão pitoresca como ellas, a nos darem saudades do velho Eugenio Sue, — a morte de Fernando ali na detenção e para concluir um pateo de theatro, onde literatos bohemios assignalam a passagem de Corina, transformada em loureira de rua, recontam-lhe a historia e explicam por que lhe deram o nome de guerra de «Flor de Sangue». A morte de Fernando é provocada por uma carta posthuma de Paulino. O medico não se poude resolver a morrer sem contar por miudo ao amigo — que foi, como foi e porque foi amante da mulher. O romancista já o tinha feito legar em testamento os seus moveis, quadros e livros, ao amigo conspurcado e traido, a quem acaba de escrever a mais singular carta que jamais amante algum escreveu a marido ultrajado, sobretudo quando por se castigar do ultrage feito se vai matar. Paulino não quer que Fernando guarde estima á sua memoria e, servindo-se de um recurso romanesco deixa essa carta, que um amigo da Bahia fica encarregado de entregar a Fernando quando este tivesse « algum dia provas inconcusas de que sua mulher o traia». Nessa carta, a mais cruel, a mais brutal que homem já recebeu, Paulino se não limita a confessar a sua falta e a pedir perdão della ao marido deshonrado, o que bastaria para o fim vizado.

Como um amoral lhe refere miudadamente o adulterio, em frases que revêem a passada volupia, e discute com o infeliz, com o charlatanismo pedante de um intellectual tolo, inconscientemente perverso, o caso nevropatico da esposa que lhe deshonrou. «Todo o tempo que passaste fóra, conta-lhe elle — fui amante

de Corina, gozei-a com ardor, com delirio; allucinadamente... » E como si não bastasse ao marido aquella informação: « Ha apenas algumas horas, no trem de ferro, recapitulando todas as peripecias, todos os incidentes da nossa ligação culposa, numa analyse rigorosa de auto-psychose, (o pedante!) conclui por convencer-me de que não a amava de verdadeiro amor, mas sómente de paixão carnal... » — Continuando, informa-o que propuzera á mulher fugirem, mas que ella não quiz e conclue, consoladoramente: « Não me amava, acredita-o » (!) Apezar de confessar que nem elle de facto lhe amava, sinão de um amor carnal, á mulher, e nem era por ella amado, declara-lhe, entretanto, que tinha ciumes delle, e com a « presegurança » de que elle encontrando-a com outro homem — que delicadeza de sentimentos descobre esta previsão assim brutalmente exposta! — mataria o adultero, Paulino diz-lhe que receia que elle a tenha matado tambem, e este receio, declara-lhe convicto, inquieta-o. Espera, « entretanto », que se haja commiserado della e a tenha perdoado. E, como um rôles *cabotin* literario, põe-se a discutir com esse marido que devia suppor nos transes mais angustiosos que póde soffrer um homem, o caso da mulher. « Conheces as minhas theorias... porque leste o meu livro (!) », « espero que te hajas lembrado do que de mim leste e ouviste. » Não é preciso commentar, para patentear o erro crasso que é esta carta, que não consegue dar ao leitor sinão uma impressão de enorme ridiculo.

Tal é num escorço rapido e certamente mal feito o romance do Sr. Valentim Magalhães. Este resumo julgo-o entretanto bastante para mostrar-lhe as imperfeições—que, diga-se em honra do autor, ninguem esperava achar numa obra sua. E não foi o seu malsinado prefacio que poz criticos e leitores na pista dellas, sinão o seu proprio vulto. O prefacio, ao contrario, valeu-lhe que se as tenha preferido attribuir antes ás condições de execução do romance, que á incapacidade do escriptor para o genero. Não ha no seu livro, creio já o haver dito, nenhuma originalidade de concepção ou de execução. O drama, o leitor o terá visto, é banalissimo e banalissimas as personagens. E' ainda um romance naturalista, com indecencias e immoralidades escusadas, quando o naturalismo é uma fórma esthetica acabada. Literariamente, portanto, é um erro. Ha mais nelle como que uma intenção de escandalo. Certos personagens episodicos

trazem o nome ou a physionomia, mal disfarçados, de figuras conhecidas — recurso facil a que um verdadeiro artista, um creador, não sacrificará jámais.

A sociedade fluminense da *Flor de Sangue* é depravadissima. Não sei si ella é assim. Creio com Marcel Prevost, citado pelo autor, que « a literatura de uma época é sempre mais moral que os seus costumes » e não me insurjo contra a crueza do quadro quando a resgata a excellencia da pintura e, principalmente, quando a determina uma necessidade superior da arte. Uma e outra não vejo em *Flor de Sangue*. Esta questão aliás da chamada «nota crua» do naturalismo, ninguem com leitura e gosto a discute mais; é uma questão assentada ou regulada, como diria o Sr. Valentim Magalhães.

Zola, o mestre dessa feição especial da escola—á qual não sacrificaram jamais, ou apenas em muito menor grau, nem Flaubert, nem Daudet, nem Maupassant, nem aos proprios Goncourts—feitio ao alcance das mais mediocres intelligencias e ao sabor do gosto mais vulgar—Zola, si viver, não viverá por ella. O que lhe póde garantir um lugar na historia literaria da França e do mundo é primeiramente, o caracter revolucionario da sua obra e a sua influencia, depois a sua indole social e finalmente algumas paginas que o seu genio epico animou de um largo e vibrante sopro de alevantada poesia. Estar a macaqueal-o, que ainda não conseguimos fazer outra coisa, é um erro de criterio literario e de léso bom gosto. A obra de Zola, mesmo emasculada das sordicias e obscenidades que a deslustram, é ainda, em certas partes ao menos, uma bella obra; da dos seus imitadores, aqui ou alhures, si lhe tirassem aquella feição, nada mais restaria, que por ella sómente se distingue.

O romance do Sr. Valentim Magalhães, porém, não é sómente naturalista pelo processo, tem mais a intenção de ser psychologico á maneira dos chamados psychologos — Bourget, Prevost e mil outros, que não são sinão os independentes do naturalismo, com o zolismo a menos. Estes sujeitos, porém, os citados ao menos, são de facto observadores, « moralistas » e pensadores. Analistas ás vezes subtilissimos logram penetrar, ou o que vale o mesmo em arte, dar-nos a illusão de que penetraram, os refolhos obscuros da alma dos seus personagens, a engrenagem do seu caracter, os seus moveis de acção. Em *Flor de Sangue* a psychologia, si nem sempre é falsa, é ou elementar ou de convenção. Nenhum dos seus personagens vive realmente,

nenhum é um typo, nenhum é um caracter. Corina é a loureira, pervertida de temperamento e educação que temos encontrado em cem romances, sem nenhum traço particular que a distinga, sem nenhum relevo que a destaque; Fernando Gomes é igualmente vulgar, dessa vulgaridade por assim dizer indigna da arte; Paulino é o eterno seductor, voluptuoso, frascario ou *homme à femmes* como o romancista lhe chamou em francez, conservando uma ponta de sentimentalidade que o faz suicidar-se — suicidio que aliás não parece determinado pelos seus antecedentes, de sorte que afigura-se mais um recurso de romancista que um accidente fatal no desenvolvimento da acção do romance. Fernando que nos surge de repente como uma especie de Othello, é um desses maridos faceis creados pela artificialidade da alta vida do adventicio enriquecido sem trabalho. Observação não ha ahi, porque observar em arte não é somente ver e descrever; é principalmente distinguir aspectos novos nos phenomenos observados, e aspectos de que o artista tire effeitos estheticos ineditos. A arte seria uma coisa facilima, sem esta difficuldade ingente.

E' opinião minha, talvez errada, mas profundamente arraigada, que assim como em philosophia e em sciencia somos inaptos para cogitações abstractas e generalizações fecundas, somos por igual improprios para as creações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalização e de synthese. Não temos até hoje um verdadeiro pensador no rigor do termo. Em sciencia, apezar da existencia aqui vai por setenta annos de escolas superiores, não possuimos ainda um scientista original, e tudo que nas sciencias naturaes, por exemplo, havemos feito que não seja a repetição dos tratados estrangeiros, pertence ao dominio da parte descriptiva e por assim dizer secundaria dessas sciencias. Em arte a mesma coisa. A nossa poesia, que no lyrismo deu de si amostras magnificas, não saiu jámais do mais estreito subjectivismo e quando quiz fazel-o foi para glozar apenas dogmas catholicos, com themas e pensamentos feitos. Si no romance temos meia duzia de obras consideraveis, *Memorias de Um Sargento de Milicias*, *Iracema*, o *Guarany*, *Innocencia*, o *Missionario*, o *Mulato*, e, com bastantes restricções *Miragem*, *Casa de Pensão* e *Giovannina*, essas são puramente obras, não de imaginação creadora, mas de descripção, de observação concreta, de reproducção simples do visto ou do imaginado, sem nenhum elemento psychologico superior. D'ahi a extraordinaria superioridade

do nosso romance sobre o nosso theatro. No theatro, para fazel-o literario, exige-se uma philosophia, não se dispensam as idéas, reclama-se um pensamento — coisas todas de que no romance se podem prescindir, e sem as quaes não ha theatro algum. Poder-me-iam apontar contra a minha theoria *Braz Cubas* e *Quincas Borba*. O autor destes dois livros é uma excepção, que não fôra porventura difficil explicar, e talvez um dia eu tente fazel-o, que confirma plenamente o meu asserto. E a prova é que, apezar da justa admiração e legitima estima que lhe têm geralmente os poetas, artistas da escripta e homens de letras, a sua influencia é nulla em a nossa literatura: nunca fez escola, nunca foi popular, mesmo no bom sentido da palavra e do facto. Si algum, aliás raro escriptor, tentou imital-o, nenhum passou da cópia mais ou menos inhabil da sua maneira, sem jámais surpreender siquer os segredos do seu estylo, que não é sinão o reflexo do seu pensamento. Depois do Sr. Machado de Assis, só conheci nas nossas letras um escriptor, que a raros dotes artisticos, reunia aptidões philosophicas e generalizadoras que applicadas á arte, ao romance em que elle se ensaiou, poderiam acaso desmentir o meu juizo.

Mas a politica — como si aquelle fino artista, aquella alta intelligencia fosse para ella! — o empolgou: e eu não sei si mesmo antes do triste desfecho que deu á sua vida, não seria elle já um morfo para as letras. Um outro escriptor, o Sr. Aluizio Azevedo, mostrou ambições superiores no romance, mas as suas tentativas psychologicas são, sinão falhas, inferiores. O *Homem* é mais um romance pathologico [1] que psychologico e o *Livro de uma Sogra*, tentativa estimavel mas sem successo, só tem de original a fabula, que é ridicula. A superioridade deste escriptor está na sua obra de imaginação descriptiva, si posso dizer assim.

Para esta incapacidade ha uma porção de causas naturaes, explicaveis pelo nosso estagio de civilização e de cultura, pelo grau da evolução mental da massa brazileira. A todas ellas acresce, porém, uma que se póde talvez explicar tambem pelas mesmas causas geraes, mas que póde igualmente ser um vicio accidental: é a pressa com que trabalhamos. Quasi não compreendemos um Littré levando 25

---

[1] V. in *Estudos Brazileiros*, 2ª série, no estudo sobre *o Romance naturalista no Brazil*, a analyse do *Homem*.

annos a escrever o seu diccionario, com um trabalho ininterrompido de dez e doze horas por dia; um Flaubert, doze para escrever um simples romance, *Mme. Bovary*; um Pasteur, seis ou sete antes de publicar o resultado dos seus estudos incessantes sobre a raiva, exemplos que fóra d'aqui fôra possivel multiplicar inesgotavelmente. Todo o nosso trabalho espiritual é apressado, feito dia a dia. Por uma perniciosa illusão, tomamos uma certa facilidade de reproduzir concepções e maneiras alheias, por talento proprio. Todas as nossas tentativas de generalizações, são apenas reproducções, reflexos mais ou menos habeis do pensamento estranho e é com citações dos pensadores estrangeiros que, mesmo no dominio da especulação pura, as sustentamos ou combatemos ás adversas — variando em geral de opinião, consoante variamos de leitura. Em todos estes phenomenos manifesta-se a pressa com que lemos, com que pensamos, com que produzimos; pressa, que acrescentada ás causas geraes da nossa natural inferioridade espiritual, lhe vem augmentar os effeitos, que realmente podiam ser diminuidos pelo trabalho demorado e reflectido.

Esse trabalho, que em geral não sabemos ter, não o quiz tambem ter o Sr. Valentim Magalhães e contando demasiado com a benevolencia do publico, sinão com os recursos do seu talento provado em coisas menores, escreveu em poucas semanas um livro que exigiria longos mezes.

O romance, porém, é um genero difficil. A sua propria abundancia torna cada vez mais difficil o pleno successo nelle. A fabula convenientemente inventada, a regularidade da composição, a correcção da linguagem, a excellencia do estylo, o sentimento das proporções, o bom arranjo das scenas e dos dialogos, tudo isto, mesmo em certo grau de perfeição, já não basta para dar a um romance superioridade e distincção. O genero foi tão trabalhado, e por tão habeis mestres, que para conseguil-as não se precisa mais que um certo talento, predisposição para o officio e applicação. E' o caso de Jorge Ohnet e mil outros para os quaes nós, em que nos pése, não temos, entretanto, rivaes. Quer-se, porém, mais do que isso. A capacidade para encarar no romance, á maneira dos inglezes, os problemas sociaes, sem cair na declamação e na rhetorica, sem sair emfim do genero; a genialidade de representação de certos estados d'alma já de individuos, já de toda uma nação ou parte della, como fizeram os

russos e os scandinavos; a ingenuidade profunda dos allemães em nos descreverem a sua vida, em que o mais vivo sentimento pratico se casa tão bem com o idealismo innato da sua raça; a analyse subtil, feita de intelligencia e malicia, sceptica e sympathica ao mesmo tempo, servida por uma unica e inimitavel sciencia da composição dos francezes. E nessas diversas modalidades geraes, se requerem ainda qualidades individuaes, distinctas, excepcionaes no artista. Si o romance e o romancista não satisfazem a estas condições — a arte e a literatura nada lucram. Um livro a mais, um autor a mais, podem augmentar a bibliographia de um paiz, mas não enriquecer a sua literatura.

A leitura de *Flor de Sangue*, não determinou em mim por fórma alguma esta opinião, que o estudo sincero da nossa vida literaria me dera ha muito, mas trouxe-me uma nova confirmação della.

Romances, poemas, estudos de sciencia ou estudos de historia, critica e philosophia, tudo fazemos ás pressas, como si dotados de excepcionaes capacidades, nos forrassemos ás necessidades inilludiveis do tempo, como elemento indispensavel no trabalho intellectual. A natureza vinga-se, porém, condemnando a nossa literatura, sinão a um marcar passo perpetuo, a uma marcha vagarosa e frequentemente interrompida.

José Verissimo

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS

IV

Houve um abalizado naturalista que denominou o Brazil — a terra da promissão. O termo é bem achado, qualquer que seja a face pela qual se encare a immensa e maravilhosa região que immerge a fronte nas aguas caudalosas do Amazonas, espraia-se largamente debaixo dos tropicos e mergulha os pés nas aguas gloriosas do Prata. A fauna, a flora e os productos mineraes do Brazil são prodigiosos e fascinam a imaginação. O estrangeiro, aportando ás nossas plagas, extasia-se diante da formosura da nossa natureza. No que respeita a vegetaes, creio não haver no mundo inteiro maior riqueza e mais admiravel variedade. As opulentas florestas da zona intertropical do Brazil, compostas de grossas e emmaranhadas arvores seculares, em que os cipós e os parasitas os mais exquisitos vivem á sua sombra e muitas vezes a expensas da sua seiva em um communismo confuso, nada tem de comparavel aos monotonos bosques de pinheiros, faias e carvalhos da Europa, onde a vista esbate e se fatiga ao primeiro lancear. Aqui, debaixo deste céu profundo, inundado de luz offuscante, ao mesmo tempo que o aspecto severo e grave da paizagem estimula o pensamento a uma contemplação attonita, o porte vario das arvores, os matizes differentes da folhagem, as côres vivas das corollas que se dependuram, ora em dourados e compridos cachos como as Cassia, ora em thyrsos caprichosos como as Vochysia, ora em grupos dos mais bellos

Veja a *Revista* de 1 de fevereiro, 1 de março e 1 de abril.

e bizarros perianthos dessas filhas phantasticas da zona torrida, chamadas Orchideas, enfeitiçam a attenção do observador embellezado perante tão extranha pompa natural.

Neste sólo quente e ungido do mais fecundante humus, desenvolve a natureza toda sua volupia selvagem, saturando de finos aromas os espaços azues, de fructos saborosos os desordenados vergeis por entre os gorgeios canóros dos mais encantadores passarinhos.

Estudar as plantas cultivadas desde a sua origem, si é tarefa sobremodo difficil, sobem de ponto as difficuldades quando nos propomos tratar das innumeras familias vegetaes que habitam os climas tão diversos do nosso paiz, e cujas descripções occupam já cerca de 100 volumes na *Flora Brasiliensis* de Martius.

Muitas e muitas plantas nascidas nas calidas terras da Asia e da Africa, crescem e prosperam aqui com tanto vigôr desde tão longa data, que ninguem diria que são nossos hospedes, mas brazileiros legitimos, espontaneamente desabrochados debaixo do nosso claro firmamento, e descendentes de avós prehistoricos, que houvessem travado a sua luta pela vida e cumprido a sua selecção natural, a respirarem o nosso ar excitante e a nutrirem-se das exuberancias do nosso solo virgem.

Os primitivos navegantes e descobridores das costas da America Meridional, os ambiciosos conquistadores que se assignalaram pelas suas ousadas correrias através tão extensos territorios, os corajosos catechisadores que tomaram a peito levar a cruz aos gentios, e os numerosos bandos de aventureiros, que andaram errantes, quaes corvos famintos, á procura do ouro e dos diamantes do Perú e do Brazil, deveram necessariamente ter transportado comsigo de uns pontos para outros da America, grande cópia de plantas, que depois crearam direito de cidade nas novas localidades em que acharam grata hospedagem. E da mesma fórma, muitos vegetaes dos continentes africano e asiastico e tambem Europêo, aqui deveram ter vindo parar, por intermedio da Hespanha, Portugal e Hollanda, que eram nos seculos XV e XVI as potencias maritimas mais importantes, as dominadoras do commercio inter oceanico no velho e no novo mundo.

A estas causas intelligentes, digamos assim, veiu ajuntar-se outra inherente a circumstancias totalmente fortuitas. Certo, a

dispersão das plantas cultivadas, se faz muitas vezes á custa do arrastamento, por meio das correntes não só aquosas, como atmosphericas, que carregam as suas sementes a distancia de muitas leguas.

O distincto naturalista Caminhoá, cuja perda a sciencia deplora, cita na sua grande obra *Botanica geral e medica* o seguinte curioso episodio: « Por occasião de viajarmos por mar a costa do Rio Grande do Sul e do Estado Oriental do Uruguay, e a foz do Rio da Prata, causou-nos admiração a quantidade de sementes de Synantherea, (principalmente da *Cynara cardunculus*), que caía no convez do vapor, trazidas pelo vento a cerca de 30 milhas de distancia da terra! »

Comquanto muito pesadas, as sementes dos coqueiros se disseminam muito longe, a favor das correntes maritimas e vão grelar em paragens, que se acham muitas centenas de kilometros distantes do ponto d'onde partiram, em ilhas desertas onde jámais pousou a mão do homem.

A excursão que vamos fazer pela flora cultivada do Brazil, não aspira aos fóros de completa: nem poderia sel-o ainda quando consultasse tudo quanto a este respeito ha escripto. Porque os proprios especialistas confessam os espinhos da estrada a percorrer e ficam muitas vezes reduzidos a meras conjecturas, a dubios pontos de interrogação. Vamos, por assim dizer, empreender um gyro de recreio e desbravar pequenas porções dos dominios infinitos da nossa exuberante flora. Si por ventura tivessemos á nossa disposição tradições escriptas ou monumentos carcomidos pelos estragos de um passado longinquo, poderiamos ahi soletrar algumas syllabas que nos ajudassem na decifração dos enigmas relativos á historia dos nossos vegetaes; mas desgraçadamente as tribus indigenas que viviam á matroca nas nossas regiões, ou eram fragmentos dispersos no naufragio de uma civilização decaida, florescente outr'ora em zonas remotas, e que não puderam depois soldar-se novamente e embruteceram no meio dos jaguares e ophidios peçonhentos destas terras aonde os trouxe a sorte; ou então representavam uma phase atrazada de evolução genuina, de estirpes primitivamente oriundas do continente sul americano.

Propendemos para a primeira hypothese, á vista dos destroços eloquentes encontrados no Mexico, no Perú e em outros paizes do

Novo Mundo. Não é, porém, este o lugar para tratarmos de tão difficil questão; quizemos sómente referir a ausencia de dados que os nossos aborigenes nos poderiam fornecer, caso as suas gerações tivessem deixado gravadas em inscripções traduziveis ou em symbolos iconographicos os vestigios da sua passagem ao longo dos tempos.

Raramente acharemos para as nossas plantas as consagrações a deuses mythologicos. Só nas partes mais septentrionaes da America do Sul, especialmente o Perú, e nas regiões da America do Norte, particularmente o Yacatan, Palenque e Guatemala, é que se tem descoberto baixos relevos, tumulos, inscripções e restos de palacios magnificos, que tem permittido desvendar um passado longinquo das civilizações americanas, que se devoraram umas ás outras em guerras continuas de exterminio.

Os estudos de Charnay e Nadaillac mostram que em éras muito afastadas da dominação hespanhola, a vasta região dos Tolteces havia chegado a um gráu de riqueza e prosperidade extraordinarias, e era habitada por uma população tão densa, que as culturas das plantas uteis e destinadas á alimentação eram levadas até ás cumiadas das mais altaneiras montanhas. Diz-nos Charnay que os Tolteces adoravam um deus das colheitas e das chuvas e nas suas cerimonias religiosas sacrificavam aves e flôres.

Até agora os nossos naturalistas não se tem applicado á determinação da patria dos vegetaes que pullulam no nosso vasto paiz. Existem indicações isoladas em compendios e memorias, mas nenhuma investigação especial, cuja direcção vise unicamente aquelle arduo escôpo. Seria digno de applauso que convergissem os esforços dos nossos botanicos nesse sentido, e os ha que poderiam dar cabal desempenho da tarefa com saber e brilho. Que os Pizarro, Barbosa Rodrigues, Neves Armondes, Peckolt e outros façam para o Brazil o que os De Candolle, Duchartre, Hehn e Engler têm feito para a Europa.

A paleontologia, sciencia absolutamente desprezada entre nós, daria, estou certo, si fosse explorada, indicações positivas sobre a questão; ensinando na série das camadas terrestres, não só a origem de muitas plantas, que veriam o seu attestado de nascimento escripto nos seus restos fosseis, como tambem a sua certidão de idade, isto é, a época relativa em que fizeram o seu apparecimento neste planeta. Entre nós o unico facto paleontologico importante,

esse mesmo concernente á antropologia, foi a descoberta de ossadas humanas e de animaes, cujas especies já estão extinctas, nas cavernas da Lagoa Santa, por Lund, em 1844.

Na America do Norte, Nadaillac, paleontologista cuja notoriedade é consideravel, descobriu ha poucos annos, signaes de pégadas humanas numa camada de calcareo em Carson, capital do estado de Nevada, na União Americana. Nas escavações feitas, acham-se implantadas na argilla fosseis vegetaes e esqueletos de mastodonte. Não sei si esses fosseis foram classificados; a determinação da sua familia daria talvez mais uma palavra para o diccionario da patria das plantas cultivadas. E esta determinação devia interessar particularmente á grande Republica norte-americana; pois, em relação a origem dos vegetaes cultivados utilizados pelo homem como alimento, só se sabe que existiram nas primitivas éras as *Lagenarias* e os *Topinambours*, [1] coisa que De Candolle acha singular e eu tambem. Para as terras brazileiras, ante cuja fertilidade pasmaram os A. Saint-Hilaire, Figuier, Martius e tantos outros sabios que as percorreram, afim de saciarem a sua sêde de naturalistas, attraidos pelo iman dos nossos esplendores naturaes, tão prodiga e generosa foi a força creadora, que vegetaes existem como fontes de riquezas consideraveis, sem que para isso quasi seja preciso cultival-os, com aquelle labor insano e fadigas atrozes que na Europa exigem os trabalhos agricolas. Algumas plantas muito lucrativas basta deixal-as crescer a revelia, no estado selvagem, soltas a belprazer das intemperies, vagabundas á beira dos caudalosos rios, embrenhadas nos bosques virgens ou derramadas nas infindas planicies, que vão confundir-se com a linha do horizonte.

Assim tem vivido o mate, [2] cujas folhas em infusão constituem as delicias dos perigrinos nos pampas do sul, durante os lazeres da jornada.

Quasi da mesma fórma vive tambem o cacáozeiro. [3] Só ultimamente é que alguns cuidados de cultivo são-lhe consagrados no

---

[1] A *Lagenaria vulgaris* pertence á familia das cucurbitaceas. No Brazil cresce espontanea desde o tempo de Pison, ha dois seculos.

O topinambour, *helianthus, tuberosus* (Synanthereas), tem o nome vulgar de batata-tupinambá, é muito nutritiva.

[2] *Ilex Paraguayensis*, da Familia das *Ilicineas*.

[3] *Theobroma cacão* — (Bittneriaceas). Além desta especie, existem muitas outras, que vegetam nas Guyanas, Colombia, Antilhas, Mexico, Guatemala, etc.

baixo Amazonas, onde é objecto de uma vastissima exportação dos estados do Pará e Amazonas, commercio este de que devemos ter orgulho; não ha hoje recanto do globo que não aprecie esta bebida feita com o cacáo, chocolate, que o velho mundo deve á joven America. A patria do cacáozeiro é a magnifica região banhada por aquelle famoso Amazonas, o oceano de agua doce onde rola a estrepitosa pororóca, tão varonilmente cantada por Gonçalves de Magalhães, no seu bello poema — *A Confederação dos Tamoyos.*

A' margem desse rio e do Orenoco, desenrolam-se por leguas e leguas cerradas florestas daquella arvore abençoada. Quando os conquistadores hespanhoes penetraram no Mexico em 1520, encontraram amplas superficies cobertas dessas florestas, que datavam de épocas immemoriaes.

Os mexicanos julgavam que esta planta tivesse uma origem divina e dedicavam-lhe um culto externo, acompanhado de apparatoso ritual, sobretudo durante a colheita dos frutos; os quaes serviam não só de moeda corrente, como tambem misturados com agua e mel era a bebida predilecta dos magnatas da terra. D'ahi é que veiu o uso do chocolate, [1] que aos imperadores do Mexico era servido em taças de ouro, com principesco ceremonial.

A arvore do mate, chama-se *la yerba*, nas republicas do Prata, com a sua virente folhagem sempre luzida, é originaria da America do Sul, especialmente do Brazil, Argentina e Paraguay. E' mais um presente valioso legado pelo nosso continente para gozo e conforto de numerosas populações. Succedaneo do chá e do café, o mate é usado em larga escala em toda a America Meridional. Recommenda-se por suas virtudes, tonica, diuretica e alimentar. Nas cellulas das suas folhas lá está diffundida a cafeina, esse alimento de poupança que tambem o chá e o café encerram. O mate cresce selvatico por estensões immensas, entre os graus 24 e 32 latitude Sul, conforme Martius.

No Estado do Paraná, diz Macedo Soares [2] apenas se transpõe a serra do Mar, começam os hervaes a apparecer: «e de

[1] A palavra chocolate é mexicana. Cacáozeiro vem de Cacaoquahuitl, vocabulo tambem mexicano. Foi Linneo quem deu ao genero o nome Theobroma, de duas palavras gregas que significam *manjar dos deuses*. Foi um acto de justiça.

[2] *Revista Agricola do Instituto Fluminense de Agricultura*, n. 4. dezembro, 1875.

envolta com os vastissimos pinhaes, dão uma physionomia especial á flora de todo o planalto de Corityba. Mas é principalmente nas margens fertilissimas do Iguassú que crescem os melhores hervaes.» Em 1849, o sabio viajante Bompland descobriu uma vasta floresta de mate, inteiramente virgem, ao sul da Cruz Alta, no territorio das missões brazileiras.

O mate é um rebelde incorrigivel, vaga nas selvas como se fosse um tupi vegetal, nasce sem plantio, cresce e esgalha vigorosos ramos sem cultivo; e prodigo filho desta natureza perdularia, dá sem esforço de quatro em quatro annos ao homem, folhas garridas e risonhas no seu verde parenchyma, embebidas dos succos preciosos e promptas para serem colhidas, seccas e pulverizadas. Em vão se tem querido plantar e submetter o mate á cultura. Esta desinteressada planta, ufana da sua independencia e das brisas democraticas que respiram nas campinas e planaltos das republicas sul-americanas, protesta... e não cresce nem de semente, nem de estaca, nem por transplantações de muda. E' o que se póde chamar um vegetal anarchista, um Tolstoi das matas sul-americanas.

A juizo do sabio Martius, foi a tribu dos Guaranys que ensinou aos missionarios hespanhóes no Paraguay o emprego da herva mate, que elles denominavam *caá*. Diaz Gusman, autor da *Historia Argentina*, diz-nos que os indios que seguiam o governador paraguayo Arias de Saavedra, faziam uso da infusão daquella planta e carregavam ás costas saccos de mate. O que é facto é que já em 1592, essa infusão era saboreada em grande parte da America meridional. Os padres jesuitas fizeram grande propaganda em favor do mate, organizaram o serviço dos hervaes e obtiveram do seu governo um privilegio que durou até 1774.

Por associação de idéas vem ao caso falarmos do chá chinez.[1] A arvore do chá tem de altura 9 a 10 metros. A sua origem é antiquissima. E' cultivada desde éras desconhecidas na India, na China, e no Japão, sua terra natal.

Sobre esta bella e util planta narra-se uma lenda, cujo sabor é todo oriental. Era uma vez na India um principe chamado Darmal.

---

[1] *Thea chinensis*, familia das Ternstrœmiaceas. Ha botanicos que a collocam na familia das Chamelliaceas ou Theaceas, separado da familia primeira citada. A palavra chá vem do chinez Tsjá.

Desgostos profundos levaram-no a viver na mais desolada solidão, dentro de um jardim encantado e ali se entregava a uma meditação constante, e uma melancolia infinda. As noites passava-as elle em vigilia. O sol rompia rubro no horizonte e o encontrava sempre alerta, triste e submerso no seu fixo pensar. Uma noite, porém, sentiu tanta fadiga que o somno pesou-lhe invencivel sobre as palpebras arroxeadas e caiu em longa e solta somnolencia. Ao despertar, o seu desespero era indescriptivel. Irritado por haver violado o seu voto, arrancou as suas proprias palpebras e atirou-as violentamente ao chão. As palpebras do principe apegaram-se ao solo, crearam raizes, os cilios transformaram-se em folhas, as lagrimas que os humedeciam serviram de orvalho salutar, a planta cresceu e desta arte em ovidiana metamorphose, appareceu pela primeira vez o formoso arvoredo, com que se prepara a estimulante bebida, que dá tom aos saráus servida em taças de fina porcelana.

No Brazil, a planta do chá cresce com uma espontaneidade admiravel, sobretudo nos estados de S. Paulo, Rio, Minas Geraes e Paraná, e houve outr'ora muitos ensaios animadores da sua cultura entre nós.

Em 1812, como nos conta o distincto botanico Barbosa Rodrigues, na sua importante obra *Hortus Fluminenses*, Bottado de Almeida, sob insistentes pedidos do chefe de divisão Luiz de Abreu, enviou de Macáo para o Rio de Janeiro, as primeiras sementes de chá, variedade verde. Depois de 1814, anno em que chegou aqui uma colonia chineza destinada a cultura do chá, desenvolveu-se esta com tal facilidade no nosso Jardim Botanico, que as vendas se faziam já por atacado. Mas desde 1837, a cultura entrou em decadencia e está hoje de todo abandonada.

Faltou-lhe com certeza um bom patronato. As plantas precisam de padrinho como os homens, si quizerem fazer carreira. Na França o chá teve por toda a parte aceitação por causa da poderosa apresentação do chanceller de Séguier, no reinado de Luiz XIV, e foi a infanta Maria Thereza, mulher deste, quem poz na moda o chocolate.

Outro exemplo do quanto vale uma protecção efficaz, temos na impropriamente chamada — *batata ingleza*. [1]

---

[1] *Solanum tuberosum*. Familia das *Solanaceas*.

Esta planta é originaria das terras montanhosas do Chile e do [illegible] onde é empregada como alimento desde os tempos heroicos. [illegible] dos cereaes, não se conhece planta mais util. E' o pão [illegible] pobres e a ambrosia dos ricos. *Optimum benigni Numinis donum, [illegible] diviti, pauperi panis,* eis como a define Endlicher. Do Mexico ella foi levada para a Europa no seculo XVI. Hoje é muito cultivada no Brazil e em todas as partes do mundo. « Ella desce das montanhas situadas sob o Equador, pondera A. Humboldt, adianta-se para o pólo e resiste mais do que as gramineas a todos os gelos do Norte. »

Esta conformidade com tão varios climas, pouco commum entre os vegetaes, facilitou-lhe sobremodo a generalização. Porém quanto não custou-lhe a adopção universal? Quantos preconceitos não foi preciso superar?!

Filha de uma familia suspeita, a das Solanaceas, tendo por irmans arvores de sombrio aspecto e perigosos succos, hervas traidoras que escondem a morte nos seus frutos amargos, como o scelerado esconde o punhal nas dobras do gibão, ella foi recebida com desconfiança e temores, quando no principio da revolução franceza de 89, Parmentier empreendeu introduzil-a como materia alimentar.

O pobre tuberculo subterraneo foi alvo das mais nefandas calumnias. Até de produzir a lepra o accusaram! Luiz XVI, que passava por amar o povo, comquanto o povo não o tivesse pago na mesma moeda, porque fel-o experimentar o frio cutello da guilhotina, veiu em auxilio de Parmentier. Um dia deu aos grandes da côrte um lauto banquete em que as batatas faziam parte de todas as iguarias; e não satisfeito de empanturrar desta sorte a si e aos convivas, de noite foi ao theatro com a rainha, levando esta um bem acabado *bouquet* de flôres de batata. Desde então a farinhenta solanacea subiu ao galarim da fortuna, onde ainda agora se conserva.

Na bella familia das Euphorbiaceas, existe um vegetal cuja raiz alimentar é largamente empregada na America; é a mandioca, [1] proveniente das regiões tropicaes do novo continente. No Brazil faziam della os indios grande consumo, e fabricavam por fermentação bebidas alcoolicas com que se embriagavam durante as festas religiosas ou os sacrificios humanos.

---

[1] *Jatropha Manihot. Manihot utilissima.*

Nunca pararia a nossa pena, si quizesse relatar todos os vegetaes cultivados e cultivaveis, naturaes da America do Sul. Na botanica geral do Dr. Caminhoá, só entre vegetaes que dão madeira para construcção contei 342 especies differentes! Ahi figuram o páu setim, jequitibá, peroba, ipê, jacarandá, vinhatico, páu rosa, oiticica, angelim, canella, Gonçalo Alves, paricá, páu ferro e uma multidão de arvores possantes, cujos lenhos consistentes e cheios de encanto quando trabalhados, causam admiração aos artistas.[1]

Assim fossem aproveitadas tantas riquezas naturaes. Nós não temos ainda systema florestal e não têm sido imitados os ensaios realizados com tão bom exito nas montanhas do Bico do Papagaio e do Pico da Tijuca, proximos a esta capital. Muito mais de 50.000 arvores crescem pujantes nessas florestas, felizmente poupadas ao machado do lenhador e ás devastadoras queimadas.

Infelizmente nos estados as nossas matas acham-se hoje quasi como nos tempos primitivos, em que os indios tupis vagavam por entre ellas, de arco e flecha, á caça das aves e dos quadrupedes necessarios á sua subsistencia, levando comsigo as suas mulheres com a rêde ao hombro, o petiguá as costas, a cumbuca aos flancos e o filho pequeno numa tipoia ás ancas.

O homem civilizado não vive só de comer e beber, elle tem tambem necessidade de vestir-se, e para esse fim utiliza productos textis, vegetaes ou animaes, com que tece as suas roupas.

O algodão presta neste particular serviços inestimaveis.[2] A especie *arboreum* foi encontrada no Brazil por occasião da sua descoberta e os indigenas della faziam uso. Informa-nos Varnhagen, na sua *Historia geral do Brazil*, que as donzellas indigenas do nosso paiz apertavam as pernas, abaixo dos joelhos, com umas ligas vermelhas de algodão, a que chamavam *tapacurá*.

A especie *herbaceum*, que segundo Schumann seria uma variedade da especie precedente, é originaria da India, donde foi transportada para a Europa no começo da éra christan pelos Arabes. Era em pannos de algodão que os Makos do Perú enrolavam as suas

---

[1] No Museu Nacional desta cidade existe uma variada collecção das nossas madeiras.

[2] *Gossypium herbaceum* (Malvaceas). A palavra algodão vem do arabe *cotum*, assim como *gossypium* vem de goz, que significa substancia leve.

mumias. Para Barbosa Rodrigues, o algodão devera ter sido trazido para o nosso continente pelos Tartaros Mongolicos.

Um producto notavel, que tem igualmente importancia extraordinaria no commercio, é o *cahuchú* ou borracha, [1] que constitue uma das rendas mais avultadas do estado do Pará. A borracha póde ser fornecida por especies pertencentes a varias familias,[2] oriundas da Guyana, do Senegal, de Madagascar, do Brazil, da Cochinchina, etc.

Passemos agora a falar de uma trindade vegetal, que representa papel preponderante na nossa producção.

São a canna de assucar, o tabaco ou fumo e o café.[3] E' a familia das Gramineas, a mais util ao homem, essa familia a quem devemos os cereaes que douram os campos e as alfombras de relva que amenizam os prados, quem nos fornece a canna de assucar, rival industrial da beterraba. O seu torrão natal é a India, d'ahi passou a naturalizar-se em todos os paizes quentes, sobretudo nas zonas tropicaes da America, nas Antilhas, e até na Nova Caledonia, onde, segundo Corre e Lejanne, se cultivam mais de 50 variedades desta planta. Os principaes typos se reduzem a tres: a canna crioula, a de Batavia e a de Taïti. O assucar era primitivamente considerado remedio e como tal só vendido nas pharmacias. Os chinezes o empregavam desde a mais alta antiguidade, mas na Europa só foi conhecido no tempo das guerras de Alexandre. Emfim, no tempo das Cruzadas tornou-se um artigo de commercio nas mãos dos venezianos, e nos seculos XIV e XV começou a canna de assucar a ser cultivada nas ilhas Canarias, S. Thomé e em Guiné.

O tabaco é americano. Elle existe no estado selvagem no Mexico, na peninsula de Yucatan, na ilha do Tabago, uma das pequenas Antilhas inglezas. Na opinião de Caminhoá, a *nicotiana tabacum* é nativa do Brazil.

« Foi no fim do seculo XV, diz Endlicher, em 1492, que os ousados navegantes, conduzidos por Christovão Colombo, tocaram

---

[1] O vocabulo *cahuchú* é de origem indigena. Elle designa o succo leitoso, que escorre da casca de muitas arvores quando cortadas por incisão.

[2] Taes são a *Hevea guyanensis* (Euphorbiaceas); *ficus elastica*, *ficus religiosa*, (Artocarpias); *Hancornia speciosa*, do Brazil, (Apocynaceas); etc.

[3] *Saccharum officinarum* (Gramineas), é a canna; *Nicotiana tabacum* (Solaneas), é o tabaco; *Coffea arabica* (Rubiaceas) é o café. A palavra *Nicotiana* vem do nome do embaixador francez em Hespanha, Nicot, que fez offerta do tabaco que recebera á Catharina de Medicis.

primeiro na America, pela ilha de Cuba, e viram os pobres selvagens entregarem-se á pratica de fumar, o que lhes pareceu da mais alta extravagancia. » Elles serviam-se de folhas de fumo seccas, enroladas sob a fórma de pequenos cylindros: outros aspiravam em canudos o fumo collocado em um pequeno reservatorio de barro. Eis-ahi a origem do charuto e do cachimbo. Tambem muitos introduziam aos punhados pó de tabaco nas fossas nazaes; eis a origem das pitadas de rapé. Finalmente, havia selvagens que preferiam mascar o fumo, o mais repugnante de todos os processos.

Todas as tribus indigenas da America usavam do tabaco. « A amizade dos indios do Brazil, escreveu Soares, se manifestava por meio da offerta de tabaco, gentileza que os civilizados copiaram dos barbaros. »

O primeiro inglez que fumou no seu paiz foi o almirante Sir Walter Raleigh. Conta-se a este respeito uma anecdota interessante. Estava elle a saborear um cachimbo repleto de bello fumo da Virginia, quando o seu camareiro, que não conhecia ainda o uso de fumar, vendo sair muita fumaça da boca e do nariz do seu amo, pensou que elle tinha pegado fogo por dentro e atirou-lhe sobre a cabeça um balde d'agua para apagar o incendio.

Entretanto, a generalização do habito de fumar fez-se á custa de muitas lutas e resistencias; e o tempo tem dado razão áquelles que procuraram impedir o abuso de uma planta que contém um dos mais violentos venenos, a nicotina, da qual uma só gotta basta para matar instantaneamente um cão de porte medio. Em vão os papas, como Urbano VIII, profligaram em suas bullas a propagação do tabaco. Em vão Jacques I, o douto e elegante monarcha da Inglaterra, escreveu em 1604 um opusculo sobre os males causados por aquella planta perigosa. A sugestão era geral, igual á do alcool, igual á do jogo, igual á da libertinagem! Não havia repressão possivel.

Houve um sultão e um shah da Persia, que mandaram cortar a ponta do nariz ás pessoas que fossem encontradas tomando rapé. Foi ainda peior. Começou a prostituição clandestina dos narizes. Nobres, padres, frades e mulheres da alta aristocracia, fumavam e tomavam pitadas e para mais commodidade inventaram a moda das luvas sem dedos. Até os poetas, que dizem acender-se-lhes o estro por meio da combustão do charuto, dedilharam a lyra em honra do

deus tabaco ; entre elles Thomaz Corneille, que aqui entre nós não possuia o condão do Pedro, seu irmão. São delle estes versos, que começam mal :

Il purge, réjouit, conforte le cerveau,
De toute noire humeur promptement le délivre,
Et qui vit sans tabac est indigne de vivre.

As espiraes do fumo de um charuto e alguns goles intercalados de uma chicara de café, passam por ter inspirado muitos cerebros na concepção de grandes obras. Do café escreveu Delille, exaltando as suas virtudes como bebida intellectual :

Et je crois du génie éprouvant le réveil
Boire dans chaque goutte un rayon du soleil,

O cafezeiro [1] tem por berço a Abyssinia e passou no seculo XV para Arabia e mais tarde para o Egypto, a Batavia e Amsterdam. Só em 1714, foi que a França conheceu o cafezeiro, que os magistrados hollandezes mandaram de presente a Luiz XV. Os primeiros lugares da America, em que se cultivou este arbusto, foram Surinam e a ilha Bourbon (em 1718). Na Martinica foi introduzido em 1720. Quem para ahi o levou foi Déclieux, official de marinha francez, por ordem de Luiz XV, um dos poucos serviços prestados por este rei indifferente, fatal á França. Conta-se a este respeito uma historia que enternece: Déclieux levou comsigo tres mudas de cafeeiro para a Martinica. A viagem foi longa e tempestuosa. Por fim até agua de beber faltava ; de sorte que o enviado francez viu-se impossibilitado de regar as suas queridas plantinhas. Já dois pés de café tinham morrido enfezados e resequidos. O que fez o official ? Repartia com a unica plantinha que lhe restava a escassa ração de agua que recebia diariamente, prestando-lhe os mais dedicados carinhos, como si fosse um filho estremecido ; e assim conseguiu, provando o supplicio da sêde, fazer chegar são e salvo ao seu destino, o tenro pé de café, que bafejado pela quente aragem das Antilhas não tardou a prosperar, frutificando rapidamente.

Foi este martyr pé de café, este emigrado arabe hospedado no Jardim das Plantas de Paris, e transportado aos climas fagueiros da America, que serviu de progenitor aos milhares de milhões de cafezeiros, que cobrem actualmente, constituindo os maiores

---

[1] A palavra café é uma corruptela de Kaffa, provincia da Abyssinia.

pomares do mundo, os immensos territorios do Brazil, do Mexico, das Antilhas e das Guyanas.

Uma velha chronica attribue a descoberta das virtudes do café a uma scena disciplinar, em um convento esquecido como uma ermida nos desertos inaccessiveis da Arabia. Desta scena os crentes musulmanos fizeram uma lenda. Mollad, venerado entre os bons crentes, sentindo um dia pesar-lhe a anesthesia do somno sobre as palpebras, durante as suas meditações nocturnas, invocou Mahomet em seu auxilio. O profeta fez logo a sua apparição e disse-lhe que se entendesse com um certo pastor de cabras, que lhe daria uma beberagem feita com umas folhas, que tinham a propriedade de excitar aquelles animaes, que saltitavam e berravam de alegria toda a noite. O santo homem cumprio a ordem do profeta, e passava desde então as noites em continua vigilia, todo embebido nas suas contemplações extaticas.

Hoje as sementes do café torradas e infusas, constituem uma bebida universal ; e o Brazil é o principal fornecedor de todos os mercados, trafico colossal que é um manancial inexgotavel de renda para a nossa patria. O café é para o Brazil o mesmo que o trigo é para os paizes europeus. E foi o braço escravo quem espalhou esses pomares sem fim pelas encostas das serras, de onde assistiram ás scenas crueis do eito e ás duras pragas da maldição de uma raça, emquanto os frutos côr de cereja do arbusto innocente avermelhavam o mesmo chão em que o sangue do escravo escorria ao estalar do azorrague !

Desviemos os olhos desse espectaculo tyranno e feroz...

A liberdade estendeu já o seu manto da redempção e novos sóes illuminam os campos em que outr'ora negrejavam as nuvens da servidão. Ali surgem em anarchico desalinho festivaes arvoredos frutiferos, vagando como nymphas em liberdade por valles e campinas, uns altos e copados, espalhando sombras, outros esgalhados e verdejantes, rastejando as flores e abraçando-se aos cipós e trepadeiras em amorosas expansões.

Pelas restingas anda a bella pitangueira, legitima filha do Brazil [1] a offerecer os seus frutos côr de sangue ; e o moreno jambo [2] roça de vez em quando a sua tez macia sobre as folhas

[1] *Stenocalix Michelii* (Myrtaceas).
[2] *Jambosa vulgaris* (Myrtaceas). E' proveniente da India.

perfumosas da indigena, embalado pelo vento no palanquim dos seus ramos flexiveis.

As goiabeiras e araçazeiros, [1] entreviram-se, crusando os galhos desordenadamente como um bailado selvagem, ornados dos seus pomos saborosos, uns grandes como pêras, outros miudos, redondos ou ovaes, de côr citrina.

O cajueiro gentil [2] com os seus troncos retorcidos como columnas de altar, esparge de todos os lados a aromatica folhagem, como um tribuno que declamasse ás pompas da natureza que o rodeia; e os seus pedunculos succulentos coroados do barrete phrygio em fórma de castanha, symbolizaram desde épocas immemoriaes o advento da seiva republicana que hoje percorre os seus vasos. E ao lado, o bellicoso ananás [3] envolto na sua couraça escamosa, guardando no seu seio o sentimento generoso de todos os frutos, a fronte rude cingida do cocar gracioso de folhas curvas guarnecidas de pontas espinhosas, escuta attento as fallas da goiabeira e a conversa ciciosa das arvores do pomar.

Dir-se-ia uma tribu de Tamoyos, preparando uma conspiração e tramando uma guerra contra alguma invasão de emboábas. A coma espessa da mangueira, matrona asiatica, transplantada para o céu brazileiro, [4] que dá segundo a tradição asiatica, o fruto prohibido do Eden, attende solemne e derramando em derredor a frescura das suas brisas, a estes colloquios incomprehensiveis da Natureza, e como que tomada de susto materno deixa de vez em quando tombar sobre o tapete de folhas seccas que abriga, com estrepito estranho, o fruto cardiaco dependurado dos seus galhos, como um coração de mãi que palpita forte de vez em quando pelo destino dos seus filhos adorados.

E outras e outras plantas tão lindas, a carambola, [5] a fruteira de conde, [6] o abacateiro, que veiu de Cayenna, trasido por Luis

---

[1] Do genero Psidium (mesma familia). Ha varias especies. A goiaba é o *psidium pomiferum*, *psidium guayaba*, etc. São nativos do Brazil.

[2] *Anacardium occidentale*. (Terebinthaceas). Natural do Brazil e da America tropical.

[3] *Bromelia ananás*. (Bromeliaceas).

[4] A mangueira, *Mangifera indica*. (Terebinthaceas). A sua patria é a Asia meridional.

[5] Averrhoa Carambola. (Oxalideas). Foi importada da ilha de França.

[6] *Annona squammosa*. Foi tambem transplantada da ilha Bourbon.

de Abreu, junto com as turanjeiras e a fruta de pão, [1] o abio, o sapoti, a jaboticaba, a grumixama, o cambucá, [2] vivem e gozam juntos dos nossos ares e das nossas estrellas, em um connubio cosmopolita que toca as raias do mais desbragado anarchismo.

E ao longe... descortino uma legião de palmeiras, a burity flexuosa, a carnauba cerifera, o unctuoso côco de catarrho e a mucilaginosa baba de boi, a principesca Attaléa do Amazonas e a republicana piaçaba do Orenoco, todas com os seus leques em fórma de ramalhetes, abanando aos ventos que voltam numa tarde de calmaria, inclusive a palmeira real, a famosa *Oreodoxa oleracea*, vinda da ilha de França e plantada pelas proprias mãos do regente D. João, em 1809, como que para sellar a sonhada mas nunca realizada alliança entre a realeza e o povo.

Essas palmeiras todas nos acenam. O vento torna-se rijo. Ellas agitam as loucas ramagens, como que dizendo adeus. Têm razão. O passeio foi longo e fatigante para os meus leitores. Devemos repousar. Repousemos á sombra destas poeticas palmeiras.

DR. DOMINGOS FREIRE

---

[1] O abacate é a *Persia gratissima*, (Lauraceas). Segundo o Dr. Nicholson, a polpa do abacate seria aphrodisiaca. A laranja turanja é o *Citrus Pomum Adami*, (Aurantiaceas). A fruta de pão é a *Artocarpus incisa* (Artocarpadas). E' originaria das ilhas da Oceania. (Germain de Saint Pierre).

[2] O abio (*Achras* Carmito, Mart.) é da familia das Sapotaceas. Elle tem o Perú por patria e se acclimatou no Brazil. O sapoti (*Achras Sapota*), pertence á mesma familia e é oriundo das Antilhas, Guyanas e outras regiões da America. A jaboticabeira é a *Myrciaria cauliflora*, da estensa familia das Myrtaceas. A grumixameira é o *Stenocalyx* Brasiliensis, desta mesma familia, á qual tambem pertence o cambucá, (*Myrciaria plicatocostata*, Berg.), planta muito nossa do Rio de Janeiro.

MARTINS PENNA

IV

O estudo attento das obras do autor do *Noviço* foi propicio ensejo que tivemos para ainda uma vez meditar longamente sobre o caracter do povo brazileiro, suas qualidades e defeitos intrinsecos. A primeira coisa que fere os olhos do observador, phenomeno notado por muitos viajantes intelligentes, que não escapou a Burmeister, Saint Hilaire e Ramalho Ortigão, é a inconsideração e desrespeito de tudo e de todos, vasados nos moldes de uma maledicencia que poucas iguaes encontra entre todas as nações da terra actuaes ou extinctas.

Essa maledicencia avesada é que muita gente costuma hoje confundir com o pessimismo, depois que esta expressão penetrou na literatura pela repercussão do systema philosophico de Schopenhauer e Harttmann. Póde-se, então, dizer que existem entre as nações duas especies de pessimismo. Um é a consciencia da força e da coragem de lutar; sente-se chamado a grandes feitos, impellido a acção e começa por achar mau aquillo que o cerca, na esperança de fazer melhor. Foi este que inspirou os patriotas hebreus, aquelles terriveis tribunos que são chamados os prophetas; foi este que incendeu as cabeças e armou os braços dos chefes da plebe romana e falou pela boca dos Gracchos; foi este que gerou os martyres christãos que mataram a sociedade antiga e prepararam os

---

Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril e 1 de maio.

grandiosos factos da idade média; foi este que levantou povos sobre os destroços do imperio, abateu as aristocracias feudaes e alçou as communas victoriosas; foi este que sonhou e cantou na alma divina e illuminada do Dante e verberou na lingua dos Savanarolas, dos Giordanos Brunos, dos Lutheros; foi este, que, chegando até a achar errado o céu, corrigiu-o nos calculos de Copernico e Kepler, e, achando mesquinha a terra, dobrou-lhe o tamanho com as ousadias dos Colombos, dos Gamas, dos Magalhães; foi este que derruiu erros com a penna dos encyclopedistas e emancipou os povos com o grande fragor da revolução. Este é bom, é magnanimo, é santo. Mede a audacia pela generosidade, é um alvião de progresso; vibra a satyra apontando para o bem, para a gloria, para o porvir florescente e sublimado. Fala desassombrado, não gosta de vilanias, não intriga, não sabe mexiricar. Este quasi não o temos nós. Possuimos vastamente o outro; e este outro é cheio de curvaturas e zig-zags; é corrompido e impertinente. Tem consciencia, por apagada que seja, de sua impotencia; não tem planos a realizar, não se bate por idéas, não tem doutrina e as vilezas não o assustam. Gosta dellas. Tisna a tudo que encontra, e, desrespeitando a si mesmo, porque perdeu a estima de si proprio, a si mesmo macúla e fere. Para elle todos os padres são velhacos, todos os politicos são safados ou ladrões, todos os funccionarios são relaxados, todos os governos são despoticos ou corruptos. A historia é um montão de vicios, a sociedade um covil de hypocritas. E' a maledicencia incondicional, irreductivel, ossificada, acção reflexa da depravação social. Quando esse vicio generaliza-se num povo, quando os delle atacados constituem legião, a nação póde ter certeza que os fortes e nobres incentivos lhe irão minguando pouco a pouco, e ella terá que marcar passo, esterilizada pela fatal molestia. E' o caso do Brazil.

O despudor da chacota tem nivelado tudo numa só podridão indistincta. Falamos tão mal de tudo que é nosso, com tal insistencia e tal descaro, que já se não fazem mais selecções; vamos perdendo a noção das nossas melhores qualidades, e o desanimo tem sido o resultado da crença, da fé em nossa irremediavel condemnação, espalhada por esse prurido de maldizer. D'ahi a invasão da inercia nas almas boas e o redobramento da indignidade nas indoles más.

Esse deploravel vêso, porém, de dizer mal do Brazil e dos brazileiros, que dos nacionaes tem passado aos estranhos, que de nós

mesmos o têm aprendido, não é coisa de hoje; vem desde os mais remotos tempos da colonização.

Até espiritos superiores se deixaram affectar de tal séstro. Desde as cartas do padre José de Anchieta que dizia que a *terra era malinchonica e de maus ares*, do padre Nobrega que se queixava da *vida impura que levavam os povoadores*, e do padre Cardim que *achava mais luxo e vicios em Olinda do que em Lisboa*, no seculo XVI, até aos nossos dias, a vozeria tem vindo num crescendo constante e atroador. E' verdade que de quando em quando tem apparecido alguma reacção, mas sempre tambem imponderada e doentia, rolando num optimismo descabellado de assustar. E' o caso, por exemplo, de Rocha Pitta na celebre *Historia da America Portugueza*.

E como é indispensavel que acabemos duma vez com essas leviandades, em bem ou em mal, que nos hão acarretado tantos prejuizos, indicaremos, posto que rapidamente, nestas linhas, as diversas phases porque tem passado a maledicencia brazileira, para que se veja que é mal inveterado, cuja extirpação exige serio esforço.

No seculo XVI é bastante ler as cartas e annuas daquelles citados padres da Companhia, a que se podem ligar varios officios e papeis dos primeiros donatarios, como Duarte Coelho e outros.

No seculo XVII é sufficiente ler as poesias de Gregorio de Mattos e muitos dos escriptos do padre Vieira. Gregorio de Mattos, geralmente considerado a primeira intelligencia nacional do seculo XVII, quasi não fez outra coisa sinão dizer mal do Brazil. A satyra aos *Vicios* assim começa:

> « Eu sou aquelle que os passados annos
> Cantei na minha lyra maldizente
> Torpezas do Brazil, vicios e enganos. »

A' poesia intitulada *Reprovações*, em que dá conta da mania que nós aqui temos de censurar a tudo e a todos, põe por estrophe final esta:

> « E assim não póde viver
> *Neste Brazil infestado,*
> Segundo o que vos refiro
> *Quem não seja reprovado.* »

No *Romance*, em que narra as queixas da Bahia, lêm-se trechos assim :

« Sabei céu, sabei estrellas,
Escutai, flôres e lirios,
Montes, serras, peixes, aves,
Lua, sol, mortos e vivos,
Que não ha, nem póde haver,
Desde o Sul ao Norte frio,
Cidade com mais maldades,
Nem provincia com mais vicios,
Do que sou eu, porque em mim
Recopilados e unidos
Estão juntos quantos têm
Mundos e reinos distinctos. »

Os versos intitulados *A gente da Bahia* são ainda mais significativos, porque revelam dóse mais forte da atrabilis do poeta. Ouçam estes preludios :

« Não sei porque é nascer
Neste Brazil impestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.
Terra tão grosseira e crassa,
Que a imagem se tem respeito,
Salvo si mostra algum geito
De ser mulato.
Aqui o cão arranha o gato,
Não por ser mais valentão,
Sinão porque sempre a um cão
Outros acodem... »

Seria enfadonho e levar-nos-ia longe o citar tudo que o famoso satyrico bahiano disse em desabono desta terra. Em tal sentido são caracteristicos os *Milagres do Brazil*, cuja primeira estrophe transcrevemos, como amostra do resto :

« Um branco muito encolhido,
Um mulato muito ousado,
Um branco todo coitado,
Um canaz todo atrevido ;
O saber muito abatido,
A ignorancia e ignorante
Muito ufana e mui farfante,
Sem pena ou contradicção ;
Milagres do Brazil são.

Não é possivel ser mais ferino ; e o peior é que pelos versos do poeta se conhece que seus contemporaneos eram tanto ou mais viciados do que elle no defeito de malsinar.

O padre Vieira, que tinha em alta conta as satyras de Mattos, foi tambem um formidavel falador contra o Brazil. Em passagens varias das cartas, sermões e escriptos politicos elle desabafara contra os homens e coisas da colonia. Basta-nos lembrar dois pequenos trechos do papel intitulado *Resposta aos capitulos do procurador do Maranhão*. O padre enumerava as causas da penuria daquelle Estado e o que delle dizia applicava por certo ao Brazil todo: « A primeira causa de todas as oppressões, trabalhos e miserias que padecem os moradores são os peccados do dito Estado, e as injustiças e tyrannias com que desde seu principio foi conquistado e fundado contra todas as leis de Deus, da igreja, da razão e ainda da natureza. E como os alicerces se assentaram sobre sangue, e com sangue se foi amassando e ligando sempre o edificio, força é que as pedras e parte delle, que são os moradores, ainda que mais meios tenham de sua conservação e augmento nem se conservem, nem cresçam, antes todo o mesmo Estado se desfaça e padeça e arruine. » Seguem-se as outras causas, e todas, incluindo a já citada, são nove: a crueza e tyrannia com que se fundou a colonia, a natureza da terra que se esteriliza depressa, o mal passar oriundo da pessima alimentação, a qualidade da gente que povoou a terra, a multidão de conventos e religiosos, as mudanças das moedas e de seu valor, a preguiça e o luxo dos moradores, as prepotencias e ladroeiras dos governadores, a fraqueza dos indios que os tornava incapazes em pouco tempo de serviço. Eis como desenvolveu a setima: « ... sejam alguns vicios mais particulares daquelle Estado, entre os quaes têm grande lugar a ociosidade e preguiça, que como lhe chamou o sabio, é mãi da pobreza e necessidade, a qual necessidade dos moradores do Maranhão, que dantes se costumava contentar com muito pouco na casa e no vestido, depois que foi crescendo a policia naquelle Estado se poz em tal extremo, principalmente no Pará, que já as mulheres não queriam vestir sinão telas e bordados; e em outras coisas se viam excessos, para a limitação da terra, mui similhantes a estes. E comtudo ainda se tem por vicio mais destruidor das familias o excesso e demasia com que se foi introduzindo o uso da aguardente, da qual se foram fabricando muitos engenhos ou molinetes em toda a parte, e se gasta toda com tanta pressa, que ordinariamente está comprada de antemão, e vendendo-se sempre, nunca jámais a ha de venda; e só na cidade do Pará, com ser tão pequena, se tem

achado por conta, que se gasta todos os annos mais de quinze mil cruzados de aguardente da terra, não entrando neste computo a que vai deste reino. » Evidentemente, sobretudo nos escriptos de homens sérios, como Anchieta, Nobrega e Vieira, ha muitas observações exactas, muitas verdades amargas, porém legitimas. E elles tinham o direito de as formular até com rigor, porque foram grandes educadores do povo. Nem lhes contestamos tal direito, que reconhecemos espontaneamente. O que queremos é mostrar que até espiritos tão lucidos e tão selectos, alliados a caracteres de tão rija tempera no officio de doutrinar foram, muitas vezes, forçados ao emprego de expressões durissimas, e talvez mesmo tiveram momentos de exagero, e d'ahi inicia-se a formidavel cadeia do pernicioso pessimismo nacional. No seculo XVIII a coisa não se desmente e quem tiver paciencia de percorrer memorias e papeis officiaes do tempo se convencerá. Basta lembrar as mutuas descomposturas, com que se presenteavam os dois partidos de Pernambuco, que fizeram a famosa *guerra dos Mascates*, e as que entre si trocaram paulistas e mineiros nas suas prolongadas rivalidades, que começadas na obscura e ainda hoje pouco estudada *guerra dos Emboabas*, protrairam-se por todo o seculo. Documento, porém irrefragavel do phenomeno de que vimos tratando são as *Cartas Chilenas*, poema satyrico daquelle seculo. Não é só o governador de Minas e seus sequazes que são amarrados ao vilipendio das palavras duras; é a sociedade de Villa Rica inteira.

Eis aqui:

« Apenas, Dorothêo, a noite chega,
Ninguem andar já póde sem cautela
Nos sujos corredores de Palacio.
Uns batem com os peitos noutros peitos;
Outros quebram as testas noutras testas;
Qual leva um encontrão que o vira em roda:
E qual, por defender a cara, fura
Com os dedos que estende incautos olhos;
Aqui se quebra a porta e ninguem fala;
Ali range a cancella, e sôa a chave;
Este anda de mansinho; aquelle corre;
Um grita que o pisara; outro inquire
Quem é? a um velho que lhe não responde.
Não temas Dorothêo, que não é nada;
Não são ladrões que offendem, são donzellas
Que buscam aos devotos que costumam
Fazer, de quando em quando, a sua esmola...

Chegam-se assim as horas em que o somno,
Estende na cidade as negras azas
Em cima dos viventes espremendo
Viçosas dormideiras. Tudo fica
Em profundo silencio; só a casa,
A casa aonde habita o grande Chefe,
Parece, Dorothêo que vem abaixo...
Fugindo a moça que levanta a saia,
E voando nas pontas dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrindo os braços...
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz :—*eu pago, eu pago*!.. e de repente
Sobre a torpe michela atira o salto...
Oh ! dança venturosa ! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta,
Te honravam c'os marotos e bregeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios !
Ah ! tu, famoso Chefe, dás o exemplo.
Tu já batúcas escondido
Debaixo dos teus tectos, com a moça
Que furtou ao senhor o teu Riberio!.. »

Por mais desastrado que pudesse ter sido o governador Cunha Menezes, que é o heróe nestes versos e em todo o poema, está nelles irrecusavel o signal da desenvoltura de lingua, propria destas regiões.

Si o governador era prepotente e vicioso, não poderia ser a sociedade inteira de Villa-Rica, berço famoso da *Inconfidencia*. Entretanto, aqui está toda ella vilipendiada nesta scena de bachanal decantada ás doces margens do corrego que banha a capital sertaneja:

« A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de um ou seja de outro sexo.
Ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço,
A' torpe concubina offerta o braço ;
Ali mancebo ousado assiste e fala
A' simples filho que seus pais recatam.
A ligeira mulata em trages de homem
Dança o quente lundú e o vil batuque.
E aos cantos do passeio inda se fazem
Acções mais feias que a modestia occulta. »

As classes mais elevadas foram aqui em todos os tempos as mais maltratadas. Contra ellas, por uma especie de convenção tacita, desencadeia-se todo furor da satyra e da pilheria nacional. A população anda como dividida em grupos divergentes que se vilipendiam mutuamente. Todo representante do poder, todo o poder publico, em summa, para dizer a coisa como ella é, não se considera entre nós como uma natural selecção da historia e das lutas sociaes e politicas, a organica e espontanea personificação das forças vivas da nação e a que se deve respeito dentro da medida de seus esforços, de seus serviços. Ao contrario; compartilhou o individuo uma parcella qualquer da autoridade, razão é essa sufficiente para se lhe atirar toda a casta de baldões. Por esse modo já não ha mais escolha, não se fazem differenças e distincções entre os que procedem bem e os que procedem mal. E até os maus se aproveitam dessa geral cegueira da maledicencia, para se defenderem, allegando que *aqui é habito dizer mal de todos*, e protestam facilmente que são innocentes.

Mas prosigamos em nossa ingrata jornada através dos tempos. Ainda no seculo XVIII vemos poetas do valor de Claudio Manoel, grande lyrico e patriota de boa seiva, desdenhar de sua terra em palavras que não deixam de ser exageradas por sairem de uma alma tão naturalmente meiga. São delle estes dizeres: « Não permittiu o céu que alguns influxos, que devi as aguas do Mondego se prosperassem por muito tempo, e, destinado a buscar a patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grosseria dos seus genios, que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ocio e sepultar-me na ignorancia! Não são estas as venturosas praias da Arcadia, onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente destes ribeiros, primeiro que inspire as idéas de um poeta deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que tem pervertido as côres! A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me faz entorpecer o engenho dentro de meu berço.» Este trecho não comporta por certo, as illações que alguns precipitadamente têm querido delle tirar contra o nacionalismo da poesia de Claudio.

Mas é innegavelmente algum tanto exagerado. E' mister, entretanto, confessar que o seculo XVIII, sob o ponto de vista da diffamação de tudo que é nosso, foi mais comedido que os dois que o antecederam e o que se lhe seguiu. Em nosso seculo, para ter

uma idéa do ponto a que attingira o mal, sufficiente é passar as vistas na imprensa diaria e periodica, nomeadamente nos annos revolucionarios de 1817, 21, 22, 30, 31, 34, 36, 38, 40, 42, 44 e 48. As discussões jornalisticas de então metem medo. O mesmo se repetiu nos annos de evoluções partidarias como os de 1862 e 63, nos da guerra do Paraguay, da questão religiosa e da libertação do ventre captivo nomeadamente 1868, 70, 71, e, posteriormente na luta da emancipação geral da escravidão de 1879 a 88. O mesmo recentemente nas terriveis disputas provocadas pelo golpe de Estado de Deodoro, revolta da armada de 6 de setembro sob a direcção do almirante Custodio, e da revolução do Rio Grande do Sul sob a chefia de Gaspar Martins e Gumersindo Saraiva.

Não ha um só homem publico, dos mais conspicuos de que se possa orgulhar a nossa politica ou as nossas letras, de quem se não tenha dito e escripto as coisas mais horripilantes. Ordinariamente é este o predilecto assumpto das palestras semi-publicas dos bondes, dos trens, dos cafés, dos theatros e até das repartições do Estado.

Não é preciso recorrer ao depoimento dos jornaes, nem lembrar as conversações de todas as horas; a literatura, os livros dos poetas, dos publicistas, dos criticos, dos romancistas ahi andam e podem ser facilmente inquiridos.

O pacato poeta da *Urania* e da *Confederação dos Tamoyos*, que morreu diplomata e titulado em visconde de Araguaya, não se dedignou de enviar-nos, em 1836, de Pariz os seus *Suspiros Poeticos* com este recado: « Tu vais, oh livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Patria, onde a *trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições*; *onde tudo está gelado, excepto o egoismo*: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade. »

Era isto nos tão gabados tempos da Regencia e o vate fluminense falava do estrangeiro.

O livro foi saudado na *Revista Brazileira*, que se publicava em Pariz, por um amigo do poeta, o Sr. Salles Torres Homem, mas tarde senador e titulado visconde de Inhomirim, um homem, cujo talento foi sempre altamente e justamente elogiado, num artigo, onde se lêm estas palavras terriveis: « Apezar de tudo, cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas

o nome do autor dos *Suspiros Poeticos*. Dizemos apezar de tudo, porque nós outros brazileiros não podemos soffrer reputações ; nosso orgulho é em extremo susceptivel ; elle desconfia dos menores successos ; um nome pronunciado tres vezes nos importuna e irrita. O Brazil não está hoje para as letras e as sciencias. Entre nós quantos talentos passam incognitos na vida, como esses rios sem nome nas suas solidões ! A nossa mocidade tão bella e esperançosa, por falta de direcção, de carreira e de espirito publico, esgarra-se em falsos caminhos, ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens que dirigem os destinos do Brazil, sem comprehender as condições de sua missão, *parecem ter dado as mãos a todas as influencias do mal, para aggravar o estado da triste época em que vivemos.* Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas gazetas, que por mandado da sabia e liberal administração, o fogo fôra lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da intelligencia e da civilização. Ao menos haveria nisso o merito de um systema de trevas logicamente combinado, e aquella belleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das furias. Onde estão esses illustres regeneradores, que um bello dia declararam á face do paiz que o homem nascera philosopho e que o estudo da sciencia e das letras era pura chimera ? Por detraz dos homens actuaes não estão escondidos outros homens ; o que hoje fere as vistas no Brazil não é uma excepção, é porém sim o estado geral das idéas, proveniente do scepticismo moral, *da indifferença para o bem e para o mal, da nullidade dos caracteres, estranhos a todos os nobres sentimentos e votados a um duro egoismo,* e alfim, da extincção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. Ha alguns annos, bem difficeis eram as circumstancias do Brazil e da sua mocidade, mas do proprio excesso dos males a esperança renascia ; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O actual estado pesa sem esperanças, como uma massa de ferro sobre todos os bons espiritos ; tanto é elle pouco unisono com as coisas que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada mocidade ! »

Parece coisa escripta hoje por algum publicista fogoso, propugnador da restauração do passado. E aquellas duras palavras se referiam aos tempos de Evaristo e Feijó, que o nosso romantismo politico tem por habito collocar entre as nuvens. Achamos que nem

tanto ao mar, nem tanto á terra. Nem as tristes previsões de Salles Torres Homem se verificaram, nem aquella quadra historica merece os imponderados elogios da publicistica de convenção.

Em identico estylo de critica cruel foi o *Libello do Povo*, devido á mesma penna illustre, treze annos mais tarde, em 1849. O mesmo tom imperou sempre nos pamphletos de Justiniano da Rocha, Firmino Silva, Landulpho Medrado, Francisco Lisboa e até nas elegantes *Cartas de Erasmo*, de Alencar, e nos artigos *A Egreja e o Estado*, assignados por *Ganganelli*, que era o chefe republicano Saldanha Marinho. Em todos estes escriptos ha paginas temerosas que nos escusamos de citar, por demasiado conhecidas. Apenas mais alguns documentos insuspeitos e dos mais antigos deste seculo, porque o nosso fim é mostrar que o exagero vem de longe e já a colonia e o imperio soffreram com elle. Em 1835 publicou-se em Niteroy um livro, hoje raro, intitulado—*Bosquejo Historico, politico e literario do Brazil*. Era anonymo; mas sabe-se bem que tinha por autor o famoso general, que havia sido um dos combatentes em prol da independencia da Columbia e Venezuela, sob ás ordens do illustre Bolivar, José Ignacio de Abreu e Lima. O livro destinava-se a refutar o projecto, apresentado á Camara dos Deputados, na sessão de 16 de maio daquelle anno pelo celebre A. F. França, reduzindo o governo do Brazil á fórma republicana. E' um trabalho curioso, que chegou-nos recentemente ás mãos, e onde o officio de achincalhar as coisas e os homens do Brazil tem uma de suas representações mais completas. No meio de muitas observações justas e bem feitas, ha verdadeiros *chingamentos*, como lhes chama o povo.

Abreu e Lima achava que este paiz não estava em 1835 preparado para a Republica, que era em seu pensar, um bello ideal politico, incompativel porém com a falta de *liberdade civil*, e tal era o nosso caso, por termos em nosso seio a *escravidão*, que, aliás, a seu ver, não poderiamos destruir sem arruinar toda a nossa vida economica. Faz então umas excursões sobre o Brazil physico, e ethnographico, moral e intellectual, que muitas vezes são completas verrinas. Aqui vão algumas amostras:

« E' acaso em um paiz onde os cidadãos resistem a todos os meios legaes de destruir o flagello da escravidão, onde as leis são inefficazes para minorar o mal que nos afflige, onde tudo conspira a perpetrar a miseria da nossa posição social, que se inculcam

principios de uma liberdade sem freio, de uma licença popular, de uma perfeita democracia?!... Que outro povo existe, que possa servir-nos de exemplo? Os Estados Unidos que apenas contam hoje 1/6 da sua população em captiveiro, ou qualquer das Republicas sul-americanas, cuja proporção é infinitamente menor? Os Estados Unidos, cujos 5/6 são perfeitamente homogeneos, sem mescla de classes distinctas com direito a reclamar, *sem americanos do § 4º* (o gripho é do autor), sem um mulato ou negro armado, sem inglezes nas camaras legislativas, *sem padres que invadam o dominio temporal* (o gripho é ainda do autor)? Que somos nós outros? O coração se nos parte ao concebermos a triste idéa de retratar-nos, porque emfim somos brazileiros; porém, resistindo a todas as affecções do amor proprio ferido, vamos a pintar-nos como somos: dissequemos a nossa população, e vejamos por dentro a sua contextura organica, as entranhas deste *monstro* (o gripho é ainda delle), que não pertence á especie alguma do mundo conhecido... A' primeira vista se observa que a nossa população se acha perfeitamente dividida em duas partes iguaes, isto é, *pessoas livres e pessoas escravas*, que de certo não apresentam grande afinidade. Todavia, feliz de nós si esta parte livre fosse homogenea e encerrasse condições de uma perfeita igualdade; longe disto, ella se subdivide em quatro familias distinctas, *e tão oppostas e inimigas umas das outras*, como as duas grandes secções entre si. Esta subdivisão é conhecida do modo seguinte: — *negros livres, mulatos livres, brancos natos* e *brancos adoptivos* —, sem contarmos com os *indios* (que ainda formam uma quinta familia) por ser uma classe inerte e de nenhum peso em politica. Que paiz no mundo apresenta um quadro tão informe? Revestidos de varios matizes representamos um verdadeiro prisma, que exposto aos raios do sol mostra as côres de um Iris espantoso, *Iris de guerra*, que em nada se parece com a Mensageira de Juno. Que somos todos inimigos e rivaes uns dos outros na proporção de nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para proval-o, basta só que cada um dos que lerem este papel, seja qual fôr a sua condição, metta a mão na sua consciencia e consulte os sentimentos de seu proprio coração. A nossa rivalidade com os *adoptivos* nasce de uma condição, que não é peculiar a nós outros unicamente; ella está na generalidade dos povos que foram Colonos, com respeito aos que foram Metropoles; uns porque não permittem superiores, os outros porque não

consentem iguaes. A mesma razão se dá com respeito aos *mulatos*; nós não admittimos a igualdade, por effeitos de habitos arraigados, talvez por nossa má educação; elles não toleram superioridade, porque são homens como nós, nascidos no mesmo sólo, *e filhos de nossos proprios pais*; embora a lei os nivele e assemelhe, o habito e as preoccupações inutilisam seus effeitos. Os *negros* ainda se acham em maior distancia pela sua condição, e pela idéa de que ainda se resentem da escravidão, que supportaram elles mesmos, ou seus progenitores, mas esta injusta opinião não basta para amortecer no coração de um negro a dignidade de seu ser, considerado como individuo da especie humana. São injustas na verdade todas estas preoccupações, são irritantes todas estas rivalidades; porém ellas existem, e contra factos não pode haver argumento. Qual seria pois a classe preponderante em um governo democratico, si chegassemos a ser tão mentecaptos que o admittissemos? Eis ahi ao que ninguem se atreveria responder sem cair em todos os inconvenientes de uma louca e temeraria presumpção... Logo que demos o primeiro passo para a independencia, nos julgamos desligados do resto do mundo, e muito superiores (não sabemos porque regra) aos nossos progenitores, aquelles mesmos que nos tinham legado todos os seus vicios sem nenhuma de suas virtudes. E' mister não alucinar-nos, si ainda queremos salvar-nos do naufragio que nos aguarda; é forçoso reconhecer o que somos, para não despedaçar-nos contra os escolhos que temos diante; somos portuguezes, porém já degenerados; e sem embargo, como ousamos lançar a barra mais longe que a França e que a Inglaterra nesse grande systema de convenção social, em que é preciso um todo perfeito e homogeneo para formal-o...? Logo que podemos conhecer pelo curso da revolução a nossa incapacidade para improvizar constituições, deviamos convencer-nos de que as nossas reformas deviam-se fazer com lentidão e com tino; porém quando cansados das oscillações politicas, que nos têm agitado, ainda pretendemos sair da nossa esphera para admittir *utopias* como realidades praticas, merecemos por certo a execração da posteridade e as maldições da presente geração ». [1]

Existem outros trechos em paginas subsequentes ainda mais vehementes; depois destes, são dispensaveis quaesquer outras

[1] Não esquecer que todos os griphos que se encontram nessa citação de trechos de Abreu e Lima são do proprio autor.

citações. Ha certa dose geral de verdade nas ponderações de Abreu e Lima: mas o exagero desenvolto da linguagem a desfigura, além de que suas prophecias de 1835 não se confirmaram. Elle não contou com certos factos politico-sociaes que vieram modificar o problema brazileiro sob o ponto de vista da população: a diminuição e reclusão cada vez maior do elemento indigena, a extincção completa do trafico africano, a libertação dos escravos, a corrente immigratoria européa cada vez mais abundante, o cruzamento cada vez mais intenso das raças, o augmento cada vez maior do mestiçamento, o apagamento, lento, mas progressivo das differenciações deste, já pelo grande afflux̂o de estrangeiros brancos, já pela natural tolerancia nacional, que fecha os olhos, quando as distancias não são muito claras, já pela curiosa destreza, com que os mestiços, que podem illudir, sabem inculcar-se nas classes superiores. O autor do *Socialismo* e das *Biblias falsificadas* não viu as coisas em sua radical exactidão. Nem foi para o refutar que o trasladamos para estas paginas, sinão para fazel-o depôr, como um nitido exemplar do pessimismo patrio nos primeiros decennios deste seculo. Desnecessario é citar outros nomes; bastante é lembrar que não houve politico de influencia, chefe de prestigio que, no parlamento ou fóra delle, não tivesse momentos de atirar frases cruas á face do paiz.

Até os maiores, como Bernardo de Vasconcellos, Paraná, Paula Souza, Olinda, Euzebio, Nabuco d'Araujo, Zacarias, Paranhos, Alves Branco, Abrantes, Uruguay, não recuaram diante do usual systema. Escusado é lembrar as diatribes de Silveira Martins e as descomposturas de Ferreira Vianna.

Nem o proprio Andrada, o velho, foi alheio á coisa, e, o que mais é, D. Pedro II, com todo o seu commedimento, disse uma vez a um nosso amigo, que lhe observava certas incorrecções de nossas coisas: « O senhor é ainda muito moço e inexperiente, não conhece certos factos; fique sabendo que tenho passado quarenta e tantos annos de reinado a desfazer batotas.» frase esta que ajusta-se perfeitamente á outra mais conhecida: « Gastei cincoenta annos a supportar maus governos! »

E' esta displicencia do espirito, este mau habito de tudo malsinar que devemos corrigir, si quizermos avançar desassombrados no caminho que conduz aos grandes feitos da historia. Este detestavel

falso pessimismo, ahi tão de casa, tão de todos os dias, passa quasi sem censuras e é estimado de muita gente. A critica severa das coisas da intelligencia, que é o grande e bom pessimismo, si tal nome se lhe póde applicar, esse nós o não quizemos nunca admittir; porque o brazileiro de certa classe tudo supporta, tudo admitte que delle se diga: que não tem moralidade, por exemplo, que é mau caracter; menos que não é muito intelligente, muito sabido, muito illustrado. E eis a razão pela qual num paiz, que ha quatrocentos annos vive a dizer mal de si proprio, o unico pessimista apontado a dedo temos sido nós.

E' que nós não fomos jamais amigos daquella maledicencia, que, ha quatro seculos, tisna aqui os homens; quizemos deslocar esse habito e occuparmo-nos dos nossos erros e peccados intellectuaes, estabelecendo a critica das idéas, o combate das doutrinas, exactamente como um meio de destruir a velha mania depreciante de nossa dignidade. Dando ás coisas e ás palavras seu verdadeiro significado, ha até impropriedade em chamar-nos de pessimistas; temos sido apenas criticos, tomando o conselho do immortal Kant, que, tratando da posição exacta da philosophia, dizia que ella não devia ser nem *sceptica*, nem *dogmatica* e sim *critica*. E esse conselho da philosophia deve passar ás outras manifestações do pensamento; em tudo temos procurado não ser dogmaticos ou scepticos e sim criticos. Em coisas politicas e sociaes o dogmatismo chama-se *optimismo* e o scepticismo *pessimismo*. Nessa propria esphera fugimos dos dois inimigos irreconciliaveis; não somos optimistas nem pessimistas, procuramos fazer a critica dos factos, das idéas e dos homens; somos observadores e confiantes, acreditamos que o paiz, deixando especialmente o maldito séstro de descrêr de tudo, poderá caminhar com passo mais ou menos firme.

E já não é de hoje que fazemos esta declaração; ha dez annos, na *introducção* que precede a *Historia da Literatura Brazileira*, escrevemos estas palavras: « Com relação á sua querida patria, o autor tem passado por tres phases diversas: a primeira foi a do *optimismo* da meninice e da verde juventude, idade em que toda a gente lê nos livros das classes a famosa descripção do Brazil em Rocha Pitta e acredita em tudo aquillo como numa dogmatica infallivel; a segunda foi a do *pessimismo* radical a que deu curso em seus primeiros livros, a terceira é a actual, a da *critica* imparcial, equidistante da

paixão pessimista e da paixão optimista, que nos têm feito andar ás tontas... Não, não é mais tempo de dizer que o Brazil e os brazileiros são o primeiro paiz e o primeiro povo do mundo, assombrosas patranhas em que nem mais as crianças acreditam; mas tambem não é mais tempo de declarar que o Brazil e os brazileiros são a vergonha e a lastima do mundo, peccaminoso brado de desalento que nem ao menos encontra mais os escravos para o repetir. Mais calma e mais confiança; é bom adiar as paixões e dar entrada á imparcialidade.» Palavras estas escriptas antes do advento da Republica e que ainda hoje traduzem exactamente nosso pensamento. Tivemos a felicidade de viver o bastante para atravessar essas tres phases, tres crises, não do pensamento propriamente dito, porque este tem sido fundamentalmente sempre o mesmo, e sim do temperamento, que tem tido a plasticidade precisa para não estalar no meio das furiosas lutas que hão agitado o Brazil desde o fim da guerra do Paraguay. A conclusão geral, pois, de nossos estudos sobre o povo brazileiro não é de desanimo e de desesperança; antes é de confiança. O paiz, porém, tem de lutar ainda muito contra grandes vicios e preconceitos, que jazem ahi ossificados nalma dos politicos, quer os que o dirigem, quer os que o agitam, quer os do governo, quer os que andam sempre em opposição. Quasi todos elles estão ainda no absoluto, quando o relativo é, deve ser a nossa lei. E' assim que acreditam ainda hoje:

1.º que os males humanos são completamente remediaveis;

2.º que o são, pondo em pratica as panacéas do radicalismo liberalizante que da revolução de 1789 e 1793 passou á democracia européa de 1830, 1848 e 1870;

3.º que ao Brazil quadram essas panacéas e não é mais do que applicar-lhe as fórmulas governamentaes, constitucionaes e legislativas daquellas gentes para estar tudo feito;

4.º que com gritaria e maledicencia de tudo e de todos se ha de conseguir o melhoramento da vida nacional.

Ora, nós acreditamos que a dôr e o soffrimento não abandonarão a historia, não deixarão nunca a politica; porque são as condições mesmas da vida e do progresso; que não andamos acertados em sonhar ainda hoje com o prestigio de velhas frases gastas, como *liberdade, igualdade, fraternidade, suffragio universal, soberania popular, governo do povo pelo povo, inerrancia das massas, pureza e*

autonomia municipal, e outros padre-nossos do rozario dos declamadores; que o Brazil não é precisamente a Europa ou os Estados-Unidos, para andar sempre na mania de dar aqui a centesima edição do que por lá se houver feito; que o systema de detractar tudo que é nosso amolenta as forças da nação, corrompe os bons estimulos e nos degrada.

E, já agora, aproveitamos a occasião para tirar ainda uma conclusão final de varias theses nossas, conclusão que, propositalmente, deixamos sempre suspensa pela natural verecundia de quem fala do povo a que pertence. Vai para muito perto de trinta annos que começamos a nos occupar com as gentes brazileiras, sua literatura, sua ethnographia, sua novellistica popular, seu *folk-lore*, sua politica, seus costumes, sua philosophia e descobrimos logo que não bastava dizer, com Martius, que era mister, na historia do Brazil, estudar o elemento europeu, o elemento indigena e o elemento africano; vimos que era preciso não parar ahi, era indispensavel ir adiante e affirmar que o brazileiro é o resultado daquelles factores, é o mestiço quer physico, quer moral. Mas nunca perguntamos si era isto uma vantagem ou uma desvantagem.

Respondemos agora : é uma desvantagem, e esta não provém, como suppunha Abreu e Lima, no trecho que citamos delle, da falta de *homogeneidade*. Esta, com ser um mal, não é o maior delles, nem é, ao menos com o andar dos tempos, irremediavel, quando não no todo, em grande parte. A grande desvantagem provém da *fraqueza* do producto, da *inferioridade* do resultado. A mistura das raças, o facto de mais serias consequencias para o futuro da humanidade, que se tem vindo operar no correr dos ultimos quatrocentos annos em mór escala do que se tinha dado nos quatro mil anteriores, é como o apagamento das classes, que se vem fazendo ha setecentos annos. Como a democracia é, talvez, uma coisa fatal e irremediavel, mas é em grande parte um mal.

Ganha-se em estensão, perde-se em elevação, em força selectora, em distincção e nobreza. Nós sabemos que nas tres grandes raças historicas dos mongolicos, aryanos e dos semitas deram-se varias misturas. Houve-as, no mundo mongolico, na China, no Japão, na Malasia, no Turkestão ; mas, ou foram de simples variedades da mesma raça entre si, o que absolutamente não alterava o grande e primitivo quadro ethnographico, ou, si houve immixtão de

elementos estranhos, estes foram inefficazes para desfigurar aquelle quadro. Sabemos que, no mundo semitico, entre Phenicios, Assyrios, Hebreus e Arabes — deu-se tambem o facto ; mas precisamente nas mesmas condições. Não se alterou nunca a fundamental physionomia daquellas gentes. Sabemos que, no mundo aryano, deu-se, até certo ponto, o facto ; mas foi sempre entre variedades da mesma grande familia. Celtas, italiotas, gregos, slavos, germanicos entre si, de modo a não se abastardarem aquellas gentes. E algum sangue espurio que ali penetrasse havia de ter sido tão pouco que não teve força para macular, *exempli gratia* a belleza tradicional dos habitantes da Hellade.

O mesmo aconteceu entre os povos americanos e até entre a negrada d'Africa e da Polynesia. Cruzaram, sem duvida, entre si as variedades das mesmas familias, sem quebrar o quadro primitivo.

Desta'arte, não vemos que tivesse sido por exemplo, um mal para a França a mistura que ali se tem operado de celtas, de gaulezes (admittimos a distincção entre estas duas familias) de romanos, de germanicos ; porque era fundamentalmente a mesma raça, posto que acreditemos que mais placida seria aquella nação sinão fôra o resultado de tantas misturas.

A mescla, porém, de raças totalmente distanciadas de côr, de grau de cultura, de psychologia, é o grande disparate dos modernos tempos, que enfraqueceria irremediavelmente a humanidade, si não ficasse sempre um reducto immesclado de gente superior. Si este reducto, que se acha, nos dias de hoje, principalmente na Europa, nos Estados-Unidos e na Australasia, tiver força para se manter illeso e conseguir o desapparecimento das gentes inferiores, como tem acontecido quasi completamente com os polynesios, os pelles-vermelhas e inteiramente, qual se deu com os selvagens de van Diemen, o abaixamento de nivel não será geral. O contrario hade ser em grande parte um desastre.

O Brazil é a região do globo onde o cruzamento das tres raças, que alguns chamam typicas, da humanidade se tem dado em escala maior. Negros, vermelhos e brancos se misturam e continuam a mesclar sem a minina ceremonia. Temos, segundo a frase de Quatrefages, maior variedade nos typos humanos do que nas especies de gatos que habitam em nossos telhados.

Os mestiços tomados em totalidade são fundamentalmente inferiores, como robustez, ao negro e ao branco, como intelligencia e caracter, ao branco, sem a menor duvida. E' perder tempo argumentar com excepções isoladas de mestiços muito intelligentes e integros. Além de que não são comparaveis aos grandes typos da raça branca, acresce que não chegam para desmentir a caracteristica geral de sua gente tomada em globo como variedade ethnica. São Domingos ahi está para mostrar a verdade. Si o Brazil não está hoje no mesmo estado de São Domingos não é devido só ao tamanho e riqueza da terra; é ao forte nucleo de gente branca no paiz nacional e estrangeira e a introducção constante deste factor pela immigração. A maior ou menor vitalidade de nosso povo, como agente historico, está na maior ou menor preponderancia dos elementos brancos na vasta fusão de sua população.

O Brazil colonial, num sentido generico, póde-se dizer que era um povo incipiente de mestiços governados por uma elite de brancos. As coisas não correram mal : a ordem e o progresso juxtapuzeram-se bem.

O Brazil imperial, nos primeiros trinta annos, emquanto andou empregando na governação o resto de gente valida que herdara da colonia, teve força e validez para quebrar todas as resistencias : era ainda um povo de mestiços em grande parte dirigido por uma elite de brancos. Mais tarde, quando a população cresceu, o mestiçamento augmentou, as naturaes tendencias da democracia manifestaram-se cada vez mais, nossas academias foram atirando no paiz as centenas de bachareis e doutores da raça cruzada, gradualmente se foram modificando as condições do governo e o paiz passou a ser o que hoje é : uma nação de mestiços, dirigida por homens da mesma origem. Num regimen de democracia, isto é, num regimen em que impera a maioria, tomaram elles a frente ; por que elles são a maioria. E como na geral desorganização, para a qual elles têm consideravelmente concorrido, a classe unica da nação que possuia ainda um simulacro de organização vinha a ser o exercito, era natural, era fatal que este tomasse conta dos destinos da patria.

E como as classes armadas são em sua maioria mestiçadas, quer isto dizer que incontestavelmente são elles, os mestiços, que estão dirigindo as linhas geraes da politica. Estão no seu meio e na sua época; a occasião é delles, e continuará ainda por muito tempo.

Só muito mais tarde, quando as populações brancas do sul, ajudadas por uma immigração constante, preponderarem inteiramente no paiz e refluindo para o norte e centro modificarem efficazmente as condições das gentes dessas zonas e alterarem a constituição do exercito, só então, e si tal hypothese se der, é que a vida brazileira tomará outro rhythmo.

Até lá muita agua terá que rolar pela cachoeira de Paulo Affonso e o Pão de Assucar será testemunha de muito acontecimento. Continuaremos a ser por muitas e muitas decadas, sinão centenas de annos, o que somos hoje, um povo de ordem secundaria, um producto hybrido da historia, que guardaremos nosso lugar si formos sensatos; e a primeira condição da sensatez é saber o que se é o o que se vale, para abrir mão de fantasias e pretenções desarrazoadas, que nos podem perder...

E aqui voltamo-nos para o nosso comediographo que em sua despretenciosa ingenuidade retratou muitos de nossos senões. Vimol-o nas relações mais geraes da sociedade; agora vamos aprecial-o nas coisas da familia e despedir-nos delle.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO. — Photographias stellares. Ar atmospherico. Variação da latitude. Expedição do Dr. Nansen. Aspecto do céu.

O observatorio de Harvard College, nos Estados-Unidos, mandou ha pouco ao do Rio de Janeiro duas photographias stellares, excepcionalmente admiraveis, e que foram obtidas com o equatorial photographico, construido por Alvan Clark, de Boston. Convém lembrar aqui que ha annos uma generosa americana Miss Bruce, grande amante da astronomia, deixou um legado de cerca de cem mil dollars destinado á acquisição de um instrumento especialmente destinado aos trabalhos astrophotographicos. O Sr. Edw. C. Pickering, o bem conhecido director do observatorio de Harvard College, mandou pois construir uma objectiva de 60 centimetros de diametro, tendo apenas 344 centimetros de distancia focal ou com $^{f}/_{5,8}$, para empregar a notação usada pelos photographos. Este astrophotographo é pois tres vezes mais luminoso do que os instrumentos similares usados no levantamento photographico da carta do céu.

Afim de evitar qualquer accidente que pudesse sobrevir no transporte, através do isthmo de Panamá, o instrumento foi enviado para Arequipa pelo estreito de Magalhães.

Os primeiros ensaios obtidos sob o céu de admiravel pureza de que gozam alguns pontos dos Andes, entre outros, a região que avizinha Arequipa, deram resultados inexperados como nitidez. Uma das photographias que temos á vista (imagem negativa), representa a celebre nebulosa de Eta do navio que pertence á bella constellação do nosso céu austral, onde existe a estrella variavel, talvez a mais interessante de toda a abobada celeste, estrella actualmente apenas visivel a olhos nús

e que ha cerca de meio seculo, apresentava o brilho de uma estrella de 1.ª grandeza, pouco inferior a Sirius.

Pois bem, a photographia, tendo 32 centimetros de lado, representa uma porção do céu de cinco graus quadrados de superficie, com a nebulosa no meio. O tempo de exposição necessario para photographar aquella região, em que se notam estrellas, como pontos apenas vizivéis com uma lente, e que não devem ser superiores a 18.ª grandeza, foi de *quatro horas*.

Durante este longo espaço de tempo, o instrumento, movido por um apparelho de relojoaria, acompanhou o movimento diurno da abobada, com uma precisão absolutamente mathematica. Tal era esta precisão que as menores estrellas apresentam-se sob o aspecto de pontos quasi imperceptiveis, perfeitamente redondos, e sem o menor vestigio de fórma alongada, ou rectilinea, o que seria o caso, si tivesse havido a menor differença entre o movimento do instrumento e o do céu. Tal é a condensação de estrellas nessa região que contam-se até 200 estrellas num quadrado de um centimetro de lado. Como a superficie total da photographia é de cerca de mil centimetros quadrados, e que podemos admittir que, na média, o numero de estrellas por centimetro quadrado não é inferior a *cem*, vê-se que nesta diminuta região do céu existem pelo menos 100.000 estrellas!

Facto digno de menção, e que já fôra assignalado pelo astronomo Barnard, nota-se nesta região, como aliás, na maior parte da via lactea, certa disposição geometrica das estrellas, em fórma de rozario, ou ajuntamentos á margem de regiões, quasi rectilineas, e desprovidas de estrellas.

***

E' sabido que a composição do ar atmospherico pouco varia com a altitude. Por occasião da ultima ascensão do *balão-sonda* o « Aerophilo », realizada a 18 de fevereiro ultimo, teve mais uma confirmação experimental deste facto.

O balão subiu até uma altura de 15.500 metros, em que a pressão atmospherica ficou reduzida apenas a $0^{m},14$ em lugar de $0^{m},76$, isto é, inferior a $\frac{1}{5}$ parte da pressão normal ao nivel do mar, descendo a temperatura a 66° abaixo de zero.

O balão era munido de um apparelho da invenção do Sr. Cailletet, destinado a colher um certo volume de ar no ponto mais elevado da ascensão. Analyzado pelo Sr. Muntz, o ar apresentou a seguinte composição.

	Vol.
Acido carbonico.....	0,00033

Expurgado desse gaz, o ar continha:

	Vol.
Oxygenio	20.79
Azoto	78.27
Argon	0.94

A relação do argon para a somma do azoto mais o argon era de 0,01185.

A composição apresenta, pois, uma ligeira differença de acido carbonico para *mais* (0,00033 em lugar de 0,00029) e do oxygenio para *menos* (20.79 em lugar de 20,96) que póde ser attribuida á alguma alteração do ar colhido, devido á substancia empregada para obter o fechamento da torneira do apparelho.

Ignoramos qual era a temperatura do ar ao nivel do solo, na occasião da experiencia. Admittindo, por hypothese, que ella fosse de + 14°, (o que não se deve afastar muito da verdade) vê-se que o abaixamento da temperatura deve ter sido aproximadamente de 80°, pois que no ponto mais alto da ascensão encontrou-se — 66°, e como a altura á qual subiu o balão foi de 15.500^{m}, isto dá um abaixamento de 1° por 194 metros de differença de altitude. Geralmente, admitte-se 1° por 180^{m}, valor médio obtido em camadas atmosphericas, cuja altitude maxima não attingia ao algarismo supra.

***

Até ha bem poucos annos admittia-se que a rotação do globo terrestre effectuava-se em torno de um eixo, sujeito no espaço a dois movimentos, a saber: o da precessão e o da nutação, com periodos respectivos de 25.600 e 18,5 annos, conservando, porém, o eixo, uma posição immutavel dentro do proprio globo. Em outros termos, que a distancia, entre o pólo terrestre e um ponto qualquer do globo, medida sobre um arco de meridiano, conservava-se, a cada instante e constantemente rigorosamente a mesma. Tal, porém, não acontece.

O alto grau de precisão obtido nos tempos modernos nas observações astronomicas, e entre outras da latitude dos diversos pontos da terra, tem revelado uma variação, embora, diminutissima, nesta ultima coordenada. Quando, ha cerca de 5 ou 6 annos, a discussão de estensa série de determinações da latitude de um mesmo ponto, revelou uma pequena variação, cujo periodo parecia ser proximamente de 400 dias, foi ella levada em conta a erros de observação ou a alguma influencia da atmosphera, modificando os effeitos da refracção.

Esta explicação, porém, não poude subsistir por muito tempo, á vista dos resultados obtidos em diversos pontos da terra, convenientemente escolhidos, e em que se organizaram observações, methodizadas, e executadas

com instrumentos identicos, por observadores habeis e que todas revelaram a mesma variação, não só, em grandeza, como em sentido, e de periodo identico.

Assim evidenciado o facto, até então desconhecido, pelos processos experimentaes os mais rigorosos, formularam-se varias hypotheses, das quaes ainda nenhuma poude ser aceita. Si, o lento deslocamento do eixo terrestre no espaço, que faz com que, no fim de 25.600 annos, este eixo occupe uma posição rigorosamente parallela a si mesmo, além de uma pequena oscillação, com periodo de 18,5 annos, é devido á influencia combinada do sol, da lua e dos planetas; não parece que o deslocamento do eixo, que se traduz por uma variação da latitude, possa ser explicado por alguma acção analoga, mas sim e unicamente, por alguma ou mais causas inherentes ao proprio globo terrestre, ainda por descobrir.

Seja como fôr, o interessante e até hoje desconhecido phenomeno da variação da latitude consiste em um movimento conico do eixo polar, em virtude do qual, o pólo terrestre descreve uma curva fechada, de uma amplitude que não excede de 15 a 20 metros, em torno de uma posição ficticia, e isto num periodo de cerca de 400 e poucos dias.

Em valor angular a variação da latitude não excede de uma pequena fracção de segundo de grau, o que mostra que só póde ser revelada por observações de extraordinaria precisão.

O celebre astronomo americano Newcomb formulou ha pouco tempo a probabilidade de que devia existir uma correlação entre a variação da latitude e a das marés do oceano. Com effeito, discutindo uma longa série de observações registradas durante 35 annos, em dois maregraphos, perto de S. Francisco da California, o Sr. Christie achou que as marés accusam uma variação de uma amplitude total de 34.6^{mm}., e com periodo de 437 dias. Uma pesquiza analoga organizada pela Academia Nacional de Washington, em outro ponto da costa, mostrou a existencia de uma amplitude de 30.^{mm}, com um periodo de 431 dias. Estes numeros concordam perfeitamente com os resultados que, na Hollanda o Sr. Van de Sande Backhuysen, obtivera, estudando as marés observadas no porto de Helder, perto de Amsterdam, de 1855 a 1892.

Similhante accôrdo entre este periodo e o da variação das latitudes não póde ser simplesmente fortuito.

* * *

O Dr. Nansen, o celebre explorador sueco, que acaba de aproximar-se do pólo norte até o parallelo de 86° 14' 6", isto é, faltando apenas uma distancia de cerca de 400 ^{km}, resolveu praticamente a conquista do pólo norte.

Entre os muitos resultados que o intrepido explorador colheu, um dos mais importantes sob o ponto de vista da fórma do nosso globo é incontestavelmente a da existencia de uma profunda depressão na vizinhança do pólo. De facto, além do parallelo 79°, o fundo do mar, em lugar de accusar um relevo pequenino, como seria o caso, si existissem terras nas proximidades do mesmo pólo, foi baixando gradualmente, até encontrar a profundidade de 3000 a 4000 metros, demonstrando assim nessa região circumpolar uma depressão consideravel na crosta terrestre.

***

Durante o mez de junho, cerca das 8 horas da noite, as seguintes constellações serão visiveis na Capital Federal, e com alguma differença na hora e no aspecto, em toda a extensão do territorio:

Quadrante S. E.—Scorpião. Sagittario. Indio. Pavão. Centauro (no meridiano).

Quadrante S. W.—Argus. Cruzeiro. Pintor. Dourado.

Quadrante N. W.—Hercules. Boieiro. Ophiuco.

Quadrante N. W.—Virgem. Leão. Ursa Maior.

Quanto aos planetas:

Mercurio e *Venus* são viziveis como estrellas matutinas. *Marte* póde ser visto do lado do Occidente até cerca das 9 horas da noite. *Jupiter* é vizivel durante a primeira metade da noite.

Saturno e *Urano* passam no dia 18 a cerca de 2 graus um do outro.

Neptuno não póde ser observado, pois acha-se sobre o horizonte durante o dia.

No dia 3 o planeta Venus attingirá o seu maior brilho.

L. Cruls

BALLADA

(No Album de autographos da Exma.
Sra. D. Noemi Galvão.)

Diz-se que um dia, uma princeza,
De altivo rosto, claro e bello,
Foi encerrada, — ai que tristeza! —
Entre as muralhas de um castello.

Via-se ao longe, no rochedo,
As negras torres do solar;
Em torno, o vento no arvoredo
Gemia; aos pés gemia o mar.

Foi o ciume ou a cobiça
De acerbo amante, ou de um ministro
Que alçára a ponte levadiça
Desse reducto ermo e sinistro?...

Dos arredores nas aldeias
Corriam tristes atoardas,
Vendo-se os guardas nas ameias
Todos armados de alabardas.

Junto á proscripta vinha apenas,
Cheio de um balsamo divino
E de fascinações serenas,
Um velho monge peregrino;

Mas quando o velho se afastava
Pelos carreiros da colina,
E o vulto incerto se afogava
Na prata fosca da neblina,

Uma tormenta de desdita
D'alma bramia-lhe através,
Como na fuga israelita
O mar que viu passar Moysés.

Ai! quantas vezes, na esplanada,
Mirando os astros sonhadores,
Vinha beijal-a a madrugada
Na lividez das suas dores...

Pendiam, entre as galerias,
Sob as arcadas ogivaes,
Telas esqualidas, sombrias,
Faces de olhares sepulcraes;

Faces augustas, em que as tintas
Fixaram posthumos clarões.
—Longinquos tons de almas extinctas
De antigos condes e barões.

Ella os contempla, e lhes implora,
Essas visões chamando á vida,
Enchendo a abobada sonora
De sons de voz... de voz ferida:

«Filhos de reis, de raça altiva,
Venha um de vós, com as fortes lanças
A libertar-me, eu estou captiva,
Cingir-vos-ei com as minhas tranças;

« Ainda dos céus que vós descerdes,
Mais glorioso e mais feliz,
Tremula, em meio ás folhas verdes,
Serei a vossa flor de liz.

« Em minha bocca, que inebria,
Vós sorvereis o amor que eu sinto,
Melhor que as gotas de ambrozia
Num vazo raro de Corintho... »

Diz, — mas os vultos ficam mudos,
Mudos nas sombras das arcadas,
Os corpos hirtos nos escudos,
Faces e mãos marmorizadas.

E se afastava, dolorida,
Cabellos soltos e os pés nús,
Como uma santa desprendida
Dos duros cravos de uma cruz.

De quando em quando, as preces della,
Louca, rojada ao chão, de bruços,
Vinham da nave da capella
Em murmurios de soluços,

Que pareciam suspiradas
Pelas dormentes esculpturas
Ali, a seculos deitadas,
Sob os doceis das sepulturas.

Qual era aquelle som distante
Que açoita os plátanos da serra,
De trompa estridula e vibrante,
Signaes de caça, ou sons de guerra?

Passa um romeiro; se aproxima;
Nobre ou peão, hostil ou amigo?
Tocara o guarda o alarma em cima...
Não era nada, era um mendigo.

— « Si ainda é honra neste paço,
Segundo resa a tradição,
Abrir as portas ao cansaço,
Dai-me poisada, Castellão. »

— « Entra », — responde ao viandante
O rude guarda que vigia,
E manda que elle se adiante
Pelos degraus da escadaria.

« Bemvindo sejas, pegureiro,
— Diz-lhe a princeza compungida :
« Neste castello hospitaleiro
Tu terás pão, terás guarida ;

« Depois me contarás teu fado,
Que eu, mendigo, tua irman,
Tu, no teu manto desbotado,
Eu, nos meus véus de castellan.

« A mesma fluctuante bruma
Tortura o azul do nosso céu;
Os labios coalha a mesma espuma
Qne nossos risos escondeu. »

— « Mentio, Senhora, o meu semblante
Nestes andrajos disfarçado ».
Isto dizendo, o viandante
Deixa cair manto e cajado.

Mostra um perfil bello e trigueiro,
Vestes de seda e de velludo ;
Na sua cinta de escudeiro
Brilha um punhal de corte agudo.

Com a subtil golla de rendas,
No gorro as pennas de um faisão,
Bem como os pagens das legendas
Era gracil e esbelto. Então,

Poisando em terra um dos joelhos,
Olhos erguidos a fital-a,
Por entre os labios seus vermelhos,
Com meigo accento assim lhe fala:

— « Um cavalleiro, cada dia,
Numa armadura reluzente,
Subia lento a penedia,
Depois descia lentamente,

Quando um phantasma, repentino,
Diz-lhe, escondido no arvoredo:
« *Essa a quem buscas, paladino,*
Pelo alcantil deste rochedo,

« *A pura flôr miraculosa,*
Alma de estrellas semeada,
Essa delicia adivinhada
Numa remota nebulosa,

« *Será só tua, ouve o que eu digo,*
Si ver puderes sua imagem;
Não pódes ir, manda o teu pagem
Dentro do manto de um mendigo».

« Pois dai-me a copia, que irradia,
De vosso rosto o traço e a côr;
Pr'a que se cumpra a prophecia
Aqui mandou-me o meu Senhor. »

Ella escutava, na amargura
Dessa chimerica partida,
Como os descrentes da ventura
Que é por phantasmas promettida.

Mas, foram ambos caminhando
Até chegarem ao lugar
Onde, num lago fluctuando,
'Stavam dois cysnes a sonhar.

Entre junquilhos e narcisos,
No sitio em que a agua era mais clara
E seus crystaes eram mais lisos,
Ella o seu busto debruçara.

Logo no fundo transparente
Seu rosto angelico se entalha,
Qual si esquecido na torrente
Fôra o lavor de uma medalha.

Vê, quer buscal-a; immerge o pagem
Nas mãos o gorro e as curvas plumas,
Mas traz, surpreso, em vez da imagem...
... Umas ironicas espumas.

E passam sobre a flor captiva,
Nevoas de inverno e sóes de abril,
Levando a sombra fugitiva
Com seu phantastico buril.

E o mensageiro, acabrunhado,
Com tardos passos, trepidantes,
Sai no seu manto desbotado,
Ainda mais pobre do que d'antes...

E ella, nascida entre rainhas,
Sosinha ali, sem companheiras,
Vê as errantes andorinhas
Sobre os recortes das setteiras.

... Até que um dia, essa princeza,
De altivo rosto, claro e bello,
Não mais foi vista, — ai, que tristeza!
Entre as muralhas do castello.

Em denegrido pergaminho
Achei, acaso, esta ballada:
Velha escriptura, em desalinho,
Em varios pontos apagada.

Tambem eu quiz mostrar, Senhora,
Mostrar a vossa formosura...
Mas a visão se descolóra
Da minha penna á tinta escura.

Então passou-me de relance
A remotissima paizagem:
Vós sois a bella do romance...
Mas o poeta,
De alma inquieta...
E' como o pagem.

Fevereiro de 1897.

EDUARDO RAMOS

UM ROMANCE GÔENSE

JACOB E DULCE. Scenas da Vida Indiana por Gip. Margão, 1896.

I

Muito curioso e, de certo ponto de vista, muito divertido este livro de 116 paginas, formato grande, que nos conta e descreve em estylo acremente humoristico e em frase, por vezes engraçada, outras chocarreira e chula, salpicada de idiotismos e locuções topicas, os usos e costumes familiares da India portugueza. E', aliás — facto digno de nota — o primeiro romance que sai dos prélos indigenas e, traduzido logo em lingua concanim, ganhou renome e applausos, suscitando, tambem, malquerenças e odios e provocando as mais encontradas opiniões em Pangim (Nova Gôa) e Margão, a intitulada Athenas das possessões luzitanas na Asia.

São paginas francamente sarcasticas, rispidas, em muitos trechos de pessimo gosto, algumas escatologicas mais do que pornographicas, em todo o caso, porém, sinão alegres e deleitaveis, pelo menos caracteristicamente picarescas, pintura viva, animada e fiel — queremos crêl-o — do que existe de mau, censuravel e tolamente convencional nas relações sociaes daquellas tristes regiões, velhas cidades da conquista portugueza, em que pesa, ainda hoje e talvez mais do que nunca, o asphixiante dominio de uma metropole, que jámais comprehendeu os seus deveres e a sua missão de centro de irradiação civilizadora e nunca soube fazer-se estimar das colonias que lhe ficaram do grande imperio de aquem e além mar e

a custo vai mantendo, quasi exclusivamente por vangloria e em estado de deplorabilissima depressão e decadencia.

Resumbra, pois, desse livro e do torvelhinho das facecias e gracejos, de que está repleto, um fermento, quando não de entranhado odio, pelo menos de aspero azedume contra os elementos constitutivos de uma sociedade, que em materia de moda enxertou no seu modo de ser ingenuo, tradicional, rude e primitivo, habitos, maneiras, preconceitos, pretenciosidades e ridiculos do balofo *snobismo* lisboeta, o qual, copiando por seu turno de paizes mais adiantados, como a França e a Inglaterra, tudo quanto diz respeito a mil futilidades, imprimiu áquelles sentimentos e convenções cunho mais possivel estapafurdio, quasi intoleravel, de banalidade, extravagancia e toleima nas zonas exoticas sujeitas ao deleterio influxo e já bem frôxo poderio dos descendentes de Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque.

Precede o romancete uma *Carta ao autor*, assignada pelo Sr. M. A. Lourenço, que applaude, com sincero calor e sem reservas, o processo sardonico, pungitivo e não raro brutal do escriptor gôense, a zurzir os cacoêthes, defeitos e mazellas do meio social que os cerca. Parece que por lá, um dos maiores flagellos é o piano — iamos dizendo, tambem o piano — esse instrumento odiado até a ferocidade por um dos maiores compositores deste final de seculo, Ernesto Reyer, autor de *Sigurd* e *Salammbô*. E até na malquistada metropole vai o prefaciador buscar argumento e armas contra a estridula e martyrisante mania, que lavra entre os seus conterraneos. « Tenho tido, diz elle, occasiões de conhecer em Portugal senhoras illustradissimas e consideradas na roda em que vivem, sem saberem uma nota de musica e cá, na minha terra o attributo indispensavel a uma pessoa que se diz medianamente instruida é saber ou antes ter aprendido piano! » E nesta técla bate insistente, raivoso, resumindo as suas impressões numa frase que tem o merito de nos apresentar uma feição sociologica. « A nossa instrucção feminina, conclue elle, é orientada simplesmente para armar ao effeito e *fascinar* (não é só em Pangim e Margão, observaremos): depois o pobre do marido que se aguente! » Por esta e outras muitas razões, não regateia encomios á violenta e mordicante satyra de *Gip*.

De outro quilate e muito maior ponderação são as *Palavras prefaciaes* assignadas pelo Sr. José Antonio Ismael Gracias, bastante

notaveis até. Percebe-se, logo ás primeiras linhas, que decorrem de penna bem aparada e obediente á reflexão, denunciando o espirito culto e conhecedor da literatura de todos os povos e épocas de quem as escreveu. Fazendo justificadas restricções, aponta concisamente o que o livro tem de bom e marcante e busca classifical-o devidamente, equiparando o seu autor a Mark-Twain, sem se esquecer, comtudo, e com todo o cabimento, de relembrar a sentença latina: *Si parva licet componere magnis*.

Já sabiamos, aliás por informações de um bom e estremecido amigo commum, Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, residente ha muitos annos na Feira de Sant'Anna (Bahia) e filho de paiz daquellas distantes e mysteriosas paragens da India, já sabiamos por isso e por livros de lá remettidos, que o Sr. Ismael Gracias é grande e esforçado lidador nas letras, figura saliente no circulo instruido de lá, pesquizador incansavel de tudo quanto possa honrar o longinquo e amesquinhado canto do mundo em que viu a luz e que por todos os modos busca levantar e encarecer.

Com muita consciencia e brilho exerceu por não pouco tempo as funcções de bibliothecario da Bibliotheca Publica de Nova Gôa e nesse cargo prestou relevantes serviços, sobretudo na bibliographia e numismatica, mas foi dellas repentinamente exonerado, é de suppôr por alguma das baixas intrigas que fervilham nas sombras suspeitosas da existencia indiana, em que os naturaes do paiz, por mais que se elevem e busquem pairar alto, não passam de meros instrumentos de trabalho e servidão, submissos vassalos sujeitos ao cioso e pesado jugo dos senhores ultramarinos, bens semoventes de regiões conquistadas pelas armas e pela audacia ha mais de quatro seculos.

Em estylo vibrante, repassado de patriotica indignação mostrou-nos, ha bem pouco tempo, o visconde de Bardez todas as arbitrariedades e violencias que lá se praticaram por occasião de um pretendido ou exagerado movimento insurreccional, estado de sitio, perseguições, devassas inquisitoriaes, deportações, vinganças, demissões, prisões a torto e a direito, fusilamentos, emfim o desdobrar horroroso dessas scenas communs e desoladoras, quando a lei, já de si fraca e sujeita a um sem numero de sophismas e vexames, cede o passo á intitulada salvação publica!

Embora iniquamente deslocado Ismael Gracias do lugar, bem pobremente retribuido, em que tanto se avantajára e tão util era e devia ser, não ha, entretanto, commissão de importancia e caracter literario e scientifico, que não seja pelo governo portuguez commettida ao distincto, indefesso e tambem indefeso serventuario, o qual espera calmo e sempre laborioso a hora da reparação no circulo de injustiças em que se tem debatido, calmo e resignado. Venha ella depressa e completa, são votos bem sinceros e enviados com a maior espontaneidade de longe, de muito longe!

Discutindo e pesando a ouro e fio os juizos antagonicos dos que acolheram o romance gôense com estrepitosas palmas ou de quantos só enxergaram nelle a obra «de um zombador cruento que não poupa coisa alguma, de um excentrico que pretende demolir tudo, sacudindo os velhos preconceitos e desacatando as antigas fórmulas e estylos», com muita razão pondera o Sr. Ismael Gracias: «Lancem uma vista de olhos pelo moderno movimento literario da Europa e da America, estudem os escriptores cujas obras representam o producto apaixonado de um contacto com a Natureza, de uma investigação paciente de todas as phases e cambiantes da Vida — observadores profundos que tem enchido o seu espirito com o espirito do seculo, como diria Goete — ainda mais, percorram o passado, a Grecia em Aristophanes, Roma em Juvenal, e digam depois, se não é tarefa util e salutar descobrir um quadro para lhe apresentar e corrigir os defeitos. «Pintai-me tal qual sou, dizia Cromwell ao joven Lely: se apagais as rugas e cicatrizes, não vos pagarei um shilling.»

E adiante accrescenta:

«E' o autor audazmente independente, mas procedeu bem; revelou a sua *maneira*, destacando-se dos literatos, que muitos se estadeiam por cá sem senso commum nem grammatica, e dando ao publico um trabalho como este, Jacob e Dulce, talvez exagerado e imperfeito, mas no fundo verdadeiro e que sempre será lido com o interesse que excita a pintura da realidade.»

Esteiados na opinião tão valiosa, séria e imparcial de quem preenche todas as condições precisas para bem aquilatar o alcance e a exactidão da critica de *Gip*, não duvidamos, ao ter que analysar rapidamente o romance gôense, concordar plenamente com o illustre e illustrado Sr. Ismael Gracias.

II

E' o livro quasi todo dialogado, d'onde naturalmente o pseudonimo de *Gip*, que deveria, neste caso, ser escripto com ypsilon, *Gyp*, singular e inesperada homenagem á espirituosa e bem conhecida condessa de Martel, escriptora parisiense que adoptou aquelle nome ou antes monosyllabo de guerra, tão em evidencia hoje nas letras faceis e de ligeira fantazia.

Que distancia, porém, que differença entre a dialogação fina, scintillante de chiste, adoravel de graciosidade e elegancia, delicada sempre na sua malicia e maldade do modelo escolhido e o pesadão e abrutalhado modo de dizer dos typos do romance góense, todos elles, em grau maior ou menor, bochornaes e apalermados ou então francamente repulsivos e antipathicos, no apertado e tacanho encontro de interesses em que arrastam esteril e enfadonha existencia!

Ali, tudo é esboçado em traços de deliciosa leveza e inconsistencia, com uma discrição indiscutivel de boa roda, a trescalar laivos de subtil e embriagador perfume, contornados os trechos mais escabrosos, salvas as situações mais arriscadas por fugazes e rapidissimas indicações e reticencias, como que expressivo piscar de olhos endereçado pela frase traquinas a fazer de estudante pilherico e bom *garçon*, num appello constante á perspicacia e agudeza do leitor, em intima camaradagem, logo formada, de intuitos, gostos, preferencias, idéas e conhecimento da sociedade e da vida!

Em *Jacob e Dulce*, pelo contrario, não ha pontos bastantes para os mais insignificantes *i i*, como que receioso o autor de que os seus apreciadores não aprofundassem em regra, saboreando-as devidamente, as graçolas e chufas, com que adubou a sua prosa ferina.

Não poucas paginas, porém, encerram não só observações argutas e de caracter generico ás sociedades formadas pelo influxo portuguez, como tambem scenas vividas e de indiscutivel verdade realista, razão pela qual tanta impressão e celeuma causaram entre os filhos do paiz, podendo tambem por isto prender a attenção de estranhos curiosos de encontrarem novidades na descripção e analyse de um meio social tão diverso e distante, embora pudesse,

dentro desses limites, ser a colheita mais farta, elucidativa e sympathica.

Trata-se do casamento de Jacob Avelino Dantas, natural de uma supposta cidade de Bréda, *gãocar* da communidade agricola e de sangue proclamado *real*, com Dulce Sant'Anna Pereira, a qual, por ter vindo ao mundo no dia da festa da mãi da Virgem Maria, trouxera para a familia toda a arraigada convicção, e d'ahi valiosissima regalia, de indiscutivel parentesco com aquella privilegiada santa.

A ferocidade aristocratica, a prosapia de casta, os privilegios de raça, tão poderosos e acabrunhadores em toda a India, prestam-se a bom ridiculo, nem *Gip* se descuida de os troçar a valer.

Ninguem ali escapa ás seducções da mais fantamasgorica ascendencia e, agarrando-se a qualquer hypothetica filigrana, buscam todos abrigar-se á sombra das mais complicadas e fantasiosas genealogias. « A familia de Jacob, diz-nos *Gip*, era nobre e *principal* (o grypho faz-nos crêr que talvez por lá se use do vocabulo em vez de principesco) e fruia a gloria platonica e sem proveito digno de menção de pertencer ao primeiro *vangôr*. Grelaram no seio della conegos, vigarios, missionarios e até um dos seus antepassados, illustre pelo saber, esteve a pique de ser nomeado professor do Real Seminario de Rachol e um outro Ouvidor do crime na comarca da sua autoridade « o que tudo consta de documentos » desafogava o reverendo tio Dantas... « Mas ninguem via os taes documentos.»

Pullulam assim os rasgos sarcasticos, este dos mais innocentes, outros pesados na minucia bem dispensavel e soez. No meio delles alguns verdadeiramente engraçados pelo inopinado, uma das causas mais certas e francas do riso, no parecer não me lembra de qual dos *autores alegres* do Pariz, si Alfred Capus, si Harcourt ou Courteline, de facto impagaveis pela feição original com que escrevem os seus contos e chronicas, cheios de sal e extravagante humorismo.

Temos, ha muito, por sem duvida, que o melhor processo de critica é amiudar citações um tanto longas do autor que se analyse e cuja physionomia literaria se queira dar, pondo-o assim em contacto immediato com o leitor, methodo elucidativo que vale mais do que trabalhado escorço e cuidadosas deducções, a menos que

se não disponha da penna e dos recursos syntheticos de um Macaulay ou de um Taine.

Parece-nos impossivel, que não paire um sorrisosinho nos labios de quem ler o seguinte episodio de um namoro entre primos:

« Alguma coisa no fundo havia entre Cantalicio e Florinda Dantas (irman do protogonista); um ligeiro idyllio de caracter benigno, até ahi inedito. Quando Cantalicio vinha a Bréda para os seus negocios e demorava-se em casa dos Dantas, de parrana que era transformava-se em espirituoso. Tinha muita chalaça insulsa, inspirada na vida campesina e domestica; todos achavam-no um demonio, um judeu. E Florinda casquinava risadas e mais risadas estridentes, aflautadas, até as lagrimas.

— Encontrei no caminho um bufalo, dizia Cantalicio. Gargalhada suffocada de Florinda.

— Elle fez *bêum*.

Trovões de riso da pequena.

— Cantalicio, tome canja, offerecia D. Especiosa.

— *Oremus canjicali tui*, recitava Cantalicio.

Novo riso de Florinda, sem perceber e sem saber por que.

Cantalicio animado:

— Toca *bêum, non est?*

Florinda ria-se, ria-se sem treguas suffocada.

E D. Especiosa não se fartava de advertir-lhe, séria e em voz arrastada:

— *Bai*, basta! Florinda, basta! basta, *baí*!

Para um olho experimentado estes são signaes que traem um amor incipiente — no fundo incipiente, mas tenaz. »

Não tem o romance, para assim dizer entrecho; é uma successão de scenas do modo de viver indiano-portuguez, a girarem em torno de um casamento, especie do *Autour du mariage* do verdadeiro *Gyp* e a apresentarem uns tantos typos curiosos, pintados ou antes sarapintados com certo colorido original, mas carregado e crú, tudo lardeado de expressões peculiares ao scenario, idioma vernaculo mesclado de expressões concanins, quadrinhas e frases inteiras naquella lingua.

Rapidamente nos refere *Gip* os antecedentes e a educação de Jacob e a de Dulce, antecedentes ridiculos, educação deficientissima, quasi nulla, pessima. O rapaz, infatuado e toleirão só colhe

reprovações successivas nas provas publicas ; mas, assim mesmo é arvorado advogado pela autoridade da mãi e do tio, padre Dantas que « ao completar elle 25 annos, o endoutoraram em direito, mandando suspender os estudos no meio do Codigo civil. »

O mesmo quanto á Dulce, na acanhada esphera de mulher. Nem siquer, era bonita « podia se dizer até feia. Trigueira — de um trigueiro sujo, rebelde ao pó de arroz e á fricção de alvaiade — abundava em tecidos molles. Tinha o mau habito de abrir muito a boca e os olhos, quando visse gente estranha e de preencher com riso sobejo a mingua de termos portuguezes. » Depois de frequentar a escola régia, deram-lhe, aos dezenove annos reaes e quinze para o casamento mestre de piano.

E ahi vem o typo de um desses professores de Bréda.

Dulce aprende musica sob a direcção de um dos mais populares na cidade, o Valles. Todos o queriam em Bréda, as mamãis principalmente. E' que o homem sabia insinuar-se ; — ás mãis dizia invariavelmente : « De todas as minhas discipulas, a sua pequena é a melhor. Não digo isto para lisongear. »

Mas « que cruciantes dôres quando a menina ensaiava os exercicios para agilitar os dedos, exercicios sem harmonia, estridentes, arripiantes, irritando os nervos, esturgindo a cabeça, tilintados cem vezes, duzentas vezes, mil vezes, sem folego, sem solução de continuidade, toda a manhan, toda a tarde, metade da noite, á madrugada, ao meio do dia, de improviso com violencia e pressão do pedal, que nada tem nelles a fazer ! »

Depois, veiu a época das polkas, walsas, peças, sobretudo a *Batalha de Praga* ; depois, o canto, o *A la rita* da *Traviata*, ou então a *Mandolinata*, *Musica proibita* e *Funiculi-funicula*.

Será tudo isto só na imaginaria cidade de Bréda nos fundões da India ?

Nem resistimos ao impulso de nova transcripção :

« *A la rita* era o ponto obrigado no concurso de noivas, concurso annual como o de officiaes de justiça; por via de regra, em janeiro nos bailes. No meio da noite ouvia-se um susurro : — Senhora canta, sio, sio ! Seguia-se silencio profundo, mal contido. Sentavam-se os dansarinos consternados ; muitos hospedes retiravam-se discretamente da sala, iam fumar e conversar em outra parte. O pai da concurrente entrava então solemne, com um caderno de musica.

sujo como um esfregão, manuscripto — a famigerada, monumental, cathedralesca *A la vita*. Entregue o caderno á concurrente, erguia-se esta tremula, pallida e *vomitava* (para que palavra tão grosseira e impropria? objectaremos) *A la...vi...vi...ta...ta...la...la*, etc. A mãi, coitada, agachada em um canto, anciosa, afflicta, com olhos arregalados, nervosa, seguia automaticamente o canto da filha, movendo os labios e distinctamente se podia vêr que tambem dizia para si: *A la vi...vi...ta...ta...la...la*, etc. No fim, havia um bravo obrigado, de lei, dado pelos convivas aborrecidos e dansarinos somnolentos e na cara da respectiva *maternidade* desabrochava um jubilo ingente, manifestado com discrição, modestia e civilidade. Hoje não é assim. A *A la vita* velha, desdentada, prostituida, foi expulsa da sociedade decente, e cada menina canta o que quer, *Mandolinata*, *Musica proibita*, *Funiculi-funicula*, de maneira que não é agora possivel apurar-se o merito relativo das concurrentes modernas. »

Não é um quadriculo, uma *silhueta* real, animada, á Paulo de Kock, do que se passa nas cinco partes do mundo?

Na India, todo o enlace entre gente que se preze é e deve ser feito pelos negociadores de casamento. Ao noivo e á noiva cumpre, pela pragmatica rigorista, mostrarem-se absolutamente alheios ás manobras, evoluções, negaças, marchas e contramarchas, que se operem em torno delles, tendentes a ligar a sorte e os destinos de um e outro. E todas essas peripecias e ajustes entre os intermediarios, em que ambas as partes contractantes têm que desenvolver muita diplomacia, astucia e pericia no ajuste do dote e no escrupulo em ferir melindres e susceptibilidades em extremo irritaveis, tudo isto é descripto por *Gip* com muitos pormenores, talvez até cansativos, adubados, porém, de observações perspicuas, cujo caracter generico, por vezes, lhes imprime maior valor. Convém, aliás, lembrar que a narração foi publicada em folhetins na gazeta *Ultramar* com o modesto titulo de *Notas a lapis*, o que, do certo, consentia todas essas prolixidades e muito mais frouxidão na urdidura e no travamento da acção.

Afinal, após muitas conferencias e entrevistas, rupturas e reatamentos de relações, esforços e lutas num sentido e noutro, chegaram a accordo os negociadores — padre Dantas, tio de Jacob, e Salvador Pereira, pai de Dulce, compromettendo-se este, no meio de muitos protestos e choradeiras, a dar de dote á filha 3.000 rupias em dinheiro e 1.000 em *datas* (um bahú, 10 camisas, duas duzias de pares de

meias, etc.) Ora, valendo cada rupia 450 réis fortes, tinha o velho que desembolsar 3:150$, ao cambio par ou um pouco mais de 6:000$ na nossa moeda.

Tudo regrado, vencidas grandes difficuldades de chicana e mil embaraços, bem assentes os pontos capitaes, arredadas todas as possiveis causas de conflicto e novas contestações, procedeu-se, afinal, á cerimonia anterior á celebração do consorcio — o *proconde*, em que a noiva tem de vestir-se de *chouky*, embrulhada no *ólli* e panno *bajá*.

Que azáfama nos preparativos á européa, na escolha dos chapeus.

« — Veja, mamãi, este que lindo!... Com um papagaio!

O padre Dantas, consultado em tudo, estava furioso com o tal papagaio: « Isto não é chapeu, berrava elle; é um cesto! Porque não puzeram lá um porco? Ficava muito bem! »

De tudo inquiria o oraculo da casa, sobre tudo dava opinião sentenciosa. E lá vem uma scenasinha á Camillo Castello Branco, nos seus momentos de bregeirice:

« — Que é isto? berrou o padre ao vêr uma anquinha.

Jacob lhe disse o nome.

— Anquinha? Mas para que serve? Onde se põe isto?

— No..., ia dizendo Jacob.

— O' mana, onde se põe isto?

Ninguem respondia.

— O' Jacob, isto é para você?

— Não, senhor; é só para mulheres, põe-se... atraz!

— Jesus, que modas!

E, voltando-se para a noiva: — Vamos, ponha isto... aqui mesmo. Quero vêr como se ajusta.

Foi quando o alfaiate, que ahi trabalhava, disse umas palavras ao ouvido do padre, o que fel-o retirar com passo magestoso e geitos trespassados de um pudor senil. »

III

O baile no dia do consorcio é descripto com grande luxo de minudencias, algumas curiosas; igualmente os dias subsequentes consagrados ao jantar de estylo, á verificação das *datas* e ás visitas,

em que se cantam, o dia inteiro, *manddós*, desde o velho *Sotrá madá* até as maiores indecencias, felizmente em lingua concanim, que tem o privilegio, com o latim, de *braver l'honnêteté*.

Mogá ió, mogá ió, tum ió
Mujan ronsúm auzó
Mogan marió uzó, etc.

Concluido tudo afinal, apezar de grandes e novas rusgas na entrega e fiscalização das *datas*, além da deducção de 2.000 rupias no dote, tres mezes depois do attribulado casamento, caiu gravemente doente o padre Dantas. E isso dá motivo a *Gip* para duras *piadas* aos medicos de Bréda, o doutor Coutinho que nas menores coisas só via entero-colite aguda ou chronica, assumpto da sua these e que se mettia em calorosas discussões com os collegas Sanches, Azevedo e Castello na sustentação convencida do generalizado e exclusivo diagnostico.

« — Bom, dizia em presença dos doentes, vêr-se-á na autopsia. »

Afinal, os medicos nada apuraram, concordando que o padre estava velho e que a velhice impedia a sua cura prompta.

No dia seguinte morreu o homem, e no *Pregoeiro* o sobrinho Cantalicio lhe consagrou eloquente necrologio, cheio de *ff* e *rr*, encimado desta epigraphe, versos de um poeta de familia: « *Subi ao monte, Vi o horizonte, Banhei-me na Anna fonte!* »

« Falleceu, dizia elle nessa meditada peça, o padre Antonio Ligorio Lycurgo Dantas! A igreja está orphan do seu filho preclaro, a patria do seu cidadão illustre e o altar do seu servidor dedicado. Philosopho cheio de dignidade... » Parou. Dignidade pareceu-lhe termo vulgar. Recorreu ao diccionario de synonimos e encontrou — cargo, officio, prelazia, etc. — Continuou, « ... cheio de prelazia, uma molestia precoce rebotou-o no leito da dôr na curta idade de 60 annos, porque o infeliz nascêra em maio, 17, 1820! »

IV

Tal, em breve summa, o primeiro romance publicado na India portugueza em Pangim, ao lado da velha e abandonada Góa, padrão de glorias das tradições portuguezas.

E a analyse que delle fizemos, buscando dar fieis impressões aos leitores da *Revista Brazileira* é homenagem a facto literario, difficil de se reproduzir naquellas apartadas e desalentadas paragens, entregues, de seculos, ao marasmo e desconsolo.

Jacob e Dulce é um grito de protesto. Na sua apparente modestia e despretenção representa uma nota indignada e violenta contra essa atonia social que prende todos os movimentos da vida a acanhadissimo convencionalismo, ao jugo aniquillador e ferrenho do que os inglezes chamam o *cant*, a vassalagem covarde e mesureira, nas menores circumstancias e coisas da existencia, ao dizer, ao reparo, á critica e maledicencia dos outros, a submissão incondicional, servil, ao que seja moda ou tal se pretenda ser e se pratique na metropole e em Portugal.

Tudo que não esteja adstricto a essas regras, não presta, deve ser eliminado, abolido, sem appellação nem controversia, como usança deprimente e indicativa só de atrazo moral e de retrogradação no progresso e na civilização, perdendo-se assim, de caso pensado, o valioso influxo de boas e nobres tradições e a expansão de proveitosa e sau iniciativa.

« Nesta terra, diz o Sr. M. A. Lourenço na sua *Carta ao autor*, a unica determinante de todos os nossos actos, quando não seja o interesse material, é invariavelmente uma pessoa e nunca um principio. Tudo fica subordinado ao pedido e ao juizo dos outros, de fulano, beltrano, sicrano, do que elles possam dizer e censurar e do que afinal pense a gente do mundo. »

Defende-se *Gip* de haver tentado retratar pessoas da cidade em que vive amarrado ao cêpo, tendo só em mira atacar usos e costumes que reputa ridiculos e curando mais de dizer a verdade nua e crua, do que da fórma litteraria. « Leitor assiduo, declara elle, de livros escriptos em idiomas estrangeiros, nem sei até como lógro rabiscar em portuguez intelligivel » e a simples frase prova bem ao claro o contrario do que affirma.

Agradecendo ao seu prefaciador o Sr. Ismael Gracias em quem, com toda a razão não sabe « mais que admirar, si a força do talento, si a vasta cultura ou as poderosas faculdades do trabalho » pondera: « Si eu tivesse a penna de Mark Twain, como elle diz, não viveria philosophicamente neste poço chamado Gôa entre advogados na maioria abalisados, só porque os seus casacos tem abas. »

Na reivindicação do passado e suas usanças, vai *Gip* longe de mais, pois chega a profligar o costume, universalmente aceito hoje como signal elementar de boa educação, de não se comer com a faca.

Citemos o trecho cheio de engraçada *verve*:

« — Que escandalo! Emporcalhar os dedos poeticamente chupando espargos, bem; mas faca na boca, nunca! Os nossos maiores viveram perfeitamente sem espargos e levando a faca á boca. Subitaneamente um alto funccionario europeu — tresandando a alho — decretou o exilio da faca da boca em um jantar da capital. Só isto bastou para que o indio fizesse uma explosão de furia apopletica contra o uso em vigor. S. Ex. o europeu tinha falado!... E, desde então, a mocidade bredense não poude passar sem espargos, nem vêr a faca entrar na boca de ninguem, em jantares de etiqueta.»

O maior defeito, no desfilar daquellas scenas todas, em que ha penetração de olhar muito perspicuo, é a ausencia absoluta, radical de qualquer individualidade ou typo credor da menor sympathia. Parece-nos, entretanto, de todo o ponto impossivel, que em Bréda, a cidade symbolista, não haja sinão caracteres falsos, atratantados, cretinos, avaros, feições moraes e physicas todas feias, tôrvas, antipathicas, nojentas!

Quanto nos fôra consolador, nesse deserto de sentimentos um tanto nobres, encontrarmos qualquer oasis, por pequeno que fosse, em que se abrigasse alguma sinceridade, desinteresse, meiguice e lisura!

Afigura-se-nos que ha ali scepticismo demasiado, fel e fermento accumulados a irromperem com impeto juvenalesco, como vapor comprimido que afinal arrebenta o acanhado recipiente em que á força o queiram recalcar. Naquelle realismo da vida indiana, ha muito *parti-pris* de pessimismo e agrura.

Tal seja, comtudo, o estado d'alma daquelles que pensem e possam pensar na degradação e no acabrunhamento da terra em que tiveram a desdita de nascer, sem meios de para sempre abandonal-a, buscando recantos do mundo menos desolados e contristadores!...

Outra lacuna tambem é a carencia completa de qualquer traço descriptivo da natureza em que se movem todas aquellas miserias humanas, tão pequeninas e rasteiras, sinão ignobeis.

Que estupendo contraste, entretanto delle resaltaria! Quão grandiosas, solemnes, as immensas perspectivas da India com a sua

vegetação opulentissima, exageradamente exuberante até, seus palmares infindos a infundirem acre melancolia, suas figueiras colossaes, mysteriosas, creadoras de terror religioso, arvores que, para assim dizer, caminham, ao formarem, só por si, florestas inteiras! Como nos não havia de impressionar uma descripção, por mais rapida que fosse, das grandezas da Gôa de outr'ora, coberta hoje só de magestosas ruinas, entregue a matagaes trançados, em que rastejam, sinistras e mortiferas, as *cobras-capello* e do meio dos quaes se alteiam ainda templos riquissimos, a nos falarem do ostentoso passado, quando nas ruas e praças circulavam centenas de milhares de habitantes, actualmente reduzidos a insignificantissimo numero, como que sorumbaticos phantasmas a vagarem por entre portentosos escombros?!

Não faz muitos mezes, lemos bem interessante livro, obra de um padre, monsenhor Zalesky, *A Ilha de Ceylão e as Indias*. Estudando com particularidade a parte outr'ora avassalada ao dominio portuguez, violentamente accusa a politica do marquez de Pombal de haver ali causado insanaveis desastres e só produzido retrocesso e desgraças. Sem duvida, o sentimento clerical nelle predomina ás claras; mas adduz não poucas provas na sustentação da sua these e algumas bem convincentes.

Porque é que *Gip*...? Nada, porém, de exigencias demasiadas.

Cada qual, diz o adagio, como Deus o fez; o que significa que o escriptor, digno desse nome, traz comsigo o seu coefficiente pessoal, a sua caracteristica, nem é já tão pouco sair, por um modo qualquer, da turba multa da banalidade e do corriqueirismo.

Não podemos pedir a Pierre Loti os dialogos cerrados, scintillantes, a ferirem fogo como laminas de aço que se entrechocam, de Dumas filho ou a este o admiravel colorido com que foram pintados, já os sombrios cambiantes dos mares da Islandia, já as ardentes paizagens de Marrocos, do Deserto e da Galiléa, já as cálidas e voluptuosas perspectivas de Taiti e do Japão.

VISCONDE DE TAUNAY

OS NOSSOS ACADEMICOS

(*Conclusão*)

O Sr. Joaquim Nabuco é um outro vulto que se impõe á admiração nacional pelas suas qualidades de intellectual e de agitador. O seu nome é como que o mote da historia épica da abolição dos escravos, que teve na sua penna e na sua palavra os mais fortes e bellos esteios. Nascido em 1850, formado em direito em 1869, abraçou a principio a carreira diplomatica, indo servir seguidamente como addido nas legações de Londres e Washington. Pernambuco, sua terra natal, elegeu-o então deputado á camara geral onde firmou brilhantemente a reputação de orador, que trazia dos bancos academicos, tomando parte activa nas discussões politicas e rompendo a marcha de propaganda abolicionista no seio do parlamento. Nessa campanha a sua individualidade attingiu proporções culminantes e teve na consciencia popular a mais alta e calorosa consagração. E não se limitou ao Brazil a sua celebridade; em suas viagens pelo estrangeiro, foi alvo de homenagens verdadeiramente excepcionaes.

Organização eminentemente intellectual, o Sr. Joaquim Nabuco estreou nas letras com 14 annos de idade, escrevendo *O gigante da Polonia*, ode dedicada ao seu illustre pai. A imprensa e a tribuna academicas foram o theatro de seus primeiros triumphos, que claramente deixaram antever o brilho de sua carreira, sobre tudo como orador: — nesta qualidade, e por um accumulo de circumstancias propicias, é o Sr. Nabuco o typo mais completo em nosso paiz. Por

---

Veja a *Revista* de 15 de março, 1 de abril e 1 de maio.

isto mesmo foi sempre a tribuna a sua arena predilecta e a ella dedicou a melhor parte do seu talento.

Não tenho dados precisos sobre a vida jornalistica do Sr. Nabuco, e creio mesmo que elle nunca foi, rigorosamente, um jornalista; a conferencia e o pamphleto foram sempre a valvula predilecta das suas opiniões. São entretanto, conhecidos os seus folhetins literarios da *Reforma*, que tiveram grande successo, e os artigos que durante tres annos consecutivos publicou no *Paiz*.

As suas obras de folego mais antigas são um estudo critico sobre Castro Alves e *Camões e os Luziadas* (1872), que, a despeito da critica severa que soffreu de Theophilo Braga, não deixa de ser um trabalho muito interessante pelos seus conceitos e pela eloquencia de seu estylo. Esta eloquencia deriva-se do habito da tribuna e é commum á obra dos oradores: Castellar e Gambetta, por exemplo, escrevem como falam, como que se exprimindo verbalmente perante o seu publico. A este trabalho segue-se uma série vastissima de opusculos e pamphletos literarios, politicos e abolicionistas entre os quaes posso citar — *Partido ultramontano* (1873); dois folhetos em francez—*Le droit au meurtre* (a proposito do *Tue-la* de Dumas Filho) e uma collecção de poesias — *Amour et Dieu*; conferencia sobre o tricentenario de Camões (1880); *Manifesto* da sociedade brazileira contra a Escravidão; *O abolicionismo*, publicado em Londres em 1883; *Campanha eleitoral abolicionista* (1884); a série—*Propaganda Liberal* constando de — *O erro do Imperador*, *Eleições liberaes e conservadoras* e *O eclipse do abolicionismo* (1886); *Resposta á mensagem do Recife e Nazareth* e *Porque continúo monarchista* (1890); *Agradecimento aos pernambucanos* (1891); discurso no Cassino sobre a guerra civil do Rio Grande do Sul (1893); *O dever dos monarchistas* (1895); *Balmaceda* (idem), estudo a proposito do trabalho do Sr. Banados sobre o famoso dictador chileno; *A intervenção estrangeira durante a revolta* (1896) e finalmente *Um estadista do Imperio*, estudo politico [1] ainda inedito sobre o conselheiro J. T. Nabuco de Araujo, pai do autor.

Por essa infinidade de paginas traçadas com talento e com sinceridade de convicções póde-se avaliar a pujança intellectual do Sr. Joaquim Nabuco, que após a Republica se poz á margem da

[1] Uma parte consideravel deste trabalho tem sido publicada nesta *Revista* não só sob aquelle titulo, mas ainda os de *O Ministerio Paraná* e *A Liga*.

nossa vida politica, onde só penetra quando é obrigado a externar suas convicções monarchicas, contra as quaes nada poude a fascinação de conquistas futuras.

Um outro publicista fiel ao antigo regimen é o Sr. Eduardo Prado, que produziu contra a Republica nascente os vehementes artigos — *Fastos da dictadura*, publicados na *Revista de Portugal* sob o pseudonymo de *Frederico de S.* e reunidos depois em volume. Como documento politico, peccam estes artigos pelo seu tom acrimonioso e pelo seu pessimismo inexoravel que os tornam suspeitos ao leitor imparcial; literariamente elles revelam a pericia do seu autor, que é incontestavelmente um polemista vigoroso e elegante, com uma vasta cultura social e politica.

Mais confirmam seus creditos *A illusão americana*, livro de propaganda contra o movimento americanista ou, mais particularmente, monroista que avassallou ha tempos a politica republicana, trabalho de notavel erudição, mas tão apaixonado quanto se devera esperar do proposito reaccionario com que foi concebido.

Postas de lado estas questões de fundo, resulta de ambas as producções citadas, a competencia literaria do Sr. Eduardo Prado, que a seu modo se interessa pela vida nacional para cujo estudo não perde occasião de collaborar, tendo-se consagrado ultimamente a pesquizas sobre a individualidade de Anchieta que apreciou em brilhante conferencia realizada em S. Paulo.

Penso dever classificar como publicista o Sr. Urbano Duarte, a quem não se póde precisamente chamar de jornalista, por não fazer em suas chronicas a analyse dos acontecimentos que a imprensa registra em suas gazetilhas; o autor critica de preferencia a vida popular em suas feições caracteristicas, sob o ponto de vista de costumes, no que se faz continuador de França Junior. Como o faceto chronista fluminense, possue o Sr. Urbano Duarte boas qualidades de observador e de narrador chistoso, sabendo appreender a nota comica dos episodios que relata com bastante naturalidade. Desses croquis caricaturaes se compõe o seu livro *Humorismos*, que bem justifica o seu titulo. Muito versado na gyria de uma certa camada social, as suas chronicas reflectem fielmente os typos e os episodios de que se occupam, nunca falhando em seus effeitos hilariantes. [1]

---

[1] A *Revista* publicou um artigo *O riso*, do Sr. Urbano Duarte (fasc. de 15 de outubro de 1896).

O Sr. Oliveira Lima é uma das figuras mais distinctas da moderna geração de escriptores brazileiros. Filho de Pernambuco, ali bacharelou-se em direito, dando na imprensa provas de suas bellas aptidões literarias. Entrando para a carreira diplomatica, exerceu primeiro o cargo de secretario da legação brazileira em Berlim e depois em Washington, onde permanece ainda. E' autor de duas obras que o consagraram escriptor de primeiro plano — *Pernambuco e seu desenvolvimento historico* e *Aspectos de literatura colonial brazileira*. Espirito seriamente cultivado, observador criterioso e sagaz, o Sr. Oliveira Lima se impõe á estima da critica, que não lhe tem regateado applausos.

Entre os seus trabalhos avulsos figuram alguns publicados nesta «Revista» — *Beckford e a sociedade portugueza do seculo XVIII*, *Moniz Barreto* e os curiosissimos artigos sobre a vida americana, que nos é apresentada sob um aspecto bem differente daquelle pelo qual a vêm os admiradores exagerados dos Estados Unidos ou os seus systematicos desaffectos. Muito moço ainda e já tendo affirmado tão superiormente as suas aptidões, é licito ter sobre o seu futuro as mais altas esperanças. [1]

Dois publicistas que cultivam especialmente a literatura juridica possue a Academia — o Sr. Clovis Bevilacqua, que é um mestre respeitado, e o Sr. Graça Aranha, um talento novel, fadado aos melhores triumphos.

O Sr. Clovis Bevilacqua, natural da Viçosa, estado do Ceará, conquistou logo após a sua formatura na Faculdade de Direito do Recife o lugar de lente substituto e depois cathedratico de uma das cadeiras da mesma Faculdade. Alliando a um talento pouco commum um amor ainda mais raro pelo estudo, logo nos primeiros annos do curso se impôz á estima dos mestres e á admiração dos seus condiscipulos, que por mestre o tinham, indo pedir-lhe particularmente os conselhos do seu saber. Collaborou com Tobias Barreto, de quem era um dos discipulos predilectos, na diffusão da nova sciencia juridica, pondo-se em contacto espiritual com os mais eminentes juristas da Allemanha e da Italia. Modesto até á timidez, de um feitio moral

---

[1] Os trabalhos do Sr. Oliveira Lima na *Revista* são *Beckford* (15 de novembro de 95); *Memorias de Barras* (1 de dezembro de 95); *Antonio José, o Judeu* (1 de fevereiro de 96); *Primeiras impressões* e outros estudos sobre os Estados Unidos, no anno passado e neste.

refractario á mais innocente intenção de successo, só o seu merito excepcional poderia eleval-o a um dos primeiros postos entre os cultores do direito em nosso paiz. Pondo de parte o professor insigne, passo a examinar o escriptor, que é tambem um critico proficiente, embora possuido de uma benevolencia que parecerá excessiva, mas que emana ingenitamente da sua irrepremivel bondade.

Impossivel me seria registrar aqui mesmo uma pequena parte de trabalhos seus que correm impressos em revistas que têm nestes ultimos annos surgido não só no Recife, academicas ou não, mas em quasi todas as principaes cidades do Brazil. Registro sómente, pois, o que constitue volume, o que certo não farei sem lacunas: *Jesus e os Evangelhos*, traducção de Julio Soury; *Estudos de direito e philosophia politica: Epocas e individualidades, estudos de critica literaria; A hospitalidade no passado*, traduzido do allemão de R. von Ihering; *Lições de legislação comparada; Frases e fantazias*, novellas e escorços literarios; *Direito das obrigações* e *Direito da familia*.

A critica dos entendidos tem marcado lugar distincto ás producções do Sr. Clovis Bevilacqua, sobretudo ás duas ultimas que foram recebidas como acquisições inestimaveis para a nossa literatura juridica.

Releva notar que o Sr. Clovis Bevilacqua não é uma organização literaria; como critico o seu optimismo embaça frequentemente o seu criterio, e como escriptor de imaginação é de valor mediocre, por lhe faltarem elegancia e plasticidade de estylo. Estas qualidades negativas em nada influem para o desmerecimento da sua obra scientifica cuja fórma não requer grandes esmeros artisticos e que é pelo seu fundo um dos mais ricos cabedaes do direito nacional. [1]

O Sr. Graça Aranha foi levado, por contingencias naturaes, á vida absorvente da advocacia, que ainda não lhe consentiu uma concretização da sua actividade e do seu talento. E' este academico o unico que ainda não deu seu nome a uma obra original ou traduzida. Os que de perto o conhecem não hesitaram, porém, em solicital-o para o seio da Academia, conscios de que ha na sua pujante mentalidade o penhor de uma gloria futura, mas proximamente futura e bellamente annunciada por alguns trabalhos esparsos na Revista do Instituto da Ordem dos Advogados, na *Revista Brazileira*, etc.

---

[1] Ha do Sr. Clovis Bevilacqua na *Revista* os seguintes artigos: *O Suicidio na capital federal* (15 de maio de 95); *Gustavo le Bon e a psychologia dos povos* (15 de março de 96); e *Juristas philosophos* (15 de janeiro e 1 de fevereiro de 97).

Merece especial menção o longo e criterioso prefacio que o Sr. Graça Aranha escreveu para *Introducção ao cosmos do direito e da moral*, do Sr. Fausto Cardoso, que qualifica o seu prefaciador de « o mais illustre internacionalista brazileiro ». Nesse seu trabalho se revela o Sr. Graça Aranha não sómente possuidor de vasta cultura juridica como tambem de selectas qualidades de estylista. E' preciso accentuar que este cavalheiro não annuiu á designação com que o distinguiram os membros da Academia sem primeiro oppôr-lhe um protesto amistoso, mas formal, em carta dirigida ao Sr. Lucio de Mendonça, accedendo emfim diante da irresistivel resposta que teve e com a qual póde fazer frente aos reparos pouco benevolos que porventura se elevem a respeito da sua entrada na Academia. [1]

O jornalismo tem nesta corporação quatro representantes, os Srs. Carlos de Laet, José do Patrocinio, Alcindo Guanabara e Medeiros e Albuquerque.

O primeiro destes jornalistas figurou salientemente na politica do imperio, exercendo altos cargos de nomeação e de eleição. A sua vida de imprensa é uma das mais longas e agitadas que se conhece em nosso paiz. Espirito intransigente e voluntarioso, o Sr. Carlos de Laet se distingue pelo fino atticismo de seu estylo que não raro se torna accentuadamente caustico e pessimista. No afan das suas

---

[1] Podemos offerecer á apreciação dos leitores da *Revista* a carta do Sr. Graça Aranha ao Sr. Lucio de Mendonça; eil-a:

« *Confrade Dr. Lucio de Mendonça.*—Fez-me V. uma insigne e honrosa surpreza convidando-me a ser um dos membros da Academia de Letras, que por sua iniciativa vai ser fundada. Confesso que fiquei embaraçado para immediatamente recusar, como devia, o lugar que a sua bondade me assignala entre os *immortaes* brazileiros. Resolvi, porém, escrever-lhe deste modo dizendo porque não aceito o seu convite. Antes de tudo, ha uma razão de ordem pessoal que se refere á minha situação literaria. Como sabe V., não sou autor de livros, não sou escriptor. Raros artigos publicados na *Revista Brazileira*, não me fariam ornar com este distinctivo. Quando muito, sou um aspirante á profissão, aguardando sem pressa que as circumstancias definam-me a vocação e mostrem-me o rumo a seguir. A Academia não é uma simples sociedade recreativa e literaria; tem missão mais elevada, directora do mundo intellectual, e por isso presume-se ascendencia em seus membros, escriptores feitos, tendo contribuido para enriquecer a literatura em sua vasta comprehensão, ennobrecendo-a e influindo nas gerações e na cultura de seu tempo. Sob este aspecto, a Academia não é um ninho onde se emplumem aves, é uma consagração. Que se honre e confie a proeminencia, ou, como se quer agora, a autoridade (digamos a palavra odiosa) dos Srs. Machado de

eternas polemicas, sempre interessantes mas nem sempre justas, nunca lhe sobraria tempo para um trabalho de maior monta si os acontecimentos politicos não o constrangessem a ausentar-se desta capital, condemnando-o a um retiro forçado, durante o qual produziu o seu unico livro — *Em Minas*, um punhado de formosos artigos sobre assumptos varios, traçados com aquella firmeza de estylo e abundancia de conhecimentos que tornam tão estimadas as suas producções.

O Sr. José do Patrocinio é um nossos jornalistas mais completos, dos que mais possuem *savoir faire* da profissão. Seu nome está ligado a muitos successos importantes da nossa historia contemporanea, sobretudo á campanha da abolição, em que occupou um dos primeiros postos. Com extrema abnegação poz a serviço da libertação dos captivos a sua penna e a sua palavra, cada qual mais scintillante e temivel.

Nos seus primeiros annos de vida jornalistica, cultivou o Sr. Patrocinio o campo literario produzindo dois romances — *Motta*

Assis, Ruy Barbosa, José Verissimo, Joaquim Nabuco, Aluisio Azevedo, Taunay, R. Corrêa, ao poeta das *Canções do outomno* e a alguns outros compreende-se. A mim, porém? Porque? Não vejo como qualificar o meu *direito* e assim peço-lhe que me dispense de fazer figura de *sepulcro branqueiado*, simulacro de escriptor, cujos titulos tenham por origem a condescendencia e a camaradagem. Si tal é o meu caso, temo que entre os quarenta escolhidos, outros estejam nas mesmas condições, e nesta hypothese, a instituição lisonjeando a vaidade dos principiantes, confundindo mediocres e notaveis, anniquilará o esforço collectivo, destruirá o estimulo individual e será perniciosa a todos. Por outro lado, si eu tivesse voto na materia, seria contrario á fundação da Academia. Não que a repute ridicula; não me sinto com disposições de reeditar Chamfort. Uma instituição creada por V. e naturalmente composta com os que acima apontei, deve ser tomada a sério. Mas exactamente por isto a considero prejudicial á literatura brazileira. Pelas minhas tendencias, francamente libertarias, sou contrario a toda protecção do Estado. E' certo que a Academia funda-se livremente: mas em virtude de uma tentativa falha disfarça o jogo e busca indirectamente os favores officiaes. Quer dizer: a literatura vai ser enfeudada ao governo, exactamente como fez Richelieu, convertendo-a em instrumento de reinado. O caso da França é unico no seu genero, e sem duvida pela força de expansão, de originalidade, de liberdade, não se póde equiparar a literatura franceza á da Inglaterra, onde a politica, em relação ás letras, é positivamente diversa. Seria impossivel entre inglezes o espectaculo de literatos officiaes, forçando rimas em louvor do Tzar. Tem-se dito que na França domina a regra, e a ordem ali para firmar a unidade comprehende todas as manifestações de vida. Na Academia não penetraram os desordeiros, os exuberantes, os fortes. Mas não foram elles os

Coqueiro e o *Retirante*. O que ha de apreciavel nesses dois ensaios são a pujança de imaginação e o calor do estylo; quanto ao mais não se encontram nelle os requisitos de verdadeiros romances, sendo antes narrativas mais ou menos coloridas, mas a que faltam os moldes da novella moderna. A banca de jornalista e a tribuna são os polos naturaes do seu espirito: é por essas duas pontas que se expande o seu talento com uma vehemencia por vezes demasiada.

Collaborou a principio em muitos orgãos da nossa imprensa; mas negando-se o seu temperamento a submetter-se a vontades e opiniões alheias, tomou conta da *Gazeta da Tarde*, que abandonou para fundar a *Cidade do Rio*. Nas columnas desta gazeta continúa o Sr. Patrocinio a sua missão de agitador mais preoccupado em verberar erros do que em dictar ensinamentos.

O Sr. Alcindo Guanabara é um outro jornalista de raça, tendo ao serviço de suas aptidões uma penna amestrada por longo tirocinio. Filho dos seus esforços, cultivou penosamente o seu espirito assediado pelas contingencias da manutenção propria que o obrigaram a extenuantes labores. A sua vocação impellia-o, porém, através de tudo para o jornalismo, e em 1887 era-lhe confiada a redacção principal do *Novidades*, em que estreou muito auspiciosamente.

---

creadores, os Molière, os Rousseau, Diderot, Balzac, Flaubert, para citar sómente aquelles que têm renovado as facturas do espirito literario? No Brazil, que não é a França, a cousa é peor. A materia intellectual, a producção não é tão viva, tão luxuriante que precise ser arregimentada. Trata-se de um pequenino ribeiro cujas aguas se quer agora captar para leval-as a uma piscina limpa, ladrilhada, porém esteril, seccando-a por falta de seiva em sua fonte. Deixemos o filho da floresta entregue á sua braveza natural, deixemol-o engrandecer-se livremente. »

Não tendo a Academia tomado conhecimento da sua recusa, escreveu o Sr. Graça Aranha ao Sr. Machado de Assis: — « Ainda cheio de suas commovedoras invocações, reli hontem á noite que Job, depois de disputar loucamente com Deus, tapou a bocca. Estou diante de V. na attitude do grande humilhado. Não é preciso repetir aqui o livro santo: não me pergunte onde me achava quando Jehovah creou o Braz Cubas. Cedo ás honrosas insistencias suas e do nosso amado Joaquim Nabuco. Rendo-me á discrição: sou um *forçado* da Academia. Agora deixe-me a consolação de que a amizade como fundamento da solidariedade humana, tambem é um *principio libertario*. E assim posso exclamar tranquillo: como é doce a incoherencia! »

A *Revista* publicou do Sr. Graça Aranha: O «*Pharol Maranhense*» (1 de março de 96): *Uma Historia do Direito nacional* (1 de maio de 96.)

Desapparecendo esse jornal, trabalhou successivamente para o *Diario do Commercio*, *Correio do Povo* e *Jornal do Commercio*, collaborando tambem nas revistas literarias a *Semana* e *Vida Moderna*. Os seus serviços politicos valeram-lhe em 1889 o diploma de deputado ao Congresso Constituinte, em que fez figura condigna do seu talento.

Em 1893 foi nomeado superintendente da immigração na Europa, e por essa occasião prestou grandes serviços ao governo do marechal Floriano, cujos actos defendeu em numerosos artigos estampados na imprensa parisiense. De novo foi o Sr. Guanabara eleito deputado á Camara Federal na proxima legislatura e occupa actualmente o posto de redactor em chefe da *Republica* com a proficiencia costumada.

Não cabe ao Sr. Medeiros e Albuquerque o rigoroso qualificativo de jornalista, comquanto consagre á imprensa grande parte da sua actividade. Estreou como poeta e de fino quilate com os *Peccados* e *Canções da decadencia*. Republicano extremado desde os bancos academicos, elle pertence á geração de talentos jovens que o nosso regimen politico tem posto em evidencia nos cargos publicos e na representação nacional, da qual fez parte durante a legislatura finda como deputado por Pernambuco, seu estado natal. Collaborou assiduamente no *Tempo* e no *Figaro*, e presentemente escreve um artigo diario para a *Noticia*, sob o pseudonymo de *Max*. Consagra-se com paixão a especulações scientificas e dellas se occupa na imprensa, apanhando-lhe de preferencia a nota pittoresca. Tem aprofundado tambem interessantes questões politicas e na collecção desta Revista se encontram alguns dos seus estudos neste genero. Exerceu durante algum tempo o cargo de professor de mythologia na Escola Nacional de Bellas-Artes e ultimamente foi distinguido com a nomeação de Director Geral da Instrucção publica no Districto Federal. [1]

Grande parte dos escriptores da Academia tem escripto para o theatro, mas a obra dramatica de nenhum delles autoriza uma

---

[1] *Federação e Republica* (1 de janeiro de 95); *O Impossivel* (1 de abril de 95); *Sete Annos de Republica no Brazil* (15 de novembro de 96); alem de notas bibliographicas, são as contribuições do Sr. Medeiros de Albuquerque na *Revista*.

classificação especial no genero. Nestas condições só se encontra um academico, o Sr. Arthur Azevedo, o mais fecundo escriptor que tem contado o theatro brazileiro em todos os tempos. O autor cultiva de preferencia e quasi que exclusivamente a comedia e a sua variante inferior — a revista de anno. Foi sua peça e estréa a *Vespera de Reis na Bahia*, comedia que ficou no repertorio dos nossos theatros, onde surge com applausos de quando em quando. Não tenho espaço para enumerar as suas traducções, que attingem talvez a uma centena, por isso citarei sómente os seus trabalhos originaes, inclusive os escriptos de collaboração, e que são além da comedia citada os seguintes: *Amor por annexins*, comedia em 1 acto; *O anjo da vingança*, drama (com Urbano Duarte); *O Barão de Pituassú*, comedia-opereta; *O bilontra*, revista; *O carioca*, idem; *Cocota*, idem: *Casa de Orates*, comedia (com Aluisio Azevedo); *A dôncella Theodora*, opereta; *E mettam-se*, comedia: *Entre o vermouth e a sôpa*, comedia; *O escravocrata*, drama (com Urbano Duarte); *A fantasia*, revista; *Fritzmac*, idem; *O homem*, idem; *Joanico*, opereta; *A joia*, comedia em verso; *Kellar e Fagundes*, entreacto; *O Liberato*, comedia; *O Major*, revista; *O mandarim*, revista; *A mascotte na roça*, comedia: *Mercurio*, revista: *Uma noite em claro*, comedia; *Os noivos*, opereta; *A pelle do lobo*, comedia; *A princeza dos Cajueiros*, opereta; *Pum!* opereta (com E. Garrido); *Republica*, revista; *O Rio de Janeiro* em 1877, idem; *O tribofe*, idem; *Viagem a Parnaso*, idem; *Capital Federal*, idem.

Sommadas estas producções ás suas traducções perfaz tudo um resultado que dá da fecundidade do autor uma idéa surpreendente. Isto no que toca á quantidade; quanto á qualidade, devem ser deduzidas, para a apuração do seu merecimento, grande parte dessas operetas e revistas que são escriptas expressamente para satisfazer a emprezarios e a espectadores que se combinam para fazer da nossa literatura a coisa inqualificavel que ella é actualmente. Deve-se porém affirmar que mesmo nesses generos ingratos e inferiores por sua natureza, o Sr. Arthur Azevedo mantem uma superioridade relativa, inoculando-lhes o fino espirito de que é dotado e nunca descendo a perpetrar frases pulhas e estrophes aleijadas. *O Bilontra*, *A viagem ao Parnaso*, *A fantasia*, a *Capital Federal*, etc., têm scenas que figurariam dignamente na mais fina comedia de caracter e estrophes trabalhadas com grande esmero artistico.

As suas peças mais estimadas e mais dignas dessa estima são *A vespera de Reis*, *A joia* (que é com effeito a joia do seu theatro), e as suas traducções em verso da *Escola dos maridos* e *Sganarello*, de Moliére; e em prosa do *Casamento de Figaro*, de Beaumarchais. *Sganarello* (no original — *Le cocu imaginaire*) é uma das traducções mais felizes e delicadas que se póde conceber; o monologo, em versos septysyllabos, é um primor de graça e naturalidade.

Diante destas e de muitissimas outras provas das superiores aptidões do Sr. Arthur Azevedo para a literatura dramatica, não se comprehende bem como elle, que póde, sem sacrificios extremos, manter-se independentemente do rendimento de suas peças, tenha gasto tanto tempo e tanto talento a escrever revistas e em traduzir o que o theatro francez tem de mais frivolamente brejeiro. Quem escreveu *A joia* e traduziu *Sganarello* não devia transigir com o publico e os emprezarios sinão ante a perspectiva terrivel de morrer de fome. Devido a estas lamentaveis condescendencias, é que o nosso theatro chegou á degeneração em que se acha e da qual será muito difficil levantar-se, desde que os escriptores não vacillam em se tornar cumplices della — e os principaes cumplices, seja dito sem rebuço.

Ninguem mais no caso de levantar os creditos do nosso theatro do que o Sr. Arthur Azevedo, que para isso possue demasiados recursos intellectuaes. E tanto é assim que lhe sobra talento para ser um novellista encantador, como se vê dos *Contos possiveis* e dos *Contos fóra da moda*, e poeta facêto sem rival em todo o Brazil, devendo-se acrescentar que como poeta sério tem encantado as composições lyricas. A sua obra poetica de um e outro genero daria para mais de dois volumes.

E algumas notas biographicas para concluir: — O Sr. Arthur Azevedo nasceu na capital do Maranhão a 7 de julho de 1855; ali cursou o Lyceu, esteve como caixeiro de uma casa commercial, fez-se depois empregado publico, sendo demittido por causa de uma satyra que escreveu contra o presidente da provincia. Iniciou-se nas letras fundando um jornalzinho — *O Domingo* e escrevendo um volume de versos— *Carapuças*. Chegou ao Rio de Janeiro em 1873 e foi nomeado amanuense da secretaria da agricultura, hoje da viação, onde exerce actualmente o cargo de chefe de secção. Tem collaborado desde então e ás vezes diariamente em muitos jornaes

desta capital, sobretudo no *Diario de Noticias*, *Correio do Povo*, *Novidades*, *Epóca*, etc. Presentemente, é no *Paiz* que dá expansão ao seu humor scintillante e inexgotavel. [1]

Coube-me analysar por ultimo o vulto respeitavel do Sr. Pereira da Silva, o mais idoso e ainda um dos mais operosos membros da Academia. Os estudos historicos mereceram sempre a sua predilecção, predilecção fecunda que tem dotado as nossas letras com trabalhos de incontestavel merecimento. A politica, em que militou largo tempo occupando altos cargos de eleição e nomeação sob o antigo regimen, não conseguiu entibiar-lhe o amor pelo cultivo das letras.

E' opulenta a sua lista bibliographica, da qual posso enumerar: *Historia da fundação do Imperio*, 5 volumes; *Curso de historia dos differentes estados da America; Nacionalidade, lingua e historia de Portugal e Brazil; Varões illustres do Brazil; Christovão Colombo;* a série de estudos— *Na historia e na legenda*, que já conta 5 volumes sobre differentes assumptos; *Jeronymo Côrte Real*, *Manoel de Moraes* e *D. João de Noronha*, chronicas dos seculos XV, XVI e XVII; *Literature portugaise; Filinto Elysio e sua época; Considerações sobre a poesia épica e dramatica; Situation politique; Discursos parlamentares; Aspasia*, (romance).

De envolta com alguns trabalhos que peccam pela sua exiguidade documental e que demandariam mais methodo e reflexão, alguns ha, como a *Historia da fundação do Imperio* de valor incontestavel como repositorio de conhecimentos criteriosamente respigados ás tradições da independencia nacional e subsequentes successos da sua vida autonoma.

Encerrando aqui estas ligeiras apreciações sobre os nossos academicos, devo confessar que de profundissimas lacunas se resentem ellas; — a deficiencia de espaço, de dados e de tempo alliada á impericia de uma penna pouco affeita aos torneios da critica, dá a este artigo uma feição desigual e descosida que offerecerá margem talvez a commentarios desfavoraveis, aos quaes só posso antepor, como consolo intimo, a sinceridade que presidiu á sua elaboração.

ANTONIO SALLES

[1] O Sr. Arthur de Azevedo publicou na *Revista* um conto, *A Dirida* (15 de janeiro de 95).

ARTISTAS DOUTRO TEMPO

CARLOTA PATTI — RITTER — SARASATE

Tres artistas de valor fizeram-se convite de aportar ao Rio de Janeiro [1] : Carlota Patti. [2] Theodoro Ritter, [3] e Pablo Sarasate, [4] uma cantora, um pianista e um violinista, todos dotados dessas organizações musicaes que respondem ao sonho com os écos de vozes não ouvidas.

---

[1] Chegaram a 19 de junho de 1870.

[2] Carlota Patti pertencia a uma dynastia artistica. Sua mãi, a cantora Barili, teve de dois consorcios oito filhos, todos cantores. Do primeiro matrimonio com il signor Barili educou Clotilde, soprano, Heitor, barytono, Antonio e Nicolo, baixos: casada em segundas nupcias com Salvador Patti, antigo *tenor di forza*, foi mãi de Amelia Patti, pianista, de Adelina, Carlota e Carlos, duas sopranos e um tenor. Carlota Patti nasceu em 1840 em Florença, onde a Barili cantava no theatro de Pergola, indo criança para os Estados Unidos. A principio pensou em abraçar a carreira de pianista, mas em breve se dedicou só ao canto. Percorreu os Estados Unidos, a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Austria, até chegar ao apogeu da sua vida artistica, os seus concertos no Theatro Lyrico de Pariz, concertos a proposito dos quaes escreveu Paul de Saint Victor que a voz de Carlota Patti rivalizava em sonoridade com a rabeca de Paganini.

[3] Theodoro Bennet ou Ritter nasceu a 5 de abril de 1841 em Nantes, capital do departamento do Loira Inferior. Educou-se na Allemanha, completando o seu tirocinio musical sob as vistas de Listz, que lhe deu o nome de Ritter, bem conhecido depois na Europa inteira. A execução de Ritter era fina, unctuosa, pessoal, embora não muito classica na interpretação dos mestres.

[4] Martinho Melitoa ou Pablo Sarasate y Navacues, natural de Pampeluna, capital da provincia e do antigo reino de Navarra, onde nasceu a 10 de março de 1841. Sarasate cursou o Conservatorio de Pariz onde obteve varios premios. Tinha 26 annos ao chegar ao Rio de Janeiro: Ritter contava 29 e a Patti 30.

Annunciada a vinda da trindade artistica no paquete norte-americano *South America*, [1] a colonia italiana e muitos amadores foram receber Carlota Patti, numa barca Ferry embandeirada, ao som da infallivel charanga destas occasiões. A bordo, cessados os movimentos da helice, o Dr. De Simoni [2] saudava a cantora com um soneto em italiano, idioma gratissimo aos ouvidos della.

« *Figlia dell'armonia e del bel canto,*
Che vieni a queste Brasiliane rive,
Una Tu sei di quelle anime Dive
Che l'Italia Terra onoran tanto ».

Desembarcados os artistas, tratou-se logo de encaminhar o publico para a agencia dos bilhetes, occulto e modesto brazeiro dos incendios do enthusiasmo theatral. Abria-se o S. Pedro de Alcantara para o primeiro concerto Patti, posto á margem o Lyrico por multiplas, descabidas e onerosas exigencias da directoria do antigo *Provisorio*, resistencia aliás applaudida por muitos artiguinhos anonymos nos jornaes diarios. [3] Theatro cheio, estatuas de marmore, vasos, espelhos, flôres e arbustos em scena e no espaço da orchestra; lustres addicionaes suspensos do arco de bocca e arandellas pregadas por toda a sala realçavam os variegados e luxuosos trajes das senhoras, muitas das quaes na platéa, costume de origem recente. Sarasate e Ritter iniciaram o concerto e Ritter o continuou tocando a marcha nocturna de Mendelssohn. Carlota Patti cantou

---

[1] Comm. Tinklepaugh, procedente de New-York e escalas, com 27 dias de viagem.

[2] O Dr. Luiz Vicente De Simoni foi um dos mais antigos, procurados e sympathicos clinicos do Rio de Janeiro. Espirito culto, caracter ameno e sisudo, o Dr. De Simoni era o typo do medico amigo da familia no tempo em que os medicos quasi della faziam parte. Nascido em Nori, ducado de Genova, o Dr. De Simoni veiu para o Brazil em 1817. Director do hospital da Misericordia, lente de latim e italiano no Collegio de D. Pedro II, professor das princezas, um dos fundadores da Academia de Medicina, o Dr. De Simoni falleceu no Rio de Janeiro, com 89 annos de idade, aos 11 de setembro de 1881, conservando até o fim da vida o mais ardente enthusiasmo pelas artes e seus cultores. Durante muitos annos não houve artista que não fosse saudado entre nós por versos do Dr. De Simoni, traductor de varios librettos.

[3] Verbi gratia o *Inimigo das Imposições*, artiguinho ferino no *Jornal do Commercio* de 21 de junho de 1870.

a cavatina da *Linda de Chamounix*, uma valsa de Ritter e um trecho do *Elixir de Amor*, dando como graciosa resposta aos numerosos *bis* a cançoneta franceza *L'Éclat de Rire*, que o publico acolheu a sorrir, tal o effeito das risadas por musica. Em resumo: victoria completa; mas como não ha gozos perfeitos em qualquer recanto do nosso planeta girador, estabeleceu-se, á saida do theatro, grande confusão de carros e atropello de familias em virtude do mau serviço policial. *Plus ça change...*

Coincidiram os concertos Patti com as festas pela terminação da campanha do Paraguay. [1] O paiz sentia-se desopprimido do fardo de longa e penosa guerra, a exigir continuo sacrificio de vidas e dinheiro; regressavam aos lares os voluntarios da patria recebidos com delirio; succediam-se os festejos officiaes e particulares, estes avaliados em mais de 800:000$000. [2]

O regozijo official não foi feliz, nem compreendido; o governo com a festa chamada do Barracão, [3] quiz honrar solemnemente o exercito patenteando-lhe a gratidão da patria pelos serviços prestados no Paraguay. Responderam-lhe os politicos e a sociedade em geral com o amúo, a ausencia e o retraimento; e o dia 10 de julho de 1870, em vez de ser todo de alegrias e enthusiasmos, arrastou-se penoso e displicente até á noite, em que desagradavel reacção de caracter militar deu prenuncio de graves complicações em futuro mais ou menos chegado. [4] Não obstante tudo isto, a época era boa

---

[1] Proporção curiosa: durante a guerra do Paraguay as pastas militares foram geridas por igual numero de ministros effectivos. Cinco dirigiram o ministerio da guerra (Henrique de Beaurepaire Rohan, visconde de Camamú, Angelo Muniz da Silva Ferraz, João Lustosa da Cunha Paranaguá e barão de Muritiba); cinco outros a pasta da marinha (Francisco Xavier Pinto Lima, José Antonio Saraiva, Francisco de Paula da Silveira Lobo, Affonso Celso de Assis Figueiredo e barão de Cotegipe).

[2] Discurso de José de Alencar, sessão da Camara dos Deputados, 19 de maio de 1870.

[3] O Imperador, de accordo com o gabinete de 18 de julho de 1868, o ministerio Itaborahy (o 23° do segundo reinado, a 45ª organisação ministerial do Imperio) desejou dar ao exercito victorioso alta prova do reconhecimento brazileiro. Pediu-se para isto ás camaras um credito de 200:000$, credito que abriu margem a esteril e vehemente discussão. Ergueu-se um templo improvisado em frente á Casa da Moeda onde se celebrou o *Te-Deum* em acção de graças pela terminação da guerra. A solemnidade mereceu o alcunha zombeteiro de Festa do Barracão, sendo troçada a valer.

[4] Visconde de Taunay. *Algumas Verdades*, pag. 19.

para ganhar dinheiro; os concertos Patti iam bem. Attendiam os seus programmas ás mil nuanças do gosto do auditorio, nelles incluidos ora a *Ave Maria* de Gounod, pelo trio Patti — Ritter — Sarasate, acompanhados ao orgão por Germano Lopes, ora a marcha do *Tannhauser*, dantes regida por Gottschalk, ora a Symphonia Pastoral de Beethoven, ora a ouvertura de *Rienzi*, os generos os mais oppostos. Na *Ave Maria*, como em geral na musica de Gounod, encontra-se o desejo de casar a nota sensual á melodia religiosa, na propria *Mireille*, pagina cheia de sol e do estridulo das cigarras, vibra o canto da liturgia catholica — Lauda, Sion, Salvatorem. [1] A Symphonia Pastoral prova que a natureza é melhor amada e compreendida pelos misanthropos. Rousseau e Bernardin de Saint-Pierre demonstram essa verdade na ordem literaria; a Symphonia Pastoral a confirma em relação á musica. [2] E a ouvertura do *Tannhauser* onde o thema do côro dos peregrinos representa a idealidade sob a fórma da pureza religiosa, em opposição á melodia enervante do Venusberg?

O que se vê durante a audição da ouvertura do *Tannhauser* não é somente o bando dos peregrinos e os lascivos grupos das nymphas, mas a alma do homem, theatro do torneio sinistro da luz e da sombra, da materia e do espirito, do peccado e da salvação. [3] *Rienzi* é o primeiro ensaio de Wagner, o alicerce do wagnerismo que baixa ás massas da humanidade e entesta com as mais altas espheras da poesia e da belleza pura.

Como se vê, o publico dos concertos Patti era bem aquinhoado; mas gostava naturalmente de musicas de effeito facil e por isso não dispensava o *Éclat de Rire*, cançoneta banal, mas verdadeira provocação aos organs vocaes. Patti garganteava as notas da canção com o argentino timbre dum fio de perolas rolando no ambito sonoro de taça crystalina. Mas, o eterno *mas* das coisas humanas, a Patti, apezar da privilegiada voz, soffria o intimo desgosto dum defeito physico, claudicação da perna direita, que a privava de seguir na scena lyrica as pisadas da gloriosa irman. Talvez a Patti se consolasse com a philosophia do podia ser peior. Lekain não tinha acaso

---

[1] Hugues Imbert, *Nouveaux Perfils de Musiciens*, pag. 122.
[2] Félix Clément, *Les Musiciens Célèbres*, pag. 277.
[3] Joséphin Péladan, *Le Théâtre Complet de Wagner*, pags. 38-39.

rosto patibular, repellente, mento com uma cicatriz de cada lado, nariz semi-roido de bexigas, e isso o impedia de ser Lekain? Pelo contrario, tal era a sua arte que as mulheres exclamavam ao ouvil-o: como é bello! [1] Os admiradores de Carlota Patti, sem embargo do seu defeito physico, pretendiam que a patria della era Angelopolis. Os espectadores rabugentos respondiam em surdina: não cante a Patti acompanhada pela orchestra; quem deu dinheiro para a *ouvir* cantar pode declarar-se roubado e substituir a frase — vou ouvir a Patti por vou *ver* a Patti. *Ni cet excès d'honneur ni cette indignité.*

A constellação Patti — Ritter — Sarasate recebia aliás não raro boas pedradas. Ritter soube o gosto dellas quando se lembrou de escrever uma carta a Gravenstein na qual insinuava ter vindo despertar no povo fluminense o gosto pela musica classica, e Sarasate tambem não ficou indemne tanto que o convidaram, a proposito da *Ave Maria* de Gounod, a tocar o evangelho de S. João em lá bemol. Sempre o espirito brazileiro mordaz, demolidor e implacavel, mas sem aptidões para substituir o bom ao mau. Emfim os altos compensaram os baixos e tudo acabou direito, realizados os ultimos concertos no Lyrico cuja directoria se ameigara no trato e diminuira as exigencias. Logo após o seu beneficio (11 agosto 1870) seguiu a Patti para o Rio da Prata, ponto de partida ou de chegada das excursões artisticas pela America do Sul.

Ha vinte e sete annos estiveram juntos no Rio de Janeiro a Patti, Ritter e Sarasate. Dois já não existem. Carlota Patti, casada (1879) com o celebre violinista belga Ernest de Munck falleceu em Paris a 27 de junho de 1889. Tinha 49 annos.

Encore une étoile qui file
Qui file, file
Et disparaît.

---

[1] Victor Fournel, *Curiosités Théatrales*, pag. 232.

[2] «O Sr. Ritter teve a infelicidade de tocar em uma terra onde se sabe o que seja o piano e o que são pianistas; e apezar disso poderia ser quasi admirado si não se apresentasse com ares da estatua de Menandro, como que a desprezar a opinião dos athenienses». *Semana Illustrada*, vol. X, n. 500.

Theodoro Ritter, á força de perseverança e estudos, conseguiu ser um grande pianista. Sentia-se forte, senhor de si. « Nunca trabalhei tanto, nem de tão bom coração», [1] dizia a Arthur Pongin, o conhecido critico de arte. Tres dias depois victimava-o a ruptura dum aneurisma, aos 46 annos de idade.

Sarasate vive ainda, em Pariz. Tem os cabellos, negros outr'ora como ebano, quasi neve; mas o rosto conserva-se moço e brilha-lhe nos olhos a luz sideral dos olhos hespanhoes. E' o *virtuose* predilecto dos reis e das rainhas que o cumulam de honras, presentes e condecorações. Prefere comtudo um bom cigarro fumado em Pampeluna, a terra natal, na companhia de alguns amadores de verdadeira musica. [2] Lembrar-se-á do Brazil que assistiu ao desabrochar do seu maravilhoso talento? *Quien sabe*, embora não seja habito pensar no jardineiro quando a rosa se abre para orgulho dos canteiros.

ESCRAGNOLLE DORIA

---

[1] Arthur Pougin, *La Salle Pleyel*, pag. 12.
[2] *Le Figaro*, n. de 11 março 1897.

Concertos Patti—Ritter—Sarasate no Rio de Janeiro.

1º	concerto	S. Pedro de Alcantara	— 1	julho	1870
2º	»	»	6	»	»
3º	»	»	9	»	»
4º	»	»	14	»	»
5º	»	»	16	»	»
6º	»	»	18	»	»
7º	»	Lyrico Fluminense	25	»	»
8º	»	»	28	»	»
9º	»	»	30	»	»
10º	»	»	3	agosto	»
11º	»	»	4	»	»
12º	»	»	11	»	»

Um mez e vinte e cinco dias foi a estada da Patti, de Ritter e Sarasate no Rio de Janeiro.

A PRIMEIRA FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Dois lugares têm sido indicados pelos historiadores como sendo em um delles que Estacio de Sá estabeleceu o seu arraial quando veiu, em 1565, expulsar os Francezes do Rio de Janeiro: a fortaleza de S. João e a Praia Vermelha, ou melhor, a Praia da Saudade.

Varnhagen, á vista do topico abaixo do cap. LI do *Tratado descritivo*[1]. «Em que particularmente se explica a bahia do Rio de Janeiro da Ponta do Pão de Assucar para dentro» concluiu, que a primeira fundação «de uma colonia nesta bahia de Janeiro teve lugar na Praia Vermelha», e esta sentença do grave historiador fixou definitivamente, até hoje, a Praia da Saudade como sendo o lugar da extincta cidade.

Eis o topico:—«... E comecemos do Pão de Assucar, que está da banda de fóra da barra, que é um pico de pedra mui alto, da feição do nome que tem, do qual á ponta da barra que se diz Cara de Cão (*hoje morro de S. João*)[2] ha pouco espaço; e a terra, que

---

[1] *Tratado descriptivo do Brazil. Rev. do Inst. Hist.* T. XIV.

[2] *S. João* (antigamente Cara de Cão —Morro que forma com o de Santa Cruz que lhe fica defronte, as duas pontas da entrada da barra : está á esquerda de quem entra.

Este nome estende-se a uma varzea—situada entre este morro e a montanha da Urca—, que se prolonga da Praia de Fóra (do lado exterior da barra) ao *porto* de S. João, que está dentro.

Chama-se *porto* a todo o lugar do litoral que dá desembarque para escaleres e embarcações miudas : é um ponto em que o mar é menos violento, ou, além em que as embarcações podem atracar com difficuldade, mas sem

fica entre esta ponta e o Pão de Assucar, é baixa e chan: e virando-se desta ponta para dentro da barra se chama cidade velha, onde se ella fundou primeiro. Aqui se faz uma enseada, em que podem surgir navios, se quizerem, porque o fundo é de vasa, e tem cinco, seis, e até sete braças. Esta enseada (*hoje Botafogo*) se chama de Francisco Velho... »

Parece indiscutivel a conclusão de Varnhagen; mas para nós as palavras: — Aqui se faz uma enseada — querem dizer: Neste ponto *se apresenta* ou *começa* uma enseada—e não—Neste ponto (cidade velha) *existe* uma enseada.

No mesmo tratado tambem encontramos, no cap. LVII « em que se declara a costa do Rio de Janeiro até S. Vicente » uma frase identica e que deve ser interpretada de igual modo:— « Da ponta da Cara de Cão do Rio de Janeiro á ponta do rio de Marambaia [1] são nove leguas, onde se faz uma enseada: e defronte desta enseada está uma ilha de arvoredo, que se chama a Ilha Grande... »

Tomada literalmente, como Varnhagen fez com a precedente, parece que a enseada está *no rio* Marambaia (onde se faz uma enseada); entretanto o que existe é a enseada do Abrahão *depois* do rio Marambaia (barra de Guaratyba), isto é, a enseada *apresenta-se* depois do rio.

---

risco imminente de dar á costa por terem as ondas, apezar de grossas, uma direcção parallela a essa costa. De ordinario um *porto* é reintrante com uma pequena praia de areia.

Para o morro de S. João só ha accesso pelo mar ou pela montanha da Urca, a qual é a pique do lado de Botafogo e da Escola Militar, tem uma declividade fortissima para o mar alto, e só para o lado de S. João é que desce em ladeiras ingremes, mas relativamente accessiveis. Por esta discrição vê-se que para chegar a S. João por terra é preciso passar pelo costão que se liga á Praia Vermelha, costão de tal sorte empinado que só pessoas muito praticas podem por elle passar e com risco imminente de despenhar-se no mar que se agita muitos metros abaixo.

No morro erguem-se as baterias da Fortaleza de S. João e na varzea existem edificios pertencentes á administração da extincta Escola de Aprendizes Artilheiros, a saber: na encosta da Urca, a antiga enfermaria voltada para Santa Cruz e tendo embaixo uma depressão que foi uma antiga lagôa existente ainda em mil oitocentos e sessenta e tantos: na base da mesma Urca, mas perto do *porto*, uma casa de sobrado em que esteve a secretaria, e outras casas mais. No *porto* uma ponte facilita o desembarque.

[1] Actual barra de Guaratyba.

De resto o *Tratado descriptivo* não deve sempre ser seguido como documento irrefutavel: ha, no cap. LI, o erro grave de collocar Magé antes de Suruhy e, continuando no engano, falar da terra « de Suruhy a Macacú » quando deve ser de Magé a Macacú.

Propomo-nos demonstrar que não foi na Praia da Saudade e sim em S. João que existiu a cidade ou Villa Velha, de Estacio de Sá.

E de caminho digamos que a recordação desta localidade não podia perdurar muito tempo: 1° porque foi de todo abandonada depois da mudança para o Castello: 2°, porque as casas de madeira e barro que constituiam a cidade velha, não tendo quem as conservasse, desappareceram logo; e 3°, finalmente, porque o nome de Cara de Cão dado ao actual morro de S. João, muito usado pelos maritimos, vulgarizou-se, fazendo ainda mais rapidamente desapparecer o nome da cidade velha, que já nem vestigios apresentava.

Servem de documentos para esta elucidação: a carta de Anchieta dirigida da Bahia ao Dr. Diogo Mirão a 9 de julho de 1565; 2°, a carta do padre Quiricio ao mesmo doutor, tambem da Bahia e de 13 do mesmo mez e anno: [1] e 3°, a *Informação do Brazil e de suas Capitanias*, de Anchieta (1584). [2]

Dividimos este trabalho em tres partes: na 1ª parte investigamos onde seria o ancoradouro dos navios da expedição; na 2ª onde estaria a cerca ou fortificação de Estacio: e na 3ª, pelo combate havido em abril, indicamos definitivamente o lugar em que estavam os portuguezes.

I

O ANCORADOURO

Na *Informação do Brazil* de Anchieta lê-se: « tornou (Estacio de Sá) ao Rio de Janeiro e... tomou logo terra ao longo do porto, que chamam Pão de Assucar, na entrada da Barra... »

---

[1] Carta do padre Quiricio, da Bahia, 13 de julho de 1565. (Fala tambem no Rio de Janeiro) que escreveu ao padre Dr. Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus, publicada no *Diario Official* de 27 de agosto de 1887 e lida pelo A. no Registro original na Bibliotheca Nacional.

[2] *Informações e fragmentos historicos* in *Materiaes e Achegas para a historia e geographia do Brasil* publicadas por C. de Abreu e Valle Cabral.

Tres lugares existem podendo servir de ancoradouro ou *porto* á entrada da barra: a Praia de Fóra e o actual ponto de desembarque, em S. João, e a enseada de Botafogo.

A Praia de Fóra, em S. João é formada por uma reintrancia que offerece a costa, entre o Pão de Assucar e o morro de S. João; mas está fóra da barra e, na carta de Anchieta se lê que em uma mesma maré, « entramos pela boca do Rio de Janeiro. »

A enseada de Botafogo satisfaz as duas condições de estar á entrada da barra e dentro della. Os navios achariam ahi bom ancoradouro, abrigado e seguro, e só ha a observar que não parece muito proprio estar dentro della o chamado « porto do Pão de Assucar », visto ficar este monte muito distante, mesmo suppondo ser esse porto o que actualmente serve para a Escola Militar.

Ao porto ou lugar de desembarque da fortaleza de S. João adaptam-se exactamente as palavras de Anchieta: « ... entramos pela boca do Rio de Janeiro » (carta de 9 de julho) e « tomou (Estacio de Sá) logo terra ao longo do porto, que chamam Pão de Assucar, na entrada da barra... » *Informação.*

Este porto está logo á esquerda de quem entra á barra, diante de uma pequena praia de areia, sendo a costa adjacente de pedra e argila. Quem chega a este porto vê erguer-se em frente — o Pão de Assucar. O fundo é, em geral, de areia, estando os navios bem abrigados e podendo fundear chegados á terra, por haver sufficiente agua.

Das seis embarcações dos Portuguezes talvez só estivessem ancoradas a nau de Estacio de Sá e dois dos cinco navios pequenos da expedição, porque tanto as canôas como os outros tres navios menores (que eram de remos), se podiam puxar para terra. Estes ultimos talvez fossem *bergantins*, navios de 12 a 15 remos por banda e que se alavam para terra e se punham a secco, como se vê no *Diario* de Pero Lopes de Souza.[1] Ainda havia tres navios vindos da Bahia com mantimentos, mas não se póde saber si ficaram ou si voltaram para a Bahia.

Pelo que se depreende da carta de Anchieta: « logo no dia seguinte..., sem querer saber dos Tamoyos, nem dos Francezes, mas como quem entrava em sua terra, se foi logo o capitão-mór

[1] *Revista do Instituto Historico*, T. XXIV.

a dormir em terra... » e da « Informação » do mesmo: « e fez casas de madeira e cerca, onde se recolheu com parte da gente, ficando a outra nos navios... », deviam estes estar ancorados muito perto da posição portugueza, porque só se comprehende este fraccionamento da força expedicionaria, ficando as duas fracções, por assim dizer, ao alcance de voz.

Estando os navios ancorados junto á cerca ou fortificação portugueza, si esta estivesse na Praia da Saudade era impossivel que quatro canôas de Tamoyos (carta de Anchieta) fizessem uma cilada « junto da cerca », como no dia 6 de março, sem que de bordo as vissem, e só fossem descobertas quando já iam muito longe, deitando então os Portuguezes as suas canôas ao mar.

Em S. João os Tamoyos podiam armar ciladas pelo lado da Praia de Fóra ou pelo morro de S. João, sem serem vistos dos navios e podendo retirar-se muito a salvo, o que não succederia na enseada de Botafogo, onde seriam vistas logo ao entrar nella. [1]

Tem pois, por ora, S. João a seu favor: a circumstancia do nome « porto do Pão de Assucar » e a cilada das quatro canôas de Tamoyos difficil, sinão impossivel, de armar na Praia da Saudade.

II

A CERCA

Uma vez desembarcados, occuparam-se os Portuguezes immediatamente em fortificar-se, construindo uma *cerca*. Era o costume, talvez em resultado de recordações classicas: a cerca era, como o *castrum* romano, um refugio em caso de insuccesso.

Chamava-se *cerca* ou *tranqueira* um recinto fechado, em geral, por uma estacada dobrada, de madeira, sendo o intervallo entre uma e outra estacada entulhado com terra, pedras, areia, ramos, etc. Ao redor, quando o terreno o permittia, fazia-se uma *cava* (fosso). Era analoga uma fortificação moderna, sendo o massiço de terra, pedras, etc., amparado interna e externamente com estacadas de

[1] Os indios,—exceptuando apenas os *morcegos* tribus e poucas mais—, nunca atacavam de noite.

madeira, não havendo pois talude. Em Castanheda, Gaspar Correia (*Lendas da India*) e outros, podem ver-se numerosas descrições de cercas.

A cerca dos Portuguezes de Estacio de Sá tinha mais de uma face, porque diz Anchieta que havia « muitas roças *ao derredor da cerca* »

Examinemos agora si estaria a cerca na Praia da Saudade ou em S. João.

Na Praia da Saudade, tres lugares se apresentam : 1.º o morro do Pasmado ou do Susano ; 2.º o ponto hoje occupado pelo Asylo Nacional de Alienados (Hospicio Pedro II) e, 3.º a Escola Militar.

Destes tres lugares, o segundo deve ser eliminado desde já. Os Portuguezes tinham como regra invariavel estabelecer sempre os seus arraiaes em lugares sobranceiros; basta ver a posição das nossas cidades antigas : Bahia, Victoria, Piratininga (S. Paulo), Rio de Janeiro, Olinda, etc. D'ahi dominavam o terreno circumvizinho e, pelas difficuldades do accesso, compensavam a sua fraqueza numerica. De resto ainda hoje um lugar elevado offerece vantagens defensivas importantes.

Ora, o lugar do Hospicio, além de chão, era dominado pela Babylonia e Leme e pelo morro do Pasmado, e não se comprehende como teriam deixado de occupar este morro que fica encostado ao Hospicio e que tinha nas fraldas o actual rio Banana-Podre, outr'ora S. Clemente ou Berquó, que foi em tempo navegado por barcos da olaria de S. Clemente.

No morro do Pasmado tambem não podia ser, porque a agua estava em abundancia ao lado, no rio citado, e não haveria o que se lê em Anchieta: « ... e porque naquelle lugar não havia mais que uma lagôa de ruim agua, e esta era pouca, o dia que entramos chovéu tanto que se encheu e rebentaram fontes em algumas partes, de que bebeu todo o exercito em abundancia, e durou até que se achou agua boa em um poço que logo se fez; e como esta esteve em termos de se poder beber, secou-se de todo a lagôa, e além disso se achou uma fontesinha em um penedo d'agua muito boa, com que todos se alegraram muito... »

Resta ver si seria no lugar da Escola Militar.

Examinemos primeiramente as condições physicas da localidade, as quaes, deviam ser então, com muito pequena differença, as de hoje, sinão peiores.

Póde ser que ahi tivesse existido a lagôa de que fala Anchieta, e actualmente ainda existe uma unica fontesinha situada por detraz do edificio em que estão a secretaria, as aulas, etc. Esta fontesinha, porém, não podia levar mais de um dia a ser descoberta por 200 homens, maxime num lugar que não devia ter matas, por ser de areia o terreno e de rocha quasi a pique e apparente, tanto a Urca como a Babylonia, nas faces que olham par a Escola Militar, como se vê ainda hoje. No entretanto, o lugar occupado pelos Portuguezes tinha matas, pelo que diz Anchieta: « começaram a... cortar madeira para a cerca... occupando-se cada um em... cortar madeira e acarretal-a aos hombros...»

Em outro ponto da carta lê-se ainda: « Já a minha partida tinham feito muitas roças ao derredor da cerca, plantados alguns legumes e inhames, e determinavam de ir a algumas roças dos Tamoyos buscar alguma mandioca para comer, e a rama della para plantar...» No emtanto, o terreno na Praia Vermelha não se prestaria a « muitas roças. »

E por ultimo, num mappa, publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de julho de 1891, pelo Dr. Hilario de Gouvêa, na defesa do seu projecto de Saneamento do Rio, indicando o regimen das aguas desta capital, de 1585 a 1600, se vê que ainda não existia a Praia Vermelha nessa época, unindo a Urca á Babylonia, havendo ahi um canal por onde a enseada de Botafogo se communicava com o Oceano.

Nesse mappa está a Villa-Velha indicada na Praia da Saudade, mas tambem se lê—Praia da Saudade—, isto é, são indicações modernas. E' preciso, todavia, consignar que debalde procuramos ver este mappa, não existe na Intendencia e não podemos encontrar quem o mostrasse.

Vejamos agora as condições tacticas da Praia Vermelha.

Em toda a Praia da Saudade o melhor lugar para a cerca seria o morro do Pasmado; mas evidentemente não foi ahi.

A Praia Vermelha é que parece reunir todos os suffragios, apezar de lhe faltarem algumas condições physicas, como acabamos de ver. O que, á primeira vista, faz suppor ter sido na Praia Vermelha o arraial portuguez é o aspecto daquella estreita garganta entre elevados penhascos alcantilados; mas essa posição só apparentemente seria forte, mesmo que os Portuguezes se collocassem

com os flancos apoiados nas duas montanhas, isto é, com a frente que tem a Escola Militar, porque além de não ficarem em lugar elevado, sinão dominados pelas duas montanhas (ou dous *padrastos* como chamavam) e, si a Urca não era facilmente accessivel, a Babylonia o era pela Copacabana (um dos motivos da construcção do forte do Leme, mais tarde) e d'ahi podiam os Portuguezes ser molestados sem probabilidade de offender os inimigos.

E' preciso tambem ponderar que a frente da actual Escola Militar não deve ter menos de 180 metros de desenvolvimento e que os combatentes do lado portuguez eram, no maximo, 200 (carta de Anchieta). Alguns deviam estar de guarda aos navios ancorados, e não seremos exagerados suppondo que nisto estivessem 20 homens; restam 180 homens para defender uma cerca de mais de 180 metros, cabendo a cada um, por conseguinte, defender mais de 1 metro, o que é excessivo. E note-se que não ha na garganta ponto algum com menos de 180 metros de largura.

Por ultimo, tendo a cerca portugueza mais de uma frente, — não tendo por conseguinte os flancos apoiados nas duas montanhas —, que vantagem obtinham elles em estar na garganta?

Salta tambem aos olhos a impropriedade do lugar, num recanto da enseada de Botafogo, sem que pudessem vigiar a barra, e apenas avistando uma pequena parte da bahia — de Gragoatá á ilha das Cobras, para quem está no *porto* da Escola Militar, e da Jurujuba á Villegaignon para quem se acha em frente do Hospicio.

Na carta do padre Quiricio se vê o seguinte: « ... os Gentios em terra... se vinham chegando até abalroarem com a fortaleza; os Francezes por sua parte determinavam fazer o mesmo por mar, e si Deus Nosso Senhor não os ajudára, cercados estavam elles...» Para fazer este cerco, si os Portuguezes estivessem na Escola Militar, deviam os alliados vir, uns pela Praia da Saudade, e outros pelo lado de fóra da barra, pela Praia Vermelha, por onde os Portuguezes, arrastando as canôas e navios menores, podiam escapar-se. No emtanto vemos as náus francezas entrarem a barra, deixando a saída franca aos Portuguezes pela Praia-Vermelha.

Examinemos si a cerca poderia estar na Fortaleza de S. João.

Existia em S. João, na varzea, embaixo do edificio onde esteve a enfermaria da extincta Escola de Aprendizes Artilheiros, uma lagoa de agua salobra que foi aos poucos aterrada desde que para

ahi foi o Deposito de Aprendizes Artilheiros (1865), só havendo hoje vestigios della, pela depressão do terreno.

Vêm-se ainda ahi as fontes seguintes: S. José, Casamata, Tororomba, Montevidéo e Guindaste, tendo sido esta ultima, em 1860, muito abundante de agua a ponto de servir para parte do consumo de um batalhão de artilharia que esteve na fortaleza. A da Tororomba está no costão de pedra da Praia de Fóra, assim denominado.

O terreno é de areia na varzea e de terra vegetal no morro de S. João e em parte da Urca, ainda hoje lá existem arvores e coqueiros e, em 1888, houve plantações de canna, mandioca, etc. Os Paraguayos, prisioneiros de guerra, plantaram ahi muitas larangeiras. Em 1852 existia na varzea, a 20 braças da fortaleza, a chacara «Pão de Assucar», do Sr. Joaquim da Silva Nazareth (*Grito Nacional* de 30 de abril de 1852).

O morro de S. João, especialmente, está hoje coberto de capoeirão e abundam ali as cobras, indicio das chamadas *terras quentes*.

Na carta de Anchieta, *in fine*, lê-se: «Os Tamoyos andavam se ajuntando para dar um grande combate na cerca; ... e parece-me que se ajuntariam perto de duzentas (*canoas*),[1] porque de toda a terra haviam de concorrer á *ilha*, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e abalroarem a cerca; ...» (*Diario Official* de 17 de março de 1888).

Si com effeito estivesse a palavra *ilha* (que sublinhámos) na carta, estaria resolvida a questão a favor de S. João, que é, não uma ilha, mas uma quasi ilha; todavia, examinando as «Cartas dos Jesuitas» (mans. da Bibliotheca Nacional) quiz-nos parecer que a palavra é *isso* e não *ilha*, estando o papel ahi meio comido pela tinta.

Em S. João a cerca estaria tambem em excellentes condições tacticas, em posição dominante e de accesso pouco commodo. Collocado na boca da barra vigiava Estacio de Sá tanto os inimigos que estavam na enseada, como os que nella entravam, como se vê do trecho da carta de Anchieta: «Os Tamoyos andavam se ajuntando... já havia dentro do rio oitenta canôas...» Collocando-se em S. João procurava Estacio de Sá seguir a regra habitual aos

[1] Ha concordancia entre esta carta e a do padre Quiricio, em que se lê que foram 160 canôas.

colonizadores, como bem observa Gaffarel, na sua *Histoire du Brésil Français*, pag. 186: « Or, dans l'antiquité, tous les peuples colonisateurs s'étaient, quand la nature des lieux le leur avait permis, établis dans des îles. Une île est en effet de facile défense. Elle peut servir à la fois de dépôt et de refuge. Tout en surveillant le continent... »

Desta observação de Gaffarel tira-se mais uma inducção a favor de S. João. Na Praia Vermelha estavam em terra firme; em S. João achavam-se quasi ilhados. No continente, em terra firme, a posição dos Portuguezes seria precaria, porque apezar de distantes, era enorme o numero das aldeias existentes. Vê-se pelo « Dialogo de Lery » [1] que havia pelo menos umas 30 aldeias, reconhecendo Baptista Caetano os nomes actuaes de Irajá, Sepetiba, Icarahy, Araruama, Sapopemba, Itaóca, Carioca, Sarapuhy (perto da Penha) e Pavuna. Eiramiri cremos ser hoje Inhomirim.

Diz Anchieta: « Os Tamoyos começaram logo a fazer ciladas por terra e por mar; mas os nossos não curavam sinão de cercar-se e fortalecer-se, parecendo-lhes que não faziam pouco em defender (sic) dentro da cerca... » Estes homens, — que achavam não ser pouco defender-se entrincheirados —, mostrarem, logo que chegaram, tão pouco caso e receio das ciladas dos Tamoyos (a ponto do capitão-mór ir dormir em terra), deviam contar com algum obstaculo natural que os resguardasse. Na Praia Vermelha, a todo o momento era de esperar serem atacados pelo Leme ou pelo morro do Pasmado emquanto que em S. João havia quasi por toda parte o mar e montes de difficil accesso, e estavam numa posição dominante, donde podiam avistar a aproximação do inimigo.

E' impossivel hoje fixar o lugar certo onde existiria a cerca. Talvez estivesse no morro depois chamado Cara de Cão e hoje S. João, sendo a cidade estabelecida na varzea; talvez (com mais probabilidade) estivesse na encosta do morro da Urca, olhando para a barra.

E vem a proposito notar, que estando o arraial na Praia da Saudade, não haveria necessidade de mudal-o para o morro do

---

[1] Esta relação, extraida de Lery, reporta-se a annos antes; mas se algumas aldeias ou tabas já tinham desapparecido, outras novas se teriam fundado e o numero total dellas viria a ser o mesmo supra, mais ou menos. — Baptista Caetano *O dialogo de Lery* in *Ensaios de sciencia*, I, 1876.

Castello, porque não lhe faltava naquelle lugar nem agua, nem espaço para desenvolver-se, nem materiaes para as construcções, nem bom ancoradouro. Já o mesmo não se dava em S. João, em que a agua era pouca e o espaço restricto.

Resumindo o que temos dito até aqui: o ancoradouro podia tanto ser na Praia da Saudade como no *porto* de S. João, tendo este a seu favor caber-lhe melhor o nome de «porto do Pão de Assucar», e ser mais explicavel nelle a cilada do dia 6 de março.

Quanto á cerca parece ter sido feita em S. João, á vista, principalmente das roças, da fortaleza da posição e da tactica e costumes da época. [1]

III

O COMBATE DE ABRIL — A ESPERA

Para este combate de abril serve-nos de guia a carta do padre Quiricio, escripta quatro dias depois da do padre Anchieta.

Diz elle, narrando o combate: « Ajuntaram-se com elles (*os Tamoyos*) em sua ajuda tres náus francezas..., as quaes elles foram appellidar ao Cabo Frio,... Quando viram *(os Portuguezes)* as naus e... ao

---

[1] No mappa dos Estados Unidos do Brazil, «de Guillard, Aillaud & C., Paris-Lisboa, 1893, e desenhado e gravado sob a direcção do Sr. barão de Rio Branco», e cercado de vinhetas, está uma vista do Pão de Assucar, na margem inferior, que representa uma grande parte dos lugares citados neste trabalho.

A começar da direita, vê-se: O morro do Pasmado com a sua Pedreira e a Praia da Saudade com o Hospicio. Ao lado, e confundindo-se com o Pasmado, o elevado morro da Babylonia. No fundo a Escola Militar, com o seu *porto* mesmo embaixo da aresta da Urca, e mais atraz a ilha da Cotunduba, fronteira á Praia Vermelha.

Continuando da Escola Militar vem a enorme montanha de pedra da Urca, que se prolonga para S. João; embaixo do lugar em que ella começa a baixar em declive está a praia e porto dos Remeiros. Levantando os olhos vê-se, logo acima, o Pão de Assucar, em plano mais afastado.

Onde fenece a encosta em declive da Urca, está o porto de S. João, terminando ahi a varzea que deixa vêr a costa do lado opposto (Imbuhy). No porto, do outro lado, começa o morro de S. João com a sua casaria branca dos quarteis e baterias que protegem a fortaleza de um ataque pelo porto ou pela Praia de Fóra.

principio cuidaram que eram barcos da costa que lhes levavam mantimentos e soccorro. Puzeram apontar uma espera e a primeira que chegou que era a capitanea... foi varada da pôpa á proa com a espera, com a qual recebeu muito damno, e foraõ alguns mortos. Acudiram-lhe com outros e... foi dar a nau sobre uma lage que está á entrada do Rio, onde correu muito perigo, mas foi ajudada dos Indios com suas canôas... e com a maré que enchia a tiraram fóra; estando elles nisto chegou Estacio de Sá... com muitos frecheiros... As outras duas, q̃ depois entraraõ, foraõ tambem salvadas (cõ a espera), todavia entraram pelo Rio a dentro, que lh'o não puderam tolher os nossos, por não averẽ tido lugar pera aparelhar como convinha a Náu capitanea e os demays navios... »

Do transcripto se apura immediatamente que os Portuguezes do lugar em que estavam, podiam vêr fóra da barra, tanto que avistaram as tres náus francezas (que cuidaram ser navios com soccorros), antes de entrarem, e, pela narrativa do combate, se vê que ellas estavam distantes umas das outras, porque a primeira foi atacada e só depois entraram (com a enchente) as duas ultimas, que não chegaram a tempo de acudir á primeira.

Desse lugar tambem se via a Lage, pois que Estacio de Sá aproveitando-se de estar a náu franceza encalhada nella, a foi atacar. Ora, no morro do Pasmado ou no Hospicio não estavam, e da Praia Vermelha não se vê a Lage.

O succedido com a *espera* vai fornecer-nos argumentos, que consideramos decisivos, para collocar o arraial portuguez em S. João e não na Praia Vermelha.

A espera era uma peça de artilharia antiga de pouco alcance e que só atirava, de perto, projectís de «ferro coado». Era uma pequena peça de metal (bronze), que estava montada sobre o convés ou coberta dos navios, ou no castello de prôa, e que servia para as descidas ou assaltos no litoral. Algumas vezes as náus portuguezas as traziam nos cestos de gavea. Tinham camara [1] fixa e não volante, e eram em pequeno numero em relação á demais artilharia, porque em 2.982 peças diversas (*Subsidios para a Hist. da India Port.*) só 52

[1] Os canhões aqueciam muito a cada tiro e, para obviar ás grandes pausas por este motivo, usavam de culatras volantes (*camaras*) que iam já promptas, com a carta e o projectil. Cada canhão tinha varias camaras.

ou menos de 2 % eram esperas. Havia-as de iguaes ou menores dimensões que os falconetes, cujo projectil pesava de uma a uma e meia libra e tambem de 13 libras de bala, como se vê no *Dicc. de la lengua castellana de la Ac. española*, 1732.

Ha aqui uma divergencia entre este diccionario, a *Historia de la marina española* (pag. 299) e o *Dictionnaire de la marine*, por Anne (hollandez). Este ultimo dá a espera como menor que o falconete, e o falconete do calibre 1 a 1 $^1/_2$; a *Hist. de la marina española* dá os projectis dos falconetes de 2 libras e meia; no emtanto o *Dicc. de la lengua castellana* dá esperas de 13 libras de bala, isto é, de maior calibre que os falconetes. Só se póde conciliar a divergencia suppondo que uns se referem á espera e outros á meia-espera, sendo esta ultima o canhão que se vê mais empregado nos navios, nos *Subsidios para a Hist. da India Port.* e nas *Lendas da India*, etc.

Sendo a espera uma peça de artilharia de pouco alcance, resta saber qual seria o alcance da artilharia nesse tempo.

Figuier (*Merv. de la sc.—L'artillerie anc. et mod.*, pag. 329) cita um mana., descrevendo o artilheiro no XVI seculo, em que se lê: « Le traict d'un canon chargé de pouldre est de 1500 pas ou environ, et quand il est chargé de pouldre plus forte et meilleure que la dicte pouldre commune il traict 2000 pas ou environ. »

Supponhamos o passo igual a $0^m,80$; temos para esse alcance maximo 1600 metros.

Pelo que diz o *Tratado descriptivo*, parece todavia que já em 1587 algumas peças podiam alcançar perto de meia legua.[1] Mas ha evidentemente lapso de memoria no autor do *Tratado*, que erra, em geral, no computo das distancias. Qualquer vê bem, com effeito, que a distancia de S. João ao Castello é muito maior do que a da Fortaleza de Santa Cruz á de S. João, no emtanto elle acha para ambas as distancias cerca de meia legua!

Suppondo estas leguas do *Tratado* de 4.444 metros,[2] alli se avalia a nossa barra com cerca de 2.200 metros de largura, quando

---

[1] « Da ponta da Cara de Cão á cidade póde ser meia legua » (pag. 82), e, na pag. 83, se lê que do Calabouço á barra (que é pouco mais que de S. João ao Castello), a artilharia não chegava bem.

[2] Do morro de S. João á barra de Guaratyba são 9 leguas, como elle dá; mas são leguas de 5.556 metros (de 20 ao grau).

ella só tem 1.500 metros, como se vê em Fausto de Souza (*A bahia do Rio de Janeiro*).

Ainda mais: a 21 de agosto de 1850 o commandante da Fortaleza de Santa Cruz officiava ao Quartel-General, que os pontos por onde mais ou menos devia passar a linha divisoria do mar territorial protegido pelas baterias de Santa Cruz, «no estado actual da nossa artilharia», eram a enseada da Praia Vermelha ao sul e a enseada do Itaipú ao norte; donde se conclue que em 1850 o alcance maximo dos canhões de costa era de menos de 4.000 metros mais ou menos 3.750 metros).

Como admittir, por conseguinte, que depois das sabias reformas de Gribeauval, depois dos estudos feitos sobre a composição da polvora pelos sabios francezes durante a Revolução, depois de tanto progresso na metallurgia, os canhões só alcançassem menos do dobro dos canhões de tres seculos antes, isto é, 4.000 metros para cerca de 2.200 metros em 1580!

No proprio *Tratado*, á pag. 81, se lê, em referencia á Lage: «e não lhe ficará outro padrasto mais que o do pico de pedra (*Pão de Assucar*), donde lhe podem chegar com artilharia grossa», isto é, para alcançar do Pão de Assucar á Lage (1500 metros) era necessario empregar artilharia grossa. Fica pois assentado que a espera não podia alcançar mais de 1600 metros, e isto com exagero, suppondo que o seu alcance fosse igual ao dos outros canhões.

A derrota das naus francezas, que foram «salvadas» (não esquecendo que a entrada da nossa bahia era muito conhecida dos francezes), devia ser a recommendada por todos os roteiros, a saber, preferir o canal grande entre Santa Cruz e Lage, encostando-se mais á Fortaleza de Santa Cruz do que á da Lage, porque com a maré e em vasante, os navios eram arrastados para esta ultima. O canal entre a Lage e S. João devia ser evitado pelos inconvenientes de apresentar pouca largura, apezar de ter mais agua; poder falhar o vento por causa do Pão de Assucar e outras alturas; existirem ahi correntes irregulares, sendo o fundo de rocha, caso acalmasse o vento; havendo por tudo isso risco em passar por elle.

Para entrar a barra ensina o *Roteiro Geral* de Costa Almeida, 1839: «Uma derrota directa... conduzirá a 1/2 metro a O 4 SO da Fortaleza de Santa Cruz, nesta viagem se deixará 1/2 metro a BB a

pequena ilha dos *Toucinhos* (Cotunduba) proxima ao *Pão d'Assucar*, e que não é cercada de penedo algum; as sondas até ali diminuem de 23 a 8 *br.* arêa fina... Não ha perigo em costear o... lado, sobre o qual está construido o Forte de S. João, mas esta tem o inconveniente da Lage; a derrota por Santa Cruz algum tanto a E do meio Canal tem além disto uma vantagem entrando com maré, porque dirigindo-se esta a NO, corrige-se assim o seu effeito. »

Aconselha tambem aos navios não fundearem fóra da barra, por ser o fundo duro e a vaga incommoda, e sim esperar a brisa do largo que só se declara pelo meio-dia. [1]

No *Tratado descriptivo*, porém, se lê que o fundo da barra era por junto da Lage, a tiro de espingarda della. As naus francezas deviam, pois, ter entrado, verosimilmente, pelo canal grande entre Santa Cruz e Lage.

A hora da entrada da primeira nau, tambem póde ser limitada aproximadamente.

Em Fausto de Souza vê-se que o terral sopra da meia-noite á madrugada e que depois das 10 ou 11 horas começa a viração de SO, a qual, augmentando de força, passa a S e SE até ás 3 horas da tarde, e declina ao pôr do sol. No *Diario* de Pero Lopes de Souza (153..), tambem se lê: « Ao meio-dia se fez o vento do mar, e entrámos dentro com as naus ». De tudo isto, e de ter a nau franceza ido sobre a Lage e safado com a maré enchente, se conclue que ella tentou entrar com a vasante fraca, tendo só a seu favor o vento, isto é, depois das 10 horas da manhan. As outras duas naus já entraram com a enchente.

Conclue-se ainda do exame dos factos, que a nau franceza, quando recebeu os tiros da espera, estava fóra da barra e perto da Lage, porque si estivesse a distancia « as canôas e chalupas » que a desencalharam « com a maré que enchia », a teriam impedido de ir sobre as pedras, quando ella fosse descaindo sobre a Lage.

Ainda se deprehende que Estacio de Sá, do lugar em que estava, si podia ver o que se passava na Lage, não podia atirar para ahi, com a espera, pelo que teve de ir atacar a nau com frecheiros.

---

[1] Em Froger (*Relation d'un voyage*, etc.) se vê, em fins de 1695, os navios da esquadra franceza, em que elle estava embarcado, arrastados para a Lage (*un banc de roches*), quando estavam ancorados fóra da barra.

Suponhamos agora que o arraial portuguez estivesse na Praia da Saudade e que a espera tivesse o maximo alcance de 1600 metros.

Pela carta do padre Quiricio os tiros foram dados da cerca ou do ancoradouro dos navios, porque a nau e os navios não tinham podido apparelhar para obstar a entrada e já vimos que o ancoradouro era proximo da cerca.

Ora, da Praia da Saudade á Lage ha mais de 3.000 metros e ao morro de S. João cerca de 2.800 metros; vê-se logo a impossibilidade de procurarem os portuguezes atirar da Praia da Saudade; e nem o padre Quiricio, ou o seu informante, procuraria como que desculpal-os por terem deixado entrar as outras duas naus.

Ainda se póde suppôr que a nau franceza viesse atacar a cerca, entrando na enseada de Botafogo até a altura da chamada Praia dos Remeiros em S. João, onde ficaria ao alcance da espera assestada na Praia da Saudade; mas, como admittir, então, que a nau fosse d'ahi encalhar na Lage, que lhe ficava a 1,500^{m} de distancia, sem que as canôas e chalupas impedissem isso e garrando sempre? E como explicar as palavras da carta: « As outras duas que depois entraram... foram tambem salvadas, todavia entraram...» mediando entre a entrada da barra e a cerca uma distancia tão grande (de 3 a 4000 metros) que até era ridicula a tentativa de offendel-as com a artilharia? Além de tudo, as palavras da carta mostram bem que os tiros eram feitos não para defesa da cerca, mas para impedir que as naus francezas entrassem, o que—repetimos—era insensato para quem estivesse na Praia da Saudade.

Do exposto concluimos que os tiros da espera foram dados, ou do actual porto de desembarque de S. João, onde estavam ancorados os navios portuguezes, ou da cerca de Estacio de Sá, que estava na mesma localidade.

IV

CONCLUSÃO

O lugar da cerca talvez fosse na encosta da Urca, por onde hoje se acha o edificio em que esteve a secretaria da extincta Escola de Aprendizes Artilheiros, de onde se podia atirar para fóra

e para dentro da barra, mas não para a Lage. Ficava-lhe em baixo o *porto* de S. João, então chamado porto do Pão de Assucar. Tambem podia ser de onde esteve a enfermaria da mesma escola, cujo campo de tiro é igualmente limitado.

Em baixo da elevação em que está o edificio que foi enfermaria havia uma lagôa de agua salobra. O terreno era, na varzea, coberto de arvoredo rasteiro e nas encostas da Urca e no morro de S. João de capoeirão grosso ou mata virgem. No actual porto de desembarque ou na Praia dos Remeiros estavam os navios.

Logo no dia 6 de março os Tamoyos fizeram uma cilada, pelo morro de S. João ou pela Praia de Fóra e fugiram, sendo perseguidos quando avistados já longe.

No dia 10 foi vista uma nau franceza, distante legua e meia, para os lados da ilha do Governador ou de Paquetá, e indo o capitão-mór atacal-a, os Tamoyos sairam de detraz de uma ponta (a Gloria ou Praia de D. Manoel, ou mesmo, o morro da Viuva) e atacaram a cerca. A nau supra forneceu artilharia para a cerca e antes de partir, estando provavelmente já ancorada perto da barra, fez « muitos e bons tiros » (carta de Anchieta) contra os Tamoyos que estavam em cilada, talvez no morro de S. João.

Em abril foram percebidas tres naus francezas, demandando a barra. Navegavam distanciadas: uma na frente e as outras duas mais atraz. Vinham atacar os Portuguezes pelo lado de fóra da barra (pela Praia de Fóra), emquanto as canôas os cercariam pelo lado de dentro da bahia.

No primeiro momento pensaram os Portuguezes que eram « barcos da costa que lhes levavam mantimentos e soccorro », influindo talvez para isso serem esperados os tres barcos da Bahia que já lhes tinham trazido igual auxilio.

Reconhecendo, porém, quando já se achava perto a nau da frente, que eram francezes, fizeram-lhe fogo da cerca (onde havia « muita artilharia dentro ») com uma espera que tinham. Essa nau, como estivesse aproada para terra ou esperando que se lhe reunissem as outras duas, recebeu um tiro que a varou de proa á popa e recebendo outros tiros, descaiu, levada pela vasante [1], sobre a

[1] « Quando entrarem, encostem-se mais á Fortaleza de Santa Cruz de que á Lage, porque tira a agua a ella com a maré, e em vazante. » (*Roteiro Occidental, 1784*).

Lage, onde encalhou ficando ahi abrigada dos tiros da artilharia portugueza. A' vista disto, foi Estacio de Sá atacal-a com canôas, emquanto os inimigos se achavam occupados em tiral-a d'ahi, o que só fizeram quando a maré encheu. Ora, si o capitão-mór não visse, do lugar em que estava, a nau encalhada e ao mesmo tempo as outras impossibilitadas de soccorrel-a pela distancia em que se achavam, por certo não se teria aproveitado tão habilmente do embaraço dos inimigos, ou iria atacal-os com navios e não em canôas.

As outras duas naus entraram depois com a maré enchente e seguindo o canal entre a Lage e Santa Cruz. As balas que lhes foram enviadas não as offenderam, para o que bastava que se encostassem um pouco á Santa Cruz. Com effeito, do lugar da secretaria até pela altura da Lage ha 1200 a 1300 metros, e da antiga enfermaria até a mesma altura 1100 metros; emquanto que ao meio do canal grande ha de 1700 a 1800 metros, de qualquer dos dois pontos.

Diz a carta do padre Quiricio: « As outras duas que depois entraram foram tambem salvadas (com a espera), todavia entraram pelo Rio a dentro, que lh'o não puderam tolher os nossos, por não averẽ tido lugar pera aparelhar, como convinha a náu capitanea e os demays navyos, porém foram depois a ellas, metendo-se quasi toda a gente da fortaleza na náu capitanea, pera averẽ de abalroar e pelejarem com os francezes que eram muytos. Chegando-se deu-lhes huã grande tromenta con q̃ se... Ouviraõ tiros da cidade e muito fogo...» : a palavra — aparelhar — parece que se deve entender como synonima de — guarnecer, tripolar —, porque se vê que depois de entradas as naus mudou-se quasi toda a gente da fortaleza para os navios com o fim de atacarem os Francezes dentro do Rio.

Com effeito, ao avistar as naus inimigas, Estacio de Sá devia temer que a cerca fosse atacada pelo lado de fóra da barra e por isso, para não diminuir pela divisão as forças que tinha, não guarneceu os navios que, estando dentro da enseada e ao abrigo da cerca, não corriam risco immediato.

Neste combate ha tres topicos da carta do padre Quiricio difficeis de applicar, á primeira vista, a S. João. São os seguintes:

1.º — « ... os Gentios *em terra fizeram, suas cercas* o melhor que puderam para offender aos Christãos e defender-se delles e

pouco e pouco se vinham, chegando até abalroarem com a fortaleza:» 2.º — « recolheram-se á cidade na qual os Indios *por terra* haviam dado com muita força» e 3.º — « foram-se pelas *tranqueiras e cercas* que tinham *feitas* ».

Os dois primeiros topicos parecem indicar que a cerca portugueza estava no continente (na Praia da Saudade, por conseguinte) visto como os gentios podiam atacar por terra e fugir tambem por terra, sem ter que atravessar o mar, porque não se fala em embarcações: e o primeiro e o ultimo, consignam a existencia de cercas inimigas nas proximidades do arraial, destinadas a hostilizar os Portuguezes, o que afastaria completamente a possibilidade de estar a fortificação de Estacio de Sá em S. João, porquanto não era possivel que numa área relativamente pequena como era S. João, pudessem os Tamoyos levantar cercas para oppôr á fortificação dos Portuguezes, sem a opposição destes.

A primeira e a terceira referencias dizem respeito a um só facto (o da existencia de cercas) e a primeira é méra repetição (muito alterada a ponto de ficar incompreensivel, como se vai vêr) do que se lê no fim da carta de Anchieta, escripta quatro dias antes da do padre Quiricio: « e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e abalroarem a cerca:... »

Não se compreende, com effeito, que defesa podiam prestar as cercas si os Tamoyos tomavam a offensiva e tinham, por conseguinte, que avançar a descoberto. Parece a quem lê, que as cercas eram moveis, tanto que defendiam os indios que « pouco e pouco se vinham chegando até abalroarem com a fortaleza.» Lendo, porém, o trecho da carta de Anchieta, tudo se esclarece: as *cercas* vinham a ser as «grandes mantas de madeira», especie de anteparos moveis ou grandes escudos, cobrindo grupos de homens, que os atacantes impelliam diante de si nos assaltos. Assim explicado, fica tambem clara a fuga dos indios «e foram-se pelas tranqueiras e cercas que tinham feitas, e pegaram-lhes fogo», sem procurarem fazer-se fortes nas cercas, antes queimando-as. E' que as mantas só serviam para o ataque; para a retirada de nenhum prestimo eram e por isso foi-lhes ateado fogo, com o intuito, talvez, de produzirem fumo. Com esta explicação ainda fica confirmada a estada dos Portuguezes em S. João: as mantas eram trazidas em canôas e desembarcadas em terra na occasião do ataque.

Por ultimo, o seguinte trecho do mesmo padre Quiricio destróe por completo esta supposição das cercas em terra, fosse qual fosse a posição do arraial. Depois de entradas as naus francezas diz a carta: «foram depois a ellas metendo-se quasi toda a gente da fortaleza na náu capitanea pera averẽ de abalroar e pelejarem com os francezes que eram muytos»; como admittir que a maior parte da força portugueza deixasse a cerca, havendo á proximidade as cercas dos inimigos?

O estylo do padre Quiricio resente-se de pretenções literarias e não tem a singeleza e precisão do de Anchieta: elle transforma as mantas em cercas (talvez por ignorancia) e, quando os indios das 160 canôas saltam em terra e são depois repellidos, fal-os *levantarem tendas*, o que é uma luxuriante flor de rhetorica.

Sempre se vê, nos ataques á cerca, os Tamoyos virem embarcados e até, no segundo topico em que não se fala explicitamente em canôas, se lê: «foram fugindo, ficando muitos mortos e muitos dos que fugiram, quebrados os braços e pernas, e muitos mal feridos dos tiros», o que faz suppor a fuga dos atacantes — de braços e pernas quebrados —, em canôas.

Parece-nos pois, que os ataques por terra eram feitos desembarcando os tamoyos longe ou ao abrigo dos tiros da cerca (na Praia do Remeiros ou na ponta do morro de S. João) e d'ahi vindo a atacal-a.

Outra duvida é suscitada pela distancia de uma legua que Simão de Vasconcellos (*Chronica da Comp. de Jesus*, LIII, 115) dá entre o arraial e o morro do Castello.

Ora, do morro do Castello ao *porto* da Escola Militar ha de 4.900 a 5.100 metros, e do *porto* de S. João ao mesmo morro, de 4.000 a 4.200 metros, conforme se toma o Hospital Militar ou os Barbadinhos para ponto inicial da medição: por conseguinte, si a legua é a maritima de 20 ao grau (5.556 m.) o arraial estava na Praia da Saudade; si a legua é a geographica de 25 ao grau (4.444 m.) o arraial estava antes em S. João.

Persiste, pois, a duvida e ainda mais augmenta, á vista da estensão de 900 braças (1.980 m.) em que Simão de Vasconcellos avalia a largura da barra, com um erro para mais de perto de 500 metros, isto é, da terça parte da largura real de 1.500 metros (600 de S. João á Lage e 900 desta a Santa Cruz) dada por Fausto de Souza (*A Bahia do Rio do Janeiro*, pag. 69).

E' curioso notar que, si se acrescentar respectivamente ás medidas exactas da largura da barra e de S. João ao Castello um terço dellas obtem-se as distancias dadas por S. de Vasconcellos. Assim 1.500×500=2.000 metros (1.980 em S. de Vasconcellos) e 4.200×1.400=5.600 (5.556 m. em Vasconcellos, si a legua fôr de 20 ao grau).

Em conclusão, as medidas de Simão de Vasconcellos não podem merecer fé.

Quanto á posição do arraial indicada no discurso á pag. 208 da « Chronica », só no costão entre o *porto* de S. João e a Praia dos Remeiros é que elle póde ser collocado: em nenhuma outra posição, na Praia da Saudade ou em S. João podemos arrumar essa cerca.

JAYME REIS

BIBLIOGRAPHIA

105.—**Girls Who Answer Personals,** by Dr. Arthur Mac Donald, Washington.

Quem examinar um numero qualquer do *New York Herald* verá na primeira columna certos annuncios relativos a assumptos que em outros paizes se costumam tratar na intimidade, sendo esta feição do jornalismo norte-americano uma das mais curiosas e caracteristicas. Mediante esses annuncios os solteirões procuram casar-se, os filhos extraviados são convidados a voltar ao lar paterno, os noivos brigados reconciliam-se e os namorados se correspondem sem o consentimento de pais e tutores. O conteúdo do livro, cujo titulo damos acima, vem nos provar agora que esta parte do jornal merece a attenção muito directa do bello sexo, que vê no annuncio pessoal uma maçan especialmente tentadora da arvore do bem e do mal. Responder a um repto assim lançado á luz do dia é um modo de viver ás claras emquanto se conservam todas as vantagens do segredo e do mysterio.

O Dr. Arthur Mac Donald, cidadão dos Estados-Unidos, de educação universitaria, acha nestas leviandades, criadas maternalmente por uma imprensa libera', um objecto de estudos sociologicos sérios e publica com tres capitulos novos a segunda edição de uma obra, que a principio se intitulava *Abnormal Women* (Mulheres anormaes), e que contém, além das considerações do A., uma serie de cartas lavradas pelo mais ou menos indiscreto punho feminino.

O leitor brazileiro impressiona-se primeiro que tudo pelo lado ethnologico do livro. Evidentemente a vida mulheril lá do Norte não corre como entre nós, mas nasce de outra cultura, conforma-se a outras conveniencias e nutre outras aspirações. A mulher norte-americana irrequieta, activa, idealista, passa actualmente por um periodo de transição e marcha á conquista dos direitos suppostos ou reaes de seu sexo. Ella é typica da evolução por onde vão passar — com as differenças impostas pelo meio — as nossas gentis brazileiras, as quaes em futuro não muito remoto tambem escutarão em *meetings* concorridos a eloquencia das suas oradoras, e, quiçá, mandarão para represental-as jovens bonitas para a Camara dos Deputados e solteironas experientes para o Senado.

Já dissemos — o livro consiste na maxima parte em correspondencias iniciadas por meio do annuncio pessoal. Para angariar respostas de senhoras da boa sociedade, que fossem induzidas a escrever por motivos de curiosidade, o A. fez inserir na columna pessoal de jornaes americanos as seguintes palavras:

« Um cavalheiro de alta posição social e universitaria deseja corresponder (relações pessoaes não são necessarias) com uma moça educada de

elevada categoria social e financeira. Não aceita intermediarios nem pessoas levianas. E' preciso dar pormenores de vida. Exigem-se referencias. Endereço. Caixa postal... »

Como o A. explica no prefacio, foi por esta fórma que se fez a pescaria deste rio que, saindo dos subterraneos da vida particular, apparece á superficie nos jornaes diarios. Confessamos que foram assim apanhados peixes interessantes; — todavia, um brazileiro ingenuo poderia perguntar ao Dr. Mac Donald si elle, com a mão na consciencia, acha licito expol-os, como fez, em museu, á contemplação do publico. Verdade é que aqui no Brazil reina ainda muita simplicidade e que em paizes diversos até as conveniencias differem.

O conjunto das cartas obtidas mediante o annuncio acima traduzido prova uma tal ou qual normalidade da parte das correspondentes ao mesmo tempo que mostra forte proporção de respostas de mulheres cujas circumstancias são anormaes. Vivem estas isoladas; faltam-lhes as relações domesticas usuaes; são filhas de um primeiro casamento cujos pais se casaram pela segunda vez; são moças educadas por tutores ou damas de companhia. Mal disfarçada pelo estylo vivo, engraçado, matreiro, percebe-se nestas missivas a nota de dissatisfação e tristeza.

No seu todo a correspondencia publicada é decididamente caracteristico do sexo. Dir-se-ia que a educação aprimorada accentúa, em vez de destruir, as qualidades femininas. Um homem responderia a um desconhecido secca e formalmente: si fosse necessario fornecer informações ou argumentos, a sua exposição seguiria em linha recta, caminhando, por assim dizer, do theorema á demonstração e da demonstração ao corollario. E' um animal positivo que só vê factos e interesses; o seu cerebro é essencialmente geometrico; seus motivos são claros: seus objectos bem definidos. A penna feminina, ao contrario, obedece aos caprichos e venetas passageiras sem se importar com as sequencias logicas: é mais expressiva de sentimentos e intuições do que vehiculo do raciocinio: é movida antes pelo impulso emocional do que pela reflexão calma: deixa entrever os pensamentos intimos de quem escreve, mas não os declara francamente. Aqui percebe-se que a linguagem é um enfeite addicional e o melhor realce de encantos a que aliás faltaria a vivacidade. O homem aprende a balbuciar as primeiras palavras nos joelhos da sua mãi; a mulher é a nossa primeira professora — é bonito, é justo que assim seja; mas não será ella em grande parte culpada do divorcio permanente que existe entre a linguagem e a logica?

Bem entendido, absolvemos o bello sexo da accusação de pôr em pratica o dito de Talleyrand. Uma moça quer que a comprehendam, mas por frases ladeadas e allusões distantes e dá como pouco intelligente — para não dizer *tapado* — o homem que a interpreta literalmente. Só um defeito amavel, justificado sem duvida por muitas qualidades — isto é, só a vaidade torna ás vezes essas correspondentes do Dr. Mac Donald menos enigmaticas e mais ingenuas. Satisfazendo ao pedido de pormenores feitos no annuncio, algumas ha que enumeram com complacencia mal dissimulada as graças de seu donaire e vantagens que lhes foram outorgadas pela fortuna. Até as imperfeições pessoaes são confessadas com tanta amabilidade e espirito que contribuem, qual sombra em painel, á maior harmonia do quadro traçado.

As americanas natas são sobretudo espirituosas e com certa arte deixam transparecer seus sentimentos através de expressões que superficialmente são indifferentes. Doutro lado, as poucas européas que respondem ao annuncio usam de uma dicção menos artificiosa — mais directa. Para applicar outra vez o util simile do A., podemos affirmar que nesta collecção ichthyologica ha specimens de peixes que brincam com a isca; mas, em geral a classe das estrangeiras é inclinada a morder de vez. O mesmo se observa

naquellas senhoras, que, tendo visto mais de trinta primaveras, se convencem que não ha tempo a perder. A joven é esquiva e diz rindo-se: «Apanha-me, si puderes»: a quarentona é pratica e responde simplesmente: «Aqui estou com estas e aquellas qualidades muito desejaveis.» Segundo a nossa impressão, em algumas das cartas a esperança de um desenlace matrimonial é evidente; em outras é dissimulada, ou existe latente debaixo do motivo mais apparente da curiosidade. Similhante aspiração é das mais legitimas e, embora se manifeste nestes casos um tanto irregularmente, sempre é digna do nosso acatamento.

Mas a vontade de tomar estado não é de modo algum o unico movel das mulheres norte-americanas. Dellas muitas pensam profundamente, interessando-se em problemas sociaes e religiosos e indignando-se contra a pragmatica avoenga que ainda as cohibe com observanças hypocritas e ridiculas. Escusado é dizer que os seus enthusiasmos fundam-se invariavelmente nas melhores tenções e, si por vezes as enthusiastas caem em exageros e illusões, o erro provém da cabeça e não do coração. Algumas ha que tocam em assumptos sociologicos escabrosos, mostrando uma certa preoccupação com elles. Todavia a experiencia do A. o leva a concluir que similhante interesse, longe de indicar degenerescencia moral, é perfeitamente compativel com o maior rigor dos costumes. Foi para estudar mais intimamente a mentalidade desta classe de mulheres que o Dr. Mac Donald fez publicar nos jornaes este segundo annuncio pessoal:

«Um autor deseja corresponder sobre a evolução sociologica da mulher com senhora da mais alta posição intellectual e financeira. Relações pessoaes não são necessarias. Endereço, Caixa Postal — »

Poderia se duvidar que da parte de estudantes sérias de questões sociologicas, tendo, como é de suppor, accesso a bons autores, viessem respostas a similhante convite de jornal. No, emtanto, acudiram as correspondentes provando que a mulher, por mais que tenha educação universitaria, termos technicos na cabeça e oculos no nariz, jamais perde a curiosidade. Esta segunda serie epistolar é caracterizada, pelo menos em varios casos, não só por uma certa intellectualidade, como tambem por excentricidades no modo de pensar. Destas representantes da intelligencia feminina uma pega na penna para se declarar spiritualista, isoterica e mystica. Seu organismo serve para as manifestações de um espirito elevado, o qual por sua boca vai annunciar ao mundo grandes verdades. Outra encecta a correspondencia com versos burlescos e continúa em chistes irresponsavelmente carnavalescos. Outra ainda, de temperamento mais sombrio, declara com franqueza surprendente, para não dizer brutal, que soffre de achaques legados pelo proprio pai e condemna a este proposito os casamentos entre pessoas que podem transmittir aos filhos vicios hereditarios.

Um ultimo annuncio publicado pelo Dr. Mac Donald appareceu em jornaes da Europa e foi concebido nestes termos:

«Um cavalheiro (de l'éducation européene) (*sic*) deseja corresponder em allemão, francez ou inglez com uma senhora (gebildete Dame oder Studentin).»

A isca era boa e o resultado foi pela terceira vez satisfactorio. A distancia a que estava a pessoa que annunciava, a vontade de praticar a lingua ingleza, o mysterio duma troca de cartas com um desconhecido, a esperança de relações pessoaes mais estreitas e romanticas, ou sinão o desejo de pintar o retrato do cavalheiro por 50 francos, a curiosidade de saber por um cidadão americano alguma coisa mais sobre esse novo mundo da America e conhecer mais de perto essa terra das originalidades, — eis os motivos que trouxeram respostas de diversos paizes, provando, talvez, que as norte-americanas não têm o monopolio da indiscrição.

Seguem-se a estas correspondencias quatro capitulos, contendo considerações analyticas sobre a natureza do amor e sobre as relações em que estão para com o estado matrimonial certos typos da mulher moderna. O modo delicado porque trata o A. desses assumptos já foi apreciado pelos leitores da *Revista Brazileira* no artigo que appareceu em 15 de fevereiro deste anno com a epigraphe « As mulheres intellectuaes e o casamento. »

Na opinião do Dr. Mac Donald a estensão ao bello sexo de maior liberdade social trará como consequencia logica a acquisição do direito, da iniciativa em materias amorosas. A mulher do futuro será mais aggressiva e, assim como já deixou de usar de véu para encobrir o rosto, assim tambem deixará de andar com o coração disfarçado. O amor em si é naturalissimo, desviando-se, porém, facilmente em manifestações anormaes que autorizam as classificações de varios medicos mais eruditos do que galantes. Estes, com effeito, alcunham esse « engano d'alma ledo e cego » de « idéa fixa », « delirio emocional », « paranoia rudimentar », « neurasthenia psychica » e « symptoma episodico de degenerescencia hereditaria. » O proprio A. reconhece que o estado especial do namorado assemelha-se a uma obsessão e que a adoração votada ás vezes a uma das feições da pessoa admirada — aos olhos, á mão, aos cabellos, até a um objecto inanimado que sirva de lembrança — chega a ser um verdadeiro fetichismo. Tal paixão póde ser muito sincera, mas nem sempre é garantia da duradoura amizade que deve existir mais tarde entre marido e mulher.

O amor da mulher é mais psychico do que physico; a idéa da posse não a domina ao ponto que domina o homem; ella contenta-se em sentir-se amada; ella ama o amor por si. Rejeita instinctivamente o namorado impetuoso e, doutro lado, pouca contemplação tem para com o acanhamento produzido, até em homens de merecimento, pela fascinação de seus encantos. O accidente e, sobretudo, a proximidade *spacial* favorecem o nascimento destas sympathias, cuja externação rustica e grosseira consiste em gestos e caricias (sentimentos peripheraes), das quaes se abstem em geral as pessoas de mais cultura e percepção das conveniencias.

No capitulo sobre « Um estudo experimental do amor » contemplam-se em exemplo concreto as phases por que passam dois apaixonados. Diante da psychose nascente as divergencias intellectuaes anteriormente existentes desapparecem totalmente; as opiniões abstractas, que antes davam ensejo a muita batalha verbal reduzem-se a insignificancia, e temos em edição moderna o Benedict e Beatrice de Shakespeare.

Apezar da perspicacia da sua analyse as observações do Dr. Mac Donald são necessariamente superficiaes. Si mais aprofundadas fossem, seria mister que entrasse em pormenores interessantes apenas para o leitor technico. A paixão complexa que elle encara pelo lado de seus indicios intellectuaes e emocionaes tem uma base physiologica, traça as suas origens a instinctos inherentes em toda a fauna terrestre e soffre aberrações que são da competencia do medico e criminalista.

Por isso mesmo podemos tributar ao livro um grande elogio: emquanto satisfaz a legitima curiosidade sobre um assumpto que na flor dos annos a todos nos preoccupa e emquanto eleva, mais que deprime, o nosso ideal da mulher e das suas possibilidades, é concebido e escripto com tanto tacto e discrição que poderiam folhear-o as moças mais recatadas das familias mais puritanas; são brazas frias por onde até o gato domestico póde passar de vagar e com certeza muito a seu gosto. — A. ALEXANDER.

O MANTO

I

Ao levantar-me da cama, onde me prendera uma cruel enfermidade de mezes, eu não tinha de certo o aspecto de um vivo. Magro e nervoso por natureza, de uma irritabilidade hysterica, a minha vida de enfermo passara-se debaixo de um tedio pesado como uma abobada de chumbo, algumas vezes interrompido por intervallos de magua inanimada em que o meu olhar olhava sem ver e o meu pensamento fugia para fóra de mim mesmo, perdendo-se por entre as sombras intangiveis dos grandes desesperos.

O crepusculo de maio, indeciso como tudo que se passa longe de nós, no mysterio religioso dos horizontes sem margens, era uma consolação sublime que tombava sobre as almas. Certo, quem fechasse para sempre os olhos em aquella hora que ia soar, cercado por toda aquella paz de convento deshabitado, não podia deixar de transformar-se em luz e bençãos.

Com os passos incertos de quem atravessa o primeiro periodo da convalescença, eu segui vagarosamente para o alto do Morro - da - Forca, lugar sombrio e deserto, onde as lendas parecem passar sacudindo cabeças sangrentas.

Villa-Rica, olhada de aquelle ponto, era um monte de ruinas. Só as igrejas, abençoando a velha capital da poderosa capitania, triumphavam no meio daquellas ruas ingremes, onde as casas cambaleavam.

Foi então que elle me appareceu pela primeira vez.

Alto e ossudo, o rosto côr de cobre porejando aguardente, as mãos musculosas dos hortaleiros antigos,— a sua figura sem

contornos evocava espectros vadios. Hortaleiro funebre era esse, que plantava corpos de virgens para colher pó...

Com um sorriso infame na bocca sem dentes, as palavras saltando-lhe dos labios humidos de saliva, chegou-se a mim curiosamente. Um tremor convulso de nervos doentes agitou-me o corpo sem carne.

O homem extraordinario que surgira inesperadamente, trazia, debaixo do braço esquerdo, um longo panno negro enrolado. Collocou-o no chão, sentando-se ao meu lado. Levantei-me sem saber como, impellido pelo pavor que se apoderara de mim. Arrimado ao bordão, arrastando os pés, fui caminhando sem olhar para elle. No emtanto, eu bem sentia o som de seus passos que me acompanhavam, e, de quando em quando, a sua sombra que se alongava diante de mim, ao sol pardo da tarde em agonia.

Parei, cançado.

— Espere meu amo. O que trago aqui debaixo do braço pode-lhe servir. O senhor está bem mal, e o frio destas noites de maio não é bom. Eu não tenho interesse em dar-lhe conselhos porque vivo disso. Que ganho em dar-lhe a vida? Si fosse o contrario, bem. Mas o meu amo é tão moço! O meu embrulho...

— Deixa-me, por Deus!

— Olhe: é um manto. Enrolando-se o senhor nelle, ficará bom de todo. E o meu amo precisa delle. Precisa, que eu sei.

Então, vendo-me sem forças para lutar, passou-me pelos hombros altos e pelo peito em osso, onde as claviculas pareciam agitar-se, a enorme capa que trazia, e levou-me para um sitio ermo em que estanciámos por momentos, olhando um para o outro, eu transido de magua, elle com um sorriso carinhoso, horrivel de ver-se, nos labios escuros onde desvairavam blasphemias.

Depois, caminhando silenciosamente por debaixo das arvores mortas, ouvindo as gargalhadas conhecidas das aves nocturnas, e rindo-se ao ouvil-as, o coveiro, pois que elle o era certamente, collocou-me dentro de uma cova immensa, em companhia de milhões de mortos.

Passei os olhos espavoridos ao redor de mim, procurando encontrar, nessa crypta medonha, cheia de sombra e quasi fechada á claridade baça da noite estrellada, o esqueleto misero de aquella que se finára ao meu lado, mansamente, como um cordeiro de Deus.

No mesmo instante uma voz que vinha de outr'ora, e que um dia suavizara a minha alma deserta com as ignoradas canções de paz e de ventura que os primeiros annos cantam, mais brancas que a alva do dia e que os lirios reaes, murmurou-me aos ouvidos:

— Olha para dentro de ti mesmo, espreita a desolação do teu espirito em ancias, verás os olhos taciturnos do fantasma que amas, tu que bem sabes que as sombras não podem ser amadas...

Perdida a esperança de vel-a junto de mim, fosse embora na nudez branca e tragica das mumias que me cercavam, o meu isolamento era real e irreparavel. E os versos pungentes do *Dies-iræ*, que toda a Idade-Media soluçara, tombavam da minha bocca na melodia somnolenta de aquella linguagem barbara, creada talvez para os psalmos d'além vida...

Dies iræ, dies illa!

II

Por alguns momentos, longos como cyclos solares, o meu olhar vagou surprezo por todo o indefinido horror circumjacente.

O tumulo era soturno e fundo como uma immensa cisterna vasia. Caveiras sarcasticas, que tinham luz propria, mais brancas que os luares tristes das noites romanticas, abriam-se no riso perpetuo que a ausencia de labios lhes dava. Lembravam-se talvez de beijos idos, recordavam-se por certo de horas remotas, quando as bocas floresciam em beijos, como cratéras de vinho claro, como cyathos de purpura.

Os meus companheiros de leito rangiam os queixos friorentos, chegando-se uns aos outros com caricias de amorosos e gestos de quem abraça. E as bocas sem labios beijavam-se na escuridão, e suspiros de goso mortuario e vampirico saiam de peitos que não aninhavam mais dentro de si os pobres corações humanos. Eram os ultimos arquejos da materia a desfazer-se em poeira.

A abertura do tumulo, pequena embora, parecia dar entrada a todo o céu, que se despenhava em trevas, lá por dentro, sombrio e desolado como um castigo divino. Nenhuma estrella caia de envolta com as nuvens, nenhum raio de luar vinha abençoar-me,— a mim que tanto precisava da luz absolvedora do céu.

De repente, no alto, á beira da terra cavada de fresco, o rosto familiar do coveiro appareceu-me, com um sorriso delicado nos labios grossos.

— Vai melhor, meu amo? Enrole-se bem no manto. Com alguns dobres de sino e um padre a encommendar as almas, tudo está prompto. Não ha medico como eu para curar enfermos como o senhor. Coitadinho!

Fechei os olhos pavidos de espanto, e concheguei ao rosto as dobras lutulentas da minha enorme capa.

Nesse momento atroz, passaram-me pela frente, em debandada, vingativos como remorsos, todos os sonhos da minha vida até então inutil. Desgraçada creatura que, depois de tantos annos de existencia, não tivera amor para amar sinceramente os bons nem odio para odiar sinceramente os maus. Pobre espirito sem rumo que, soffrendo embora no meio da hypocrisia satanica dos homens, não pudera dedicar-se a Deus christanmente, como os santos e os mendigos, nem pudera fugir ás tentações do mundo, abrigando-se debaixo das ermidas longinquas, onde ha quem peça por nós...

No emtanto, si eu não fosse morrer em aquella hora que ia desprender-se das mãos do tempo, bem poderia ser que me tornasse um Eleito na terra.

Foi então que o meu corpo se agitou em uma convulsão que julguei suprema.

O Dr. Pulvis, sentado á minha cabeceira, sorriu-me affectuosamente.

— Que terrivel febre, meu pobre amigo!

Com a alegria expansiva de quem acorda de um pesadelo que não tinha fim, passei as mãos pelo rosto, onde o suor corria em bagas doloridas.

Era meio-dia apenas. A luz do sol parecia transformar-se em raios de som. Ao longe, acompanhada pelas resas dos crentes, soluçava a campainha da Extrema-Uncção, como um appello de Deus ao mundo que se perdia para sempre...

ALPHONSUS DE GUIMARAENS.

MARTINS PENNA

V

O talento de Martins Penna não tinha complicações naturaes, ou adquiridas. Não era nativamente rebuscado, meandroso, cheio de obscuridades ou vacillações; nem uma educação perturbadora pela metaphysica ou quaesquer doutrinas abstrusas o disvirtuou. Observava por instincto, sem esforço, sem saber o que isto lhe custava. Não era tendencioso nem propagandista. Não tinha systemas; nem jamais assumiu ares de moralista. Não era da tempera de Dumas Filho, por exemplo. Tinha a visão dos factos facil; eis tudo.

E' por isso que as scenas familiares de suas comedias são de uma veracidade, por assim dizer, de primeira mão. Escreve-as singelamente, não se insurge, não declama, não toma attitudes de censor.

No *Judas em Sabbado d'Alleluia* dá-nos o retrato duma rapariga namoradeira em toda a singeleza, sem commentarios.

Apenas nota-se o contraste instructivo entre os genios e caracteres das duas irmans — Maricota e Chiquinha. E' logo na scena I:

« *Chiquinha* (*para Maricota*). — Maricota, ainda te não cançou esta janella?

Maricota (*voltando a cabeça*). — Não é da tua conta.

Chiquinha. — Bem o sei: mas, olha, o meu vestido está quasi prompto, e o teu não sei quando estará.

Maricota. — Hei de apromptal-o quando quizer, e muito bem me parecer, basta de séca; cose, e deixa-me.

Veja a *Revista* de 1 e 15 de abril e 1 e 15 de maio.

Chiquinha. — Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua como a pessoa que a comprimenta, e continúa depois a fazer acenos com o lenço*). Lá está ella no seu fadario. Que viva esta minha irman só para namorar; é forte mania! A todos faz festa, a todos namora; e o peior é que a todos engana... até o dia em que tambem seja enganada.

Maricota (*Retirando-se da janella*).— Que estás tu a dizer, Chiquinha?

Chiquinha. — Eu? Nada.

Maricota. — Sim! Agarra-te bem á costura: vive sempre como vives, que has de morrer solteira.

Chiquinha. — Paciencia.

Maricota. — Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

Chiquinha. — Tu já o achaste pregada á janella?

Maricota. — Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me vêr?

Chiquinha. — Não.

Maricota. — O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

Chiquinha. — Casa-te com elle.

Maricota. — E porque não, si elle quizer? Os officiaes dos Permanentes têm bom soldo. Podes te rir.

Chiquinha. — E depois do tenente, quem mais passou?

Maricota. — O cavallo rabão.

Chiquinha. — Ah!

Maricota. — Já não te mostrei aquelle moço, que anda sempre á moda, montado em um cavallo rabão, e que todas as vezes que passa comprimenta com ar risonho e esporêa o cavallo?

Chiquinha. — Sei quem é, isto é, conheço-o de vista. Quem é elle?

Maricota. — Sei tanto como tu.

Chiquinha. — E o namoras sem o conheceres?

Maricota. — Oh! que tola! Pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora?

Chiquinha. — Penso que sim.

Maricota. — Estás muito atrazada. Queres vêr a carta que elle me mandou esta manhan pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha*). Ouve (*lendo*): « Minha adorada e crepitante estrella!... » (*deixando de lêr*) Heim! Então?...

Chiquinha. — Continúa.

Maricota (*continuando a lêr*). — « Os astros que brilham nas chammejantes espheras de teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Si receberes os meus sinceros soffrimentos serei ditoso, e si não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as féras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, féras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apezar da negra e fria morte. O mesmo. » (*Acabando de lêr*). Então, tem que dizer a isto?... que estylo!... que paixão!...

Chiquinha (*rindo-se*). — E' pena que o menino vá viver por essas brenhas com as féras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrorio?

Maricota. — E porque não? Tem-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio*).

Chiquinha. — Do mesmo?

Maricota. — Não; é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de São José.

Chiquinha. — Namoras tambem a um estudante de latim? O que esperas deste menino?

Maricota. — O que espero? não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino póde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

Chiquinha. — Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

Maricota. — Os annos passam depressa quando se namora. Ouve: *Lendo*) «Vi teu mimoso semblante e fiquei enleiado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição...» (*Deixando de ler*). Isto é de criança. (*Continúa a ler*). «Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est!...*» (*Lê estas palavras com difficuldade e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*continúa a ler*)... «*constitutus est.* Si Deus o creou foi para fazer o paraizo dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza. A mocidade, meu bem, é um thesouro, porque — *Senectus est morbus.* Receba, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego vocor. — *Tiburcio José Maria.*» (*Acabando de lêr*) O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Heide mandar-lhe dizer que me fale em portuguez. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar.

Estas duas recebi hoje.

Chiquinha. — Si todas são como essas, é rica a collecção. Quem mais passou? Vamos, dize?...

Maricota. — Passou aquelle amanuense da alfandega, que está a espera de ser segundo escripturario para casar-se commigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do carro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veiu da Europa, aonde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

Chiquinha. — (*Interrompendo*). Meu Deus, quantos... e a todos esses namoras?!

Maricota. — Pois então! E o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição.»

A scena continúa; mas o que ahi fica é sufficiente para dar idéa do caracter da namoradeira de profissão. Esse typo de exotica nacional, meio zombeteiro e esperto, meio divertido e geitoso, é ahi muito commum, nomeadamente nas grandes cidades.

E' o namorar interesseiro das raparigas de nossa pequena burguezia, si de uma pequena e de uma grande burguezia podemos falar no Brazil. Não é o *flirt* aristocratico das inglezas e das anglo-americanas ricas e d'altas rodas, mais capitoso e atrevido, mais depurado e poetico.

Chiquinha. — Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua como a pessoa que a comprimenta, e continúa depois a fazer acenos com o lenço*). Lá está ella no seu fadario. Que viva esta minha irman só para namorar; é forte mania! A todos faz festa, a todos namora; e o peior é que a todos engana... até o dia em que tambem seja enganada.

Maricota (*Retirando-se da janella*).— Que estás tu a dizer, Chiquinha?

Chiquinha. — Eu? Nada.

Maricota. — Sim! Agarra-te bem á costura; vive sempre como vives, que has de morrer solteira.

Chiquinha. — Paciencia.

Maricota. — Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

Chiquinha. — Tu já o achaste pregada á janella?

Maricota. — Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me vêr?

Chiquinha. — Não.

Maricota. — O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

Chiquinha. — Casa-te com elle.

Maricota. — E porque não, si elle quizer? Os officiaes dos Permanentes têm bom soldo. Podes te rir.

Chiquinha. — E depois do tenente, quem mais passou?

Maricota. — O cavallo rabão.

Chiquinha. — Ah!

Maricota. — Já não te mostrei aquelle moço, que anda sempre á moda, montado em um cavallo rabão, e que todas as vezes que passa comprimenta com ar risonho e esporêa o cavallo?

Chiquinha. — Sei quem é, isto é, conheço-o de vista. Quem é elle?

Maricota. — Sei tanto como tu.

Chiquinha. — E o namoras sem o conheceres?

Maricota. — Oh! que tola! Pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora?

Chiquinha. — Penso que sim.

Maricota. — Estás muito atrazada. Queres vêr a carta que elle me mandou esta manhan pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha*). Ouve (*lendo*): « Minha adorada e crepitante estrella!... » (*deixando de lêr*) Heim! Então?...

Chiquinha. — Continúa.

Maricota (*continuando a lêr*). — « Os astros que brilham nas chammejantes espheras de teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Si receberes os meus sinceros soffrimentos serei ditoso, e si não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as féras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, féras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apezar da negra e fria morte. O mesmo. » (*tcabando de lêr*). Então, tem que dizer a isto?... que estylo!... que paixão!...

Chiquinha (*rindo-se*). — E' pena que o menino vá viver por essas brenhas com as féras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrorio?

Maricota. — E porque não? Tem-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio*).

Chiquinha. — Do mesmo?

Maricota. — Não: é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de são José.

Chiquinha. — Namoras tambem a um estudante de latim? O que esperas deste menino?

Maricota. — O que espero? não teus ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino póde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

Chiquinha. — Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

Maricota. — Os annos passam depressa quando se namora. Ouve: *Lendo*: «Vi teu mimoso semblante e fiquei enleiado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição...» (*Deixando de ler*) Isto é de criança. (*Continúa a ler*). «Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est*...» (*Lê estas palavras com difficuldade e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*continúa a ler*)... «*constitutus est*. Si Deus o creou foi para fazer o paraizo dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza. A mocidade, meu bem, é um thesouro, porque — *Senectus est morbus*. Receba, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego vocor. — *Tiburcio Jose Maria*.» (*Acabando de lêr*) O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Heide mandar-lhe dizer que me fale em portuguez. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar.

Estas duas recebi hoje.

Chiquinha. — Si todas são como essas, é rica a collecção. Quem mais passou? Vamos, dize?...

Maricota. — Passou aquelle amanuense da alfandega, que está a espera de ser segundo escripturario para casar-se commigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do carro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veiu da Europa, aonde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

Chiquinha. — (*Interrompendo*). Meu Deus, quantos... e a todos esses namoras?!

Maricota. — Pois então! E o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição.»

A scena continúa; mas o que ahi fica é sufficiente para dar idéa do caracter da namoradeira de profissão. Esse typo de exotica nacional, meio zombeteiro e esperto, meio divertido e geitoso, é ahi muito commum, nomeadamente nas grandes cidades.

E' o namorar interesseiro das raparigas de nossa pequena burguezia, si de uma pequena e de uma grande burguezia podemos falar no Brazil. Não é o *flirt* aristocratico das inglezas e das anglo-americanas ricas e d'altas rodas, mais capitoso e atrevido, mais depurado e poetico.

Marianna.—Melhor para ti... (*Entra Luiza com uma mantilha na mão e um leque que entrega a Eufrasia*).

Marianna.—Dá cá! Não podias trazel-a sem machucar?.., desasada!... (*Põe a mantilha sobre a cabeça*). Vamos, que vai ficando tarde; iremos primeiro a S. Francisco que está aqui pertinho. (*Para Luiza*) E tu, fica tomando conta da casa, já que não tens prestimo para nada... pague o que come; não sou burro de ninguem. (*Para Eufrasia*) Vamos, menina».

Estas desembaraçadas saiam a correr as igrejas em dia de finados!—Taes scenas são infelizmente verdadeiras, e mais vulgares do que se poderia suppor.—Um dos traços caracteristicos da actual organização, ou melhor, dos actuaes costumes da familia brazileira é esta mistura, ou antes, esta immixtão da parentella toda, ou quasi toda, na casa de cada um. Raro é o casal aqui que não tenha de aguentar as impertinencias de parentes bisbilhoteiros, que em tudo mettem o bedelho. Por via de regra, ha sempre um tio, uma tia, um irmão, um cunhado, já não falando numa sogra, todos dispostos a dar o tom na casa alheia.

Muitos desgostos e desasocegos domesticos têm entre nós essa origem. Rara é a pessoa que não saiba alguma coisa nesse sentido entre as suas relações. E' uma das manifestações da indisciplina do caracter nacional. Uma classe que anda agora a soffrer seriamente entre nós é a das crianças, quasi desamparadas, que ahi são empregadas nos serviços caseiros, por parentes mais ou menos afastados, por lhes faltarem os pais, ou dadas á soldada pelos tutores e juizes. Os velhos habitos, adquiridos na escravidão, conservam-se ainda em grande parte e as pobres crianças vêm a ser as victimas mais faceis de certos desvarios e impertinencias de quem não se habituou ainda a refrear o despotismo do mando.

Si não são raros hoje, nem eram no tempo de Penna, casos como o da Luiza, que, por ter a desventura de precisar viver em casa dum irmão, apezar de ser já uma moça, tinha de aguentar duros desaforos da sogra e da mulher desse irmão, bem se póde avaliar que muito mais precaria é, sem duvida, a posição de tantos meninos e meninas, desgarrados ahi em poder de estranhos.

Não nos referimos a coisas tetricas, a espectaculos monstruosos, como aquelles de que foi theatro recentissimo o Asylo de Santa Rita de Cassia.

De um redobramento de rigor em nossa educação moral é que precisamos nós; mais do que de quaesquer reformas e garantias

Eufrasia.— Só Jorge está me maltratando !...

Marianna.— Grandecissimo sacripante !

Jorge.— Sacripante !...

Eufrasia.— Dea-me uma bofetada !

Marianna.— Uma bofetada na minha filha ? !

Jorge.— (*Atravessa por diante de Marianna e chega-se rancoroso para Eufrasia*). Dei-te uma bofetada, heim ?...

Marianna.—(*Puxando-o pelo braço*). Que atrevimento é este, grandecissimo patife ?

Jorge.— (*Desesperado*) Hoje aqui ha morte !...

Eufrasia.— Morte ! queres me matar ?

Marianna.— Ameaças, grandecissimo traste ?

Jorge. — (*Para Marianna*). Grandecissima tartaruga !

Marianna. — Tartaruga ! a mim ?...

Eufrasia.— (*Puxando-o pelo braço*) Insultas a minha mãi ?

Jorge. — (*Para Eufrasia*) Grandecissimas lamprêas !...

Eufrasia. — Que affronta ! ai ! ai ! que morro ! (*Vai cair em uma cadeira fingindo-se desmaiada*).

Jorge.—Morre ! arrebenta ! que te leve a breca !... (*Quer sair, Marianna o retem pela opa*).

Marianna.—Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei de te arrancar os olhos da cara...

Jorge.—Largue a opa !

Marianna.—Encher esta cara de bofetões.

Jorge.—Largue a opa !...

Marianna.—Pensas que minha filha não tem mãi !

Jorge.—Largue a opa ! !

Marianna.—Pensas que eu hei de aturar a ti e a lambisgoia de tua irman ?

Jorge (*Com raiva*).—Senhora !

Marianna.—Queres me matar tambem, mariola ?

Jorge (*Cerrando os dentes de raiva e mettendo a cara diante da de Marianna.*—Senhora ! diabo !

Marianna.—Ah ! !... (*Dá-lhe com o panno de sinapismo na cara ; Jorge dá um grito de dôr ; leva as maos á cara e sai gritando*).

Jorge.—Estou cego ! agua, agua !... (*Sai pelo fundo. Marianna desfecha a rir ás gargalhadas e o mesmo faz Eufrasia que se levanta da cadeira. Conserva-se a rir por alguns instantes sem poder falar. Luiza apparece á porta*).

Eufrasia.—Que boa lembrança !... ah ! ah ! ah !

Luiza (*á parte*).—O que será ?

Marianna.—Que bella receita para maridos desavergonhados ! ah !...

Eufrasia.—Já não posso rir-me... ah ! ah !

Marianna.—Que cara fez elle... (*Vendo Luiza*) O que queres ?

Luiza (*timida*).—Eu...

Marianna.—Bisbilhoteira ! vai buscar minha mantilha : e o leque da tua cunhada. (*Luiza sai*).

Eufrasia.—Já sei o remedio d'aqui por diante.

Marianna.—Sinapismo nelle !...

Eufrasia.—Mas não vá ficar cego.

faço eu aqui? Que papel represento! (*Passeia agitado de um para outro lado*).

Luiza. — (*Seguindo-o*) Meu irmão, por que não fazes um esforço para sair deste vexame em que vives?... Cobra energia!... Mostra que és homem! isto é uma vergonha! não se acredita!... Que fraqueza!...

Jorge.— (*Parando*) E' fraqueza?

Luiza.— E' sim.

Jorge.— Pois quero mostrar-te para que sirvo!... Quero mostrar-te que sou homem, e que nesta casa governo eu...

Luiza.— Felizmente.

Jorge.— Vou ensinal-os, botar este biltre pela porta fóra... Basta de tanta humilhação! Vai tudo com os diabos!... (*Caminha intrepidamente e a passos largos para a porta da direita: mas ahi chegando pára*).

Luiza.— Então, páras?...

Jorge.— (*Voltando*). Melhor é ter prudencia... Tenho medo de fazer uma morte...

Luiza.— Meu Deus, que fraqueza!

Jorge.— E retiro-me, que não respondo por mim! e mesmo porque vou á botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. (*Sai*).»

Este Jorge é dos taes talhados a serem singularmente coroados. Preferiu deixar o primo da cara metado em casa e ir elle buscar á pharmacia o famoso sinapismo que a sogra, pouco depois, havia de sacudir-lhe á cara.

No curso da comedia terá elle ainda outros ensejos de encontrar com o seu petulante affim, em passos assás burlescos.

Em *Quem casa quer casa* existem scenas muito engraçadas e expressivas de lutas e contratempos domesticos em que faz proeminente figura uma sogra que abrigava sob o mesmo tecto um genro e uma nora; pois tinha ella ali um filho casado e uma filha tambem em igual estado. Eram, pois, tres casaes juntos, contando com o dos velhos. E' digna de ser lida e representada essa comedia de costumes, ainda hoje correntes por esse mundo em fóra, cabendo delles grande quinhão ao nosso Brazil.

No *Dilettante* notam-se varios typos bem feitos; sente-se que elles vivem. Desse numero é o protogonista Antonio Affonso, o rico proprietario, melomaniaco, louco pela musica italiana, que, no decennio de 1840 a 50 do Rio de Janeiro avassalou todos os gostos, nomeadamente pelas creações de Bellini. Desse numero são tambem o paulista Marcello, apaixonado pelo fado e a joven Josephina, filha de Antonio Affonso, namorada de João Mendes, um pelintra de força, e que enlevada por seus devaneios amorosos, repellia as pretenções do fazendeiro de S. Paulo e os conselhos do pai. A este,

inteiramente dominado pela mania musical, metteu-se-lhe na cabeça, certo dia, fazer cantar em casa um duetto da *Norma*. Insiste com a filha, que se nega, com a mulher, D. Generosa, que não sabe uma nota de musica, com o seu hospede Marcello, que está no mesmo caso, com o João Mendes, que tambem nada sabe da bella arte. O maniaco pede, roga, insiste, e, afinal, para o acalmarem prestam-se aquelles ao canto; mas sai um disparate completo, é uma desafinação geral; e o dilettante fica deveras acabrunhado. A comedia prosegue com varias peripecias que inutil é lembrar aqui. O que desejamos notar é uma singular desenvoltura e rispidez de modos e palavras da bella Josephina para com os seus proprios pais, modos e palavras que a tornam um perfeito exemplar do que se chama entre nós uma moça malcriada. O modelo deve-o por certo Martins Penna ter conhecido; não era *avis rara* em certas rodas.

Eis agora a prova neste principio da peça:

« *Antonio Affonso.* — (*Junto ao piano procurando um caderno de musicas*) Hoje havemos de cantar alguns pedaços da sempre applaudida *Norma*. (*Lendo uma musica*) « Qual cor tradiste... » Ha de ser este duetto; que musica! o peior é não termos um tenor... arremediarei *lendo outra musica*: « Nel cor piu ». Chi! o que isto é velho! (*Joga-a para o lado e procura de novo*). Não acho a cavatina. (*Chamando*). Josephina! oh! Josephina! Vem cá. Quero que todos em minha casa cantem. Não ha nada como a bella da musica. Arte divina!

Josephina.—(*Entrando*) Chamou-me, papá?

Antonio.—Vem cá, louquinha, que fizeste da *Casta Diva?*

Josephina.—Está sobre o piano.

Antonio.—Procura-a.

Josephina.—Quer cantal-a?

Antonio.—Divirta-se a menina commigo!

Josephina.—Se é para eu cantar, não a procurarei; já é massada.

Antonio.—Que dizes, barbara? Massada a *Casta Diva!* Quem já ouviu tal? massada essa tão sublime producção daquelle sublimissimo genio!

Josephina.— Será sublimissima, estupendissima, e tudo quanto quizer; mas como ha algum tempo que a ouço todos os dias, por essas ruas e casas, cantada, miada, guinchada, assobiada e estropiada, já não a posso aturar. Todos cantam a *Casta Diva*, é uma epidemia!

Antonio.—E o mais é que tens razão. Ouve-se d'aqui (*canta os primeiros compassos da Casta Diva em voz fanhosa*). Ouve-se d'ali (*canta com voz mais fina*); mais adiante um moleque (*assobia-a*); estragam-na! assassinam-na! mas tu cantas bem.

Josephina.—Obrigada (*faz uma mesura*), porém não a cantarei mais.

Antonio.—Está bom. Mas has de cantar o bello duetto (*cantando*)— *Mira o Norma a tuoi ginocchi...*

Josephina.—(*Rindo-se*) E com quem? o papá faz a parte da Norma?

Antonio.—Com tua mãi.

Josephina.—(*Rindo-se*) A mamã cantando duettos!... ella que apenas canta a Maria Cachuxa quando está á costura, e isso mesmo desentoadissima!

Antonio.—Eu lhe darei algumas lições.

Josephina.—Ha de ser galante!...

Antonio.—E' preciso cantarmos hoje alguma coisa, para mostrares as tuas prendas ao nosso hospede.

Josephina.—Eu não lhe quero mostrar nada. Um homem tão feio!

Antonio.—Feio, mas rico. Seria um bom casamento para ti, e elle o deseja...

Josephina.—Pois eu não, senhor.

Antonio.—Queres te casar com algum destes farejadores de dote, que andam sómente com a mira no dinheiro? O que eu com tanto custo ganhei, não é para especuladores de casamento. Não te queria dizer isto hoje; mas já que nisto se fala, escuta... O Sr. Marcello pediu-te: é homem de bem e rico, é muito considerado lá em S. Paulo, anda na chapa para deputado, e ainda póde vir a ser senador; tu tens juizo, e bem conheces que uma menina dotada de...

Josephina.—Ah! o papá hoje está para sermões? pois eu vou-me embora. (*Sai correndo, Antonio fica suspenso*). »

Não sabemos si nas provincias, no anno de 1844, em que se faz passar a comedia, se dariam muitos ou mesmo alguns factos destes, especialmente no norte, onde o velho rigorismo da educação portugueza perdurou mais intensamente entre nós. No Rio de Janeiro, porém, é possivel que o autor do *Dilettante* não fantaziasse de todo o caso. Em geral elle não inventava, reproduzia o resultado de suas observações.

Era um espirito cauteloso e sóbrio na imaginativa. Era, além de tudo, incapaz de calumniar a nossa gente; era um engraçado, mas não era um mordaz.

E' certo que em suas comedias nem tudo se póde dizer que seja a cópia da realidade núa. Em todo o trabalho artistico ha sempre certa dóse de subjectivismo incoercivel, inevitavel. Acreditamos, com um dos maiores criticos modernos, que o realismo e o idealismo não são, como erroneamente tem se andado a repetir, duas escolas ou dois systemas literarios e artisticos; são antes os dois polos entre os quaes ha de se mover fatalmente a literatura e a arte, Na mais realista das obras, portanto, ha sempre alguma coisa que a realidade só era incapaz de fornecer. E é por isso que um mal entendido amor proprio não nos deve levar a censurar o comediographo, como exagerado nas pinturas que nos deixou de nossos vicios e defeitos. E' possivel que tivesse aqui e ali carregado um pouco as

tintas do quadro; mas esses momentos são raros. O equilibrio é a lei geral de seu temperamento espiritual.

E ficariamos a desconhecer o caracter da travessa Josephina, si não o vissemos accentuar-se melhor na scena VI, em que fala com D. Generosa, sua mãi.

Ainda uma vez, e seja a ultima, leiamos o dramatista. A mulher anda a esconder-se do marido que a quer obrigar a cantar.

« *Generosa.* — (*Entrando apressada*) Vem para cá! vem para cá...

Josephina. — (*Entrando*) Pobre papá (*ri-se*).

Generosa. — Não te rias que elle nos póde ouvir.

Josephina. — La anda elle á nossa procura.

Generosa. — Meu Deus, o Sr. Antonio Affonso mata-me com a musica Quer por força que eu cante. E' preciso andar fugindo...

Josephina. — E a mamã porque não canta?

Generosa. — Engraça-te...

Josephina. — Pois a mamã canta bem a Maria Cachuxa.

Generosa. — Brincas tambem commigo? Espera (*quer segurar Josephina, que mette-se atraz do piano, e toca*).

Generosa. — (*parando*) Que fazes, desgraçada?

Josephina — Si quer me bater eu toco piano, e o papá saberá onde estamos.

Generosa. — Não, não, filhinha, vem para cá, não tenhas medo, sai d'ahi.

Josephina. — Veja lá.

Generosa. — Não tenhas receio. (*Josephina sai do piano, atravessa a sala ainda com receio de Generosa e fica junto ao sofá*). Vivo em um continuo tormento depois que se lhe metteu na cabeça a mania do canto.

Josephina. — E eu vivo numa alegria, porque vou sempre ao theatro.

Generosa. — Divertes-te com tudo: és uma criança.

Josephina. — Com tudo se afflige a mamãi, é uma...

Generosa. — Velha? acaba.

Josephina. — Não fui eu que o disse.

Generosa. — Brincas com tua mãi! (*ri para ella*).

Josephina. — Eu... não... senhora (*emquanto fala pega na viola, e faz soar as cordas*).

Generosa. — Não faças bulha, que me deitas a perder.

Josephina. — (*Cheirando a mão*) Meu Deus! como cheira a cigarro! (*Limpa a mão no lenço*).

Generosa. — E' bem feito!

Josephina. — E o papá quer que eu me case com elle!

Generosa. — Com elle, quem?

Josephina. — Com o paulista.

Generosa. — Ai! não diga tal! Pois tu te havias de casar com um tamanduá daquelles? que a tudo diz: *Senhor sim*! — e que anda sempre mettido num ponche tão nojento!...

Josephina. — E com os cabellos tão arripiados...

Generosa. — Ires para S. Paulo? eu ficava cá num susto continuo: — aquillo por lá, ha tempos que não anda muito bom.

Josephina. — Não se afflija; que eu tambem não me caso com um papa-formigas.

Generosa. — Nada! nada! has de casar na côrte com algum deputado, ou official de secretaria.

Josephina. — Minha cara mamãizinha, quero lhe fazer uma confissão. Eu amo a um moço muito bonito, mas elle não é nem deputado nem official de secretaria.

Generosa. — Pois amas sem meu consentimento?

Josephina. — E a mamãi quando amou ao papá, pedin o consentimento á minha avó?

Generosa. — *Evitando a resposta* Quem é esse moço?

Josephina. — E' o senhor João Mendes.

Generosa. — Um moço que ha tão pouco tempo principiou a negociar, e que já quebrou!

Josephina. — Não sei si é quebrado; o que sei é que anda bem direito, e que me hei de casar com elle.

Generosa. — Não has de casar!

Josephina. — Hei de me casar! (*Senta-se no sofá, e bate com os pés e com as mãos,* — Hei de me casar! ou me enforco! (*Passa o lenço que tem na mão ao pescoço*).

Generosa. — Que fazes? larga o lenço! *Chega-se para ella e quer tirar-lhe o lenço*.

Josephina. — (*Puxando pelas pontas do lenço*. Hei de me casar.

Generosa. — Larga o lenço! *Josephina bota a lingua de fóra*. Josephina!

Josephina. — Hei de me casar?

Generosa. — Has de, sim! has de...

Josephina. — *Desamarra o lenço*). Com o Sr. João Mendes?

Generosa.—Com quem quizeres (*Josephina levanta-se dum salto, abraça a Generosa, e da lhe beijos*).

Josephina. — Minha boa mãizinha!

Generosa. — E's uma louca!

Josephina. — Promette me falar ao papá?

Generosa. — Prometto, sim.»

Entretanto, esta joven, que parece assim tão leviana, quando sabe que o seu preferido—João Mendes não é um homem correcto, que tem amasia e filhos, repelle-o, e ella mesma dá sua mão a Marcello, que, ao contrario, no correr da acção, se revela um homem de caracter.

Por não prolongar este escripto, deixámos de indicar outras interessantes scenas de costumes familiares, como, *exempli-gratia*, uma de ciumes entre Florencia e Ambrosio, no *Noriço*, quando aquella sabe que uma mulher tinha ido á sua casa á procura do marido e tinha até estado occulta num quarto; ou essa interessante scena dos *Dois ou o Inglez machinista* — em que a Clemencia, suppondo fallecido o Alberto, seu marido, insinua-se no animo de

Gainer, e offerece-lhe até a mão de esposa. São ambas bem achadas e como essas existem outras. Em conclusão, Luiz Carlos Martins Penna, considerado na totalidade de sua obra e de sua acção literaria, é um phenomeno intellectual, digno de apreço e notavelmente curioso. Escrevendo para o theatro entre os annos de 1837 e 1847, apparece num tempo em que do romantismo brazileiro os melhores representantes não têm ainda apparecido. Gonçalves Dias, Alvares d'Azevedo, Alencar, Agrario, Bernardo Guimarães, Laurindo Rebello, só mais tarde hão de luzir. Só Magalhães e Porto-Alegre é que começaram com elle; Macedo e Norberto o seguiram depois de 1840. Mas eram quatro mediocridades, incapazes de o estimular e de alargar-lhe os horizontes. Na propria Europa, em França por exemplo, ainda o theatro começava sua evolução neste seculo. Hugo, Dumas Pai, Vigny, Musset — iam apparecendo numa carreira, em que tinham de ser substituidos por Murger, Dumas Filho, Feuillet, Augier, Sardou. O proprio Scribe não tinha ainda dado a medida completa de sua fecundidade, Scribe, « cet écrivain qui n'a jamais su écrire, ce talent á la fois vulgaire et puissant, fécond et borné, cet homme qui a enchanté pendant quarante ans le public des théâtres et dont le nom appartient á peine a la litterature. » Penna pertence á primeira geração dos romanticos; é no theatro o iniciador brazileiro, o chefe nacional.

O Rio de Janeiro era então uma cidade ainda pequena e de aspecto colonial. Muitos dos nossos costumes eram ainda rudes ou acanhados; mas, a despeito do pessimismo, ou, melhor, da maledicencia brazileira, muito em voga naquelles tempos, havia esperanças no futuro. Os talentos ousavam. Iniciava-se um reinado novo.

Era então mui para vêr entre os moços fluminenses do tempo, Bernardino Ribeiro, Dutra e Mello, Firmino e Silva, Justiniano da Rocha, Manoel de Macedo, Norberto Silva o mesmo Salles Torres-Homem, Domingos de Magalhães e José Maria do Amaral, a pequena figura franzina de Martins Penna, pallido, d'olhos prescrutadores e verdoengos.

De todos esses alguns eram um poucochinho mais velhos e outros um poucochinho mais novos do que elle. Todos haviam de fazer carreira larga, tinham de viver e medrar, menos Bernardino e Dutra, e Penna que havia de os seguir pouco mais tarde.

Era uma intelligencia atilada; sabia observar, reproduzia facilmente o que via com espirito e graça. Não tinha preoccupações doutrinarias, o que lhe realça o merito, como interprete duma época. E' possivel que o conhecimento completo de sua obra, de que nos falta mais de metade, venha a modificar a idéa que se faz hoje a seu respeito, particularmente pelo estudo dos dramas, que de todo nos fallecem, e onde elle terá, por certo, creado alguns caracteres, o que não fez nas comedias.

Em todo caso, é um dos pontos centraes de nosso desenvolvimento mental; é um dos chefes intellectuaes da nação.

Consta que o illustre actor João Caetano não gostava das *pachuchadas* de Penna, como lhe chamava ás comedias, e preferia as massudas tragedias de Domingos de Magalhães.

A posteridade não confirmou o juizo do grande rei da scena: prefere as patacoadas do comediographo ás pretenciosas estopadas do tragico.

SYLVIO ROMÉRO

TITULOS AO PORTADOR

(RELANCE HISTORICO)

Conta o autor do livro de Tobias que este varão da tribu de Nephthali, captivo de Salmanazar, vendo em necessidade a um seu compatriota, de nome Gabelo, emprestou-lhe dez talentos de prata, debaixo de um escripto de sua propria mão. Annos depois, sentindo avizinhar-se a morte, Tobias encarregou o filho de procurar o devedor e de cobrar delle a sobredita quantia. Objectou o mancebo que não poderia realizar a cobrança, pois nem Gabelo o conhecia a elle, nem elle a Gabelo. Que signal lhe daria em prova da sua identidade? *Mostra-lhe a obrigação de seu punho e elle te pagará*, acudiu o velho. Pôz-se o moço Tobias a caminho, mas passando pela casa do seu parente Raguel deteve-se a namorar-lhe a filha, viuva de sete maridos que nenhum resistira á primeira noite de nupcias. E para conciliar o desejo da arriscada successão com o zelo de commerciante prudente, Tobias pediu ao anjo Raphael, que em figura humana o acompanhava na jornada, fosse ter com o tal Gabelo e lhe entregasse o escripto mediante pagamento integral. Aceitou Raphael tão pouco angelica incumbencia; portador da clareza, dirigiu-se á cidade e á casa que lhe indicavam, e, como vulgar caixeiro viajante, cobrou os

---

Este estudo historico do titulo ao portador, servirá de introducção ao livro *Titulos ao portador no Direito Brazileiro*, que o A. tem nos prélos dos editores Alves & C. Por conveniencia da *Revista* supprimiram-se nelle os summarios e as numerosas notas que illustram e justificam o texto.—N. DA R.

dez talentos. E porque o devedor pagou de prompto, sem excepcionar de illegitimidade de parte, nem exigir endosso completo ou em branco, ou procuração em regra, suppõe o Sr. A. Wahl, em basta monographia, que se tratava de um *titulo ao portador*, remontando ao tempo do captiveiro de Ninive, isto é, ao setimo seculo antes da nossa éra.

Não cremos, porém, que os Hebreus, nessa época da sua historia, possuissem um instrumento de credito que denota grande actividade nas transacções mercantis, e adiantado grau de evolução juridica.

No escripto de que reza o livro de Tobias nada importa necessariamente na caracteristica um titulo ao portador; a posse do documento de divida podia valer para um devedor de boa fé, como se mostrou Gabelo, uma apresentação ou mesmo uma procuração bastante.

Acresce que o livro de Tobias, provavelmente escripto muitos seculos depois da época em que se figura a historia, é uma composição judaica e não hebréa. Ora os Judeus eram ainda nesse tempo pouco industriosos e dominados por um sectarismo estreito e intransigente. Foi só depois da conquista de Jerusalem por Tito, da destruição do Templo e da dispersão dos Judeus pelo mundo, que entre elles se desenvolveu o genio do commercio, a sua principal força contra as perseguições de que foram e ainda em alguns paizes são victimas. Parece, porém, que já no Talmud, o canon judaico que reune composição do II ao V seculo da éra christan, se mencionam os titulos ao portador e até se discute a sua natureza juridica. Si o povo do Senhor tardou mais do que o quizera o Sr. Wahl em praticar os documentos de credito, transferiveis de mão em mão, ao menos os distinguiu logo com as honras da referencia nos seus livros sagrados, o que aliás está de accordo com a feição religiosa dos preceitos do direito em todos os povos antigos.

Cezar Cantú attribue a invenção do papel moeda aos Chinezes, pois que o famoso Marco Polo o viu entre os Mongóes, senhores da China.

No anno 119 (a.-C.) no reinado de Hu-ti, da dynastia dos Hans, necessidades da despeza publica geraram os *phi-pi*, pedaços de couro de veado branco que corriam na côrte como notas de cem mil réis. Aggravando-se o desarranjo das finanças, de tudo se fez dinheiro, e a modos que lá por 807 da nossa éra, no reinado de Hian-Tsung, teve

lugar uma emissão de *bonus* ou bonds do thesouro em troca do numerario que a gente grada era forçada a depositar nas burras imperiaes. Até de assignados se encontra noticia nessa extraordinaria China, no paiz de Chon, onde se chamavam *ci-tsi*, como quem quer dizer *coupons*. Os habitantes do Imperio do Meio tambem se aventuram a operações aleatorias, com o fito na melhora da fortuna e bom serviço do soberano em occasiões de aperto. A especulação tomou conta dos *ci-tsi*. Seis das maiores casas bancarias quebraram, tal como se operassem em paiz christão e moderno; e o imperador, inaugurando o systema que devia quasi mil annos depois fazer a gloria de um ministro constitucional, tirou aos particulares o direito de fazer solas e papeis ao portador e o reservou para a Corôa.

Como os Chins têm o pessimo costume de inventar tudo que, mais tarde ou mais cedo, os outros povos descobrem, é possivel que a elles e não aos Ben-Israel caiba a primazia no uso dos titulos de credito sem nome do credor ou beneficiario; mas o costume do Celeste Imperio nenhuma influencia teve sobre o direito occidental, salvo si, indirectamente, e por intermedio dos Judeus, que já no seculo IX em grande numero habitavam a China, os *phi-pi* e os *ci-tsi* geraram os papeis ao portador que a Idade Média conheceu e praticou.

O mundo grego-romano permaneceu alheio e mesmo contrario á idéa de uma obrigação sem credor determinado.

E' certo que Tito Livio, Plinio e Suetonio dão o nome de *congiarium* á distribuição de comestiveis ou de dinheiro feita ao povo soberano para o tornar propicio aos planos patrioticos dos politicos do dia; donativo esse que ás vezes, e não sem menosprezo de magestade popular, era atirado dos atrios e escadarias, pelo que recebia a denominação de *missilia* ou *missile*. Outras vezes a generosa offerta se regularizava por meio de pedaços de metal, representativos de certa quantidade de dinheiro ou de generos alimenticios que o possuidor ia receber no lugar indicado, e que se chamavam *tesseræ*, *numariæ* ou *frumentariæ*, conforme a especie de que se tratava. Eram vales de dinheiro ou de pão, que se dariam hoje em occasião de fome ou de outra calamidade publica. Havia tambem a *tessera theatralis*, senha ou bilhete de espectaculo que proporcionava áquella feliz plebe, gratuitamente, a assistencia a sangrentos combates de feras e gladiadores e a outros divertimentos

não menos interessantes, posto que de applauso muitas vezes obrigado. D'onde se vê que é antiga a desharmonia entre o direito de patear e o bilhete de favor.

Tambem os heliastas gregos para se compensarem das canceiras da democracia activa que os obrigavam a ouvir demandistas e applicar leis, com prejuizo dos seus quefazeres, recebiam fichas de uma certa quantia, relativas aos dias de serviço. O *triobolo* que o thesouro publico distribuia aos pobres quando por conta propria liquidava a fortuna de algum rico exilado, tinha naturalmente uma fórma identica á das fichas entregues aos magistrados populares.

Mas nem os *congiaria*, nem os *missilia*, as fichas e triobolos gregos, assim como os pedaços de sola, de madeira ou de metal que entre outros povos antigos passavam de mão em mão, se assemelham aos *effeitos ao portador* do commercio moderno. A idéa da transferencia do direito influia menos na sua creação do que a impossibilidade de lhe dar portador designado. Alguns delles, a maior parte, não tinham caracter mercantil ou não traziam a idéa de uma obrigação contraida, eram actos de pura beneficencia. Outros eram antes primitivas fórmas de moeda, assim como os bois entre os gregos da época homerica, as pelles na Siberia, os cauris africanos e os carneiros hebraicos.

O Direito romano considerava o credito intimamente ligado á pessoa do credor. Os jurisconsultos não admittiam que o direito creditorio pudesse transferir-se directamente da pessoa que o constituia em seu favor para a de um terceiro: porque a *obligatio* importava uma relação de direito entre pessoas determinadas. Para que se désse a mudança na pessoa do credor, ou na do devedor, era forçoso que uma nova estipulação interviesse entre as partes primitivamente contractantes.

As necessidades da pratica foram, porém, pouco a pouco forçando a mão aos magistrados e jurisconsultos romanos, e obrigando-os a modificar o rigor da velha jurisprudencia. E com o andar dos tempos, sem ferir de frente os preceitos venerandos, foram-se buscando e applicando meios indirectos mais ou menos subtis e complicados, para conseguir a transmissão do credito que o desenvolvimento do commercio, escapando ás mãos servis, ia tornando indispensavel. A *delegatio*, a *procuratio in rem suam* e a *procuratio ad litem* successivamente surgiram, habilitando o credor á cessão do

titulo creditorio, sob a apparencia de uma representação judiciaria que o antigo direito lhe negava. O mandato suppria a cessão, e o cessionario, agindo *procuratorio nomine* exercia em nome do cedente o direito deste, sem obrigação de lhe prestar contas, porque só elle devia gozar os commodos do mandato. *Si in rem suam datus sit procurator, loco domini habetur.*

Mas a *procuratio*, ainda que de alguma fórma garantida pela forma Rutiliana, segundo a qual na acção se devia mencionar o nome do cedente e na condemnação o do procurador; ficava sempre sujeito ás contingencias da vida e da vontade do mandante que podia por um accôrdo com o devedor, inutilizar a cessão, e em caso de morte, cessando a procuração, os herdeiros reclamavam o credito cedido.

Para obviar aos inconvenientes resultantes da má fé do cedente e assegurar os direitos do cessionario, a Constituição Gordiana (cod. 3—*de novationibus*) autorizou-o a adquirir os effeitos juridicos da litiscontestação por meio da *denuntiatio* feita ao devedor e tambem por meio do pagamento parcial. A cessão tornava-se então irrevogavel, e o pagamento que depois de notificado da cessão o devedor fizesse ao cedente ja não o liberava da obrigação.

Contra a eventualidade da morte do mandante e consequente expiração do mandato antes da contestação, foram admittidas as acções uteis, creadas para estender por analogia as acções civis aos casos de equidade.

Por meio de uma dessas ficções tão ao paladar dos legistas romanos, o Pretor admittiu o procurador do credor morto a perseguir judicialmente o devedor, como se a lide já estivera contestada ao tempo da morte. Respeitavam-se assim os principios rigorosos do antigo direito quiritorio, antipathico ás cessões do credito, e satisfaziam-se as precisões do commercio, dando estensão razoavel á propriedade dos moveis incorporeos.

O principio, porém, permaneceu sempre o mesmo até Justiniano; e foi só fundando-se na hypothese de um mandato gerado por convenção, por acto da ultima vontade ou por disposição de lei que o cessionario poude fazer valer o seu direito. Dessa theoria que a superstição romana conservou através dos tempos e das mudanças de religião, de costumes e do governo, nasceu a doutrina que não vê no titulo ao portador sinão um mandato tacito, uma *procuratio in*

rem suam, como o encara Straccha, illustre commercialista do seculo XVI.

Os vales de pão ou de dinheiro, assim como os bilhetes do theatro não dispertavam, pois, idéa de cessibilidade de creditos, mas tinham só em vista a facilidade da distribuição. Da mesma fórma *os votos, as promessas* e a *pollicitatio* não significavam uma tendencia do Direito para admissão da vontade unilateral como fonte da obrigação, mas simples excepção de aspecto religioso ou de utilidade publica.

Em regra o Direito romano era incompativel com a existencia e o funccionamento dos titulos ao portador, no sentido em que o entendemos hoje.

Os Germanos, posto que não admittissem a representação judiciaria, chegaram por meio de instituições diversas, á adopção da clausula ao portador pura e simples ou alternativa. E em quasi todos os paizes da Europa, na Idade Media, a instituição se foi generalizando, ou por influencia germanica, ou por effeito da preponderancia dos Judeus no commercio internacional; e foi tão profundo o sentimento da necessidade desse instituto juridico, que por occasião do renascimento do Direito romano, os melhores juristas se empenharam, não em repellir a clausula de obrigação para com pessoa indeterminada mas em harmonizal-a com os principios daquelle Direito, pela formação de theorias mais ou menos engenhosas.

Em Portugal que, antes desse renascimento se regia pela lei das Sete Partidas de Affonso X e nas relações commerciaes pelos Rolos de Oleron, deviam prevalecer os principios germanicos, favoraveis á expansão dos titulos ao portador. Os antigos Portuguezes eram aferrados ás suas leis e costumes, e tendo caido em esquecimento o Codigo Wisigothico bem como os canones e outras leis dos primeiros tempos, foram os usos, costumes e fóros não escriptos, faceis de adaptar-se ás circumstancias por mais de accordo com a indole do povo e as necesidades da época, que os substituiram.

O contracto de cambio era de uso commum em Portugal no primeiro quartel do seculo XIV, como se vê da Ord. do liv. 4º tit. 67, cuja disposição o illustre jurisconsulto Mello Freire faz remontar a Affonso IV. Sendo o commercio da peninsula em

grande parte exercido por Judeus, a quem com plausibilidade se attribue a invenção, ou pelo menos a introducção no occidente dos titulos ao portador, é natural que a letra de cambio ou os documentos do mutuo a juros que frequentemente praticavam, contivessem muitas vezes a clausula do pagamento ao portador que permittia ao credor cobrar a divida por intermedio de homens de palha ou transferil-a a quem melhor e com maior segurança a exigisse, sem que ficassem vestigios do verdadeiro e primitivo credor, atrozmente perseguido, apezar da protecção do rei.

Demais já em fins da primeira época da monarchia portugueza, Lisboa era uma das praças mais importantes da Europa. Achavam-se estabelecidos ali milhares de negociantes estrangeiros, sobretudo Genovezes, Catalães e Biscainhos. O proprio rei, protegendo os Judeus e os estrangeiros, não se esquivava á pratica directa de operações commerciaes. E andando tanto em honra o commercio, é bem de vêr que as instituições já creadas na Italia e na Hespanha fossem transportadas para o paiz que tão generosamente acolhia os commerciantes de todos os pontos da Europa. Desde o seculo XIII, e talvez antes, o titulo ao portador era conhecido na Italia, e os Genovezes que traficavam em Portugal não podiam deixar de o conhecer e usar nas transacções mercantis.

Com o advento da dynastia de Aviz cresceu sobremaneira a influencia do Direito romano em Portugal. O ministro João d'Aregas (o Dr. João das Regras), discipulo e admirador de Bartholo, empregou a sua grande erudição e toda a sua actividade no estudo das leis romanas, na traducção do Codigo de Justiniano, annotando-o com as glossas do seu mestre e do famoso Accursio. Foi João d'Aregas que, mettendo mãos á obra da codificação do Direito portuguez lançou os primeiros fundamentos do codigo que terminado no reinado de D. Duarte, foi afinal publicado no de Affonso V e ficou conhecido pelo nome de Ordenações Affonsinas.

O gosto deste letrado pelo Direito romano, diz Coelho da Rocha no seu *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal*, e a veneração que professava ás opiniões dos glossadores transpiram nas reformas e nas Ordenações Affonsinas; essas opiniões foram mandadas primeiro cumprir no reinado de D. João I, do qual João d'Aregas era o oraculo. Os jurisconsultos posteriores até a reforma da Universidade em 1537 seguiram o mesmo trilho.

Nas leis e ordenações que deixaram o seu trabalho consistiu em encorporar o Direito romano e o canonico, segundo a interpretação de Accursio e de Bartholo, de que ninguem se atrevia a duvidar. A influencia do romanismo que presidira aos trabalhos de João d'Aregas e do principe D. Pedro os saturou tão intimamente que se torna impossivel comprehendel-os sem o auxilio das collecções Justinianas.

O renascimento do Direito romano, a accentuação do classicismo em todas as escolas da Europa que nos seculos XV e XVI subjugou os espiritos sob uma alluvião de textos latinos e gregos, abafando a inspiração nacional e popular, completou a obra do valido de D. João I. Lançadas ao mais profundo desprezo as grandes iniciativas, as ousadas innovações da Idade Media, entorpeceu-se o desenvolvimento das instituições juridicas, espontaneamente geradas no seio das nacionalidades em formação, ou filhas da tradição germanica, individualista e liberal, de accordo em ambos os casos com as necessidades dos povos. Pretendeu o espirito classico da Renascença regular as relações juridicas, assim como a arte, pela tradição de um passado morto. Foi o reinado da escola Cujaciana, a que os compiladores das Ordenações Philippinas, por um retrocesso injustificavel, fizeram succeder o dominio de Accursio e de Bartholo. Os Cujacianos, ao menos, bebiam na fonte viva do direito romano, buscando a inspiração dos jurisconsultos; os doutores portuguezes applicavam os commentarios dos glossadores como de tanta autoridade como a letra do Digesto ou do Codigo; mas das subtilezas escolasticas e refinamentos casuisticos resultavam igualmente o esquecimento das leis nacionaes, as antinomias e obscuridades, a confusão no fôro, fazendo do Direito, que deve ser noção clara ao alcance de todas as consciencias rectas uma sciencia mysteriosa e cabalistica que só os iniciados entendiam.

Felizmente nos acontecimentos historicos que assignalavam o inicio da historia moderna, Portugal tivera grande parte. Não fôra debalde que Vasco da Gama abrira um novo caminho para as Indias, que Colombo descobrira a America e Pedralvares Cabral tomara conta da terra brazileira para a corôa de D. Manuel. As descobertas, ampliando de um modo até então desconhecido, diz Oliveira Martins, a esphera da actividade commercial, deram

importancia excepcional ás instituições bancarias e ao credito. O progresso do commercio entre Portugal e os Açores, a India e o Brazil, a frequencia das naus no oceano para permuta de productos entre a Europa, a Asia, a Africa e a America, a necessidade de dar mais rapido incremento ás transacções mercantis, assegurando-lhes a presteza e garantia sem que não logram prosperar, induziram o Governo a não embaraçar e antes favorecer a adopção dos usos e costumes dos homens de negocio das praças da Europa mais reputadas pelo apreço em que tinham o commercio internacional e interoceanico.

Um anno antes do edicto do commercio de Luiz XIV, que codificou os costumes francezes e consagrou o uso das letras de cambio ao portador, já o alvará de 25 de agosto de 1672 recommendava a observancia do estylo das letras *que vinham do Norte*. Seguindo essa mesma corrente de idéas, os alvarás de 21 de agosto de 1688 e 15 de junho de 1714 e a lei de 28 de novembro de 1746 decretavam providencias tendentes a regularizar e manter o rigor e a segurança dos contractos de letras de cambio, á maneira por que se fazia em outros paizes da Europa, onde, principalmente na Inglaterra, estavam muito em uso as letras de cambio á ordem e mesmo ao portador.

Era o inicio da revolução operada por Pombal, a cuja benefica influencia, espirito de nacionalidade e justa comprehensão da universalidade crescente do Direito e das suas necessidades evolutivas se deve a famosa lei de 18 de agosto de 1769, mais conhecida pelo nome de Lei da Boa Razão, explicada e melhor definida nos Estatutos da Universidade de Coimbra, devidos ao mesmo estadista.

Pela lei de 18 de agosto, por Mello Freire com tanta justiça elogiada, libertou-se finalmente Portugal do exclusivo predominio do Direito romano e entrou no convivio das nações modernas. Restituiram-se ás leis patrias a dignidade e a consideração de que andavam privadas, ao mesmo tempo que um sopro do espirito moderno as vinha animar. O Direito canonico foi relegado para a jurisdicção espiritual, o romano constituido simples subsidio quando estivesse de accordo com a boa razão, isto é, com a consciencia nacional. As glossas ficaram sendo simples opinião de doutores, sujeitas á discussão e á critica.

O instituto juridico dos titulos ao portador não podia deixar de ser favorecido por essa evolução do Direito portuguez.

A tendencia bem accentuada das nações commerciantes era fazer prevalecer o elemento economico das obrigações sobre o elemento pessoal, de fórma a tornar o credito como subsistente por si só, a identifical-o com o documento de prova. Do principio da transmissibilidade das obrigações, que foi potentissimo instrumento da estensão do commercio, diz Calisse, se tiraram, por varias figuras do contracto, as mais uteis applicações que o Direito romano, partindo de principios contrarios, não conhecera sinão imperfeitamente. O passo estava dado para a sagração do titulo ao portador como o grau mais perfeito da cessibilidade do credito. A nova concepção ou para melhor dizer a nova variedade da obrigação correspondia ás necessidades da vida moderna, em que Portugal queria resolutamente entrar, guiado pelo seu grande ministro.

Numa ordem expedida por Pombal (ainda conde de Oeyras) á Mesa da Inspecção da Capitania da Bahia, providenciando sobre o gyro das letras de Angola, pagaveis na Bahia, ou da mesa desta capitania contra despachantes de escravos nas alfandegas de S. Paulo de Loanda e Benguella, mandou-se que em *beneficio do commercio* se passasse essas letras *pagaveis a quem fosse o portador dellas*, mas sem obrigação da parte de Sua Magestade.

Depois abundaram na legislação portugueza os titulos ao portador. E nos fins do seculo XVIII eram tão usuaes as letras ao portador que Silva Lisbôa, no seu *Tratado das Letras de Cambio*, insere nada menos de duas fórmulas diversas de titulos dessa especie, o que mostra o seu frequente apparecimento nas transacções do commercio do reino.

Definia-se assim no velho Portugal, ao menos nos contractos de indole commercial, o progresso da separação do homem e da coisa, do individuo e da propriedade, que caracteriza a evolução moderna do Direito.

(Continúa)

INGLEZ DE SOUZA

EM COPACABANA

Aqui o mar se expande livremente,
Desprendido da jaula da bahia,
A' cuja porta o bronze prepotente
Dos canhões resplandece á luz do dia.

A lympha azul, indomita, escachôa
De encontro ás negras fragas millenarias,
E em sua voz parece que resôa
A voz de mysteriosas procellarias.

E vêde: — a mesma vaga que espadana,
A rugir, contra a rocha, alem, na alvura
Da areia, presto a irosa crista aplana,
Soltando balbucíos de ternura.

O mar, symbolizando a humanidade,
Canta e ruge no mesmo vagalhão:
— Hymnos aqui entôa á liberdade,
— Clama ali maldições contra a oppressão.

A illusoria muralha do horisonte
Põe termo ao longe á vastidão sem termos,
E custa crer que ousada véla affronte
O fervedouro azul daquelles ermos.

A alma, em estos de goso e de surpreza,
Qual si um sopro de gloria a dilatasse,
Participa da insólita grandeza
Do céu e o mar em seu sublime enlace.

Sobre ameno pinaculo branqueja
A pequenina ermida silenciosa,
E o mar submisso as suas plantas beija,
Espelhando-lhe a imagem luminosa.

E' tão formosa assim, alva e singela,
Debuxada no calmo azul infindo,
Que, batida do sol, lembra uma estrella
No inverso céu das aguas refulgindo.

Mystica torre de marfim, divino
Luzeiro ideal a dominar as vagas,
Ella manda um conforto ao peregrino
Que se vai demandando extranhas plagas.

Para traz as montanhas alterosas,
Em compostura estatica de esphinge
Têm arestas vermelhas como rosas
A' rosea luz que todo o espaço tinge.

Rorejada de gotas crystalinas,
Cobre a pellucia verde dos gramados
O flexuoso dorso das collinas
E o regaço dos valles socegados.

EM COPACABANA

Aqui o mar se expande livremente,
Desprendido da jaula da bahia,
A' cuja porta o bronze prepotente
Dos canhões resplandece á luz do dia.

A lympha azul, indomita, escachôa
De encontro ás negras fragas millenarias,
E em sua voz parece que resôa
A voz de mysteriosas procellarias.

E vêde: — a mesma vaga que espadana,
A rugir, contra a rocha, alem, na alvura
Da areia, presto a irosa crista aplana,
Soltando balbucíos de ternura.

O mar, symbolizando a humanidade,
Canta e ruge no mesmo vagalhão:
— Hymnos aqui entôa á liberdade,
— Clama ali maldições contra a oppressão.

O ESTADO-MAIOR DO EXERCITO

Nenhuma instituição actualmente reclama e merece mais uma reforma capital do que o nosso exercito.

Não sómente os profissionaes, como todos quantos se interessam pela causa publica, de ha muito sentem que essa reforma é inadiavel e que carece de ser levada a effeito com esforço ingente e demorado, attingindo, na sua faina de tudo remodelar, até detalhes que poderiam parecer de somenos importancia.

Certo não ha de ser obra de um dia, nem quiçá de um só homem, essa pela qual anciosamente aspira a força publica e que lhe ha de desvendar novos ideaes. O poder legislativo já comprehendeu por tal fórma a urgencia do problema, que, durante a ultima sessão parlamentar, vimos surgir expressa em lei a adaptação ao exercito brazileiro da classica organização do Estado Maior dos exercitos europeus.

Não é nosso intuito, nas linhas que se vão seguir, dizer o que pensamos acerca dessa lei, nem mesmo fazer reflexões sobre a possibilidade de ser levada a effeito uma reforma, como a que o parlamento effectou, sem mais tocar na instituição em que ella se vem implantar.

Sabemos, que ha individuos pouco sympathicos á lei em questão, mas não acreditamos que exista no exercito quem conteste a necessidade da organização não já do Grande Estado Maior, mas dos seus differentes Estados Maiores.

Só a partir do instante em que a lei votada se converter em realidade, terão os officiaes do corpo do Estado Maior, dentro da

legislação vigente, explicação completa de sua existencia e de seu destino no seio da força armada. O projecto de lei, actualmente em discussão na camara dos deputados, relativo á pratica desses officiaes nos corpos arregimentados, talvez não constituisse agora um projecto á parte, si a organização do Estado-Maior houvesse sido apenas um dos elementos da reorganização geral, em vez de uma reforma isolada, como effectivamente foi.

Sentimos não nos sobejar agora lazer para corrermos pressurosos em defesa da instituição do Estado Maior, da qual fiamos mais tarde a elaboração de medidas em prol do exercito, que possam completar, sinão supprir quaesquer esforços legislativos. Não nos é possivel, porém, resistir ao desejo de demonstrar aos que se vão interessando pelo debate do actual projecto, que elle nada tem de inconveniente ou de monstruoso e nem é novidade no Brazil.

Si estudarmos as funcções do Estado Maior, quer no passado, quer no presente, nas diversas nações em que elle existe, reconheceremos facilmente que seus membros constituem uma *élite* de officiaes *saidos da tropa*, dotados de talento e aptidões especiaes para as coisas militares e facilitando aos generaes, sob cujas ordens servem, quer a preparação da guerra, quer a sua realização.

O que a experiencia dessas nações tem demonstrado é que a condição fundamental para que um official bem preencha tão delicadas funcções, é que elle não abandone de vez as fileiras, e que a despeito de sua posição excepcional ao lado de um general ou em serviço de gabinete, não deixe de exercer todos os variados misteres que o serviço arregimentado impõe ás diversas patentes até coronel. Quem ler a historia synthetica do Estado Maior allemão, admiravelmente traçada pelo general Bronsart von Schellendorf, verá que o facto da volta temporaria dos officiaes do Estado Maior ao serviço das fileiras constituiu a essencia mesma da instituição desde seu inicio, isto é, desde meiados do seculo XVII até os dias que correm.

A adopção do Estado Maior pelos outros paizes da Europa imprimiu-lhe sem duvida feições particulares, porém, no fundo a instituição permaneceu inalteravel e o que mais é, quasi sempre o regresso temporario de seus officiaes ao serviço arregimentado uma condição imprescindivel de successo. O exemplo da Allemanha, França, Italia e Austria, todas potencias militares de primeira

ordem, é tudo quanto neste particular póde haver de mais convincente.

A respeito da Austria diz Schellendorf: «Os officiaes do Estado Maior regressam ás suas *armas de origem* ou a *outras*, sob proposta do chefe do grande Estado-Maior, afim de ahi *praticarem no serviço activo e nos differentes commandos*. Observe-se tambem que a lei de promoção determina, que nenhum official seja promovido á general sem que haja exercido durante dois annos um commando de regimento ou batalhão.»

Na Italia fazem-se ainda as mesmas exigencias para os differentes officiaes, notadamente para os *coroneis*, «que só devem ser promovidos a commandantes de brigadas ou generaes, após dois annos de commando de regimento» (Schellendorf).

A lei de 20 de março de 1880, sobre o serviço do Estado-Maior francez, modificada pela lei de 24 de junho de 1890, e assim em pleno vigor na actualidade, exprime-se sobre a materia do seguinte modo: «Art. 4.... Os capitães, commandantes e coroneis diplomados (*brevetés*) do Estado-Maior só podem ser promovidos aos postos superiores depois de *terem exercido em sua arma de origem* um commando effectivo de tropa, correspondente á sua patente, durante um periodo de dous annos pelo menos. São dispensados dessa obrigação os officiaes que houverem exercido o referido commando antes da obtenção do diploma (*brevet*).»

Mesmo entre nós não é nova a idéa, como dissemos em começo; outr'ora essa pratica foi obrigatoria para os officiaes do Estado Maior que iniciavam a sua carreira.[1] E' certo que não se

---

[1] As instrucções sobre as attribuições do Estado-Maior de 1ª classe de 26 de fevereiro de 1866, determinam:

«Art. 2º— Incumbe ao commandante geral: § 1.º Indicar ao Ministro da guerra os officiaes do Estado-Maior de 1ª classe que, na fórma do art. 8º n. 2, do regulamento de 31 de março de 1851, devem prestar serviço nas armas de artilharia, cavallaria e infantaria, afim de adquirirem a pratica respectiva.»

O Regulamento de 31 de março de 1851 dizia o seguinte:

«Art. 8º Serão promovidos ao posto de capitão, havendo vagas os tenentes e 1ºs tenentes mais antigos, que, alem de terem o curso completo de estudos do seu respectivo corpo ou arma, e contarem dois annos de serviço effectivo neste posto, tiverem as seguintes habilitações:

2º Si fôrem do Estado-Maior de 1ª classe, tres annos de serviço nos corpos das armas de artilharia, cavallaria e infantaria, sendo um anno em cada arma, e com approvação da tactica e economia della.

tratava nem de todos os officiaes subalternos, nem dos superiores; mas a experiencia e a legislação de quatro grandes nações militares, das mais poderosas da Europa e onde taes assumptos são tratados com desvelo, mostram que o actual projecto da camara dos deputados está longe de architectar uma fantasia.

Dizem que elle acarretará dificuldades, por isso que se torna indispensavel crear vagas nos corpos para os officiaes do Estado Maior. Não contestamos isso. Pensamos que á administração cumpre estudar a questão e conciliar tudo, pois que tal é a conducta observada pelos paizes referidos. Ser-nos-ia tarefa de pequena monta reproduzir aqui multiplos artigos da legislação franceza para mostrar como o assumpto foi ali judiciosamente esclarecido em disposições subsequentes. Citemos — para exemplificar — esta unica deliberação: (carta collectiva de 11 de março de 1892). «A applicação do decreto de 3 de janeiro de 1891 aos *coroneis* de artilharia diplomados, apresenta difficuldades *serias* por causa do grande numero de empregos de coronel que comporta, fóra das tropas, o Estado Maior particular da arma. Si os coroneis são todos designados para commandos de regimentos, lógo após a promoção, e ahi mantidos até a volta ao Estado Maior, até a reforma ou até a promoção ao posto superior, o serviço de tropa ficará em curto prazo mais ou menos interdicto aos coroneis de artilharia não diplomados. Com intuito de remediar tal situação decidi que os *coroneis diplomados*, após o commando de Regimento durante dois annos, possam ser *classificados em um estabelecimento de sua arma*, si não forem por essa occasião de novo chamados ao serviço do Estado Maior.»

Questão não menos importante do que a da volta dos officiaes do Estado Maior ás fileiras da tropa, é a da natureza mesma do corpo definido pelo agrupamento desses officiaes.

Entre nós o corpo de Estado Maior de primeira classe — segundo a technologia official—é um corpo especial, como se diz, com um quadro a parte, dentro do qual as promoções se realizam de accordo com disposições que lhe são peculiares. O official que para elle entra, vindo da infantaria, cavallaria ou artilharia, abandona definitivamente o seu lugar nessas armas, abrindo vaga para os que nellas lhes succederem. O nosso corpo de officiaes de Estado Maior é, portanto, um *corpo fechado*, conforme a denominação caracteristica franceza.

Si estudarmos as organizações dos exercitos europeus verificaremos que não é essa a idéia predominante por toda a parte.

Uns opinam pelo *corpo fechado*, emquanto outros entendem que o official do Estado Maior é antes de tudo um official de tropa, chamado durante uma temporariedade mais ou menos longa, a desempenhar funcções especiaes. Para alguns, como em França, o official nem mesmo o uniforme de sua arma deve abandonar, bastando-lhe distinctivos particulares para que facilmente se reconheça que elle está em serviço do Estado Maior. O official fica assim em uma situação de extranumerario, concorrendo na sua propria arma para a promoção aos postos superiores. Na França foi o assumpto larga e demoradamente debatido. Mais ou menos identicas ás nossas eram as disposições que ahi regulavam a materia, quando a lei de 13 de março de 1875, marcando o numero provisorio de officiaes do Estado Maior, annunciou outra decisiva sobre o assumpto. «Essa lei, conta Schellendorf, fez-se esperar ainda por muito tempo, si bem que datasse de 1872 a nomeação da commissão escolhida para se occupar da reforma. Tratava-se então, antes de tudo, da questão seguinte: Deve o Estado Maior formar, como até agora, um *corpo fechado*, um corpo independente ao lado das outras armas ou um *serviço aberto?* Sob outra fórma: Devem os cargos do Estado Maior ser preenchidos com officiaes destacados das fracções de tropa a que pertencem? Ambas as opiniões contavam defensores no seio da commissão. Cada qual julgando-se abalisado conhecedor da materia, acreditava chegado o momento de tornar publicos os seus projectos. A mudança frequente do pessoal superior do ministerio da guerra havia contribuido para que ahi variassem as opiniões sobre o aspecto fundamental da questão. Só em 1879 terminou a commissão seus trabalhos e só em 1880 Senado e Gamara votaram a organização do Estado Maior (3 de março de 1880), com a declaração formal de que elle constituiria um «*serviço aberto*» a partir daquella data.»

Não nos seria difficil referir exemplos em favor de uma e de outra solução, detalhando quer a organização alleman, quer a italiana. Em nosso paiz essa questão se impõe agora com tanto mais urgencia, quando é de esperar que dentro em pouco a reforma decretada no anno passado tenha sido posta em pratica. Somos partidarios francêses da solução adoptada em França e pensamos, portanto, que o corpo

de officiaes de Estado-Maior tal como nós o temos deve desapparecer.

Si estivessemos, por infelicidade nossa, em outro meio attribulado pelas apprehensões de uma guerra, onde o espirito e as tradições militares fossem outros, onde a instrucção e a preparação fossem completas em todas as camadas da tropa, talvez não partilhassemos as mesmas crenças.

No Brazil, porém, a situação é totalmente diversa; não se póde dizer que possuimos um exercito — embora pequeno — tal como elle deve ser e como nós queremos que seja.

Segundo nosso modo pessoal de ver estas questões, uma das causas fundamentaes do estado actual do exercito brazileiro é a falta de acção que a officialidade, que se vai instruindo, tem de facto sobre o conjunto da tropa em geral.

A nação julga talvez que toda a officialidade, que ella penosamente instrue nas suas escolas militares, se irradia mais tarde por sobre o exercito, levando ás suas fracções mais longinquas o germen do aperfeiçoamento, o enthusiasmo contagioso que uma solida e digna educação technica sabe gerar. A realidade desmente, todavia, tão acalentadoras esperanças.

A nossa organisação militar e a tradição administrativa alliam-se para desviar do exercito, isto é, da tropa, toda essa mocidade. Em face da descrença presente ninguem acha encanto em ser official arregimentado, ou si quizerem, em fazer parte do verdadeiro exercito.

Os corpos especiaes, principalmente os de Estado-Maior e de Engenheiros, são a verdadeira ambição de todos os jovens e como a organização desses corpos, original, curiosissima, longe está de attender ás suas preoccupações militares, é bem de ver que o exercito pouco lucra com o resultado da instrucção ministrada nas suas escolas. A situação aggrava-se mais com a permanencia, digamos estabilidade, de officiaes arregimentados em multiplos, variadissimos empregos estranhos aos corpos.

Si tomarmos um moço que deseje seguir a carreira das armas, quer em nosso paiz, qner em qualquer outra nação do velho continente, e si o acompanharmos em seu tirocinio, seguindo-o mesmo através dos postos subalternos, verificaremos sem demora que as praticas usadas entre nós, sobre offerecerem um contraste decisivo

com as empregadas alhures, apresentam expontaneamente o melhor conjunto de medidas tendentes a scisão do exercito em duas fracções ou correntes. Uma dellas compõe-se da massa geral dos soldados, cuja permanencia é garantida por um pequeno numero de officiaes que os commandam, e a outra dos officiaes restantes, que levaram de vencida os cursos das escolas, que se fizeram *bachareis*, *engenheiros*, etc. etc., que estão á testa de commissões mais ou menos uteis e para as quaes deveriam existir funccionarios especiaes. Os ultimos ficam totalmente estranhos ao verdadeiro exercito, porque não reagem sobre elle ou porque só o fazem muito indirectamente. Tudo o que ha de mais vulgar em nossos corpos é ver os quadros de officiaes profundamente desfalcados; capitães ha que estão em misteres estranhos e officiaes subalternos que de seu corpo só conhecem o nome.

O moço official que abandona a escola tem em geral pavor do serviço arregimentado; lamenta sua situação; não vê utilidade, nem o fascina o projecto, por exemplo, de transmittir aos soldados de sua bateria as boas idéas sobre o serviço, o material, a tactica e a disciplina, de lhes innocular amor pela profissão, garbo no desempenho das funcções de militar moderno. Desde o dia em que transpõe os humbraes da escola, só uma esperança paira-lhe no espirito, só um ideal sedul-o a todos os instantes: fugir o mais cedo possivel do contacto com a tropa e galgar posição em um dos corpos especiaes do Estado-Maior ou de Engenheiros, para não falar no magisterio e nas commissões especiaes.

Quaesquer que sejam, porém, nossos defeitos individuaes, força é convir que á organização presente podem ser com justiça imputados muitos dos males actuaes. Ao leitor civil vamos tornar bem patente, em poucas linhas, a veracidade de nossas affirmações.

A victoria no campo de batalha é o resultado do concurso de multiplos factores. Entre esses figura em primeira plana a acção das diversas *armas*, que a nossa evolução a pouco e pouco fez surgir e que as nações militares modernas têm mantido. Não bastam, porém, a infantaria, cavallaria e artilharia, para que um dos contendores «*annulle no espirito do adversario todas as esperanças de victoria*».

Multiplos serviços e entre elles os que se referem a trabalhos de fortificações, a construcção de pontes, etc., fazem-se indispensaveis á marcha e á garantia das massas combatentes.

A engenharia militar, pois, figura entre os serviços auxiliares e longe de perder de importancia, cresce cada vez mais de prestigio, como a introducção da polvora sem fumaça, da artilharia de tiro rapido e dos fuzis de repetição indicam expontaneamente. Todos os paizes militares têm invariavelmente uma arma de engenharia —conjunto de soldados e officiaes technicamente preparados para aquelles misteres. O exercito brazileiro conta entre os seus elementos, um *corpo de engenheiros* e *batalhões de engenharia*, como, porém, aquelle corpo não tem 2os tenentes ou alferes, nem 1os tenentes, é claro que os batalhões precisam de pedir *emprestados* esses officiaes ás outras armas combatentes, desfalcando assim os respectivos corpos.

Em qualquer exercito é completo o quadro de officiaes dos batalhões de engenharia; nelle se encontram todas as patentes desde 2os tenentes á coroneis. No nosso pára-se nos capitães, sem nenhuma razão plausivel para isso. O facto é tanto mais extranhavel, porque representa um retrocesso; não vai distante a época em que o nosso corpo de engenheiros contava todas as patentes. Disposições successivas reduziram-no ao que é hoje, cavando sem cessar cada vez mais profunda a separação entre o corpo e os batalhões. Assim a legislação moderna diz que os commandantes, majores e capitães *devem ser* officiaes do corpo de engenheiros; a ausencia, todavia, de prescripções terminantes, que façam, como na Allemanha, em que todo official de engenheiro passe certo tempo em um batalhão de sua arma, faz-se sentir entre nós.

A consequencia é que não temos uma verdadeira arma de engenharia; temos um *corpo de engenheiros* e *batalhões de engenharia*, isto é, officiaes de um lado e soldados do outro, presos todos pelos mais frageis laços. Como nota suggestiva acrescentaremos que o official de engenheiros entra como capitão para o corpo, tendo vindo da infantaria, cavallaria, artilharia ou Estado-Maior e não da engenharia, como devera ser, o que equivale dizer que perdeu grande parte da carreira aprendendo coisas alheias ao seu destino definitivo.

No corpo de Estado-Maior o phenomeno é quasi o mesmo; a administração não póde saber, appellando simplesmente para a lei, onde localizar os officiaes desse corpo. Quantas expedições

se formam sem que ao lado do commando geral ou dos das differentes fracções exista um unico official do Estado-Maior?

Em circumstancias como a em que nos achamos, que inconveniente, — perguntamos nós, voltando á questão — podem resultar da adopção de uma medida aceita e praticada pela França, Italia, Austria e Allemanha? Que mal póde provir da pratica de todos os officiaes do Estado-Maior, sem excepção alguma, portanto coroneis inclusive, no serviço arregimentado, si a ninguem é dado desconhecer que o *bacharel fardado*— curiosidade do nosso meio—, não é o typo do verdadeiro official?

O official do Estado-Maior que se não julgar com aptidão para taes serviços deve renunciar a idéa de ser general mais tarde. Quem não tem *geito* para commandar batalhão, como dirigir regimentos, brigadas, divisões e corpos de exercito?

O parlamento póde e deve completar a reforma que iniciou, acabando de vez com a actual organização do corpo de Estado-Maior de 1ª classe. Bastar-lhe-ia apenas parodiar a lei com que a França deu o golpe de morte no antigo corpo. Nella se diz: « Art. 10. *Após a promulgação da presente lei, os officiaes que pertencem ao corpo especial do Estado-Maior serão providos do diploma e distribuidos pelas diversas armas, proporcionalmente ao numero dos officiaes do mesmo posto de cada arma. Aquelles officiaes concorrerão com estes, tanto para a promoção por merecimento como por antiguidade.* »

Tal é a situação real e delicada a que nos trouxe a organização em vigor e a que o patriotismo manda pôr quanto antes um paradeiro.

Levantar o espirito da tropa pelo desenvolvimento de sua educação technica, pela acção efficaz e salutar de todos os officiaes que a ella pertencem, restringir o volume desmesurado da segunda corrente, que assignalámos e que só tem sido nocivo á primeira, assegurar a harmonia e convergencia das duas — tal é, nos dias que correm e nas suas grandes linhas, o verdadeiro *problema militar* do Brazil. Nunca tivemos, nem teremos espirito guerreiro; os antecedentes e a situação geographica garantem a nossa livre evolução através do tempo, sem appello systematico á guerra fratricida. A questão, pois, reduz-se simplesmente á manutenção

de um pequeno nucleo militar, forte pela disciplina, pela educação technica e pela elevação moral, nucleo cujas funcções são cada vez mais adstrictas á policia interna em torno do qual se possam grupar confiantes todos os patriotas, nos momentos, cada vez mais raros, de perturbações internacionaes.

Certamente reconstrucção tão complexa não é possivel sem laborioso trabalho, sem orientação e sem perseverança.

TASSO FRAGOSO

UMA QUESTÃO CARTOGRAPHICA

O «MAPPA DAS CORTES» E AS SUAS COPIAS

Na longa e calorosa discussão da questão de limites entre o Brazil e a Republica Argentina assumiu extraordinaria importancia uma questão cartographica, a da identidade e posição verdadeira de um affluente da margem esquerda do rio Uruguay, que nos mappas antigos figura com o nome de Uruguaypitá. Na falta de certos documentos originaes que sómente na ultima phase da discussão appareceram juntos á magistral exposição apresentada em 1894 ao arbitro em Washington pelo commissario brazileiro, Barão do Rio Branco, tinha se creado o mytho de que a identidade do rio limitrophe, o Pepiri, designado pelo tratado de 1750, devia ser determinada pela posição da sua barra acima da do Uruguaypitá. Os demarcadores do tratado de 1750, identificando o Pepiri sem referencia ao Uruguaypitá, corrigiram um erro a respeito deste ultimo no mappa que lhes tinha sido fornecido (conhecido pelo nome de Mappa das Côrtes) dando este nome a um affluente acima do Salto Grande e da barra do Pepiri, ao passo que o dito mappa o collocava abaixo destes dois pontos. Os demarcadores de 1789, aceitando dos seus antecessores a identificação do Uruguaypitá (não obstante a sua posição acima do Salto Grande e portanto em contradicção com o Mappa das Côrtes) impugnaram a do Pepiri que, devendo, no seu entender, ser procurado acima da barra do Uruguaypitá dos demarcadores de 1759, foi identificado com o Chapecó dos mappas brazileiros modernos. Este modo de ver, adoptado pelos Argentinos, deu origem a uma

longa discussão na qual, de lado a lado, se gastaram rios de tinta sem a producção de um só documento original de valor indisputavel no assumpto. Esta fortuna foi reservada ao Barão do Rio Branco que, apresentando o Mappa das Côrtes em original e em copia authenticada pelos plenipotenciarios de 1750 e as Instrucções aos demarcadores de 1759, provou que a tão discutida questão do Uruguaypitá era completamente alheia á questão de limtes em si.

Comquanto terminada a contenda, este incidente do Uruguaypitá suggere-nos um estudo do tão falado Mappa das Côrtes que, debaixo do ponto de vista cartographico, não é completamente destituido de interesse.

Conforme refere o Barão do Rio Branco, o Mappa das Cortes foi preparado em Lisboa no anno de 1749 por um geographo portuguez cujo nome se não conservou. Dois exemplares, considerados identicos, foram fornecidos aos plenipotenciarios para discussão das bases do Tratado de Madrid no qual se convencionou deixar archivados em cada uma das capitaes, Lisboa e Madrid, um destes mappas primitivos junto com tres copias, todos devidamente authenticados pelos plenipotenciarios. As copias archivadas em Madrid seriam preparadas em Lisboa e vice-versa.

Assim houve oito exemplares do mappa os quaes conforme formal declaração official, eram identicos, com a differença apenas no modo de traçar a fronteira nas duas series de copias, o que era expressamente resalvado na declaração inscripta nas costas de cada exemplar. Era porventura absoluta esta identidade, indo até aos minusculos detalhes, sem valor na occasião, mas que tanta importancia assumiram nas discussões subsequentes? Ou era apenas relativa e sómente com referencia á linha convencionada de divisas, unico ponto que na occasião preoccupava a attenção das chancellarias portugueza e hespanhola e dos respectivos negociadores do tratado? Eis a questão que me proponho examinar neste escripto.

Os oito exemplares authenticados e officialmente identicos do Mappa das Côrtes dividem-se naturalmente em tres grupos, a saber: os dois primitivos feitos em Lisboa em 1749, as tres copias portuguezas feitas na mesma cidade em 1751, e as tres copias hespanholas feitas em Madrid no mesmo anno. Pela correspondencia reproduzida pelo Barão do Rio Branco, sabe-se que,

depois de promptas as tres copias de Madrid, os plenipotenciarios se occuparam por alguns dias em conferil-as com os exemplares primitivos, e que depois deste exame um exemplar de cada uma das duas series de copias foi submettido ao secretario de estado de Portugal, depois Marquez de Pombal.

Mui provavelmente, as copias de Lisboa teriam sido submettidas a conferencias igualmente rigorosas e sómente depois destes repetidos exames e confrontos é que os oito exemplares do mappa, divididos em dois grupos de quatro, foram assignados e trocados com a declaração de identidade. Em vista disto, parece um cumulo de incredulidade duvidar da completa e perfeita identidade dos oito exemplares do mappa. Entretanto, não é difficil demonstrar que, submettidos a uma analyse rigorosa dos detalhes secundarios, tal cemo a exigida na questão do Uruguaypitá e em outras que possam surgir, constituem elles tres, provavelmente quatro (e quem sabe si não oito) mappas distinctos.

Antes de publicada a exposição do Commissario Brazileiro perante o arbitro em Washington, o Mappa das Côrtes só era conhecido por uma reproducção em 1856, no vol. III da Collecção de Tratados de Borges de Castro de uma das copias hespanholas, ou de uma copia de uma dellas, que nesta época ainda se encontrava em Lisboa. A authenticidade desta reproducção contestam-na os Argentinos, e, de algum modo com fundamento, visto que, a julgar pelo fragmento reproduzido pelo Barão do Rio Branco, o desenho das montanhas não combina com o dos outros exemplares authenticos, levando a suppor que a copia lithographica não é um *fac-simile* do manuscripto original, ou que este original se afastava nesta, e talvez em outras particularidades, do primitivo Mappa das Côrtes. As pesquizas da Commissão Brazileira para descobrir exemplares originaes deste mappa deram em resultado o achar-se um dos primitivos (conforme a declaração do archivista francez, o exemplar de Lisboa) no Deposito Geographico do Ministerio dos Negocios Estrangeiros da França em Pariz, e de uma das copias portuguezas no Archivo do Ministerio do Estado em Madrid. A copia hespanhola, reproduzida em 1856 por Borges de Castro, não poude ser encontrada e o Barão do Rio Branco lamenta não poder apresentar exemplar

authentico deste grupo. Entretanto, parece que uma destas copias existe ou pelo menos existia em 1881, no Archivo Militar do Rio de Janeiro, visto que *no Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* [1] figura sob o numero 1825, um mappa que, tanto quanto se póde julgar pelo titulo e nota descriptiva, é com quasi absoluta certeza, uma das ditas copias.

A comparação minuciosa das reproducções (authenticadas por declarações officiaes que, graças aos processos modernos de photographia, merecem mais confiança do que as de 1751) dadas pelo Barão do Rio Branco do exemplar em Pariz do mappa primitivo e do de Madrid das copias portuguezas mostra que estas estavam muito longe de serem *fac-similes* daquelle. Muitos pequenos detalhes no desenho dos cursos d'agua de importancia secundaria escaparam ao copista, muitos nomes apparecem com orthographia alterada, outros foram omittidos e outros introduzidos, talvez por figurarem no outro exemplar do mappa primitivo. Assim, no trecho do mappa entre o tropico de Capricornio ao norte e o rio Paraguay a leste, contam-se, não falando de abreviações e trocas entre portuguez e hespanhol, duas differenças de orthographia Chombiac por Chumbicha, Misioens por Miraflores, oito omissões e quatro introducções de nomes [2]. O mesmo descuido na reproducção de nomes se apresenta por toda parte notando-se na região do Amapá uma troca de nomes que, dada certa hypothese, podia levantar questão ainda mais séria do que a do Uruguaypitá. Em posição muito conveniente para as pretenções francezas, saíu na copia *R. de Vicente Pinçon* em lugar de « B.ª de Vicente Pinçon » do mappa original.

Estes exemplos bastam para provar que no preparo das copias portuguezas nenhuma preoccupação houve a respeito da reproducção rigorosamente exacta de detalhes que não affectavam á

---

[1] Segundo informações recebidas na Bibliotheca Nacional, a parte cartographica desta obra monumental foi confeccionada pelo mallogrado Alfredo do Valle Cabral. Era talvez a parte mais difficil do catalogo e admiravelmente bem feita.

[2] Entre estas ultimas differenças, ha na região de Villa Rica o nome Gualahos em letra que apparentemente differe da do corpo da copia, aproximando-se mais á do mappa primitivo. Esta circumstancia talvez indique ser o autor deste ultimo pessoa que tenha estado em Minas.

questão principal então em dabate. Analysado com o rigor que se quiz empregar na discussão sobre o Uruguaypitá, o mappa de Madrid reproduzido pelo Barão do Rio Branco, não é copia do de Pariz, mas sim um mappa distincto. Em vista do pouco cuidado empregado no preparo do unico exemplar conhecido das copias de Lisboa, é licito presumir que talvez as tres copias differissem entre si ao ponto de constituirem, em classificação rigorosa, tres mappas distinctos. Neste caso, teremos no grupo formado pelo exemplar de Pariz do mappa primitivo e as tres copias de Madrid duas, ou hypotheticamente quatro, edições distinctas do Mappa das Cortes.

E' quasi certo que as copias portuguezas não foram preparadas á vista de qualquer dos dois exemplares authenticados do mappa primitivo. Pelo officio de 24 de junho de 1851 do Embaixador Portuguez (*Exposição*, p. 42) sabe-se que as copias hespanholas acabavam de ser feitas «pelas primitivas que vieram dessa Corte antes de se fazer o Tratado de Limites», e que as copias portuguezas tinham sido remettidas *ultimamente*. D'ahi se póde concluir que os dois mappas primitivos tinham ficado em Madrid, desde o inicio das negociações e que as copias portuguezas foram feitas á vista de um outro exemplar, ou talvez do borrão original, que tinha permanecido em Lisboa, e que, para os fins da negociação, era considerado como igualmente authentico.

Para a comparação das copias hespanholas só temos a reproducção de um dos exemplares por Borges de Castro. Não se encontrando em São Paulo a Collecção de Tratados deste autor, o estudo comparativo só póde ser feito no pequeno fragmento, aliás sufficiente para o fim presente, reproduzido pelo Barão do Rio Branco no. vol. V da sua *Exposição*. Salta immediatamente á vista que o desenho das montanhas differe notavelmente do dos exemplares authenticos do Mappa das Cortes, sendo de presumir que esta differença corra por conta do lythographo de 1856 que provavelmente considerava como muitos de sua classe, que a representação do relevo num mappa era um simples enfeite com o qual era permittido tomar liberdades.

No desenho hydrographico, a copia apresentada por Borges de Castro é muito mais escrupulosa do que na copia portugueza de 1751 e póde ser dada como rigorosamente exacta. A

nomenclatura do mappa é, porém, completamente differerente. No pequeno fragmento aqui estudado, figuram quatorze nomes dos quaes cinco (R. Nucora, R. S. Juan, Yriboba, R. Guamboca e R. de Peixe) faltam no mappa primitivo, que pelo contrario tem tres R. Ytapeba, R das Canoas e R. Uruguaymirim) que não estão na copia. Dos nomes introduzidos, os quatro primeiros, affluentes do Uruguay abaixo do Pipiri, são evidentemente copiados do mappa dos Jesuitas de 1732, ou o de 1722, que tambem forneceu grande parte da nomenclatura do mappa primitivo. O outro nome introduzido, (R. de Peixe affluente do Jacuhy) não figura nos mappas dos Jesuitas, na copia portugueza de 1751 do Mappa das Côrtes ou no exemplar conhecido dos dois mappas primitivos. A conclusão a tirar é que foi provavelmente copiado do exemplar deste ultimo.

Os dois mappas dos Jesuitas de 1722 e 1732 representam, acima do affluente que passa pela missão de S. Angelo, sete affluentes do Uruguay pelo lado esquerdo, dos quaes os quatro de baixo são figurados como sendo insignificantes, sendo maiores os tres de cima. Dos quatro pequenos, o primeiro acima de S. Angelo não tem nome, depois vem em ordem ascendente, os nomes Yaguarepe, Nucora e S. Juan. Seguem, na mesma ordem, os nomes dos tres maiores, Yriboba, Uruguaypitá e Uruguaymirim, estando os dois primeiros abaixo do Salto Grande e com o Pepiri entrando pelo lado direito entre as suas barras. O Mappa das Cortes primitivo reproduziu com muita exactidão o *desenho* dos mappas dos Jesuitas em toda a bacia do Uruguay, porém com muitas omissões e diversas modificações na nomenclatura. O nome Pepiri foi transferido para um affluente sem nome nos mappas dos Jesuitas acima do Salto Grande, ficando o Uruguaypitá para baixo do mesmo ponto e por consequencia para baixo do Pepiri, ficando tambem eliminado um dos affluentes menores pelo lado esquerdo. Os unicos affluentes do lado esquerdo que receberam nomes foram : o Uruguaypitá e Uruguaymirim, sendo estes dois nomes empregados exactamente como nos mappas dos Jesuitas. Os melhoramentos, attribuidos aos Generaes Gomes Freire de Andrade e Silva Paes, introduzidos no Mappa das Cortes eram, para o Sul do Brazil exclusivamente na região do littoral e na da estrada de São Paulo a Rio Grande. O desenho do Iguassú foi alterado, não se póde porém dizer, que foi notavelmente melhorado. Quem

o organizou evidentemente não tinha outra parte de informações sobre a bacia do Uruguay sinão os mappas dos Jesuitas. A troca do nome «Pepiri» para um outro affluente prova a pouca importancia que se ligava naquella época á nomenclatura visto que, si os nomes no tratado tivessem valor que depois lhes foi attribuido, esta troca era prejudicial a Portugal. O copista de Madrid reproduziu exactamente o desenho do mappa primitivo, mas entendeu introduzir os nomes do mappa dos Jesuitas, porém com a omissão do Yaguarepe. Ao que parece, começou por baixo, e, dexando dois sem nome, não reparando que um tinha sido eliminado no desenho em que estava trabalhando, escreveu Nucora e S. Juan nos traços correspondentes a S. Juan e Yriboba do mappa dos Jesuitas; assim o seu Yriboba veiu cair no Uruguaypitá do mappa primitivo e este ultimo nome no Uruguaymirim daquelle mappa: não ficando traço no desenho para receber o nome de Uruguaymirim que ficou no tinteiro.

Que este lapso em trocar na copia a posição do Uruguaypitá e eliminar o Uruguaymirim do orignal que estava sendo copiado, era do copista de 1751 em Madrid, e não do que preparou em 1856, a reproducção de Borges de Castro, prova-o, como bem ponderou o Barão do Rio Branco, o mappa de Palomares que é evidentemente copia contemporanea da edição portugueza do Mappa das Côrtes archivada em Madrid. Que houve nesta alteração mais do que um simples lapso do copista, ou que este lapso escapasse nas numerosas conferencias a que os mappas foram submettidos, é impossivel acreditar. E' mais natural suppor que as differenças foram notadas, porém, desprezadas como sem importancia para o fim principal a que se destinavam os mappas e que na declaração de identidade os plenipotenciarios tiveram em vista sómente este fim. O proprio Marquez de Pombal, estudando para os fins do segundo tratado (*Exposição*, p. 50), o exemplar portuguez e a copia hespanhola do Mappa das Côrtes, estava tão longe de prever a questão que se ia levantar sobre o Uruguaypitá que não a preveniu em tempo. Teria sido preciso o mesmo grau de presciencia para advinhar a vantagem que os Francezes teriam na questão do Amapá do lapso relativo ao rio de Vicente Pinson, si não existisse felizmente outro e mais authentico exemplar do celebre mappa.

Assim, conforme toda a probabilidade, as copias hespanholas nos dão mais um, sinão tres, mappas distinctos em lugar de um cujas oito copias eram identicas conforme a certidão official.

Resta saber si os dois mappas primitivos eram ou não perfeitamente identicos. Já foi apontado um nome (R. de Peixe) na copia hespanhola que indica um detalhe no exemplar perdido que não figura no conservado. O mappa de Bellin que acompanha a *Historia do Paraguay de Charlesvoix*, publicada em Pariz em 1757, foi calcado, como demonstrou concludentemente o Barão do Rio Branco, sobre um dos exemplares do Mappa das Côrtes. O original copiado podia ter sido um dos mappas primitivos ou uma das copias hespanholas conservadas em Lisboa, sendo excluidas as copias portuguezas de Madrid pelas differenças no desenho, que nellas reproduz com menos fidelidade os detalhes do mappa primitivo do que na copia de Bellin. Alem da probabilidade de que, por tratar de um assumpto hespanhol, a copia fosse feita em Madrid, onde nesta época os Jesuitas teriam accesso aos archivos officiaes muito mais facilmente do que em Lisboa, ha em favor da hypothese da sua origem hespanhola o facto de não ser reproduzido o erro do Uruguaypitá e Uruguaymirim das copias conservadas na capital portugueza. Sendo feito em Madrid, o mappa de Bellin, não póde ser sinão copia do mappa primitivo archivado naquella capital.

O mappa de Bellin é muito mais rico em nomes, traduzidos para o francez e muitas vezes estropiados, do que o mappa primitivo conhecido. Grande parte destes nomes são evidentemente copiados do mappa dos Jesuitas, mas ha um certo numero que não póde ser attribuido a esta origem. São: R. Espinhosa (affluente do Paraguay abaixo de Corrientes) R. Negro (affluente do Iguassú) e seu affluente o R. Gil, as povoações: S. Joaquim, Jesus Maria e S. Christofle na região do rio Jacuhy, e Forte de S. Miguel dos Castilhos, reducção de Manguavera e Forte de Jesus Maria perto da barra do Rio-Grande. Todos estes rios e localidades se acham representados graphicamente no exemplar de Pariz do Mappa das Côrtes, porém sem os respectivos nomes que é licito presumir fossem tirados do exemplar de Madrid.

Assim ha toda a probabilidade que nem os dois exemplares primitivos do tão falado mappa fossem perfeitamente identicos no

sentido rigoroso da palavra. Tomando-os como distinctos em muitos pequenos detalhes do desenho e da nomenclatura, temos com as duas series de copias de Lisboa e Madrid, quatro edições distinctas do mappa identico. Isto, na hypothese de que os tres exemplares de cada serie de copias fossem perfeitamente identicos, conforme o attestado. A vista da falta de cuidado já apontada no preparo das copias, é pouco provavel que se désse esta identidade completa, e, nesta hypothese, os oito exemplares authenticados do Mappa das Côrtes constituiriam oito mappas, apresentando entre si differenças que, sem importancia naquella época, podiam subsequentemente dar origem a questões internacionaes intrincadas e até perigosas para a paz publica.

Tudo faz crer que o Mappa das Côrtes não era sinão um simples esboço, organizado com um fim especial, no qual se omittiam, talvez propositalmente, detalhes que não interessavam a esse fim. Não ha duvida que representava a parte oriental do continente da America do Sul muito melhor do que qualquer outro mappa de origem portugueza ou hespanhola até então conhecido pelo publico em geral. E' porém igualmente certo que os archivos de Lisboa e de Madrid possuiam a esse tempo dados geographicos a respeito das suas possessões americanas muito mais completos do que os que figuram no dito mappa. No anno anterior ao da sua confecção tinha apparecido em Pariz o mappa da America do Sul do geographo francez D'Anville que, em detalhes geographicos, é incomparavelmente superior a este, e isto em regiões nas quaes as suas informações não podiam ser sinão de origem portugueza e, provavelmente mais ou menos officiaes. Para ver esta superioridade basta comparar as regiões do alto Paraná, Araguaya-Tocantins e São Francisco nos dois mappas. Conforme o Barão do Rio Branco, o inspirador do Tratado de 1750, por parte de Portugal, foi Alexandre de Gusmão, que provavelmente dirigiu a confecção do Mappa das Côrtes e era talvez a pessoa em Lisboa, si não na Europa inteira, mais bem informada a respeito da geographia da sua terra natal, o Brazil. Tendo estado elle, pouco tempo antes, na legação portugueza de Pariz é provavel que fossem a elle devidos as informações e documentos de origem portugueza que D'Anville tão bem aproveitou na confecção do seu mappa. Em todo caso não é crivel que Alexandre de Gusmão ignorasse a

existencia destes detalhes, com os quaes aliás podia ter enfeitado o Mappa das Côrtes. Antes é para crer que houve o empenho eminentemente pratico, de reduzir esse mappa á expressão mais simples, excluindo detalhes que, sem esclarecer o assumpto principal, podiam, porventura, distrair a attenção dos negociadores a quem, talvez, o autor do mappa attribuiu pouca familiaridade na consulta de documentos geographicos, como, de facto, o provaram no seu attestado de identidade.

ORVILLE A. DERBY

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.— Fórma da terra. O systema metrico. Effeitos physiologicos dos raios X. Um legado scientifico. O incendio do bazar da Caridade. Erratum. Aspecto do céu em Julho. O 3º satellite de Jupiter.

Ja tivemos occasião de nos referir nesta *Revista*, a um dos mais importantes resultados que o celebre explorador Nansen colheu durante a sua expedição ao pólo norte, a saber: as grandes profundidades accusadas pelas sondagens e que foram achadas de 3.000 a 4.000 metros, provando assim a ausencia de algum continente na região polar.

Este facto suscitou uma interessante communicação do geologo Lapparent publicada na bem conhecida revista franceza *La Nature*, em que o seu autor procura provar que a depressão encontrada na crosta terrestre pelo Dr. Nansen é mais uma confirmação da theoria sustentada por alguns geologos sobre a fórma tetraedrica que o globo terrestre tende a tomar em virtude dos effeitos da contracção, como consequencia do seu resfriamento.

O artigo do Sr. de Lapparent era porém acompanhado de um *schema*, em que, exagerando-se consideravelmente as alturas, a terra tinha a fórma de um *pão*! Dahi originou-se uma resposta do professor Stanislau Meunier, em que protesta não só contra o exagero das conclusões tiradas pelo Sr. de Lapparent, como aliás contra a theoria tetraedrica.

Sem querermos emittir opinião a respeito dessa interessante questão, pois, para tanto falta-nos competencia, quizeramos apenas para ella chamar a attenção dos leitores da *Revista Brazileira*, deixando sómente patenteada a impressão que, na opinião publica deixou o artigo do Sr. de Lapparent e da qual da testemunho um telegramma publicado em um dos jornaes desta capital, dizendo que o illustre geologo provára que a fórma da terra era mais ou menos a de um *pão*!

Escusado é dizer que esta conclusão falsa foi originada simplesmente pelo *schema* com proporções exageradas que acompanhou o artigo do Sr. de Lapparent.

***

Acaba a camara dos communs, na Inglaterra, de votar uma moção mandando adoptar o *systema metrico* em todo o territorio britannico. Assim, pois, os Inglezes, resolveram-se a abandonar os *pés*, as *pollegadas* e as *linhas*, e como consequencia, desapparecerá tambem a divisão dos graus Fahrenheit para as temperaturas. Quem, como nós, tivera que comparar medidas metricas com outras, sabe o labor insano que d'ahi resulta e o tempo que estas transformações absorvem.

E' provavel que, em troca desta adopção do systema metrico por parte dos Inglezes, estejam os Francezes dispostos a entrarem em accordo em relação a adopção do meridiano de Greenwich.

De facto, a adopção de um meridiano universal está se tornando uma necessidade, e simultaneamente a de uma hora internacional, ao menos para certos interesses da vida publica. Quando se realizou em 1884, a conferencia internacional, que teve lugar em Washington, e na qual tivemos a honra de representar o Brazil, ficamos ao lado da França para votar contra a adopção do meridiano de Greenwich. A razão principal em que assentamos esse nosso procedimento foi por considerar inefficaz em seus effeitos similhante medida, emquanto não fosse ella adoptada pelo conjunto das grandes potencias maritimas, e, era este o caso, logo que uma só dellas, como a França, se abstivesse, pois que, pela sua essencia mesma, a adopção da medida devia ser universal. Devido, pois ao voto dos delegados da França, do Brazil e de S. Domingos, gorou o fim principal da conferencia de Washington.

Agora, porém, que a Inglaterra resolveu-se a adoptar o systema metrico, é de presumir que a França não se recuse mais em aceitar a adopção do meridiano de Greenwich em favor do qual já existe uma grande maioria.

***

Já que se estudam, em toda a parte, os effeitos physiologicos dos raios X, parece-nos merecer especial menção uma interessante experiencia realizada pelo Dr. Sorel e cujos resultados foram apresentados pelo professor Lannelongue á Academia das Sciencias de Paris na sessão de 12 de abril ultimo. Resumiremos os factos experimentaes e seus principaes resultados.

No dia 29 de setembro de 1896, uma moça de 16 annos de idade, foi submettida a acção de um tubo Collardeau, por meio de uma bobina que dava faiscas de 0m,10. Collocou-se o tubo na região epigastrica, distante apenas de 0m,01 da epiderma, e do qual era separado por uma delgada placa de celluloide. A exposição durou 3|4 de hora, com intermittencias, em 20 minutos de exposição real. Seis dias depois (outubro 5) appareceu na região submettida á acção do tubo, uma mancha vermelha de 0m,02 de diametro, com uma outra central de 0m,02, de coloração esbranquiçada, e ligeiramente dolorosa.

A 12 de outubro dôres agudas fizeram-se sentir: applicou-se uma pomada de menthol, produzindo-se uma suppuração que durou um mez.

Durante este periodo appareceu uma chaga *na perna*, pouco acima do tornozelo, mas excessivamente dolorosa, que se cicatrizou no fim de um mez.

A chaga epigastrica, depois de cessar a suppuração, em consequencia da applicação de uma compressa com acido borico, formou uma escara que tornou-se muito dolorosa.

Do fins de novembro em diante as dôres tornaram-se insupportaveis, mas que foram ligeiramente attenuadas por meio de cataplasmas com vaselina e cocaina.

Convêm accrescentar que a moça de que se trata é de temperamento essencialmente nervoso, e que a producção da chaga na perna parece indicar uma predisposição particular, e uma receptividade excepcional para a acção das novas radiações.

***

O Sr. Nobel, o celebre inventor da dynamite, que acaba de morrer, deixou uma fortuna colossal, e, por testamento, instituiu diversos premios annuaes, em numero de cinco e do valor cada um de cerca de 300 mil francos, representando os juros de 50 milhões de francos, que deixou como legado para esse fim.

Como declara expressamente o testador não se deve na distribuição dos premios, attender a nenhuma consideração de nacionalidade, damos em seguida a relação dos diversos premios:

1.º, destinado a mais importante descoberta ou invenção na physica;

2.º, para a mais importante descoberta ou melhoria em chimica;

3.º, outro tanto em physiologia ou medicina;

4.º, para producção da obra literaria do mais elevado alcance no *sentido ideal*;

5.º, para aquelle que tiver agido o mais efficazmente a favor da fraternidade dos povos, para a suppressão ou diminuição dos exercitos permanentes e para a constituição ou a propagação dos congressos da paz

Os dous primeiros premios (physica e chimica) serão concedidos pela Academia das Sciencias da Suecia; o terceiro (physiologia e medicina) pelo instituto Carolin de Stockholm; o premio literario pela Academia Sueca, e o 5º (propagação da paz) por uma commissão de cinco socios, eleitos pelo Storthing (camara) norueguense.

Como se vê, a importancia que sóbe a 1 milhão e 500 mil francos, dividida em cinco premios constitue a mais elevada recompensa, á qual é possivel pretender e deve servir de estimulo para todos aquelles que occupam sua intelligencia em beneficio das grandes questões humanitarias.

***

Os leitores da *Revista* ainda devem estar debaixo da dolorosa impressão que, em toda a parte, causou a horrorosa catastrophe occorrida a 3 de maio no Bazar da Caridade em Pariz. Um facto, porém, talvez pouco sabido, é que se encontraram moedas de ouro e de prata soldadas umas ás outras, pelos effeitos da fusão resultante da elevadissima temperatura que houve em alguns pontos do local. De facto, basta lembrar que as temperaturas de fusão da prata e do ouro são respectivamente de 950 e 1050 graus centigrados, para ter idéa do excessivo calor que num tempo relativamente curto, se manifestou e que explica os effeitos estupendos que foram causados pelo incendio.

***

Os Srs. typographos são, ás vezes, bem crueis para com os autores, que, não raro, e apezar do maior cuidado na revisão das provas, ficam admirados ao vêr os *pasteis* que escaparam em seus escriptos! Assim é que, na nossa ultima *Revista*, fallando das sondagens feitas pelo explorador Nansen, encontra-se a seguinte frase: «... o fundo do mar, em lugar de accusar um relevo pequenino como seria o caso...» quando, no original, tinhamos escripto a palavra «progressivo» e não «pequenino» o que é cousa mui diversa, e altera completamente o sentido da frase.

Numa *Revista* anterior escreveramos: — «parallelos terrestres»; quer o leitor saber o que fez o typographo? Pôz — *pezadellos terrestres*! Felizmente, não deixamos na revisão passar esse pastel, que bem poderia ter sido causa de pezadello em algum dos nossos leitores.

***

No dia 15 de julho, cerca das 8 1|2 horas da noite, serão estas as constellações visiveis sobre o horizonte do Rio de Janeiro, e com alguma alteração no aspecto e na hora para o resto do Brazil:

Quadrante S. E. Indio. Pavão. Tucano. Scorpião (no meridiano).

Quadrante N. E. Hercules. Aguia. Dragão. (no horizonte norte).

Quadrante. N. W. Boieiro. Virgem. (A oeste).

Quadrante. S. W. Centauro. Cruzeiro. Argus.

As estrellas de 1ª grandeza visiveis são:

Arcturus do Boieiro. *Altair* da Aguia. *Spica* da Virgem.

Antarés do Scorpião. *Fomalhaut* do Peixe Austral. Alpha, bêta do Centauro e alpha do Cruzeiro.

Durante esse mez.

O planeta *Mercurio* ficará na visinhança do sol, em más condições de visibilidade.

Venus, estrella matutina estará a 7 na sua maior elongação.

Marte, difficilmente visivel logo ao anoitecer do lado do poente.

Jupiter fica um pouco a leste da estrella *Regulo* e desapparecendo no horizonte N. W.

Saturno, a poucos gráus ao N. do Scorpião.

*
* *

Telegramma recebido a 29 de maio, communica-nos que foi verificada pela observação ser o tempo da rotação do 2º satellite de Jupiter de 7 dias e cinco horas, que é igual a seu tempo de revolução em torno do planeta.

E' pois um caso analogo ao do satellite da terra: a Lua.

E' a primeira vez que dos diversos satellites que acompanham os planetas, se consegue determinar o seu tempo de rotação, observação difficillima, e para a qual se tornam indispensaveis os mais poderosos telescopios.

Convém tambem lembrar que o 3º satellite é não só o de maior massa de todo o cortejo que segue os planetas, como é tambem aquelle que se apresenta com o maior diametro angular apparente, que, mesmo assim, não chega a *dous* segundos angulares!

L. Cruls.

BIBLIOGRAPHIA

106.—**Idyllios Chinezes** por Luiz Guimarães, filho, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897, in-8º, 82 pp.

O poeta destes versos tem um nome querido das letras brazileiras, o do cinzelador dos *Sonetos e Rimas*. O seu livro, o terceiro que publica, tem, na sua fórma exterior, os requintes de elegancia, boniteza artistica e procuradas novidades, do gosto e uso das novas escolas poeticas. O cartão de visita, de que o A. gentilmente o acompanhou traz, sob o nome do poeta, a indicação « de l'Académie de la Rose Croix, de Paris ». A feição material do livro, impresso em papel pardo das manufacturas imperiaes do Japão, com uma linda e vistosa capa de desenhos japonezes, e o titulo de membro da Academia de Rosa Cruz, faziam acreditar que o joven poeta pertencia á escola, que sob denominações diversas, pretende dizer-nos as suas sensações e impressões da Vida de uma fórma nova, preciosa e rara.

A leitura, porém, destes delicados poemas, de versos trabalhados com o amor e a minucia de um chinez rendilhando em marfim, mostra logo que, si ha nelles a influencia superficial do symbolismo, são ainda vasados nos melhores moldes do parnasianismo. Sonetos e outros poemas deste formoso livro, são quasi todos, sinão todos, descriptivos e, descriptiva é a nota predominante delle. Notando com toda a razão, que a preoccupação doentia da fórma acanhou grandemente o campo da poesia, Edmundo Scherer dizia que ella não era mais lyrica, ignorando o que fosse ternura e enthusiasmo, não podia tambem ser philosophica por não ter idéas sobre coisa alguma e nem ao menos sabia contar, não se achando bem sinão na descripção. Realmente o parnasianismo, na sua segunda phase ao menos e si exceptuarmos apenas Leconte de Lisle e Sully Prudhomme, é sobretudo, sinão inteiramente, descriptivo. E' essa ainda a feição caracteristica dos *Idyllios Chinezes*, quadrinhos, miniaturas sobre marfim, um pouco monotonos de côres e de

linhas, bem feitos, sem duvida, mas sem as superioridades que revelam os mestres.

Ha nelles tambem a preoccupação da rima rara, tão da corrente esthetica, que, sacrificando a propria essencia da poesia, elevou aliás, a fórma poetica a uma perfeição antes della nunca jamais alcançada.

Não farei ao poeta dos *Idyllios Chinezes* chicanas de erudito sobre a verdade do seu mundo chinez, cuja realidade, pelo que sabemos das relações ali entre os dois sexos, me parece muito problematica. Sei que os poetas têm na especie uma liberdade que frisa a licença. A crer Bainville, é mesmo essa talvez a unica liberdade que lhes resta. Permittir-me-ei, porém, observar que reduzida a pintar taes quadros de uma vida exotica, feitos de imaginação e não de verdade, a poesia arrisca imitar esses artistas chinezes cujas obras de fantasia, podem encantar pelo exotismo da concepção e o exquisito da factura, mas não terão jamais, fóra do seu meio ao menos, o successo duradouro das dos mestres occidentaes. Lêm-se, entretanto, estes poemas do Sr. L. G. J. com o rapido e fugaz prazer com que se olha um canto alegre de paizagem, banhado por um raio de sol; não nos fica delles outra impressão. Essa, porém, guarda a doçura de uma linda coisa vista, não fôra que de relance. — J. V.

107. — **Limites da Republica com a Guyana Ingleza** — Memoria justificativa dos direitos do Brazil por Silvio Senior, Belem, 1897, 68 pp. com um mappa

Ha no A. deste folheto mais boa vontade e boas intenções, que conhecimento especial e aprofundado do assumpto. Nestas questões de limites, os nacionaes de qualquer dos paizes nellas empenhados dividem-se em duas categorias, a dos que — sem conhecer a questão, são levados por patriotismo a julgar a razão do seu lado e os que a conhecem e julgariam faltar áquelle sentimento descrendo, de boa fé ou não, da justiça da causa de sua patria. E isto succede, póde-se affirmar, em todos os paizes, e succederá emquanto o patriotismo não fôr disciplinado pela moral ou não evoluir num sentido mais largo de humanidade. Para os primeiros são quasi desnecessarias publicações como esta, para os segundos é incontestavel a sua utilidade. S. S. fez, pois, um bom serviço publicando estas notas, que mais não são, embora deficientes e talvez um pouco obscuramente coordenadas, além de mal escriptas, mas que em todo o caso renovam a demonstração do direito brazileiro a regiões sem fundamento reclamadas pela Inglaterra. Elle se poderia, aliás, ter poupado a dous ou tres argumentos inteiramente sem valor e completamente desnecessarios para assentar o nosso direito. As fontes em que se estriba o Sr. S. S. são tambem de muito desigual valor, e algumas de nenhum valor, e não é prudente enfraquecer uma argumentação, em que a erudição historico-geographica é o principal elemento, apoiando-se em fontes cujo merecimento é discutivel.

No nosso paiz mesmo possuimos modelos de trabalhos desta ordem como o admiravel *Oyapoc et Amazone*, de J. Caetano da Silva e a não menos notavel *Exposição* do Barão do Rio Branco sobre a questão das Missões, e ainda os estudos do Sr. engenheiro Tapajoz, sobre os limites do Amazonas e Mato-Grosso e o do Sr. Conselheiro Tito Franco, sobre a questão do Oyapoc, publicado na *Revista Amazonica*. Por virtude mesmo das muitas questões de limites que temos, a nossa literatura é rica de taes trabalhos, havendo-os, e estimaveis, dos Srs. Barão do Ladario, Conselheiro Nascentes de Azambuja, H. Lisboa e outros. Sobre a questão de Venezuela com a Inglaterra, que tanto, como bem nota o Sr. S. S., interessa o Brazil, publicou o Sr. Paulo Groussac, o eminente director da excellente revista argentina *La Biblioteca*, nos numeros de agosto e setembro de 1896 um estudo que me parece notabilissimo e muito aproveitavel para o nosso caso, pois baseia a sua argumentação, e nisto o Sr. S. S. encontrou-se naturalmente com elle, em que não tendo os Hollandezes dominado o interior da Guyana na parte contestada pela Venezuela, não podiam cedel-a aos Inglezes que os succederam nessa região.

No seu capitulo « Synopse chronologica das explorações e missões da Guyana », esqueceu-se nomeadamente o A. desta memoria de citar o interessante « Diario da Viagem que fez á colonia hollandeza de Suriman o porta-bandeira ... Francisco José Rodrigues Barata... em diligencia do real serviço » em 1708, e vem publicada no tomo VIII da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*. E' tambem de notar que o A. não conheça a « Memoria » de Baena, o estimado corographo paraense, sobre « o intento que têm os inglezes de usurpar as terras ao Oeste do rio Repunuri, etc. » tambem publicada naquella *Revista*, tomo III.

Acompanha este trabalho um mappa da região litigiosa, que não é certamente um bom specimen cartographico, mas satisfaz ao fim desejado. — J. V.

108. — **A desinfecção publica no Rio de Janeiro** pelo Dr. Graça Couto. Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger. — 1897.

A obra dada á publicidade pelo digno director do serviço de desinfecção publica desta capital é a melhor prova de sua competencia neste complexo assumpto de hygiene publica. Historia as phases pelas quaes tem passado a hygiene no particular relativo á desinfecção publica, estuda com muito methodo e perfeito conhecimento do assumpto os agentes physicos e desenvolve com muito criterio a technica posta em pratica para a desinfecção em domicilio, nas estações de desinfecção e para o transporte e isolamento dos enfermos.

A leitura agradavel deste livro torna-o ainda mais apreciavel, pois facilita a diffusão de conhecimentos tão enfadonhos, como estes, sem de

modo algum cançar o espirito do leitor. Demais, a maneira magistral de tratal-os o colloca na categoria de um livro de consulta ou mesmo didactico, que todo medico pratico ou estudante de hygiene póde ler com fruto. — M. N.

MARINHAS por Antonio de Castro, Ceará, Bibliotheca da Padaria Espiritual, 1897.

Já uma vez notámos o máu habito dos nossos jovens poetas de, em tendo alguns versos feitos, reunil-os em um volumesinho com pretenções a elegancia e publical-os. Dissemos que isso prejudica o livro e o autor. Queiram ou não, um livro vale tambem pelo volume e ha em todo o leitor um instinctivo desapreço pela literatura em folhetos. Nas 74 pequenas paginas deste ha, entretanto, mais de um poemasinho que se lê com prazer, sentindo-se que ha no A. um poeta, que, a falta de melhores qualidades, tem o verso facil.

BRONZES por Julio Pernetta, Coritiba, 1897.

E' outro folheto de 100 paginas, de contos e fantasias, cujo editor, ingenuamente, em nota final, reserva-se « na fórma da lei, seus direitos de propriedade ». O titulo é um tantinho pretencioso, pois, se presta a ser tomado a má parte. O A. é evidentemente um « novo » que está, como dizem os francezes, a *jeter la gourme*, e espera « espantar o burguez » com as suas « Oração a Satan », e outras paginas que suppõe ousadas. No Brazil, a pretenção de espantar o burguez revela uma singular ingenuidade, attendido que o « burguez » não lê nem se lhe dá dos versos ou prosas dos poetas satanicos e mesmo não satanicos. Não sabemos si apezar do titulo, estes bronzes não serão substituidos por coisas mais solidas, que o amontoado de palavras que frequentemente não significam coisa nenhuma. Qualificar, por exemplo, o coração de « mumia do inferno », é facilimo, mas não diz nada.

* CANTOS POPULARES DO BRAZIL colligidos por Sylvio Roméro, segunda edição melhorada, Alves & C., editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1897, in-16, XX--377—V. pp.

* VOYAGE AU TAPAJOZ por Henri Coudreau, ouvrage illustré de 37 vignettes et d'une carte du fleuve « Le Tapajoz », Pariz, Lahure, 1897, in-8° gr. 213 pp.

DA COLHEITA E DO PREPARO DAS PLANTAS PARA HERBARIOS especialmente dos phanerogamos, por Alberto Löfgren, S. Paulo, 1897, in-8°, 25 pp.

CONVERSAS MEDICAS pelo Dr. Alvaro Paulino Soares de Souza, Bibliotheca do *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, 1897, in-32, (?) 271 pp.

ALMANAK AGRICOLA FLUMINENSE publicado pelo Centro Agricola da Vargem Alegre, Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1897, 101 pp.

DISCURSO pronunciado perante a Academia Nacional de Medicina, em 26 de novembro de 1896, por Torquato Tapajoz, Rio de Janeiro, in-8°, 44 pp.

DOS RAIOS X NO PONTO DE VISTA MEDICO pelo Dr. Adolpho Carlos Lindenberg, Rio de Janeiro, 1896, II — 110 pp.

* MEMORIAS POSTHUMAS DE BRAZ CUBAS por Machado de Assis, 3.ª edição, Rio de Janeiro, H. Garnier, s. d. (1897) in-16, 387 pp.

* O BRAZIL, illustrado com gravuras, por Mauricio Lamberg, vertido do allemão por Luiz de Castro, Rio de Janeiro, 1896, in-8°, XVIII — 381 pp.

* RESENA HISTORICO-DESCRIPTIVA DE ANTIGUAS Y MODERNAS SUPERSTICIONES DEL RIO DE LA PLATA, por D. Daniel Granada, Montevidéo, A. Barreiro y Ramos, 1896. in-8° gr. XXI — 668 pp.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO E INDICADOR PARA 1897, 54° anno, Companhia Typographica do Brazil.

Esta publicação, de tão grande utilidade pratica, entrou no seu 54° anno de existencia. Este volume saiu grandemente melhorado no fundo e na fórma.

ORGANIZAÇÃO NAVAL. — Artigos publicados na *Revista Brazileira* e no *Jornal da Commercio*, em 1896, pelo Vice-Almirante reformado Arthur Jaceguay, Rio de Janeiro, 1896, in-16, 369 pags.

NECROLOGIA DO MARQUEZ DE TAMANDARÉ. — Supplemento á « Revista Maritima Brazileira », Rio de Janeiro, 1897, in-8°, 97 pags.

CHRONICA DO PAIZ DE ATLANTIDE, pelo Dr. Jaguaribe, n. 1, S. Paulo, J. B. Eudrizi & C.

NOVA-YORK (Notas de um viajante), por J. Lucio de Azevedo, Pará, 1897, in-16, 75 pags.

São verdadeiras notas ligeiras e rapidas, mas de um observador penetrante e de um escriptor primoroso. O livrinho é um admiravel specimen de bello e elegante trabalho typographico.

A CATASTROPHE, por José Braga, Ouro-Preto, 1897, in-8° pequeno VI, 166 pags.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

ERRATA NECESSARIA

Do nosso collaborador Sr. Dr. Eduardo Ramos recebemos a seguinte carta:

Confrade e amigo.

Em uma das estrophes da minha poesia, que V. deu-me a honra de publicar no ultimo numero da *Revista Brazileira*, foi preterida uma palavra, essencial á oração e á metrificação dos versos.

A estrophe a que alludo saíu assim:

« Depois, me contarás teu fado,
Que eu, mendigo, tua irman:
— Tu, no teu manto desbotado,
Eu, nos meus véus de castellan. »

A ausencia do verbo, que a presença do pronome pessoal, *eu*, estava a exigir, poderia, bem o sei, ser supprida pelo leitor, por menos atilado que fosse. Mas, como muitas vezes a malignidade não se desdoura em disfarçar-se na inintelligencia, peço-lhe que tenha a bondade de reeditar a estrophe, como a escrevi, do modo seguinte:

« Depois, me contarás teu fado,
Que eu sou, mendigo, tua irman:
— Tu, no teu manto desbotado,
Eu, nos meus véus de castellan. »

Assigno-me, antecipadamente agradecido, de V. etc.

EDUARDO RAMOS

INDICE DO TOMO X

Abril a Junho de 1897

Pags.

MARTINS PENNA, por Sylvio Roméro . . . . . 5, 108, 159, 232 e 325

A PATRIA DAS PLANTAS CULTIVADAS, pelo Dr. Domingos Freire.. 19 e 216

UM ROMANCE SYMBOLISTA *Giovannina* pelo Sr. Affonso Celso, por José Verissimo . . . . . 35 e 80

A SOCIEDADE NOS ESTADOS UNIDOS, por Oliveira Lima 42

OS NOSSOS ACADEMICOS, por Antonio Salles. . . . . 47, 140 e 278

NEVOAS DO PASSADO, conto, por D. Flavia do Amaral. 65

OS SEMEADORES DA PESTE, pelo Dr. Carlos Seidl. 70

A' GRECIA, poesia, por Magalhães de Azeredo. 90

AS FLORES E SEUS HOSPEDES, por Ch. Euler. 93

DIAS DA ROCHA — SAUDADES E EVOCAÇÕES, pelo Dr. Rodrigo Octavio. . 129

OS RAIOS X EM MEDICINA, pelo Dr. Marcio Neiy. 151

MARINHA, por Mario de Alencar 167

ARTISTAS DOUTRO TEMPO, Gottschalk 169 — Carlota Patti — Ritter e Sarasate, por Eseragnolle Doria 290

ARIAS E CANÇÕES, poesia, por Alphonsus de Guimaraens. 184

O CATHOLICISMO NOS ESTADOS UNIDOS, por Oliveira Lima 193

LITERATURA APRESSADA a proposito da *Flor de Sangue* do Sr. Valentim Magalhães, por José Verissimo. 202

BALLADA, poesia, Eduardo Ramos 257

UM ROMANCE GOENSE — Jacob e Dulce por Gip — pelo Visconde de Taunay 264

A PRIMEIRA FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, por Jayme Reis 296

O MANTO, conto, por Alphonsus de Guimaraens 321

Pags.

TITULOS AO PORTADOR, relance historico, por Inglez de Souza. . . 339

EM COPACABANA, poesia, por Antonio Sallos 349

O ESTADO-MAIOR DO EXERCITO, pelo Capitão Tasso Fragoso. . . . 352

UMA QUESTÃO CARTOGRAPHICA, o « Mappa das Côrtes » e suas cópias, por Orville A. Derby 362

REVISTA SCIENTIFICA, por L. Cruls . . . . . 122, 252 e 372

BIBLIOGRAPHIA: Alberto Löfgren, *Boletim n. 4 da Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas Geraes*, 62; José Verissimo, *Minha Irmã Henriqueta*, por E. Renan, traducção por Virgilio de Lemos, 61; *Iconographia*, estudos por R. Villa-Lobos, 63; *Literatura Brazileira*, *Movimento de 1893*, *O Crepusculo dos Povos*, T. A. de Araripe Junior, 190; *Idyllios Chinezes*, por Luiz Guimarães filho, 377; *Limites da Republica com a Guyana Ingleza*, por Silvio Senior, 378; — Silva Ramos, *Grammatica Portugueza*, por Hemeterio dos Santos, 127; — Souza Bandeira, *Do Dominio da União e dos Estados*, pelo Dr. Rodrigo Octavio, 189; — Alfredo Alexander, *Girls who answer personals*, by Dr. Arthur Mac Donald, 316; — Marcio Nery, *Desinfecção publica no Rio de Janeiro*, pelo Dr. Graça Couto, 379. — *Livros e folhetos*. . . . . 64 e 380

NOTAS E OBSERVAÇÕES. *Errata necessaria*, por Eduardo Ramos . . 382

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below.

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 717

327041